



PEDAGOGIUM

ORGÃO OFICIAL DA "ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

(3ª. FASE)

DIRETOR: Luiz Soares de Araújo

REDATOR-SECRETARIO: F. Rodrigues Alves

COLABORADORES:

Raimundo Nonato,	Acrísio Freire,
Mário Cavalcanti,	Antônio E. da Silva,
Roque José da Silva,	Raimundo Soares

SUMÁRIO

- I — Palavras aos Professores — Prof. Severino Bezerra
- II — Um roteiro certo — Redação
- III — Missão e não profissão — Antônio E. da Silva
- IV — Círculos de pais e mestres — A. Freire
- V — Aspectos da disciplina escolar — F. Rodrigues Alves
- VI — Educação moral — Osvágrio Rodrigues
- VII — Velhos professores de Mossoró — R. Nonato
- VIII — Retalhos filológicos — Aristarco
- IX — Municípios da zona Oeste — J. Jacinto
- X — Velhos e novos rumos do Ensino Industrial —
Rivaldo Pinheiro
- XI — Escolas Rurais — Raimundo Soares
- XII — Fale, Professor — Waldemar de Almeida
- XIII — A disciplina na Escola antiga — Luiz Paulo
- XIV — Educação física — Roque José da Silva

PARTE OFICIAL

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

DIRETOR:

PROFESSOR SEVERINO BEZERRA DE MELO

INSPETORES DE ENSINO:

Professores Francisco Rodrigues Alves (1.^a região)

Antonio Estevão da Silva (2.^a região),

Gilberto da Cunha Pinheiro (3.^a região),

Manoel Jacome de Lima (4.^a região),

João de Deus Bessa (5.^a região).

Secretário: *Professor Cludenor A. de Freitas*

Escrivães: *Professoras Maria da Conceição Câmara e
Ligia Bezerra de Melo.*

Arquivista: *Adel Geraldo de Sousa*

Almoxarife: *Maximiano Guerra*

Datilógrafa: *Marta Barreto Pinheiro*

Motorista: *Sátiro Fernandes Arruda*

Serventes: *João Teixeira de Sousa e Fernando Teixeira.*

PEDAGOGIUM

ÓRGÃO OFICIAL DA « ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES »

DIRETOR

Luiz C. Soares de Araújo

REDATOR SECRETÁRIO

F. Rodrigues Alves

Palavras aos Professores

**Prof. Severino Bezerra de Melo, Diretor
Geral do Departamento de Educação.**

Através de « Pedagogium », dirijo uma afetuosa saudação a todos os professores primários do Rio Grande do Norte, principalmente aos que exercem suas atividades, no interior do Estado, do mais culto ao mais humilde, dos que já encaneceram no labor de muitos anos aos que vão chegando, agora, para as primeiras etapas da luta, mandando-lhes estas palavras de encorajamento e de fé, para que não esqueçam, jamais, a grandeza de sua missão, lembrando-se, todos os dias, de que a ela se entregaram com o compromisso solene de serem dignos de si mesmos e da terra em que nasceram.

Que « Pedagogium » unindo, em pensamento, o magistério de nossa terra e conclamando-o ao cumprimento do dever, chegue a todos os recantos do Estado, ás grandes cidades e ás pequeninas fazendas, ás praias e aos sítios, onde exista uma escola, um professor e um punhado de alunos, trabalhando pela grandeza da PÁTRIA!

Um roteiro certo

PEDAGOGIUM reenceta, hoje, a sua marcha, pelo mesmo caminho aberto, há 27 anos passados

Volta, assim, a Associação de Professores, do Rio Grande do Norte, a trilhar a antiga senda das suas atividades literárias, prestigiando, com o seu nome, uma publicação que reflete o pensamento e as expressões culturais do magistério do Estado.

Com esta oportunidade do reaparecimento de PEDAGOGIUM, passam os professores a possuir um órgão de Publicidade, veículo de ideias sãs, ao serviço de uma classe, sob quem pesam as responsabilidades morais e cívicas de preparar as gerações moças, para os encargos futuros da Pátria.

Por outro lado, com a publicação desta revista, a Associação de Professores sente-se no dever de levar aos seus inúmeros associados da capital e do interior, a sua palavra de entusiasmo e de estímulo, pelos relevantes serviços que todos vêm prestando à causa do ensino, confiante de que êsses dignos e nobres propósitos continuarão sempre a encorajá-los, na bela e difícil missão de educadores da mocidade brasileira.

PEDAGOGIUM

Tôda correspondência enviada para esta revista, deve ser endereçada ao prof. Francisco Rodrigues Alves — Departamento de Educação — Natal.

Missão e não profissão

ANTONIO E. DA SILVA

Foi Raul Gomes, figura da maior projeção nos círculos pedagógicos de Curitiba — a risonha capital do Paraná — quem publicou um livro sob o título, que encima estas linhas.

Se há precisamente mais de duas décadas, era a arte de ensinar assim conceituada por que, no momento histórico, que atravessa a humanidade, não encará-la, dada a complexidade da tarefa debaixo de novos aspectos, sobremodo quando a escola vive um dos seus momentos mais culminantes, quando mais do que nunca é chamada a desempenhar “in totum” o seu “munus” em consequência dos tempos ominosos, que se nos deparam?

A escola precisa vencer e nessa vitória jogaremos todo o potencial de nossa fé. Pelo seu triunfo não mediremos esforços. Sobre os primeiros louras é mistér não reclinar a cabeça, mas aceitar a pugna sem medir-lhe a extensão, sem desfalecer em meio da jornada...

Os tempos — vêem os pensadores — são de intenso dinamismo social. Dir-se-ia que a mentalidade humana sofre rápida maturação. A criança, fruto da época, vivendo no palco desse teatro, onde se vai operando a transição, que caracteriza o instante, que passa, não pode ser invulnerável. Tem que tomar parte fatalmente na comunhão social. Em consequência disso, haverá o “desajustado eventual”, a “vítima da inexperiência”...

Urge, assim, conclamar o magistério para que, não podendo espancar as trevas, aliás o professor, todos o dizem, é o sol do mundo, pelo menos se desfaça, pelo menos se desvele e se desdobre no sentido de que á luz desse sol amanheça para a criança um glorioso destino próprio do ser humano na sua peregrinação pela terra.

Postulado de solidariedade, a educação onde quer que seja exercida deve colimar este desiderato — liberdade!

Sem ela, pouco valeria a perpetuidade do homem, por isso que é a guardiã de sua unidade tanto social como espiritual.

No expressivo dizer de Sud Mennucci — há uma prolongada infância e adolescência humana. Esse determinismo importa em verdadeira "incorporação dos elementos jovens aos núcleos em que tiverem origem".

Aceitando a hipótese de ser profissão o serviço de formação da sociedade, uma vêz que a escola precisa chegar à solução filosófica do pensamento jurídico e esposada a tese de se achar em crise o Estado, outra cousa não vemos no fenómeno senão a relatividade das forças em virtude das quais o trabalho do mestre entra como o seu mais valioso e ponderável contingente. Isso posto, não há como exercer de maneira plena o compromisso assumido por todos que colam o grão. E a consciencia de cada um é o tribunal de um julgamento, que não falha!

A questão — ninguém discute — é de sobrevivência ao golpe recebido pela humanidade com a última guerra que ensanguentou o planeta.

Excusado é salientar que o ponto de vista qualitativo, em matéria de educação, tem poderosamente a prioridade. O profissional enfrenta sempre novos aspectos do problema. Daí a necessidade imprescindível da investigação. Esta face do serviço deve ser contínua. O intuito de correção, como um corolário, tende a melhorar a qualidade de labor, conferindo-lhe eficiência. O ensino, portanto, passa a ser científico, isto é, calcado em diuturna investigação, rodeado de circunstâncias, que bem situam as energias dispendidas e fornecem reservas, que necessariamente se acumulam.

Não é o professor um méro trabalhador intelectual. Não! Ele faz aplicação constante do saber. Tira dos quadros que a vida apresenta, os elementos que estruturam a sua obra.

A criança é confusa pela sua natureza toda especial, mais caprichosa pela atuação dos fatores psicológicos, que agem sobre si. O mestre, então, o descobre, elucidando a verdade, refutando o erro e retificando as sinuosidades traçadas pela vida.

Dêste modo, existe, ó educadores, um meio de nutrir a "arvore da ciencia" da qual a escola pode se constituir síntese admirável: a investigação que descobre o "porquê" das cousas, a sua razão de ser...

A investigação, em ultima análise, arma os docentes para prevenir ou neutralizar tendências viciadas, resultando não se precisar procurar depois, o remédio que nem sempre acerta a moléstia.

Define-se a investigação como conclusões novas e de âmbito geral, mas conclusões precisas, rigorosas, insofismáveis

com a necessária continuidade para o seu melhor resultado. As descobertas surgirão, não tenhamos dúvidas. Investigação e docência se completam.

Só, assim, profissionais do ensino, melhor atenderemos aos superiores interesses humanos na missão a que nos propomos.

Natal, Junho de 1948

Escolas Reunidas Prof. Alfredo Simonetti

Festa pró-acquisição do retrato do Patrono

No dia 3 de maio p. passado, as Escolas Reunidas «Prof. Alfredo Simonetti», da vila de Upanema, município de Augusto Severo, promoveram uma festinha em prol da aquisição de um retrato do seu Patrono, o ilustre e inolvidável Mestre Alfredo Simonetti, organização perfeita de Educador e exemplo completo do cumprimento do dever. A festa constou de bem trabalhado drama, com poesias e cânticos escolares. Foram conferidos dois prêmios aos dois alunos que melhor se distinguiram, tendo sido contemplados os meninos Gildonor Roque Pereira e Maria da Paz Freire.

Compareceram as principais famílias da Vila, pessoas gradas e autoridades. Merecem louvores, no caso, as professoras Adalzira Cabral Freire, digna e esforçada Dirigente das Escolas, Nerí Gonçalves e Maria Pereira.

Uma de Catão...

Como quisesse Catão, o Antigo, aprender grego, aos 80 anos, perguntaram-lhe a razão de haver escolhido aquela idade, para estudar a língua de Homero. « Escolhido como? perguntou o grande cidadão romano. Se, neste momento, eu não tenho outra idade... » Extraordinária lição, para aqueles que, depois de uma certa idade, consideram-se « velhos », para estudar!...

Círculos de pais e mestres

A. FREIRE

Quando bem compreendida, essa instituição peri-escolar é de elevado alcance no aparelhamento educativo, indispensável é a sua ajuda, ela se torna um elemento sólido à educação.

É preciso, entretanto, haver condições estabelecidas onde não se contrariem os princípios básicos estabelecidos por essas duas forças sociais — lar e escola, — congregando-os o melhor possível e unificando-os sob os mesmos pontos de vista.

Não poderá ser extranhável aos pais, penetrarem nos portos de uma escola por mais modesta que ela lhe pareça. Necessário, é conhece-la de perto, aproximando-se do ambiente onde seus filhos demoram grande parte do dia, no verdadeiro prolongamento do lar.

Conhecer a escola somente nos dias de festa ou por ocasião da matrícula, é comum entre a maioria dos pais ou responsáveis, êles se afastam de onde devem aproximar-se com regularidade e frequência, afim de entrarem em entendimentos constantes com os professores de seu filhos, aquilatando-se da vida normal da escola e apercebendo-se também das suas dificuldades, cooperando generosa e interessadamente com os mestres quando se apresentar oportunidade. Eis o dever do sócio do CÍRCULO.

Essa aproximação dos pais à escola não lhes faculta o direito de imiscuirem-se nos trabalhos escolares, orientando-os ou criticando-os. Esses exageros, naturalmente, afastariam as finalidades do Círculo. Este deve manter uma estreita e leal cooperação, num contacto íntimo e de real proveito.

Lamentável é a pouca compreensão da maior parte dos pais, que fogem ao apelo dos professores para uma visita à escola de seus filhos, muitos são os pretextos, às vezes os mais futeis.

Para anular essa má vontade, a escola possuirá um centro de interesse — Círculo de Pais e Mestres. — Ele atrairá por modos diversos os pais recalcitrantes e entusiasmará os que forem dotados de elevado senso e de visão esclarecida.

Não é preciso transformar a escola em uma casa de di-

versões contínuas, nem organizar sessões, onde conferências alongadas e palestras vazias desmoram os objetivos visados.

Entendem certos professores que a escola deve existir em eternos certamens literários acompanhados de recitativos, bailados e até dansas. Ora, isso apenas diverte, prejudicando os programas e horários, pois, é sabido que os ensaios para tais festividades ocupam muito tempo, afastando os alunos dos seus deveres escolares.

Os Círculos de Pais e Professores devem constituir-se em reuniões oportunas e frequentes, sem pompas e solenidades.

Sob a presidência do diretor ou responsável da escola o «Círculo» funcionará de modo *sui-generis*. Anunciada a reunião preparar-se-á uma exposição ligeira, porem completa, dos trabalhos escolares em determinado espaço de tempo, sem nisto destacarem-se os trabalhos de agulha, costura, etc., porém, trabalhos outros: desenho, caligrafia, composições, ditados, problemas, cálculos, trabalhos manuais (recortes, sólidos, construções, etc).

O diretor da escola, naturalmente acompanhado por seus colegas de trabalho, receberá as visitas, (Pais) e estes avidamente procuram logo inteirar-se dos trabalhos de seus filhos, comparando-os, admirando-os, criticando-os, pedindo explicações sobre o adiantamento ou atraso dos meninos.

O professor de cada classe ou turma aproveitará a ocasião e explicará, verbalmente, o trabalho dos seus alunos falando de todos, destacando os melhores, porém, animando os mais fracos.

Nessas reuniões, os professores entrarão em contacto direto com os pais, e estes ficarão certos do trabalho anônimo dos mestres e sentirão sob seus ombros parte da responsabilidade na educação de seus filhos.

Além dessa espécie de centro de interesse, poderá o «Círculo» apresentár uma sessão cinematográfica educativa ou uma dramatização. Outro mostruário do preparo e adiantamento dos alunos.

Não confundir teatrinho, representações em palco, dramalhões, cançonetas, muito em voga nas festas escolares de outrora, com a dramatização sem papeis decorados, reproduzindo cenas de um trecho lido e comentado, com a criação de personagens pelos próprios alunos. Nada de artificios. Linguagem clara e usual da classe.

Assim, o Círculo de Pais e Mestres familiarisa, ou melhor, unifica o lar e a escola, professores e pais, nas lides educacionais da juventude.

EDUCAÇÃO E ENSINO

ASPECTOS DA DISCIPLINA ESCOLAR

A disciplina escolar tem sido objeto de estudo de muitos educadores. Uns encaram-na sob um determinado prisma; outros divergem; outros ainda, entendam-na de modo diferente. Daí, pois, o concluir-se quase não haver uma solução única e definitiva sobre o seu conceito e conseqüente aplicação. Haja vista as teorias de Gantile, de Rousseau, de Spencer e de tantos outros luminares da ciência da educação. Sabemos, entretanto, que mesmo variando de conceito e de aplicação, ela tem um fim primordial, um objetivo unico: ensinar ao educando a compreensão do respeito á lei moral, do amor ao direito e á justiça, o cumprimento de seus deveres e obrigações, as noções de autoridade, enfim, os salutareos principios que regem os seus destinos, em face da vida e das necessidades da escola, onde forma o seu carater e aperfeiçoa a sua inteligencia. A disciplina é um imperativo da educação. É a expressão nitida do equilibrio da conduta do educando e do sentido humanamente sadio das largas finalidades a que se destina tôda a obra beneficiadora da escola preparando-o para a sociedade através da autoridade do mestre. Para ser bem positivada e melhor entendida ela requer muito do senso que presido aos ditames naturais das coisas humanas. Exige reflexão e atividade bem oriëntada. Compreende deveres especiais e interpretação ao alcance de sua objetivação, de seus fins, de suas normas. E é claro que entre ela e a vida escolar deva existir um traço intimo e espontaneo de realizações e de ideais. Uma compreensão mútua. Um desejo uniforme de tudo fazer pela causa do bem. Mas, para tanto, é importante que aluno e professor se harmonizem, se identifiquem, se compreendam, dentro dos preceitos do amor e do respeito que constituem, em regra, fontes de apreciavel valor, desde-que emanados dos principios norteadores da boa marcha dos trabalhos, em classe, para maior eficiência do ensino e maior felicidade da escola. Sem isso, porém, a escola assume, inevitavelmente, as frias proporções de uma instituição quase falida, com ligeiras características de pandemônio sendo o aulista um elemento

indesejável e o professor um legítimo bode *expiatório*... Mais-ou-menos, desta sorte, compreendida Dupanloup, quando declarava: "não há disciplina educativa sem respeito pela liberdade, assim como não existe liberdade educativa, sem respeito pela autoridade". E pode haver disciplina com liberdade? Pode sim, uma-vez-que essa liberdade não seja absoluta mas "limitada pelas exigências sociais da comunidade escolar e pelos imperativos da formação moral do educando". Daí, é claro, a importância "da harmonia da autoridade do professor com a liberdade do aluno". E tudo depende da orientação pedagógica que faz do professor enérgico, prudente e capaz, um perfeito orientador, um guia seguro, um timoneiro digno dos destinos daqueles que estão sob seus cuidados, inegavelmente, o segredo da disciplina escolar reside no segredo do método impecável e bom. Haja método bem dosado, bem aplicado, e a disciplina para logo se faz sentir, às mil maravilhas. Dentro dos limites destas condições, então o professor tem, na sua missão, tudo mais fácil e franco, porque "dirige com prudência, convence com eficácia, move com suavidade, e, às vezes, em o sublime transporta os ânimos que tanto afenora no amor da virtude, como ilumina no exercício da pura e bem entendida devoção". Tem razão, portanto, Teobaldo Miranda Santos ao entender que "a ausência de método ou a utilização de processos educativos mecânicos e formais que não permitam a manifestação, livre e espontânea, da personalidade da criança, promovem o desinteresse, o aborrecimento a revolta, a indisciplina". Nasce então, o conflito, ocasionado pela coerção, principalmente. O estudante, enraivecido, injuriado, cria aversão à escola e ao professor. Este, por seu turno, as mais das vezes, não tolera aquele... O certo é que a coerção, geratriz da violência, representa, quase sempre, males inconvenientes, e danosos, na escola, e se refletem depressa, na sociedade. Ouçamos a palavra de Aguayo: "Como muita frequência a autoridade do educador é incapaz de vencer a resistência ou o desagrado do educando sem o emprêgo da coerção. Compreende esta, não só a pressão física exterior, como também a ameaça do castigo e a aplicação deste. Porém, é ilegítima a coerção e carcere de valor educativo quando não corresponde à consciência ou à aceitação de valores por parte do aluno e quando não vai unida ao afeto e à simpatia do educador. Quando faltam essas condições, a coerção é uma medida injusta e arbitrária imposta ao débil pelo mais forte. Neste caso, a coerção só produz uma forma aparente e dissimulada de boa conduta, a qual se desvanéce com a pressão exterior. Sómente nos primeiros anos de vida, quando não se formou ainda a consciência dos valores morais, se justifica o

emprego da coerção externa, com o fim de refreiar e dirigir os impulsos e tendências instintivas mas logo-que desperta a compreensão valorativa, adquire esta uma alta importancia educativa e se converte em autoridade interior. Não há, pois, contradição entre a liberdade, a autoridade e a coerção, sempre que a liberdade não degenere em capricho ou arbitrariedade, nem a autoridade em coação brutal e cruel. Nas idéias da autonomia infantil se unem estreitamente, a liberdade e a dependência da autoridade". E é isto, justamente, o que observamos, hoje, com felicidade: "alunos disciplinados, longe de serem alunos coagidos, são os que agem livremente, naturalmente, porém dentro da ordem". E a ordem é a melhor disciplina. Ordem em tudo. A coação é uma feia violência. Com ordem o ensino se torna agradável sereno, normal, eficiente; com violência êle toma o caráter fatal das coisas horríveis, onde medra a planta daninha da intolerancia, da revolta do tédio... E' bem verdade que alunos e mestres devem dar-se as mãos na grande obra da compreensão dos deveres que fazem da escola uma sociedade em miniatura, com as suas causas predeterminadas, os seus motivos, as suas peculiaridades. Para tanto, o professor, sempre o professor, precisa ser possuidor de qualidades especiais indispensaveis ao seu *metier*, porque, ao contrário, todo o seu trabalho resulta embaraço e contraproducente. Ele precisa ter energia, força moral, atitude inflexivel e definida, se não quiser ser arrastado pela rua da amargura. Isto é coisa muito importante na missão difficil de instruir e educar. O espirito do educando, por determinações naturais, é vivaz e inquieto, e permanece na dependencia de impulsos instintivos próprios de sua idade. Ele vibra e se expande. É lógico e humano, E nunca se deve dar largas á sua vibração ou expansão. Em classe, deve estar sempre ocupado. O professor deve e pode dar trabalho, constantemente, a seus alunos, porque, desocupados, êles se tornam conversadores, indóceis, indisciplinados. Este aspecto da disciplina escolar tem, em verdade, o seu valor absolutamente inestimavel e constitue, sabemos, um dos fatores importantes do mecanismo escolar. E desta sorte, em suma, o professor tem positivado um dos objetivos máximos da imensa tarefa que tomou a ombros.

F. RODRIGUES ALVES

Um cidadão que sabe ler é mais uma consciência a serviço do Brasil.

Educação Moral

OSVÁGRIO RODRIGUES

Qual o melhor compêndio sobre educação moral?

É uma pergunta que tem sido feita, muitas vezes, por professores dos mais competentes, que não se sentem satisfeitos com os compêndios existentes.

E por que não estão contentes os professores com os livros de educação moral?

É que nenhum desses livros pode ser adotado para crianças da escola primária.

Mas deve a educação moral ser ministrada na escola primária?

Deve, certamente, e em todas as classes, desde a elementar até à complementar.

Tôda a escola deve ser educação moral.

Que é, com efeito, a educação moral, senão a aprendizagem para a vida?

Não tem a escola outro fim.

A criança, quando aprende a regra de multiplicação, deve estar convencida de que aprende também a ser justa, porque o erro do cálculo, se traduz, muitas vezes, numa grave injustiça.

O erro pode aproveitar ou prejudicar a quem calcula mal, dificilmente, porém, aproveita, porque a pessoa prejudicada, naturalmente, calculará melhor e reclamará.

É uma iniquidade; não se deve permitir, nem um, nem outro caso. É preciso aprender a calcular bem, para não ser roubado, nem roubar, o que é ainda pior...

Aprendendo a criança uma regra de gramática, deve ficar certa de que aprende a ser justa, porque aprende a falar corretamente, para ser capaz de dizer fielmente o que pensa, o que sabe e bem compreender o que os outros dizem.

Um grande desastre pode ter por causa uma informação falsa, dada sem querer, por quem não sabe exprimir-se.

A palavra não foi feita para ocultar o pensamento, mas sim para manifestá-lo, para dizer a verdade.

Ensinar a falar bem — é dar uma bôca verdadeira.

É preciso ter horror do falso e temer tanto ser enganado como enganar.

A criança, quando faz ginástica e se esforça para ser um homem forte e ágil, deve estar convicta de que trabalha para se tornar um homem útil à sua Pátria, capaz de lhe prestar serviços, quando ela o exigir.

A criança que aprende a cantar, a compasso, deve sentir que se exercita a cooperar em conjunto, a adquirir certa destreza, sem a qual não há obra coletiva possível.

Seria de se desejar que todo o ensino fôsse, assim, dirigido, para um fim definido e conhecido da criança.

A criança mimada, em casa, pode apresentar, também, na escola, problemas de desobediência e indisciplina. Não encontrando mais, na Escola, o mesmo ambiente de casa, quando só fazia o que queria, tornando-se um pequeno rei absoluto, nos seus desejos, o menino começa a se tornar autoritário, indisciplinado e brigão. Na realidade, com os seus problemas de comportamento, quer exprimir o desejo de continuar a gozar, na Escola, das mesmas regalias que em casa. Como não obtem, sempre, o que deseja, protesta, no negativismo, isto é, na recusa a fazer suas tarefas, na desobediência e, não raro, na indisciplina e na turbulência. A compreensão de todos êsses fatores casuais já é meio caminho para a correção. Como estamos longe das repreensões violentas da escola tradicional! O professor, compreendendo a situação da criança, deve, inicialmente, pedir a cooperação dos pais, orientando-os no sentido de modificarem a sua atitude, para com a criança. Nem mimos excessivos, nem castigo ou escorraçamentos contínuos.

(Trecho de um artigo sobre « A Higiene Mental na Escola »)

Velhos professores de Mossoró

I

R. NONATO

Os apontamentos aqui reunidos, depois de buscas, anotações e histórias ouvidas, passarão a constituir um ementário sôbre a vida de velhos professores do sertão.

É um trabalho simples, desprezencioso, cheio de boa vontade, sem outro intento, senão arrancar do esquecimento o nome desses abnegados servidores da instrução primária.

Vivendo do ensino e no ensino, sempre encontrei na profissão um derivativo feliz para minhas atividades intelectuais.

Daí, o carinho com que recorro, hoje, estes nomes dos velhos mestres de Mossoró.

Estas notas, surgiram de conversas. Foram apanhadas, quase tôdas, na tradição oral, sua grande, inesgotável fonte.

As menções escritas, só as encontrei dos professores oficiais. Dos particulares, as informações são as mais simples, as mais escassas.

Registrando, aqui, os nomes dos antigos preceptores e algumas notas das escolas da sua época, presto minha homenagem a esses pioneiros do ensino, todos caminhando para o mais completo esquecimento.

Com o correr do tempo, estes apontamentos poderão ser ampliados, pois não foram poucos os professores particulares do sertão. Basta dizer que, só Mossoró concorre com mais de cinquenta nomes, que principiaremos a enumerar, sem preocupação cronológica.

JOSÉ RODRIGUES PINTO BRASIL — É sem dúvida o nome mais antigo das escolas de Mossoró. Pelo menos, com registo. Vem ali, pelo ano de 1835. O lugar era povoado, ao tempo da sua escola. Nessa época, Apodí ainda era vila.

A aula do Pinto Brasil funcionava, porém, desde 12 de outubro de 1831. (Dr. Nestor Lima — Um Século de Ensino Primário —) Sabe-se até o número dos meninos. No primeiro semestre de 1835, 31 alunos; e no segundo semestre, 29 alunos.

Este José Rodrigues era professor público. Foi quem plantou o ensino em Mossoró.

JOSÉ ALEXANDRE FREIRE DE CARVALHO. Do Assú. Também é dos mais antigos. Sua atividade conta-se no período que parte de 1858. Era professor público (S. G. de 9 de julho de 1853). A essa época, também havia em Mossoró, uma professora do governo, Dona Ana Rosa Emilia. (Ana Bolena, alcunha que lhe dera um desafeto).

Mas, não deixemos José Alexandre. Era irmão do Pe. Freire, que também morou em Mossoró. Sua escola, a velha escola de tabuada e do argumento, ficava numa casa antiga, perto da Igreja de S. Luzia, na atual rua Pe. Urbano. Era vizinha da casa do tabelião João Alves Beserra, de quem José Alexandre era amigo do peito.

Alí, ensinava as primeiras letras aos meninos do tempo, cujos nomes desapareceram... Não dispensava o bolo, para ajudar a decorar a lição. Classe masculina. Boa disciplina. O professor sentava-se com a palmatória em cima das pernas e depositava a caixa de rapé no meio dos cadernos, ao alcance da mão. Fala Romão Filgueira que, na aula de leitura era usada a cartilha de Inácio de Loiola.

Quem conhece, hoje, esse livro?

LUIZ CARLOS DA COSTA — Vem de 1874, em menção anterior (prov. de 16/2/1872) (ainda um Século de Ensino Primario) e, aparece depois, em 1882 e 1883, tempo em que em Mossoró existiam mais dois professores públicos:

FRANCISCO MONTEIRO DE SOUSA e INACIA JOAQUINA DO SACRAMENTO — Dona Inacinha, irmã do Pe. João Urbano.

SALVADOR BEZERRA DE MENEZES — Professor particular, mais ou menos da época de José Alexandre. Era dos lados de Upanema, mas habitualmente, vivia ensinando em Mossoró. Aleijado. Mesmo assim, com sua paralisia, era homem de muito espírito, de muito entusiasmo. Conversador do seu jeito. Só falava gritando. Parecia uma doença. O povo respeitava-o. E os alunos chamavam Tio Salvador.

Como não podia se locomover, ia para as casas onde dava aulas, levado em um rede, debaixo do seu chapéu de sol. Conduzia sempre uma velha pasta, com papeis uma Bíblia e uma palmatória, tudo misturado.

PROFESSORA MARIA CARLOTA MELQUIADES DE OLIVEIRA COSTA — Nome muito grande. E como esta conversa vai se tornando comprida, fica para outra vez...

Retalhos filológicos

“.. o amor à fala materna é uma das mais sublimes formas do amor à Pátria”.

PEGADA E NÃO PÉGADA

Existem palavras, em português, que adquirem pronúncia, verdadeiramente, bárbara, sem que se possa atinar, as mais das vezes, com a razão de ser de tão curioso fato. E, aqui, é bem o caso de *pegada*, a que pessoas menos prevenidas emprestam pronúncia diferente da que deve ser. E duas correntes notáveis de pretensos entendidos têm disputado, à compita, a coroa de loiros (pudera!) das justificativas de torna viagem... Uns, mais pecadores, pensando, além do mais, que o acentozinho grave que, pelo comum, aparece, grudado, à palavra, serve de indicar a tonicidade forte da sílaba pé; e outros, menos especiosos e mais divertidos, dizendo que a palavra é derivada de pé e sofre, na composição, mudança de acento, à semelhança do que acontece a só e pá, que passam a sômente e pázada... Que cérebros imaginosos!... Nada disso. A palavra não precisa de nenhum dos dois acentos. Passa, até, melhor, sem êles, para evitar confusão... E é assim que ela se encontra, nos “Serões Gramaticais”, de Carneiro Ribeiro e no “Dicionário de Dúvidas e Dificuldades do Idioma Nacional”, de Nascentes. Aliás, o erudito Otoniel Mota, em suas excelentes “Horas Filológicas”, p. 205, fala da origem e pronúncia desta palavra: Diz o Mestre: “Quanto a piúgas ou peúgas, não há dificuldade: é o latim hipotético. mas evidente, *peduca*, e significam sapatos. Do rasto que deixavam as peúgas, no solo, é que se derivou a nossa palavra *pegada*, contração de *peugada*, palavra que gente coturnada anda por aí a estropiar, pronunciando *pégada*, tão esdruxulamente, que não encontram rima em nossa língua. É incrível que êste dislate, sovado, a quanto tempo, ainda se apresente, em público, às vezes até entre torrentes de oratória”... Também o padre Armando Guerazzi superdita-nos esta lição: “Não há mais dúvida acêrca da

prosódia de pegada. É pegada, como se fala pregada, do verbo pregar. Todos o linguistas estão acordes nesse ponto. Outra prova está em que existiu o arcaísmo peugada, com acento em ga". Quem, portanto, persistirá, no êrro, diante dos argumentos poderosos, dêsses dois mestres do vernáculo, em favor do que é correto?

QUE SIGNIFICA PEDAGOGIUM?

O lugar onde os pedagogos vigiavam as crianças, na Grécia antiga, chamava-se *pedagogium* ou, antes, pedagógio. Era o sentido restrito do termo; sentido que se ampliou, depois, significando, nos dias de hoje, qualquer estabelecimento de ensino, inclusive liceu, ginásio, colégio, curso normal, etc. No Rio de Janeiro, já funcionou, certa vez, um Pedagógio Oficial, com a finalidade elevada e precípua de fazer o aperfeiçoamento do magistério primário.

O *pedagogium* dos gregos era, como se vê, uma semelhança dos Jardins de Infância, fundados pelo genial Frederico Froebel, discípulo de Pestalozzi, e alcmão da Turingia.

(A) CHÍCARA E XÍCARA

A praga das reformas ortográficas vem sendo, de certo tempo a esta parte, em nosso país, a tormenta dos que escrevem e dos que ensinam. Palavras há que, hoje, têm uma grafia; amanhã outra; depois, outra ainda...

E cada reforma é uma calamidade, com exceção, apenas, da de 1931, a melhorzinha de tôdas elas... Reformar, reformar e reformar tem sido o "objetivo", num diapasão esquipático de convencionalismos estéreis, que nada constroem, antes, complicando, cada vez mais!... Haja vista, por exemplo, o que se deu com a palavra chícara, escrita com ch, desde, pode-se dizer, "o embrião confuso dos cancioneiros até à floração deslumbrante do estilo de Rui Barbosa." Tiraram-lhe o referido ch e lhe deram um x original, para inglês ver... Existirá razão séria, para isso? É litigioso o assunto, se bem os reformistas, de 1945, tenham jogado, com os nomes respeitáveis de Gonçalves Viana, Caldas Aulete e Frei Domingos Vieira, em virtude de os dois primeiros trazerem, à tona, o mexicano *ricalli*, para o étimo da palavra, e o último, o espanhol *jicara*.

Essas teorias, entretanto, entram em choque com o modo de entender de Figueiredo que, de lança em riste, surge, na arena, apresentando o italiano *chicchera*, e que talvez, tenha obrigado um lexicógrafo da altura de Silva Bastos a ficar, entre lá e cá, adstrito aos vagos limites de uma interrogação... E o

próprio Gonçalves Viana deixa transparecer suas dúvidas, quando registra chicara, no «Vocabulário Ortográfico e Remissivo», mandando que se examine xicara... Ora, se xicara é a forma legítima, como êle pensa, por que não fêz o contrário?

E os reformistas por que não enxergaram êsse aspecto dúbio? Por que alteraram aquilo que já vivia, há tanto tempo, dentro da consagração popular? Ó glória de atrapalhar, ó vã cobiça!...

MISCIGENAÇÃO

Esta palavra é registrada, por J. Carvalho, no «Pequeno Dicionário Escolar da Língua Portuguesa», com a significação de cruzamento inter-racial. Não é esta, todavia, a forma gráfica seguida, por todos. Há, no caso, divergência, entre filólogos, professores e escritores. Lê-se miscigenação, na «História do Brasil», de Hêlio Viana, e miscegenação, em «Rumo ao Oeste», de Candido Rondon-Ivan Lins. Mas o Dr. Edgar de Barros, médico e linguista de méritos, aponta miscegenação a par de homogeneização, em completa discordância, com os demais conhecedores dos segredos da "filha primogênita da morta imortal".

Um parente de Chicara

miscigenação - Prof. de Elly de J. ARISTARCO
 a menos verbal - Gilberto
 mais o mesmo o verbo miscer - Gilberto
 Combate ao analfabetismo - re.

Cada vez mais, se faz sentir a profunda verdade do conceito de Miguel Couto: "No Brasil, só existe um problema nacional: a educação do povo".

Temos 15 milhões de analfabetos!

Quinze milhões de brasileiros constituindo o maior problema nacional!

O Brasil precisa de voluntários, para essa campanha, a maior de tôdas, a ser travada dentro de suas fronteiras, onde quer que exista um homem que não saiba ler.

Voluntários: um passo á frente, pelo Brasil!

"Instruí-la, que instruir-se é ajudar a erguer a tocha do progresso universal".

Município da Zona Oeste

LUIZ GOMES

I

J. JACINTO

Quando, em janeiro de 1934, o então Diretor Geral do Departamento de Educação, Dr. Anfilóquio Câmara, nos designou para dirigir as Escolas Reunidas de Luis Gomes, não fôsem necessidades prementes e o desejo que tínhamos de ingressar, no magisterio, certo não teríamos aceitado tal nomeação.

É que, sempre ouvimos dizer constituir aquela cidade, com as demais da Zona Oeste, centro convergente de capangas e desordeiros, para os quais a Justiça e o Direito constituíam, apenas, um monopólio dos mais fortes...

Contavam-se histórias de crimes horripilantes praticados, ali, em a calada das noites e de que os renques de cruces, marginando as estradas, serviam, não só para atestar os dramas de sangue ali desenrolados, mas, também, para dizer ao viajante desprevenido, numa linguagem simbólica: Tome cuidado!

Quando alguém se referia a Patú, terra dadivosa, hospitaleira e boa, se esquecia de que ela havia sido o berço dêsse gigante da éloquência — Almino Afonso sem se olvidar porém de narrar as façanhas criminosas do tristemente célebre Jesuino Brilhante. Á noite, — dizia êsse alguém — não se podia viajar. O espirito de Jesuino, em contubérnio de sacís, lobis-homens, mulas-sem-cabeça e duendes, de tôdas as espécies, enchia a região malsinada de terror e de assombração.

Dêsde meninos ouviamos coisas que tais e foi com tôdas elas, na cachola, que seguimos, para Luis Gomes em janeiro de 1934.

Aquêle município — o menor da Zona Oeste — tem uma história interessante: — Em 1756 terrível sêca assolava os sertões nordestinos e os fazendeiros e criadores, que habitavam o Seridó, onde o flagelo mais intenso se manifestara, viam-se em serias aperturas, para salvar seu gado da calamidade que lhes batia à porta. Entre êles, porém, havia um sertanista des-

A MÓSCA comum é, em geral, o agente mais ativo de propagação de doenças. Em outras palavras, é quem carrega maior numero de microbios de um lado, para outro, tirando de um doente para levar a quem estar sadio. Tem sido acusada de portadora dos germes do tifo, por exemplo, da tuberculose, da lepra, da paralisia infantil, do colera-morbus, etc.

temeroso e forte — Luis Gomes de Medeiros — que, acompanhado de um escravo, de confiança, chamado Jacó, abandonou o rincão comburido, à procura de terras mais propicias.

Dias e dias o sertanejo audaz penetrou florestas desconhecidas, com destino incerto até, que, enfim, descortinou, no horizonte longinquo, a cumiada irregular e azul da serra do Bom Jesús. Escalou a montanha. Subiu. Ali tudo era vida. Agua, vegetação luxuriante, pastagens. Tudo predizia futuro promissor e o Coronel, prevendo-o, mandou edificar, no planalto, a primeira casa. Mais tarde fêz transportar para a “Serra dos cajueiros” sua familia e todos os seus haveres, dando inicio destarte a fundação do povoado que é hoje a pequenina e simpática cidade de Luis Gomes. A salubridade do clima e a fertilidade do sólo levaram, assim, o Coronel Luiz Gomes a cavar os alicerces da mais pequena, mais bela e hospitaleira cidade do Rio Grande do Norte.

O Municipio, cuja população atual se eleva a 10.000 habitantes, limita-se, ao norte, com o municipio de Pau dos Ferros; a leste, ainda, com êsse municipio e o de Alexandria; ao sul, com os municipios de Sousa e de Antenor Navarro; e de S. Miguel.

O municipio conta de extensão territorial 383 quilômetros quadrados, achando-se a cidade numa altitude de 645 metros a cima do nivel do mar.

(Continua no proximo numero).

--“Um povo sem herois é um povo sem historia.”

VELHOS E NOVOS RUMOS DO ENSINO INDUSTRIAL

RIVALDO PINHEIRO

Ao criar, em 1909, as Escolas de Aprendizes Artífices, o presidente Nilo Peçanha, revelando, embora, compreensão da importância que a instrução profissional vinha adquirindo na Europa em face de problemas sociais e econômicos agravados com o aperfeiçoamento da técnica, estava longe de supor que apenas quarenta anos depois o ensino técnico-industrial viesse a ser considerado como fator essencial do nosso progresso. É isso pelo menos, o que se deduz da lei que criou aquelas Escolas, onde, se se traduz a intenção do governo de concorrer para a formação de artífices e profissionais, nada, entretanto, deixa transparecer que demonstre a sua preocupação com a carência de técnicos e especialistas, problema que já então era objeto de planos oficiais em outros países.

Mais rápida teria sido a evolução do ensino técnico-industrial no Brasil, se a sua característica originária não tivesse sido a de improvisar artífices, armando com uma profissão que lhes garantisse o exercício de atividade lucrativa os que, por incapacidade econômica, não podiam frequentar os ginásios e escolas superiores. Por mais louvável e patriótico que fosse esse objetivo, ele sujeitava, porém, o ensino profissional a um caráter de improvisação e a deformações perigosas, conforme se evidenciou e realmente aconteceu. Com efeito, não tardou que as Escolas de Aprendizes Artífices adquirissem, por toda parte, o aspecto de estabelecimentos correcionais, para os quais eram recrutados de qualquer forma, com o concurso da polícia, crianças e rapazes encontrados nas ruas em vadiagem e na prática de vícios, cujos responsáveis não pudessem ser imediatamente encontrados.

Não se pensavam nas necessidades de mão de obra especializada e capaz, de que tanto já começava a se ressentir a nascente indústria nacional, mas apenas naquela "limpeza" das ruas e na apressada formação de artífices sem vocação. Enquanto os EE. UU. e os países da Europa travavam verdadeira corrida pela mobilização de um exército de técnicos, o

Brasil, onde já se mantinha o ensino profissional, com ele não cuidava senão do preparo de operários, sem as necessárias credenciais de especialização e técnica, aliciados numa juventude que, provinda das camadas mais desamparadas e incultas do proletariado, tornava-se, sob antiquada disciplina escolar, campo fértil aos germes da delinquência.

Não há dúvida de que isto já era muito, numa época em que se considerava ilimitadas as prerrogativas e os direitos da classe que detinha o domínio político e econômico, muito embora tal espírito tivesse em vista tão somente as necessidades que essa mesma classe sentia, de mão de obra e de paz social. O que, porém, na realidade, interessava ao país, em perspectiva de crescente desenvolvimento industrial, não era o que se consubstanciava nesse programa simplista. Precisávamos de homens realmente capazes e experimentados, com uma sólida e bem orientada formação moral, para a condução e o manejo das máquinas, para a direção das oficinas e para as tarefas de construção. O desenvolvimento do progresso nacional não reclamava apenas operários, porém técnicos, artifices especializados, com perfeita consciência de deveres e responsabilidades, — o que se não adquire com o simples aprendizado do manejo de instrumentos e equipamentos de trabalho, — capazes de imprimir confiança e respeito e elevar a dignidade do trabalhador. Técnicos, enfim, de indústrias e de profissões, e não operários sem a conveniente formação moral e intelectual, era o de que o país carecia.

Só ha cerca de dez anos é que nova mentalidade começou a modificar, num sentido mais acertado e socialmente mais útil, a estrutura do ensino profissional e técnico no país, que já era antiquado desde que nasceu. Hoje, o ensino industrial e técnico é ministrado em todos os Estados da União, e nos centros industrialmente mais adiantados as administrações estaduais não o deixam entregue exclusivamente ao governo federal. Acentua-se a consciência da sua importância como fator de progresso, tanto quanto se compreende que todo esforço de industrialização e emancipação econômica resultará inútil se a ele não correspondêr trabalho igual pela formação de equipes de técnicos concientes e capazes.

A ESCOLA PRIMÁRIA É O PRIMEIRO REDUTO
DA DEFESA NACIONAL; A MENOR FALHA NA
EDUCAÇÃO E O MENOR DESCUIDO DO PRO-
FESSOR PODEM COMPROMETER, SEM REMÉ-
DIO, A SEGURANÇA DA PÁTRIA.

ESCOLAS RURAIS

RAIMUNDO SOARES

As Escolas Rurais são estabelecimentos de ensino primário, situados na zona rural, lá onde o filho do trabalhador do campo aprende, na luta quotidiana, o mistér dignificante de cultivar a terra.

A escola rural passa por sua situação geografia a ser um complemento das atividades do homem daquele meio, ensinando-lhe os principios elementares das ciências e letras, dando-lhe na, pratica diaria, o ensejo de realizar aquilo de que os livros falam formando para um futuro bem próximo a pleiade de jovens amigos da terra onde nasceram, que não se deixarão levar pelo canto de sereia das cidades e escreverão, através das pautas de terra cultivada, a frase vibrante das sementeiros verdes, esplendor de "um Paiz essencialmente agricola", riqueza de uma nação eternamente jovem.

Os governos da União e dos Estados, estão, numa feliz compreensão de que o alfabeto só não é suficiente, disseminando pelo interior do paiz centenas deste novo tipo de escolas, que, completando a maquina educativa das massas, preenche a lacuna sempre enxergada por todos aquêles que vêem os braços robustos que gulavam os bois e os arautos presos aos tentáculos da vida citadina, depois do Serviço militar.

Há, porém, ainda, outra lacuna.

É a do professorado que vai dirigir essas escolas.

Não basta que êle seja culto, não basta que seja trabalhador e esforçado. Preciso se faz que cada professor ou professora de Escola Rural sinta, de coração, que o seu trabalho é um pouco diferente dos outros e que deve pelo seu exemplo despertar no roceirinho curioso o amor pela terra que tudo produz. É preciso que saiba sentir e transmitir o seu sentimento quando desabrocha a primeira flor do seu jardim, quando nascem as suas primeiras sementes, quando abre a sua primeira colmeia, quando os primeiros frutos de seu trabalho comecem a chamar a atenção do povo que o cerca.

O programa de ensino destas escolas não deve compre-

ender só o ler, escrever e contar, porque, aí, se perde a maior parte da sua finalidade.

Organizado pelo professor da Escola Modelo existe um programa de lições teóricas e práticas abrangendo noções de Horticultura, Pomicultura, Avicultura e Apicultura que terá de ser ampliado com noções de Avicultura, Cericultura e Indústrias Rurais.

Nada difícil, tudo conhecido e fácil de ser compilado em livros como o A. B. C. do Agricultor e outros que o Ministério da Agricultura distribue às mãos cheias.

As instituições peri-escolares, também, pelo valor educativo de cada uma, prestam assinalados serviços aos alunos e professores das Escolas Rurais.

Assim, os clubes agrícolas são indispensáveis, as cooperativas escolares não o são menos, Caixas Econômicas, Caixas escolares, Clubes litero-recreativos são outras tantas armas poderosas e eficientes no programa de uma escola do mato.

Os clubes agrícolas existem em profusão nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro e, entre nós filiado ao Ministério da agricultura que lhe presta assistência, funciona o "Alberto Torres", na Escola Modelo.

O valor de suas atividades pode ser constatado não pelas figuras das revistas ilustradas mas pela alegria da meninada ao receber pela manhã a ferramenta do trabalho, ao cavar a terra para plantar uma semente que se multiplica, milagrosamente, em folhas, flôres, fruto e outras sementes iguais. Depois não é só isso. Cada sócio do clube, conforme os estatutos, poderá levar para casa o produto de seu trabalho como o estão fazendo os da escola modelo, representado por hortaliças, feijão, macaxeira, e mais tarde mel, ovos, flores e frutos.

Em todos os nossos municípios estão-se levantando os prédios das Escolas Rurais, em muitos, elas já estão funcionando, resta que o governo e o povo não deixem esmorecer a chama que brilha, para tantos idealistas, que sonham com o engrandecimento econômico da pátria pela produção de seus campos incomparavelmente férteis e pelo trabalho organizado de seus filhos capazes.

A tolerância, para Lémaître,
é a "caridade da inteligência".

FALE, PROFESSOR!

WALDEMAR DE ALMEIDA

Indo a S. Paulo, depois de quinze anos de ausencia da linda capital bandeirante, nossa primeira visita foi a Walter Zempa, pianista e compositor, com quem tanto privamos nos idos tempos de nossa permanencia no sul.

A conversa pendeu para o assunto que geralmente os mestres teem registrado no "carnet" de suas observações diárias e que, de preferencia diz respeito as diversas modalidades de educação dos alunos e da curiosa e variada attitude dos pais dos discipulos.

Empolgado com a narrativa em que a "heroína" tinha sido uma alumna a quem ensinára com dedicação e assiduidade durante vários anos sem aceitar nenhuma remuneração material, Walter Zempa disse-nos: — ainda escrevo um livro mostrando as muitas cênas feias e os poucos lances bonitos na pelicula da vida de um professor, vivendo num meio social que ainda não sabe medir a grandeza da nossa responsabilidade, o valor da nossa tarefa.

A ingratidão está sempre em primeiro lugar. Jamais reconhecem o nosso esforço, a nossa dedicação, o entusiasmo com que preparamos os alunos para o sucesso a fama e a fortuna.

Na maioria, antes mesmo de conseguirem o lugar que sonhamos para eles como se fossem nossos próprios filhos, começam a denunciar o carater sofrivel ou péssimo dos irreconhecidos.

Em geral, continuou Walter Zempa, os alunos a quem mais nos afeiçoamos, aqueles a quem tudo de nossa Arte damos sem avarícia são os primeiros a nos sacudir os pés.

Nesses vinte anos de magistério tenho muito o que contar.

E escreverei sim um livro relatando com minúcias o que se passou comigo nesta tarefa inglória de fazer nomes, dar cartazes, preparar rapazes e moças para o brilho da sociedade, para o sucesso financeiro na vida.

É uma tristeza observarmos como são considerados entre nós os professores. Sinal da educação barata de uma fração da sociedade em que vivemos. Não acredito que isto seja assim em outras terras, em outros ambientes.

O que nos conforta é que entre as rudes pancadas morais de certos alunos aparece quasi sempre um que tem coração, compreende nossa dedicação e jamais se esquece da abnegação com que o ajudamos a cultivar o espirito.

Vou lhe contar uma.

Walter Zempa silenciou. Silenciou muito. Parecia não querer continuar até que dissemos animando-o: Fale, Professor!

Acordou e gritou com alegria: Eis aí um titulo:— Fale, Professor!

Dizendo isto começou com emoção a relatar uma das poucas histórias bonitas que registraria no seu livro.

— Foi logo quando chegámos em S. Paulo.

O sr J. B. convidou-nos para lecionar a esposa. Combinamos dia e hora em cada semana.

A sra. A. B. tinha muitas qualidades de espirito. Muito gosto artistico. Estudava o possível. Produzia o necessário. Sempre alegre, fazia um ambiente agradável durante e depois das aulas.

Costumava servir-nos um ótimo café. Se o café era bom, melhor era ainda o jôgo de porcelana verdadeira em que ele era servido.

A louça não trazia o "slogan" comercial "made in Japan". Tinha o carimbo gravado em original japonês e raramente tinhamos visto tanta perfeição, tanta arte no acabamento de tais utensilios.

Assim, tinhamos sempre um elogio para o café e duas ou três apreciações especiais para aquilo elegante em que o líquido era servido.

A sra. A. B. ficava contente pelo entusiasmo com que falavamos sobre o seu bom gosto de dona de casa. O marido agradecia com simpatia.

Durou essa convivencia alguns anos quando o sr. J. B., empregado federal foi transferido para o Rio e sua esposa teve de interromper os estudos.

Três anos mais tarde, como fossemos à capital da República tomar parte como examinador num concurso para lente catedrático da Escola Nacional de Música, tivemos de almoçar com o sr. e sra. J. B.

Veio o café depois. O mesmo café que tomavamos em S. Paulo, na casa da aluna, depois das aulas. As mesmas chiacaras, a mesma bandeja que tanto apreciavamos.

Repetimos com alegria as palavras de elogio ao jôgo de

porcelana que estava ali de propósito para maior satisfação dos nossos olhos e maior requinte do sabôr.

Algum tempo depois, um telegrama do sr. J. B. anunciava-nos a morte da esposa, e respondido o telegrama em que ia a mensagem do nosso profundo pesar, nunca mais tivemos noticia dele.

Os dias passaram. Correram os meses.

Uma noite anunciaram-nos a presença de um amigo que não quis indicar o nome.

A curiosidade fez-nos atender á visita imediatamente.

Quando chegamos a sala, não era outra pessoa senão o sr. J. B. vestido de luto, sem ânimo para demonstrar uma pequena alegria que fôsse.

Depois de minuciosamente relatar os padecimentos cruéis, descrever o longo padecimento de sua companheira disse-nos com os olhos húmidos:

— Vim aqui especialmente satisfazer um dos últimos desejos de minha esposa. Urá dia antes do traspasse, pediu-me para trazer-lhe pessoalmente o jôgo de louça japonesa de que tanto ela gostava e que o amigo admira. Quis assim, nas últimas horas da vida testemunhar-lhe mais uma vez sua eterna gratidão.

Quando Walter Zempa terminou apontou para a sua cristaleira e disse sensivelmente comovido:

— Olhe! Está ali! Quantos alunos são capazes de gestos nobres como este?...

A escola primária é o primeiro re-
duto da defesa nacional; a menor fa-
lha na educação e o menor descui-
do do professor podem comprometer,
sem remédio, a segurança da
Pátria.

OLAVO BILAC

A disciplina na Escola antiga

LUIZ PAULO

Sem disciplina, não há escola. Mesmo que existam o professor, os discípulos e a sala de aula; tudo isso, sem o imperativo da disciplina, deixa ver, logo, a impossibilidade do funcionamento dessa classe ou escola. Pois os diversos elementos que constituem a ESCOLA estão subordinados aos cânones da disciplina.

O vocábulo DISCIPLINA, quer na vida escolar quer no meio social, sempre recebeu a interpretação vulgar de CASTIGO, Em nossos dias, o conceito é compreendido, inteligentemente, e evidencia método, caminho ou conjunto de preceitos educativos a seguir, no intuito de corrigir os êrros de comportamento do indivíduo. Mas, que nos interessa é um ambiente escolar. Falemos: Na Escola Antiga, (no Brasil) ensinava-se a lêr, escrever, contar e rezar. Nada mais! Lia-se o abecedário, o manuscrito e a "carta". Cobria-se rascunho e escrevia-se cópia e carta. Contava-se nos dêdos e decorava-se a Tabuada. Rezava-se. (Isso tudo á moda do papagaio).

Nessa escola, o fator disciplinar era o castigo duro e imperdoável. Havia, quasi, sempre, o clássico *argumento*, onde o mestre, carrasco de *pice-nez*, colarinho duro, colête, bigode e cavanhaque comprido, falava grosso e a palmatória gritava. A justiça do mestre era despótica: começava com o carão, seguido do bôlo, puxão de orelhas, beliscão, ficar de pé com pedra ou tamborête na cabeça, surra com régua ou vara, e terminava com o humilhante castigo de colocar o educando ajoelhado em cima de um punhado de pedras ou caroços de milho. Era o cúmulo da estupidez!

Parece-nos que tal sistêma disciplinar não convinha nem aos presidiários quanto mais aos escolares. Realmente, nesse sistema educativo, dogmático e terrorista, o aluno decorava, com rapidez, o desordenado amontoado de conhecimentos que se lhe ministrava e demonstrava-se, sempre, pronto a uma obediência servil.

Em conclusão, atrofiava o corpo e pervertia o espirito.

EDUCAÇÃO FÍSICA

Os que apressados em cultivar a inteligência dos alunos, abandonam o seu corpo, não esqueçam que o êxito, na vida, depende mais da energia que dos conhecimentos.

HERBERT SPENCER

De início não parece oportuno tratarmos de um caso, onde os meios que o determinam são tão curtos e tão reduzidos que, nem aos olhos dos sábios valeria a atenção de alguns segundos. Não é que a sua importância seja pequena, que seus resultados sejam obscuros; mas, é que a crise total por que passamos, tudo escurece, tudo dificulta.

A "Guerra", com as consequências medonhas da fome e terríveis da peste, transformando povos, enfraquecendo mentalidades, traz o esquecimento ou o desuso na prática dos *grandes problemas* da Raça. E é justo que assim seja, uma vez se não possa, ao mesmo tempo, viajar sobre duas estradas... É justo esquecer-se a própria vida, matar o presente, retardar o futuro, a bem dos pósteros, em benefício da Pátria.

Assim é que, de início, achamos inoportuno tratar de problemas que, por si só, se não refiram, diretamente, á defesa do solo, nos dias que passam, porque o futuro da "Guerra" deve ser a luta incessante de um povo pela sua terra, honrando o passado e mostrando ao futuro a dignidade da geração presente. Porem, no instante em que cessa o combate, quando levamos a mão sobre o rosto para enxugar o suor enegrecido pela poeira e pela pólvora, quando depois do "rancho" nos sentamos a sombra para afastar as fadigas do dia, quando após a "revista" nos recolhemos ao silêncio para uma boa noite, quando deixamos o serviço em que nos "bureaux" militares nos empenhamos, se nos deixarmos sentir da responsabilidade de que o mundo, fora, nos incumbe, achamos acertado, não seguir a outra estrada, mas, observá-la com amor, senti-la como a necessidade primeira dos nossos cuidados—os nossos inocentes aguerridos, como nós, pelo horror, pela fome, pela peste, e mais ainda, pela falta de uma instrução bem ministrada. E então, das trincheiras, dos campos de batalha, dos

quartéis, dos gabinetes militares, nos lembramos de elaborar, ao lado dos planos de guerra, para Estados como o nosso. o plano que já possuem outros Estados — *A Educação Física nas classes.*

Falar sobre este assunto, trabalhar por esta causa, não é somente o dever de todo brasileiro, mas, a brasilidade de um povo como somos, amante do futuro, consciente do que, neste ou naquele ponto, é o progresso de sua nobre missão, — o seu engrandecimento pela ordem e pelo trabalho.

Lançar a Educação Física nas classes primárias é o mesmo que construir os alicerces de um prédio, cujo peso excedesse á resistência do solo, no ponto em que se ele edificasse. Destes alicerces e do modo como tê-los construído depende a durabilidade do gigante que será mais tarde.

Costuma-se ouvir dizer, e muito frequentemente, de pessoas que nos parecem de esperanças que, a Educação Física destrói mentalidades, atrofia ou mata crianças. Dizer cousas tais, ouvir tais observações, dar crença á idéias tão fracas, é incorrer no erro terrível de falar ou adiantar pensamentos sobre aquilo que se não sabe. Pelo contrário, a Educação Física desenvolve e conserva a inteligência.

Acontece, porem, que aos faladores, aos de ruim pensamento, só lhes chega o exemplo do incorreto, do sem método, do imperfeito. Não servirá de modelo a criança que imita o papai em suas imprudências, o professor inexperiente com seu método desregrado.

A Educação Física, cientificamente aplicada, é, para um povo, pede-se dizer, — o seu próprio progresso: a chave do engrandecimento e do futuro de uma raça. E tanto isto é certo que já a figura indiscutível do Conselheiro Rui Barbosa, com a sua inteligência super-desenvolvida — verdadeira maravilha de cultura até hoje apresentada: cume dos cumes, espelhos dos espelhos de uma nacionalidade, pesarosamente reclamava o descuido que lhe deram ao físico, ele e seus antepassados. E ele, o gigante das idéias, dizia, em pleno Senado, apontando, com tristeza, para o físico empobrecido, quando era discutido o parecer da Educação Física, no país, que: lamentava não ter as proporções desenvolvidas; a mesquinhez do seu corpo lhe enfraquecesse a alma.

E não devemos entristecer o grande Rui, pensando que isto haja sido das menos gloriosas idéações do mestre; porem, das mais altas paixões que alimentou enquanto viveu na terra.

Também é mister não pensar, alguns que a Educação Física nasceu dos nossos dias; outros que ela haja tido apogeu no século que passa. Neste século mereceu ela fosse olhada com o justo interesse que lhe deram os cuidados de alguns

séculos passados. Basta lembrar a Grécia, reviver o tempo em que a harmonia era o bom gosto de Atenas e Esparta, para sentir do quando nos vimos matando, no esquecimento de que, só pelo corpo e com o corpo é possível um desenvolvimento integral das qualidades.

E afirmam os cientistas preocupados somente com analisar células ou átomos que a geração humana tende diminuir, diminuir até, do pequeno, atingir a microscopicidade.

Não se contestem os cientistas, porem, não se pense que o que eles afirmam seja irremediável. A falta de cuidado que temos com o corpo é que determina, em cada geração, um atrofiamento na célula cada vez mais acentuado. Mas, se dermos que fazer á química formidável da vida, se ajudarmos o trabalho colossal do mecanismo humano, ele não se cansa e se atrofia: se conserva e se melhora, se alimenta e se multiplica... E a Educação Física é este auxílio; a Educação Física é o meio único de que dispomos para combater o terrível pesadêlo de sermos, a milênios, apenas um vestígio do que somos agora. Veja-se o exemplo dos gêmeos, ambos semelhantes em seu estado morfo-fisio-psicológico: a um deu-se todos os meios sem *exercício físico*; ao outro apenas o preciso, com exercício e se lhes acompanhou os resultados... A balança de progresso pendeu para o último, foi o que a paciência de pesquisadores observou em vários casos. E isto é claro a todos os olhos bem intencionados.

Ha quem deixe, muitas vezes, as suas ocupações para dizer que é impossível fazer Educação Física num Estado onde mal o povo se alimenta, onde todos os meios são reduzidos ou miseráveis. E eu olho para esses mal falantes, como se fora surdo, ou se lhes perguntasse, claramente, se pensavam que eu desconhecia as condições do Estado, ou ainda, a pedir-lhes uma explicação de porque não se calavam, em vez de espalhar a mundos e fundos, sobre cousas de que não tinham conhecimento, observações contrárias.

Educação Física, é preciso saber esses que não a entendem, — não é uma série de movimentos com o fito de fazer biceps avantajados: mas, um conjunto científico de cousas que se destinam a conservação e melhora das qualidades do fisico, paralelas com as da alma.

Leia-se o que diz, muito autorizadamente, o Sr. Ambrósio Manoel Torres, membro da Associação Brasileira de Educação, Escola Normal de Artes e Ofícios "Wenceslau Braz", Instituto de Proteção e Assistência á Infância do Rio de Janeiro, na sua tese apresentada ao 1º Congresso Médico daquele Estado, em Outubro de 1940.

“A Educação Física, por um processo de treinamento racional e progressivo, dá á máquina humana a potência necessária para a completa e perfeita execução de todas as suas necessidades. Definitivamente deve ser ela integrada no quadro da educação geral, pois já ninguém ignora que o equilíbrio fisiológico e psicológico, imprescindível ao ser humano, só é conseguido com o desenvolvimento paralelo do cérebro e do corpo.

A Educação Física, conscientemente praticada, concorre para corrigir os órgãos afetados, por hereditariedade ou por outras causas. É a ação metódica, progressiva e contínua, desde a infância até a idade adulta, tendo por objetivo assegurar o desenvolvimento físico integral, estimular as resistências orgânicas, por em jogo as aptidões, em todos os gêneros de exercícios naturais e utilitários indispensáveis; desenvolver a energia e todas as outras qualidades de ação viris, enfim, subordinar tudo a uma ideia moral dominante: o “bem servir á Pátria”.

Há poucos dias, respondi a seguinte observações de um desses espíritos que não têm, ao menos, esperança no que o nosso esforço, de futuro, nos traga: “Onde foi que se viu Educação Física trazer benefícios a desnutridos como nós temos no Estado?...”

Em verdade, *exercício físico*, em casos como este, não seria recomendável; porem, Educação Física é diferente, porque ela, eu já disse: não é só exercício — é também cogitação, estudo de meios para realizá-lo. O bom “Método de Educação Física” é o que previne a falta de alimentação dos seus adeptos, facilitando-lhes, com a distribuição de uma sopa bem alimentícia, de um *toddy*, etc., a prática do *bom exercício físico*.

Sei que a comparação não é feliz, dadas as condições do nosso atraso: porem, veja-se o Rio, contemple-se o Estado de S. Paulo, Rio Grande do sul, Minas, Baía, etc., onde o Governo e as Companhias, diariamente, distribuem ás creanças, no próprio estabelecimento onde estudam, estímulo suficiente para o seu trabalho, e sintam-se a esperança no futuro do nosso esforço hoje empregado. Estejamos certos, bem certos de que, o que não é possível, com a responsabilidade que temos perante todo um povo, é-nos entregar ao nada que fazer, esperando o dia em que formos milionários...

É mister, portanto, no instante em que o fuzil repousa ao nosso lado, que nos entreguemos ao trabalho de, no tempo mais breve possível, termos seguros — a saúde dos jovens, o futuro da Pátria.

ROQUE JOSÉ DA SILVA

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

ATOS OFICIAIS

GOVERNO DO ESTADO

DECRETOS

SECRETARIA GERAL

PORTARIAS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PORTARIAS

NOTAS ESCOLARES

DECRETO-LEI nº 519 de 4 de Fevereiro de 1946

Transforma em Curso Permanente de Aperfeiçoamento o atual Curso de Emergência, do Departamento de Educação, e dá outras providências.

O INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO DO RIO G. DO NORTE usando da atribuição que lhe confere o artigo 6, nº V, do decreto-lei federal nº 1.202, de 8 de Abril de 1939 e nos termos do art. 2º do decreto-lei federal nº 8.219, de 26 de Novembro de 1945,

DECRETA:

Art. 1º — O Atual Curso de Emergência, criado pelo decreto-lei nº 274, de 11 de Fevereiro de 1944, junto ao Departamento de Educação, fica transformado em um "Curso Permanente de Aperfeiçoamento", para professores pertencentes ao Magistério Primário.

Art. 2º — Para o ensino das disciplinas necessárias ao Curso de Aperfeiçoamento serão designados professores do magistério primário e secundário, nelas especializadas.

Parágrafo único — Para ingresso no Curso de Aperfeiçoamento serão chamados os bons elementos do magistério, de reconhecida aptidão e preparo, indicados ao Governo pelo Departamento de Educação. que expedirá também as necessárias instruções para o funcionamento do aludido Curso.

Art. 3º — Fica criado junto ao mesmo Departamento e em correspondência com o Curso de Aperfeiçoamento, um Quadro Movel até 50 (cincoenta) professores do magistério.

Art. 4º — Passarão do Curso de Aperfeiçoamento para o Quadro Movel, os professores que, em provas e exames, demonstrarem real aproveitamento no aprendizado das disciplinas nele ensinadas.

Art. 5º — Tanto no Curso de Aperfeiçoamento como no Quadro Movel o professor terá direito somente às vantagens do seu cargo e aquelas que, por força da função que tiveram de exercer, já forem previstas em lei.

Art. 6º — O presente decreto-lei entrará em vigor da data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Natal, 4 de Fevereiro de 1946, 58º, da Republica.

aa) MIGUEL SEABRA FAGUNDES

Lelio Augusto Soares da Camara

DECRETO-LEI n.º 626. de 22 de outubro de 1946

Eleva a gratificação adicional dos professores primários do Estado.

O INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO DO RIO G. DO NORTE, usando da atribuição que lhe confere o art. 6º. nº V, do decreto-lei federal nº 1.202, de 8 de abril de 1939.

DECRETA:

Art. 1º A gratificação adicional de dez, quinze e trinta por cento, concedida aos professores primários do Estado, pela Lei nº 60, de 1º de dezembro de 1936, passa a ser de quinze, vinte e trinta por cento para os professores primários efetivos que completarem, respectivamente, dez, quinze e vinte anos de serviços prestados exclusivamente ao magistério estadual, aumentando-se três por cento em cada ano que exceder de vinte.

Art. 2º — Este Decreto-lei entrará, em vigor, a partir de 1º de janeiro de 1947, revogadas as disposições em contrário.

Natal, 22 de Outubro de 1946, 58º da República

UBALDO BEZERRA DE MELO

Claudionor Telógio de Andrade

DECRETO-LEI nº 682, de 3 de fevereiro de 1947

Cria a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal.

O Interventor Federal do Estado do Rio Grande do Norte, usando da atribuição que lhe confere o art. 6º, no V, do Decreto-lei federal nº 1.202, de 8 de abril de 1939,

DECRETA:

Art. 1º — Fica criada a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal, que funcionará de acôrdo com a legislação federal de ensino superior.

Art. 2º — A Faculdade será instalada depois de preenchidas as formalidades legais perante o Ministério de Educação e Saúde e será mantida pelo Govêrno do Estado, dentro das normas exigidas na lei.

Art. 3º — O Govêrno do Estado, por intermédio da Diretoria da Faculdade, e ao fim do prazo de dois anos de seu

funcionamento, ou mesmo antes, se a lei o permitir, promoverá perante o Ministério de Educação e Saúde os meios necessários para a sua equiparação ou reconhecimento.

Art. 4º — Enquanto não fôr reconhecida ou equiparada, pelo Governo Federal, a Faculdade funcionará sob fiscalização do Departamento de Saúde Pública do Estado, que fará observar as leis, regulamentares e programas elaborados e aprovados pelo Ministério de Educação e Saúde.

Art. 5º — Para a regência das cadeiras dos cursos de Farmácia e Odontologia, o Governo contratará ou designará, provisoriamente, médicos, dentistas e farmacêuticos que pertençam ao quadro do funcionalismo público estadual, até que as referidas cadeiras possam ser preenchidas mediante concurso.

Art. 6º — O Governo nomeará uma comissão composta de dois médicos, um dentista, um farmacêutico e um representante do Departamento de Saúde Pública do Estado, para elaborar o projeto do regulamento, dentro das normas, já aprovadas, em outras Faculdades, pelo Governo Federal, e encarregar-se dos demais trabalhos necessários ao serviço administrativo.

Art. 7º — O pessoal da Faculdade será constituído de um Diretor, um Secretário, dois Escriurários e dois extranumerários que forem necessários ao serviço administrativo.

Parágrafo único — A designação do Diretor da Faculdade recairá em funcionario do Estado de comprovado conhecimento geral de administração e por ato do Chefe do Poder Executivo.

Art. 8º — O Governador do Estado poderá designar servidores lotados, nos diversos Departamentos, Repartições ou Serviços do Estado, para prestarem serviços administrativos na mesma Faculdade.

Art. 9º — O Governo do Estado autorizará a Diretoria da Faculdade a entrar em entendimento com os Diretores das Instituições Hospitalares da Capital a-fim-de que as aulas práticas sejam dadas nos laboratórios, farmácia e sala de patologia dos estabelecimentos mantidos pelas referidas instituições.

Art. 10º — Lei posterior fixará as gratificações a serem pagas ao Diretor e professores da Faculdade, quando, pertencentes ao quadro do funcionalismo estadual, forem designados, para lecionarem na mesma Faculdade.

Art. 11º — O presente decreto-lei entrará em vigor da data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Natal, 3 de Fevereiro de 1947, 59º da República

GENERAL ORESTES DA ROCHA LIMA

Ewerton Dantas Cortês

RIO GRANDE DO NORTE

GOVÊRNO DO ESTADO

ATOS OFICIAIS

Mês de maio de 1948

4 — É concedida a Eunice Bandeira de Melo, professora da classe G, a gratificação adicional de 15⁰/₁₀ sôbre os seus vencimentos.

5 — É nomeada Evalda Damasio da Costa para exercer, como substituto, o cargo da Classe E, da carreira de professor Primario, durante o impedimento de Almerinda Damasio da Costa.

— É posto à disposição da Diretoria Geral do Departamento de Educação Gerson, Dumaresq, professor, interino, padrão L.

10 — É mandada matricular, no Curso de Aperfeiçoamento do Departamento de Educação, Alcinda Vanderlei de Miranda, professora da classe E.

11 — É mandada matricular, no Curso de Aperfeiçoamento do Departamento de Educação, Doralice Bezerra de Andrade, professora da classe E.

— É elevada de 20⁰/₁₀ para 30⁰/₁₀ a gratificação adicional de Nicaulis do Carmo e Silva, professor da classe E.

13 — É designada Teodolina Cavalcanti de Albuquerque, professora da Classe E, para exercer a função gratificada de Professora de Educação Física, da Diretoria Geral do Departamento de Educação.

18 — É nomeada Maria do Socorro Lemos para exercer, como substituto, o cargo da classe G, da carreira de Professor Primário, durante o impedimento de Hilda Lopes de Oliveira Lemos.

— É nomeada Francisca Cavalcanti Pinheiro para exercer, como substituto, o cargo de professor, padrão L, durante o impedimento de Gerson Dumaresq, posto a disposição da Diretoria Geral do Departamento de Educação.

— É concedida a Ester de Souza Galvão, professora da classe E, a gratificação adicional de 15⁰/₁₀ sobre os seus vencimentos.

19 — É nomeada Luiza Belem para exercer, como substituto, o cargo da classe E, da carreira de Professor Primário, durante o impedimento de Edite Belem da Silva.

— É nomeada Eunice Gomes Advincula para exercer, como substituto, o cargo da classe E, da Carreira de Professor Pri-

mario, durante o impedimento de Doralice Bezerra de Andrade.

— É nomeada Nilza Cunha para exercer, como substituto, o cargo da classe G, da carreira de Professor Primário, durante o impedimento de Ezilda Elita do Nascimento.

— É nomeada Raimunda Lopes para exercer, como substituto, o cargo da classe E, da carreira de Professor Primário, durante o impedimento de Ester Noronha.

— É exonerada Celina Medeiros Cunha do cargo da classe G, da carreira de Professor Primário do G. E. Cap. Mór Galvão, da cidade de Currais Novos.

22 — É nomeada Maria da Conceição Dantas para exercer, como substituto, o cargo da classe E, da carreira de Professor Primário, durante o impedimento de Neusa Varela Gesteira.

— É mandada servir, por conveniência do ensino, no G. E. "Barão de Mipibú" Neusa Varela Gesteira, ocupante do cargo da classe E, da carreira de Professor Primário, da Escola Isolada de Cruzeiro, no município de Ceará-Mirim.

24 — É nomeada Maria Rosa Consentina para exercer, como substituto, o cargo da classe E, da carreira de Professor Primário, durante o impedimento de Alaide Varela Gesteira.

— É mandada servir, por conveniência do ensino, no G. E. "Barão de Mipibú" Alaide Varela Gesteira, ocupante do cargo da classe E, da carreira de Professor Primário da Escola Isolada de Manguari, no município de Ceará Mirim.

26 — É nomeado Manuel Felipe de Melo para exercer, como substituto, o cargo da classe G, da carreira de Professor Primário, durante o impedimento de Maria Hadar Nelson.

— É designada Maria de Lourdes Peixoto Barros, professora da classe F, para exercer a função gratificada de Diretor do G. E. "Barão de Mipibú", da cidade de São José de Mipibú.

RIO GRANDE DO NORTE

Portaria do Secretário Geral do Estado

MÊS DE MAIO DE 1948

3 — É concedida a licença-prêmio de seis meses a Alceu Cabral de Vasconcelos, ocupante do cargo da classe E, da carreira de Servente da Escola Normal de Natal.

5 — É concedida a licença de 30 dias a Clarice de Sá Leição Soares, ocupante interino do cargo da classe D, da carreira de Professor Primário.

8 — É concedida a licença de noventa dias a Inácia Teixeira de Carvalho, ocupante do cargo da classe E, da carreira de Professor Primário.

11 — É concedida a licença de sessenta dias a Suzete Câmara Dourado, ocupante do cargo da classe E, da carreira de Professor Primário.

17 — É concedida a licença-prêmio de seis meses a Alzira Vaz da Cunha, ocupante do cargo da classe I, da carreira de Professor Primário.

— É admitida Arlete Fernandes Praxedes na função de Zelador-Ref III da T. N. M. do Departamento de Educação.

22 — É concedida a licença de noventa dias a Iolanda Fernandes de Medeiros, ocupante do cargo da classe E, da carreira de Professor Primário.

— É concedida a licença de sessenta dias a Laura Sarai-va Maia, ocupante do cargo da classe G, da carreira de Professor Primário.

24 — É admitida Maria das Dôres Cavalcanti na função de Zelador-Ref III da T. N. M. do Departamento de Educação.

RIO GRANDE DO NORTE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PORTARIA DO DIRETOR GERAL

MÊS DE MAIO DE 1948

42/7 — É nomeada Ester Gurgel para exercer, como substituto, o cargo da classe A, da carreira de Professor Primário da Escola Isolada de Abelhas no município de Apodi, durante o impedimento de Silvia Gurgel do Amaral.

44/11 — É mandada servir, por conveniência do ensino, em uma das Escolas Isoladas do Alecrim, nesta capital, Barbara Bezerra da Nobrega, professor primário, padrão A-2, da Escola Isolada de Riacho do Ferreira, no município de Caicó.

— É nomeado José Henrique de Araújo para exercer, como substituto, o cargo de professor primário, no município de Caicó, durante o impedimento de Barbara Bezerra da Nobrega.

46/11 — É exonerada, a pedido, Zuleide Rabelo Barbalho do cargo de Professor Primário, padrão A, com exercício no G. E. Meira e Sá da cidade de Santana do Matos e nomeada para o referido cargo, Ana Meira.

— É nomeada Maria Auxiliadora Cabral para exercer o cargo de Professor Primário, padrão A, do G. E. "Te. Cel. José Correia", da cidade de Açú.

46/12 — É nomeada Albanisa Bezerra para exercer, como substituta, o cargo da classe A-2, da Escola Isolada de Tan-

ques, no municíbio de Augusto Severo, durante a licença de Maria Barbara de Melo.

47/14 — E' nomeada Severina Fernandes de Oliveira, para exercer o cargo de professor primário, padrão A, com exercício nas Escolas Reunidas "Carlos Gomes" da vila de Montanhas, no município de Pedro Velho.

48/14 — E' mandada servir, por conveniência do ensino, nas Escolas Reunidas "Getulio Vargas", desta capital, Macrina Gomes de Sousa, ocupante do cargo da classe A, da carreira de professor primário, da Escola Isolada de Cajueiro, no município de Touros.

— E' nomeada Lucilia Soares Ubarana para exercer, como substituta, o cargo da classe A, das Escolas Reunidas "João de Paiva", de Quirambú, no município de São José de Mipibú, durante o impedimento de Francisca Fernandes.

— E' designada Josefa Bezerra Furlado, das Escolas Reunidas "Amaro Cavalcanti", da cidade de São Tomé, para exercer a função gratificada de dirigente das referidas Escolas.

49/22 — E' exonerada Maria de Sousa Menezes, do cargo de professor primário, padrão A, com exercício na Escola Isolada de Barrinha, no município de Mossoró e nomeada para o referido cargo, Rocilda Rodrigues de Carvalho.

50/24 — E' mandada servir, por conveniência do ensino, no G. E. "Joaquim Correia", da cidade de Pau dos Ferros, Petronila de Sousa Rêgo, ocupante do cargo da classe A, da carreira de Professor Primário, da Escola Isolada de Gangorra, do referido município.

51/26 — E' nomeada Maria Correia de Melo, para exercer, como substituto, o cargo da classe A-2, da carreira de Professor Primário, da Escola Isolada de Taboleiro Alto, no município de Macau, durante o impedimento de Rita Pinheiro Martins, servindo atualmente nas Escolas Reunidas "Professor Odilon Garcia", de Estreito, no referido município.

25/29 — E' nomeada Maria da Conceição Leite para exercer o cargo de Professor Primário, padrão A, com exercício na Escola de Menores "Juvino Barreto", da cidade de Mossoró.

Of. 598

4 de junho de 1946

Exmo. Sr. Secretário Geral do Estado:

O serviço de assistência dentária aos escolares de Natal tem sido tentado e está iniciado, mais de uma vez, sem resultado satisfatório, por diversos motivos que não devem ser aqui apreciados. Os estabelecimentos de ensino público primário de Natal apresentam atualmente uma matrícula superior a mais

de três mil crianças, em sua maioria de família de precárias condições econômicas.

Não mais se discute, hoje, a importância que os cuidados com a dentição representa para a integridade física do indivíduo, para a sua saúde e mesmo para a sua boa apresentação na sociedade em que vive.

E' um aspecto de assistência social que não pode ser esquecido pelos Governos que possuem a nitida compreensão dos seus deveres.

Com essas necessárias considerações peço permissão a V. Excia. para sugerir: que seja criado o serviço de assistência dentária escolar do Estado, diretamente subordinado ao Departamento de Educação;

que, inicialmente, sejam criados e providos dois cargos de cirurgião dentista, junto ao Departamento de Educação, para servirem nos Grupos Escolares "Isabel Gondim" e "Frei Miguelinho", situados nos bairros das Rocas e do Alecrim, onde reside uma numerosa população proletária de reconhecida pobreza.

Esclareço mais a V. Excia :

que os alunos dos outros estabelecimentos públicos primários da capital poderão ser atendidos nos Grupos Escolares que vão ter a instalação desse serviço;

que as despesas com a compra dos dois gabinetes para o início pode ser calculada em Cr\$ 30.000,00 aproximadamente;

que existem na verba 15 — Departamento de Educação — recursos para atender às despesas com essa compra;

que para o pagamento dos dois cirurgiões dentistas será aberto o crédito especial necessário.

Tem a mais segura convicção esta Diretoria de que o atual Governo do Estado bem receberá as medidas aqui lembradas, de incalculável benefício, se executadas, para a comunidade social de nossa terra.

Saudações

Severino Bezerra de Mélo

Diretor Geral

PORTARIA N. 4

O Diretor Geral do Departamento de Educação, no uso de suas atribuições,

Considerando que, no cômputo do índice de analfabetismo da população brasileira, registado, em recentes trabalhos

estatísticos, muito contribui, para elevar êsse índice, o número de adultos, sem nenhuma instrução, em estimativa oficial, aproximado de doze milhões;

Considerando que, embora já existentes, em diversos municípios do Estado, criados por Decreto de fevereiro de 1946, cinquenta cursos, para alfabetização de adultos, ainda se verifica a necessidade do funcionamento de muitos outros, para maior amplitude da instrução popular;

Determina que os professores regentes de Escolas Isoladas situadas em povoações, sítios e fazendas de todos os pontos do Estado, organizem, em horario diferente do destinado aos seus trabalhos diários, classes especiais, para ministração de ensino adequado ao maior número possível de adultos analfabetos. Determina, igualmente, que nesses mesmos lugares seja feito pelos professores um recenseamento das crianças e adultos analfabetos ali residentes e enviado o respectivo mapa, até o dia 28 de fevereiro, ao Departamento de Educação.

Os srs. Inspectores de Ensino e Diretores de Grupos Escolares deverão providenciar, dentro do mais curto prazo, para que os termos da presente Portaria cheguem ao conhecimento dos interessados e tenham a mais ampla divulgação.

Diretoria Geral do Departamento de Educação, em
Natal, 18 de Janeiro de 1947.

Severino Beserra de Mélo
Diretor Geral

Of. N. 36

Em 21 de janeiro de 1948

Excelentissimo Senhor Governador do Estado:

Ao iniciar-se o presente ano letivo quero pedir a esclarecida atenção de V. Excia., para um importante aspecto, do Departamento que dirijo—o da assistência material—que deve ser prestada aos estabelecimentos de ensino de todo o Estado.

Essa assistência consiste em:

- a) — reparos e asseio, anualmente, nos prédios onde funcionam os referidos estabelecimentos;
- b) — pagamento do aluguel de alguns desses prédios;
- c) — fornecimento a todos êles do necessário material de consumo e de expediente;
- d) — aparelhamento técnico e pedagógico (mobiliário, carteiras, material, para ensino).

Nos 42 municípios do Estado, encontram-se, em funcionamento, para mais de 800 escolas, em cidades, vilas, povoações, sítios e fazendas, quasi todas desprovidas daquilo que se faz necessário, para que possam preencher sua finalidade social.

De parte alguma bons edificios de Grupos Escolares, em sédes de municípios, onde alguma coisa existe, o mais são velhos prédios inadequados, sem conservação, alguns próprios estaduais, grande número de aluguel, outros cedidos, todos quasi sem as necessárias condições de higiene, para os fins a que se destinam.

Nem carteiras, para os alunos, nem mesas e cadeiras, para os professores, nem instalações sanitárias, nem bebedouros higiênicos, nem o mais modesto material, para o ensino — apenas o professor e os alunos como sinal indicativo do funcionamento dessas escolas.

E' assim o doloroso quadro, sem tons literários, vivo e real da maioria das nossas casas de ensino no interior.

As dotações orçamentárias do Departamento de Educação, para êsse fim destinadas, não chegam para atender ao mínimo dessas necessidades, cada vez mais crescentes, como é óbvio.

Os municípios, por fôrça do Convênio de Ensino Primário adotado, desde 1944, apenas fazem figurar, em seus orçamentos, como contribuição do Estado, uma pequena percentagem nem sempre recolhida ao Departamento da Fazenda e, com a alegação do cumprimento dessa obrigação, nenhum benefício distribuem, como lhes cumpre, à instrução pública.

O Govêrno do Estado não pode deixar de olhar, para essa penosa situação, em que se encontra o ensino primário, no interior, e o de adotar as providências aconselháveis para corrigi-la.

Peço permissão a V. Excia., para sugerir, fiquem desde logo, a cargo dos municípios, a partir de 1º de fevereiro próximo, as seguintes obrigações:

- a) — conservação dos prédios escolares próprios do Estado;
- b) — pagamento do aluguel dos prédios particulares, onde funcionam escolas;
- c) — conservação do mobiliário já existente e fornecimento daquele que fôr necessário as escolas que ainda o não possuem;
- d) — fornecimento do material de consumo e de expediente.

Com um melhor exame dêsse delicado assunto, V. Excia. tomará as inadiáveis e imprescindíveis providências que estão a exigir os interesses do ensino público.

Atenciosas Saudações

Severino Bezerra de Melo

Diretor Geral

COPIA N. 149 — Natal, 27 de fevereiro de 1948

Exmo. Sr. Secretário Geral do Estado:

O Ministério de Educação e Saúde concedeu ao Estado do Rio Grande do Norte cinco bolsas de estudos para o Magistério Primário. Aqui estiveram técnicos do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos para o serviço de seleção, sendo escolhidas as professoras: Julia Cunha Pinto e Milda Pinheiro Borges para fazerem o Curso de "Especialização e Medidas Educacionais" e Maria Cunha Fernandes, Maria Alexandrina Sampaio e Maria Ocila Bezerril para o de "Direção de Escolas Primárias".

Pelas Instruções do Ministério de Educação, já do conhecimento do Sr. Governador, essas bolsistas deverão ter enquanto estiverem no Rio, por espaço de um ano, os seus vencimentos integrais e passagem de ida e volta por conta do Estado. O Ministério de Educação lhes oferecerá outras vantagens.

Venho, assim, levando o assunto ao conhecimento de V. Excia., solicitar seja feito o devido expediente, inclusive o das breves providências sobre transporte, por via aérea ou por mar, em virtude das referidas bolsistas terem de se apresentar à direção do I. N. E. P. no Rio, até 15 do próximo mês de março.

Atenciosas Saudações

Severino Bezerra de Melo

Diretor Geral

COPIA N. 301 — 30 de março de 1948

Exmo. Sr. Secretário Geral do Estado:

Este departamento recebeu do Dr. Lourenço Filho, Diretor do Departamento Nacional de Educação, no Rio de Janeiro, um ofício solicitando a ida de um representante deste Es-

tado para tomar parte na reunião a ser realizada naquela cidade com o fim de serem discutidos os meios para a continuação do funcionamento do ensino supletivo, no corrente ano, em todo o território brasileiro.

Indico a V. Excia. para desincumbir-se dessa missão o Prof. Acrisio de Meneses Freire, que já ali esteve participando da primeira reunião, em 1947, com o mesmo fim.

Peço a V. Excia. promover o expediente que julgar conveniente sobre a ida no próximo dia 1^o de Abril, por via aérea, do referido professor que deve ter passagem de ida e volta por conta do Estado e uma modesta ajuda de custa que su-giro seja de Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros).

Atenciosas Saudações

Severino Bezerra de Mélo
Diretor Geral

Oficio dirigido pelo Diretor Geral do Departamento de Educação aos diretores de Empresa de Viação desta capital.

12 de Abril de 1948

Os professores e alunos dos Grupos Escolares dos diferentes bairros da capital para efeito do seu comparecimento quase por duas vezes, aos trabalhos diários nos estabelecimentos onde exercem suas atividades, dispendem com o seu transporte, principalmente os alunos, importancia que excede às suas possibilidades financeiras.

Venho pedir a V. S. a exemplo do que se pratica em outras capitais seja instituido para ambos o passe escolar com o abatimento de 50^o/_o do preço habitualmente cobrado para os outros passageiros.

Certo de que será tomada na devida consideração o pedido constante do presente, espera esta Diretoria o pronunciamento sobre o assunto da Empresa que V. S. dignamente dirije.

Saudações

Severino Bezerra de Mélo
Diretor Geral

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**SERVIÇO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS
NO RIO GRANDE DO NORTE****NOTA OFICIAL**

O Governo do Estado acaba de receber do Govêrno Federal a importância de Cr\$ 112.000,00 (Cento e doze mil cruzeiros) para pagamento aos professores do Ensino Supletivo em todo o Estado (260), correspondente ao mês de novembro e 15 dias de dezembro, já estando o Departamento de Educação tomando as necessárias e urgentes providencias para a realização do referido pagamento.

No corrente ano, estão funcionando 400 cursos, nos 42 municipios, dentro das normas exigidas pelo plano estabelecido, com severas e reiteradas recomendações do Departamento aos Snrs. Prefeitos, Comissões regionais e Diretores dos Grupos Escolares, no sentido de haver o maior interêsse pelo exito da benemérita campanha de alfabetização de adultos.

É oportuno avisar aos snrs. professores que, em recente reunião, realizada, no Rio de Janeiro dos Delegados de todos os Estados ficou deliberado:

- que não haverá férias nesse periodo de tempo;
- que a remuneração mensal é de Cr\$ 350,00.

Para melhor ordem dos trabalhos, resolveu o Departamento de Educação que os Snrs. Diretores de Grupos Escolares façam o controle de todo o serviço, encarregando-se da entrega do material escolar e da remessa, á Diretoria Geral, dos boletins mensais e folhas de pagamento.

NOTA: O Departamento de Educação reitera o pedido da remessa urgente dos mapas de Cursos de Alfabetização, antigos e novos, correspondentes ao ano de 1948.

Chama-se a atenção do magistério primário do Estado para os seguintes dispositivos da lei Orgânica do Ensino Primário, ainda em pleno vigor:

Art. 167 — Reputar-se-á abandonada uma cadeira ou escola, quando o professor deixar de exercer suas funções por mais de trinta dias, sem causa justificada, ou quando exceder este prazo para voltar ao exercício, depois de licença, férias ou outro motivo legal, que o tenha afastado.

§ Único — Salvo os casos em que se possa razoavelmente presumir renuncia, o abandono será punido com a perda em dobro dos vencimentos correspondentes à sua duração.

Art. 226 — Nenhuma escola ou cadeira de grupo escolar, salvo permissão especial do diretor geral da Instrução Pública, poderá iniciar seus trabalhos letivos sem que estejam nela matriculados, pelo menos, trinta alunos.

§ 1º — Durante o tempo em que a escola não funcionar, o professor não terá direito a gratificação:

§ 2º — Iniciados os trabalhos letivos de uma escola ou cadeira de grupo escolar, sempre que a frequência baixar de vinte e cinco alunos, a não ser por motivo de força maior reconhecida pelo Diretor Geral da Instrução Pública, o professor perderá a metade da gratificação.

PELO ENSINO CAIXA ESCOLAR

Auspicia-se animador o movimento pró-infância estudiosa através das Caixas Escolares, que a Diretoria Geral do Departamento de Educação tem recomendado a todos os estabelecimentos de ensino do Estado.

Os funcionários que estão à frente do serviço da inspeção escolar não tem medido esforços para que seja colimado o grande desiderato.

Desvanece assinalar que mais de uma dezena da instituição já se espalhou em diversos Grupos Escolares, convindo acrescentar que, em alguns destes, a ideia foi recebida com o maior agrado.

Basta citar os Grupos Escolares "José Rufino", "Quintino Bocaiuva" e "Barão de Ceará Mirim" onde houve gestos espontâneos de grande efeito social e humano, graças ao oferecimento de apreciáveis quantias, que vão constituir fundos nas respectivas Caixas.

Solidarizando-se com o movimento, as Prefeituras de Angicos e de Ceará Mirim já fizeram consignar dotações orçamentárias para a merenda escolar das crianças dali.

Gestos de tal natureza merecem louvados e imitados por todos aquêles que, realmente, se interessam pela causa da educação da mocidade na terra comum.

GRUPO ESCOLAR « AUGUSTO SEVERO »

INSTITUIÇÕES ANEXAS

As instituições que funcionam anexas ao Grupo Escolar "Augusto Severo", vêm prestando os mais assinalados serviços aos alunos do mesmo estabelecimento.

A Biblioteca, o Grêmio Littero-Cívico "Augusto Severo" e a Caixa Econômica são auxiliares magníficos na educação da juventude.

A Caixa Econômica, por exemplo, está em franco progresso. No dia 30 de novembro, do ano passado, encerrou-se o balanço, com um saldo de Cr\$ 2.013,10.

O movimento, no primeiro semestre, do corrente ano, foi bem maior, tendo-se encerrado o balanço, a 31 de maio, com um saldo de Cr\$ 2.117,30.

A Biblioteca tem uma média mensal de quatrocentos e cinquenta consultas e o Grêmio comemora as datas cívicas, tendo empossado a sua nova diretoria, a 12 de maio p. findo, escolhida entre os alunos distintos do 3º ao 5º ano.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA E DENTÁRIA DA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES

A ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES do Rio Grande do Norte encontra-se numa fase de realizações as mais promissoras.

Das suas louváveis iniciativas, que sobremodo dizem dos

elevados propositos dos seus órgãos diretores, convém ressaltar, no momento, fatos dignos de registo como a instalação do seu serviço de assistência medica e dentaria, destinado a beneficiar os membros do seu quadro.

Para realização dêsse grande empreendimento, vem a entidade classista de adquirir um moderno conjunto, em cuja compra e instalações dispendeu a vultosa quantia de mais de Cr\$ 30.000,00.

Referidos serviços do gabinete dentario, que se encontram em funcionamento, desde janeiro do ano em curso, estiveram a cargo do Dr. Francisco Cipriano Soares e os de natureza medica entrarão a funcionar durante todo o mês de julho proximo.

Com a distribuição de serviços de tal monta, vai-se enquadrando, assim, verdadeiramente, a Associação de Professores, dentro do ambito de suas elevadas finalidades.

VIDA ESCOLAR

GRUPO ESCOLAR «ISABEL GONDIM»

O Grupo Escolar "Isabel Gondim", do bairro das Rocas, desta capital, apresenta, anualmente, matricula animadora e sempre crescente. Este ano, já foram matriculados nesse estabelecimento 638 alunos nos Cursos primarios e 64 no Jardim de Infancia.

Suas atividades têm sido coroadas de êxito, demonstrando apreciavel percentagem nos quadros anuais de promoções.

Possui varias instituições auxiliares, destacando-se entre elas a Comissão Regional de Escôteiros do Mar e a Caixa Economica que, ao encerrar-se o primeiro periodo letivo do corrente ano, demonstrava um movimento de Cr\$ 6.475,00, o que importa em dizer-se estarem os seus alunos se apercebendo do valor da economia bem orientada.

O ensino religioso, ali vem sendo ministrado por esforçadas professoras do mesmo grupo escolar, tendo sido levada a efeito, no dia 5 deste mês, a pascôa coletiva dos alunos.

À noite, ainda funcionam no "Isabel Gondim", um curso de alfabetização de adultos e três cursos do S E N A C, tornando-se assim, bem interessante o ensino naquele bairro operario.

SOCIAIS

Aniversários do mês de maio

1^o — Adelia de Castro Miranda, Professora do Grupo Escolar « Pedro Velho » — Pedro Velho.

2 — Maria Mafalda Rocha, Professora de Alagoinha — Mossoró.

3 — Maria Alexandrino Sampaio, Professora do Grupo Escolar « Isabêl Gondim » — Natal.

4 — Celina Torres Navarro, Professora do Grupo Escolar « João Tiburcio » — Natal

— Nair Trindade de Moraes, Professora das Escolas Reunidas de Barcelona — S. Tomé.

5 — Lairde de Souza Silveira, Professora das Escolas Reunidas de Barcelona — S. Tomé.

6 — Olivia Pereira Rodrigues, Professora do Grupo Escolar « Senador Guerra » — Caicó.

7 — Maria Dirce Miranda, Professora das escolas reunidas de Lagoa de Montanhas — Pedro Velho.

11 — Maria Domitila Beserra, Professora do Grupo Escolar « Augusto Severo » — Natal.

12 — Raimundo Guerra, Professor e Diretor do Grupo Escolar « Barão do Rio Branco » — Parelhas.

13 — Ana Iracema Freire, Professora do Grupo Escolar « Isabel Gondim » — Natal.

14 — Enedina Eduarda do Nascimento, Professora do Grupo Escolar « Pedro Velho » — Pedro Velho.

16 — Maria Antonia Pinheiro, Professora no município de Currais Novos.

19 — Acrisio de Menezes Freire, Diretor do Grupo Escolar « Isabel Gondim » — Natal.

20 — Djanira Bezerra Freire, Professora da Escola Isolada « José Emerenciano » — Natal.

— Professor Severino Bezerra de Mélo, Diretor Geral do Departamento de Educação.

25 — Honorio da Costa Farias, servindo no Departamento da Fazenda.

26 — Maria Madalena de Lima, Professora do Grupo Escolar «Frei Miguelinho» — Natal.

27 — Maria do Socorro Fernandes, Professora da Escola Isolada de Baixa Verde — Luiz Gomes.

28 — Germana Altina da Silva, Professora de Tororomba — Papari.

— Maria do Carmo Navarro, Professora aposentada da Escola Industrial — Natal.

— Rosilda Bessa de Magalhães, Professora do Grupo Escolar «João Bernardino» — Alexandria.

Notas & Observações...

Todos os professores de Escolas Isoladas e Reunidas, devem reservar uma hora dos seus trabalhos diários, para o ensino de alfabetização de adultos, enviando ao Departamento de Educação, mensalmente, o resultado do seu trabalho.

Os professores de Escola Isoladas devem, sempre, comparecer, aos Grupos Escolares, para o estágio regulamentar.

Tudo deve fazer o professor, para conquistar a estima e o respeito dos habitantes do lugar onde ensina.

O Professor não deve perder oportunidade, para falar aos seus alunos, contra o perigo do comunismo.

Nenhum professor deve ignorar certos aspectos históricos e geográficos do município:

a) Quais os primeiros povoadores do lugar onde funciona a escola e os do município:

b) A população do lugar onde funciona a Escola e a do município.

c) A superfície do lugar da Escola e a do município.

d) Os limites do lugar da Escola e os do município.

Trabalhar pela extinção do analfabetismo, no meio onde exerce a sua missão, deve ser a preocupação maior dos professores primários do Brasil.

NECROLÓGIO

Professora Maria Marcelino Sampaio Santos

Faleceu, nesta capital, no dia 19 de maio ultimo, a professora Maria Marcelina Sampaio Santos, um dos destacados elementos do magistério potiguar.

Cêdo foi roubada ao convívio afetuoso da família e à classe do professorado primário do Rio Grande do Norte, que nestas linhas, lamenta o seu infausto desaparecimento.

Sua vida foi um exemplo de retidão. O lar e a escola constituíram o campo do seu trabalho honesto e produtivo.

Marcelina Sampaio teve uma existência formada por um encadeamento de atos afirmativos da bondade do seu espírito e generosidade do seu coração.

Da sua modesta cátedra de professora primária, soube impor-se pelos seus dotes de inteligência e pelo dever cumprido, projetando sobre milhares de educandos, do Oeste longínquo do Estado à sua Capital, ensinamentos fecundos, demonstrados sob a cristalinidade de uma moral robusta.

Compreendia, perfeitamente, a nobreza da missão que fôra imposta pela sociedade, por isso, orgulhava-se de si mesma com a alegria peculiar do seu espírito, lutava e vencía, acreditando sempre na felicidade crescente de seus discípulos, instruindo-os e educando-os, ternamente.

Diplomada pela Escola Normal de Natal, aos 25 de Janeiro de 1924, foi por ato de 28 do mesmo mês, nomeada para reger, efetivamente, a Escola Isolada Masculina « Padre Cosme », na vila de S. Miguel de Pau dos Ferros, assumindo o exercício a 8 de fevereiro. Em janeiro de 1925, a pedido, foi removida para a Escola Isolada Masculina « Meira e Sá », em Santana do Matos, onde assumiu em 2 de fevereiro daquele ano.

Em 2 de Agosto de 1926, foi removida, a pedido, para a Escola Isolada Masculina de Pedro Velho, e por ato de 21 de janeiro de 1928 foi aproveitada na cadeira infantil mixta, do Grupo Escolar da mesma vila. Por ato de 25 de janeiro de 1929, foi promovida por concurso, para a cadeira infantil mixto

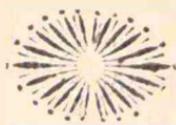
do Grupo Escolar « Antonio de Azevedo » em Jardim do Seridó. Em 11 de julho de 1941, foi promovida à 1ª classe e a 3 de Março de 1944, o Governo do Estado, a pedido, removeu-a para o Grupo Escolar « João Tiburcio », desta capital e ainda a seu pedido, foi removida, a 27 de Dezembro de 1945 para o Grupo Escolar « Isabel Gondim », no bairro das Rocas em Natal.

A Professora Maria Marcelina Sampaio dos Santos era filha do Sr. Manoel Alexandre Leite, sendo natural de Campina Grande, Estado da Paraíba. Eram seus pais adotivos o sr. Francisco Silvestre Sampaio e D. Maria Sampaio. Consorciou-se com o sr. Paulino dos Santos, não deixando filhos do seu matrimônio.

Seu sepultamento verificou-se no mesmo dia de sua morte, tendo grande numero de pessoas comparecido a esse ato, entre os quais o representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, do Sr. Diretor do Departamento de Educação, representações de todas as escolas públicas da Capital e muitos dos seus colegas.

Ao baixar o corpo ao túmulo, fizeram sentidas orações o professor Luis Soares em nome da Associação de Professores e o professor Acrisio Freire pelo Grupo Escolar « Isabel Gondim », de cujo corpo docente fazia parte. Sobre o féretro viam-se numerosas corôas mortuárias, destacando-se a do Departamento de Educação, da Associação de Professores e a do Grupo Escolar « Isabel Gondim ».

PEDAGOGIUM, em nome da Associação de Professores, presta sua homenagem a quem, tão corretamente, soube cumprir os seus deveres, na árdua e nobre missão que lhe coube desempenhar na transitória passagem pela vida.



LIVRARIA LIMA

O maior empório de livros didáticos e
de artigos de papelaria do Estado.

Venda de cadernos, para grupos Es-
colares e para colégios, em grosso
e a retalho.

Preços especiais, para revendedores
Mantem 4 grandes depósitos no 1. andar do mes-
mo prédio dos rs. 68 a 74

Não teme concorrentes

Preços excepcionais!

Faça uma visita à Livraria e aos seus grandes
depósitos, que só terá a lucrar

Criadora do Bloco Potengy
que é em tudo de excepcio-
nal preferência.

LIVRARIA LIMA

Avenida Tavares de Lira, 70

NATAL — RIBEIRA

LIVRARIA
ISMAEL PEREIRA

Grande estoque de
Livros Didáticos
e artigos de
Papeleria, em geral

Descontos especiais para
revendedores

Rua Dr. Barata, 165

Telegramas — ISPESILVA
RIO GRANDE DO NORTE
NATAL

PEDAGOGIUM

ORGÃO OFICIAL DA "ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

(3ª. FASE)

DIRETOR: Luiz Soares de Araújo

REDATOR-SECRETÁRIO: F. Rodrigues Alves

COLABORADORES:

Raimundo Nonato,
Mário Cavalcanti,
Roque José da Silva,

Acrísio Freire,
Antônio E. da Silva,
Raimundo Soares

SUMÁRIO

I — Novos Rumos	REDAÇÃO
II — Acta Diurna.....	CÂMARA CASCUDO
III — Retalhos filológicos	ARISTARCO
IV — Educação Física	ROQUE JOSÉ DA SILVA
V — A Imprensa e o "Pedagogium"	
VI — Quem devia estar no seu lugar, era eu !	WALDEMAR ALMEIDA
VII — Figuras do magistério primário.....	R. NONATO
VIII — Nem Cabral, nem Almirante.....	CLEMENTINO CÂMARA
IX — A Escola Industrial de Natal	RIVALDO INHEIRO
X — A cegueira noturna	R. NUNES
XI — Notas de um Professor Primário	SÊNNOVA
XII — Uma Grande Campanha	ACRÍSIO FREIRE
XIII — Página Íntima.....	ANTÔNIO E. DA SILVA
XIV — Sete de Setembro	OSVÁRIO RODRIGUES
XV — O grande mal do Brasil.....	MÁRIO CAVALCANTI
XVI — Aspectos (praias)	JOAQUIM M. NORONHA
XVII — Municípios da Zona Oeste	J. JACINTO
XVIII — O "Sonhador"	AUREA CÂMARA
XIX — A "Pedagogium", minha anudação	ASSIS SILVA
XX — A disciplina na Escola Moderna	LUIZ PAULO
XXI — Centenário de Rodrigues Alves	REDAÇÃO
XXII — Cinema Educativo	RAIMUNDO SOARES
XXIII — Um pedacinho de convênio	ISABEL BESSA
XXIV — Sociais	
XXV — Palavras aos Professores	SEVERINO BEZERRA

PAR e, ao seu goAL

is proficuos pz

Tip. GALHARÁRIO da Capit 161 — Natal

“ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES”

Presidente: *Prof. Luiz C. Soares de Araújo*

Vice-presidente: *Prof. Francisco Ivo Cavalcanti*

1.º Secretário: *Prof. Mário Cavalcanti*

2.º « *Prof. Raulina Ataíde*

Orador: *Prof. Clementino Câmara*

Vice-orador: *Prof. Francisco Rodrigues Alves*

Tesoureiro: *Prof. Acrísio Freire*

Vice-orador: *Prof.ª Rita Sampaio*

Bibliotecário: *Prof. Raimundo Soares de Andrade*

Adj. de bibliotecário: *Prof.ª Séfora Ramos Santiago*

Comissão fiscal:

Professores *Francisco Soares, Maria Belém Câmara*
e Maria Lídia Dias.

PEDAGOGIUM

ÓRGÃO OFICIAL DA « ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES »

DIRETOR

Luiz C. Soares de Araújo

REDATÓR-SECRETÁRIO

F. Rodrigues Alves

NOVOS RUMOS DO CURSO DE PROFESSORES

O ensino normal no Rio Grande do Norte, na sua atual estrutura, orienta-se por novos moldes, que tenderão a torná-lo mais eficiente, mais útil aos que se vão dedicar ao magistério.

E outro não foi o intento do decreto-lei n. 684, de 11 de fevereiro de 1947, do Interventor General Orestes Lima, quando atendendo às sugestões do Diretor da Educação, professor Severino Bezerra, adaptou a Lei Orgânica do Ensino Normal ao Estado, passando, então, nossas Escolas Normais, do seu âmbito regional, para um plano de ensino de extensão nacional.

De fato, a Legislação ora em vigor, muito mais ajustada às exigências de ordem pedagógica que orientam o curso, estabeleceu um currículo mais longo, além de apresentar uma seriação de disciplinas, cujos conhecimentos são indispensáveis à formação de técnicos de ensino.

Por outro lado, a unidade do ensino normal, agora definida em lei, vem determinar, no país, uma situação de segurança e de paridade aos portadores do diploma de professor normalista.

A Escola Normal de Natal foi, por muitos anos, o único estabelecimento de formação de professores, no Rio Grande do Norte.

Alberto Maranhão, o homem público cujos planos rasgaram fronteiras para o futuro do Rio Grande do Norte, teve ali realizado o grande, e belo empreendimento que tanto mérito lhe viria dar ao nome e, ao seu governo progressista.

Um trabalho dos mais proficuos para a educação dos moços, anos a-fio, o educandário da Capital diplomou turmas de

professores primários, elementos de valor indiscutível que ingressaram no magistério, onde ainda hoje, muitos se encontram ao serviço do ensino, com a dedicação e o desprendimento e abnegação dos verdadeiros educadores.

Também destas primeiras turmas, não foram poucos os nomes que, embora afastados das escolas, se afirmaram entre as expressões intelectuais mais representativas do Estado, pelo seu trabalho, pelo seu valor.

Mais tarde, em 1922, o governo Antonio de Souza, criando a Escola Normal Primária de Mossoró, deu nova extensão às bases desse grau do ensino, no Rio Grande do Norte.

Dêste modo, as escolas de formação de professores do Estado deixaram do seu passado, o roteiro de um largo movimento cultural, do qual elas retratam, ainda hoje, um sentido real, inquivoco e brilhante.

O Decreto 684 surgiu, pois, como uma oportunidade de readaptação de métodos e princípios de ensino, às exigências do momento, refletindo o influxo da renovação que se processa na mentalidade, face ao desenvolvimento dos problemas da escola moderna, "onde toda a Pedagogia tende agora para fazer sentir e compreender a atividade social, o poder social, o interesse social".

B N O N N

ACTA DIURNA

LEI N. 145, DE 6 DE AGOSTO DE 1930

LUIS DA CAMARA CASCUDO

Nenhum deputado ou senador federal lembrou de propor a impressão de livros julgados dignos dos favores da lei, mediante exame e juízo de uma comissão de técnicos escolhidos com as luzes do divino Espírito Santo. Há 48 anos passados, Alberto Maranhão estabelecia para o pequeno e pobre Rio Grande do Norte a honra dessa prioridade excepcional.

O projeto foi apresentado no Congresso Legislativo, chamava-se assim a Assembléa Legislativa de então, a 31 de Julho pelos deputados dr. Luis de Oliveira e João Pegado Cortez.

Julgado digno de apreciação, teve sua primeira discussão na sessão de 1º de Agosto, a segunda no dia imediato. Na terceira houve uma novidade inesperada, o deputado Francisco

SOCRATES desejava que seus discipulos tives-
 ::::::::::: sem três coisas: :::::::::::::::
 prudência no animo, vergonha no rosto, silên-
 cio na língua.=====

Fausto, de Areia Branca, cronista, pesquisador de Historia, um espirito interessante, votou contra..

Apresentada e aprovada a redação final, subiu á sanção, com a assinatura da meza:—Presidente João Dionizio Filgueira, 1º Secretario Joaquim José Correia, 2º Secretario Olimpio Tavares.

Três dias depois, o governador Alberto Maranhão escreveu seu nome, tornando-o lei, a lei numero 145.

E' assim redigida:

“Artigo Unico — E' o Governo autorisado a premiar os livros de ciência ou literatura produzidos por filhos domiciliados do Rio Grande do Norte, ou naturais de outros Estados quando neste tenham fixa e definitiva a sua residencia.

§ 1º — Este premio deverá consistir na publicação, a custa do Tesouro, daqueles dos referidos livros que, mediante parecer escrito de comissão composta do Diretor da Instrução Publica e dois homens de letras designados pelo Governador, forem considerados dignos desse favor oficial.

§ 2º — A exigencia de naturalidade e domicilio será dispensada quando o livro versar sobre assunto que diretamente entenda com a historia e o progressivo desenvolvimento do Estado”.

Palacio do Governo, 6 de Agosto de 1900, ALBERTO MARANHÃO, Henrique Castriciano de Sousa.

Nesse 6 de Agosto de 1900 o governador Alberto Maranhão assinou a lei numero 145, unica no Estado, e ainda unica em toda legislação estadual, municipal, federal brasileira. Ninguem imitou o ato e a citação causa surpresa. E maior surpresa é dizer que é uma lei do ultimo ano do seculo XIX...

Nesse tempo o Estado tinha um orçamento onde a Receita ia, difficilmente, a mil contos anuais. Para o exercicio de 1900-1901 era de 1.059.000\$000! Quarenta e muitas vezes inferior á receita atual.

A primeira publicação beneficiada com a lei 145 foi uma

conferência de Meira e Sá sobre o jurisconsulto Teixeira de Freitas.

A repercursão foi geral. A imprensa comentou assombrada a lei extra-ha e valorizadora do que continua sem valorização.

FALEX, um cronista do «Comercio de Pernambuco», na secção de "Bill ete Postaes", muito lida, comentou: — "Dizem que nenhum país mais que o Brasil predomina a lei da imitação. Pois bem, o Rio Grande do Norte vem de exhibir um exemplo patriótico. Oxalá que outros o imitassem. Estamos quasi, porem, afirmando que ele ficará só, brutalmente só!"

A lei continua unica...

Retalhos filológicos

"...o amor á fala materna é uma das mais sublimes formas do amor á Pátria".

Quer e quere

Quer, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer, e a forma usada por todos os que falam português, no Brasil. Quere, do latim *quoerit*, porém, é a maneira de expressão dos que falam português, em Portugal, muito aproximada, aliás, do *quiere* dos espanhóis... Entre nós, ela apparece, apenas, na combinação com os pronomes accusativos o, a, os, as: quere-o, quere-a, quere-os, quere-as e nos compostos. O respeitavel João Ribeiro tentou, certa vez, trazer, para os brasileiros, como um presente de grego, o curioso quere dos lusos!... O Mestre, todavia, edificou nos ares, suas amaveis pretenções. Mário Barreto, em quem Rui Barbosa via o maior dos filólogos nacionais, fêz, também, por sua vèz, tentativa semelhante, naturalmente influenciado pelas grandes leituras que tinha dos livros de Gonçalves Viana, de quem se tornou, aqui um discípulo ardoroso, decidido e leal. Essa influência poderia ser, facilmente, verificada, nos seus livros, com especialidade os *Novísimos Estudos da Língua Portuguêsa* e o *Através do Dicionário e da Gramática*, aliás repositórios incomparáveis de lições vernáculas, onde os eruditos, para usar uma expressão de Estêvão Cruz, muito ainda, têm o que aprender. E não foi ontro o motivo que levou o escritor e filólogo Mário Bouchar

det, a chamar-lhe lusófilo de *borla e capelo!*... O certo é que o que quer, plantinha lusa, não medrou, *Deo gratias*, no terreno dos nossos sentimentos linguísticos, fecundo, demais, a tôdas as inovações justas, lógicas, naturais e humanas, e fortemente estéril a tudo o que se nos apresenta com feições exóticas. E é melhor assim, porque, do contrário, estaríamos a dizer *quere, preguntar e prúsódia*, ao lado de *otras cositas más*...

Caligrafia

Quanto ao emprêgo desta palavra, é interessante observar o que diz o professor português Alexandre de Carvalho Costa, nas suas *Reflexões Etimológicas*, vol. I, p. 70: "É vulgarissimo ouvir dizer-se que fulano ou sicrano tem uma bonita ou bela caligrafia e poucos farão reparo nessa forma de dizer. Pode mesmo afirmar-se que é uma frase, melhor, expressão consagrada. Caligrafia, etimologicamente, quer já dizer — bonita grafia. bonita escrita, porque vem do grego *kalós* — belo e *graphô* — eu escrevo, com o sufixo *ia*, que indica relação. Assim, quando dizemos, bonita caligrafia, é o mesmo que dizer — bonita, bonita caligrafia, devido ao primeiro elemento do vocábulo (*kalós*) já significar bonita. Com o volver dos anos, perdeu-se a noção do significado do primeiro elemento da palavra, dizendo tôda a gente, sem o menor escrúpulo — bonita ou feia caligrafia". O uso, de fato, tem consagrado a forma redundante ou pleonástica das expressões boa caligrafia, bela caligrafia e, até até ótima caligrafia!... E tentar qualquer esforço, em sentido contrário, é querer encher o tonel das *Danaides*...

Acúrsio e não Acúrcio

Acursius, e não *Acurcius*, é a forma latina do nome. E a forma portuguesa é, normalmente, *Acúrsio*, com o mesmo s de origem, que se vê, no italiano *Accorso* e no francês *Accurse*. O erudito Desembargador Augusto Galvão, digno Professor de Direito Romano, na Faculdade de Direito de Alagoas, informa, *ex-cathedra*, que o célebre Jurisconsulto, do século XIII, escrevia seu nome, na forma latina: *Acursius*. Já no *Curso de Direito Romano*, do Prof. Matos Peixoto, a páginas 161, 162, 163, 164, 165, lê-se *Acúrsio*, o mesmo se verificando, no *Vocabulário Ortográfico e Remissivo*, de Gonçalves Viana. Entretanto, o Prof. Pedro Santa Helena, quebrando o preceito etimológico, registra *Acúrcio*, no seu *Pequeno Dicionário de Nomes de Pessoas*. O Prof. Santa Helena, naturalmente, louvou-se, na prática errônea da forma *Acúrcio*, nascida, como

observa Rebelo Gonçalves, citando Leite de Vasconcelos, da falsa analogia com o nome Cúrcio. O engano poderá, ainda, ser desfeito, muito bem, desde que qualquer esforço de consciência e de boa vontade concorra, para tal fim, restabelecendo o critério indiscutível da verdade científica e desprezando o da "verdade" empírica, que é sempre precário... Acúrcio, e não Acúrcio, portanto, é o que se deve escrever. Que dirá o Deputado Acúrcio Tôrres?...

Parequema

O nome é paroxítono e não proparoxítono, como pensam muitos. Consiste, no emprêgo de palavras, de maneira que uma sílaba, de som semelhante, fique ao lado da outra. O parequema, tal como o cacófato, é um defeito de linguagem, que o bom estilo repele, cumprindo, assim, ser evitado, sempre que possível, pelos amantes das normas intemeratas de escrever, normas que não devem ficar, segundo entendemos, aquém dos conselhos de Albalat, nem tão pouco, alcançar os exageros de Flaubert, que se preocupava, tanto, com a forma, a ponto de sofrer, sendo cognominado o *Cristo da literatura!*... O certo, porém, é que a um ouvido educado, jamais foi agradável a concorrência de sílabas, ás vêzes, até formando sentido pouco recomendavel... Em Santo Tomaz, por exemplo, há um parequema que a dição correspondente São Tomaz evitaria, á maravilha. Quem não percebe o tu-tu, no respeitavel nome do *anjo da Escola?* É do Prof. Sá Nunes, filólogo e estilista eminente, esta lição apreciavel, ministrada, na *Lingua Vernácula*, 3ª série, ps. 57 e 58: "Convém lembrar aos estudantes que hoje podemos empregar a preposição em, antes de artigo o, a, os, as, sobretudo para evitar o defeito de estilo denominado parequema, que consiste em começar uma palavra por sílaba idêntica ou semelhante á com que acaba o vocábulo anterior, produzindo mal soído ou som desagradável, como "linda dama", "ultimo momento", "como moderno" "no norte", "na nau", "na noite", "no nosso", "na natureza", "na novela", "no novo", "no numero", etc.

Bem sei que muitos poetas e prosadores não escrupuleiam de empregar tais parequemas ou tautofonias, mas cumpre ao mestre acautelar seus discípulos contra todo e qualquer vício de linguagem ou de estilo, ensinando-lhes sempre a maneira de o fugirem e pondo-lhes diante dos olhos as formas corretas, que são estas em lugar daquelas: "Sôbre ela estava assentada uma formosa dama" (Herculano: *Lendas e Narrativas*, 12ª ed., II, 8). "Deu-lhes uma cama onde o último instante da vida lhes fôsse o primeiro de bem estar" (Camilo:

O que Fazem Mulheres, 1858, p. 49). "Não é autorizada pelo uso geral dos bons escritores assim antigos que modernos", (Mário Barreto: De Gramática e de Linguagem, I, 46). "Com igual significação existe o verbo infirmar-se, muito corrente em o Norte de Portugal" (Jorge Guimarães Daupias: Revista de Filologia Portuguesa, nº. 18, 130). "O doutor fr. Francisco Xavier embarcou em a nau Nossa Senhora da Conceição" (Camilo: A Caveira da Mártir, I, 88). "Em a noite de 19 de setembro de 1757". (Idem: História de Gabriel Malagrida, p. 155). "A louça de Estremoz é antiquíssima em o nosso país" (Herculano: Lendas e Narrativas, 12ª ed., I, 289). "Ao pintor naturalista se deparam em a natureza ao lado dos retábulos sublimes os quadrozinhos da vida individual". (Latino Coelho: Arte e Natureza, 1023, p. 153). No teatro assim como em a novela, o escritor se distingue pela riqueza do imaginar" (Liberato Bittencourt: Duas Dezenas de Imortais, 1934, I, 152). "A cidade foi crescendo, naturalmente, como é comum em o Novo Mundo" (Antenor Nascentes: Num País Fabuloso, 1934, p. 48). "Alguns dicionaristas, por leviandade ou irreflexão, têm incluído a locução em o número das locuções portuguesas" (Cândido de Figueiredo: Lições Práticas da Língua Portuguesa, 7ª ed., I, 29). Nestas lições, enfim, parece estarem ajustadas as palavras de Rui: "a limpidez da linguagem é o verniz que preserva de corromperem-se as criações da pena".

Majestade, lojista, logista

E' muito comum a grafia de magestade e logista, em vez de majestade e lojista. Nos próprios *Lusíadas*, lê-se magestade do comêço ao fim. E' estranho, assim, que o imortal cantor do Gama se haja desviado da razão etimológica do nome, utilizando-se de uma forma gráfica, em perfeito contraste com o latim *majestatem*, a menos que, no seu tempo, essa razão etimológica não representasse um *valor mais alto!*... Quanto á lojista, com j, forma normal, porque derivada de loja, muitos são os que escrevem, violando o senso linguístico, logista!... Figueiredo fala de um «*critério antigo*», que justificava tais coisas... Se, de fato, existiu êsse «*critério antigo*», nada mais arbitrário, como não menos arbitrário é aquêle que mandou, sistematicamente, "substituir, por j, o g que tivesse o som de j". E pesa-nos dizer que Gonçalves Viana, em Portugal, e João Ribeiro, no Brasil, foram os principais fatores dessas inovações absurdas, que o espírito popular repeliu, por incompatíveis com os seus sentimentos, tendo êles se penitenciado, depois, repetindo cada um, no íntimo, naturalmente, o *Pecavi, de Davi*...

Daí, a curiosa grafia (ainda hoje seguida por muitos...) de carruagem, viagem, laranjeiras, pájina, rejistro, orijinal, filologia e outras quejandas excentricidades! No que respeita a lojista, com g, convem saber que êle, em verdade, existe, mas com o sentido de professor de Lógica, sendo lojista, com j, o homem da loja, coisas algo diferentes...

ARISTARCO

Educação Física

II

Felizmente, porém, entrámos, agora, num período de reerguimento eugênico.

Ambrósio Manuel Tórres

Tem razão o mestre, quando no entusiasmo próprio de bem servir á Pátria, revela-se feliz por sentir em reerguimento o problema da Eugenia,— a base da formação de uma raça inteligente, de um povo sadio.

Hoje, em tôda a Nação culta, espalhados por todo território, há professores especializados a quem o Governo vai procurando dar todo apoio possível, no sentido de bem servir ás gerações futuras e atenuar os vícios da geração presente.

No Brasil, do Rio Grande do Sul ao território do Acre, o problema vem sendo cuidado com todo o carinho que, no momento, é possível: Escolas estabelecimentos de proteção á Infância, Parques Infantís Praças de Esportes, onde a Educação Física é o principio fundamental da formação eugênica, vêem-se em pleno desenvolvimento. E tanto isto é certo que, hoje, qualquer um de nós, enquadrado nos por cento (0%) de analfabetos ou ignorantes, diz ao companheiro de lado, com sorriso irônico, diante de uma turma cujo professor haja dado, o que acontece muito, exercício de correr ou saltar em corda, por não haver preparado, em casa, a lição, vítima da própria ideia de supor-se infalível:

“Não sei por que, para ensinar pular na corda, um professor de Educação Física?!...”

O mais interessante é que o nosso herói desconhece o que o professor não ignora ser um descuido bem digno de palmatória, começar uma lição de Educação Física por qualquer desses exercícios!... Porém, estou certo de que se os resultados se fossem refletir no autor de tal descuido, o êrro seria facilmente corrigido. Tal cousa, entretanto, em Estados

como o nosso, não aconteceu ainda; erra-se, fecha-se os olhos a) éro, e as consequências, quantas vezes, fazem dos nossos suas vítimas escolhidas!

A nossa percentagem de defeituosos, sobre ser das maiores, é das mais vergonhosas.

Que os médicos e professores especializados, não fechemos os olhos á displicência de colegas menos cuidadosos, assim como acontece noutros Estados, e, de futuro, já não seremos uma sociedade de anômalos e fracos.

Evitemos, nos colégios e onde quer que uma fiscalização possa ser feita, os desportos para o *ciclo elementar*; os exercícios de fôrça e de grande fôlego, as quedas em profundidade, para o sexo femenino; os exercícios concordes á anomalia de um educando; o atletismo, para os de mais de trinta e cinco anos de idade, observando que é preciso cumprir, rigorosamente, o método científico de Educação Física, em cada ciclo e em cada gráu correspondente.

ROQUE JOSÉ DA SILVA

OS HOMENS FUTUROS

A educação moderna dada pelos sábios improvisados e amantes de novidades sociais, tende a formar das crianças meros aleijões enfatuados e descrentes. Os discípulos ao deixarem os bancos escolares, já sabichões, mostram os maus hábitos adquiridos na convivência da promiscuidade de uma infância em abandono por pais e mestres... Os pais confiaram nos mestres-escolas, e os professores esperavam receber dos pais alunos melhores.

Os maus hábitos aprendidos na infância repercutem na vida do homem. Os alunos perderam completamente o coração no amor e respeito aos pais; amor que esses mesmos progenitores nunca tiveram aos filhos! Os discípulos também não possuem um vislumbre de respeito e dedicação aos seus mestres! dedicação e carinho que os professores não conheciam na prática do magistério. A infância em abandono viverá uma vida infeliz nos dias de amanhã.

Esses alunos ficaram com um enorme vácuo na inteligência; vácuo esse que irão tentar encher com mil conhecimentos aligeirados e mal firmes na rapidez de um programa didático apavorante para as mentes infantis. E assim, a criança cresce sem ter começado...

Poderá a presente geração estar preparada para formar a geração futura?

PADRE PALMA

A imprensa e o reaparecimento de "PEDAGOGIUM"

"PEDAGOGIUM"

Sob a direção do professor Luiz Soares, acaba de circular na sua terceira fase, mais um número de "Pedagogium", órgão oficial da Associação de Professores desta capital.

A revista é secretariada pelo prof. F. Rodrigues Alves, tendo como colaboradores os profs. Raimundo Nonato, Acrísio Freire, Mário Cavalcanti, Roque José da Silva, Raimundo Soares e Antonio E. da Silva.

Na resenha dos trabalhos enfeitados destacam-se colaborações dos profs. Severino Bezerra, Valdemar de Almeida, Rivaldo Pinheiro, R. Nonato, Osvaldo Rodrigues, A. Freire, Antonio E. da Silva, J. Jacinto, Raimundo Soares, Luis Paulo e Roque J. da Silva, além de farto noticiário social.

Refletindo o pensamento de um núcleo de educadores verdadeiramente dedicados às atividades literárias, "Pedagogium", reencetando as suas proveitosas atividades, vem prestar relevantes serviços à causa do ensino em nosso Estado.

Somos gratos a sua redação pelo numero que nos foi enviado.

(De "A Republica", de 27-7-48)

"PEDAGOGIUM"

Recebemos, com satisfação, o primeiro numero de "Pedagogium" que reiniciou as suas atividades nos meios culturais do Estado.

Sob a direção do prof. Luis Soares, tendo como redator-secretario o prof. F. Rodrigues Alves e dispondo de um corpo de colaboradores composto de intelectuais como os professores Raimundo Nonato da Silva, Acrísio Freire, Mário Cavalcante e outros, "Pedagogium" está credenciada a alcançar o maior êxito na sublime tarefa a que se propõe...

Traz, ainda, o órgão oficial da "Associação de Professores", nesta 3ª fase,

farta colaboração, uma parte oficial e uma saudação afetuosa do prof. Severino Bezerra, ilustre Diretor do Departamento de Educação do Estado, a todos os professores do Rio G. do Norte.

Aos que fazem "Pedagogium", as nossas felicitações pelo reaparecimento da interessante revista dos professores.

(De "O Jornal do Oeste", 31-7-48)

"PEDAGOGIUM"

A Associação de Professores tomou a louvavel iniciativa de fazer novamente circular a sua antiga revista, intitulada "Pedagogium".

Entra ela, assim, na sua terceira fase tendo como diretor o professor Luis Soares de Araujo, redator-secretario F. Rodrigues Alves e um escolhido corpo de colaboradores.

Somos gratos pelo numero que nos foi oferecido.

(De "A Ordem", 27-7-48)

"PEDAGOGIUM"

Está em circulação o numero 1 do Ano XXVII de "Pedagogium", órgão oficial da "Associação de Professores do Rio Grande do Norte".

Tendo como diretor e secretario, respectivamente, os professores Luis Soares e F. Rodrigues Alves e contando com um seletto corpo de colaboradores a publicação referida traz um sumario escolhido que diz muito bem do valor intelectual dos que nela colaboram.

(De "Jornal de Natal", 31-7-48)

Circulou "Pedagogium" em sua terceira fase

Circulou hoje, em sua 3ª fase, a revista "Pedagogium", órgão oficial

“Associação de Professores”, e atualmente obedecendo á direção do prof. Luis Soares de Araujo, tendo como redator-secretario o prof. Francisco Rodrigues Alves e como colaboradores os professores Raimundo Nonato, Mario Cavalcant, Roque José da Silva, Acrisio Freire, Antonio E. da Silva e Raimundo Soares.

Em sua nova fase, “Pedagogium” apresenta excelente formato, e os artigos e comentarios que incluye neste primeiro numero, todos abordando sugestivas questões ligadas á educação e ao ensino, são assinados por elementos de relevo do nosso magistério.

Eis, em realidade, uma revista que honra a sua classe, organizada com capicho e num elevado espirito intelectual.

(De “Diario de Natal”, de 22-7-48)

«PEDAGOGIUM»

«PEDAGOGIUM» é o nome de uma excelente revista norte riograndense, órgão oficial da «Associação de Professores», aparecendo agora em sua terceira fase, sob a direção do prof. Luiz Soares de Araujo e secretariada pelo prof. F. Rodrigues Alves.

Os professores que se dedicam ao ensino primário em nossa terra estão assim dando uma magnífica lição de inteligência e tenacidade a todos nós através da manutenção dessa util revista, que apresenta uma feição gráfica elegante e decente.

«Pedagogium» não é, como parece, uma revista inteiramente nova. Fundada há 27 anos passados, possui já uma tradição de trabalhos e esforços conjugados na nobre missão do ensino primário em nosso Estado, tradição que está sendo manti-

da com muito brilho e superior elevação de vistas.

Leio neste número, colaborações do prof. Severino Bezerra de Melo, diretor do Departamento de Educação do Estado, Antonio E. da Silva, Acrisio Freire, Francisco Rodrigues Alves, Osvaldo Rodrigues, Raimundo Nonato, J. Jacinto, Rivaldo Pinheiro, Raimundo Soares, Maestro Valdemar de Almeida, Luiz Paulo e Roque José da Silva, todos nomes conhecidos do magistério do Rio Grande do Norte.

Além da parte propriamente literária e instrutiva. «Pedagogium» divulga também toda a legislação recente que diz respeito ao ensino primário no Estado, facilitando a consulta de leis e portarias pelos professores do interior do Rio Grande do Norte.

Na sua bela saudação aos professores primários de nossa terra, o prof. Severino Bezerra sintetizou magistralmente o roteiro e os objetivos dessa revista, quando escreveu: «Que «Pedagogium» unindo em pensamento, o magistério de nossa terra e conclamando-o ao cumprimento do dever, chegue a todos os recantos do Estado, às grandes e às pequeninas fazendas, às praias e aos sitios, onde exista uma escola, um professor e um punhado de alunos, trabalhando pela grandeza da Patria!»

Verissimo de Melo

(De “A Republica”, de 30-7-48)

O Dr. Adauto da Camara, Diretor do Colégio Metropolitano, do Rio de Janeiro, escreveu-nos a seguinte carta a respeito do reaparecimento de PEDAGOGIUM :

Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1948

Caro professor Rodrigues Alves

NATAL

Foi com viva satisfação que recebi o nr. 1 do *Pedagogium* (3.^a fase). Seu reaparecimento estava tardando. Faço os mais cordiais votos para que, desta vez, seja definitivamente vitorioso o seu impulso ascensional. Nele saúdo um velho órgão de cultura, de cuja redação fiz parte, aí por 1924. Não é sem emoção que recordo esta circunstância, para mim tão grata. Habituei-me à sua leitura, durante o tempo feliz em que residi em nossa terra, quando pertenci ao seu magistério e à Associação de Professores, que tive a honra de representar junto à A. B. E.

Através de suas páginas estarei em comunicação com os distintos colegas do Rio Grande do Norte, — os veteranos de meu tempo, e os novos, de 1930 para cá.

Agradeço as gentis palavras com que me enviou o número inicial desta promissora fase. Percorri suas colunas com o interesse e a simpatia de quem retoma um contacto amigo, interrompido há longo tempo. O convite para figurar entre os

seus colaboradores muito me sensibilizou, e tudo farei para corresponder à sua bondade, apesar de meu angustiado horário cotidiano. Para começar lembrarei um velho educandário natalense, cuja memória, tão digna de perdurar, se esvai com os seus últimos antigos alunos já octagenários.

Peço transmita os meus efusivos cumprimentos ao Luis Soares e aos companheiros de redação.

Atenciosamente, o colega e conterrâneo admirador

Adauto da Camara

“Pedagogium”

Voltou a circular na sua terceira fase *Pedagogium*, órgão oficial da Associação de professores, sob a direção do prof. Luiz Soares de Araujo e redator secretário o prof. F. Rodrigues Alves contando ainda no seu corpo de colaboradores os professores Raimundo Nonato, Acrisio Freire, Mário Cavalcante, Antônio E. da Silva, Roque José da Silva e Raimundo Soares.

Em sua primeira página *Pedagogium* publica uma mensagem de saudação dirigida aos professores pelo prof. Severino Bezerra de Melo, Diretor Geral do Departamento de Educação, trazendo ainda colaboração proveitosa de vários elementos do nosso magistério tornando-se assim uma revista útil e merecedora do acolhimento

de todos aqueles que se interessam pelos assuntos do ensino.

Os professores Raimundo Nonato, F. Rodrigues Alves e Acrísio Freire, muito se salientaram entre os que trabalharam para o reaparecimento de *Pedagogium* que continuará a ser a mensagem de cordialidade e de conhecimentos pedagógicos da Associação dos Professores

aos seus associados que exercem em todos os recantos do Estado a sua grande missão de professor primário.

O « *Jornal da Manhã* » agradecendo o exemplar recebido de *Pedagogium* congratula-se com a Associação de Professores e com o magistério do Estado.

(De "Jornal da Manhã" 22-8-88)

QUEM DEVIA ESTAR NO SEU LUGAR, ERA EU!...

WALDEMAR DE ALMEIDA

Marlene Boaventura tinha vinte anos quando recebeu do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, o diploma de professor primário. O documento foi entregue com o indispensável laço verde e amarelo e um elogio especial atestando distinção em todas as matérias do curso.

A moça era, realmente, muito estudiosa. Conseguiu, facilmente desde o primeiro ano, o primeiro lugar entre todas as colegas. Levava muito a sério o ensinar e o aprender. Não acreditava muito no veneno da inteligência. Tinha fé no sucesso escolar estudando.

As amigas criticavam-lhe o anseio de sabedoria e, além de considerá-la fora da moda, crismaram-lhe de "pé de banca".

Durante o ano letivo, não se via Marlene Boaventura em frequentes passeios, em cinemas, em *Stadüns*, em bailes, em nada. A crente no valôr intelectual ficava em casa agarrada com os livros, construindo um alicerce de conhecimentos tão profundo que os próprios professores se admiravam.

O entusiasmo do corpo docente do Instituto de Educação generalizou-se, quando no exame final de latim, a moça pediu ao regente da cadeira, Padre Vicente Juagaribe, para fazer a prova oral na própria língua de Horácio.

Vendo o seu sonho realizar-se, a dona do diploma, antes mesmo de ser nomeada para o magisterio publico, riscou na imaginação o programa que sugeria na classe que lhe fosse destinada a lecionar.

— Meus alunos serão os meus melhores amigos. Estudarão como eu estudei. Darei o exemplo trabalhando com eles, ensinando-lhes as vantagens do saber. Dar-lhes-ei o exemplo de tenacidade, para vencerem a incerteza do futuro, pelo estudo, pelo preparo, pelo valôr próprio. Mostrar-lhes-ei a feiura da priguça, a vergonha da “cola”, o prejuizo da displicencia, o perigo da incompetencia e o rosário de dificuldades que espera aqueles que gastaram o chão da escola sem nada plantar no terreno do cerebro.

Meus colegas acompanhar-me-ão nessa linda luta. Ajudar-me-ão cantando no mesmo côro da responsabilidade. Juntos, acabaremos com o regime ridículo de só abrir livros nas vésperas de provas.

Em vez de aderir complascentemente à lei do menor esforço, reagiremos, lutaremos ao infinito e o bom exemplo brotará, resurgirá, crescerá.

O Brasil precisa que o seu povo estude.

É necessario! É tão facil!

O aluno tem que ser o reflexo do professor. O mestre faz o discipulo. Se o espelho é ruim, a imagem se reproduz peor ainda.

Tudo isto rolava na cabeça de Marlene Boaventura que, meses depois, nomeada para o grupo L. M. assumira o cargo com entusiasmo e orgulho.

Assídua como os dias e as noites, iniciou com uma desusada alegria, e com uma imensa fé no milagre, o cumprimento da promessa.

Explicava. Ensinava. Exigia. Repetia. Esforçava-se. Nunca ouvia a sineta lembrar o termino dos cincoenta minutos e ficava na classe, procurando, pacientemente, acender algumas lamparinas de pouco óleo intelectual. E quando o fôgo não pegava, convidava ainda os “gênios” a irem a sua casa para novas explicações.

Enquanto assim procedia, Marlene via os outros professores chegarem depois da hora, saírem antes da hora, interromperem a aula, para um café, para uma conversa, para um palpito sobre o jôgo do “Palmeiras” com o “Flamengo”, ou suspenderem a aula pelo simples motivo da morte de um ministro aposentado, primo em segundo grau do patrono do Grupo...

A Professora Boaventura olhava, decepcionada, para os colegas, e prendia, com esforço, as palavras de admoestação que queriam, a todo custo, saltar-lhe da garganta.

Os colegas, no entanto, liam, nos seus olhos, todas as fra-

ses de acerba critica que não lhe atravessavam os labios e sobrisos de escarninho, chamavam-lhe "vassoura nova".

Marlene Boaventura compreendeu, logo, que, no campo dos professores a semente do seu exemplo, jamais brotaria. O terreno estava enxarcado pelo descaso, pela irresponsabilidade, pela atitude deshonesta da maioria que fazia da cátedra o principal motivo para uma ida mensal ao Tesouro Nacional...

Assim, a jovem professora voltou-se, exclusivamente, para o lado dos alunos.

Conseguiu. A meninada obedeceu. A turma estudou. Toda a classe, no fim do ano, estava afiada. Professora e alunos experavam os exames, com impaciencia e vaidade.

Os alunos de Marlene discutiam os pontos de exame pelos corredores e arguindo-se reciprocamente, chamavam a atenção dos professores das outras classes, os quais, facilmente, constataram um aproveitamento cem por cento dos mesmos.

Poucos dias antes dos exames, uma das professoras do Grupo L. M. procurou a Sta. Boaventura, indicada para compor uma das bancas que teria de examinar seus discipulos, para dizer-lhe, sem cerimonia, que contava com complacência da colega, pois os meninos estavam "ruins", nada sabiam, não tinham aproveitado cousa alguma e, ela, regente dessa classe, sofreria grande decepção, caso sua classe fosse reprovada em massa.

— "Farei justiça aos seus alunos. É o que posso prometer. Os que souberem, aprovarei; os que não estiverem em condições, reprovarei.

— Mas, não vim pedir justiça. Espero, sim, que aprove os meus alunos.

— Que exemplo daria eu aos meus próprios discipulos que tanto trabalharam, tanto se esforçaram, tanto estudaram, ao saberem que os preguiçosos, os relapsos, os vadios, sem nenhum esforço, sem estudo, sem nada saberem, têm o mesmo direito de aprovação?

— Exijo que aprove a minha classe, quer ela esteja ou não preparada. A sorte dos seus pequenos "genios", depende da sorte dos meus pequenos vagabundos. Como sabe, vou fazer parte da banca que vai examinar a sua turma.

— "Não me arreceio da sorte dos meus alunos. Confio neles. Eles mesmos impõem uma magnifica aprovação. Não é nenhum favor; é, sim, uma obrigação da banca examinadora.

A Professora Jurema Acioli, irritada, distanciando-se de

Marlene, e em voz alterada, mostrando-lhe a palma da mão direita, com os dedos bem abertos, soltou o verbo aterrador: VEREMOS.

Quando semanas depois, terminados os trabalhos dos exames, Marlene Boaventura leu no « placard » da secretaria da Escola o resultado, não quis acreditar na reprovação dos seus alunos.

O choque foi tremendo. Restava uma confiança no fiscal do ensino. Este mandou-a ao diretor do estabelecimento que, ao ouvi-la falar em banca especial, aconselhou-a a desistir da idéia.

Cada vez mais irritada, mais nervosa, mais decepcionada, reuniu os pais de todos os alunos e fôz-lhes uma demonstração prática do aproveitamento de cada um.

Lembraram-se do Ministro da Educação. Era preciso que êle soubesse do caso. A fé no sucesso do estudo periclitava. Semelhante exemplo matava, no berço, o ânimo pelo preparo intelectual, extinguiu a fé nos sucessos dos estudos.

Marlene que, diariamente, apresentava sinais de um grande cansasso provocado pela procura constante das autoridades no ensino, na sua ordem hierárquica, deixava transparecer uma tristeza cada vez mais acentuada ao ponto de causar apreensões no seio de sua família.

Contudo, juntou fôrças e subiu trêmula, já sem esperanças, até o gabinete do Ministro da Educação.

Restava-lhe, dizia sem ânimo, ouvir a última palavra.

Quando esta última e dura palavra foi pronunciada, ouviu-se um estridente grito de voz feminina ecoar pelo majestoso prédio do Ministerio de Educação.

Os circunstantes assombrados e espavoridos registraram a sentença denunciadora de uma época, que a jovem professora repetiu mil vêzes, antes e depois de enlouquecer:

“ Quem devia estar no seu lugar, era eu ”.

Figuras do magistério primário

II

R. NONATO

Continua, com êste capítulo, a enumeração dos velhos mestres que serviram nas escolas de Mossoró. De cada um, poucas referências, notas, particularidades da família, enfim apontamentos, talvez imprecisos, mas que tentam lembrar os nomes dos que foram os pioneiros do ensino, naqueles tempos distantes.

PROFESSORA MARIA CARLOTA MELQUIADES DE OLIVEIRA CASTRO. Nome muito antigo no ensino. Já era encontrada lecionando, em Mossoró, no ano de 1874. Era professora pública (prov. de 13/3/1783 — not. Um século de Ensino Primário — Dr. Nestor Lima).

Dona Maria Carlota figura como professora de TRIUNFO, (Atual Augusto Severo), em 1873. Consorciada com um indivíduo esquisito, que vivia de caçadas, embrenhado pelas matas das Serras Danta e Mossoró, onde passava semanas, feito um bicho.

LIBERATO JOSÉ DAS MERCÊS. — Homem de côr. Paraibano. Ensinava Português, em aulas para alunos mais adiantados. Ao que se diz, possuía apreciável cabedal de conhecimentos para aquêles tempos. Era dos que ensinavam a ler uma carta e a escrever outra.

Sua escola era boa. Programa: Leitura, tabuada, traslado e palmatória.

Às vezes, saía com os meninos, a mostrar-lhes os arrumamentos, os arredores.

Seria demais que se colocasse êsse Professor Liberato no meio dos precursores da instituição dos passeios escolares?

DR. AVELINO ILDEFONSO DE OLIVEIRA AZEVEDO. — Seridoense — Promotor público que deixou, em Mossoró, a tradição da sua energia, capacidade de decisão e independência. Homem de caráter ilibado. Pesquisador das riquezas da Língua de Camões, o Dr. Ildefonso dava aulas de vernáculo.

PROFESSORA INÁCIA JUVINA DE OLIVEIRA BARAUNA. — Mestra, ao tempo do velho regime. Escola da palmatória, do argumento, de cobrir rascunho. Era casada com José Ferreira Barauna, homem obcecado pelos fuxicos da politica. Nunca faltava nos ajuntamentos dos faladores, e como gostava mesmo da coisa, metia o pau nos adversários. Mas podia fazer. Tinha uns filhos jovens, rapazes desabusados, fortes, que lhe garantiam os atos e... as costas.

PROFESSOR FRANCISCO BERNARDO — Foi da escola das primeiras letras. Era do Upanema. Já em idade avançada, ainda ensinava para ganhar o pão. Os pais dos meninos davam preferencia à sua escola, porque êle era homem de costumes exemplares.

O velho preceptor Bernardo tinha um defeito fisico que lhe afetava a voz: o lábio superior era rachado.

PROFESSORA MARIA EMILIANA DAS MERCÊS ROCHA. — Dona Milú, falecida o ano passado, foi professora e

por muitos anos ensinou, em Mossoró. Senhoras que ao tempo foram suas alunas, ainda hoje relembram suas aulas. A professora Maria das Mercês era pessoa de elevados sentimentos humanos e de ótimo coração. Irmã do Desembargador Manuel André da Rocha, que atingiu às mais elevadas posições na magistratura do Estado do Rio Grande do Sul.

PROFESSOR JOSÉ VENCESLAU EMERENCIANO. — Um dos antigos e conhecidos mestres da velha Mossoró. Durante muitos anos serviu nas escolas de Apodí, onde ainda era encontrado no ano de 1894. O ensino do professor Venceslau apresentava uma particularidade digna de registro. O velho educador não cobrava quase nada pelo seu trabalho. Ensinava de graça também. No lugar todos admiravam a pessoa do abnegado educador.

Veza por outra se divertia um bocado, cantava suas modinhas, saía em serenata, naquelas noites sêcas, bonitas, enluaradas...

DR. PAULO LEITÃO LOUREIRO DE ALBUQUERQUE. — Promotor da Câmara de Mossoró. Espírito dotado de elevados pendores intelectuais. Poeta. Orador fluente, que pronunciou o célebre discurso do dia da abolição. Deixou livros publicados. Foi professor, tendo lecionado Francês, no Colégio « Sete de Setembro », de Antônio Gomes de Arruda Barreto, que foi o primeiro estabelecimento de ensino, instalado no interior do Estado, a preparar turmas, para exames de Humanidades, e serem prestados no velho Ateneu de Natal.

Até 1922, existia, em Mossoró, mantida pela Intendência, uma Escola Noturna, para adultos, com a denominação de « Dr. Paulo de Albuquerque ». Esta escola que funcionou, em prédio da Rua Almeida Castro, vizinho da Fábrica Leite & Irmão, depois andou ao leu, pelos altos da Cadeia e pelas ruas dos Cliveiras e Cel. Gurgel, onde veio a desaparecer.

A história do ensino, em Mossoró, não deve, contudo, esquecer o nome do cidadão benemérito, que muito trabalhou pela sua cultura e pela educação de sua mocidade.

A criança tem uma consciência que deve ser respeitada.

D. João Bosco

A educação é o Evangelho novo a pregar como portador de uma nova era nacional.

Mário Pinto Serva

Nem Cabral, nem Almirante, nem descobridor do Brasil

PODE parecer atrevida, quiçá disparatada a epígrafe destes alinhavos despretenciosos. Mas o que pode-

mos afirmar à luz de pesquisas reais e legítimas, sem a chavão das convenções oficiais, é que já não têm mais éco atualmente o que o estudo apressado senão a ignorancia impinge ao povo à guisa de História.

Investigações sem outro interêsse que o de firmar a verdade histórica tem averiguado e provado que, muita coisa que anda por aí em letra de forma, é pura criação cerebrina, hoje desmoronada, verdadeira mercadoria de refugio, que ninguém quer.

Por certo não será facil eliminar êrros enquistados em carcassas já esgotadas, avessas às indagações, apegadas como a ostra ao mangue, à nonada que a custo lograram aprender. Bacorejarão outros que assim como está escrita a Historia do Brasil fica bem, porque é a "historia oficial", como se governo algum fizesse história. O Govêrno exige-a, porém não na faz. Mesmo porque não haveria maior calamidade do que um "história", feito por um govêrno, qualquer que êle seja.

Ela é e será aquilo que muito bem definiu Cicero: *magistra vitae, vox veritatis*, o que nem sempre é apanágio dos govêrnos.

Ora, como não possuimos a nossa primeira Historia, a de frei Vicente do Salvador, terminada em 1627, não podemos afirmar se êle juntou ao nome do capitão da esquadra, que às nossas plagas aportou a 22 de Abril de 1500, o cognome de "Cabral". E de supôr que não, dado o critério do autor.

O que é fato incontestado hoje é que o suposto "descobridor" do Brasil não era "Cabral". Seu pai era Fernão Cabral, chamado o *gigante da Beira*, e sua mãe, d. Isabel de Gouveia. Por fôrça do instituto jurídico do morgadío, existente em Portugal, só ao filho mais velho era dado usar o cognome paterno; os outros filhos tinham o materno. Ele era o quinto filho, e, portanto, seu nome era Pedro Alvares de Gouveia. O primogênito, sim, era João Fernandes Cabral.

Ainda quando rareassem outros documentos em apoio do que afirmamos, bastaria o seguinte, da *Chancelaria de D. Manuel*, livro 13.º fl. 10, existente no Arquivo da Tôrre do Tombo:

"Dom Manuell etc fazemos saber a vos quapitais fidalgos caualeiros escudeiros meestres e pyllotos marinheiros e companhia e ofiçiais e todas outras pesoaas

que hys e jmviamos na frota e armada que vay pera a Jmdia que nos pela muyta comfiança que Temos de *pedrauarjz de guouuea* fidalgo de nossa Casa...", etc.

Nada falará mais eloquentemente e com maior autoridade do que o que aí fica transcrito. O pretenso "descobridor" do Brasil só substituiu *Gouveia* por *Cabral* após a morte de seu irmão João Fernandes.

O primeiro documento em que encontramos seu nome tal como hoje o fazem, é um ato do mesmo D. Manuel mandando ao recebedor Antônio Gonçalves pagar a *pero alvarez cabral* a tença de trinta mil réis. Traz a data de 20 de janeiro de 1502. Provavelmente João Fernandes Cabral havia morrido.

Destarte fica demonstrado que *Pedr'Álvares de Gouveia* não era *Cabral*, quando se verificou o "descobrimento" do Brasil.

Mas, não é só isso. Ele também não era "almirante".

O almirantado em Portugal foi instituído no tempo de D. Diniz, em 1355, sendo primeiro titular o capitão genovês Manuel Pezagno. Devia êle fazer parte daqueles vinte homens *sabedores do mar*, que o rei contrata. Por uma das condições estipuladas no contrato, o título lhe seria apanágio e transmissível ao herdeiro, contanto que fôsse *barão lydimio e leigo que descenda por linha direita lydimamente nudo*.

Demais, pela leitura da *Carta de capitania moor e poderes que leou quando foy jmviado as Indias per "capitam"* vê-se que a palavra "almirante" não figura. Por aquele documento, traçado a 15 de fevereiro de 1500, êle foi encarregado da *Capitania moor de toda a dita frota*. Assim o entende Pero Vaz Caminho, autor da mais interessante das cartas enviadas do Brasil a D. Manuel, por Gaspar de Lemos, na qual faz menção mais de uma vez ao título de capitão-mor, referindo-se a *Pedr'Álvares*.

É sabido também que na carta em que o aludido monarca participava ao rei da Espanha, seu sogro, o "descobridor" do Brasil, outro título lhe não dá que o de chamá-lo *mé capitão*.

Muito embora para ser-se "almirante" não se fizesse et tão necessario tirocinio de navegação, como hoje, porquanto era hereditário, como vimos, o fato é que *Pedr'Álvares de Gouveia* não teve em sua família nenhum portador daquela dignificação. Como muito bem pondera o illustre professor Assis Chateaubriand, "capitão-mór era título de nomeação e almirante um título de herança".

Até o século XV só uma família teve esse privilegio

Pedr'Álvares de Gouveia, era "capitão" e não "almirante" coisas, aliás, bem distintas ainda hoje.

Não é possível deixar passar em branca nuvem o fato de que o referido "capitão" também não descobriu o Brasil.

Nos estreitos limites de um artiguete não estamos discutindo tese, mas apenas atendendo à solicitação de alunos interessados. Por esta razão tudo envidamos para ser breve, abordando perfuntoriamente o assunto, oferecendo sugestões aos estudiosos.

Quem quer que leia o que de há tempos a esta parte vem sendo publicado, não admite mais essa potoca de que "o Brasil foi descoberto por acaso".

Já passou em julgado que a frota de Pedr'Álvares de Gouveia nada descobriu, pelas seguintes e ponderosas razões:

1.^a — Num mapa geográfico desenhado por André Bianco, em 1436, figura a oeste de Cabo Verde, a "Ilha do Brasil". Doze anos mais tarde, em outro mapa, aquela "ilha" aparece a 1.500 milhas a oeste do aludido ponto;

2.^a — Em outro mapa, de 1488, assinado por Pedro Vaz, mais conhecido por Bisagudo, vê-se, na mesma situação do mapa de Bianco, a "Ilha do Brasil".

3.^a — O fisico-astrônomo de Pedr'Álvares de Gouveia, Mestre João Emenelaus, escrevendo a D. Manuel uma carta a 1.^o de maio de 1.500, a qual seguiu com a de Pero Vaz Caminha, assim se expressa:

"Quanto, senñor, al sytyodesta tierra, mande Vosa Alteza traer un napamundj que tiene Pero Vaaz Bisagudo, e por ay podrra ver Vosa Alteza el sytyo desta tierra; en pero, aquel napamundj non çertifica esta tierra ser habytada, o no".

4.^a — É sabido que em 1498 D. Manuel enviou, em caráter reservado, como era da politica ibérica então, Duarte Pacheco Pereira — notável piloto, cosmógrafo, escritor e politico, pois que fôra membro da comissão que negociara o tratado de Tordesilhas, em 1494 — a explorar uma terra ao ocidente de Cabo Verde. Pelo testemunho de Damião de Góis, êle viajava na esquadra de 1500.

5.^a — Admitindo-se, por absurdo, que tudo isso fosse leal e realmente contestado, bastaria a palavra do proprio D. Manuel em carta de 29 de agosto de 1501, a D. Fernando, seu sogro, quando assim se expressou: "O dito meu capitão (Pe-

dro Alvares), com treze náus partiu de Lisbôa aos nove dias de Março do ano passado e nas oitavas da Páscoa seguinte chegou a uma terra que *novamente descobriu* e a que pôs o nome de Santa Cruz”.

Depois disto e deante disto, por que continuar-se ensinando tantos dislates à Mocidade?

Natal — agosto — 48

Clementino Camara

(De « A Republica » de 8/8/48)

A Escola Industrial de Natal

RIVALDO PINHEIRO

A nossa Escola Industrial foi criada a 23 de Setembro de 1909, no governo do Presidente Nilo Peçanha, pelo Decreto n.º 7.566, que instituiu o ensino profissional no país. Juntamente com a de Natal, foram criadas outras Escolas, em todas as capitais dos demais Estados da União. Designavam-se elas, originariamente, Escolas de Aprendizes Artífices, designação que por si só, traduz a orientação com que surgia o nosso ensino profissional. Eram escolas destinadas a aprendizagem de arte, e não a uma verdadeira instrução técnica, especializada. Visavam antes munir o aluno de uma arte que o habilitasse a ganhar a vida e a se mantêr, como artífice, do que preparar os quadros técnicos de que já começava a ressentir-se a nascente indústria brasileira. Não representavam um plano de ação educacional, mas antes uma tentativa de carater social, de que foi tão fecundo o curto governo de Nilo Peçanha, visando amparar os filhos dos trabalhadores que se concentravam nos centros urbanos.

As Escolas eram subordinadas à Diretoria Geral de Indústria e Comércio, do Ministério da Agricultura, que o Presidente Afonso Pena criara no início do quadriênio, e que Nilo Peçanha instalou, nomeando seu primeiro titular o dr. Rodolfo Miranda. O primeiro diretor da Escola de Natal foi o dr. Sebastião Fernandes de Oliveira, mais tarde juiz e membro do Tribunal de Justiça do Estado, hoje patrono da Biblioteca dos professores do estabelecimento. O dr. Sebastião Fernandes foi nomeado por Decreto de 4 de novembro de 1909, e exerceu as funções até a posse do seu substituto, o segundo diretor da Escola, dr. Silvino Bezerra Neto, que assumiu a 11 de maio de 1915. O dr. Sebastião Fernandes fôra exonerado por Po

taria de 26 de abril, a mesma data da nomeação do seu substituto, em virtude de "ter aceito outro cargo".

Ao comunicar a sua nomeação ao primeiro diretor, a 20 de novembro de 1909, o Diretor Geral recomendava que "com o governo desse Estado vos deveis entendêr sobre o local para o funcionamento da mesma Escola, oficinas que venha a montar, verificando e orçando as obras e aquisições que deverão ser feitas alim de que possa este Ministério autorizar as despesas a tempo de ser essa Escola instalada em 1.º de janeiro próximo".

A 28 de dezembro de 1909 eram enviados do Rio os títulos de nomeação do Escriurário, do professor de Desenho, da professora do Curso Noturno, e do Porteiro-Contínuo. Entretanto, só em março de 1910 é que o diretor tinha conhecimento oficial do quadro do Pessoal sob suas ordens, e respectivos vencimentos, conforme officio do dia 7. O Escriurário, Pedro Soares de Araújo Filho, que punha em todos os papéis chegados do Rio, com a anotação da data de recepção, a sua rubrica *Soares Filho* abaixo da assinatura do Diretor Geral, *J. F. Soares Filho*, já se achava em gôzo de licença a 23 de dezembro de 1909... Só a 26 de maio de 1910 é que o ministro comunicava a sua aprovação aos contratos celebrados com os mestres das oficinas.

A instalação se verificou a 1º de fevereiro. É esse o testemunho do primeiro Porteiro-Contínuo da Escola, Virgilio Vieira de Mélo.

A Escola se instalou no prédio do antigo "hospital de caridade", onde hoje é o quartel da Força Policial. A Força Policial, então denominada Batalhão de Segurança, transferira-se recentemente da Ribeira para o prédio da av. Rio Branco, precisamente o mesmo onde hoje está situada a Escola Industrial, e que fôra ha pouco desocupado pelo Colégio da Conceição.

Ao instalar-se, a Escola era dotada de cinco oficinas: Marcenaria, Sapataria, Serralharia, Alfaiataria, e Funilaria. Cada oficina tinha um mestre e respectivo adjunto, percebendo este apenas nas faltas daquele. O mestre percebia um ordenado de 200\$00 por mês, de cuja terça parte se lhe descontavam as faltas, em benefício do adjunto. Havia apenas dois professores, um de Desenho e outro do Curso Noturno, cada um dos quais com seu respectivo adjunto, vencimentos em tudo iguais aos dos mestres das oficinas. No orçamento da União para 1910 consignavam-se verbas no total de 52:400\$000 para a Escola de Natal. Dessa importância, 20 contos de réis se destinavam à "instalação da Escola e oficinas, adaptação do prédio, adian-

tamento para aquisição dos primeiros materiais". O Escriturário ganhava mais do que um professor ou mestre de oficina, pois tinha 3 contos de réis anuais. Em compensação, não havia máquina de escrever, e os ofícios, quadros de horário, portarias, etc., eram passados com a sua letra, que deveria sêr boa. O diretor ganhava apenas 400\$000 por mês.

Deve ter ocorrido em 1914 a transferência da Escola para o prédio que hoje ocupa, dali saindo o Batalhão de Segurança para ocupar o prédio onde ainda se encontra. Nesse ano houve uma verba de 20 contos de réis para "reforma e adaptação do prédio definitivo da Escola". Ao mudar-se da av. Rio Branco o Batalhão de Segurança, ali foi deixado, por esquecimento, um grande caldeirão de ferro, que era depois reclamado pelo major Joaquim Anselmo Pinheiro Filho, comandante interino da corporação, tio do atual diretor da Escola.

Já naquela época não era cômodo ser diretor. O Ministério, no Rio, que em tanta coisa dava autonomia á direção das Escolas, inclusive na organização de programas, fazia questão de que tudo fosse submetido à sua aprovação, até mesmo os horários das aulas e as penas disciplinares impostas aos alunos. Frequentemente, papéis voltavam três, quatro vezes, do Rio, para retificações. Quando se achava no Ministério um espírito minudente como o dr. Pedro de Tolêdo, era necessário ter cuidados excessivos. O diretor não podia ausentar-se da séde da Escola sem permissão do ministro, e havia recomendação para que o Escriturário o substituísse na direção, sempre que, à hora do início do expediente, ele não se achasse presente à repartição.

Merenda escolar

Consigam estas linhas por em relêvo o gesto das Prefeituras Municipais de Ceará Mirim e de Angicos, votando, respectivamente, as dotações orçamentarias de Cr\$ 3.000,00 e de Cr\$ 6.500,00 para auxiliar a merenda nos grupos escolares « Barrão de Ceará Mirim » e « José Rufino ».

Sabemos quanto é deficitária a constituição física da maioria dos nossos escolares com um índice de calorias muito aquém das imposições biológicas.

Como natural corolário do teor da conveniente nutrição da infância vem decididamente a assimilação intelectual.

Noticiando essas realizações, fazemos votos para que, por todo o Estado, tenham repercussão tão louváveis iniciativas, melhorando, dêste modo, as condições de vida das crianças, que se abeberam na fonte do saber.

A CEGUEIRA NOTURNA ENTRE OS OPERARIOS DE SALINA

DR. RAIMUNDO NUNES

(Oculista do Hospital de Caridade
 e do Centro de Saúde de Mossoró).

A cegueira noturna ou hemeralopia é uma doença ocular, ocasionada, geralmente, pela falta de vitamina A, no organismo.

É fato observado, desde a primeira metade do século XIX; quando se assinalou a sua incidência, no Brasil.

A "oftalmia brasileira", encontrada, principalmente, entre os escravos subnutridos, teve a sua descrição em 1865.

Depois do meado do século XIX, ocorreu grande surto de cegueira noturna, na Rússia. Os católicos ortodoxos submetidos a rigorosos jejuns, durante a quaresma, ficavam acometidos dessa afecção. E o que mais chamou a atenção dos estudiosos da época, foi a circunstância de a cegueira noturna, bem como as escarificações espontâneas da córnea (doença também ocasionada pela carência de vitamina A) surgirem, nas crianças, amamentadas pelas mães que jejuavam.

Euclides da Cunha faz referência à ocorrência de cegueira noturna, entre os combatentes da chamada "Guerra de Canudos", certamente, ligada à carência alimentar.

No bloqueio da primeira guerra mundial, de cuja tragédia alimentar foi vítima toda a Europa, apareceu, especialmente na Dinamarca, um surto epidêmico de hemeralopia que teve consequências graves, decorrentes da duração do conflito.

Entre nós, na "sêca nordestina", de 1932, verificou-se o aparecimento da cegueira noturna, em diversos núcleos operários, nas construções dirigidas pela Inspeção Federal de Obras Contra as Secas.

Relata-nos o Dr. Lavoisier Maia, médico da Estrada de Ferro Mossoró-Mumbuça, repetidas incidências, naquela época, nos trechos do prolongamento. Teve ensejo de atender a "turmas" inteiras de "cossacos", as quais, uma vez concluído o trabalho diurno ficavam impossibilitadas, inopinadamente, de regressar às suas "barracas", tal era a deficiência de visão noturna. Conseguiu melhorar bastante as condições visuais noturnas desses pacientes (pois durante o dia todos tinham agudeza visual normal), aconselhando a ingestão de vísceras frescas de animais, principalmente, fígado e rins.

No II Congresso Pan-Americano de Oftalmologia, realizado, em dezembro de 1945, em Montevidéu, Dr. João Tavares, oculista do Instituto Nacional de Puericultura, apresentou um

trabalho sôbre "A Vitaminose A e a Cegueira Infantil". Estuda 270 casos de crianças acometidas da afecção, sendo que observou maior número de "Xerose" — doença ocular caracterizada pelo aspecto ressecado dos olhos que apresentam tonalidade prateada — bem como maior ocorrência de "Queratomalacia" — destruição da córnea, chegando até à perfuração.

O último lugar, em sua estatística, é ocupado pela hemeralopia; justifica, entretanto, essa menor frequência, pela circunstância de não saberem as crianças informar a diminuição de sua visão noturna.

A adaptação da visão à obscuridade se processa graças à função de elementos diferenciados da retina — "cones e bastonetos". Essas estruturas anatômicas agem estimuladas pela púrpura visual, pigmento vermelho formado às custas da vitamina A.

A reserva de vitamina A, no organismo, se efetua pela ingestão de alimentos animais, ovos, leite, manteiga e verduras contendo um elemento chamado caroteno.

No fígado o caroteno sofre um desdobramento e liberta a vitamina A.

A púrpura visual é uma combinação química da vitamina A com uma proteína.

Os cones e bastonetos se estimulam pela ação da púrpura, condicionado a visão noturna.

Para que haja adaptação da visão à obscuridade é indispensável a presença da púrpura visual, para sensibilizar os chamados receptores retinianos (cones e bastonetos), cuja função é transformar a energia radiante em energia nervosa.

Os bastonetos, principalmente, presidem a visão noturna.

A adaptação da visão à obscuridade requer alguns minutos, para se processar, isto é, o tempo necessário, para que se realize a síntese da púrpura, pelas células pigmentares, vizinhas dos bastonetos.

Assim é que o indivíduo, ao penetrar em um local escuro, a princípio permanece vários minutos sem enxergar o ambiente que o contorna. É o que acontece, geralmente, nos cinemas, onde a adaptação da visão sómente se processa após vários minutos, ou seja o tempo suficiente para a púrpura visual agir sôbre os bastonetos.

Em seguida se verifica franca adaptação e o indivíduo passa a enxergar os objetos que o circundam e contra os quais poderia ir de encontro, antes da acomodação visual. Logo que se ilumina o ambiente, a púrpura vai-se descolorando e passando do vermelho ao branco; a essa altura se efetua a decomposição em vitamina A e uma proteína, isto porque a visão diurna

na prescinde dêsse elemento. Voltando à obscuridade, a púrpura se ressintetiza. Nova adaptação visual é realizada

Essa normalidade fisiológica desaparece, quando o organismo entra em carência de vitamina A.

Surge, então, a cegueira noturna, consequência lógica da ausência da púrpura que se forma às custas dêsse fator.

Todos os casos de cegueira noturna proveniente da carência de vitamina A, são curáveis pela ingestão dessa vitamina, quer sob a forma de alimento, quer como preparado científico.

Entre os operários de salina, algo de estranho se processa, nesse terreno.

Há vários meses nos dedicamos ao estudo da afecção ocular nesses núcleos operários, já se elevacdo a algumas dezenas o número de cegos noturnos que figura, em nosso fichário.

O regime dietético e a prescrição de medicamentos não parecem estar surtindo o efeito desejado.

Em virtude disto e em face do exame detalhado que, habitualmente, realizamos, não encontrando a coincidência de nenhuma lesão de fundo de olho que se torne responsável pela cegueira noturna, somos levados a pensar que existem outros fatores ligados à etiologia da moléstia, além da carência alimentar. Mesmo porque o operário de salina não é um subnutrido, se bem que um exame detido dos elementos habituais das suas refeições, revele pobreza do fator A.

Parece-nos que a grande incidência dessa doença ocular encontra um responsável direto, no local de trabalho. O ambiente das salinas é, excessivamente, iluminado, e a verticalidade dos raios solares incide sôbre o terreno alvadio, provocando, constantemente, uma "sensação de mal estar" para a visão dos trabalhadores.

Referem ardor, nos olhos, lacrimejamento e intensa fotofobia.

Entendemos que essa luminosidade fustiga, não só a conjuntiva ocular, como também, pode exercer ação lesiva sôbre os elementos nobres da retina, especialmente, os receptores.

Daí surgir a hipótese de estar a cegueira noturna dos operários de salina ligada ao fator ambiente.

Esses operários, durante a colheita, encerram o seu trabalho, às dez horas da manhã, e só conseguem reencetá-lo, às três da tarde, em virtude do excesso de luz e claridade, que impossibilitam tôda e qualquer atividade, dependente de esforço visual. Acreditamos que os receptores claudiquem na sua função de transmitir ao cérebro a energia transformada em

impulso nervoso, em virtude da frequente exposição ao excesso de luz.

Pode ser ainda êsse excesso prejudicando o papel das células pigmentares, na recombinação da púrpura.

As consultas que temos dirigido, nesse sentido, a ilustres colegas especialistas, de Recife e do Sul, nos chegam com respostas negativas.

Continuaremos, no trabalho cuidadoso de observação. Ainda é pequena a nossa estatística. Esperamos, entretanto, aumentá-la e coligir elementos mais esclarecedores para firmar conclusões.

É bem possível que, no VI Congresso Brasileiro de Oftalmologia, a se realizar, em Recife, em julho de 1949, possamos concorrer, com um trabalho, que encerre dados suficientes, para a elucidação do assunto.

NOTAS DE UM PROFESSOR PRIMÁRIO

Nos seus primeiros anos de exercício do magistério, raro é o professor que não se vê em dificuldades com umas certas "perguntinhas" que surgem ora em classe, ora de pessoas da localidade em que êle está exercendo o seu mistêr.

Creio mesmo que algum felizardo não tenha sentido as suas "dorinhas de cabeça" à procura da solução de problemas de aritmética, ou mesmo com um nonada de português que, por falta de tempo ou ainda por não estar incluído no programa não foi visto ou revisto pelo catedrático desta última disciplina.

Enquanto a mim, não me pejo de confessar que, não poucas vezes, tive de sacrificar horas de sono afim de que, no dia imediato, pudesse eu dar resposta satisfatória aos que realmente desejavam aprender, ou àqueles que, com uma cultura de almanaque, não perdiam vasa, para lançar o descrédito ao ensino ministrado pelo professor normalista.

Lembro-me de que, uma feita, um dos habituados à "roda da farmácia..." perguntou-me à queima roupa: — Professor, um bolo que tenha a forma de um coração, como se diz em uma palavra só?

— Pensei um pouco e os meus ligeiros conhecimentos de latim adquiridos no Ateneu ao tempo de João Tibúrcio e Conêgo Estevão Dantas, valeram-me na ocasião. Respondi: Meu caro, deve ser — *cordiforme*. Neste caso, não é possível formar um derivado de palavra portuguesa, temos que recorrer ao latim.

Satisfeito de mim comigo, como se houvesse, eu próprio, ganho uma renhida batalha, ouço acompanhada de sorriso irônico a seguinte consulta vinda de um titulado presente à conversa: — E se o objeto tem a forma de uma *pinha*?

A princípio, quasi desorientado porque senti o travo da perversidade com que era feita a pergunta... Pensei um pouco e submeti ao censor intelectual as duas formas — *peniforme* e *piniforme*. E os bons fados orientaram-me para que dissesse: — Doutor, eu recomendo aos alunos do grupo que digam — *piniforme*.

— É... foi apenas o monossilabo articulado em voz rouca pelo gratuito examinador.

Aqui, pela voz amiga do «Pedagogium», lembro aos colegas que lecionam o 4º ano e o Complementar a necessidade de os alunos fazerem o seguinte exercício: O que tem a forma de um disco é — *discóide*; a forma de uma cruz — *cruciforme*; de um prisma — *prismático*; de uma pera — *piriforme*; de uma uva — *uviforme*; de um ovo — *oviforme*; de uma lente — *lentiforme* ou *lenticular*; de uma cunha — *cuneiforme*; de uma língua — *linguiforme*; de uma glândula — *glanduliforme*; de um grão — *granuliforme*; de uma lança — *lanceolado*; de uma seta — *sagital*; de uma lua — *luniforme*; de uma pinha — *piniforme*; de foice — *falciforme*; de figo — *ficiforme*; de leque — *flabeliforme*; de roda — *rotiforme*; de verruga — *verruciforme*; de gânglio — *gangliforme*; de serpente — *serpentiforme*; de lírio — *liliforme*; de cordões — *funiforme*; de noz — *nuciforme*, etc.

Diz-se, ainda, que uma coisa susceptível de todas as formas é — *ouiforme*. Se tem uma forma única é — *uniforme*. Se tem forma igual é — *pariforme*.

SÉNOVA

UMA GRANDE CAMPANHA

ACRISIO FREIRE

Seja qual fôr o movimento em proveito da educação nacional, é obra de grande alcance, que, realizada, estabiliza princípios, desperta vocações, abre novas perspectivas dissipa desconfianças, enfim solidifica a integridade da Pátria.

A nova política educacional posta em pratica pela administração brasileira, é um trabalho de anos, uma constância de esforços, um batalhar sem tréguas, sempre harmônico e objetivo.

É verdade que, até agora, não possuímos sistema de organização escolar á altura das necessidades do nosso povo; as reformas continuadas, muitas vezes arbitrárias, têm contribuído para um desajustamento de consequências lamentáveis...

Deixemos de parte essa intromissão no planejamento geral da educação, no país e, falemos de um outro aspécto também fundamental, o da educação popular.

Há um ano, vivemos, sériamente empenhados em uma grande campanha, campanha que não foi somente identificada em manchétes de jornais, mas, está sendo trabalhada e sentida, entusiasticamente, com uma fé sempre crescente de bem servir á coletividade, — é a educação de adultos e adolescentes.

Possuímos quinze milhões de adultos analfabetos, criaturas tão brasileiras quanto nós outros, que precisam e devem fazer parte da comunhão nacional. Escravizados pela cegueira do analfabetismo e da ignorância estão presos a êles por liames de aço, numa tortura opressiva que abate a moral de uma gente que procura se alinhar entre os povos mais civilizados.

Felizmente, já foi possível iniciar-se uma nova fase de redenção nacional, combatendo-se, sem trêguas, o analfabetismo do adulto, que suplica sua carta de alforria. E esta lhe está sendo entregue que: a carta do A. B. C. arma atômica de sua liberdade.

Como é natural, em todas as campanhas, nacionais ou não, aparecem os entendidos, os técnicos de *botequim*, ditando princípios e formando estratégia...

Atualmente, dizem que, no Brasil, abandona-se a educação da criança, para se cuidar da educação do adulto, em um significativo contraste.

Entretanto, a campanha de educação de adultos, financiada pelo Fundo Nacional de Educação Primária, exige, apenas, 25⁰/₁₀ deste, para o seu custeio.

Entendem os *sabidos* que os adultos analfabetos devem ser considerados elementos perdidos e por isso merecem abandono.

Na última reunião da UNESCO, a maravilhosa organização das Nações Unidas, os técnicos do mundo inteiro, ali reunidos, traçaram para toda a parte o plano de ação estudado e desenvolvido pelos técnicos brasileiros, em nosso país.

Não estamos abandonando as crianças e "é por amor á criança que devemos educar o adulto". Bem sabemos que elas do homem sem educação destroi o trabalho da escola; é êsse o ponto nevrálgico que aparece nas tentativas de encadeiamento entre os dois: — escola e lar.

Uma legião de adultos analfabetos se acotovela, em nossas cidades, povoa o extenso litoral brasileiro e se espalha pelos nossos sertões. Diante dessa ameaça de parasitismo às nossas energias, devemos assegurar um melhor equilíbrio à nacionalidade, onde, felizmente, a educação já deixou de constituir um privilégio de classes, reconhecendo-se ao individuo o direito de educar-se.

A campanha de educação de adultos, o sonho do professor Lourenço Filho, que já se afirma uma realidade, vem interessando todas as classes sociais e cada dia que passa mais se torna indispensável a cooperação direta e firme de todos, pois, ela não é um problema de superfície, porém de grande profundidade social e humana.

Ao Rio Grande do Norte e aos demais Estados e Territórios da Federação foi distribuída uma tarefa, uma parcela de responsabilidade nesse movimento patriótico.

Quando iniciada a campanha, em abril do ano passado, foram instalados 260 cursos, neste Estado e cêrca de dez mil adultos e adolescente da capital ao mais longinquo sertão foram alfabetizados, e tão promissos foram os resultados alcançados, tão honesta e ativa foi a orientação do Departamento de Educação que o Governo Federal aumentou o numero de cursos para 400, cuja instalação em maio ultimo, acelerou às portas das nossas escolas, um exercito ávido de ser instruído e educado.

Concluído estas assertivas, queremos fazer um veemente apelo aos bons brasileiros da terra potiguar, ao homem do litoral e do sertão, ao da cidade e do campo, ao rico e ao pobre, que se revista de mais brasilidade, acredite mais um pouco nas sãs e patrióticas iniciativas, como esta a da educação do seu patricio, contribua com uma parcela minima de gratidão á terra que lhe deu a alegria de viver, não participando dessa fria indiferença ao destino dos seus proprios filhos.

Não é o governo que lhe pede, não é o partido politico que exige, não; é a Pátria que determina. Vá, peça, anime, conduza o seu patricio analfabeto á escola mais proxima do bairro de sua cidade ou do sitio.

Seja bem brasileiro.

Poucas regras, muitos exercícos.

Girard

O sol moribundo agoniza.
Cái o crepúsculo.
Na capelinha do povoado
soam as Trindades.

É a hora do Criador, convidando ao recolhimento.

A saudade se distende por toda parte.

Pouco a pouco, anoitece.

Entregue aos carinhos da querida vóvó, Nelly, contando apenas seis anos de idade, entre sorrisos próprios do seu tempo, afagava a avozinha insistindo para que lhe narrasse uma história.

O roseiral do terraço onde êles estavam embalsamava o ar com o perfume de olorosas flores. Entre tôdas, a madresilva predominava pela inebriante fragrância, que se derramava no carramanchão.

Nelly, o anjinho daquêle lar, não esquecia a promessa, que se lhe fizera.

— Conte, vóvó. E d. Carmen, osculando-lhe as faces, começou: « Era dia de Correio na localidade.

O povo, como sói acontecer, se aglomerava na casa da Agência.

De repente, o distribuidor indagava:

— Quem é Fabio Bière?

Então, um rapazinho, aparentando seus 15 anos, corre ao encontro do funcionário.

— Sou eu.

Aquêle entrega uma carta a Fabio.

— De quem será? pergunta Fabio. De minha mãe talvez. Nêste envelope, de certo, está o meu nome. De quem será a letra. Este sottoscrito deve dizer: Fabio Bière... e as letras que se não vêem?

Queda, cismando.

— Oh! Como é triste não saber ler! Será a benção de minha mãe?

Rasga o envelope e olha, admirado, para as letras. Que mundo de novidades deve existir aqui! E eu que estou ausente de casa há precisamente muito tempo!... Quantas noticias! Meus olhos são como os do cêgo, perdido na multi-lão sem nada poder ver. Após um momento cruciante: — Doença? Deus meu... estará com saude, mi-

Página íntima

Antonio E. da Silva

nha mãe!?

Olha, atentamente, a missiva.

— Haverá nestas linhas um apêlo, um chamado insistente a-fim-de que eu receba o último beijo e a ultima bênção?

— Não! não devo imaginá-lo. Não, serão conselhos...

Olhando em derredor:

— Se alguém me fizesse um favor... Eu, porém, tenho tanto vergonha de não saber ler, que não existe escola na minha terra. A boa mãezinha sempre desejou que eu soubesse e para isso conduziu-me ao mestre, um senhor já encanecido. Estive um vez, apenas, em sua classe por que um dos meus colegas enganou-me, levando para long

com os acenas de saborearmos frutos de uma jaboticabeira, cujos galhos pendiam da uva do sertão. Fomos... depois como se esperasse o castigo, não mais regresssei à escola. Assim sucessivamente, iam os todos os dias aos sítios aprazíveis! Procurávamos rinhos, armávamos arapucas e... olhando a carta: — Que haverá nêstes sinais? Se eu tivesse dinheiro pagaria para m'os lerem.

Mergulhado em profundo cismar: — Sou infeliz. Aquêlê que frequenta a escola vai para a felicidade, tem a chave do des-

conhecido, ao passo que eu fico confinado nas escuras paredes da minha prisão de analfabeta!"

— Ah! Vóvó! disse o netinho. Por Deus. Existem escolas em tôda parte e a gente pode aprender, facilmente. Eu também sinto o quanto de amargura teve Fabio por não saber ler. E dizendo isso, adormeceu nos braços de d. Carmen.

A avó não pronunciou sequer uma palavra; osculou a cabecinha loura do netinho, que em doce devaneio sorria com os anjos e sonhava com o seu ideal — aprender a ler.

Sete de Setembro

Completamos o 126 aniversário de nossa vida independente. É animadora a perspectiva do caminho percorrido, dêse o episódio do Ipiranga até os dias presentes.

Em 126 anos realizámos todas as conquistas que os nossos maiores poderiam ter ambicionado nos primeiros dias de nossa vida autônoma. E as realizámos de modo verdadeiramente admirável, resolvendo os mais graves problemas sociais e políticos como não o consegueriam os outros povos da terra.

Não merece, de fato, outra classificação a maneira por que realizámos a igualdade civil de tôdos os brasileiros, porque efetuámos a transformação do regime político e porque asseguramos as mais avançadas conquistas da liberdade espiritual. É, pois, devêras auspiciosa a perspectiva do caminho percorrido.

Que ela nos anime nos empreendimentos do porvir, encorajando-nos a enfrentar todos os obstáculos com o ânimo sereno dos que têm firme confiança no triunfo.

Que ela nos estimule a vencer todas as resistências e a dominar todos os desalentos que entibiam e enfraquecem as energias nacionais, nas grandes empresas em que se decide o futuro dos povos.

Não nos desvanecemos, porém, pelos magníficos resultados já obtidos e pela notável posição de destaque, que conquistámos no concerto das nações cultas.

Por muito que houvéssemos obtido, muito mais ain-

da deveríamos almejar como a méta das nossas aspirações.

Assim, obrigando-nos a um perene e progressivo aperfeiçoamento das nossas capacidades como nação, desempenharemos o papel histórico que nos está reservado, realizando os brilhantes destinos, que as nossas possibilidades permitem aspirar.

São esses, sem dúvida, os propósitos que nos devem animar ao festejar-mos o 126º aniversário de nossa emancipação política, e na firme disposição de bem cumpri-los, como o mais iniludível de todos os deveres civicos, teremos a forma mais eficaz de comemorar a magna data da nossa historia, cuja alta significação é a da evocação do mais sugestivo episodio da quadra memoravel em que se firmou a nossa soberania, como nação independente.

Tal dispositivo valerá bem pelo mais duradouro monumento, pela mais solene consagração com que pretendêssemos assinalar a passagem do 126º aniversario do brado do Ipiranga.

Mas, não deveremos nos limitar aos bons propósitos. Executêmo-los rigorosamente com a máxima fidelidade e teremos, assim, feito jús á gratidão das gerações vindouras.

Sant'Ana do Matos, 7/9/948.

OSVÁGRIO RODRIGUES

O grande mal do Brasil

“O que há no Brasil é o desmazelo multiseccular pela educação do povo”.

Mário Pinto Silva

Como é do conhecimento de todos, o Brasil conduz, em seus largos hombros, um imenso peso morto que o asfixia e entrava enormemente o seu progresso: é o analfabetismo, esta horrenda chaga social que tanto infelicitava a nossa Pátria.

Não nos envergonhamos de dizer que de 45 milhões de brasileiros, 25 milhões são analfabetos! A ignorância é impotência e miséria. Este grande mal, se não for atacado vigorosamente com todas as forças do nosso patriotismo, matará o Brasil! Um povo analfabeto é um povo fadado ao desaparecimento”. “Para os grandes males, os grandes remédios” Iniciemos imediatamente uma grande campanha de salvação nacional, para que todos os brasileiros sejam obrigados a se alfabetizarem e a se instruírem. Guizot lançou na França as bases da educação popular, obrigando todas as comunas a cri-

arem as escolas necessárias para a população local. Deixemos de ser pessimistas. Encaremos o problema com otimismo e destemor. Deixemos de discursar, falações e conversas fiadas. Isto não adianta. Sejamos mais práticos. Vejamos a realidade confrangedora, revistamo-nos de coragem e boa vontade, e ataquemos o monstro de frente. A espantosa mortalidade infantil; a tuberculose, a sífilis, o impaludismo e tantas outras doenças que ceifam milhares de vida anualmente, são frutos da mais crassa e ignominiosa ignorância em que jaz o nosso povo, provinda do analfabetismo.

Que os governos federal e estaduais decretem a obrigatoriedade imediata do ensino em todos os quadrantes do território nacional, tomando medidas drásticas para a sua execução; que as 1500 municipalidades brasileiras despendam, como as norte-americanas, 30 a 35% de suas rendas com a instrução pública. Não se diga que isto é impraticável. "Impossível, dizia Napoleão, é um vocábulo que só existe no dicionário dos imbecis." A Republica Argentina, cuja população é quatro vezes menor do que a nossa, tem uma produção três vezes maior, graças á instrução dos seus filhos! A produção de galinhas e ovos da pequenina Dinamarca, cuja população é quasi trinta vezes menor do que a nossa, é muito maior que a do Brasil, isto porque não existe um só dinamarquez analfabeto. Bismark, o Chanceler de Ferro, dizia que o mestre-escola havia ganho a guerra franco-prussiana de 1870. O impulso formidavel que o governo norte-americano vem dando á educação popular desde os primórdios do século XIX, operou esse prodigio inédito na história do mundo: dentro de tão curto espaço de tempo tornar-se o grande país do norte a mais rica, forte e poderosa potência do universo!

O Brasil — já se tem dito isto milhares de vezes — é um país imenso, o terceiro do mundo em extensão territorial; suas riquezas são inesgotáveis em todos os reinos da natureza; só a região amazônica, com os seus três milhões de quilômetros quadrados, tem capacidade para abastecer o mundo inteiro durante um século, segundo o testemunho insuspeito de Humbolt. Entretanto, a grande maioria dos habitantes deste país do tamanho de um continente, e de tão imensas e fabulosas possibilidades econômicas, vegeta na mais negra miséria! Precisamos acordar o gigante que dorme, a-fim-de que ele ocupe o lugar a que tem incontestável direito entre as primeiras potencias da terra. Instruindo todos os brasileiros, a grande Pátria de Rui terá a marcha evolutiva do progresso acelerada de tal modo que, dentro de poucos anos, fortificada econômica e militarmente, fará valer o direito da força como tem feito a força do direito.



ASPECTOS

Faixas de terras brancas, que se estendem, ao longo da costa e onde bate o oceano, cujas vagas sucessivas beijam-nas, incensantemente. Aqui, casebres de palha se levantam à sombra do coqueiral esbelto, nos quais se abrigam os humildes pescadores. Ali, jangadas, sobre rolos, repousam da luta anterior; tarrafas e mangotes estendidos ao sol enxugam as águas após os derradeiros lances currais, construídos, nas épocas, aguardam, nas marés, a entrada de peixe; banhos de mar, água de coco, alimentação de peixe, água abundante, saborosos cajús e gostosas castanhas; terra dos praiiros joviais, dos "cocos", dos sambas e das dunas revestidas de guajeruais — são característicos dessas plagas decantadas pelo conterrâneo e saudoso poeta Ferreira Itajubá.

*

Ao alvorecer do dia, grupos de homens, nas suas idumentárias praianas, fumaçando os seus cachimbos, sisudos e lentos, espalham-se, pelas praias, destinando-se cada um ao seu mister.

Previamente equipadas, jangadas de lança, ao mar, e, sobre elas, o pescador destimido, empunhando o leme, desafia, intrépido, a furia titânica das vagas, e penetra, idômito, na vastidão aquosa, em busca do alimento para os que ficaram elevando a Deus as suas preces, na esperança de que o "lenho flutuante e aventureiro" volte, incólume, trazendo, consigo, o conforto e a alegria dos seus lares.

(PRAIAS)

Enquanto isso, as esposas saudosas acendem a ladeira, e os filhinhos, de cócoras, à frente das palhoças, fitam, displicentemente, as brancas velas que desaparecem, pela distância, na amplidão marinha. Após esse espetáculo maravilhoso, levantam-se e vão receber, talvez, o seu primeiro alimento diário.

*

Dir-se-ia que tudo emudeceu! Apenas o bramido constante do oceano, o sussurro perene da brisa e o farfalhar das palhas dos coqueiros quebram sobre modo a monotonia dessas paragens, cujos nativos, deitados, ou dormindo, ou nos seus labores costumados, esperam, ansiosos, o breve retorno das jangadas.

O Sol causticante e inclemente, espargue os seus raios de luz e de calor, por sobre as areias alvas, ofuscando a vista, ao mesmo tempo que o bafejo frequente dos ventos e os flocos de nuvens que flutuam, nos céus, suavizam o ambiente.

Aproxima-se a tarde. A intensidade do dia falece ante o pender do Sol, para o ocaso, e eis que surgem, às portas das choupanas, criaturas fatigadas, munidas de crianças nos braços, mirando, ao longe, o horizonte vasto, na satisfação feliz de ver os batéis de volta às praias, onde são avidamente esperados, os entes queridos, na certeza de uma ventura consequente das preces que fizeram.

Aparecem as primeiras velas, no bojo do oceano; e no seio da tristeza que envolvia a todos, desabrocha a flor do contentamento, e todos conjecturam qual o timoneiro favorito daqueles barcos que se aproximam de terra, para fazerem-lhe a sua habitual recepção.

O prazer, o júbilo é fruto dessa chegada coroada de êxito.

Se, por ventura, uma das jangadas, com o dia, não alcançou a costa, todos se preocupam e grandes fogueiras são aticadas, nos pontos sobranceiros, a fim de guiarem o barco retardado que se julga desviado de sua rota.

*

Enfim, chega o último nauta, e completa está e felicidade daqueles que, quotidianamente, labutam, enfrentando o maior perigo na conquista do pão sagrado que lhes mata a fome.

Município da Zona Oeste

LUIS GOMES

II

J. JACINTO

O município foi criado, por decreto n.º 31, de 5 de julho de 1890, sendo, solenemente, instalado, no dia 6 de Agosto do referido ano, ficando a sua séde com a categoria de vila.

A situação política do município permaneceu inalterada até 29 de março de 1938, quando por decreto n.º 457, o então Interventor Federal, Dr. Rafael Fernandes Gurjão, elevou sua séde à cidade, ficando, porém, judiciariamente, subalterna à Comarca de S. Miguel.

A agricultura, que ali se processa ainda por meios rotineiros, constitue a principal fonte de renda e dela vive, aproximadamente 90% da população. Podemos assegurar, mesmo, ser Luís Gomes o celeiro onde se abastecem os municípios vizinhos, quer do Rio G. do Norte, quer da Paraíba, quer do Ceará. Os seus produtos, como a cana-de-açúcar, a mandioca, o milho, o feijão, o arroz e as frutas são de tamanho vulto que o colocam, mau grado a exiguidade de sua extensão territorial, entre os maiores produtores da Zona Oeste. Verdadeiro contraste é o desenvolvimento da pecuária que, mercê da situação abrupta das montanhas e de serem os terrenos planos destinados a lavoura, é insuficiente.

A indústria — se a isso podemos chamar industria — na "Terra dos Cajueiros," conta, apenas, com máquinas de transformação e de beneficiamento de seus produtos agrícolas, para cujos fins existem 45 engenhos « banguê », 53 casas de farinha, duas « usinas » para beneficiar algodão e uma para beneficiar arroz e mais dois alambiques para destilamento de aguardente. Ademais, as outras instalações que aparecem (informações de Adolfo Paulino de Figueredo) são modestas oficinas de ferreiro, de sapateiro, de carpinteiro, etc.

A noite surge, melancólica, envolvendo com seu manto escuro, a visibilidade dos últimos fulgores, permitindo às estrêlas o brilho que distrai, no prelúdio das trevas, os joviais praeiros, que cansados, sentados ou deitados, nas areias do pátio, rodeados dos seus, baforando cachimbos, narrando os episódios de suas heroicas jornadas.

E a monotonia reveste, outra vez, as praias... Enquanto o bramir do oceano, o murmurar da brisa e o farfalhar das palhas dos coqueiros embalam mais tarde, os "heróis do mar", no sono tranquilo das suas noites friorentas...

JOAQUIM M. DE NORONHA

Falemos do Comércio que, muito embora pequeno, goza de conceito elevado, mantendo transações constantes com as melhores praças do país. Jamais se verificou uma falência ali — razão, talvez, de ser de tal renome — porquanto todos os comerciantes são pobres e aliam, às atividades comerciais, as da lavoura.

A Paróquia foi criada, em 8 de dezembro de 1920, pelo 2º Bispo da Diocese de Natal, D. Antônio dos Santos Cabral, e, hoje, pertence à de Mossoró. Por seus vários templos, as Associações religiosas contam para mais de mil sócios, e entregue, como se acha, ao zelo apostólico do padre Miguel Guimarães — não há que duvidar — esse número de sócios somente poderá crescer à maravilha.

É, verdadeiramente, admirável naquêle rincão longínquo do Estado, o desenvolvimento da instrução primária. Nada menos que 1.200 alunos, para uma população de 10,000 habitantes, se encontram matriculados pelas dezenas de escolas públicas e particulares, o que se deve não somente à ação dos dirigentes do Estado, do Departamento de Educação e do Município, mas, também à alta compreensão dos filhos daquela boa terra.

Orfeão

Empenhado vivamente pela boa sorte do ensino público primário, o sr. Diretor geral da Educação no Estado, Prof. Severino Bezerra, acaba de dar instruções aos funcionarios técnicos no sentido de, por ocasião das visitas do segundo semestre do corrente ano letivo, promoverem a expansão dos coros orfeônicos tão necessários que são na nossa aparelhagem didática.

A sua utilidade é matéria indiscutível, por isso que educa e concorre para a desenvoltura da preferência pela música coral.

Certo é que para o seu melhor êxito deverão os preceptores fazer um teste, obtendo, assim, o padrão das vozes, visto como nas classes aparecerão o soprano, o meio soprano, o contralto, o tenor, o baritono e o baixo.

Não há, como se costuma dizer, o "menino desafinado".

Sabemos que da prática de uma boa respiração dependa a perfeita dição. Assim, cada aluno será convenientemente aproveitado, conforme o seu timbre de voz, sendo todas essas nuances indispensáveis a uma integral execução, em nossos estabelecimentos de ensino, sobretudo nas localidades onde não existem bandas de música. Estão, pois, os professores de parabens com a solução — chave de importantíssimo problema

Poesias

Escolares

O

'SONHADOR'

A Augusto Severo

Aurea Câmara

(Do Grupo Escolar
"Augusto Severo")

Querendo transpor as fronteiras siderais,
 Para firmar, ingente, o domínio dos ares,
 O "Sonhador" Potiguar das conquistas imortais
 Tenta a gloriosa escalada das alturas!
 Num estupendo voo, devassa a amplidão
 Cerúlea, para descobrir arcanos divinais!
 E, qual Ícaro moderno,
 Alça-se, intrépido, ás pegadas das estrêlas!
 Domina-o o delírio das realizações.
 E desprezando o insucesso e o temôr,
 Numa ânsia de glória transcendente,
 Imita, com donaire, a águia e o condor.
 Imbuído de luz imorredoura,
 O cientista sublime parece ouvir a música das esferas
 Em triunfal exaltação!
 Seu augusto semblante sonda a vastidão infinda
 Pressagiando um êxito retumbante!
 O céu azul sorrí, e a terra comburida de luz
 Resplandece a claridade flava deslumbrante.
 O próprio Eólo perpassa levemente
 Embalando, docemente, o "Sonhador,"
 Que com afã procura descobrir a direção...
 É belo, o seu sonho,
 Grandiosa sua aspiração!...
 Achar a dirigibilidade do balão!
 O sol jorra ondas de luz pelo etéreo véu
 Numa eclosão de lúcidas harmonias
 As esferas luminosas giram pelo céu,
 Como se saudassem o invicto inventor
 O Homem-Aguia, a precursor da direção
 E enquanto a terra tôda alacridade
 Exibe-se cheia de esplendor,
 O firmamento seu eterno enamorado,
 Acólhe, num preito de louvor,
 O grande idealista aureolado!
 Não pensava, no entanto, a "ave condoreira,"
 No seu natural deslumbramento
 Que as parcas astrais enciumadas
 Como atalaias invisíveis, traiçociras,
 Rompessem seu genial encantamento,
 Precipitando-o das alturas infinitas...
 Um fremito doloroso vibrou pel'amplidão,
 E viu-se tombado em torturante convulsão,
 O excelso mártir das plagas brasileiras!

A "PEDAGOGIUM", minha singela saudação

ASSIS SILVA

Nesta hora de renascimento das letras potiguares, quando no Estado se nota um despertar de energias espirituais, com o aparecimento de novos veículos do Pensamento, quer na imprensa, quer com a fundação de bibliotecas e intensificação de outros órgãos culturais, eis que surge, para preencher uma das lacunas existentes nas lides do movimento educacional, *Pedagogium*, bem elaborada revista dos professores northeriograndenses, redigida por inteligências vivas e moças, amantes da Arte e do Progresso, como os Luiz Soares, os Rodrigues Alves, e que tem colaboradores como Raimundo Nonato, Raimundo Soares, além de outras penas fulgurantes.

Tão útil quão necessária ao aprimoramento e à orientação da mentalidade jovem que vibra nos labores da difícil e nobilitante missão de ensinar, *Pedagogium* vale como bandeira de encorajamento e de fé, de estímulo e de confiança, nos destinos da formação da juventude, na escola e na sociedade, pois é da educação, principalmente, que depende a felicidade do lar, da família, e o engrandecimento da pátria brasileira.

Que o ilustre Diretor da Instrução Pública, professor Severino Bezerra, cooperando com os que fazem *Pedagogium*, faça com que essa revista chegue a todos os recantos do Estado, "onde exista uma escola, um professor e um punhado de alunos", para que o nosso magistério primário possa dela colher os mais proveitosos ensinamentos de Pedagogia e de Moral.

Mossoró, 7 de agosto de 1948.

A disciplina na Escola Moderna

LUIZ PAULO

A Escola atual — progressista e integral — tem, como sistema disciplinar, um conjunto de preceitos morais, que vibra em consonância com as características psicológicas do educando. A doutrina feudal de Orbilius, que preconizava a palmatória ou o castigo corporal, como único e preciso corretivo dos deslizes do discípulo — faliu totalmente, graças ao desenvolvimento dos estudos pedológicos.

Estamos esclarecidos e cômicos de ser a criança CRIANÇA, e não a miniatura do adulto, como foi compreendida, durante longo tempo.

Emquanto o adulto tem consciência plena, e por isso assume a responsabilidade dos seus atos, a criança, ao contrario, é um aprendiz com qualidades especiais, e precisa de um perceptor para transmitir-lhe, em doses medidas com muito escrúpulo, os ensinamentos formadores do caráter ou face moral e, ao mesmo tempo, as noções de responsabilidades, diante dos acontecimentos da "vida".

O mestre-escola moderno não mais recorre à chibata, nem tão pouco às expressões grosseiras, que melindram ou ferem à alma sensível da criança, e originam desgostos íntimos, ocasionadores de graves complexos mentais. Hoje, a disciplina adotada é baseada no "amor ao proximo": é a cordialidade, delicadeza, bondade, respeito ao nosso semelhante.

Esse método disciplinar cria um ambiente sadio e de confiança entre o professor e aluno. Aquêlê deixa de ser o senhor, e êste, o escravo — e passam a categoria de amigos que se ajudam, reciprocamente, na tarefa escolar. O mestre instrue, educa, incutindo a luz resplandescente do conhecimento da verdade e o discípulo aprende, ouvindo atento e obedecendo gratamente. Esse intercâmbio, essa compreensão, entre mestre e discípulo, é uma particularidade da Escola progressista. E se o professor estender essa amizade ao lar do educando, solicitando a cooperação dos pais, para o trabalho de edificação da personalidade da criança, obterá, certamente, um triunfo notável.

PRIMEIRA AULA

Com a morte de Pierie, seu lugar de professor na Sorbonne foi entregue a Marie Curie. Caso único na história da famosa Universidade. Jamais mulher alguma havia ocupado ali um posto no professorado. Por outro lado, era hábito que o professor fizesse o elogio do seu antecessor. A situação era tanto mais difícil, porque se tratava da viuva do ex-professor, e, mais que isso, uma viuva célebre, cujo desespero era conhecido no mundo inteiro. Iria falar do morto? Iria agradecer a honra que lhe era prestada, por ser a primeira mulher a ocupar uma cátedra na Sorbonne?

Marie Curie entrou, vestida singelamente de preto, esperou que cessassem as palmas e começou: "Quando tomamos em consideração o extraordinário progresso da física nestes últimos dez anos, é com enorme surpresa que verificamos o seu desenvolvimento no campo da eletricidade..."

Marie retomara as últimas palavras de seu marido e prosseguira a lição como se jamais tivesse sido interrompida.

tão colhendo ultrapassam a todas as expectativas e é bem fácil se imaginar por que. No Brasil, especialmente em S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais o cinema educativo é objeto de cuidados especiais por parte dos governos e educadores que vêem na lição concretizada na tela a maneira mais fácil de ensinar-se à criança.

Entre nós, já existe também alguma coisa. O atual Diretor do Departamento de Educação, adquiriu três equipamentos de cinema falado e os distribuiu para os grupos escolares das Rocas e do Alecrim, organizando um programa de exibições, nos outros estabelecimentos, a cargo da direção desses Grupos escolares e do próprio Departamento, que tem procurado na altura levar a todas as escolas da capital os benefícios da projeção animada, com lições úteis e proveitosas.

Até agora, só os filmes americanos têm sido exibidos, todos porém, falados em Português, sobre assuntos variados, sobresaindo os de profilaxia, agricultura, e criação, veterinária, alimentação e higiene, estabelecimentos industriais, musica, história e literatura.

Sabemos também que o Departamento de Educação está em contacto com uma das companhias distribuidoras de filmes educativos, para, em breve, oferecer a todas as escolas da capital e a algumas do interior do Estado, um programa por semana, com trabalhos sadiamente orientados no sentido de divertir, instruir e educar a nossa criança.

O Cinema vai, assim, trazido pelo descortínio de um dos nossos maiores educadores, completar a ação das nossas escolas que nada ficarão a dever às de outros meios mais ricos e populosos.

UM PEDACINHO DE CONVERSA

) ISABEL BESSA (

Uma professora tem, forçosamente, de ser amável e delicada com as crianças que lhe são confiadas. Não podemos compreender uma professora rispida, grosseira, sem uma palavra de carinho, sem um sorriso, nos lábios.

Uma criança é fiel imitadora não só dos seus pais, como dos seus mestres.

Há tempos, disse-me uma pequenita de 8 ou 10 anos:

— A senhora pintada? de *baton*? Coisa feia!

Surpresa, disse-lhe baixinho:

— Sua mamãe também não se pinta!

— Sim, porém mamãe não é professora!

Vejam só: se ela ficou escandalizada em ver a sua mestra com pinturas, nos lábios, o que pensaria se a visse "afoxada", como, vulgarmente, se diz, gritando, asperamente, aborrecida e grosseirona?

S. João Bosco, um grande e verdadeiro pedagogo, dizia: "Não com pancadas, mas com doçura e caridade. Não castigos materiais, nunca palavras humilhantes, nem repreensões, na presença de outros. Ressõe em nossas classes a palavra doce, caritativa, paciente. Nunca uma mordacidade.

Nunca a mais leve injúria".

D. Sinhazinha Vanderlei, antiga mestra aposentada, residente, em Assú, falou uma vez:

"Não gosto da professora que jamais chamou o seu aluno de — meu filho".

A professora é, pois uma sacerdotisa no Templo do Saber; é a plasmadora das consciências e dos caracteres. Ela é responsável pela formação dos futuros cidadãos da Pátria. E ninguém se forma bem no regime do terror, dos gritos e beliscões; mas a professora muito alcançará com brandura, com disciplina firme, racional e esclarecida.

Bom humor

Quando Rui Barbosa iniciava sua profissão, na Bahia, appareceu-lhe em casa, certa vez, um açougueiro, perguntando-lhe:

— Doutor, se o cachorro de um vizinho lhe furtar um pedaço de carne, pesando cinco quilos, o dono é obrigado a pagar?

— Tem testemunha?

— Tenho.

— Pois, então cuide de receber a importância.

— Então o doutor me deve 7\$500. Foi seu cachorro que roubou a carne.

O futuro jurisconsulto fez o pagamento e, quando o açougueiro ia saindo, chamou-o:

— Venha cá... E a consulta?

— Tenho de pagar?

— Naturalmente; são 50\$000.

SOCIAIS



ANIVERSÁRIOS



MÊS DE JUNHO:

Dia 2—Joana Gomes da Silva, prof.
de Belo Horizonte (Taipú).

—Alzira Fernandes Câmara, prof. do
Grupo Escolar Barão do Rio Branco,
Parellhas.

3—Alzira Nunes de Queiroz, prof. do
Grupo Escolar Isabel Gondim, Natal.

5—Moacir de Lucena, prof. e Diretor
do Grupo Escolar Nisia Floresta, Papari.

6—Maria Helena Furtado Freire, prof.
do Grupo Escolar Augusto Severo, Natal.

7—Julietta Nunes de Freitas, prof.^a,
aposentada, de Equador (Parellhas).

8—Ana Câmara Lima, prof.^a do Gru-
po Escolar Frei Miguelinho, Natal.

—Anatilde Lins Marinho, atualmen-
te, no Rio de Janeiro.

9—Mirtila de Moura Lima, prof.^a do
Grupo Escolar Cel. Mariz, Serra Negra
do Norte.

—Maria Isabel da Silva, prof.^a de Vila
Flor (Canguaretama).

10—Maria Natércia Xavier, prof.^a do
Grupo Escolar Barão de Mipibú, São
José de Mipibú.

—Amalia da Câmara França, prof.^a
e Diretora do Grupo Escolar Barão de
Ceará Mirim, C. Mirim.

12—Antônia Filgueira, prof.^a do Gru-
po Escolar Ferreira Pinto, Apodi.

—Maria de Lurdes Reis Oliveira, da
Escola Isolada, de Regomoletto (Macai-
ba).

—Irene Pinheiro Borges, prof.^a do
Grupo Escolar João Tibúrcio, Natal.

13—Maria Filomena de Medeiros
Ferreira, prof.^a do Grupo Escolar Al-
berto Torres, Natal.

—Rosilda Pinheiro Montenegro, prof.^a
e Diretora do Grupo Escolar Duque de
Caxias, Macau.

14—Maria Brásilia de Souza Mou-
ra, prof.^a do Grupo Escolar João Tibur-
cio, Natal.

—15—Maria Fernandes do Forte, prof.^a
de Cona Brava (Macau).

—Maria das Neves Cavalcanti, prof.^a
do Grupo Isabel Gondim, Natal.

16—Enília Soares de Carvalho, prof.^a
da Escola 1.^o de Maio, da E. F. C. R.
G. N., Natal.

—Maria Elcina de Carvalho, prof.^a
do Grupo Escolar João Tibúrcio, Natal.

18—Maria Moura Santos, prof.^a do
Grupo Escolar Cap. José da Penha,
Baixa Verde.

20—Maria Gomes de Araujo, prof.^a
de Pajussara, Natal.

23—Edeltrudes Borges Maranhão,
prof.^a do Grupo Escolar Barão do Rio
Branco, Parellhas.

—Lidia dos Santos, prof.^a do Grupo
Escolar Augusto Severo, Natal.

24—Maria Ocila Bezerra, prof.^a do
Grupo Escolar Pedro Velho.

MÊS DE JULHO:

3—Maria Carmélia de Almeida, p.^a
do Grupo Escolar Moreira Dias, Mos-
soró.

—João Jacinto de Oliveira, prof. do
Grupo Escolar João Bernardino, de Ale-
xandria, atualmente servindo no Gru-
po Escolar João Tibúrcio, Natal.

4—Joanita Costa, prof.^a do Grupo
Escolar Alberto Torres, Natal.

8—Marganda Fernandes Nogueira,
prof.^a do Grupo Escolar Barão de Ce-
ará Mirim, C. Mirim.

9—Geraldo Magêla Cruz, prof. do
Grupo Escolar Frei Miguelinho, Natal.

10—Petronia de Paula Sousa, prof.^a,
do Grupo Escolar Cel. Sávio Bezerra,
Florânia.

—Joaquim Mavigner de Noronha,
atualmente no Departamento da Fazenda.

11—Matia Conceição de Azevedo Cu-
nha, prof.^a de Educação Física da Es-
cola Normal, Natal.

13—Rita Sampaio de Sousa, prof.^a
do Grupo Escolar Augusto Severo, Natal.

14—Elza Seabra de Melo, prof.^a do
Grupo Escolar Presidente Roosevelt,
Paranamirim.

15—Ester de Sousa Góes, prof.^a
do Grupo Escolar Otavio Linsartino,
Cruzeta (Açu).

20—Roque José da Silva, prof. de Educação Física do Colégio Estadual Masculino.

21—Inácia Teixeira de Carvalho, prof.^a do Grupo Escolar Fabricio Maranhão, Canguaretama.

—Odete Costa Marinho, Natal.

27—Marta de Lurdes Lopes, prof.^a da Escola Isolada de S. Rafael (Santana do Matos).

—Nísia da Cunha Fernandes, prof.^a do Grupo Escolar Frei Miguelinho, Natal.

—Raquel Natália de Paiva, prof.^a do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, Parelhas.

29—Odessa Rodrigues de Carvalho, prof.^a e Diretora do Grupo Escolar Quintino Bezerra, Santa Cruz.

—Marta Carmelita Rocha, prof.^a do Grupo Escolar João Godeiro, Patú.

30—Milca Soares, prof.^a das Escolas Reunidas, de Luiza, (Florânia).

31—Cilvia Matyho Lopes, prof.^a do Grupo Escolar Cactano Dantas, de Carnaúba, (Acará).

MES DE AGOSTO:

4—Marta Bezerra Miranda, prof.^a do Grupo Escolar Aurora Hartoa, Natal.

6—Rosa da Silva Cunha, prof.^a do Grupo Escolar João Tiburcio, Natal.

7—Marta de Lurdes Soares de Maria, prof.^a das Escolas Reunidas de Luiza, (Florânia).

—Marta Raimunda de Sousa Carvalho, prof.^a das Escolas Reunidas Felipe Camarão, de Estremoz (Ceará Mirim).

10—Marta Nazaré Alves Medeiros, prof.^a das Escolas Reunidas de Epitacio Pennou, (Angicos).

14—Salústia de Sousa, prof. do Jardim de Infância do Grupo Escolar Augusto Severo.

15—Marta da Glória Silveira, prof. aposentada.

18—Raimundo Nonato da Silva, prof. de Português da Escola Normal de Natal.

19—Iraci Moreira Brandão, prof. de Tchau (Gomanha).

21—Marta da Conceição Moraes, prof. do Colégio Estadual Feminino.

25—Nair de Azevedo Maia, prof. do Grupo Escolar João Tiburcio, Natal.

26—Dr. Francisco Ivo Cavalcanti, prof. aposentado da Escola Normal de Natal.

28—Júlia Medeiros, prof. do Grupo Escolar Senador Guerra, de Caicó.

29—Creusa de Aguiar, prof. de Campos Novos (S. Paulo do Potengi).

30—Rosa de Araujo Maia, prof. do Grupo Escolar de Pe. Miguelinho.

COOPERATIVAS ESCOLARES

Assunto momentoso, porisso mesmo que afeta, visceralmente, a vida da escola, é a cooperativa poderosa válvula no sentido de tornar os nossos estabelecimentos de ensino capazes de atenderem melhor aos seus objetivos.

A cooperativa é sempre mista. Possui uma secção de crédito, uma de consumo e outra de produção. A de crédito tem por fim desenvolver na criança a virtude da economia. A cooperativa de consumo possibilita o aumento da capacidade aquisitiva do estudante. E é assim que os artigos — livros, cadernos, lapis, penas — são comprados diretamente aos editores e fabricas, sem o intermediario, desaparecendo, pois a ideia de encarecimento da utilidade. Finalmente, a cooperativa de produção — com a instalação de granjas, hortas, pomares — é dirigida pelos próprios alunos que, estimulados naturalmente pelos resultados obtidos, tudo farão pelo bom êxito da instituição.

Sabe-se que, entre nós, o sr. Diretor Geral da Educação, já está tomando as providências para que dentre, em breve, sejam restauradas as cooperativas criadas e outras venham a funcionar, pugnando melhor pelo ideal da escola ativa.

PARTE OFICIAL

Estado do Rio Grande do Norte
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Atos Oficiais

Governo do Estado

Decretos

Secretaria Geral

Portarias

Departamento de Educação

Portarias

NOTAS ESCOLARES

RIO GRANDE DO NORTE

GOVERNO DO ESTADO

ATOS OFICIAIS

Mês de Junho de 1948

8 — É suprimido um cargo de Zelador, Padrão A-1, do Departamento de Educação, e elevado de quatorze para quinze o número de referência II da S. F. de Zelador.

9 — É concedida a gratificação adicional de quinze por cento sobre os vencimentos de Salústia de Sousa, ocupante do cargo da Classe E, da carreira de Professor Primário.

11 — É nomeada Zuleika de Moura Santos, ocupante do cargo da classe D, da carreira de Professor Primário, para exercer, como substituto, o cargo da classe G.

15 — É nomeada Maria Nazaré Chacon, para exercer, como substituto, o cargo da classe D, da carreira de Professor Primário.

15 — São designados o Cônego José Adelino Dantas, Bel. Luiz da Camara Cascudo, Doutor Manuel Varela Santiago Sobrinho, Bel. Nestor dos Santos Lima e Maestro Valdemar de Almeida, para constituírem a Comissão do Instituto Brasileiro de Educação Ciências e Cultura, neste Estado.

15 — É designada Calpúrnia Caldas de Amorim, ocupante do cargo da classe G, da carreira de Professor Primário, para exercer a função gratificada de Director do estabelecimento, onde se encontra lotada.

15 — É dispensada Maria do Céu Medeiros de Albuquerque, ocupante do cargo da classe E, da carreira de Professor Primário, da função gratificada de Diretor do Grupo Escolar « Antônio de Azevedo ».

15 — É concedida a gratificação adicional de quinze por cento sobre os vencimentos de Rosa de Sousa, ocupante do cargo da classe E, da carreira de Professor Primário.

26 — É elevada de quinze para vinte por cento a gratificação adicional de Odete de Miranda Fonseca, ocupante do cargo da classe E, da carreira de Professor Primário.

PORTARIAS DO SECRETÁRIO GERAL

15 — É admitida Aurora Santos, na função de Professor Primário, Referência III, da T. N. M. do Departamento de Educação.

16 — É admitido Jecy de Assis Dantas na função de Professor Primário — Referência III, da T. N. M. do Departamento de Educação.

25 — É dispensada Leonor Soares Ribeiro, ocupante da função de Professor Primário — Referência III, da T. N. M. do Departamento de Educação.

É dispensada Nair Nóbrega, ocupante da função de Prof. Primário — Referência III, da T. N. M. do Departamento de Educação.

25 — É admitida Dirce Dulcila de Sena, na função de Professor Primário — Referência III, da T. N. M. do Departamento de Educação.

Notas sôbre o ensino primário mantido pelo Estado do Rio Grande do Norte, no ano de 1947

Matricula: 59.887 escolares

Frequência: 43.201 ”

PALAVRAS AOS PROFESSORES

O Dia do Professor, que hoje transcorre, deve ter significação muito alta e muito nobre para aqueles que se dedicam ao magisterio.

Por uma confortadora reconstituição do passado, assistindo, em memória, ao desfile dos acontecimentos que certamente marcaram sua existência das mais contraditórias emoções, pode o professor, em sua caminhada heroica pela vida, orgulhar-se da missão a que se entregou, indiferente às incompreensões e certo da magnitude do seu belo destino humano.

Como fator de equilíbrio social, não há que distinguir o professor em sua hierarquia, porque todos se equivalem e merecem a mesma admiração; é grande o que ministra o ensino em cátedras eminentes, à luz da ciência e do saber, e não é menor o que se faz bandeirante pelos sertões, levando aos seus patriotas a cartilha e a taboada.

Platão e Anchieta, Rousseau e Pestalozzi são nomes que não têm época e não têm pátria porque constituem reservas morais de todos os povos e de todas as civilizações.

Professores do Rio Grande do Norte:

Representais uma parcela imensa do pensamento conciente do Brasil. Com a inteligência e com o coração, com essas duas grandes forças que Deus outorgou ao homem para todas as nobres conquistas, velai pelos vossos alunos, fiéis ao compromisso que assumistes, deles fazendo uteis elementos para a sociedade e para a família e bons cidadãos para a Pátria.

NATAL, 15 DE OUTUBRO DE 1948

SEVERINO BEZERRA

PEDAGOGIUM

ORGÃO OFICIAL DA "ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

(3ª. FASE)

DIRETOR: Luiz Soares de Araújo

REDATOR-SECRETÁRIO: F. Rodrigues Alves

COLABORADORES:

Raimundo Nonato,
Mário Cavalcanti,
Roque José da Silva,

Acrísio reire,
Antônio E. da Silva,
Raimundo Soares

SUMÁRIO

I — Discurso	Coame Lemos
II — O problema da repetência escolar	F. Rodrigues
III — O Colegio de Pedro Velho	Adauto da Camara
IV — Mais um inimigo da escola	R. Nonato
V — Um novo grito da Ipiranga	Mário Pinto Serva
VI — Brasil	Gabriel B. de Faria
VII — Instantâneas de ontem e de hoje	Yara Rienzi
VIII — Ensnar	José Saturnino de Paiva
IX — O Jasmineiro de Auta de Sousa	Violeta Santos
X — O Escutismo doutrina salvadora da nacionalidade	Moacir de Lucena
XI — Notas & Fatos	Redação
XII — Palestra	Joaquim M. Noronha
XIII — Seleções de clássica	Acrísio Freire
XIV — Considerações gerais acerca dos acidentes da erupção dentária	Dr. Aloysio Góis Barros
XV — O Homem	Antonio E. da Silva
XVI — Educação Física	Roque José da Silva
XVII — Inquietação	Raimundo Soares
XVIII — O papel do professor no meio social	Ana Anita de Mele
XIX — A educação	Emilia Soares de Carvalho
XX — Revistas de Ensino	Adherbal de França
XXI — Sociais	Redação

PARTE OFICIAL

“ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES”

Presidente: *Prof. Luiz C. Soares de Araújo*

Vice-presidente: *Dr. Francisco Ivo Cavalcanti*

1.º Secretário: *Prof. Mário Cavalcanti*

2.º « *Prof. Raulina Ataíde*

Orador: *Prof. Clementino Câmara*

Vice-orador: *Prof. Francisco Rodrigues Alves*

Tesoureiro: *Prof. Acrísio Freire*

Adj. de Tesoureiro: *Prof.ª Rita Sampaio*

Bibliotecário: *Prof. Raimundo Soares de Andrade*

Adj. de bibliotecário: *Prof.ª Sefora Ramos Santiago*

Comissão fiscal:

Professores *Francisco Soares, Maria Belém Câmara*
e Maria Lídia Dias.

PEDAGOGIUM

ÓRGÃO OFICIAL DA « ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES »

DIRETOR

Luiz C. Soares de Araújo

REDATOR SECRETÁRIO

F. Rodrigues Alves

DISCURSO

(Pronunciado pelo Deputado Cosme Lemos em sessão comemorativa do dia do Professor).

Aqui estou, por um convite determinante da « Associação de Professores ».

Ao receber a mensagem, intimamente surpreendido, quis indagar dos motivos dessa distinção. Lembrei-me, porém, de Hendrick Willem Van Loon e resolvi calar. E que o notável escritor da "História da Humanidade" ao lançar para o público essa fonte derramante de conhecimentos que são "As Artes", numa fantasia delicadamente humana, não quis trazer para o pórtico do seu grande livro as figuras celebres dos artistas consagrados, ou os estudiosos profissionais da escultura, da pintura, e da música, ou ainda a legião dos Messenas e dos Fredericos, beneméritos protetores das artes e das letras, mas colocou, ali, moldurando o seu prefácio, duas figurinhas rústicas e perdidas, sobraçando uma caixa preta de violino e remendadas pastas de desenho, que éle encontrara numa passagem de trem, na travessia de uma zona desolada e selvagem, em caminho de uma escola de aldeia, castigadas pela neblina da manhã pardacenta.

A Associação, numa rica demonstração de humanismo, quis, naturalmente, no seu grande dia, homenagear êsse mundo anônimo e teimoso dos que remexem com as letras nos ambientes desertos do sertão, dos que carregam livros pelas estradas ao lado dos combonos, ou, como os *minesingers* e os *jongleurs* da Europa medieval, levam para as aldeias e para as fazendas ressonancias de literatura infantil, imagens coloridas de romances populares, grunhos e salpicos de alfabetização nos domínios ressequidos do analfabetismo.

Aqui esta, portanto, num bater de olhos assutados, falando para vós, um velho sertanejo literatiço, criador de versos tortos e poemas desmantelados, entrando no programa da vossa

festa majestosa como entrou no pórtico da grande obra de Van Loon aquele insignificante par de estudantes, pingos humanos na indiferença agreste da paisagem.

A luz focalizou a face do abismo, guiou as alvoradas da terra, ensinou os primeiros passos do universo, levou o espírito de Deus sobre as águas...

Parece que foi a luz o primeiro professor do mundo.

E nos sete simbólicos dias da criação, segundo a gênese evangelica, ou na lenta sucessividade dos milênios através das idades da terra, com as seleções e transformações das espécies, segundo a teoria evolucionista, houve sempre os elementos guiadores na marcha ascensional dos reinos naturais, legítimos professores de cada espécie, até a culminância da vida animal, com o grande eleito da criação que foi o homem. E entre os homens primitivos, no lusco-fusco tateante das cavernas, o primeiro que teve um sorriso de inteligência e de ternura, o que primeiro se arrancou da materialidade grosseira dos instintos para a contemplação pensante do universo; o que primeiro buscou, nas praias, o brilho rosado das conchas e procurou nos céus o nívio brilho das estrelas, o que primeiro interrogou o caminho do sol, meditou sobre o misterio da floresta e parou para ouvir a canção de um ninho, foi, indiscutivelmente, o primeiro professor da raça humana.

E assim vem vindo no caminho aberto da Humanidade, símbolo de inteligência e sabedoria, personalidade definidora de compreensão e de benevolência, silhueta destacada nos monumentos marcantes das civilizações.

No século passado, em celebre oração ao pé da estatua de Spinoza, Ernesto Renan perorava para o povo de Ham emocionado e contrito: "Maldição sobre o passante que insultar esta suave cabeça pensativa. Será punido como todas as almas vulgares são punidas — pela sua própria vulgaridade e pela incapacidade de conceber o que é divino".

Estas palavras eloquentes e consagradoras pronunciadas por um dos espoentes do pensamento e da inteligência do século dezanove, o estilista admiravel da "Oração à Acropole", áquele que foi um dos grandes luzeiros da Humanidade e a quem "os simples amavam pela sua suavidade como os cultos amavam pela sua sabedoria" bem poderiam servir de pedestal a todos os monumentos consagrados aos apóstolos da educação, a essa legião de plasmadores de caracteres e acededores das chamas da inteligência, almas vigilantes e dedicadas, guias das gerações e espírito conciente das patrias.

A Historia nos ensina a afirmar que as nações líderes do universo, mais dos que aos seus reis e aos seus generais, devem o seu dominio e o seu poder ao proselitismo conqui-

tador dos seus filósofos e dos seus mestres. Mais do que Alexandre com os seus generais e as suas armas, conquistou o continente asiático o espírito ático do seu grande mestre, o chamado "gênio universal" que foi Aristóteles. Mais do que as legiões de Cornélio Cipião, contribuiu para o incêndio de Cartago a eloquência de Catão, o antigo, incendiando a alma romana nas lavas do seu ódio contra a Pátria de Hanibal. Maior do que a vigilância pretoriana das armas foi a vigilância cívica de Cícero, salvando a República da insidiosa conspiração de Catilina.

Mais fortes que os soldados da bandeira tricolor e mais conquistadores que as águias napoleônicas, foram as ideias de Rousseau e de Voltaire solapando e destruindo o direito divino dos Cetros e das Corôas.

É que as espadas trazem nas lâminas o poder volúvel e efêmero da força enquanto o espírito e a inteligência levam nas asas de ouro o poder permanente da persuasão.

E é por isso que a Humanidade, hoje mais do que nunca, precisa de educadores que sejam sábios, mas, acima de tudo, que sejam educadores humanos e justos.

Paciência, srs. professores. Permitti que o pobre leigo bata grotesca e desafinadamente, numa tecla tão vossa e tão repetida nos bancos escolares.

Todo leitor que entra no caminho das reflexões sobre o transcendental problema da educação do homem, por mais tímido que seja e por maior receio que tenha de entrar nas controvérsias dos doutos e dos profissionais, meditando sobre a natureza humana, pesquisando o seu mundo interior e sentindo as reacções dos seus próprios sentimentos, fácil será compreender que o homem não é esse todo homogeneamente bom como queria o romântico criador do "Emílio", nem essencialmente mau, erótico e criminoso, na pessimista concepção de Freud. Ele é um conjunto natural de bons e maus sentimentos. E como todas as vidas nascentes esses sentimentos brotam, frondam e frutificam ou murcham e fenecem de acordo com os tratamentos que lhes são dispensados. Cabe à educação fazer frondar os sentimentos bons da criança. Cabe ao educador fazer morrer os sentimentos maus do educando. Eis porque, os professores ideais para os nossos filhos seriam aqueles recomendados por Montaigne: "Cabeças bem feitas antes que cabeças bem cheias". Sim, meus senhores; um pouco menos de ciência sobre a terra; um muito mais de humanismo sobre o mundo — Repito aqui o que já disse ali e alhures: De degrau em degrau na escada da ciência, sem humanismo, o homem chegou ao topo da escada, completamente desvairado e com uma bomba na mão. O filho caçula da ci-

ência ameaça tragar a Humanidade. É a bomba atômica.

O canto de Zaratustra embebedou os homens. "Quem é mais ímpio do que eu, que me faça gozar seus ensinamentos?" Aquele que na verdade pretende ser um criador precisa primeiro — ser um destruidor e despedaçar todos os valores". Eis o grito terrível da filosofia da força, que tanta ressonância encontrou no seio da sociedade hodierna.

Ainda hoje podemos afirmar o que há 15 anos afirmava para a mocidade o grande mestre Afrânio Peixoto: "Nietszche ainda não acabou de fazer mal".

Filósofo! E para que amigo da sabedoria se essa sabedoria tem a beleza venenosa do coral das serpentes e o sibilar terrível das ventanias que sepultam as tradições e quebram e pulverizam os santuários do amor e da bondade?

Não, senhores mestres! Que os educadores da mocidade sejam cultos e amem a ciência mas, sobretudo, velem pela harmonia espiritual das pátrias ocidentais, em torno da moral sagrada que recomenda a bondade para com os fracos, como pregou do alto da Montanha o filósofo de todos os filósofos.

Que esta moral seja difundida com a força viva da convicção por todo e qualquer espírito que tenha de abrir um livro para uma criança, de apontar caminhos para inteligências nascentes, de preparar consciências para as lutas do futuro.

Que as cátedras tomem a si o dever de reconquistar as sociedades para o culto da solicitude humana, cinzelando a imagem da tolerância no coração da mocidade, compreendendo que "a questão social é, em tudo e antes de tudo, uma questão de mandamento moral", como ditava o venerável sábio de Carpineto.

Que a voz divina do supremo amigo dos lírios e das crianças seja uma sinfonia de ressurreição, entoada nos campos, nas praças e nas universidades, apagando os incêndios das filosofias do ódio e derretendo as muralhas glaciais do egoísmo que emparedam e insensibilizam os povos e as nações.

Que os mestres de todas as pátrias, seguindo a regra pedagógica de conduzir a escola no regime vigilante de severa doçura, façam a batalha da não violência, na resistência moral aos métodos da força e implantam a ditadura da polidez e da compreensão para que o mundo respire o clima ideal da alegria de viver!

Que o não matarás faça ninho de amor na alma dos homens e seja repetida do alto de todas as consciências, numa grande ressonância de solidariedade humana, a luminosa saudação evangélica: — A PAZ SEJA CONVOSCO!

O PROBLEMA DA REPETÊNCIA ESCOLAR

F. RODRIGUES ALVES

... o árbitro dos destinos do mundo há de ser o mestre escola.

LORD BROWHAM

Em os nossos sistemas de ensino, afigura-se-nos, dentre outras coisas sérias, e, por assim dizer, dignas de bem cuidadas, o problema da repetência escolar, conseqüente, como muito bem observa o brilhante Prof. Luiz Gonzaga Fleury, do "fenômeno das reprovações, que é uma resultante de fatores complexos que não podem ser completamente combatidos, senão por um conjunto, também complexo, de medidas combinadas". Os jornais, além dos livros e revistas de ensino, já têm tratado do assunto, com bastante insistência, sem que, segundo nos parece, tenham tido a argúcia técnica natural de descer às causas determinantes desse "mal pedagógico", de todos os anos, que, se não pode ser radicalmente curado, pelo menos poderá ser perfeitamente atenuado, desde que, para isso, apareçam providências especiais, aplicadas na razão direta das próprias necessidades educativas. Tais providências encontram, (antes de assumir caráter administrativo), nos Jardins de Infância, o seu ponto de apóio mais perfeito, a sua fonte mais fecunda e mais nobre, mais humana e mais necessária á orientação e preparação do "ser em devenir", da expressão dos educadores.

Disto, está bem convicta, por exemplo, essa mestra notável, d. Betti Kazenstein, Doutora em Filosofia pela Universidade de Viena, exercendo, atualmente, as altas e delicadas funções de *Chefe da Secção de Psicologia da Cruzada Pró-infância*, de S. Paulo, e, sem favor, um dos grandes expoentes do magistério bandeirante.

Em suma, a repetência escolar é conseqüência dos desajustamentos a que estão sujeitos todos os meninos mal orientados ou mal formados que se destinam ás matriculas das escolas primárias. O ideal seria todos passassem, assim, pela pré-escola, antes de alcançar a verdadeira escola. Os pais, também, são, muitas vêzes, responsáveis pelos "fracassos intelectuais" de seus filhos, quando os matriculam, na idade imprópria, chamada, por alguns imatura, sem a devida capacidade mental de assimilação dos conhecimentos que lhes são ministrados, dentro dos rigores dos programas de ensino, sendo reprovados, irremediavelmente, nos fins de anos letivos, e condenados "à perspectiva desagradável de tomarem lugar, na mesma sala, sentados, no mesmo banco, ouvindo as mesmas

preleções dos mesmos professores". Já o eminente educador norte-americano John Dewey sentenciou: "aprender, vivendo primeiro o que se deve aprender, para a vida e através da vida".

Matricular, portanto, uma criança, fora da idade própria (7 anos), é destiná-la, quase sempre, aos insucessos verificados, na vida estudantina, que se inicia...

Outras, porém, mesmo dispondo de maturidade escolar, são atiradas aos fracassos comuns, compreendidos, na "redução lógica", de que nos fala o já citado pedagogo paulista, e que está, assim, demonstrada: 1º, formação psicológica defeituosa; 2º, alimentação deficiente; 3º, pouca disposição, para o estudo; 4º, atraso mental; 5º, falta de assiduidade às aulas; 6º, deficiência de material didático; 7º, início tardio de aulas; 8º, excesso de licença de professores; 9º, influências estranhas ao verdadeiro sentido da escola e da educação; 10º, incapacidade didática do professor. São motivos estes todos muito sérios, como se vê, principalmente o último deles, de vez que a incapacidade didática dos que fazem do magistério uma profissão, um meio de vida, quando ele é uma sagrada missão, um sacerdócio é, não ha duvida, a grande culpada das reprovações, em nossas escolas. O problema da repetência escolar, a êsses respeito, preocupa bastante os responsáveis pelas questões da educação e da instrução, em nossa Patria, isto, naturalmente, pelo prejuizo lamentável que acarreta às crianças dignas de melhor sorte, e aos cofres públicos, que dispendem somas enormes, todos os anos, para alimentar, em muitos casos, os resultados negativos de uma tarefa grandiosa que só poderá ser bem compreendida por aquêles que se inspiraram, verdadeiramente, nas magnificas lições de Pestalozzi, D. Bosco, Froebel, Horácio Mann, Ovidio Decroly, Claparède, Herbat e Maria Montessori, espiritos desprendidos e devotados ao bem da Humanidade, modelos universais da Pedagogia e da Pedologia, em todos os tempos! Outro aspecto, ainda, merecedor de atenções e cuidados, é, pelo outro lado, o das promoções e aprovações de meninos não preparados, para tal fim, com o intuito deshonesto e maléfico de fazer número, sabido que, com isso, estarão êles, mais tarde, na terrivel emergência do "não-poder-ir-nem-voltar"... Tudo depende, pois, do equilibrio, no método de ensino, para que haja o equilibrio dos conhecimentos adquiridos. Nem reprovar pela incapacidade de ensinar, nem, por ela, aprovar quem não esteja em condições!... Em conclusão, o assunto, aqui, apreciado é, de feito, bastante complexo, embora não constitua um mal incurável, como muitos poderão pensar. Há remédio, para êle. É so aplicar o mesmo, dentro das normas reais...

(1) O trabalho da criança com a
a; b) o desinteresse da família pela

O COLÉGIO DE PEDRO VELHO

ADAUVO DA CAMARA

(Especial para PEDAGOGIUM)

Entre nós não é costume recordar casas de ensino e as simpáticas figuras de antigos educadores, a modesta atuação dêsses heróis na formação moral, intelectual e cívica do Rio Grande do Norte. Não será por esquecimento dos seus serviços beneméritos; mas há-de-ser por displicência. Não conheço um trabalho que tenha objetivado a reconstituição do ambiente escolar de determinada época, em uma tentativa de resguardar lembranças queridas, que o tempo vai impiedosamente devorando, no silêncio e na indiferença das gerações desatentas. Não me refiro à história cronológica da instrução, aos relatórios, legislação, estudos especializados, porque de tudo isto cuidam carinhosamente os historiadores, as autoridades governamentais, as repartições competentes. Quero falar é na reminiscência pessoal, nas impressões subjetivas, carregadas por todos nós no lastro da consciência. Refiro-me à evocação do próprio educandário em cujos bancos nos assentamos, as atividades dentro de seus muros, o perfil dos preceptores, sua influência social, e quantos outros aspectos empolgantes!

Eis uma lacuna que procurei parcialmente suprir escrevendo as minhas memórias do Ateneu, com trinta e tantos anos de distância, e as publicando no «Diário do Natal», em 1947. Lancei-me àquela tarefa depois de uma rápida visita de algumas semanas à querida terra de que me ausentara havia 16 anos. E o fiz movido de um duplo sentimento de afeto e dever. Afeto pelos mestres e colegas de outrora, e dever para com as gerações subsequentes. Nossas raízes psicológicas, minhas e delas, se aprofundam em um belo e glorioso passado comum. Inspirei-me naquele espírito de continuidade que perpetua as Patrias, através de tradições e aspirações idênticas.

A vida colegial cria laços morais tão fortes que resistem por toda a vida. Muitas das impressões dêsse tempo se apegam teimosamente a todos nós, deixando-nos marcas indeletáveis no caráter, nefastas ou benfazejas. Reações produzidas em nossa alma pelas cenas remotas, pelos fatos miúdos do cotidiano, pelos contrastes, pela multifaria e versátil paisagem humana, o ascendente fecundo de um mestre, a admiração pelos talentos precoces de um companheiro, cuja personalidade superior se revela desde a adolescência, — tudo isto é o caleidoscópio encantado da memória, que vale a pena pôr em função.

Pouco antes da República, houve em Natal um colégio

pelo Rio Velho; 2) o gaseamento da escola.

que se tornou famoso em pouco tempo, pela sua idônea direção e pelos frutos colhidos na preparação dos seus discentes: o GINÁSIO RIO-GRANDENSE. Instalou-se em um casarão que havia na rua Nova (Avenida Rio Branco), próximo ao Baldo, no qual funcionou, mais tarde, no governo Alberto Maranhão, o Batalhão de Segurança (Policia Militar), cujo quartel, anteriormente, era na Ribeira, onde hoje é a repartição do Pôrto. Naquele lugar se ergue atualmente o magnífico prédio do Liceu Industrial. A casa se prestava realmente para um educandário, bem localizada, ampla, ia da Rua Nova até a dos Tocos (posteriormente 13 de Maio, hoje Princesa Isabel), grande pátio central arborizado, acomodações suficientes para internato e externato. Foi, na Província, o primeiro grande estabelecimento de ensino particular que alojava seus alunos, dotado de numeroso e selecionado corpo docente, orientado por métodos que nada tinham do çaruncho reinante. O colégio oficial, o Ateneu, sempre foi mal instalado, e padecia de outros males, a começar pelos lentes, que eram faltadores, e alguns, apedeados, e pelos alunos, que não estudavam e não respeitavam os instrutores. As FALAS dos Presidentes da Província são um libelo permanente contra educandos e educadores. Um vice-presidente, durante sua curta interinidade na administração, obrigou um dêstes, que morava no Açú, a vir para a Capital, e a dar aulas. Não havia internatos que merecessem tal nome. Os de religiosos, que tanto dignificam o ensino em nosso Estado, não tinham sido ainda inaugurados entre nós. Professores particulares, isto é, "explicadores", recebiam meninos do interior em sua residência, e davam a estes hóspedes noções de humanidades. Eram os internatos...

Seu diretor, desde a fundação, em 1882, era um natalense da rua da Alfândega, (depois do Comércio e Tarquino de Souza, e hoje, do Chile) das mais antigas da Capital de uma vetustez que se espelha nas contruções solidas, de fachadas sem graça, com o seu ar de abandono irremediavel. Naquela rua, que o progresso esqueceu, veio ao mundo outro vulto dos mais caros ao orgulho de minha gente, Ferreira Itajuba, o vate imortal. Durante décadas, ela abrigou o Govêrno do Rio Grande do Norte, cujo Palácio de aluguel ainda domina, sobranceiro, pela sua massa arquitetônica, a chateza circundante. A rua Chile foi cenario de fatos inesqueciveis: a partida dos Voluntários da Patria para a guerra e para a glória; o advento da República, a deposição de um governador, as conversinhas interminaveis dos «Conservadores da Botica», traçando planos, carpindo desenganos.

Nascido a 27 de Novembro de 1856, Pedro Velho de Al-

buquerque Maranhão fez os estudos primários em Natal; os secundários em Recife, no Ginásio Pernambucano, e na Baía, no famigerado COLÉGIO ABILIO, que era conhecido, por toda parte, como um centro experimental da pedagogia "nova". Interno, o jovem estudante há-de ter apreciado os revolucionários processos de ensino e educação postos ali em prática pelo reformador a quem Pedro II conferiu o título de Barão de Macaúbas. O dr. Abilio Borges, não obstante a difamação de Raul Pompéia, era um educador dos mais adiantados, estudioso, interessado em introduzir no Brasil os melhoramentos que tanto elevaram a reputação dos colégios europeus. Para isto, empreendeu longas viagens ao estrangeiro, adquirindo material didático do mais aperfeiçoado, aplicando as últimas conquistas da ciência da educação, quebrando a rotina no estudo das ciências e das humanidades clássicas. Excursões culturais, disciplina pelas sanções morais, abolição da palmatória, teatro escolar, jornais, grêmios, método direto para as línguas estrangeiras, cuidados higiênicos, conforto material, — eis o que Pedro Velho testemunhou e exercitou, no mais adiantado colégio do Brasil, naqueles dias. Diplomou-se com brilho na Faculdade de Medicina. Motivos de saúde fizeram-no interromper o curso superior. Em última análise, tendo êle se restabelecido inteiramente, o sueto forçado redundou em benefício para a sua formação de futuro homem público e de educador. Demorando cêrca de um ano em França, obtendo melhoras constantes, não permaneceu inativo. Que enorme vantagem para a sua cultura foi êste contato com a civilização europeia! Tornou-se exímio no manejo do Francês, cuja literatura conhecia a fundo. Alargou o horizonte mental. Viajou por outros países. Como que se estava preparando para desempenhar o grande papel que o destino lhe reserva, na direção da juventude de nossa terra e na politica do País.

Médico, volta ao Rio Grande do Norte. Demora-se, por alguns meses, em 1881, em S. José de Mipibú, onde instala uma farmácia, no sobrado de Joaquim Pedro, do lado da Matriz. Dedicar-se à clinica. Regressa a Natal, já casado. Agora aparece o guia, o pedagogo. Monta o ginásio, provido de excelente e abundante material escolar e didático. Com a energia de sua capacidade dinâmica, prestígio social, a sua competência e respeitabilidade já abonadas na confiança pública, o novel Instituto se viu procurado por numerosos discentes, da Capital e dos municípios vizinhos. Mantinha o curso primário e o secundário. Êste último seguia as normas adotadas pela reforma Homem de Melo, que reorganizou o currículo do Imperial Colégio de Pedro II (1881). O ensino era livre, na conformidade da reforma Leôncio de Carvalho (1870). A inter-

venção do Estado só se admitia para assegurar condições de higiene e moralidade, — conquista que ainda hoje reivindicam, nestes mesmos termos, os educadores do Brasil, nos seus congressos bienais, do Rio, de Belo Horizonte e de S. Paulo.

Cada um podia organizar o seu currículo como lhe parecesse melhor. Mas succede que os candidatos às escolas superiores tinham de se apresentar ali munidos dos preparatórios exigidos para a matrícula. Os preparatórios eram "tirados" mesmo nas Províncias, perante bancas examinadoras sob inspecção official.

De maneira que eram os preparatórios que regulavam o currículo.

Apenas três anos resistiu Pedro Velho ao cometimento herculeo de querer impor ao meio uma instituição acima de suas possibilidades. Ainda não era tempo para aquelas inovações, para aqueles insólitos sistemas modernos, sem fôrula e sem caua...

Em 1884, o estado sanitário da Capital não era bom. O beri-beri fazia suas incursões, e o diretor do colégio se enchia de temores pela saúde dos meninos. As finanças do ginásio, de tão precárias, ameaçavam o parco patrimônio daquele idealista. Apesar de sua dedicação, da cooperação de tantos e illustros companheiros de magistério, da afluência de novos elementos para as suas classes, a situação não era promissora. Pedro Velho, findo o ano letivo, resolveu extinguir a escola. Foi quando o dr. Hermógenes Tinoco lhe propôs adquiri-la. Transferiu-a para a rua Uruguaiana (atual General Osório), em um espaçoso prédio residencial de dois pavimentos, frente para a Igreja de Santo Antonio. Por ali morava êle, bem como o dr. Morato (Matias Antonio da Fonseca Morato), Juiz de Direito, Vice-Presidente da Provincia, cujo governo assumiu mais de uma vez; o professor de música, Francisco Belém, tio afim de meu Pai. O Ginásio, em mão do novo dirigente, teve efêmera duração. Agora era o regime d'antanho: os professores admitindo alunos-hospedes. Pedro Velho voltou-se para a clínica, sem grande entusiasmo. Continuou no magistério, tendo conquistado a cadeira de História Universal do Ateneu. Foi ainda inspetor da Saúde Pública, no governo do dr. José Moreira Alves da Silva, 1885-1886, tendo-lhe, antes, e nobremente, declarado que poderia aceitar o cargo para servir à Provincia, porém que não renunciaria às suas ideias politicas, já manifestamente contrárias à Monarquia.

O programa do curso secundario abrangia as seguintes disciplinas: — portugês, francês, inglês, italiano, latim; aritmé-

tica, álgebra, geometria e trigonometria; geografia, cosmografia e corografia do Brasil; História universal e do Brasil; filosofia, retórica, lógica, instrução religiosa, história natural, física e química. Em todas as classes, música, desenho e ginástica.

Dos seus numerosos alunos apenas sei de alguns. Espero que esta notícia desperte o interesse de outros rebuscadores, e mais alguns nomes sejam lembrados, — o que é mais fácil para quem tem a fortuna de viver no Rio Grande do Norte. Este trabalho não tem nenhum mérito, além d'êste: um esforço para salvar do esquecimento a obra educacional de Pedro Velho. E, quem sabe? Induzir outros pesquisadores, amantes do passado da Potiguarânia, a recompor a vida dos mais ilustres das nossas casas de ensino: o colégio de Antonio Gomes, o colégio Diocesano de Santa Luzia, do tempo do Cônego Estêvão, em Mossorô; o Santo Antonio dos começos do século; o São Francisco de Sales, do dr. Meira e Sã, em Ceará-Mirim, 1884, justamente quando desaparecia o de Pedro Velho. Nestas linhas haverá muito lapso, muita omissão, muito equívoco. *Faciunt meliora potentes.*

Os mais eminentes discípulos foram Augusto Tavares de Lira, grande brasileiro, benemérito historiador da República, ministro de Estado, sabedor insigne da crônica de nossa Província, e que seria genro do Diretor do Colégio, — e Alberto Maranhão, governador progressista, uma das vivazes afeições do povo do Rio Grande do Norte, irmão de Pedro Velho, e falecido em 1944. Outros que estudaram debaixo daquele teto, foram Carlos e Tomaz Ribeiro Dantas; Pedro Nestor, e Juvenal Sales, filhos do dr. Horácio Cândido de Sales e Silva, meu tio-avô; Miguel Ribeiro, pai do industrial Antonio Basilio, de Ceará-mirim, e do cel. Jair Dantas Ribeiro, atual diretor do Colégio Militar do Rio de Janeiro; José Inácio Ribeiro, irmão do precedente, Senhor do Engenho «Dedo», de S. José; Deodécio Roneiro; Teodósio Ribeiro de Paiva, Presidente da Intendência (Prefeito) de Natal; Alcibiades Lustosa; Afonso de Albuquerque Maranhão, desembargador no Amazonas, e Luiz das Chagas de Albuquerque Maranhão, o *Chaguinhas*, filhos do dr. João de Albuquerque Maranhão, dr. João das Estivas, que presidiu, em 1889, a assembléia de fundação do Partido Republicano; João Tavares Guerreiro, José Mauricio César de Albuquerque, José Ricardo Lustosa Camara, João André de Bakker, Senhor do Engenho «Canadá», — todos desaparecidos, e o professor aposentado do Ateneu, seu antigo Diretor e da Escola Normal, Teódulo Soares Raposo da Camara, meu Pai. Os internos eram, na maioria, de S. José e Canguaretama, zona canavieira, de famílias abastadas e aristocráticas.

Um dos presidentes da Província, dr. Sátiro de Oliveira

Dias (1881-1882), foi aluno e professor do *Colégio Abílio*, da Baía. De origem modesta, pagava os estudos com os serviços que prestava à administração e ao ensino. Não foi, porém, discípulo ou preceptor de Pedro Velho. Quando este o cursou, Sátiro se encontrava no Paraguai, incorporado no Corpo de Saúde do nosso Exército. Teve, entretanto, a satisfação de ver que, no rincão natalense, germinavam as idéias que a casa de Macaúbas incutira no espírito fecundo de Pedro Velho.

Alinho aqui os nomes de alguns dos professores: —

— Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão: de História Natural, Física, Química, e Historia Universal.

— Seu irmão, Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão, que era também o Vice-Diretor, enérgico e dinâmico. Não tinha título universitário. Era musicista de valor, tendo feito em Paris o seu curso superior de Canto. Linguas.

— Outro irmão de Pedro Velho, Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, o glorioso precursor do «PAX». Era estudante de engenharia no Rio. Interrompendo o curso, regressou a Natal, onde lecionou Matemáticas.

— O dr. Hermógenes Joaquim Barbosa Tinoco, bacharel em Direito, formado em Paris. Pertencia à congregação do Ateneu. “Homem de talento e saber”, segundo o testemunho do dr. Tavares de Lira, seu aluno. História e Geografia.

— João André de Bakker, engenheiro flamengo, radicado na Província, professor de linguas. Substituiu, no Ateneu, o dr. Gomes da Silva, em 1880, quando este faleceu.

— João Tibúrcio da Cunha Pinheiro, florão do magistério norte-riograndense: português e latim.

— Monsenhor José Paulino de Andrade: português e latim.

— Meu Pai, Teódulo Soares Raposo da Camara, que, sendo dos melhores alunos, foi admitido a dar aulas no curso secundário, iniciando-se, assim, em uma atividade em que permaneceu durante mais de meio século.

— José Ricardo Lustosa da Camara, primo-irmão de meu Pai, foi um dos mais jovens elementos recrutados por Pedro Velho, tendo começado pelo Curso Primário, que chegou a dirigir. Faleceu moço.

— Francisco Belém, de Música.

Quando Pedro Velho, em 17 de Janeiro de 1889, fundou o Partido Republicano do Rio Grande do Norte, muitos des-

tes colegas o acompanharam nesta intrépida atitude de combate ao Império, e de renovação das instituições políticas nacionais. O mesmo se deu com muitos dos seus ex-alunos, rapazes de 20 e poucos anos, que, fascinados pela sua palavra e pela sua inteireza moral, se decidiram a correr a sua sorte. Entre eles, meu Pai, um dos raros sobreviventes dos signatários do Manifesto.

Os discípulos do Ginásio Rio-grandense estão hoje de cabeça branca, e alguns vergados para a terra. São poucos os remanescentes daquela colmeia. Todos conduzem no coração a saudade dos dias idos e vividos, e, na alma, a tranquilidade de uma velhice recompensada tão só pela bem-aventurança do dever cumprido, uma velhice iluminada pelos clarões de uma consciência limpa e honrada, com que dignificaram, através de uma existência útil, a obra dêsse plasmador de caracteres, que foi PEDRO VELHO.

Rio, 1948.

MAIS UM INIMIGO DA ESCOLA

R. NONATO

O "Essex" vermelho de Manuel Josué voava pelas lombadas que intermeiam a estrada seridoense.

Mas, o caminho não tinha fim...

Pouco vâlera madrugar a hora da partida, pois era de ver a impossibilidade de alcançar a Vila distante, ainda a tempo de reabrir o grupo escolar, naquele dia.

O atraso fôra coisa ocasional.

E por que não relembrar a bela festa de Lages, nos velhos tempos, quando ali morriam os trilhos da Central?

Então, a cidade era ponto de convergência de grande parte do comércio sertanejo, com um intenso movimento, que enchia as ruas, onde se cruzavam, a toda hora, as pesadas viaturas dos transportes, os caminhões que estavam invadindo os lugares do interior e os carros Ford, os primeiros, rodas altas, capota de 18 cajados, pequeninos, feios, parecendo uns cavalos do cão!

O trem acelerava as iniciativas. E as paralelas de aço iam abrindo novos roteiros do progresso.

Lages, aos poucos, se tornara um ativo entrepôsto, abernho limiar dos sertões.

1928 foi um ano de extraordinária modificação nos costumes políticos do Rio Grande do Norte. A legislação estabeleceu o direito do voto feminino e o Município das vizinhanças do Cabugi foi o primeiro a eleger uma mulher, para o poder executivo local.

A coisa, diga-se a verdade, era um tanto ou quanto revolucionária. Os velhos coroneis, os «chefes» não poderiam ver com bons olhos, aqueia novidade de mulheres que se intrometiam pela governança. E resmungavam...

Para as solenidades da posse, Lages convocou personalidades do mundo político e das letras do Estado. Lá estavam, na sessão memorável, Anfilóquio Camara, Lauro Pinto, Abner de Brito, Paulo Teixeira, os Procópios, Ademar e Aduino Sá Leitão, Miguel Monteiro, Luiz Tôrres, emprestando ao ato, o concurso da inteligência, que tanto brilhara, na eloquência e nos discursos.

Esta festa retardara a viagem. O diretor, que não era homem de festas, não atendeu ponderações. Por isso, para não inflingir o dispositivo regimental, o velocímetro ia, agora, devorando as curvas da estrada, engulindo os quilômetros, insaciavelmente...

E ainda batiam resquícios de sol, no cordilheira, quando o carro começou a romper os areiais do leito do Espinharas.

A distância perdera para a máquina.

Do outro lado, Serra Negra era uma figura geométrica: casas arruadas num trapézio.

No dia seguinte, logo cedo, as primeiras atividades escolares.

A meio dos trabalhos, surge a interpelação:

— Seu Leopoldo (Leopoldo era o zelador, um velho bom e manso, que levava um minuto para pronunciar uma palavra e não tirava o chapéu, durante todo o dia), onde está o livro de matrícula?

— Ah! seu professor, vai respondendo o porteiro, sem menor pressa, indiferente ao tempo, como a respiração de um paquiderme, isto foi uma coisa danada, porém eu quero dizer tudo, para não ficar com a responsabilidade.

— Um dia destes, as mulheres que voltavam das cacimbas do rio, deixaram a porteira da vazante aberta. Os animais se escapuliram e, o diacho do bode do prefeito entrou no grupo, e comeu o livro das matrículas...

O caso deixa a gente a pensar que, em questões de ensino, o caprino anarquista, estava ao lado do contra.

Enfim, uma conclusão banal, embora lamentável:

No Brasil, até os bodes trabalham contra a educação...

UM NOVO GRITO DO IPIRANGA

MÁRIO PINTO SERVA

(Especial para PEDAGOGIUM)

O principio supremo a que se deve subordinar todo programa educacional deve ser o do amplo desenvolvimento fisico e mental do individuo. Sem isso, não temos senão recalçados ou atrofiados, quer fisica quer mentalmente.

Temos, atualmente, no Brasil, cerca de mil e setecentas municipalidades. Todas elas unanimemente devem assumir o primeiro papel na alfabetização e educação do povo. Porquanto mesmo antes delas, já os próprios pais devem cogitar, intensamente, da educação de seus filhos.

E nessas mil e setecentas municipalidades do Brasil, há também os vigários, curas, párocos e sacerdotes que, por toda parte, devem impor e exigir dos seus fleis a alfabetização obrigatória. "Instruir é construir". Ide e ensinaí a todos os povos. Dizia Cristo.

Os individuos e povos iletrados são mutilados ou atrofiados fisica e mentalmente.

Portanto, há necessidade, no Brasil, de um novo Grito do Ipiranga, que seja agora a proclamação por todos os Municípios do nosso país da extinção do analfabetismo, para que possamos repetir: "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever!" Dai que essencialmente cada brasileiro e todos os brasileiros precisam conhecer os seus deveres e para tanto precisam ser alfabetizados.

O mundo, hoje, caminha, precipitadamente. Em três a seis meses se pode alfabetizar qualquer iletrado. Por exemplo, do Norte do Brasil já nos vieram quasi todos os nossos grandes intelectuais, que assim se fizeram por si mesmos, mas, basicamente, porque foram alfabetizados.

Haveria que decretar, entre nós, um compêndio de auto-educação, para o nosso caso. Em lingua inglesa, já existe um admiravel que é o livro "Self-Help", ou, em português, como foi traduzido, "Ajuda-te". Quem quer que o leia se torna um homem completo, capaz de todas as realizações mentais e práticas. Haveria que confeccionar um livro semelhante em português e adaptado á nossa mentalidade.

Temos o caso tipico do Visconde de Mauá, que, tendo sido apenas alfabetizado, pela própria mãe, só com isso veio a se tornar, com o tempo, o fator mais dinâmico em todo o nosso desenvolvimento econômico e financeiro.

Porque, basicamente, todos os homens de todas as raças são dotados de um cérebro idêntico, fisiológica e psicologica-

mente. E para aprender seja lá o que fôr basta apenas conhecer as vinte e seis letras do alfabeto.

O fato é que fizemos a história nacional, durante quatro séculos, com noventa por cento de analfabetos. E daí todas as vacilações, tardanças e hesitações do nosso desenvolvimento. E daí também o trágico incidente de Canudos, que não foi senão o tumor supurado do analfabetismo dos sertões. Só e mais nada.

Urge, agora, despertar a raça brasileira do torpor quadri-secular. Como? Decretando a alfabetização integral e imediata de todos os cidadãos brasileiros. "Impossível, dizia Napoleão, é um vocabulo que só existe no dicionário dos imbecis".

Todos os cidadãos brasileiros já são obrigados a uma série de cousas, à obediência de todas as leis civis, criminaes, comerciais, regulamentos, posturas, serviço militar e de juri, além do mais.

Portanto, que sejam obrigados á alfabetização total e imediata, mesmo porque sem isso vemos em nosso pais a mais vergonhosa mortalidade infantil do mundo inteiro, e isso porque pais e mães iletrados não podem criar senão proles fisicamente imprestáveis e inteletualmente incapazes.

BRASIL

De uma feita, tristemente irônico, ironicamente triste, assegurou o saudoso mestre patricio Medeiros de Albuquerque, pai confesso da primeira simplificação ortográfica da lingua portuguesa: —

O Brasil é a única nação civilizada que não sabe escrever o próprio nome. Com razão? Com carradas de razão! Infelizmente. Por que?

Porque até o momento em que escrevemos, os filologos quer brasileiros, quer estrangeiros, estão por chegar a um acôrdo no tocante á ortografia (escrita certa) do vocabulo Brasil. "Gramatici certant".

Vejamos, "per suma capita", as etimologias aduzidas para o substantivo Brasil.

Ei-las:

- I — O ariaco parasil (A. S. Coimbra).
- II — O tupi ibira-ciri (B. Ferraz)
- III — O baixo alemão brasil (Cândido de Figueiredo)

- IV — O provençal brazille (Cândido Lago)
- V — O irlandês brazil (Daunt)
- VI — O português brasa (Du Cange)
- VII — O betrão brasil (Gibbons)
- VIII — O vêneto berzi (J. C. da Silva)
- IX — O castelhano brasil (Jaime Séguier)
- X — O grego brazein (M. Castro)
- XI — O sânscrito bradshita (Magalhães)
- XII — O baixo latim brasile (Melo Carvalho)
- XIII — O céltico breasail (Monsenhor Fergo)
- XIV — O toscano verzino (Varnhagen)
- XV — O genovês brazi (C. Cândido)
- XVI — O fenicio brasen (Aki Eljovi)
- VVII — O árabe balslsa-il (Ragy Basile).

Dezessete étimos! Cada qual estribado em razões mais ou menos fortes! Uberdade inocente!

"Quantum satis" para causar graves perturbações na resolução única do inextricavel problema!

Onde a verdade nêsse "mare Magnum" de propostas plausíveis, porque defensáveis!

Onde?

Como?

Porque?

Quando? Interrogações sem respostas definitivas.

E é só. E é tudo. E não é nada. Apenas isso...

A favor de Brasil, com S, há dez raízes: —

- I — Bras (baixo alemão)
- II — Brasa (português)
- III — Brasil (bretão)
- IV — Brasil (castelhano)
- V — Brasile (Baixo latim)
- VI — Breasail (céltico)
- VII — Brasen (fenicio)
- VIII — Bradshita (sânscrito)
- IX — Balslsa-il (arabe)
- X — Parasil (ariaco)

A favor de Brazil, com Z, deparam-se-nos sete fontes:

- I — Brazail (irlandês)
- II — Brazein (grégo)
- III — Brazi (genovês)
- IV — Brazille (provençal)
- V — Berzi (vêneto)
- VI — Verzino (toscano)

Nem a favor de Brasil, com S, nem a favor de Brazil, com Z, isto é neutra, surge uma nascente:

I — Ibirá-ciri (tupi).

Porque? Porque é difícil a metamorfose de c em s. Porque o segundo elemento poderia ser escrito com s: ibira-siri. Caso que seria propício a Brasil com S. Mas com a evidente desvantagem de nova polémica...

"Quod di omen avertant"!

Conjecturemos que se deve ortografar Brasil, com s. Por dois motivos: Um fraco, pertinente à quantidade e outro forte, tangente à qualidade.

Eis o primeiro: A maioria vale mais que a minoria.

No caso: Dez contra seis.

Eis o segundo: A língua portuguesa é filha legítima do latim. No baixo latim se topa a forma *brasile*, com s. Logo: Brasil com s.

O "Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa", de Gonçalves Viana, autor da reforma ortográfica em Portugal, regista unicamente a forma Brasil, com S. O "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", edição da imprensa Nacional, 1943, manda escrever apenas a forma Brasil com s.

O "Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa, organizado pela Academia de Letras, de acordo com a Academia das Ciências de Lisboa (cuja edição se acha esgotada), assinala tão somente a forma Brasil com s. Das diversas etimologias apresentadas para o nome de nossa querida pátria, a mais interessante e a mais linda é a do professor Ragy Basile, acatado arabista por isso que Brasil quer dizer Luz de Deus, consoante o étimo *salsla-il*.

Ante o exposto, parece-nos, indubitavelmente, que Brazil, com Z, é cacografia (escrita errada).

Gabriel B. de Faria

O professor primário é o primeiro construtor das nações, e se a gratidão não fôsse um sentimento pouco normal, ninguém mereceria mais respeito, mais reconhecimento e mais admiração do que esse alvanel abnegado que rasga as primeiras trevas do subterrâneo da ignorância com a alavanca de sua boa vontade e com a luz que não treme de sua fé na cultura.

Claudio de Sousa

DE CARAÚBAS

INSTANTÂNEOS DE ONTEM E DE HOJE

Inaugura-se, festivamente, o prédio, do Grupo Escolar «Antonio Carlos», de Caraúbas.

É uma casa bonita, moderna, bem iluminada, onde entra o ar, fartamente.

O sr. Prefeito revê tudo e se rejubila com a realização de seus sonhos: inaugurar o Grupo «nôvo» no dia do 34º aniversário do mesmo, 19 de abril de 1943.

Os dias vão e vêm. De tristeza ou de ventura, mas sempre de trabalho. Turmas de alunos sucedem-se. Adeuses e sorrisos são trocados, cada vez que chegam as férias, e, não raro, há «uma furtiva lágrima» de alguém que possui o coração mais terno.

A visita do sr. Interventor, o General Fernandes Dantas, e do Prof. Severino Bezerra, Diretor do Departamento de Educação, é um marco de glória, nessa colmeia palpitante e um pouco esquecida...

Muitos de seus professores partiram e não voltaram. Jamais serão esquecidos, porém. Para todos, haverá, sempre, uma palavra de evocativa ternura e afetuosa saudade.

No vestibulo, encimando a porta da diretoria, um Cristo majestoso abre os braços, na cruz, e inspira, certamente, a cada um que passa, pensamentos piedosos e serias reflexões. É a linda imagem, oferta generosa do virtuoso vigário da Freguesia.

Visitam o Grupo, os normalistas de Mossoró. As crianças vibram de entusiasmo. E ao som do tambor, passa, marchando, a turma juvenil e garbosa; então abre-se à brisa a Bandeira, cetinea, auri-verde, linda, como o próprio Brasil!

O velho e querido maestro da Normal dirige o côro orfeônico. E as vozes afinadas e límpidas, num ritmo perfeito, enchem o grande salão de melodias cariciosas, de harmonias que ressoam dentro do nosso coração.

É radiosamente, que o civismo desabrocha n'alma infantil. Pequenos corações turbulentos ou sonhadores, unem-se. E

das pequeninas mãos que um dia trabalharão, também, para a grandêza da Pátria, mãos sem mácula, tão comoventes, deixam rolar as moedinhas, que juntas, serão trocadas por uma bandeira.

A Bandeira augusta e formosa, que amam e respeitam, vendo nela, a clara sugestão de remansoso abrigo e a imagem perfeita da mãe-pátria.

A escola é um lar. Nele, arde sempre o fogo sagrado do ideal e do dever. Tem seus deuses penates. aqueles que, generosamente, estiveram e estão sempre a protegê-la com inegável carinho, franco apoio e profunda compreensão. No Grupo «Antonio Carlos», vereis, sempre, em seus dias festivos, como nos dias de preocupação e desalento, a figura venerável de um professor que já descansou a armadura e o escudo das árduas lutas, mas cujo cerebro fecundo e inteligente, ainda sabe dispor os soldados da instrução para vitoriosas batalhas!

Deuses lares! Não deixeis que se apague, nunca a flama sagrada!

Uma turma sorridente faz hoje a sua festa de despedida.

Ha uma cálida animação no recinto, não obstante, lá fóra chover a cantaros. Ora, para o sertanejo, o ressoar da chuva é autêntica e deliciosa música. Que chuva!

Que os trovões acompanhem marcialmente o nosso canto e o relampago ilumine de espaço a espaço, as janelas escancaradas.

O pai de um dos concluintes convida os presentes para saborear um fresco guaraná, em sua residencia. Passado o aguaceiro, para lá demandam os convidados. A familia Reynaldo Pimenta Filho serve os presentes com fidalguia. E Kerginaldo, em simples e comovidas palavras, despede-se dos colegas. Lenilce Fernandes, graciosamente, com expressões, que o coração ditou, responde em nome dêles.

A tarde luminosa cede lugar ao crepúsculo. E o resto é evocação. Pois a beleza perfeita repete-se e não cansa.

3 de Maio. Nos corredores do Grupo, há um sussurro de expectativa. Duzentas crianças, vestidas de branco, fazem do edificio, um arrulhante e pitoresco pombal!

Os professores dão a última ordem e ei-las em marcha cadenciada pelas ruas da cidade.

"Vão alegres, vão rindo, vão cantando". Muitos tomaram parte ativa no plantio das árvores.

Pensam nas «mudinhas» que trouxeram e entregaram á paciente zeladora e para as quaes pediram, infinitas precauções e cuidados. Mais tarde, quando brotarem e florirem as verdes hastezinhas, que embevecimento e orgulho! As rosas, é verdade, terão vida efêmera. Mas haverá plantas, como os crotons, cuja folhagem teimará em se expandir, apesar do sol causticante do verão.

Outras repassam, mentalmente, as poesias e os hinos. Os alados e canoros seres, as árvores, a figura legendária de Cabral, são o leit-motif na sinfonia festiva da efeméride.

Hoje é um dia excepcional. Pelo sr. João Magno Gurgel, abastado fazendeiro do município, fora dirigido um convite aos alunos e professores do «Antonio Carlos», para um café, em sua residência, na cidade.

E agora, as pessoas de familia se esmeram e multiplicam, para bem servir a todos.

O leite é franco e espumoso, os bolos são deliciosos e o queijo fresco é um macio e dourado creme...

A garrulice chega ao auge. Os risos são sonoros como o repicar de campainhas de prata, num entardecer primaveril.

Terminado o repasto, as crianças, em conjunto, entoam uma canção gratulatória.

Eis todos, finalmente, de volta ao Grupo, em cuja fachada a bandeira paneja, alacrememente.

O inverno cobriu de esmeralda as serras distantes e esmalto de mil côres a terra do sertão.

O céu azul está-se enchendo de brancos torredões nervosos.

Mas, no ar transparente, a luz brilha. A mocidade é um sonho encantador, e, envolvidos em sua magia e beleza, os jovens vão cantando, as canções da esperança!

YARA RIENZI

MURALHA CHINESA

A China, vetusto pais do Oriente, antigamente chamado Celeste Império, com uma civilização milenar, visto como a mesma já existia cerca de 5.000 anos antes de Cristo, tem a sua célebre muralha, que talvez poucos saibam apresenta a extensão de 4 200 quilômetros.

A origem da referida defesa não se perde na noite dos tempos, como se costuma dizer, mas resulta da necessidade de defesa dos chins contra os mongóis.

O formidável cinto de granito, que desafia a ação do tempo, constitue verdadeira característica do povo amarelo, na sua história, tradições e costumes.

ENSINAR

José Saturnino de Paiva

(Diretor do G. E. «João Tibúrcio»)

Sentir prazer em ensinar é revelar-se, dantemão, predestinado a trabalhar pelo bem comum. Quem não sentir-se bem ensinando, considere-se uma negação para o magistério público ou particular. Provado está que não são os indivíduos portadores dos mais altos títulos os que melhormente ensinam. Saber ensinar bem — é dom. Dirigir uma classe com real aproveitamento, é vocação. O melhor professor é o que entra para a classe sempre de animo alegre e sabe impôr-se à estima de seus alunos, sem preferencias, sem odios, sem quebra de disciplina.

Os que dirigem estabelecimentos de ensino, sentem, não raro, a revolta surda do aluno que se viu ferido por uma palavra áspera impensadamente proferida pelo regente da classe, em momento de raiva, ou ainda por humilhação que lhe foi imposta diante dos condiscipulos. Humilhar, não é ensinar. Trazer para o recinto escolar o fel dos contratempos da vida familiar ou social não é ensinar. Gritar esganicadamente a lição azucrinando os ouvidos dos alunos e perturbando o ritmo de trabalho dos outros professores do estabelecimento, não é ensinar. Tratar descortemente os alunos ameaçando sempre dar-lhes notas ruins e prejudicá-los no fim do ano letivo, não é ensinar. Repetir textualmente, sem perda de uma vírgula, as palavras que se contêm nos compendios de História, de Gramática Portuguesa, de Civismo, etc., não é ensinar, — é ser professor-vitrola, e vitrola de agulha e discos velhos. Castigar o aluno ou fazê-lo voltar a casa porque chegou tarde à escola, sem ouvir-lhe as razões, os motivos (muitas vezes de ordem domestica), é intolerância própria dos que têm o magistério como castigo. Sobrecarregar de trabalho escritos os alunos presentes à classe para ficar indolentemente sentado e apenas dando psiu, psiu, não é ensinar.

E que é ensinar?

Ensinar é transmitir de bom ânimo tudo o que visa não só o bem estar do indivíduo que também o da coletividade da qual é ele parte integrante. Ensinar é dar com alegria o melhor da experiência adquirida pelos homens, através dos tempos seja para a conservação da integridade física do indivíduo seja para robustecer-lhe as qualidades morais e intelectuais. Ensinar é dar ao ser humano armas de boa tempera e,

sobre isso, robustecer-lhe a coragem, para que enfrente, confiantemente, destemerosamente, os embates da luta pela vida. Ensinar é dar um pouco de si mesmo em bem dos outros, é emprestar inestimável colaboração afim de que o homem sinta o prazer de viver sendo útil a si próprio e à sociedade de que faz parte.

Procurar ensinar bem, e tentar bem servir ao individuo, à família, ao Estado, à Pátria e à humanidade.

Não se deve julgar o professor pela idade, muito ou pouca, e sim pelo método por ele empregado para transmissão dos conhecimentos humanos.

O professor pode ser jovem e revelar-se enérgico, sem necessidade de apresentar cara de réu, ter modos ou palavras descortêses ou infundir medo com ameaças de notas ruins na caderneta. Saber dar notas com senso de justiça e sem preferências ou prevenções, não é coisa fácil. As notas constituem armas de prevenção apenas para os que se revelam incompetentes na arte de ensinar, isto é, para os que não sabem tornar as lições fonte de prazer intelectual. Não há maior castigo do que passar uma hora sentado em um banco duro a ouvir longas e desentoadas cantilenas! Não tivemos o privilégio de conhecer pessoalmente Pedro Alexandrino, mas convivemos com Manuel Garcia, João Tiburcio, Cônego Luiz Monte. Nem aquele nem estes jamais se apagarão da lembrança dos que lhes ouviram as sábias lições!

É de justiça dizer: O Estado ainda conta com a colaboração de excelentes professores — quer no magistério primário, secundário, quer no particular. Não há mistér nomes — todos são bem conhecidos.

Sem favor: O Departamento de Educação vem empregando extraordinário esforço no sentido de preparar técnicos para o ensino de Educação Física, Canto-Orfeônico e Jardins de Infância. Quem conhece assuntos de Instrução Publica sabe que para se realizar alguma coisa de útil em Estados pequenos como o nosso e preciso não somente contar com o auxílio do Governo, é preciso ter coragem, ter fé, e fé maior do que um grão de mostarda. De verdade: Estamos assistindo a demonstração de coragem e fazemos votos para que a fé não diminua.

Cada professor deve inteirar-se dos melhores métodos e processos para uma colaboração eficiente em bem do ensino das crianças e dos moços da nossa terra, deve ter sempre diante dos olhos para que bem se lhe grave na alma esta linda exortação de Bilac:

O PROFESSOR PRIMÁRIO

“Quando um verdadeiro professor primário sente a completa e clara responsabilidade do seu cargo, a sua alma é invadida de uma anagogia extática, como o arrebatamento de espirito, que, nos primeiros tempos da vida monástica, transfigurava o asceta.

Na sua cadeira de educador, o mestre recebe a visita de um deus — é a Pátria, que se instala no seu espirito.

O professor, quando professa, já não é um homem — a sua individualidade anula-se; êle é a Pátria, visível e palpavel, reacionando no seu cérebro e falando pela sua bôca.

A palavra que êle dá ao discipulo, é como a hóstia que, no templo, o sacerdote dá ao comungante. E a eucarestia cívica. Na lição, há a transubstanciação do corpo, do sangue, da alma de toda a nacionalidade.

Este é o mais bêlo dever, e o mais nobre sacrificio do professor — a abdicação, que é conquista e engrandecimento. Porque, depois da investidura, o sacerdote é tudo quanto deixa de ser homem — é a Nação.

Diz-lhe a Pátria, quando lhe dá a honra do sacerdócio: És o representante dirêto da minha força e da minha necessidade.

Aqui dentro desapareces — sou eu quem em ti aparece e se firma. És a minha pessoa, a minha razão de ser, a minha vontade de viver e de ser forte. Quero viver e ser forte. — para isto, é necessário que me defendas. Aqui dentro, sou senhora absoluta, — acima do homem, acima da familia, acima do poder paterno, acima da idolatria materna. Bendito serás, se te mostrares digno da missão que te confio; serás maldito, se rasgares, por incapacidade, ou por dessoria, ou por vaidade, o pacto sublime que assinaste comigo! Sustento-te e honro-te: mantenho a tua nutrição; dou á tua existencia conforto e glória. Em troca disto, hás de dar-me homens dignos da humanidade, brasileiros dignos do Brasil, cidadãos dignos de mim. Hás de dar-me filhos conscientes e disciplinados, e não filhos desnaturados e pèrfidos. Elevo-te a este carater divino, para que sejas um criador, e não um destruidor, — um gerador de patriotas, e não um formador de anarquistas. Se fizeres o que deves fazer serás digno de mim e de ti. Se o não fizeres, terás desperdiçado e infamado o teu tempo e o teu salario, terás perdido a tua honra, terás mentido ao teu juramento, terás assaltado e traído a minha confiança. Aqui dentro, não tens opinião tua, nem interesse teu, nem religião tua — aqui tens apenas a minha opinião sagrada, o meu interesse vital, a minha religião indiscutível. La fóra, no teu lar e na rua, na tua

* O JASMINEIRO DE AUTA DE SOUSA *

VIOLETA SANTOS

(Do Grupo Escolar "Auta de Sousa",
da cidade de Macaíba)

Quando a treva da noite se debruça
Sobre o horizonte que camoece inteiro,
— Ouço uma voz dolente, que soluça
Entre os ramos do velho jasmineiro.

Voz gemedora, que aflitiva, chora
Tem a angústia cruel de um derradeiro
Grito dalma, sentido, que deplora
A solidão do triste jasmineiro.

A saudade, no Além, inda acompanha
A doce evocação do amor primeiro...
E uma auréola de luz pálida banha
A fronde do querido jasmineiro.

— E escuto a voz misteriosa e pura
Dizer-me as maguas de um passado
(intencional...
Os anáclis e as horas de amargura
Vividas junto ao mudo jasmineiro.

Corre nas folhas, um tremor, de leve...
Pétalas macias, tombam, no canteiro...
Semelha o chão, lindo estendal de neve
Em volta do florido jasmineiro.

A alma das flores virginais desprende
Perfumes, no invisível nevoeiro...
E todo o silencioso horto rescende
O aroma do formoso jasmineiro.

Longe, no alto céu, um astro desliza
E apaga em breve o brilho passageiro...
— E' o meigo coração da Poetisa
Velando pelo amado jasmineiro.

E a fria brisa seu murmúrio cala...
Tudo volta ao silêncio costumeiro...
E a voz misteriosa já não fala
Entre as ramas do lindo jasmineiro.

MACAÍBA - SETEMBRO - 1948

vida doméstica e na tua vida politica, podes ter o teu arbitrio, o teu credo, o teu partido; mas, quando aqui entras, quando passas o umbral desse templo, és apenas um instrumento passivo da minha ação. E que grande afirmação de vigor e de brilho é aqui a tua abdicação. Que maravilhoso orgulho será para ti o estrangulamento da tua vaidade! Lá, fóra, como qualquer dos homens, sem a sagração que te dou, serias apenas um filho meu; mas aqui és ao mesmo tempo, meu filho e meu pai, — criatura do meu corpo e da minha alma, e criador da minha grandeza e do meu futuro: Entrego-te a minha vida — é preciso que a fixes em imortalidade!"

O Escotismo-doutrina salvadora da nacionalidade

Moacir de Lucena

ESCOLA de civismo e de educação moral, a instituição de Baden Powell deve ser, para os educadores brasileiros, a doutrina primordial, a bússola que os oriente na cruzada empreendida contra a implantação da anarquia, no âmago do nosso organismo social.

Organização perfeita, sistema educacional dos mais completos, oficina de energia e de otimismo, fonte de respeito exemplar e de obediência impecável, escotismo representa uma larga e retilínea estrada, por onde as gerações presentes precisam marchar.

Sendo a grandeza da Pátria a meta final das nossas aspirações, nenhum outro que não o caminho, no qual trilham os cavaleiros da Flor de Lis, garantirá á mocidade estudiosa, na época de confusão que atravessamos, a concretização do ideal por nós acalentado.

Como antídoto das idéias perniciosas, tão em voga nos dias que correm, precisa o escotismo ser praticado, em todos os recantos da terra brasileira.

A flâmula sagrada que ostenta o lírio branco, simbolo da perfeição e da pureza, deve tremular, no recinto das escolas, transformando a inércia e o desânimo, porventura reinantes, em vigor e entusiasmo.

O ensino necessita seguir uma diretriz mais eficiente, no que diz respeito á formação dos caracteres dos homens de amanhã.

Meditem os professores na responsabilidade que pesa sobre seus ombros, como sentinelas vigilantes da civilização.

Somente o mestre-escola poderá conduzir os povos ao porto seguro da felicidade.

Nessa jornada, vencendo as trevas dos tempos presentes, o escotismo será o faral luminoso que garantirá o sucesso de tão árdua quão importante tarefa.

Que os preceptores potiguares pensem nesta grande verdade e sem relutância se tornem legionários do novo sistema de educar, para glória de Deus e salvação da Nacionalidade!

O objeto da educação é desenvolver no individuo
tôda a perfeição de que é susceptível. KANT

Um livro do Professor R. NONATO DA SILVA

«QUARTEIRÃO DA FOME» vai ser, dentro de breves dias, o livro de estréia do Professor Raimundo Nonato da Silva, lente de Português da Escola Normal de Natal, e sem favor, um dos valores máximos do Magistério norte-riograndense.

O Professor Raimundo Nonato da Silva, no seu livro, estuda, com profundo conhecimento do assunto e admirável apuro de linguagem, costumes, tipos, aspectos regionais, a vida e atividades daqueles que vivem e trabalham, à mercê de uma luta permanente, titânica, cruel, pela sobrevivência própria e da família, alimentando a esperança de dias melhores que não chegam nunca, dados a inclemência da Natureza e o desamparo criminoso a que são atirados pela incúria dos Governos!...

«QUARTEIRÃO DA FOME» é, em suma, um escôrcço muito feliz, de observações sociológicas, históricas, étnicas, políticas e humanas, consubstanciadas numa tentativa altamente louvável de valorização do homem, em face de sua ação no espaço e no tempo. O livro do Professor Raimundo Nonato da Silva está sendo editado pela Pongetti, no Rio de Janeiro. E pelo conceito intelectual de que goza seu autor, entre nós, pensamos, sinceramente, esteja ele fadado a um dèsses grandes sucessos literários dos últimos tempos.

São os nossos votos.

NOTAS & FATOS

Pedagogos antigos já haviam reconhecido, antes de Froebel, a necessidade de preparação das crianças de 3 aos 6 anos, para a vida escolar, propriamente dita, por terem chegado à conclusão de que, nessa idade, embora não tendo elas capacidade de instruir-se, são, entretanto, passíveis de receber educação. E João Amos Comenius foi, pode-se dizer, um dos pioneiros das chamadas instituições pre-escolares, frutos daquelas idéias edificantes e nobres.

A faculdade de Medicina, da Bahia, concedeu ao ilustre Prof. Clementino Fraga, uma das glórias da Medicina nacional, o título de "Professor emérito".

JORGE WASHINGTON, que adorava tanto sua velha mãe

a ponto de dar-lhe adeuses, de joelhos, beijando-lhe a mão, foi "o primeiro, na guerra, o primeiro, na paz, e o primeiro, no coração dos seus concidadãos".

Uma publicação do I. N. E. P. (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) demonstrou que as Cooperativas Escolares, de Natal, no triênio de janeiro a março, de 1942, venderam 27:882\$540, dando um benefício de 9:163\$440, com um lucro de 1:500\$260. É isto uma demonstração evidente, concreta, indiscutível, do valor do Cooperativismo Escolar, como base extraordinária de economia, na vida dos estudantes, principalmente, nos dias tremendos, que vivemos...

Cêrca da 80.000 palavras da Língua Portuguesa são originadas do Latim. E a fonte principal dessa poderosa contribuição, para a formação do nosso léxico, é o acusativo latino, chamado, por isso, pelos especialistas, caso etimológico ou caso lexicogênico.

Certas escolas primárias, da América do Norte, permitem a promoção do aluno, duas vezes, ao ano, ou por semestre. Essa prática já vem sendo observada, entre nós, em casos especiais, comprovados pela dedicação aos estudos, comportamento e frequência. E o critério pedagógico ou profissional do professor é, no caso, fator de primeira ordem, para efeito de julgamento.

Com a morte de José Bento Monteiro Lobato, verificada, às 4 horas da manhã, do dia 4 de julho de 1948, desaparece "o maior contista brasileiro e o maior escritor de livros infantis de toda a América". Os livros de Monteiro Lobato atingem a quase dois Milhões, cifra, até hoje, inigualada, por nenhum dos nossos escritores, e foram traduzidos, para diversas línguas estrangeiras, inclusive o chinês. O Prof. Anísio Espínola Teixeira, muito digno Secretário da Educação, da Bahia, logo que tomou conhecimento da morte daquela figura exponencial das letras pátrias, determinou a suspensão das aulas, naquele Estado, em homenagem a quem tanto trabalhou pela cultura nacional, tendo professores e alunos permanecido, durante alguns instantes, em rigoso silêncio.

É de Horácio a expressão latina *Jurari in verbo magistri*, isto é, jurar pela palavra do mestre, citada sempre que se

quiser dizer que os discípulos devem ouvir e acatar, com respeito e confiança, as lições que lhes ministrar o professor, o mestre.

Magister-ludi quer dizer, na lingua de Vergílio, mestre de jogos, mestre de brinquedos; e, por extensão, mestre de crianças, professor primário.

Ao contrário de muitos soberanos orgulhosos e egoistas, o pai de Eduardo VII, da Inglaterra, deu-lhe uma educação democrática e humana, por entender que êle "não devia pensar que, pelo fato de ser um príncipe, era melhor ou diferente das outras pessoas". Que exemplo para muita gente!...

PALESTRA

(Dedicada aos professores e às crianças)

JOAQUIM M. NORONHA

Na qualidade de professor, sois, sem contestação, os condutores, por excelência, das crianças, motivo, pelo qual, deveis ser dignos desta tão nobre e árdua missão de educador.—

Um professor devotado e justo não visa, apenas, a sua contribuição material, mas, sobretudo, a sua elevação moral, social e cívica, no conceito público, condição excepcional que o torna merecedor da confiança e do respeito, fatores preponderantes do elevado princípio de autoridade.

Dentro ou fora do ambiente escolar, deveis dar sempre o bom exemplo, pois a criança é, efetivamente, um ser imitador, e considera o seu professor um ente constituído de todas as qualidades capazes de imitação. Por esta razão, merecis dela o seu acatamento e respeito, a sua obediência e afeição, e, por isso, deveis sentir-vos felizes nesse convívio alegre e risonho da vida ao desabrochar!

Dedicar-vos, com abnegação, à educação das crianças, disseminando, pelos sertões longínquos do nosso querido Estado, as sementes benfazejas da alfabetização, abrindo, aos olhos destes entes vivazes, o caminho do bem e do dever, no qual, possam eles, mais tarde, trilhar, incólume, na conquista dos ideais da sua subsistência e da sua felicidade.

Jamais deveis aplicar penalidades para corrigir crianças, porque elas não erram, visto ignorarem tudo. Doutrinai-as, que, por meio desta prática educativa, conquistareis, de todas, a simpatia, a confiança e o afeto, sobretudo a ordem! constitu-

indo-vos, virtualmente, um progenitor, um sacerdote, elevando a vossa personalidade e auferindo, por certo, o conceito, o respeito, que fortalecem o princípio da autoridade.

O ser humano, no seu desenvolvimento físico, moral e intelectual, passa por diversas fases de existência, para as quais—devemos ter a mais devotada atenção e o mais desvelado carinho, desde o seu nascimento e crescimento, preparando-o para uma vida completa, no convívio social, com que possa constituir-se um elemento útil a Deus, a Pátria, a Sociedade, a família, bem como a si mesmo.

Como então se poderá obter tão importante mister no meio de uma humanidade mesclada de defeitos físicos, morais e sociais, frutos da ignorância!?

A solução dêste difícil problema social fundamenta-se no teorema educacional oriundo do lar, aperfeiçoado na escola e na sociedade, onde quer que se encontre a criatura na sua trajetória pela sinuosa estrada da vida.

São vários os períodos pelos quais o animal humano tem de atravessar até o seu desenvolvimento completo: — a Infância, Puberdade, Adolescência, Maturidade e Velhice.

Dentre todos êstes aspectos da existência humana, os que mais atraíram a atenção dos responsáveis pelos destinos dos povos, foram os 3 primeiros, sobretudo a infância, de onde promanam a fortaleza de uma raça e a grandeza de uma nação. Logo surgiram os meios para a realização do grande "desideratum", erigindo-se escolas, preparando-se professores, no meio dos quais, salientavam-se os abnegados e devotados, que criaram métodos e processos racionais com que pudessem difundir a valiosa cruzada em prol da maravilhosa coluna — sustentáculo portentoso da civilização.

É o lar o pioneiro da educação e a Escola Primária, a sua continuação. Esta recebe, do seio da família, o ser humano, ainda tenro, para continuar o seu aperfeiçoamento educativo.

É êsse o período que urge maiores cuidados, delicadeza ou sutileza, para cultivar no coração inocente, alheio às cousas da vida, o amor — o precioso sentimento criador da alma, que nos aproxima de Deus, para, assim, termos a convicção do bem, na comunhão dos elevados princípios de fraternidade.

A criança é uma flôr que desabrocha no jardim do lar; é o elo que une os cônjuges para a felicidade conjugal, e o encanto da família, que se inicia, para ampliar, ainda mais, o ciclo da Sociedade, êste ambiente indispensável aos que sabem compreender os sagrados princípios de responsabilidades

e que a cada um de nós compete zelar para o bem estar comum.

Ela é o homem em formação, a esperança e o futuro de uma nacionalidade.

Ninguém mais deve ignorar isso neste século de luz, e não somente aos pais, assim como aos mestres, mas, também a todos, o amparo à criança torna-se-lhes um dever sagrado.

Pais deveis cooperar, juntos aos professores, na educação de vossos filhos, por cuja felicidade sois os únicos responsáveis.

Quantas crianças abandonadas vivem, ou vegetam, sem nenhum conforto, alheias ao grande mal que as espera para a prática de crimes futuros, que nos infelicitam e atormentam a harmonia da vida!

No seio da humanidade, quantas e quantas crianças se perdem, e, com elas, pendores e vocações, gênios valiosos, só à falta dos meios de proteção!

Em todos países civilizados do mundo, a criança tem sido objeto para onde se voltam todas as vistas dos Poderes Públicos, desde os tempos mais remotos da antiguidade oriental.

Na China, o vasto Império Celeste, hoje República, a criança era submetida aos maiores cuidados, a-fim-de que pudessem ser útil a sua Pátria. Deveria imitar os seus pais, que deveriam ser o exemplo da família.

Na Grécia, não menos era o interesse, apesar de leis inclementes, pelas crianças que deveriam ser fortes e sadias, — alicerces dos grandes baluartes guerreiros da época: — Esparta e Athenas.

O Imperio Romano, então, não se descuidava também da educação dos seus filhos, visando, sobretudo, a criança como base em que se mantinha no dominio do mundo.

Por tôda a parte, erguem-se templos às crianças, onde elas vão receber a hostia do bem para a felicidade das gerações que se sucedem, progressivamente, para o povoamento da Terra.

As Crêches, Jardins de Infância, Casa das Crianças, Asilos de Proteção são, por todos os recantos, disseminados, no afã constante de amparar êstes pequeninos seres, que esperam de nós, já experimentados da vida, a complacência, o conselho, o exemplo e os carinhos de que são susceptíveis.

As crianças são os homens em formação, eu disse, portanto, do seu aperfeiçoamento educativo depende a perfeição da espécie humana.

Todos os tratos violentos despertam naquele organismo delicado, ainda alheio às cousas da vida, o mal que será trans-

mitido de geração a geração e cujo resultado é quase sempre fatal.

Ao nascer, o ser humano traz, no seu eu, todos os característicos próprios da sua espécie e esses atributos naturais necessitam de uma cultura especial em meios ambientes propícios, que lhe possam proporcionar a prática do bem e viver longe dos perigos que afligem a Sociedade.

Devemos, logo cedo, ter o máximo cuidado em afastar as crianças dos lugares infecciosos em todos os aspectos, para evitar que adquiram os maus hábitos, que corrompem os seus elevados sentimentos, que podem ser bons ou maus, se não forem tomadas em consideração as sábias normas da educação hodierna.

A criança é um ser imitador, por este motivo, devemos, na sua presença, sempre praticar atos dignos de imitação, evitar tudo aquilo que pareça ridículo e reprovável, a fim de fortalecermos o seu caráter e elevar-mos o seu espírito para a conquista dos bons sentimentos morais, que são os elementos mais importantes para a vida social.

Negar à criança os bons exemplos, é precipitá-la, quando fôr homem, no abismo da ignominia.

Quantos homens sofredores se espalham sobre a Terra, desprezados dos seus semelhantes, só porque, na sua infância, não receberam as menses de uma boa educação, e sempre acusam os seus pais como sendo os únicos causadores da sua infelicidade!

O rico, ou o pobre podem salvar os seus filhos do mal caminho, confiando-os ao professor ou educador, com quem deveriam cooperar neste magnífico certame em prol da grande obra civilizadora.

Como demonstração frisante de que a criança é o pedestal da grandeza, prosperidade e soerguimento de uma nação, basta evocar, sem distinção política, ou ideológica, os nomes dos principais países do mundo, tais como os Estados Unidos da América do Norte, a Inglaterra, a Alemanha, a França, a Rússia e o Japão, cujo exemplo presenciámos no cenário da guerra, quando todos se debatiam na defesa de sua integridade e independência nacionais.

• • •

O nosso país marcha, também, na vanguarda dos que vêm, na criança, o futuro da pátria, e apreciamos, por toda a parte do seu imenso território, surgirem escolas de natureza vária, asilos de proteção com o conforto e a educação necessários, dentro das possibilidades financeiras que a isso o impõem.

SELEÇÕES DE CLASSES

ACRÍSIO FREIRE

(Diretor do G. E. - Isabel Gondim -)

Com a aproximação da reabertura das aulas, em nossas escolas primárias, lembrámo-nos em dizer a alguns dos nossos prezados colegas da utilíssima vantagem de selecionarem suas classes, classificando seus novos alunos em harmonia com o nível intelectual de cada um, o que traria, sem dúvida, melhor rendimento.

Esta minha lembrança ocorre diante uma palestra entredida com vários colegas, que exercem suas atividades no interior do Estado, os quais fizeram-me sentir as dificuldades experimentadas no decorrer do ano letivo; trabalhando em classes heterogêneas, com impossibilidade frisante em desenvolver o programa escolar, apesar de esforços exaustivos, o rendimento foi decepcionante.

No caso, afirmaria alguém, a solução está em selecionar os alunos com o emprego de testes. Isso traria sérios embaraços aos nossos colegas; eles não se especializaram na aplicação de testes, que ao meu ver, são apenas novidades, complicações, e resultados duvidosos.

O exemplo nos vem do Estado de S. Paulo onde o emprego de *testes* está quasi esquecido.

Houve época de grande paixão pelo emprego dos testes A. B. C. e Kuhlmann Anderson. Tive oportunidade de assistir na então Diretoria do Serviço de Orientação Pedagógica, em S. Paulo, o emprego dos testes Kuhlmann. Flagrantes foram suas falhas, grande o trabalho para sua aplicação, bem custoso o seu material e, quando comparado seus resultados com outros, destacada era a disparidade no julgamento.

Para avaliarmos quanto é complicado o emprego dos testes Kuhlmann, basta dizer que na capital do Estado de S.

Com o evoluir dos tempos, a campanha pro-criança constituiu-se condição imperativa, elaborando-se, por isso, leis de amparo às crianças regulando dispositivos que determinam condições corretivas, evitando o seu comparecimento nos meios julgados inconvenientes, além do que se consagrou o dia 12 de Outubro — Dia da Criança — homenagem prestada, como consagração cívica, às pequeninas criaturas que surgem para alegrar a vida e incentivar, nos homens, o amor, o carinho e o apego à terra que os viu nascer.

Natal, 1948.

Paulo, no ano de 1939, entre 96 grupos escolares, apenas em 11 desses estabelecimentos foi possível a sua aplicação.

Em nossas escolas, poderíamos contornar o problema da seleção de classes com a seleção empírica dos alunos.

Por ocasião da matrícula, os novos alunos destinados ao 2.^o, 3.^o e 4.^o ano, submeter-se-iam a provas de adiantamento, — língua escrita e oral e aritmética. Nas classes do 1.^o ano os alunos seriam distribuídos em grupos, conforme a idade cronológica — fortes, médios e fracos, ficando sujeitos a reajustamento durante o primeiro mês da matrícula.

É claro que a seleção não poderia ser justa, perfeitamente homogênea, no início das aulas, porém, no primeiro mês dos trabalhos escolares, a habilidade do professor e sua capacidade profissional faziam uma corrigenda eficiente, processando-se, então, uma redistribuição com admiráveis vantagens ao trabalho escolar.

O caso dos repetentes merece certa atenção do professor de classe, é preciso notar que ha repetentes de varias modalidades. Não classifica-los como fortes, médios ou fracos; cada um deve ter caso especial. O aluno pode ser repetente por motivo de molestia, falta de escolaridade, ou outra causa qualquer.

É inegavel que uma classe selecionada pode apresentar um rendimento apreciavel, resultados magnificos; tambem ela poderá cair de produção, rendimento fraco, saldo devedor ponderavel. A causa é conhecida — o professor. Às vezes sua falta de experiencia, fraca vocação profissional ou nenhuma e pouco anos ao trabalho concorrem, lamentavelmente, para um fracasso irremediavel.

A verdade é que o mais poderoso fator no rendimento de uma classe selecionada ou não, é a capacidade técnica do professor. Não raro se encontra uma classe fraca com melhor rendimento do que uma forte; e que a primeira foi confiada a professor experiente, dedicado e consciente de seu dever, a outra lhe faltaram esses predicados.

Porem, isso, não apresenta desvantagem da seleção.

É chegado o momento oportuno dos nossos colegas afirmarem suas classes, selecionarem seus alunos, agora, que se inicia um novo ano escolar

Não me julguem contrario ao emprego de testes, mas que ele seja bem objetivo, mais racional.

A medida educacional sempre existiu "Tudo que existe em certa quantidade pode ser medido", disse Mc. Call.

O teste é uma medida, é uma aferição do saber de cada um. Os modos de medir, os instrumentos empregados variam e os técnicos aplicadores, às vezes, complicam e destroem o valor das medidas.

Precisamos de medidas mais seguras e mais convincentes.

Estamos certos de que as provas do tipo tradicional são falhas, não permitem classificação real dos alunos; aceitamos entretanto, a prova tipo teste, com emprego mais objetivo e que ofereçam mensurações menos duvidosas e mais exatas. É a nossa maneira de entender.

Considerações gerais acerca dos acidentes da erupção dentária

Dr. ALOYSIO GOIS BARROS

Cirurgião-Dentista da E. F. C. R. G. N. do Hospital
de Alienados e da Associação de Professores.

São definidas com o nome de acidentes da primeira dentição, aquélas manifestações patológicas locais, regionais e gerais, que são produzidas durante a erupção dentária entre os cinco e os trinta meses da vida extra uterina. Um amplo capítulo reservam os patologistas acerca deste problema infantil, uns negando em absoluto como Galipe e Magitot a possibilidade de aparição destes transtornos, outros pediatras no entanto não negam a aparição de algumas afecções em épocas de erupção.

Em algumas crianças, temos observado que a erupção dos dentes faz-se silenciosamente, como também temos comprovado outras vezes que a ela precede uma serie de transtornos patológicos de ordem local e geral a saber: dor violenta nas gengivas, tumefacção e congestão no local onde o dente vai romper, acompanhado de salivação abundante e irritabilidade. A criança toma aborrecimento ao leite, dando mostras de evidente mal estar, levando com frequência as mãos à boca, mordendo todo o objeto que esteja ao seu alcance; estes transtornos que aqui se registram é obra exclusiva do trabalho geralmente penoso da erupção que afetam mais os meninos, particularmente impressionáveis e nervosos, indo produzir uma alteração notória na resistência orgânica, diminuída anteriormente por uma causa crônica predisponente como o raquitismo, e por uma maior susceptibilidade do tubo digestivo e respiratório.

CRONOLOGIA DA ERUPÇÃO — Pertence a Magitot e é aceita pela maioria dos Odontólogos, a ordem cronológica que vamos expor:

Incisivos centrais inferiores do 6^o ao 7^o mês.

Incisivos centrais superiores do 7^o ao 8^o mês.

Incisivos laterais superiores do 8^o ao 10^o mês.

Incisivos laterais inferiores do 10^o ao 12^o mês.

Primeiros molares do 12^o ao 18^o mês.

Caninos do 18^o ao 24^o mês.

Segundos molares do 24^o ao 30^o mês.

O Dr. Izar, em seu tratado de ortodontia, sustenta que pode se dizer que em regra geral a relação da erupção temporária evolue em cada grupo durante um semestre. Diz ainda o mesmo autor, que o sexo também tem influência na evolução dentária, sendo mais adiantado nas meninas que nos meninos.

Teorias que explicam os acidentes da erupção dentária

TEORIA REFLEXA — Pertence a Rousseau Decelle, Ele afirma que o sistema dentário é susceptível de originar perturbações reflexas, não admitindo que seja necessária a existência de uma infecção local para que venham produzir os acidentes, pois uma erupção simples, sempre dá uma irritação da mucosa gengival, rica em filetes nervosos, agravando-se a reação geral quando existem predisposições orgânicas hereditárias ou adquiridas.

TEORIA INFECCIOSA — Supõe-se que pode ser a infecção a causa dos transtornos locais que repercutem depois em outros órgãos da criança. Afirmam Redier e Cruet, que a infecção do saco dentário pode dar-se no momento preciso em que o elemento faz a sua erupção através das gengivas. Uma série de causas apoiam e a reforçam: diminuição da resistência orgânica e, nesta ocasião os micróbios tem a sua virulencia aumentada pelo ambiente apropriado, como a deficiência da higiene bucal etc... Constituida assim as pericoronarites, pode pensar-se que pela ingestão dos produtos seropurulentos e a passagem de toxinas pela via sanguinea se produzem os acidentes gerais.

TEORIA DA PREDISPOSIÇÃO ORGÂNICA — Frei, Lemerle, Chompert e Besson são os partidarios desta teoria. Eles consideram que um traumatismo como é a erupção dentária, provoca uma reação no organismo do lactante e, asseguram que certas toxi-infecções crônicas como sejam a heredo sifilis ou a tuberculose, deixam o novo ser com deficiente

defesa organica, os traumatismos no parto, as enfermidades da madre, transtornos endocri nos, especialmente da tiroide, assim como as afeções adquiridas, completam a serie de causas que predestinam ao lactante segundo esta teoria, a sofrer os periodos criticos de uma erupção anormal.

Divisão dos accidentes da erupção

MANIFESTAÇÕES LOCAIS — Um ligeiro exame nas gengivas, mostru-nos que estão congestionadas, duras e as vezes inchadas, causando dôr viva ao tacto, sintomas de inflamação aguda, que geralmente retrocedem mediante uma rigosa vigilância de higiene do lactante, effectuada durante os primeiros dias da erupção, passando estes phenomenos quasi despercebidos. Se pelo contrario as condições bucaes são favoraveis á vida microbiana, e a resistência orgânica tenha sido diminuida por enfermidades anteriores, vão se succedendo os accidentes locais, desde a gengivite eritematosa, eritematopultacea ou mesmo ulcerosa e ulceromembranosa. Felizmente estes accidentes locais que chegam a revestir uma certa gravidade são pouco comuns.

MANIFESTAÇÕES CLINICAS REGIONAIS — Estas estão ligadas á irritação do trigêmeo com a consequente resposta do grande simpatico, que provoca hipersecreções nos órgãos da zona irritada pelo dente que evolue, notando-se secreções salivares e nasais intensas, lacrimejamento, enrubecimento da face, e algumas vezes pode observar-se o aparecimento de erupções cutaneas (herpes, eczemas e prurido).

TRANSTORNOS GERAES — Os sintomas apresentados pela criança em consequência da erupção anormal dividem-se em toxicos e reflexos. Os primeiros se apresentam no aparelho digestivo, como diarreias, inapetência e vômitos; no aparelho respiratório com o aparecimento de bronquites e, no aparelho urinario particularmente com a instalação de albuminurias e piurias. Os phenomenos decorrentes de ações reflexas se traduzem por inquietação, insônia e irritabilidade exagerada.

TRATAMENTO — Visa o estado geral e os transtornos locais. Ocupar-nos-emos particularmente destes, isto é, das manifestações na boca. A higiene immediata após cada refeição é imprescindivel, e aconselha-se para isto, limpeza dos tecidos mucosos com soluções salinas. Havendo congestão das gengivas tão caracteristicas em zonas de provavel erupções dentárias, é conveniente fazer-se uso de uma solução antissetica como o borato ou o bicarbonato de sodio a 5^o. Formulas existem de

real valor para uso topico nas gengivas. Para combater a excitabilidade nervosa da criança, são indicados os medicamentos á base de bromuretos, cuja prescrição deverã ser sempre feita sob o controle médico.

ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES ASSISTÊNCIA DENTÁRIA

Movimento Técnico no último trimestre de 1948

Extrações.....	20	Tratamento de canal.....	19
Obturações.....	42	Recritas.....	4
Consultas.....	39	Limpezas.....	2
Curativos.....	63	Confeção de chapas.....	2
Palpetomia.....	13	Confeção de coroas.....	1
Número de clientes atendidos.....			135

ALOYBIO GOES BARROS
Cirurgião-Dentista

O HOMEM

Antonio E. da Silva

Sublimado pelas suas próprias capacidades, tem o homem o privilégio das faculdades com que Deus o dotou.

As suas tendências constituem força misteriosa, que aproxima tal como a afinidade aconchega os átomos e as moléculas.

O homem, segundo a hermenêutica sociológica, é uma soma. Onde existe soma ha, por igual, conjunção de parcelas.

Quais essas parcelas? O homem nasceu para crer e conhecer. Daí o *homo religiosus* e o *homo sapiens*. *Homo religiosus* define-se homem que crê, homem que aceita o Universo com a sua atração, com os seus imprevistos, com os seus meandros como a consequência da obra de um ser supremo, é o homem voltado para a Dogmática, é o homem espírito.

Homo sapiens é o homem que conhece. Ora, conhecer, ter a ciência, poder discernir, viver em direção da luz e passar ao largo das tempestades, que a educação bem orientada amaina, é ter a âncora sagrada, que liga o passado ao futuro.

Si aos que nos deram o ser impomos sacrificio, aos que nos dão o conhecimento, aos que nos fazem o *homo sapiens* custamos horas consecutivas de momentos, que a linguagem não descreve, mas que sentimos no que de útil recebemos da-

==== Pela Instrução ====

A lei orçamentária do exercício de 1949 consigna a dotação de Cr\$ 13.074.780,00 para o ensino estadual.

Como se vê, o *quantum* a ser dispendido, com a instrução, ultrapassa a quantia destinada, para o mesmo fim, no exercício de 1948.

Por sinal, que não é tão pequena a diferença. É que as cifras montam a Cr\$ 795.500,00!

Escusado é ressaltar que os esforços empregados pelo nosso magistério no desempenho do seu *munus* tenderá a compensar tão vultuosa despesa.

«Pedagogium», órgão da classe que vai prestando à humanidade os mais assinalados serviços, sente-se no dever de augurar ao professorado as bênçãos de Deus para que não desfaleça na jornada empreendida.

quêles, que nos seus desvelos guardam o casulo social — a família.

Donde se conclui que o homem não pode ser estudado debaixo de um ponto de vista parcial, mas do conjunto das suas capacidades, que são ainda: dominar, trabalhar, amar e sentir, porisso que o *homo* é, igualmente, *politicus*, *oeconomicus*, e *estheticus*.

Façamos, pois, o educando, homem em formação, sem mutilar essas inclinações, que estão em todos os seres numa maior ou menor proporção para não cairmos no êrro das escolas sociais, que tanto tem carreado o homem para caminhos sinuosos e de consequências imprevisíveis.

E o homem, depositário de Deus na medida do seu aprimoramento moral, tem todos os atributos de vitória na luta pela vida, existindo o Criador no ser em função de cada um.

Fritado que o homem não deve ser apreciado de um modo unilateral, vemos que mesmo em embrião (a criança no caso é o mais perfeito especimen), a sua vida, que constitui dever indeclinável, obrigação iniludível é efeito do próprio esforço na série ininterrupta das suas ações. Há, portanto, o direito do futuro cidadão exigir não estorvemos o seu continuo desenvolvimento no quádruplo aspecto: físico, mental, moral e intelectual.

Educação Física

III

A educação física já se tem dito de sobejo matéria indispensável à educação integral e afirma-se tônico inegalável na predisposição mental para a formação psíquica de um povo.

Mesmo que mentalidades reconhecíveis, por um caturrismo próprio de formação e de época, tenham-se batido pela desnecessidade do obrigatório nos sistemas educacionais, enquanto à educação física, e nos mostrem através de juízos alicerçados ainda em formação e época, razões justificáveis da sua teoria, mesmo assim a lógica dos fatos, associada à logicidade da época, vem provando, e, no mesmo tempo, mandando se não esqueça *que só em um corpo sadio é possível alajar-se alma também sadia.*

Penso que nenhum de nós deve impor-se a quem quer que sinta àquele modo... Porém, é dever de todo responsável analisar os fatos, suas causas e suas consequências, considerando o meio e a época em que estes fatos se apresentam.

A crítica é a cicuta dos sábios e o cadinho onde se quintessenciam as razões das outras consciências.

Quando em tempos que ainda nos acenam vitalizados, falou-se em utilizar meios que nos melhorassem a atrofia geral que os tempos nos vêm legando, a conveniência de formação dos pseudos-moralistas gritou alto que seria atentar contra os princípios do povo, espondendo-o ao ridículo essa série de movimentos e gestos bem próprios de maníacos. E a luta da época adversária do meio tornou-se intensa... A ciência contra o preconceito... Paradoxo justificado, apenas, pelo caturrismo da formação e do meio.

Aos poucos, felizmente, a necessidade se associa à impor-

Dáí, preceptores, a esmola do saber às crianças sem, de leve, as humilhar, sem tocar no que de mais íntimo possuem, sem "dissecar" o demérito de que porventura sejam portadoras.

Ajudái-as! plantas que são tenras e carecedoras de ponto de apoio!

E, de certo, tereis no porvir a consciência alegrada com essa serenidade, que deve ser o remanso da velhice.

GESTO LOUVÁVEL

Marta Bezerra da Cunha, professora provisória, classe A, com exercício, atualmente, numa escola isolada da cidade de Itaretama, é bem um exemplo a ser apontado do elemento dedicado ao seu mistér.

Trabalhando, a princípio, na vila de Pedra Preta, do mesmo município de Itaretama, a contento de todos, num esforço proficuo, não mediu sacrifícios, apesar de os bons fados não a favorecerem. Marta sofre de ataxia locomotora. Conquanto privada de locomover-se, por essa longa e pertinaz enfermidade, apreciável tem sido a sua cooperação à nobre causa do ensino.

Movida pela angústia do seu estado físico e confiante na generosidade dos grandes corações, teve a feliz idéia de se dirigir ao Sr. Presidente República, relatando, de modo circunstanciado, numa carta simples, mas cheia de sugestiva sinceridade, a situação aflitiva que a atormentava.

E não se fez esperar o gesto magnânimo do primeiro Magistrado da Nação, concretizado, na oferta patriótica e humanitária, que acaba de fazer à jovem professora da cidade de Itaretama, de uma *Cadeira de Rodas*, que lhe viesse suavizar as agruras da contingência, que lhe impôs o Destino.

Como se vê, nem tudo está perdido, nesta terra de tão grandes possibilidades, neste país do futuro, como se exprimiu Zweig...

tância do novo sistema, e a ciência que o preconizou, melhor-o e alimenta.

Bem natural era de ver abrirem-se caminhos em todos os setores à sua facilitação, uma vez sua importância haver nascido da necessidade e não da vaidade ou do orgulho como, na maioria das vezes, as demais realizações humanas. Ainda que a educação física se evolue com a civilização, científica, dogmatica... opera necessidade do corpo para a alma.

Urge facilitemos o seu progresso porque será nela também o nosso progresso através de seus planos e programas especializados.

INQUIETAÇÃO



Paira no ar, no infinito, em tudo,
A sombra cinzenta da inquietação.
Cinzenta como os fumos da guerra,
Que ainda não passou...
Triste, como o pranto da humanidade,
Vertido á beira das vulvas
Onde jazem os herois.

Reside, em tôdas as consciências,
Palpita em cada coração,
Porque nada se espera
Do dia de amanhã.

Os grandes homens da história moderna
Querem cruzar os braços
Ante a sorte do mundo.
Pensam largar o mundo
À sua própria sorte,
Pois até hoje
Não encontraram a resposta do "X"
Que é a Paz, o Progresso, o Amor.

A resposta ainda está, nas palavras do Cristo,
Que aconselha a justiça, a bondade, o perdão,
Que fique cada um com aquilo que é seu
E respeite e defenda o direito do irmão.

Quando aquêles que empunham o destino do mundo
Aprenderem e cumprirem esta grande lição,
Uma paz duradoura cairá sobre a terra,
Tão bela, tão grande como a própria amplitude!

E as bocas famintas serão fartas,
Os olhos, que choram, deixarão de chorar,
A dôr que punge o coração dos povos
De todos os quadrantes de todas as nações,
Se acalmará, como a tormenta do lago,
Que Jesús alcançou...

Desaparecerá, então, para sempre, da terra,
A inquietação que aflige a humanidade...
Em seu lugar, sob a luz da razão,
Brilharão a Justiça, o Amor e a verdade!

O papel do professor no meio social

ANA ANITA DE MELO

(Do corpo docente do G. E. «Fabricio Maranhão», de Canguaretama)

Escreveu um filósofo romano que não havia espetáculo mais digno de Deus que o do varão forte, lutando só e braço a braço com a adversidade.

Outro conheço eu mais digno ainda da Divindade, diz Almeida Garrett — «é o do educador desvelado, formando a alma tenra e o coração inocente do seu pupilo, moldando-o para a virtude e para a razão, e preparando-o para a felicidade, para a qual nos criou Deus.

Instruir e educar a puerícia, plasmar na juventude o caráter de cada povo, eis o destino do homem, pois, só dessa instrução bem orientada depende o futuro do nosso amado Brasil.

A questão social, em todas as suas modalidades, e compreendida na mais rasgada amplitude, provém do maior ou menor grau de desenvolvimento das diferentes camadas sociais.

O problema da instrução popular há de ser sempre o polo de atração para onde deveria estar voltada a agulha magnética dos estadistas, afim de realizar-se a expressão máxima da grandeza nacional, traçando-lhe as belezas de uma sociedade modelo.

É da reconstituição moral e mental de todos os indivíduos que compõem o organismo social que depende, em última análise, a reconstituição dêsse mesmo organismo.

Como a tarefa da remodelação mental dos indivíduos pertence a educação, que deve ser ao mesmo tempo, física, intelectual, estética, moral, econômica, cívica e política, — é no problema da educação que se encontram todos os demais problemas sociais, pois que a instrução e a moral são as grandes alavancas que sustentarão os interesses materiais de um povo.

Sabe-se, porém, que o segredo do problema educativo consiste em colher no meio do progresso da história, os princípios que constituem a evolução da cultura e aplicá-los na vida de um povo para a efetivação de mais alguns melhoramentos.

Pelo que fica exposto, ressaltam-nos, subitamente, de maneira categórica, o papel importante desempenhado pelo professor no engrandecimento da sociedade, e, conseqüentemente, da civilização, visto que é ao professor, ou melhor, ao educador, a quem compete ministrar os imprescindíveis princípios, isto é, preparar o campo social pela inoculação na mente do educando da maior soma de conhecimentos úteis, portanto a

quem está confiada a obra gradual e transformadora das futuras gerações.

Mas, para que o professor possa agir, dentro das suas possibilidades, é necessário que o povo o ajude, com a consideração votada a escola e a ele, a exemplos de outros países, como a Suíça, onde o professor é tão respeitado, que a menor falta de atenção, qualquer desacato, para com ele, são punidos com a cadeia.

No Japão, a consideração ao mestre-escola era tão sensível e sincera que a primeira autoridade a ser cumprimentada, por uma força militar, de passagem em qualquer localidade, era sempre o professor.

Oxalá, o meu querido país possa um dia considerar, como merecem aos desbravadores desta inóspita região, que se chama ignorância!

A educação

EMÍLIA SOARES DE CARVALHO

(Da Escola 1.º de maio)

A prática da educação não pode deixar de ser considerada como "uma necessidade, um dever, uma fonte de grandes e fecundos benefícios", conforme dizia Saturnino Veiga. Através do tempo e do espaço, ela sempre foi a força propulsora de toda espécie de evolução: física, intelectual e sobretudo moral.

Quanto à primeira, muitas maneiras de praticá-la existem, por aí afora, desde jogos como o *volley*, o *basket*, o *foot-ball* até à ginástica.

Aparecem, por toda parte, revistas destinadas à cultura física. Ninguém recusa, hoje, as vantagens dos exercícios, fortalecendo os músculos e dando ao homem o novo sentido de felicidade e de vida. Ao lado da educação física, surge a formação intelectual, o cultivo do espírito, a verdadeira educação, que forma o caráter, mostra os deveres, inspira o amor, a ordem e a prática das virtudes. A formação física e intelectual do homem, porém, não é tudo. É preciso ainda a fortaleza moral, sem a qual não há família, não há sociedade, não há pátria.

Ela é quem nos ensina a amar os nossos pais, respeitar os nossos semelhantes, ser uteis sem pensar em recompensas imediatas, praticar a caridade, sem procurar retribuições... Precisamos de homens que saibam espalhar o bem, que despertem o culto da virtude, estimulem o amor ao trabalho e a jus-

Dr. Domingos Braga Barroso

Tivemos a honra de receber, em dias do mês de dezembro p. passado, a visita do Dr. Domingos Braga Barroso, diretor do Departamento de Educação do Ceará.

O ilustre visitante teve oportunidade de percorrer, em companhia do Prof. Severino Bezerra de Melo e de seus auxiliares, as várias secções do Departamento de Educação, do nosso Estado, tendo-se manifestado, sinceramente, satisfeito, pelo que observou, no tocante á organização e desenvolvimento do ensino, em nossa terra. O Dr. Braga Barroso, que viajou, em seguida, a Augusto Severo, com o fim especial de rever parentes e amigos, ali residentes, deixou-nos, pelas suas maneiras amáveis de cidadão simples, inteligente e prático, as melhores e mais vivas impressões.

tiça, que defendam, enfim, suas convicções, com desassombro, e combatam o mal, sem tréguas. O país que contribuir, dentro dessas normas, para a formação da personalidade de seus filhos, estará fadado a ter um grande, um nobre e glorioso futuro.

BRINCAR E APRENDER

Editado pelo Ministério da Agricultura, através do Serviço de Informação Agrícola, circulou, mais uma vez, no seu 28º número, o Boleim dos Clubes Agrícolas, intitulado *Brincar e aprender*, contendo variada colaboração de técnicos, em assuntos agro-pecuários, científicos e educativos, além de notas interessantes sôbre matéria de palpitante interêsse. Por intermédio do Prof. Raimundo Soares de Andrade, Diretor da Escola Rural Modelo «Dr. Manoel Dantas», do bairro do Tirol, recebemos um exemplar de *Brincar e aprender*, o que, penhorados, agradecemos.

•••

ANTOLOGIA PUSILA

É o nome de uma interessante seleta latina, organizada pelo Padre M. Mechtildis Dengg, O. S. B. e destinada à 1ª e 2ª séries do curso ginasial. Os textos são seguidos de pequenas notas elucidativas de muitos pontos do programa de Latim. Constam de provérbios e sentenças, inscrições, trechos de Públio Siro, Sêneca, Eutrópio e Fedro, tudo isto na disposição mais racional e clara possível, para melhor compreen-

são do estudante e, em certos pontos, do próprio professor. Examinando a Seleta, verificamos tratar-se de uma das melhores obras aparecidas, nestes últimos tempos, para o ensino do idioma dos romanos. Por todos êsses títulos, é a *Antologia Pusila*, do Padre Mechtildis, das mais recomendadas aos cursos ginasiais, principalmente tendo-se em vista a excelente orientação didática que a norteia, dentro das exigências da Portaria nº 26, de 15-1-1946, do Ministério da Educação. Pela gentil oferta de um exemplar da *Antologia Pusila*, feita pelo Sr. Sérgio Severo, agente da «Cia. Melhoramentos», nesta Capital, cabe-nos, tão somente, expressar, através de «Pedagogium», o melhor dos nossos agradecimentos.

Revistas de Ensino

Um órgão do magistério ainda não conseguiu estabelecer frequência satisfatória no Rio Grande do Norte. Tem ele, inevitavelmente, a mesma sina das outras publicações, representando ou não coletividades culturais. A terra, está provado, não é fertilizada. Falta-lhe elemento para que a semente se desenvolva. Muito embora encontre uma espécie de latência, que a faz vez por outra, renovar-se. E a vontade impulsiva de renascer, de reflorir, de dar frutos. Há sempre em torno desse fenômeno uma festa característica. É o caso das publicações que refletem o movimento educacional do Estado.

A Associação de Professores fundou um órgão, a que deu o nome de «Pedagogium». Isso aconteceu em 1927. Lembrome de uma série de magníficos números, chegando a uma coleção animadora. Mas o mau caminho estava espreitando e a revista se acabou. Veiu, anos depois, a segunda fase. Também desapareceu. Há poucos meses surgiu a terceira fase, dirigida por Luis Soares de Araújo e secretariada por F. Rodrigues Alves. Já alcançou o segundo número, graças, sobretudo, ao desvelo com que o diretor do ensino procura auxiliar iniciativas úteis e necessárias no campo de suas atividades. Os seus diretores e secretário são duas figuras do nosso magisterio que significam, realmente, inteligência e cultura, ânimo de trabalho e velho e seguro conhecimento das nossas questões educacionais.

«Pedagogium» tem uma elevada missão a cumprir no seio

EDUCAÇÃO

DE ADULTOS

O Departamento de Educação do Estado, conjugando os seus esforços ao Serviço Nacional de Ensino Supletivo, no Rio de Janeiro, vem desdobrando grande atividade para que a campanha seja coroada do desejado êxito no setor Rio Grande do Norte. E é assim que, além de outras providências, os srs. inspetores de ensino têm promovido a instalação dos Conselhos Municipais, órgãos que exercem ação coordenadora e, ao mesmo tempo, de divulgação e esclarecimento popular do plano de educação, em massa, do país.

Plausível e consolador é o que se vai registrando: magistrados, políticos, sacerdotes, membros do ministério público, elementos das classes conservadoras, todos porfiam em perfeita comunhão de idéias, emprestando o melhor da sua colaboração para que a obra tenha a auréola de esplêndida realidade.

E que a terra de Potí, ciosa dos seus honrosos antecessores e desejosa de manter o lugar, que de há muito lhe cabe, na civilização, integrou-se no movimento que o Ministro Clemente Mariani qualificou de salvação pública.

do professorado norte-riograndense. É a palavra sóbria e verdadeira, convincente e oportuna dos mestres, é o conselho, é o estímulo, é o meio de aproximação. Se o nome não indicasse, por si, um sentido especializado, mesmo que fosse um simples órgão informativo, seria de suma importância para a classe numerosa, que tem a sua maioria isolada pelo interior. Mas, na revista da Associação de Professores, há um programa mais vasto, que é o de instruir e documentar, norteando a mentalidade e as vocações, criando um ambiente de estudo e de pesquisa com que possam-se enriquecer mutuamente o magistério e o ensino. — ADHERBAL FRANÇA.

(De "A República", de 2/12/48)

SOCIAIS

ANIVERSÁRIOS

MÊS DE SETEMBRO

Dia 5—Otilia Fialho Dias, professora do Grupo Escolar João Bernardino, de Alexandria.

Dia 12—Nair Gonzaga da Costa, professora do Grupo Escolar 'José Rufino', de Angicos, e Enedina Augusta de Albuquerque, professora do Grupo Escolar 'Anita de Sousa', de Macaíba.

Dia 14—Maria da Luz Fernandes Gois, professora da Escola Isolada de Bom Jesus.

Dia 15—Dr Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima, lente aposentado da cadeira de História Natural do Colégio Estadual.

Dia 18—Eugênio Fernandes, professora nesta Capital e Eulina Moura, professora aposentada.

Dia 19—Leonila R. da Câmara, professora do Grupo Escolar 'Cel. Mariz'.

Dia 20—Ana Anita de Melo, professora do Grupo Escolar 'Fabrício Maranhão', de Canguaretama.

Dia 22—Adélia Teixeira Coutinho, diretora do Grupo Escolar 'Alberto Torres' desta Capital.

✓ Dia 23—Elça Fêner Ramos de Santana, professora do Grupo Escolar 'Barão do Rio Branco', de Parelhas.

Dia 25—Ana Firmina Ferreira da Silva, professora do Grupo Escolar 'João Tibúrcio', desta Capital.

✓ Dia 27—Marina Rossi de Oliveira, professora do Grupo Escolar 'Barão do Rio Branco', de Parelhas.

28—Almerinda Menezes de Carvalho, professora do Grupo Escolar 'João Tibúrcio', desta Capital.

Dia 29—Maria Nalva Xavier, diretora do Grupo Escolar 'Barão de Ceará Mirim', de Ceará Mirim, e Maria Delourdes Bezerra, professora do Grupo Escolar 'Duque de Caxias', de Macaíba.

MÊS DE OUTUBRO

Dia 1—Clara Carlota de Sá Leitão, professora do Grupo Escolar 'Tte. Cel. José Correia', de Assú.

Dia 7—Maria de Lourdes Batalha,

professora da Escola Isolada de Várzea, município de Goianinha.

Dia 9—Noemi Barbosa Lima, professora das Escolas Reunidas 'Carlos Gomes', de Montanhas, município de Pedro Velho.

Dia 17—Guimar de Vasconcelos, professora aposentada.

Dia 20—Maria Hadar Nelson, professora da Escola Isolada de Pedra Preta, município de Itaretama.

Dia 23—Ezilda Elita do Nascimento, diretora do Grupo Escolar 'Cap. Mor Galvão', de Currais Novos.

Dia 24—Romilda Cavalcanti Amorim, professora do Grupo Escolar 'João Tibúrcio', desta Capital.

Dia 29—Ana Leite de Carvalho, professora do Grupo Escolar 'Augusto Severo' e Raimundo Soares de Andrade, professor do Grupo Escolar 'Frei Miguelinho', ambos desta Capital.

MÊS DE NOVEMBRO

Dia 6—Almira de Carvalho Monteiro, professora do Grupo Escolar 'Barão de Mipibú', de S. José de Mipibú.

Dia 7—Helena Ferreira Bezerra, professora do Grupo Escolar 'João Tibúrcio', desta Capital.

Dia 8—Astrogilda Meira de Azevedo, professora e diretora do Grupo Escolar 'Castano Dantas', de Carnaúba, Acari.

Dia 12—Palmira Barbosa, professora do Grupo Escolar 'Frei Miguelinho', desta Capital, e Maria do Carmo Fernandes, professora do Grupo Escolar 'Cel. Antônio do Lago', de Touros.

Dia 13—Maria Zulma de Carvalho Lopes, professora da Escola Isolada de Piauí, município de Goianinha.

Dia 15—Antônia Soares Pessoa, professora do Grupo Escolar 'Dr. Manoel Dantas', de Padre Miguelinho.

Dia 16—Emília Fernandes, professora do Grupo Escolar, Moteza Brandão', de Goianinha.

Dia 18—Alcinda Pinheiro Costa, professora da Escola Isolada de Barra, município de Areia Branca, e Sefora Ramos Santiago, professora do Grupo Escolar 'Frei Miguelinho', desta Capital.

Dia 18—Alcinda Pinheiro Costa, professora da Escola Isolada de Barra, município de Areia Branca, e Sefora Ramos Santiago, professora do Grupo Escolar 'Frei Miguelinho', desta Capital.

Dia 21—Maria do Carmo Silva, professora das Escolas Reunidas de Jardim de Piranhas, município de Caubó.

Dia 22—Beatriz Murtos de Araújo

O PRECEITO DO DIA

ELOGIOS PREJUDICIAIS

Há pessoas que, mesmo na presença da criança, fazem-lhe grandes elogios á beleza ou á inteligência, assim lhe dando prazer e agradando. Não pensam, porém, que a estão tornando presunçosa, fútil e cheia de si, porque, com tais louvores, também lhe insuflam orgulho e vaidade e incutem excessivo amor de si própria. Acertado seria estimular-se a honestidade, a operosidade e o altruismo, realçando as iniciativas e ações dignas, úteis e generosas.

Em vez de louvar os dotes físicos das crianças, gabe-lhes os bons atos de trabalho, o amor do próximo e a honradez. — SNES.

Bezerra, diretora do Grupo Escolar 'Tomaz de Araújo', de Acari, e Francisco Rodrigues Alvea, Inspector de Ensino da 1.ª região.

Dia 23—Ester Alves da Silva, professora da Escola Isolada de S. Bento do Norte, Baixa Verde.

Dia 24—Heloisa Leão de Moura, professora do Grupo Escolar '30 de setembro', de Mossoró, e Lindalva Alves Taveira, professora do Grupo Escolar 'João Tibúrcio', desta Capital.

Dia 27—Margarida Saboia de Lima e Silva, professora e diretora do Grupo Escolar 'Aur. Barros', desta Capital.

Dia 28—Iracema Lopes Brandão Araújo, professora do Grupo Escolar 'Tomaz de Araújo', de Acari, Iolanda Freire Cortês Gomes, professora e dirigente das Escolas Reunidas 'Manoel Miranda', de Sertãozinho (Canguaretama) e José Saturnino de Paiva, diretor do Grupo Escolar 'João Tibúrcio', desta Capital.

Dia 29—Maria Julieta Iglesias, professora e diretora do Grupo Escolar 'Cel. Maurício Freire', de S. Paulo do Potengi.

Dia 30—Odila da Silva Barros, professora e diretora do Grupo Escolar 'Joaquim Nabuco', de Taipú.

MÊS DE DEZEMBRO

Dia 1.ª—Francisca Aracati Caldas, professora da Escola Isolada de As Matias, município de Macaíba.

Dia 6—Leticia Gomes Dourado, professora das Escolas Reunidas 'Oscar Vanderlei', desta Capital.

Dia 7—Maria da Conceição Câmara, Escrituraria do Departamento de Educação.

Dia 9—Antônio Gomes da Rocha Fagundes, lente de Português do Colégio Estadual e diretor do Ginásio '7 de Setembro', desta Capital, e Rosa de Sousa, professora da Escola Isolada de Igepó.

Dia 16—Abigail Fernandes de Oliveira, diretora do Grupo Escolar 'Almino Afonso', de Martins.

Dia 19—Clotilde de Moura Lima, professora do Grupo Escolar 'João Tibúrcio', desta Capital.

Dia 20—Ester Fernandes da Silva, professora do Grupo Escolar '30 de Setembro', de Mossoró.

Dia 25—Sofia de Lima Farias, professora do Grupo Escolar 'Frei Miguelinho', desta Capital.

Dia 27—Díax Gomes de Sousa, professora do Grupo Escolar 'Duque de Caxias', de Macaú.

Dia 28—Cláudio Augusto de Freitas, chefe da Secretaria do Departamento de Educação, Eunice Bandeira de Melo, professora do Grupo Escolar 'Isabel Gondim', desta Capital, e Maria Adelaide do Nascimento, professora do Grupo Escolar 'José Rufino', de Angicos.

Dia 29—Francisca Amélia do Carmo, professora do Grupo Escolar 'Conselheiro Brito Guerra', de Areia Branca, e Leonor Maciel do Amaral, professora do Grupo Escolar 'João Tibúrcio', desta Capital.

PARTE OFICIAL

Governo do Estado

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

LEI N. 96 DE DEZEMBRO DE 1948

Concede gratificação adicional aos professores catedráticos do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, Escola Normal de Natal e Ginásio Normal de Mossoró.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º — Ficam extensivas aos professores catedráticos do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, Escola Normal de Natal e Ginásio Normal de Mossoró; as vantagens dos decretos-leis, números 626, de 22 de outubro de 1946 e 394, de 12 de Julho de 1945.

Art. 2º — As despesas decorrentes deste decreto correrão pela verba 14 V—Gratificação adicional, por tempo de serviço, do orçamento vigente.

Art. 3º — Esta Lei entrará em vigor a primeiro de Janeiro de mil novecentos e quarenta e nove.

Natal, 9 de Dezembro de 1948. 60ª da República.

JOSÉ AUGUSTO VARELA

Custódio Toscano

PEDAGOGIUM

EXPEDIENTE

Revista dedicada aos Interesses
do Magistério e à divulgação da
cultura pedagógica.

PUBLICAÇÃO TRIMENSAL

REDAÇÃO: Av. Rio Branco, 790

(ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES)

NATAL - Rio G. do Norte - BRASIL

IMPRESSA NAS OFICINAS "GALHARDO"

DEPÓSITOS

POPULARES
ESCOLARES
COMERCIAIS
CAUCIONADOS
JUDICIAIS

AS MELHORES TAXAS DE JUROS

NA

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
DO R. G. NORTE

Garantida pelo Governo Federal

Opera com as carteiras de:

PENHORES

CONSIGNAÇÕES

HIPOTECAS

TITULOS

AVENIDA DUQUE DE CAXIAS, 50

Telegrama — «CEFRINO»

TELEFONE — 19.94

NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

PEDAGOGIUM

ÓRGÃO OFICIAL DA "ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

(3.^a FASE)

DIRETOR: Luiz Soares de Araújo

REDATOR-SECRETÁRIO: F. Rodrigues Alves

COLABORADORES:

70

Raimundo Nonato,
Mário Cavalcanti,
Roque José da Silva,

Acrísio Freire,
Antônio E. da Silva,
Raimundo Soares

SUMÁRIO

I — Pelo ensino público	Prof. Severino Bezerra
II — Dois grandes temas	Correia Soares
III — Apêlo aos brasileiros	Mário Pinto Serva
IV — "Muleta Social"	F. Rodrigues Alves
V — O Príncipe Auriverde	Prof. Kubens He. Filgueiras
VI — O professor de meninos	R. Nonato
VII — Uma gramática manuscrita há mais de melo século	Assis Silva
VIII — Tratto	Aurea Câmara
IX — Alguns aspectos da educação nos Esta- dos Unidos	Alvamar F. de Mendonça
X — Pela formação mental do Brasil	Dr. Israel Nazareno
XI — Penetrando o Oeste	J. Jacinto
XII — Educação Física	Roque José da Silva
XIII — Revendo a terra natal	Mário Cavalcanti
XIV — Educação e Democracia	Luiz Paulo
XV — Uma boa Gramática	Mário Casassanta
XVI — Sic itur ad astra	Cón. J. Adelino
XVII — Um pedacinho de conversa	Isabel Bêsan
XVIII — Vamos ensinar	Antônio E. da Silva
XIX — Antônio Pereira de Brito Paiva	Luiz da Câmara Cascudo
XX — A Casa de Aute de Sousa	Violeta Santos
XXI — Clubes agrícolas	Raimundo Soares

PARTE OFICIAL

"ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

Presidente: *Prof. Luiz C. Soares de Araújo*

Vice-presidente: *Dr. Francisco Ivo Cavalcanti*

1.º Secretário: *Prof. Mário Cavalcanti*

2.º « *Prof. Raulina Ataíde*

Orador: *Prof. Clementino Câmara*

Vice-orador: *Prof. Francisco Rodrigues Alves*

Tesoureiro: *Prof. Acrísio Freire*

Adj. de Tesoureiro: *Prof.ª Rita Sampaio*

Bibliotecário: *Prof. Raimundo Soares de Andrade*

Adj. de bibliotecário: *Prof.ª Séfora Ramos Santiago*

Comissão fiscal:

Professores *Francisco Soares, Maria Belém Câmara*
e *Maria Lúcia Dias.*

PEDAGOGIUM

ÓRGÃO OFICIAL DA « ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES »

DIRETOR

Luiz C. Soares de Araújo

REDATOR SECRETÁRIO

F. Rodrigues Alves

Está sendo construído o Instituto de educação do Rio Grande do Norte, talvez o maior e o mais arrojado empreendimento de todos os tempos, de caráter oficial, sob qualquer aspecto que o encaremos, levado a efeito, em nosso Estado, e os benefícios que dele serão colhidos pelos nossos conterrâneos somente o tempo e os resultados poderão dizer, com segurança, pelo futuro a dentro.

Há também outra obra de imensa projeção na vida do nosso povo e que não deve ser esquecida: a escola isolada do interior perdida pelo litoral e pelos sertões.

Se o Instituto vai ser motivo de orgulho, para os rio-grandenses, a escola isolada deve merecer, igualmente, o amparo dos poderes públicos, pela sua finalidade patriótica. É a irradiação do ensino do centro para a periferia e da periferia para o centro.

O Departamento de Educação está olhando, com o maior interesse, para esse importante aspecto da instrução pública, certíssimo das dificuldades que terá de enfrentar, na realização dos seus propó-

P
E
L
O
E
N
S
I
N
O
P
Ú
B
L
I
C
O

sitos, figurando entre elas, em primeiro plano, a da falta do prédio para a escola.

Mas é preciso que, mesmo dentro de nossa pobreza, encaremos a situação como realmente deve ser encarada e não fiquemos parados, contemplando a grandeza dos Estados mais afortunados, mesmo porque "ninguém é feliz apenas com a alegria dos outros".

Temos que buscar, dentro das nossas próprias possibilidades, alguma coisa que também nos dê motivo de satisfação.

É isso, precisamente, o que está fazendo o Departamento de Educação, num constante trabalho junto às Prefeituras e aos homens de recursos do interior, para que, dentro de relativo espaço de tempo, numa bem entendida conjugação de esforços, existia em cada núcleo regular de população uma casinha modesta para sua escola. Os resultados já vão aparecendo, bem mais depressa do que seria de esperar, pois pessoas representativas de vários lugares têm comparecido ao Departamento, procurando instruções que se habilitem a cooperar na patriótica tarefa

da melhoria do nosso ensino primário.

Exemplos dessa natureza, visando a fins tão nobres, devem ser imitados porque não é muito difícil, mesmo entre as populações mais pobres, com a colaboração das mais ricas, a construção de uma casinha que sirva de escola para a educação dos seus filhos.

As telhas, os tijolos, a madeira e a mão de obra serão oferecidas pelos habitantes, com o mesmo entusiasmo com que são levantadas, pela força da fé, pedra por pedra, as singelas e brancas capelinhas dos nossos sertões. O Estado e as Prefeituras ajudarão a levantá-las.

Depois virão as pessoas abatidas, os mais ricos, de cujo coração ainda não desertaram os bons sentimentos humanos e o problema irá tendo mais e o problema irá tendo mais fácil solução. O Governo chegará, em seguida, com o mobiliário, material pedagógico e o professor.

O Departamento de Educação está fortemente empenhado nessa meritória campanha do prédio escolar, no interior.

É um movimento que se pode chamar também de redenção da criança e cuja vitória já está assegurada pela solidariedade que vai tendo de todos os bons filhos do Rio Grande do Norte.

Prof. Severino Bererra

DOIS GRANDES LEMAS

CORREIA SOARES

Lembro-me, ainda, com uma certa emoção, dos felizes tempos de minha juventude, quando, em 1905, cursava o nosso velho Ateneu. Contava então os meus 17 anos e com uma educação tôda doméstica, não conhecia as cousas do mundo e nem fazia parte de nenhuma sociedade, não obstante existirem, naquele tempo, algumas, em Natal, e até bem organizadas.

Convidado, certa vez, pelo digno sacerdote padre Pedro Paulino, hoje vigário da Paróquia de Nisia Floresta, compareci, com muitos outros colegas, ao Colégio de Santo Antônio, onde teríamos de assistir a fundação de uma nova sociedade, com o nome de «*Mocidade Católica*», e cujos princípios se firmavam, na doutrina católica, sem, contudo, os rigores das instituições congregadas.

Tive então uma enorme surpresa quando o padre Pedro Paulino, depois de justificar os motivos da reunião, convidou-me para presidir os trabalhos de instalação. Não preciso dizer o quanto me senti perturbado e assumindo a presidência proferi algumas palavras, agradecendo a escolha de meu nome, recebido, aliás, com os aplausos generosos dos meus nobres colegas.

Na eleição para constituição

da mesa foi eleito presidente efetivo, ficando o padre Pedro Paulino como diretor espiritual e como presidente de Honra o saudoso padre João Maria, a figura apostólica de sacerdote e de santo que tanto encheu a cidade do Natal, espargindo por tôda parte os benefícios de sua grande alma.

É preciso lembrar que dessa « Mocidade Católica » faziam parte moços como Heitor Carrilho, Afilôquio Câmara, José Lucas da Câmara, Vicente de Sousa, Acrísio Câmara, Eugênio Monteiro e tantos outros que naquela época eram estudantes do Ateneu e do Colégio Santo Antônio.

O que porém guardei sempre com um profundo sentimento de religião foi o grande lema da nova instituição: « Ação, União e Sacrifício ». Era, bem se vê, uma trilogia que empolga o espirito da mocidade de então e creio mesmo que a « Sociedade Mocidade Católica », não fôsem as divergências que provocaram a sua extinção, depois do falecimento do padre João Maria, ainda hoje estaria prestando relevantes serviços na formação de nossa mocidade tão carecida de educação espiritual.

Não quero relembrar o incidente que motivou a sua desagregação, pois habituados á palavra paternal do padre João Maria e do padre Pedro Paulino, os moços começaram então a sentir que os seus novos dirigentes espirituais vinham

agindo com muito rigor até que em uma sessão de assembléa geral da « Sociedade São Vicente de Paulo », realizada na Catedral, sob a presidência do bravo e saudoso major Sinfrônio Barreto, ouviu-se a palavra do novo presidente de Honra, referindo-se em linguagem deselegante aos moços da « Mocidade Católica ». Foi aí que tudo se transformou não me sendo mais possível conter os desgostos dos colegas. Querendo ainda evitar a crise apelei para o Sr. Arcebispo da Paraíba, então dirigente da Diocese, que infelizmente nada pôde fazer extinguindo-se assim a « Sociedade Mocidade Católica » com a dispersão inevitável dos moços que se julgaram ofendidos e com os quais todos se tornaram solidários.

Na imprensa mantínhamos um órgão — « Vinte e um de Junho » — impresso na tipografia do padre João Maria tendo como redatores Eu, Heitor Carrilho e Afilôquio Câmara. Era um jornal muito bem aceito no Estado e defendia desassombadamente os principios do catolicismo.

Com ê-se belo e sugestivo lema: « Ação, União e Sacrifício » a « Sociedade Mocidade Católica » poderia estar ainda hoje vivendo e conduzindo os moços pelos caminhos tão incertos da vida. Poderão perguntar-me, estou ouvindo, por que êsses moços, segundo o seu grande lema, não fizeram o « Sacrifício » de se manter

Apêlo aos brasileiros

MÁRIO PINTO SERVA

Nos Estados Unidos houve uma mulher que, quanto tinha um ano de idade, foi vítima de uma febre escarlatina, em consequência da qual ficou cega, surda e muda, para a vida inteira. Foi Hellen Keller. Mas confiada desde logo aos cuidados de uma professora de surdos-mudos Hellen Keller aos poucos conseguiu aprender a ler, escrever, contar, para depois

nas fileiras da sociedade? Tudo porém estava no período inicial de uma grande obra de educação que não se fará simplesmente com a teoria de um lema. Era preciso ir mais adiante e tudo seria conseguido.

Passaram-se os anos e hoje estou dirigindo uma outra instituição de moços: a «Associação de Escoteiros do Alecrim» que conta atualmente trinta e seis anos de existência e vem, nesse longo tempo, realizando uma obra de todos conhecida. E o escotismo também se firma em uma outra triologia sublime: "Deus, Pátria e Família". Teve a sua origem na Inglaterra, em 1908, criado pelo eminente educador General Robert Baden Powell e espalhou-se desde logo por todos os recantos do mundo constituindo, hoje em dia, a mais completa escola de educação moral e cívica para a mocidade.

É também certo que existem as congregações marianas de moços criadas pelos jesuítas, em 1563, em Roma, e que vão igualmente dando os seus belos frutos.

Tudo, estou certo, depende

da boa orientação que se queira dar a essas instituições organizadas, como sistema de educação, para reunir a juventude proporcionando-lhe um ambiente espiritual mas também ensinando a conhecer os erros e os vícios sociais que tanto afligem o mundo, concorrendo para a perturbação da paz e da tranquilidade dos povos.

Um sistema de educação que não apontasse aos moços a realidade da vida, sem comprometer a sua formação espiritual, seria um sistema incompleto, que jamais poderia fazer o milagre de formar uma sociedade de princípios democráticos cristãos.

Se a sociedade é, como se sabe, um agregado de homens, precisamos cuidar de formar o elemento "Homem" porque só assim poderemos confiar num futuro melhor.

A escola não trabalha para o presente; ela visa sobre tudo o dia de amanhã. Se queremos uma sociedade cristianizada precisamos antes de tudo cristianizar a sua mocidade.

fazer todos os cursos primários e superiores e diplomar-se. Por fim, Hellen Keller se tornou uma grande escritora mundial, autora de vários livros.

No Brasil nós temos talvez vinte ou vinte e cinco milhões de patricios que são analfabetos, mas não são nem cegos, nem surdos, nem mudos.

Portanto, não é nenhum milagre conseguirmos que eles todos se alfabetizem em dois a três anos. Basta que em cada um dos 1.700 Municípios brasileiros, todas as Câmaras Municipais gastem 30 por cento com a alfabetização e educação do povo, que todos os vigários intinem do púlpito todos os fiéis a se alfabetizarem, que haja em todos os municípios uma comissão das pessoas mais gradas que se constitua para velar por essa alfabetização e educação de todos, e também que todos os milionários e pessoas ricas doem às câmaras municipais quantias com que estas possam custear outras tantas escolas,

“Impossível, dizia Napoleão, é um vocábulo que só existe no dicionário dos imbecis”.

Não fizemos a Independência Nacional, a Abolição e a República? Pois façamos agora a alfabetização total e imediata do Brasil, como se extinguissemos uma epidemia temerosa, como o é de fato essa ignorância total geradora de todas as fraquezas, mazelas e misérias físicas e mentais de nossa gente.

“Educa-te a ti mesmo, eduquemo-nos uns aos outros — eis toda a moral social”.

Se formos a qualquer cadeia, penitenciária ou prisão do Brasil, nelas constataremos que noventa por cento ou a quasi totalidade dos detentos são totalmente iletrados e completamente ignorantes. O analfabeto é um irracional que não sabe prever as consequências de seus atos, age por instinto, por impulsos primitivos.

Ora, o gênio, como dizia Edison, se compõe de um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de perspiração, isto é, esforço e trabalho. E portanto, com a alfabetização total e imediata do Brasil teremos um surto de centenas ou milhares de gênios, no Brasil, que assombrarão o mundo.

“*Tant vaut l'home, tant vaut sa terre*”. A terra brasileira valerá o que valerem os brasileiros que a cultivam. Se estes forem analfabetos, a terra nada vale. Se forem cultos a terra se desentranhará em frutos opimos. E não só a terra, também o subsolo brasileiro revelará riquezas fenomenais, agora ignoradas e que só a ciência desentranhará das entranhas telúricas.

No mundo moderno só vale o homem dotado de mús-

culos fortes e de um cérebro culto. Precisamos os brasileiros rapidamente nos transformarmos. Basta que do Amazonas ao Prata, do Acre ao Oceano Atlântico, por todo o Brasil, esturja um grito formidando, unanime, atroador: Alfabetização total e imediata de todos os brasileiros!

"MULETA SOCIAL"

F. RODRIGUES ALVES

A educação recebida, no lar, exerce soberana influência, no caráter do homem, durante tôda a sua vida.

Prof. LUCIANO LOPES

Lí, certa vez, em «A República», uma crônica, muito interessante, escrita por êsse admirável Aderbal de França (Daniilo), a respeito do procedimento de algumas crianças, no convívio social, e lembrei-me, diante dos conceitos expendidos pelo inteligente jornalista, da responsabilidade da escola na formação dessas crianças.

Isto, por sem dúvida, devido a ser ela o cadinho onde se formam os caracteres, onde se aperfeiçoam as inteligências e onde se plasmam as consciências daqueles que, mais cedo ou mais tarde, vão-se constituir os esteios da nacionalidade, nos dias felizes ou nas horas amargas... Ai! dêesses meninos, dessas "flores, em botão, esboços de sorrisos, esperanças em perspectiva", como bem diz Leôncio Correia, não fôra a ação benfazeja dos mestres, guiando-os, para a Luz, orientando-os, para a Verdade, encaminhando-os, para o Bem! A escola recebe o menino, as mais das vezes, cheio de viços, de manias, de dengues, de cavilações e de "vontades", e vai formá-lo, à guisa do artista que faz, da pedra bruta e informe, o diamante fino e precioso, *de modo que alcance o pleno e rápido uso de tôdas as suas capacidades*, como entende John Dewey, filósofo da educação mundial e Mestre emérito da Universidade da Colúmbia. Êsse trabalho é insano, e só o professor pode avaliá-lo, pelo contacto direto e diário, com êsse menino, que, coitadinho, trouxe, sem a menor culpa, os defeitos de educação, para o Templo do Saber. Sem a menor culpa, sim, porque os vícios, as manias, as cavilações, os dengues e as "vontades" êle os adquiriu, em casa, á falta da indispensável orientação de um pai vigilante e enérgico, a par dos cuidados de uma mãe de virtudes morais e cristãs bem formadas, segredo de todo o equilibrio e de tôda a felicidade, no lar, e, consequentemente, na escola e na sociedade. Ê certo que, via de regra, os meninos peraltas ou traquinas são os homens do

futuro, são mesmo “*esperanças vivas*”; mas que os mal educados, os mal orientados, são a decepção dos pais, o martírio dos mestres, os indesejáveis de todo mundo... E à escola, “muleta social”, segundo a expressão de alguém, compete, a despeito de tudo, suportar as diabruras dos “*zezinhos*” e das “*mariquinhas*”, destituídos de educação doméstica!... O brasileiro é, no geral, descuidado, demais, no tocante á educação moral e intelectual da família. E por isso é que seu filho, comumente, é tão ingrato, tão cheio de razões e tão inclinado ás “*liberdades*” do chamado mundo moderno!... E certas mães de família!... Muitas, até, se os filhos são punidos, em aula, por mal comportamento, ameaçam céus e terras, maltratam o professor, e, o que é pior, mandam “*riscar*” o nome do menino, no livro de matrícula!... E outra “*muleta social*” há de aparecer, para “*escorar*” o pirralho desajustado, que, quase sempre, fica sem nada aprender, na vida, porque os “*erros*” dos pais muitas vèzes “*neutralizam ou destroem o seu esforço educacional*”... Tem muita razão, enfim, o prof. Lourenço Filho quando diz que “*por amor ás crianças é que devemos cuidar da educação dos adultos*”. *Veritas veritatem!*

O Príncipe Auriverde

Prof. Rubens He. Filgueiras

(Inspetor Regional do Ensino Primário, na Paraíba)

— Minha filhinha os afazeres da vida levaram-me a não escrever o conto que prometi hoje para o seu livro.

— Não, papaisinho. Conte-me qualquer coisa. Queria ouvir a história do Príncipe Auriverde que o senhor me prometeu no almoço.

— Muito bem. Escute, pois, a história maravilhosa dêsse príncipe encantado. Preciso de toda a sua atenção. Você precisa aprender uma liçãozinha que ela contém.

No principio do mundo um rei potentadíssimo possuía terras habitadas em tôda parte. Cosmo vivia insatisfeito, porque não executara uma obra de grande valor, capaz de garantir o futuro da sua família, logo que a constituísse.

A sua idéia fixa era deixar uma grande prole. Conhecendo Terra, desde os primeiros anos, o rapaz entendeu propor-lhe casamento.

A menina aceitou. O enlace se efetuou com o comparecimento de reis e altas personagens, devendo salientar Júpiter, Netuno, Saturno, Urano, Marte, Venus e Mercúrio, que representavam o ilustre pai e principal monarca: — o Sol.

Passados os rumores das festas nupciais, Cosmo passou a cuidar do desenvolvimento de seus haveres, de modo a assegurar um futuro risonho para o seu primeiro filho.

Um ano depois, nasceu uma criança linda, que foi cercada de cuidados e de mimos.

O menino era mesmo encantador.

Venus, — a madrinha, — desejou fazer-lhe um grande favor. A deusa jogou ao afilhadinho, toda a sua beleza impar.

Minerva dotou a criancinha dos conhecimentos de tôdas as ciências. Marte, enrijou o corpo do principzinho, dando-lhe força e saúde. Júpiter oferece-lhe um colar de estrelas brilhantes que seguia a criança para toda parte, iluminando-lhe a fronte altiva e bela. Vulcano fundiu-lhe uma armadura do melhor ouro. Sírío colheu toda a clorofila dos vegetais e costurou-lhe uma roupagem verde.

Foi por isso, minha filhinha, que o príncipezinho foi batizado com o nome significativo de Príncipe Auriverde.

Todos os reis da Terra mandaram-lhe presentes caríssimos. Cosmo, percorrendo os seus Estados, reuniu uma grande quantidade de pedras preciosíssimas, encheu com elas grandes cofres que encerrou nas serras e vales, usando as covas e grutas mais escondidas, selando-as e cientificando do segredo ao filho jovem, por ocasião do seu aniversário natalício.

Nas suas forjas e laboratórios químicos, Cosmo fabricou a Beleza, o Perfume, a Poesia, a Música, as Artes e a Sabedoria, e as fez escravas do seu querido filho.

Certa vez um gigante malvado transformou Cosmo no Universo e Terra no glôbo que habitamos.

A criança, porém, foi atirada misteriosamente em lugar desconhecido.

Todos os reis que cubiçavam o rapazinho para casá-lo com as suas filhas, iniciaram buscas, empregando para isso os seus melhores embaixadores, sábios mais eminentes e aventureiros mais afamados.

Os mares foram cruzados em todas as direções.

O rei Manuel, senhor de um pequeno Estado, homem de grandes empreendimentos, organizou um plano de viagens e batidas por todas as regiões do globo, aumentando o seu reino e provando ser um senhor respeitável pela inteligência e pela força.

Nas suas cidades criou escolas para navegadores, que, uma vez diplomados, passavam a cortar os mares e terras com o fim único de percorrê-los de norte a sul, de leste a oeste, até encontrar o paradeiro do príncipe desconhecido.

Pelo seu arrojo, passou a ser conhecido por Manuel, — o Venturoso.

Certa vez, Manuel que possuía uma filha bem bonita e viva, — a sua Coroa, — desejou vê-la casada no menor tempo possível com o filho de Cosmo.

Para isso era necessário que se soubesse onde o príncipe estava metido. Então o Venturoso mandou construir muitos navios, armou-os e designou para comandá-los o seu melhor marinheiro.

Pedro, — o grande lobo do mar, — saiu da Capital do reino e iniciou a sua viagem cheia de aventuras encantadoras.

Certa vez, lá para o occidente, o distinto comandante notou um diadema de estrelas brilhantes derramando um jorro de luz para o mar. Era o Cruzeiro do Sul que Júpiter apresentou ao principzinho quando do seu nascimento.

Pedro Alvares Cabral, sentiu-se imensamente satisfeito e lembrou-se com saudade de Portugal, a sua pátria querida.

Mais tarde apareceu, no horizonte, uma terra verde, da côr da esperança, e logo depois um vulto esbelto trajando a côr característica dos vegetais e exibindo enormes colares de pedras preciosíssimas e inúmeras medalhas de feitios desconhecidos. O seu gôrro de ouro era guarnecido de penas berrantes mas vistosas e lindas.

O mais belo metal amarelo que Pedro jamais conhecera, cingia a cintura do rapaz, numa reverberação de luz que entontecia.

Animado, o navegante acercou-se do príncipezinho que dormia embalado pelo rumor das ondas e dos ventos, tendo ao lado a Natureza velando-lhe o sono calmo e soberbo.

O rei Manuel, — o Venturoso, — descobrira o Príncipe Auriverde para a sua querida coroa.

O rapazinho era agora um moço mais rico, mais formoso e muito mais sedutor.

Sob as vistas de tão ilustre monarca e pai adotivo, em poucos tempos assombraria o mundo pela sua imensa riqueza.

A novidade correu os quadrantes do planeta, para que as buscas encetadas pelos outros monarcas deixassem de continuar.

Urgia acordar para a vida o magnífico mocinho que continuava dormindo.

Muito tempo ainda teria de dormir o Príncipe Auriverde..

•••

E foi assim, minha filhinha, que o Brasil foi descoberto.

(Do livro « Filgueiras »)

O PROFESSOR DE MENINOS

R. NONATO

Num flagrante contraste com o que se observa de outras épocas, atualmente, decresce o número dos homens nas atividades do magistério primário do Rio Grande do Norte.

A bela carreira de professor, a que tanto Fausto Barreto nobilitara e enaltecêra, invocando para ela tôdas as honras daquele grande julgamento do príncipe dos oradores romanos, quando afirmara que, "o maior e o mais nobre serviço que se pudera prestar a Pátria, era o de educar a juventude", nos dias atuais, já não desperta nos jovens, aquele entusiasmo e quase não encontra novos continuadores.

É que, em condições normais, o magistério do interior não acena com as possibilidades de uma vida facil.

Cargo cheio de responsabilidades, exercício afanoso a reclamar maior desprendimento que os outros, "missão mais do que profissão", como tanto se tem repetido num lugar comum, o trabalho do professor primário, mal compreendido e mal compensado, quando não faça juz à fantasia das estátuas de ouro, que Alexandre Magno desejava para os seus preceptores, deve merecer, ao menos a consideração e o estímulo de quantos beneficia, recebendo melhor retribuição material, em troca de seu esforço, de modo tão útil, desenvolvido em bem da coletividade.

Não é necessário longo tirocínio para o mestre-escola dos sertões tornar-se um desencantado da profissão.

Mais do que isto, êle cedo fica decepcionado do seu trabalho, pois vive assoberbado de dificuldades. Depois não lhe é difícil verificar que, funções menos exigentes, de outras esferas administrativas, proporcionam maiores vantagens aos seus servidores.

A profissão de lecionar, por demais modesta, não oferece o encanto dos bons vencimentos.

Dai, o fato de a matrícula das Escolas Normais do Estado, já não concorrerem mais elementos do sexo masculino, senão em casos raros.

A continuar assim, dentro de mais alguns anos, todos os encargos de instrução, entre nós, estarão confiados a mulheres, que sozinhas, terão de levar à frente, o estafante mistér.

Por outro lado, já não é pequeno o número dos que desertam da função.

Estacionados no fim de uma carreira que não lhes acenava com mais nada, muitos dos antigos professores primá-

rios do Estado debandaram da lamurienta função das classes, enveredando, facilmente, pelos cargos de outras repartições.

Foi assim que, bons elementos do magistério, como Clidenor de Freitas, Joaquim Coutinho, Paulo Nobre, Honório Farias e Joaquim Noronha, para só citar os mais recentes, se afastaram do ensino oficial, deixando um claro, até agora, difícil de preencher na direção dos Grupos Escolares.

De modo geral, o professor do interior, quando vive só do ensino, leva uma vida de extremas dificuldades.

Não ganha o suficiente nem para comer nem para vestir.

Diversões, serviços dentários, remédios, tratamento de saúde, são coisas quase estranhas para ele. No meio dos seus atropêlos, quando recebe os parcos vencimentos, estes, infelizmente, nunca chegam para pagar as contas. E os débitos se vão amontoando.

A propósito de dívidas de funcionários, em lugares do interior, contam-se casos pitorescos, como este:

— Em 1930 o Governador do Estado, Juvenal Lamartine fazia uma visita a Mossoró.

Naquela ocasião, um comerciante da terra, que atravessava um período de maus negócios, por intermédio do prefeito, de quem era amigo, pleiteou do chefe do executivo estadual, um emprêgo público.

O governador fez-lhe sentir que as finanças do Estado andavam mal, pois há muitos meses nem pagava o funcionalismo. Pouco lhe adiantaria, neste caso, a colocação, de vez que não receberia vencimentos, tão cedo.

— Não, senhor governador, interrompe-lhe de pronto, o Doze Anos, eu não quero receber nenhum dinheiro dos cofres públicos.

— Eu só quero ser empregado do governo, para poder comprar fiado e não pagar...

Este expediente pode ser um meio de salvação para muita gente, não para o professor, cuja vida e as ações devem refletir, na sociedade, uma linha reta de conduta, um exemplo, uma atitude moral.

A prova do pensamento é a dúvida, sentenciou o fundador da Filosofia Experimental.

Uma gramática manuscrita há mais de meio século

ASSIS SILVA

Copiada à guisa de caderno escolar, encontra-se arquivada na Biblioteca Pública Municipal, essa raridade. No verso da capa traz algo escrito que denuncia a pessoa do seu penúltimo possuidor: — "Nascimento de José Martinho (devia ser Martins) de Vasconcelos — Mil oitocentos e setenta e quatro (1874) — Ano mimorial; — Foi a onze de Novembro, Em Apody meu natal. Nasci, vim ver a luz — N'um dia de quinta feira. Gentílico da Santa Cruz. Sou da terra Brasileira. Mos-soró, 28 de Março de 89. J. M. Vasconcelos".

Em mãos, portanto, um trabalho original em que o seu autor se revela artista fino e ao mesmo tempo devoto fervoroso da língua vernácula. Encima a 1ª pagina do manuscrito, o título: "Compendio de Gramatica Portuguêza". O caprichoso amante das letras transcreve com certa precisão, com graça e com minúcia, desenvolvendo-as como pode, as lições, em versos de 4 a 7 sílabas, forçando a métrica e a rima, muitas vezes. Começa seus estudos, assim:

"O que é gramatica?
Gramatica é arte
Que com toda perfeição
Nos ensina a fallar
E escrever a oração".

E, mais adiante, dando um exemplo de preposição:

"Estou em casa
Fallai por mim;
Vou para França,
Cheguei "ao" fim".

As principais citações são grifadas ou escritas destacadamente, e mais ainda os titulos das lições, imitando letras de imprensa. Há palavras desenhadas com admirável beleza, a bico de pena. Apesar de antigo, é de uma legibilidade digna de atenção. Escrita escura, limpa, saliente como se fôra feita a tinta nanquim. Nesse curioso trabalho se aprecia sobremodo o espirito de paciência, de força de vontade, de louvavel abnegação de um homem estudioso e inteligente, de um mestre-escola dos sertões de Páu dos Ferros, onde deve ter sido realizada a obra-prima do caligrafo. O caderno encerra 50 fo-

lhas numeradas num total de 100 páginas, lendo-se no final do mesmo a inscrição distinta: "Vila de Páu dos Ferros, 3 de Fevereiro de 1789 — Joel Eloi Peixoto de Britto", provavelmente o autor do interessante trabalho que merece ser visto e admirado por todos. Como sabemos, a gramática fazia parte dos programas escolares, ao lado de outras matérias. Páu dos Ferros, àquela época contava com duas escolas, sendo uma do sexo masculino e outra do sexo feminino. No quadro do professorado público da Monarquia, aparece Joel Eloy Peixoto de Britto, como professor de cadeira de 2ª entrância: Sua colega de ensino primário era d. Florência de Maria e Jesus, naquela vila. Antes, o prof. Joel Eloy, fôra mestre em Triunfo (prov. de 30/11/1871) — "Um seculo de Ensino Primário" — Nestor Lima — 1927. Um dos professores que o precedeu na vila paufferrense, foi Theophilo Orozimbo da Cunha Souto Maior (prov. de 6-6-1874).

Mossoró, 11-48.

PROSOPOPÉIA

O título que serve de epigrafe a esta notícia batizou o início da floração das letras brasileiras.

Bento Teixeira, editando a referida obra, deu forma às nuances da "ultima Flôr do Lácio inculta e bela", nestas paragens do Atlântico.

Aliás, diz Afrânio Peixoto, firmado em Rodolfo Garcia, ser o autor da *Prosopopéia*, que êle chama vagido da literatura brasileira, natural do Porto (Portugal). A *Prosopopéia* teve atuação marcante nos fastos literários da antiga metrópole do Brasil, cuja história, como acentuou o Cardeal Cerejeira, é o prefácio da nossa.

RECREIO E ESTUDO

As crianças, em plena fase de crescimento, não devem estudar, inclinadas sobre a mesa, durante muito tempo. Isto representa, para a coluna vertebral, simultaneamente esforço excessivo e inatividade prolongada, prejudiciais ao desenvolvimento físico.

Concorra para o crescimento normal de seu filhinho, deixando-o correr e brincar um pouco, no intervalo de cada hora de estudo. — SNES.

A arte sublime de representar é quasi tão velha como a humanidade.

Dela, temos notícia através dos documentos mais antigos da História.

É verdade, porém, que as primeiras demonstrações teatrais muito diferiam da atual.

Desde épocas imemoriais, que a religião se utilizou da cena para glorificar a Deus, ou para incutir nas massas a idéia do mesmo Sumo Poder.

As primeiras encenações limitavam-se ao recinto dos templos.

É óbvio que a música, esta divina emanção do céu, foi utilizada nas solenidades religiosas da Índia, Pérsia e outros países orientais nas quais eram exibidos, como ainda hoje, dansas sagradas ou bailados rítmicos.

Em Roma, tivemos os espetáculos do anfiteatro.

De acôrdo com os gostos e usos dominantes, as exhibições públicas tinham por fim mostrar a força bruta e divertir o povo.

Os jogos mais apreciados eram as lutas romanas em que homens atléticos combatiam corpo a corpo num combate singular, até a morte de um dos contendores.

Os campeões treinavam assiduamente em exercícos corporais, até adquirirem a rigidez e necessaria destreza.

Os gladiadores da Gália eram considerados os melhores lutadores pela robustez física e excepcional agilidade.

O instinto sanguinário daquelas turbas ignaras comprazia-se com o espetáculo do homem lutando contra feras bravias, quasi sempre succumbindo.

A sábia Grécia foi teatro dos famosos jogos olímpicos, em que a par da força muscular e destreza de movimentos, expunha-se a perfeição corporal.

Foi o país onde primeiro se cogitou da estética humana.

A plástica era, ali, tratada com meticoloso carinho.

Mais tarde, o Cristianismo também valeu-se dos talentos artísticos, para propagação da nova religião, em cenas bíblicas e contos litúrgicos.

Na idade medieval a arte cênica já se parecia muito com a atual.

Nas festas e comemorações, levavam-se a cena dansas rítmicas e bailados harmoniosos.

As crianças declamavam versos, palhaços, jograis e can-

TEATRO

ÁUREA CÂMARA

(Do Grupo Escolar "Augusto Severo")

tores divertiam os presentes, com pilhérias, contos e números de prestidigitação.

A ópera, inovação italiana, foi introduzida, em França, pela rainha Catarina de Medicis, a criminosa causadora da carnificina de São Bartolomeu, afim de distrair o filho de Carlos IX, quasi demente pelos horrores que presenciara naquela célebre noite, contra indefesos huguenotes.

Assim também o bailado oriental que fora introduzido na Europa através da Itália e Grécia, foi igualmente levado à França, nas mesmas condições.

O prestígio do teatro contemporâneo é devido ao valioso auxilio que lhe prestou, outrora, o maior protetor da arte em geral, em todos os tempos, o Rei Sol, Luiz XIV de França. Este rei elevou a cena teatral ao maximo esplendor, prestigiando e incentivando artistas pobres como: Corneille, Racine e Molière.

Este último foi uma das maiores glórias artisticas do mundo.

Com o tempo que passa, com as atuais conquistas da civilização e necessidades múltiplas, o teatro impõe-se.

Ninguém pôde ficar alheio a êsse movimento mundial, a êsse surto renovador.

A política, por exemplo, faz por meio dele, uma propaganda sutil e quasi despercebida, representando farsas bem urdidadas...

Ridicularizando facções adversas, arranja, facilmente, um incalculavel número de adeptos, porque o teatro é a mais integral e agradável maneira de conquistar multidões.

Com efeito, se noutros tempos poucos se dedicavam a essa arte, hoje ela se difunde em todas as camadas sociais.

Quasi toda gente, agora é artista.

Se tem uma boa voz, não é precisa uma aprendizagem técnica, pois temos os cantores populares, que nos deliciam com os sambas-canções e outros ritmos, cada vez mais variados.

Ensine-se divertindo, porque o teatro é a mais insinuante maneira de educar; é o complemento intuitivo da escola.

Façamos um teatro belo, harmonioso e doutrinário, levando ao palco dramas sugestivos, comédias moralizadas, que alegrem a alma atribulada por essas atuais preocupações.

A narração das guerras e das conquistas territoriais e politicas nos cansam, quasi sempre. As mesmas, porém, tornam-se mais interessantes, quando falam do amor dos heróis imortais.

Por êste motivo, os romances de cavalaria agradam, porque reúnem o fato histórico ao amor do cavaleiro herói, pela sua dama favorita.

Se apreciamos os gênios da música, ciência, poesia e literatura, naturalmente nos interessamos pela sua vida romântica.

Quem não admira um Strauss, um Miguel Angelo, um Carlos Gomes, um Vitor Hugo ou José de Alencar?

Certamente, os que sentem a beleza, admiram o gênio, apreciam a arte sublimada.

Nestas condições, é que o teatro realiza tudo, apresentando com a pintura, o romance, a música, a dança e a poesia, os quadros mais sugestivos da vida.

Perante tais imperativos é admissível e justo que se estimule o teatro escolar, o teatro da escola ativa, do século da eletricidade, do rádio, da bomba atômica e da televisão.

Natal, 15 de outubro de 1948.



Alguns aspectos da educação nos Estados Unidos

ALVAMAR FURTADO DE MENDONÇA

I

A verdade é que quasi nada vos posso dizer, de observação própria, a respeito dos sistemas educacionais norte-americanos.

Natal é uma cidade que antes do "rush" de Parnamirim, não havia ainda outra oportunidade de conhecer melhor o povo dos Estados Unidos. Hoje, sim, conhecemos essa gente jovial, esportiva, sem recalques, com um magnífico aspecto pessoal e bem humorada.

Antes, sem que eu a conhecesse, esteve entre nós uma educadora norte americana, Miss James. Sei apenas que ela foi diretora da Escola Doméstica alguns anos. Um dia dêsses, tive a oportunidade de me deparar com um trecho do discurso de Adauto da Camara, em que éle se refere a essa educadora, hoje Mrs. Sheridan, relembrando o frio acolhimento que ela teve dos natalenses de 1920. Um acolhimento frio que se transformou mais tarde em simpatia franca, em admiração e amizade por essa educadora que, já naquela época, demonstrava à preconceituosa sociedade de então, o espirito da educação americana, respeitando as nossas tradições religiosas, não obstante ser uma protestante, os nossos costumes, a nossa maneira particular de ser, afinal, dando uma impressão magnífica da tolerância do seu povo. A não ser um ou outro exemplo isolado como êsse, nada mais.

Quando fui incumbido da responsabilidade desta palestra, dediquei minha atenção para essa face da civilização norte-americana e deparei-me com uma multiformidade de aspectos, com uma riqueza de observações e experiências que, francamente, fiquei estonteado com êsse estudo, a distância, da vida educacional dos Estados Unidos.

Naturalmente, muitos dos senhores estão admirados com essa minha ousadia de vir falar dêsse importante assunto sem nada ter em mim mesmo que prenuncie qualquer coisa de interessante e objetivo, mas não esqueçam que Natal saiu do seu anonimato geográfico e social, e passou a viver e a sentir os problemas do mundo.

Uma coisa, portanto, está bem clara: já não é mais possível apregoar um nacionalismo de portas cerradas, e de olhos fechados deliberadamente às fascinações que nos vêm do exterior, e deixar de ouvir os rumores que começamos a perceber nesses nossos tempos que devem ser de compreensão humana, de aproximações de todos os povos consciêntes para uma edificação social em que toda a humanidade possa viver bem.

E bem verdade que tivemos uma origem educacional que é bem outra da dos países anglo-saxões, representada numa origem universitária coimbrã de bachareis sisudos, precocemente velhos, de conhecimentos estagnados adquiridos das « sebentas », formando uma mentalidade bacharelesca perniciosamente burocrática e inútil. Nada de riso franco, de gestos esportivos e de senso prático.

Neste momento em que procuro encarar da melhor forma que me é possível a educação em um país como os Estados Unidos, de cultura original anglo-saxônica, pode surgir uma outra dúvida com respeito aos meus conhecimentos sobre a vida e o caráter do povo dêsse País. Posso dizer, entretanto, que há um importante fator que influiu bastante nesta minha palestra — o CINEMA. Eu pertencço a geração dos que começaram a olhar os filmes nos primeiros contactos com a vida, por volta de 1924 ou 25, justamente quando essa arte extraordinária alcançava o meiado da década de sua supremacia como arte definitiva. Uma arte finalmente que não deixa de trazer em si mesma qualquer coisa do psiquismo racial, da vida e da maneira de ser do povo americano. Desde a meninice, com os sentimentos e a inteligência se formando nos salões de projecção, começámos a receber as sugestões das imagens dêsse mundo norte-americano que ampliou as concepções de nossa vida e dilatou as fronteiras do nosso conhecimento, adiantando-nos de muitos anos sobre a geração que nos precedeu.

Anibal Machado já falou do quanto o cinema americano nos transmite de otimismo e confiança na vida, o que justifica o seu ar saudável e alegre, os "happy-ends" e "aquela vontade higiênica de evitar os aspectos brutais da realidade". É ele ainda quem nos chama atenção para o cinema sueco, que tornou-se celebre no mundo inteiro pela sua beleza poética emanada das lendas escandinavas, e o cinema alemão que sempre deixou transparecer uma relação entre o seu espírito voluntariamente mecânico e, algumas vezes, sinistro, com as suas "panzers" motorizadas. Daí a razão de defendermos com entusiasmo êsse legado de conhecimentos sôbre o povo americano que o cinema nos transmite, não obstante essa acusação que já se tornou comum, e em parte justificável, do lado postiço que sempre o acompanha.

Quem de nós não conhecerá, à primeira vista, as planuras do Texas, Manhattan, Lincoln Memorial, as velhas e doces canções do Mississipi, Colúmbia ou Stanford, os fatos e os personagens da História dos Estados Unidos? Êsse é o milagre do Cinema.

Acho que ninguém notará continuidade nos assuntos que me dispôs a abordar, o que há em verdade é um amontoado de aspectos sôbre um problema por demais complexo. Daí a minha tentação de comparar esta minha palestra, com um viajante que percorre de avião milhas e milhas de um imenso mundo, em que as cidades, o esforço construtivo dos homens, os vales e as planícies, os montes e os mares se perdem no esbatido das altitudes, ficando apenas ao viajante as impressões ligeiras e imprecisas dos aeroportos do itinerário. Flagrantes rápidos, muitas vezes desconexos, mas que revelam nesses espaçados pontos de referências uma admirável vitória do espírito humano.

É quasi impossível conhecer a Educação dos Estados Unidos, sem conhecer as suas origens históricas. Massachusetts Bay e os peregrinos do "Mayflower". A Virginia e a cultura do fumo. Tudo isso nos primeiros anos do Século 17.

Virginia. Quasi todo mundo sabe que os primeiros colonos que desembarcaram nessa região traziam suas crenças, seus costumes e a fiel obediência às tradições de suas regiões de origem. Geralmente, fidalgos, artesãos, lavradores, proprietários rurais e trabalhadores sem qualificação. Trouxeram consigo a inabalável fé na Igreja inglesa e o interêsse pelo lucro, e o desejo de expandir o comércio da Inglaterra.

Encontraram uma Virginia de clima adorável e de solo

rico, onde o fumo desenvolveu-se e concorreu para imprimir um progresso rápido à nova colônia.

Na Europa, o cachimbo de Sir Walter Raleigh tinha feito um sucesso estupendo. O seu uso divulgou-se por quasi todos os países do Velho Mundo e a Virginia encontrou então a maior razão do seu rápido progresso. Veio então a falta de braços para a cultura, e o resultado foram os negros importados da África dando novos tons a paisagem humana. Surgiram as grandes fazendas ao longo do Rio James e a divisão de classes sociais tornou-se uma realidade por mais de 200 anos: os ricos fazendeiros de um lado, e os negros e criados, do outro. No início, a colonização era esparsa, as cidades eram poucas. Para que escolas?

A primeira preocupação que se conhece na Virginia pela instrução foi devida aos órfãos enviados dos asilos ingleses para a América. Noções rudimentares, apenas. Os fazendeiros não tinham cortado os laços que os prendiam à mãe pátria, e, quando necessário, enviavam os seus filhos às grandes Escolas Públicas da Inglaterra. Somente depois é que vieram a compreender a necessidade da instrução local. Criaram escolas nos modelos ingleses. As Escolas Symns e a Escola Eaton surgiram nos meados do século 17, em virtude de legados de terra, bens e dinheiro. Mais tarde, essas escolas se uniram sob o nome de Academia Hampden. Eram escolas secundárias, daí a necessidade de um "College".

Em 1693, surgiu o "College of William and Mary". O mesmo plano da Universidade de Oxford. Uma porção de líderes nacionais nele estudaram: Thomas Jefferson, John Tyler, John Marshall e outros. Frequência de aristocratas e proprietários rurais. A Igreja, o Estado e o "College", as três grandes forças da Virginia colonial.

Nova Inglaterra. A situação nessa parte do Novo Mundo era bem outra. Meio ambiente hostil. Um clima sem os encantos do da Virginia.

Os puritanos começaram a chegar por volta de 1626. Nem todos os que procuravam a Nova Inglaterra, por esse tempo, eram puritanos. Todos, entretanto, traziam ambições, queriam viver livremente. A sua grande parte era dissidente da igreja inglesa. Todos corajosos, de caráter rijo, de uma formação moral esplêndida. Os gentishomens misturados com os artesãos, trabalhadores não classificados, criados e escravos. É bem verdade que a indiada não tinha direito a nada. Os laços com a Inglaterra tinham-se rompido e eles estavam entregues à própria sorte.

Em Massachusetts Bay, havia um clero culto, notável, ao lado de uma "gentry" capaz, com alguns elementos de mérito, o resto era gente rude e simples que confiava nos líderes que orientavam a colônia nos seus primeiros anos.

Mais tarde, a luta pela vida criou uma situação igual para todos os filhos da nova colônia. Os aristocratas compreenderam que os peles-vermelhas escalpavam com a mesma habilidade feroz tanto a pele do crâneo de um aristocrata de velha cêpa inglesa como de um artesão qualquer. Foram essas rudes circunstâncias que determinaram o rumo democrático da educação americana, baseada nesse sentido igualitário imposto pelas árduas condições do meio.

Em 1635, surgiram as primeiras escolas de gramática latina, e, em 1636 o "Harvard College". Essa instituição de ensino superior foi fundada por alguns clérigos, que anunciaram o seu propósito de "promover o saber e transmiti-lo à Posteridade: temendo deixar às Igrejas um Ministro iletrado". Então, o Reverendo John Harvard doou à instituição nascente uma bibliotéca de 240 volumes e metade dos seus bens. Dêsse nobre gesto resultou o nome de "Harvard" para a primeira instituição universitária americana. Não ha dúvida, as primeiras instituições de ensino superior também tiveram forma inglesa.

São essas as sequências históricas que nos ajudam a compreender melhor o problema do ensino americano: a sua origem, as suas tendências e formas primitivas.

Focalizemos, agora, a atualidade dos Estados Unidos. E justamente aqui onde sinto a maior hesitação, diante da complexidade do assunto. Vejo os caminhos como são variados e sedutores, mas sou levado a considerar os simples limites de uma palestra sem maiores pretensões.

Sucede que não ha centralização no ensino nos Estados Unidos. É de se supor, à primeira vista, que há 48 sistemas de educação. Cada Estado deve ter o seu sistema próprio. E justamente aí onde está o engano. Só o Estado de Maryland possui 24 sistemas de ensino e Illinois, 12.000!

Francamente, as presentes cifras atordoam: 300.000 escolas; 32 milhões de alunos; 1 milhão e cem mil professores; aproximadamente, 12 bilhões de dollares invertidos em prédios e aparelhamento escolares; de quatro americanos de qualquer idade, um está fazendo um curso qualquer; de cada grupo de mil habitantes, 245 frequentam escolas.

Não há intervenção do governo federal na instrução. Foi criado o "Office of Education", com a finalidade de levantar

estatísticas escolares, pesquisar e divulgar métodos pedagógicos. Os Estados têm os seus departamentos de educação, porém, na maioria dos casos, delegam responsabilidades a entidades menores, como condados, cidades, vilas e distritos. Há o respeito à tradição local, na organização de ensino, desde os tempos das colônias da Nova Inglaterra, onde as povoações estabeleciam taxas para manter suas escolas. Em alguns Estados, o diretor do Departamento de Educação quando não é nomeado diretamente pelo governo do Estado é eleito pelo povo para um mandato de prazo variável.

Naturalmente, diante de 127 mil sistemas de educação, há quem pense numa falta de característica dominante no ensino norte-americano. É um enorme engano de quem pensa assim. Sente-se na educação dêsse notável país um sentido comum, uma mesma finalidade nos seus objetivos educacionais. Os generosos ideais democraticos penetraram fundamente no espirito da educação americana. Os mesmos fundamentos históricos e as mesmas aspirações. O ideal de liberdade predominante e o interesse de formar cidadãos esclarecidos e capacitados na igualdade de direitos e possibilidades idênticas para todos na luta pela vida.

Pela formação mental do Brasil

Dr. Israel NAZARENO

(Catedrático de Português do Collegio Estadual)

samento. Ali aquele homem singular considera que, para alcançarmos a unidade ideal, os brasileiros precisamos vencer nossa natureza, a qual nos deslumbra, vencer nossa metafísica, formada no influxo dessa natureza e das raças indígena e africana, e vencer nossa intelligencia, ainda confusa na percepção dos phenomenos que a rodeiam

Se é esta a solução do problema nacional não nos cabe agora discutir. Mas, ou para aguardá-la ou para objetivá-la se já a encontramos, devemos ir consolidando a instrução, trabalho operado primeiramente na escola para completar-se quando os estudantes, livres do compromisso dos programas, se entregam por conta própria ao cultivo do que especialmente lhes agraza. Em verdade o caso não é só de caracter instrutivo se não também educativo.

Colaborando diretamente nos cursos está a coorte numerosa dos preceptores, com maior ou menor preparo e maior ou menor esforço, consoante a honestidade de cada um no

FOI Graça Aranha um dos espiritos de mais originalidade que este país possuiu. ESTETICA DA VIDA é obra de forma e pen-

cumprimento do dever. De sua atuação capaz, sem excessos de energia nem de tolerância, depende o encaminhamento daqueles que mais tarde se irão aperfeiçoar no silêncio do gabinete, de acôrdo com as aptidões.

Para dizer apenas do ensino secundário, façamos ligeira análise de sua situação no Brasil.

Procedem com muito acêrto os que comparecem com assiduidade às aulas. É tolerável a norma dos que, não podendo fazê-lo por motivos imperiosos, aparecem na medida de suas possibilidades. Não se compreende a atitude dos que, alegando ocupação, permanecem ocultos para se tornarem conhecidos nas provas.

Merece amparo a pobreza quando se manifesta com talento e aplicação, e esta não se verifica se o discente com a maior sem-cerimônia se mantém afastado da classe, como se em seu favor pudesse haver uma razão justificável. Razoável não é aprovar ou reprovar os comparecentes e aprovar sistematicamente os que quase nunca se deixam ver senão nas provas parciais e nos exames. Assim, dispor de meios e frequentar as lições seria circunstancia agravante, porém ser pobre e viver ausente constituiria credencial de benemerência.

Outro erro é facilitar a abreviação do curso ginasial. Até há pouco a compreensão demasiadamente liberal do Artigo 100, que comprime cinco anos em três, trazia evidente prejuízo para o aproveitamento cultural. Posteriormente a do Artigo 91 tem dado resultados mais desastrosos. De certo há mais proveito em assistir mesma pouco às aulas durante quatro anos do que em forçar o trato de muitas matérias em alguns meses, para apresentar noções reduzidíssimas e colhidas de afogadilho, dando a impressão de quem estivesse ingerindo à farta mas sem digerir.

Ademais, atentemos à diferença entre os matriculados no ginasial e os colegas privilegiados. Por longo tempo gastam aqueles, material escolar, são obrigados a uniforme, sujeitam-se a muitas provas parciais e exames, subordinam-se a diretores, lentes, fiscais e inspetores de alunos, movem-se dentro da restrição dos horários e muitas vezes ficam todo o ano letivo distantes da comodidade e segurança do lar, expostos ao desconforto e perigo da vida na promiscuidade das pensões. Os outros, após rápida e desordenada aprendizagem, sentam-se uma semana e levantam-se vitoriosos para ingressar no colegial. Será bem doce concretizar o belo sonho de em poucos dias, por exemplo, passar de alfaiate ou caixeiro a bacharel em ciências e letras.

Se os candidatos são moços, desdoiro não seria alizar os

bancos escolares; se é adiantada a idade, melhor seria deixar aos filhos aquilo de que não cuidaram na juventude. A cigarra cantou demais no estio. Mas até os estranhos, fila interminável de emigrantes de ambos os sexos, jovens ou velhucos, abandonam a terra onde nasceram mas onde lhes negaram a táboa de salvação, para conseguirem alhures os balões de oxigênio que operarão o milagre da respiração, artificial. São os tais quase sempre vazios de conhecimentos. E os Estados que os acolhem sem separar o joio do trigo só poderão perder no conceito geral.

Em FUNCIONARIOS e DOUTORES nosso estudioso conterrâneo Tobias Monteiro fulmina a legião dos titulados: "Não haverá transformação possível do caráter nacional se a nação continuar a ser uma nação de doutores e empregados públicos". Engana-se em parte Tobias. Não são muitos os doutores entre nós. Existem em abundancia doutores não doutorados.

Gautier recomendava: "Jeunes gens, lisez le dictionnaire". Quem se atreve a lê-lo? Um por mil. Quem o consulta? Alguns. E quase todos só o abrirão lançando a vista em torno para apurar se há olhos testemunhando tão vergonhoso ato.

Porque o estudo continua a ser atividade difícil de realizar. Requer paciência e paciência. É mesmo uma arte com seu método e sutilezas. Poucos estudam. E destes nem todos assimilam suficientemente. Muitos são os que se dispõem a cultivar uma disciplina. Somente alguns não recuam. Pensa-se que só a inteligência forma a mentalidade. Mais ou menos inteligentes todos nasceram. A mentalidade resulta da inteligência e do saber.

E depois, com personalidade mal formada e preparação intelectual deficiente, entendemos que os governos são os responsáveis por tudo. Esperamos chovam melhoras como outra maná no deserto. E sempre insatisfeitos queremos mudança de regime, e substituição de figuras, e novas Constituições, e mais decretos, como se a lei, feita para a paz e a prosperidade nossa não valesse apenas quando, bem interpretada, procuramos dignificá-la pela observância daquilo que seu verdadeiro espirito impõe.

Felizmente nem sempre é possível neutralizar a ação moralizadora dos exames de exceção. Passe quem estiver em condições, como já vem acontecendo. Às vezes, fazer bem não é fazer o bem. Não é justo exigir muito dos que trabalham anos, e a examinandos improvisados presentear atestados de sapiência. É o esquecimento do sacrificio porfiado e nobre. É a falência da capacidade pelo prestígio dado ao artificio. Degradação da cultura do povo brasileiro pelo mercantilismo do ensino.

...PAU-DOS-FERROS, 25 de janeiro de 1934.

Ao alvorejar, o guieiro José de Oliveira, perfeito conhecedor daquelas redondezas, já nos batia à porta, com os animais encilhados, pronto para a partida. Não nos fizemos esperar e montando a alimária a nós destinada, «abalámos» para Luis Gomes, a legendária vila serrana, apisoada, em 1926, pela coluna Prestes e sacudida, no ano seguinte, pela invasão dantesca dos bandoleiros de Lampião.

O nosso guia, apesar de iletrado, era inteligente e loquaz e a sua conversação, sobre usos e costumes da região, constituiu para nós, desde o início da viagem, divertido e proveitoso passatempo.

À altura de «Varzinha», encontrámo-nos com um moço, elegante e bem montado, que nos cumprimentou polidamente. Correspondemos por igual, para logo, não podendo conter a curiosidade que o mesmo nos despertara, perguntar ao José: — Conhece, você, aquele cavaleiro?

— Sim: Chama-se Francisco de Oliveira de Luis Gomes. Exerce o cargo de Tabelião Público e é casado com uma de suas colegas, Professor.

Gostámos da resposta: o preferíamos conviver naqueles rincões inesquecíveis.

Pelas dez horas, já no Município de Luis Gomes, chegámos, ao arruado de José da Penha. Naquela época, a florescente povoação de hoje não possuía hotel, e, como estivessemos com a barriga a «dar horas», fizemos um ligeiro lanche, de bolachas com rapadura, numa bodega existente. Mal terminando o «suculento» repasto, já estávamos cercados por um grupo de curiosos a nos azucrinar os ouvidos com um inundo de perguntas sobre nossa pessoa, procedência, itinerário, etc. etc. Não houve que não satisfazer-lhe a curiosidade. Agradecemos, em seguida, alguns convites que nos foram feitos para almoçar. Tínhamos desejo de chegar logo à serra e, mal grado a soalheira, partimos.

No caminho, e por intermédio do guia, viemos a saber que aquela gente, bem como a maioria da população circunvizinha, pertencia à Família Fontes, uma das maiores do município.

A estrada, de José da Penha a «Baixa-do-Fogo», torna-

Penetrando o Oeste

J. Jacinto

É filho de Luisgomes e encontrado nos causara boa impressão, fato, que não poderia deixar de ser de bom augúrio para os longos anos que

va-se estúpida e acidentada, cheia de subidas e descidas, sulcos e grotões que dificultavam a marcha, só por si, morosa, das montarias. Dêste «sitio» em diante, porém, passava a ser mais ou menos plana, feição conservada até a raiz da Montanha.

O calor era intenso, o Sol esbraseava o ambiente derredor, os animais, cobertos de suor, davam inequívocas demonstrações de fadiga, mas, mau grado tudo, isso, às treze horas, precisamente, dávamos início à escalada da Serra.

A ladeira, suave a princípio, tornava-se pouco a pouco íngreme, plena de ravinas, despenhadeiros, obstáculos múltiplos e a estrada, galgando pelos contornos abruptos do Monte, em espirais mal acabadas, faziam que a ascensão não fosse tão fácil quanto se pensara.

No ponto mais elevado do platô, a mais de seiscentos metros de altura absoluta, com o fim de observar melhor o vasto e soberbo panorama, que a Natureza nos oferecia, naquele ambiente selvagem, sofreamos o animal e fizemos alto.

Mergulhámos, então, o olhar na profundidade indefinida do horizonte imenso que se abria antes nós, para fechar-se, além nas cumiadas das montanhas longínquas.

Em frente, o sertão, adusto, comburido, causticado pelo rigor de longos meses de verão ardente, encenava sua mata-nua e esquelética, dentro da qual repontavam, de longe em longe, casas de fazenda e pequeninos açudes, enfeitados pelos canaviais à jusante, lembrando outros tantos «oasis» perdidos em meio do deserto e pondo notas distintas de alegria e de vida naquelas plagas incendiadas de sol.

À direita, três léguas distante a torrezinha branca e esguia, da igreja de Uirauna, se erguia para a céu, enquanto à esquerda, a serra anfractuosa e bruta, referta de cimos alcantilados e raivosos, se esparralhava, num perder de vista, em ondulações sucessivas e de cima, — o Sol — o vivificador universal, num paradoxo vincante, a despejar, impiedosamente, raios de fogo sobre todo êsse conjunto grandioso e multifórme, crestando, matando, destruindo tudo...

COGITO, ERGO SUM, cuja tradução é: penso,

logo existo, sintetiza a filosofia de Descartes.

Educação Física

Do Grupamento

IV

Não vamos estudar educação física... Esforcemo-nos por assimilar os meios mais faceis da sua aplicação. Para isto é preciso antes se verifique o material de que dispomos para o trabalho, de maneira se ajustem os fins aos meios empregados. Vejamos um colégio cuja matrícula seja de 123 alunos (material humano), e possua, apenas, um páteo para recreio, nenhum material de esporte ou educação física. É claro que, por isto, deixemos de fazer educação física no colégio.

Depois de feita a matrícula, reunamos os alunos e façamos-lhes, se possível, com o auxilio de um médico local, o exame morfo-fisiológico. Para isto é preciso que se tenham, em mão, fichas individuais de educação física.

Explicou-se isto no momento em que dividimos os examinados em dois grupos: *normais* e *anômalos* — 102 normais; 21 anômalos. Devem formar dois grupos distintos.

Não creio que em todo estabelecimento de ensino ou industrial haja possibilidade de anômalos fazerem educação física: porquanto, trabalhemos com os 102 normais existentes; os outros ficarão entregues ao médico que tudo fará por melhorar-lhes as condições físicas ou mentais, se existirem.

Vejamos a *idade* e com ela organizemos outros grupos que devem obedecer à ordem seguinte:

Dos 4	aos 6	anos	1º grupo
« 6	« 9	«	2º «
« 9	« 11	«	2º «
« 11	« 13	«	4º «
« 13	« 16	«	5º «
« 16	« 18	«	6º «
« 18	« acima		7º «

Assim 12 alunos no 1º grupo, sendo meninas 8, e meninos 4. Faça-se um grupo somente, uma vez, nessa idade, para efeito de educação física, não é preciso se separar os sexos; no 2º grupo 7 meninas e 7 meninos sejam separados: dois grupos; no 3º grupo separe-nos os 10 meninos das 5 meninas de onde teremos dois novos grupos; no 4º grupo 9 meninas e 8 meninos dão-nos mais dois grupos. Para não esquecermos — já temos 7 turmas de educação física.

Convém saber que estes quatros primeiros grupos for-

mam um ciclo de educação física, ciclo que se chamou *Elementar*. Cada grupo um grau — 1º, 2º, 3º e 4º graus.

No 5º grupo nos aparecem 11 moços e 8 moças que nos dão 2 grupos... Mas, uma coisa se nota aqui dificultando a marcha do nosso trabalho: — a idade das transformações e dos contrastes... entre os 11 moços não há homogeneidade de peso e altura. Vejamos cuidadosamente:

Paulo — 56 kgrs. e 1,m 60;
João — 43 « « 1,m 52;
Valter — 48 « « 1,m 56;
José — 62 « « 1,m 53;
Artur — 55 « « 1,m 66;
Raúl — 30 « « 1,m 47;
Rui — 42 « « 1,m 49;
Arnaldo — 56 « « 1,m 49;
Otávio — 48 « « 1,m 54;
Joaquim — 45 « « 1,m 56;
Manuel — 46 « « 1,m 58;

resultado, é preciso comparar pesos e alturas de modo que o grupamento seja relativamente homogêneo, não só entre a idade e o sexo.

Como fazer? Tire-se a média entre peso e altura, desprezando-se o numero inteiro de metros; feito este trabalho, estabeleça-se uma relatividade de 6 na diferença do grupo homogêneo.

Mais de perto — alunos que tenham médias entre 55 e 60 formarão uma turma para educação física, em um grupo homogêneo (relativamente).

Terminados os cálculos encontramos 3 grupos entre os rapazes e um entre as moças; no 6º grupo 9 rapazes e 8 moças que se separam em dois grupos; no 7º grupo todo de rapazes, processados os calculos, encontraram-se dois grupos.

Do 5º ao 6º grupo aparece um outro ciclo de educação física — ciclo *Secundário* 1º e 2º graus.

No 7º grupo surge outro ciclo de educação física — o ciclo *Superior* sem subdivisão.

Fichados e grupados elaboremos um plano de trabalho que se adapte às 15 turmas, nos seus diversos ciclos e graus correspondentes.

ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES

TESOURARIA

Balancete do movimento financeiro no semestre de Julho-Dezembro-1948—aprovado em sessão do Conselho Diretor em 19 de Fevereiro de 1949

RECEITA

	Cr\$
Saldo verificado no 1º semestre (Janeiro-Junho ...	19.235,30
Subvenção c/aos meses de Junho a Dezembro	12.833,30
Mensalidades e responsabilidades dos associados cor- respondente aos meses de Fevereiro a Outubro do c/ano	15.643,00
SOMA Cr\$	47.711,60

DESPESA

Gratificação ao porteiro-zelador	1.550,00
Honorários do Cirurgião-Dentista	2.000,00
Prestações finais da compra do Gabinete Dentário ..	4.248,00
Material fornecido para o Gabinete Dentário pelo sr. F. Costa	2.752,00
Medicamentos para o Gabinete Dentário	300,00
Luz e telefone	687,00
Biblioteca (aquisição de livros)	760,00
Despesas Eventuais	723,40
Taxa de esgoto e água	373,20
Favores a associados	3.236,00
Executivo movido contra a associação pelo I.A.P.C.	4.086,10
Assistência a associados gravemente enfermos	2.835,00
Publicações de « Pedagogium »	3.856,00
Expediente	95,00
SOMA Cr\$	27.301,70
SALDO que passa para Janeiro de 1949	20.409,90
SOMA Cr\$	47.711,60

Tesouraria da Associação de Professores, em Natal, 31 de Dezembro de 1948

CONFERE:

Maria de Belém Camara
Maria Lídia Dias
Comissão Fiscal

Acriano de Menezes Freire
Tesoureiro

Aprovado em sessão de 19 de Fevereiro de 1949,

Lula C. Soares de Araujo
Presidente

DEPOIS de dez anos de ausência, revejo Mossoró, a minha querida terra natal.

Terra da liberdade e escola incomparável de civismo, Mossoró é, também, uma esplêndida colmeia de trabalho. Van-

guardadeira do progresso, serve de exemplo às suas co-irmãs do Rio Grande do Norte. Sua indústria, a mais desenvol-

vida do Estado, bem atesta o espírito progressista e a operosidade dos seus habitantes. Dá gosto vê-la toda limpa e asseada, suas ruas e praças bem cuidadas, desde o centro ao mais longinquo arrabalde.

Almeida Castro, Jerônimo Rosado e Bento Praxedes, professores máximos de civismo, desprendimento, lealdade e honradez, desapareceram do rol dos vivos, mas vivem ainda no coração do povo mossoroense. Esse povo trabalhador e honesto cultua a memória sa-

grada dos seus pró-homens, segue-lhes o exemplo magnifico e impulsiona a marcha evolutiva do progresso de sua linda cidade. Pioneira da liberdade e do civismo, Mos-

soró deu ao Brasil a gloriosa lição da jornada portentosa de 1883.

Mossoró, em dez anos, progrediu de modo apreciável. Quer no campo educacional, quer no industrial, multiplicando escolas e fábricas, no urbanístico, aformoseando a cidade, e em qualquer outro aspecto de atividade. A nova geração trabalha e estuda, apresentando um elevado nível de intellectualidade. O atual governador do município é um homem

dinâmico, timoneiro seguro e consciente de suas pesadas responsabilidades. Se conseguir dar luz e água a Mossoró, o Prefeito Dix-Sept Rosado terá realizado uma obra gigantesca e imperecível, e tornar-se-á credor da gratidão imorredora do povo mossoroense.

Salve Mossoró, a linda capital do Oeste!

MÁRIO CAVALCANTI

EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA

LUIZ PAULO

A EDUCAÇÃO do povo é o fulcro de todos os regimes políticos modernos. Dantes o Estado emanava da força tipicamente feudal de um rei ou de um príncipe que, apoiado pela nobreza, tinha sob os seus pés, numerosa vassalagem mercênaria.

O rei era senhor absoluto. As leis não tinham expressão social, pois a sociedade dividida em castas — nobres e párias — aqueles poderosos e estes miseráveis, cuidava somente da defesa do instinto de conservação individual.

Os nobres mandavam. Os párias obedeciam. A época senhorial, com tôdas as suas imperfeições bárbaras, gerou, no espírito do povo, uma vocação extraordinária para o servilismo.

Mas, depois dos dias luminosos de Rousseau e logo após a derrocada da mefistofélica Bastilha, uma nova consciência social se foi plasmando no espírito da gente européia. Novos ideais, grande afã de progresso social. Os senhores se tornaram menos poderosos e os servos menos infelizes. A personalidade humana, pela primeira vez, foi lembrada como merecedora de uma migalha de respeito. Os servos, até aquela data, considerados simples irracionais, passaram à categoria de SEMELHANTES dos grandes senhores!

Estava dado o primeiro grito democrático no mundo!

A democracia, "governo do povo e pelo povo", é uma consequência da divulgação do alfabeto. O lema: "Liberdade, igualdade e fraternidade" — esta afirmação máxima da cultura, pôs por terra tôda a grandeza e pompa monárquicas. Eis por que Catarina da Rússia temia tanto a luz do alfabeto e se opunha ao progresso escolar.

Igualmente à Imperatriz russa, têm pensado outros estadistas apologistas da tirania. Entretanto Gutenberg aperfeiçoando a imprensa e Rousseau impondo à sociedade a liberdade de pensamento, forjaram com aço de Toledo, a espada triunfante e invencível, que para sempre haveria de atemorizar os Napoleões.

E qual o tirano que poderá agora destruir a imprensa e fechar as escolas?!

Certamente, muitos têm demonstrado êste desêjo estúpido. Mas todos têm sucumbido debaixo de terrível pesadelo, por verem frustradas as suas esperanças.

Dai estarmos certos, não mais alguém fazer estacionar o progresso cultural do povo, por ser êle um fenômeno que obedece a razões básicas de motivos histórico-sociológicos.

UMA BOA GRAMÁTICA

MÁRIO CASASSANTA

Costumam pedir-nos a indicação de uma boa gramática para o estudo de nossa língua, e não é com segurança que a inculcamos, porque as antigas já se antiquaram e as novas oferecem de ordinário menos solidez e equilíbrio que as antigas.

Entre as que temos aconselhado acha-se a GRAMÁTICA METÓDICA do senhor Napoleão Mendes de Almeida, que nos encantou pela boa doutrina e clara exposição.

De tal sorte nos caiu em graça que, havendo de adquirir algumas dezenas de gramáticas como prêmio e fecho de um curso de aperfeiçoamento, a fim de assegurar aos aperfeiçoandos estímulo e meio para continuarem o estudo da língua, optamos por ela, com aplauso dos interessados.

Não será demais observarmos que não conhecemos o operoso professor paulista, nem temos com a editora Saraiva outras relações senão as que todo o advogado do Sul do Brasil, nesse último quartel de século, necessariamente entabulou com o velho e generoso Saraiva que a fundou e prosperou.

Se assim pensávamos, com maioria de razão continuamos a pensar, porque a terceira edição da obra é o que sempre promete e nem sempre realiza uma nova edição, a saber, correção e aumento da anterior.

É o senhor Napoleão Mendes de Almeida, em verdade, um avisado conhecedor de nossa língua, mas, bem mais do que pelo seu saber linguístico, impõe-se-nos pela paixão com que se lhe consagra ao estudo, pela honestidade de seu magistério, e, sobretudo, pelo singular senso pedagógico que revela. Não conhecemos, por exemplo, livro mais didático do que as suas NOÇÕES FUNDAMENTAIS DA LÍNGUA LATINA.

Claro está que, ao longo de mais de quinhentas páginas, depara-nos não pouca matéria para controvérsia. A nossa língua encerra ainda muitos enigmas e o preclaro professor agrada-se de posições claras e definidas. E bem certo, de outro lado, que nelas o estudioso encontrará solução para boa parte de suas dificuldades, de tal sorte o autor as prevê e explica.

Não menos se hão de insurgir os cultores da metodologia da linguagem contra alguns aspectos da orientação pedagógica do autor. O consciencioso e inteligente tirocinio levou-o a conclusões que, certas para ele, não serão geralmente recomendáveis. Ensino é arte, e, pois, depende muito das qualida-

SIC ITUR AD ASTRA

Côn. J. ADELINO

(Reitor do Seminário de S. Pedro)

O bonde galgava indolente a Juqueira Aires. Dois estudantes discutiam calorosamente a última partida de futebol. A certa altura, um perguntou ao outro: Fulano, você estudou a lição de matemática para hoje? — Ora, respondeu este aborrecido, você é ainda dêsse tempo? Estudar, para que? Estudei coisa nenhuma!

A resposta dêsse moço, o seu modo de pensar, é altamente sintomático. É muito próprio destes tempos que correm. Noutra época, talvez, tivesse causado maior escândalo. Cicero tinha muita razão quando inventou esta frase: *O tempora, o mores!* frase que até hoje nada perdeu de sua profunda significação.

Aquele estudante não está aliás sozinho. Ele representa centenas de colegas seus que, como éle próprio, não morrem mais de amor pelos livros. Pelo que se vê e pelo que se ouve,

des do artista. Tal processo dará frutos preciosos nas mãos de um, que os dará mofinos nas mãos de outro.

O que é, porém, certo de toda a certeza é a fraqueza que revelam os nossos alunos, em matéria de gramática expositiva, e isso se há de levar em conta do modo dispersivo, fragmentário e confuso que o autor justamente estigmatiza no prefácio.

Dessa maneira, pela substância das lições e pelo processo de ensino, constitui a GRAMÁTICA METÓDICA uma obra por muitos títulos recomendável, e é com justiça que a recomendamos a quantos queiram ter à mão um precioso instrumento de trabalho.

É o professor Mário Casassanta catedrático de português da Escola Normal Oficial de Belo Horizonte, cadeira que conquistou com a brilhante tese « A palavra MESMO », de 85 páginas; é catedrático de Direito Constitucional da faculdade de direito, tendo já ocupado a Secretaria da Educação do Estado de Minas e a Reitoria da Universidade de Minas.

Editores: SARAIVA S. A. — Largo do Ouvidor, 28 — Caixa Postal 2362 — S. Paulo
Peça pelo reembolso postal — Preço: Cr\$ 40,00

(Da «Folha de Minas», de Belo Horizonte)

por parte de muitos professores, chega-se á conclusão de que uma grande parte de nossa mocidade escolar já nenhum atrativo sente pelos estudos. Não se diga que isto seja pessimismo, exagêro de afirmação, nem tão pouco venha alguém pensar que, com isso, se visse deprimir a nobre classe estudantina. Nada disto. O que se constata é um fato, um sério problema a resolver, males a curar, meios a seguir. Graças a Deus, a nossa mocidade é cumulada de dotes extraordinários de inteligência, de vivacidade e de bondade, como nenhuma outra da terra. Contudo, não se pode esperar sejam muito luminosos os horizontes do futuro, quando para êles marcha uma geração moça falha, de animo de buscar os meios de vitoriar. Verifica-se, de fato, um rumo inglório, um desperdício inútil, uma aplicação estéril de potencial imenso e rico, estupendo de energia moça e promissora. Há males profundos a diagnosticar. O pessimismo daquele jovem do bonde é altamente comprometedor e, ao mesmo tempo, revelador de um espírito, de uma mentalidade doentia, que a perspicácia dos educadores, o zêlo dos mestres e o interêsse dos pais constatarem estar minando e selapando os fundamentos sadios e idealistas das novas gerações.

A raiz do mal, entretanto, não parece estar tão oculta ás vistas interessadas. No dia em que, num esforço tenaz e conjugado, conseguirmos que os moços de nossas escolas amem muito mais os livros do que o futebol, muito mais as aulas do que os recreios inúteis e dissipadores dos cafês e das esquinas barulhentas, muito mais o silêncio reparador e construtivo de uma hora consumida no preparo de uma lição do que a balburdia ensurdecidora da avenida fervilhante, nesse dia, então, poderíamos proclamar, jubilosos, a solução parcial de um grave problema.

O trabalho começaria por um esforço sincronizado de formação moral, e, se êle assumisse o caráter de verdadeira cruzada em todos os estabelecimentos de ensino, verificar-se-ia, para suma alegria de todos, um êxito realmente compensador. Procure-se convencer os nossos bons jovens que não é nos torneios clamorosos, nas reuniões alegres da praça, em que só imperam os temas levianos e livres, não é nas tabernas elegantes e iluminadas nem nos atraentes desfiles de calçadas, que êles, encanto do presente e esperanças legítimas do futuro, hajam de encontrar a linfa cristalina, alimentadora de seus altos ideias, ideais com que, enfim, se tece a mesma glória da Pátria. Não é na torrente avassaladora do erotismo narcotizante da rua que se devam lançar e firmar as delicadas colunas do futuro patrio. Mais do que nunca, faz-se mister que

se desdobre a gárrula mocidade das escolas a larga visão de um ideal eterno, real e humano, iluminado por uma luz que há de sobreviver às trevas dos túmulos. Prazer sensual, samba erótico, cinema ruim e futebol clamoroso não constitue a razão suprema da vida nem o ideal único de quem anseia alongar seus olhares para muito além das estrêlas. Não se pretende aqui condenar nem abolir a existência de meios sadios e nobres, necessários e adequados à formação física e moral dos moços. O que se condena é que esses meios assumam categorias de fins, como parece estar acontecendo. Nem também se entende aqui sobrepor ao corpo de um jovem a cabeça de um sisudo Catão. Ninguém está sonhando com tal monstruosidade. Nem tão pouco, se deseja dar um golpe de morte no futebol, no cinema ou na música popular moralizada. Não temos mentalidade retrógrada. O que se lamenta, o que impressiona, é que se posterguem altos interesses, é que se aborreça a aula, é que se prefira o estádio à escola, o cinema aos estudos, o bar faiscante aos livros, porque compreendemos que aulas, escolas, estudos e livros devem ocupar o centro das preocupações dos que levam sobre os ombros os destinos da Pátria.

Ninguém nega, outrossim, que é para a vida e não para a escola que aprendemos. Mas, ninguém há de ser tão insensato que desconheça ser inútil e nociva uma vida que não se consubstancia nos altos deveres a serem cumpridos para com Deus e para com a Pátria.

O ambiente de dissolução moral reinante é o grande responsável imediato pelo desinterêsse e desamor aos estudos. É isto que vem, cada dia, abrindo abismos insondáveis, para os quais caminha, a passos largos, boa porção de nossa juventude. Daí essa ausência de estímulo para a conquista de altos ideais, essa onda de pessimismo doentio e enervante, essa anemia moral envelhecendo prematuramente as gerações moças, envenenando, na própria fonte da vida, a água pura de anseios de imortalidade, e relegando a um plano nulo os seríssimos problemas e os profundíssimos cometimentos do espirito e do coração.

Há poucos dias, um ilustre e respeitável professor conterrâneo encontrou, numa de nossas avenidas suburbanas, um grupo de senhoras de condição humilde, discutindo o sentimentalismo do grande Casimiro de Abreu. É um fato edificante, que deve servir de lição e de estímulo a muitos, a quem, talvez, nunca tenha interessado o nome de nossos maiores poetas e prosadores, mas a quem ocorre, de cor e salteado, o de todos os heróis do futebol nacional e estrangeiro.

Que meditem nisso seriamente os nossos briosos jovens

estudantes. Não nasceram êles para sobreviverem a vergonha das derrotas, nem para vegetarem ingloriamente nos baixos ondulantes da mediocridade. Êles nasceram para as alturas iluminadas do Bem e do Belo, aonde chegam tão somente os que se livram generosamente, laboriosamente, do fundo dos abismos, onde medra o veneno da morte, para se erguerem muito acima dos astros, onde surge uma vida cheia de eternidade. Para êsses tais ressoei sempre aquele verso famoso do mais famoso poeta latino:

“Macte animo, generose puer; sic itur ad astra!”



UM PEDACINHO DE CONVERSA

O catecismo nas escolas. Sua importância capital

Dizia o saudoso Cardeal D. Leme que o ensino da Doutrina Cristã, nas escolas, era a obra mais urgente e necessária para o soerguimento do nível social. De fato, a ignorância religiosa do nosso povo, pela Doutrina, é invencível; não bastam os catequistas, não basta o sócio da Ação Católica. É preciso cada professora tornar-se catequista dos seus alunos, fazendo-se entusiasta da nobre missão de projetar, na alma das crianças, o raio luminoso da Fé divina, para formar-lhes a vida cristã integral.

Caríssimas professoras: tiremos uma vez por semana, 15, 20 ou 30 minutos para uma explicação catequética, em nossas aulas. É um meio de ensinar a obediência às crianças, o amor ao trabalho, ao estudo e respeito às leis civis e sociais.

O nosso governo faculta o ensino religioso nas escolas; saibamos aproveitar esta oportunidade e melhor exerceremos o nosso papel de educadora, de semeadora do bem.

E a sua metodologia? Se for apenas para decorar noções, conceitos e fórmulas abstratas, não falemos em catecismo, embora haja, não resta dúvida, muita coisa que até precisa ser decorada: símbolo dos apóstolos, mandamentos, etc.

O ensino catequético, para produzir os frutos desejados, precisa também de método, gosto e boa preparação.

Um grande Príncipe da nossa Igreja afirmou que faria

Vamos ensinar

Antonio E. da Silva

Talvez pela sua origem mais divina que as demais instituições, a escola tem o poder de conservar-se superior às alternativas do mundo de hoje.

E ela aí está todos os anos, numa sequência intangível, sem mudar nos seus objetivos, como o filtro de que precisa a humanidade!

Nunca um trabalho se ajustou melhor aos seus intentos que o da escola no caminho por que se vai perlustrando de escolhos, urzes e cardos!

Supérfluo é bater no teclado do preparo das lições constituir uma necessidade, visto como provoca o interesse pelo que se ouve e fôrma a cadeia pedagógica da qual se não deve, impunemente, subtrair êste ou aquêle anel.

Quem não estabelece a escolha de assuntos, a serem tratados no dia letivo, cria entre si e o aluno um vácuo impenchível. Para a criança tudo que não abre na paisagem quadro inédito causa aborrecimento.

Porisso, o ambiente escolar deve ser adrede preparado. Que um *tonus* vitalizador o distinga com o "ar condicionado" da resignação do "magister-ludi".

Não está fôra de proposito salientar que os mais eminentes pedagogistas não lograriam conceber métodos ou processos premonitórios sem o conhecimento das diretrizes, que se vêm seguindo com acêrto.

Urge não incorrer, na mais grave responsabilidade!

O natural em serviço de tal monta é insubstituível ou mesmo inalienável.

um sermão de improviso na Catedral de Notre Dame, porém não daria uma lição de catecismo ao menor dos seus diocesanos, sem ao menos uma ligeira preparação.

Certíssimo; resulta num fracasso qualquer lição que vamos explicar, sem a devida preparação, quanto mais em se tratando de compreender e reter a Verdade. Felizmente, encontramos em nossas escolas, muitas crianças serenas, cândidas e generosas — terra fértil e boa para o plantio da semente do Evangelho de Jesus Cristo.

Isabel Bessa

Falham os argumentos quando se pretende impor normas obsoletas.

Donde se conclui que a distribuição da matéria estabelece variedade e apresenta duas vantagens: uma, de ordem psicológica, satisfazendo melhor pelos temas previamente estudados. Outras, refletindo o equilíbrio do trabalho, a sua justaposição nos devidos termos.

E não tenhamos dúvidas, transparece a solidariedade humana na qual se baseia a compreensão. Para compreender, bem o sabemos, é preciso conhecer.

A criança, assim orientada, só excepcionalmente deixa de aprender. É que o interesse garante uma boa assimilação intelectual.

Professores: o conhecimento, que tendes, não vos perence, não!

É propriedade dos vossos discípulos. É um tesouro que Deus vos confiou, mediante a condição expressa de o transmitirdes, pouco a pouco, ao seu legítimo dono.

ANTÔNIO PEREIRA DE BRITO PAIVA

Luis da Câmara Cascudo

Antônio Pereira de Brito Paiva, simples mestre-escola de Vila Flôr, foi um dos mais obstinados e altivos adversários do onipotente André de Albuquerque Maranhão Arco Verde, o faustoso e atrabiliário fidalgo de Cunhaú.

Paiva nascera, em Vila Flôr, a 25 de setembro de 1811. Tivera provimento vitalício da cadeira de primeiras letras pelo alvará de 4 de Julho de 1838. Ganhava trezentos mil réis... por ano.

Empossou-se dois dias depois de nomeado. No mesmo 1838, a 15 de Outubro, removiam-no para o Apodi. Brito Paiva não se mexeu. A vitaliciedade era em Vila Flôr. Em 16 de Agosto de 1843 outra transferência. Desta vez para Campo Grande (Augusto Severo). Nova desobediência. Hoje seria "objeto de serviço" mas naquêle tempo velho só a política cotucava os homens. Brito Paiva era liberal e cada vez que o Partido Conservador dava as cartas todos os "luzias" viravam cambalhotas.

De 1838 a 1844 Brito Paiva ganhou fama pela sua guerra com Dendé Arco Verde, o violento Brigadeiro de Cunhaú, chefe conservador. Dendé morava no seu engenho de Cunhaú, e Brito Paiva na sua propriedade de Tamatanduba. Cada um

reuniu um bando de guarda-costas ferozes e bem armados. Dia sim e dia não abria-se combate a sério. Era um pipocar de balas abalando a tranquilidade da região. Cabra de Tamatanduba não riscava no terreiro de Cunhaú e vice-versa. A população contava maravilhas de coragens doidas, de afoitezas tresloucadas, de investidas malucas. Dendé e Paiva emboscavam-se com uma perseverança que ia do heroísmo até a estupidez.

Não havia meio termo nem acôrdo possível. Amigo de um lado estava condenado pelo outro. Chegaram aos extremos da violência e da ferocidade. Nas feiras e nas festas batiam-se à arma branca como dois exércitos regulares.

O caminho entre Cunhaú e Tamatanduba só podia ser atravessado em condições especiais. O transeunte, pedestre ou cavaleiro, devia ir cantando ou assobiando para identificar-se. Se fôsse de bico calado "comia bala"... Quem se avizinhava da estrada sinistra abria a bôca ou estirava os beiços para ir cumprindo à risca o preceito de anunciar-se. Em caso contrario caía uma chuva de balas e todo o bando furioso descia do mato, e do viandante silencioso não restava sinão um monte de carne sangrenta. Quem não sabia assobiar ou cantar, abciaava como se tangesse gado...

Depois de 1844, com filhos para educar e tendo mentalidade mais clara, Brito Paiva deixou o teatro das guerrilhas. Emigrou para a região dos Inhamuns, no Ceará.

Depois fixou-se em Fortaleza. Fez uma linda figura na história política do Ceará. O Barão de Studart informa que êle foi Vereador, Presidente da Intendência (Câmara Municipal), deputado em vários biênios, solicitador e advogado. Tudo isto sem deixar a bandeira liberal por cujas cores se batera e sofrêra tantos anos. O Imperador fê-lo Cavaleiro da Ordem de Cristo. Brito Paiva faleceu em Fortaleza, a 22 de Julho de 1901, com noventa anos de idade.

O pequeno meste-escola de Vila Flôr educou magnificamente os filhos. Um dêles, Joaquim Olimpio de Paiva, chegou a Desembargador na relação cearense. Outro, Vicente Osório de Paiva, foi deputado federal e morreu Marechal do Exército.

E por onde andarão, anônimos e pobres, os netos do Brigadeiro Dendé Arco Verde, o poderoso senhor de Cunhaú?...

O estudo confere ciência, mas a meditação, originalidade

D "Emilio", de Jean Jacques Rousseau, foi o ponto de partida de toda a renovação da Pedagogia. E Pestalozzi encontrou, nessa obra, que impressionou o próprio Kant, a fonte principal das inspirações que o fizeram «psicologizar» a educação.

Na Suíça, pequenina, porém profundamente educada, e, por assim dizer, democrática, os menores encontrados, fora da aula, são convocados, pela polícia comum, para frequentarem a escola mais próxima...

O Prof. Clementi Mariani, Ministro da Educação, classificou de «movimento de salvação pública» a Campanha de alfabetização dos adolescentes e adultos, ora encetada, pelo Governo Federal, com os aplausos de todos os brasileiros conscientes.

Enquanto a Argentina tem 12% de adolescentes e adultos analfabetos, o Brasil apresentou, pela voz das suas esta-

Notas & Fatos

tísticas educacionais, um «índice pavoroso» de 55%, ou sejam, aproximadamente, 15 milhões, o que deu motivo à atual Campanha de alfabetização, por iniciativa dos responsáveis pelos nossos destinos de povo ainda não à altura do ritmo formidável da civilização moderna.

No México, por um decreto do Governo, toda pessoa que sabe ler está obrigada a ensinar a uma criatura, isto num combate intensivo ao analfabetismo que, no país dos astecas, já está bastante reduzido.

Causou admiração, nos meios intelectuais do país a publicação do livro «Linguagem de Machado de Assis», de autoria do jovem Álvaro Augusto Almeida Azevedo, aluno do Liceu «Pasteur», de S. Paulo. O filólogo, de 14 anos, mereceu elogios do escritor Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataide), que apresentou o seu livro à apreciação da Academia Brasileira de Letras

Macaulay era capaz de reproduzir, de memória, o «Paraiso Perdido», de Milton, caso desaparecessem todos os exemplares da obra imortal do «iluminado cego» e uma das maiores gló-

rias da literatura inglesa. Menéndez Pelayo recitava, do fim para trás, as «Odes», de Horácio, e vários cantos da «Divina Comedia», de Dante Alighieri, o apaixonado de Beatriz...

Magister dixit era a fórmula com que os escolásticos apoiavam, sua opinião, na autoridade de Aristóteles. Há, entretanto, quem afirme que referida fórmula já havia sido empregada por Quintiliano e Cícero. A tradução de *Magister dixit* é: o Mestre disse.

Em 1780, o Pe. Manuel Correia Calheiros Pessoa cria, em Apodí, uma «escola de instrução primária» e, em 1783, o cônego Joaquim José Pereira inaugura, naquela cidade, um Colégio de Latim. O Dr. Manuel Dantas é quem nos fala d'esses dois estabelecimentos de ensino, tendo do último apresentado êste documento curioso e interessante: "Recebi do Senr. Tente. José Martins d'Oliveira a importância de 28\$000 rs. sendo dezoito mil réis em moeda e o resto em legumes à razão de dois cruzados o alqueire. Pagamento annual que fez pelos estudos do seu filho Clemente Gomes d'Amorim.

Matriz das Varzeas do Apody, 23 de dezembro de 1784.

Conego Joaquim. José Pereira".

Mantidos pelo Governo do Estado, funcionam, na Capital e no interior, 1.002 estabelecimentos de ensino primário, sendo 54 Grupos Escolares, 40 Escolas Reunidas, 597 Escolas Isoladas, 293 Escolas Subvencionadas e 18 Escolas de Prendas Domésticas. Além d'esses 1002 estabelecimentos citados, funcionam, ainda, na Capital e no interior, 400 Cursos de Alfabetização de Adultos, custeados pelo Governo Federal.

As ilhas dos Açores, pertencentes a Portugal, e localizadas, no Atlântico, são em número de 9, a saber: Santa Maria, S. Miguel, Terceira, S. Jorge, Graciosa, Faial, Pico, Corva e Flôres. Têm essas ilhas solo vulcânico, não sendo poucos os abalos sísmicos ali verificados. Foram descobertas, por Pedro Alvares Cabral, em 1481. Devido à grande quantidade de aves de rapina, nelas existentes, e a que os indígenas chamavam «azores», foi que o arquipélago recebeu o nome pelo qual é conhecido.

Pelo decreto nº 1735, de 18 de outubro de 1948, foram transformadas em Grupos Escolares as Escolas Reunidas «Cel. Fernandes», de Luiz Gomes; «Margarida de Freitas», de Portalegre; «Amaro Cavalcanti», de S. Tomé; «Padre Tomaz de Aquino», de S. José de Campestre e «João de Paiva», da vila

ma. auv.
A Casa de Auta de Sousa

(Oferecida ao Grupo Escolar "AUTA DE SOUSA")

Nesta casa vetusta e ampla, onde hoje em dia,
Ouve-se o riso e a voz das ingênuas crianças,
— Imersa em seu amor, a doce Auta vivia,
Num contraste singular de dôres e esperanças.

Reclinada á janela, em claras tardes mansas,
Fitando além o sol, que aos poucos se escondia,
Evocava da infância as suaves lembranças,
No carinhoso amor, que em seu peito floria.

Toda a casa conserva a memória sagrada,
Daquela, cujo nome, ao nosso olhar, resplende,
Como o seu coração, na luz de uma alvorada.

O jasminciro agita os ramos verdejantes...
E sôbre a mesa, o livro que escreveu, desprende
Perfume de saudade em seus versos cantantes...

Macaiba, setembro de 1948

Violeta SANTOS

de Quirambú. Pelo mesmo decreto, foi transformada em Escolas Reunidas a Escola Isolada de Várzea, do município de Goianinha.

O ponto culminante do mundo é o monte Evereste, que fica na cadeia do Himalaia, na Ásia, com 8.884 metros de altitude.

O govêrno do Pará criou o cargo de « Professores itinerantes », para as classes de Alfabetização de Adultos, no interior do Estado, o que não sera muito agradável aos mestres-escolas comodistas...

No Uruguai, existe um Grupo Escolar, com o nome de Barão do Rio Branco, numa homenagem do povo da antiga Província Cisplatina ao grande estadista brasileiro, um dos nossos maiores e mais justos orgulhos.

Diz-se que Jorge Stephenson somente veio aprender a ler, depois dos 18 anos de idade, tendo antes se dedicado ao serviço de guardador de vacas, engraxate, aprendiz de alfaiate e relojoeiro.

Clubes agrícolas

RAIMUNDO SOARES

(Diretor da Escola Rural «Manuel Danfau»)

Já é muito conhecida e repetida, mesmo, a velha frase que tôdas as revistas agrícolas e todos os tratados de agricultura, dizem: «O Brasil é um país essencialmente agrícola». Falta-nos, porém, a compreensão perfeita destas palavras e a coragem para aplicar em cada gleba de terra a significação que elas insinuam.

Temos terras quasi sem fim, temos os braços do caboclo do nordeste, fortes como uma linha de aroeira das casas antigas, dispostos como quem mais seja ao trabalho árduo e pesado, sob o sol causticante, com fome ou com sede, para arrancar do solo comburido ao cair das primeiras chuvas, o verde delicioso da lavoura que se transforma no pão de milhares e milhares de criaturas.

Sucedo, porém, que o trabalho agrícola é, entre nós, relegado a um plano de injustificada inferioridade.

Poucos são os que se dedicam ao amanho da terra, cornucópia mágica de onde brotam tôdas as riquezas, e, muitos se deixam levar para o remanso de outras profissões nem sempre mais lucrativas do que a Agricultura.

As cidades atraem com o conforto e as diversões os homens do campo e enchem-se de uma população civada de desocupados, de desanimados, de vencidos e viciados que são um pêso morto para a sociedade, enquanto as várzeas se despovoam, os vales se cobrem de matagal imprestável, os sertões, de capoeiras, e os baixios, outrora celeiros de fartura, vestem-se de juremas.

As consequências aí estão palpáveis e visíveis: a carestia dos gêneros de primeira necessidade, a falta de matéria prima, para os parques industriais, a ausência dos nossos mercados ou o preço proibitivo de tanta coisa útil, que só os favorecidos da fortuna podem adquirir.

Todos sentem este estado de cousas e se fala que só o aumento da produção salvará o país da crise em que se debate.

Mas, qual produção?

A produção agrícola.

A Agricultura por si só é capaz de atender a todas as exigências da vida e ninguém precisa alongar-se em citações para provar esta grande verdade.

Os governos vêm tentando, sem medir esforços, levantar o nível da produção agrícola, mas os técnicos são poucos, os créditos são insuficientes para atender de uma vez às ne-

cessidades e a falta de iniciativa (nosso mal maior) deixa em planos irrealizáveis o trabalho que criaria uma grande riqueza.

Cumprir também á escola, especialmente á Escola Primária, porque é ela a base da educação popular, despertar o gôsto pela cultura da terra, fazendo voltar para o campo, aqueles que fogem da enxada e do arado para apegar-se a outros meios de vida nem sempre mais honrosos.

Agora com a disseminação das Escolas Rurais, alguma coisa tem de se fazer, neste sentido, para que estas escolas venham a cumprir as suas finalidades.

Dentre as instituições peri-escolares, nenhuma tem mais valor, neste momento, do que os Clubes Agrícolas, cujo programa possui os seguintes itens:

- a) Dignificar o trabalho manual; e levar e engrandecer a vocação e a profissão do lavrador; incutir na consciência de seus socios o amor á terra o sentimento da nobreza das atividades agrícolas e a idéia do seu valor econômico e patriótico;
- b) Mostrar o perigo do urbanismo e do abandono do campo.
- c) Desenvolver o espirito de cooperação, na escola, na família e na coletividade;
- d) Incentivar a policultura e proporcionar a aprendizagem de métodos agrícolas racionais, pondo em prática os principios da agricultura científica e demonstrando o rendimento das criações e lavouras bem orientadas;
- e) Colaborar para o melhoramento permanente da vida rural tornando-a mais agradável e aperfeiçoando-a sob o ponto de vista da sociabilidade, da estética e da cultura em geral;
- f) Formar e cultivar hábitos de economia;
- g) Fazer a propaganda na comunidade rural, da vivenda bonita, alegre e higiênica e dos hábitos e noções necessários á propagação da consciência sanitária;
- h) Proteger os animais e as plantas;
- i) Comemorar uma vez, por ano, a principal cultura ou criação local;
- j) Trabalhar pelo reflorestamento local, preparando o viveiro que forneça mudas aos sócios;
- l) Conseguir que tôda árvore derrubada seja substituída por outras duas que se plantem (A. Dávila — Práticas Escolares).

Também cultivar, em casa, no quintal, um pequeno trato de terra e no terreno da escola, se possível, sob a orientação do professor, uma horta que forneça alguma coisa para a me-

renda escolar e um jardim, no mesmo terreno, para o embelezamento da paisagem e da escola.

A Escola Primária pode fazer tudo isto, quer seja rural ou urbana, pode incentivar a Agricultura, elevar social e moralmente o mister do agricultor, porque dêle depende a humanidade em peso.

Eduquemos as crianças de nossas escolas no amor à terra, ensinando-lhes, no grande livro da natureza, as lições mágicas da criação mostrando-lhes como se tira do solo inculto a flor que nos perfuma os ares e o fruto maduro e doce que nos sacia a fome.

Lembremo-nos também da frase magnífica de Constâncio Vigil: "No sulco do arado a mocidade enterra seus vícios".

HOMENAGEM A UM EDUCADOR

Com a aposição do retrato do saudoso professor Alfredo Simonete, em um de seus salões de aula, no dia 7 de dezembro de 1948, aprestaram-lhe as Escolas Reunidas da vila de Upanema, do município de Augusto Severo, mais uma grande e justa homenagem, tendo-se em vista a sua desmedida devoção e acrisolado amor à causa sagrada da instrução pública, ao ponto de poder, muito bem, ser considerado uma espécie de Pestalozzi da nova idade, no Rio Grande do Norte.

E quem não via naquele entusiasmo sadio, naquele empenho fervoroso, naquela perfeita compreensão da responsabilidade do mestre, naquele idealismo construtor e naquele método impecável de ensinar, tôdas as características do sentimento excepcional do notável Pedagogo helvético? E foi tudo isto, naturalmente, que, por uma iniciativa feliz da professora Adelzira Cabral Freire, digna Dirigente das referidas Escolas, foi lembrando, agora, numa sessão solene, presidida pelo Pe. Militão Benedito de Mendonça, e que contou com a presença de professores, alunos, autoridades, famílias e pessoas gradas, daquela florescente localidade.

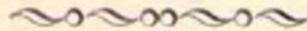
O Pe. Militão Benedito de Mendonça, em palavras cheias de emoção, falou da personalidade do educador, ali homenageado, congratulando-se com as esforçadas professoras do estabelecimento, pelo êxito alcançado, naquele momento de justiça, de respeito e de veneração.

Em seguida, a professora Adelzira Cabral Freire passou a ler a « Biografia do Professor Alfredo Simonete », gentilmente

te cedida, para aquele fim, pela viuva do ilustre "levita da educação".

Em nome do corpo discente, falou, ainda, a aluna Luzia Pereira de Oliveira, tendo sua colega Antônia Aquino declamado a poesia *Descança em Paz*, de autoria da brilhante poetisa assuense, professora Maria Carolina Vanderlei Caldas (Sinhazinha Vanderlei).

Por êsse motivo, merecem louvadas as professoras das Escolas Reunidas "Professor Alfredo Simonete".



Jardim das Hespérides

Segundo a mitologia clássica, os pomos de ouro do Jardim das Hespérides eram guardados por dragões invencíveis.

Em Vila Viçosa (Portugal) é com emoção repassada de ternura que se vêem, no inverno, laranjeiras carregadas de frutos, sem que alguém se lembre de saboreá-los, quer se trate de garotos, ou de homens desocupados, conquanto não sejam precisos dragões para guardá-los...

A noite, ou durante o dia, as belas e úteis laranjas se ostentam, numa como « árvore de Natal ». Acaso quem as colherá?

Responde o sentimento humanitário da gente lusitana, aliado à sua proverbial gentileza: As laranjas se destinam aos enfermos, certamente, aos menos favorecidos, na vida objetiva.

Como não serão saborosas para êles!

Como não lhes infiltrarão melhor o sentimento da generosidade, dado que êsses frutos são considerados símbolos da Santa Misericórdia!

RUI BARBOSA e CARNEIRO RIBEIRO

Em Janeiro de 1902, o Dr. J. J. Seabra, então deputado e presidente da Comissão do Código Civil, na Câmara respectiva, pediu a Carneiro Ribeiro que lêsse e corrigisse os erros relativamente à linguagem do projeto.

Fixou o prazo do serviço em cinco dias, o que era evidentemente exiguo. Carneiro quis excusar-se, mas diante da insistência do outro, seu velho amigo, aquiesceu. Remetido o projeto ao Senado, êste escolheu Rui para relatá-lo. E foi precisamente a linguagem polida pelo professor o que o jurisconsulto mais impugnou. Veja-se o «Diário do Congresso» de 27

«ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES»

ASSISTÊNCIA DENTÁRIA

Movimento odonto-técnico no 1º trimestre de 1919

Extrações dentárias.....	35
Obturações.....	26
Consultas.....	36
Curativos.....	14
Pulpectomias.....	10
Tratamento de canal.....	15
Limpezas.....	3
Colocação de Pivot.....	1
Número de clientes atendidos.....	82
Receitas.....	7

DR. ALOYSIO GOIS BARROS

Cirurgião Dentista

de julho de 1902. Carneiro estava obrigado a revidar. Não fugiu ao dever. Nesse mesmo «Diário» a 26 de outubro o educador voltava à carga. Era o começo do glorioso embate, visto que Rui não silenciava. No início de 1903, o juriconsulto, ocupando 142 páginas do aludido «Diário», formulou a sua «Réplica», trabalho sem precedentes pela erudição que revelou. Carneiro não se rendeu. Em meados de 1904, divulgara êle a sua defesa e a sua resposta num volume de 900 páginas!

A Réplica e a Tréplica eram, em suma, dois monumentos de sabedoria gramatical-estilística, e nunca se elevou tão alto o trato de um idioma carecedor de absoluta pureza.

Os anos passaram; os preconceitos caducam e as paixões morrem. Só não passa, não caduca, nem morre o que o saber dos grandes homens deixa como patrimônio de espirito à posteridade. Foi o que aconteceu com essa polémica entre Rui e Carneiro. As gerações letradas, que se vão sucedendo, não resgatarão jamais o serviço inestimável que êsses dois homens ilustres lhes prestaram.

Tomei nota do depoimento. Era preciso. Carneiro, aliás, produziu o seu imenso trabalho, a que o convidou a Câmara sem aceitar qualquer pagamento em dinheiro! Nem mesmo pela impressão do volume de 900 páginas admitiu a indenização, que Seabra lhe sugeriu.

Mais tarde, reconciliados, Rui proclamava em Carneiro "o mais sábio de seus antigos mestres". Do seu lado Carneiro, referindo-se a Rui, dizia ser o mais ilustre de seus discipulos.

(narrado por João Paraguassú)

«Associação de Professores»

No sábado, 21 de fevereiro último, com a presença de todos os seus membros, reuniu-se o Conselho-Diretor da «Associação de Professores», em sua sede social, à avenida Rio Branco, 790.

Estando sôbre a mesa o parecer da Comissão Fiscal, da prestação de contas do consócio tesoureiro, Acrísio Freire, relativa ao exercício de 1948, foi o mesmo aceito, ficando assinalado que as contas e o balanço estavam perfeitíssimos, o que credenciou a lisura daquele consócio, nos negócios, que lhe estão afetos.

O parecer propõe, ainda, que se consigne um voto de aplauso ao Professor Acrísio Freire pelos serviços prestados por êle à tesouraria, sempre impellido por inexcedível zêlo.

Pelo consócio Acrísio Freire, foi requerido que se inserisse, na ata da sessão, um voto de louvor especial (que estava certo era a satisfação de todos), pela publicação de *Pedagogium*, destacando-se a atuação dos consócios Francisco Rodrigues Alves e Raimundo Nonato, que se têm mostrado incansáveis, no êxito da Revista.

Cooperativismo Escolar

A difusão do cooperativismo escolar, no Brasil, vem sendo feita pelo Ministério da Agricultura e pelos Departamentos Estaduais de Cooperativismo, entre os quais se destacam, neste setor, os da Bahia e de São Paulo.

O Serviço de Economia Rural, que tem a seu cargo a orientação da campanha e mantém o registro das cooperativas, já tem inscritas mais de 500 Cooperativas Escolares, em todo o país. Êste Serviço do Ministério da Agricultura está habilitado a prestar quaisquer informações sôbre o assunto, fornecendo também estatutos-modêlo e auxiliando a organização das cooperativas.

Para se avaliar as vantagens do cooperativismo escolar, reproduzimos esta magnífica síntese de Tirado Benedi:

“Imagine-se uma escola organizada cooperativamente. Nela a vida da comunidade escolar passa a ser o centro de tôdas as preocupações. O menino vive ali em contacto íntimo com a realidade social mais completa e tem ocasião de ver e compreender (isto é o essencial) que o homem multiplica e

Grãos de sabedoria

Em todo o estado e em toda a condição social o homem bem educado é um homem superior. O homem sem educação, por mais alto que o coloquem fica sempre um subalterno.

Ramalho Ortigão

A instrução nos faz sábios ou semi-sábios. A educação nos faz homens.

Bonald

A moral ensina a moderar as paixões, a cultivar as virtudes e a reprimir os vícios.

Lamenais

Na magnitude de sua missão, os pais e professores devem ser,

antes de tudo, guias de conduta e mestres de moral.

R. Kehl

A personalidade do educador é a melhor garantia dos trabalhos educativos.

Gustav Bahur

Habituai-vos a obedecer, para aprender a mandar.

Rui Barbosa

Só um povo bem instruído pode conservar-se livre.

Madison

Os homens de caráter são a consciência da sociedade a que pertencem.

Emerson

aumenta suas forças de uma maneira prodigiosa por efeito da ação coletiva e da ajuda-mútua.

Organizar em moldes cooperativos a escola é o meio e o instrumento mais eficaz para iniciar os educandos na prática da vida social. Quando os meninos se reúnem para celebrar suas assembléias, eleger dirigentes e assumir a responsabilidade da direção da obra comum; quando expõem suas iniciativas, quando procuram meios de realizar seus acordos, calculam faturas, fazem contas, escrevem cartas, formulam estatísticas, fazem cálculos de receitas e despesas; esboçam planos e redigem projetos; verificam compras; fazem coletas; traçam programas para saraus e festas escolares, passeios, viagens e excursões; trabalhos na horta, na granja, na oficina, no laboratório; organização do museu escolar; utilização da biblioteca, do cinema escolar, do rádio, — quantas lições práticas recebem, quantos conhecimentos vivos e hábitos úteis acumulam”.

(De *Brincar e Aprender*, Janeiro-Março, 1948)

PARTE OFICIAL
GOVÊRNO DO ESTADO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

LEI N. 130, DE 17 DE DEZEMBRO DE 1948

Cria um cargo de Dentista, no Departamento de Educação

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE,

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º — Fica criado na Tabela 1 — Parte Permanente do Quadro Unico do Estado, 1 (um) cargo de Dentista, padrão L, lotando no Serviço de Assistência Dentária Escolar, do Departamento de Educação.

Art. 2º — Fica anulada na Verba 13 — Departamento de Educação — Código 8.33.1 — Pessoal Variável b) Assistência Dentária Escolar — 1) Extranumerário mensalista do orçamento para 1949, a importância de Cr\$ 14.400.00 (quatorze mil quatrocentos cruzeiros).

Art. 3º — Fica o Poder Executivo autorizado a abrir o crédito especial necessário à cobertura da despesa com o cargo, ora criado, com o recurso proveniente da anulação de que trata o artigo anterior.

Art. 4º — Esta lei entrará em vigor a partir de primeiro de janeiro de 1949, revogadas as disposições em contrário.

Natal, 17 de dezembro de 1948, 60.º da República.

JOSÉ AUGUSTO VARELA

Custódio Toscano

LEI N. 136, DE 17 DE DEZEMBRO DE 1948

Regulamenta o art. 14 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição Estadual.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE,

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1^o — Os professores primários do Estado, aposentados anteriormente à promulgação da Constituição Estadual vigente, e que, ao tempo de sua aposentadoria, contavam mais de 25 (vinte e cinco) anos de efetivo exercício, terão um aumento especial sôbre os seus atuais vencimentos, na seguinte proporção:

a) 50^o/_o para os aposentados há mais de 15 anos.

b) 40^o/_o para os aposentados há mais de 10 anos e menos de 15 anos.

c) 30^o/_o para os aposentados há mais de 5 e menos de 10 anos.

d) 20^o/_o nos demais casos.

Ast. 2^o — Fica o poder executivo autorizado a abrir o crédito especial necessário à cobertura da despesa, resultante desta lei, no exercício de 1949.

Art. 3^o — Esta lei vigorará a partir de 1^o de janeiro de 1949, revogadas as disposições em contrário.

Natal, 17 de dezembro de 1948, 60^o da Republica.

JOSÉ AUGUSTO VARELA

Custódio Toscano

PEDAGOGIUM

EXPEDIENTE

Revista dedicada aos Interesses
do Magistério e à divulgação da
cultura pedagógica.

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

REDAÇÃO: Av. Rio Branco, 790
(ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES)

NATAL - Rio G. do Norte - BRASIL

IMPRESSA NAS OFICINAS "GALHARDO"

PEDAGOGIUM

ÓRGÃO OFICIAL DA "ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

(3ª. FASE)

DIRETOR: Luiz Soares de Araújo
 REDATOR-SECRETÁRIO: F. Rodrigues Alves

COLABORADORES:

Raimundo Nonato,
 Mário Cavalcanti,
 Roque José da Silva,



Acrísio Freire,
 Antônio E. da Silva,
 Raimundo Soares

SUMÁRIO

- | | |
|--|---------------------------|
| I — O Professor Primário | Sinházinha Vanderlei |
| II — Oração do Professor | Prof. Luciano Lopes |
| III — Cultura intelectual | Antônio E. da Silva |
| IV — Cooperativas Escolares | Raimundo Guerra |
| V — Como exercer o magistério .. | Maria Julieta Iglésias |
| VI — Retalhos Filológicos | Aristarco |
| VII — Canções, um castigo | Nilo Pereira |
| VIII — Alguns aspectos da educação nos E. U. | Alvamar F. de Mendonça |
| IX — Discurso | Profª Maria do Nascimento |
| X — Afecções dentárias | Dr. Aloysio Goia Barros |
| XI — A Escola Normal de Mossoró..... | R. Nonato |
| XII — Notas & Fatos | Redação |
| XIII — Discurso | Prof. João de Deus Bessa |
| XIV — Alfabetizar é educar | Mário Pinto Serva |
| XV — "Pedagogium" | João Inácio |
| XVI — Elias Souto | Luís da Câmara Cascudo |
| XVII — Educação Física | Roque José da Silva |
| XVIII — Curiosa história de uma joia de 300 anos | Transcrição |
| XIX — O Sino da Liberdade | Transcrição |
| XX — Pobre adolescência | Anamaria Célia |

PARTE OFICIAL

“ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES”

Presidente: *Prof. Luiz C. Soares de Araújo*

Vice-presidente: *Dr. Francisco Ivo Cavalcanti*

1.º Secretario: *Prof. Mário Cavalcanti*

2.º “ *Prof. Raulina Ataíde*

Orador: *Prof. Clementino Câmara*

Vice-orador: *Prof. Francisco Rodrigues Alves*

Tesoureiro: *Prof. Acrísio Freire*

Adj. de Tesoureiro: *Prof.ª Rita Sampaio*

Bibliotecário: *Prof. Raimundo Soares de Andrade*

Adj. de bibliotecário: *Prof.ª Séfora Ramos Santiago*

Comissão fiscal:

Professores *Francisco Soares, Maria Belém Câmara*

Maria Lídia Dias.

OS LUSÍADAS

EGÍDIO COUTINHO —
São Paulo, Capital: “O poema Os Lusíadas, de Camões, chega a ter 10 000 versos?”

Não. Os Lusíadas têm 8 816 versos. Logo explicamos: O imortal poema de Camões apresenta 1 102 estrofes e cada estrofe contém 8 versos —, bastando, portanto, multiplicar 1 102 por 8, obtendo-se o total de 8 816 versos.

PEDAGOGIUM

ÓRGÃO OFICIAL DA « ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES »

DIRETOR

Luiz C. Soares de Araújo



REDATOR-SECRETÁRIO

F. Rodrigues Alves

O PROFESSOR PRIMÁRIO

Tenho 74 anos de idade e 52 de ensino; o velho cérebro está gasto, que poderá produzir!

SINHÁZINHA VANDERLEI

(De uma carta da autora do presente trabalho, aos que fazem PEDAGOGIUM).

Alma devotada ao sacrificio, vontade inquebrantável, espírito em atividade, o professor primário é e será sempre um forte, um apóstolo do bem, um abnegado, a despeito dos que, procurando melindrá-lo, não o atingem, contudo, porque acima do indiferentismo com que é sempre olhado, acima do preconceito de muitos que não sabem avaliar o seu esforço nem a grandeza da sua responsabilidade, menosprezam-no, tornando mais árdua a sua espinhosa tarefa, coloca êle a integridade do caráter e o cumprimento do dever.

Cuidar de filhos que, não lhe pertencendo, ocupam, todavia, seu coração e seu espirito; dirigir, ensinar alunos que, indóceis, no lar, são forçosamente discipulos desatenciosos e, por assim dizer, ingratos; esforçar-se pelo desenvolvimento moral, intelectual e físico dos seus educandos, eis a missão do professor que honra o magistério.

Ele, nem sequer, tem o direito de, muitas vêzes, estar doente! A vida não lhe pertence; dedicou-a a estes pequenos seres que são o seu conforto e o seu desconforto!

Deixar de lutar, um dia, é perder o labor de muitos dias de sacrificio, porque o seu aluno fica em liberdade para atirar pedras aos animais, arrancar do agasalho mórno dos ninhos as

avezinhas. E... o livro? É pôsto à margem como o mais inutil dos trastes!

O professor não consagra horas ao seu repouso, porque isso lhe parece uma usurpação feita a seus alunos, aquêles espiritos em formação, cujo desabrochar êle prescruta, ansioso, como o mais zeloso jardineiro, aquêles corações infantis cujo pulsar êle percebe como o mais hábil dos médicos e, que se abrem para sorver o nétar do bem que a instrução vai pouco a pouco infiltrando.

Como não lutar se a perseverança do mestre faz de espiritos incultos cérebros capazes de compreender o bem e difundi-lo em beneficio de outros!

O professor, em classe, sorve silente a taça dos dissabores, reage contra as mais vivas contrariedades com o riso nos lábios, a fonte serena e o olhar tranquilo, para não tolher a alegria espontânea das crianças que lhe foram confiadas e unge, com o bálsamo do carinho, as suas palavras, para que elas possam retemperar o espirito do estudantinho!

Professor! Um poema de amor, mas, em seu íntimo, quantas amarguras! Só a religião do Calvário pode amenizar as agruras da sua alma sofredora!

Professor! O amigo da infância, a atalaia do futuro da Pátria!

Conta-se que Emílio Labet, Presidente da República Francesa, visitando, certa vez, uma escola primária, descobriu-se á vista do professor, saudando, em seguida, as crianças. Um dos seus cortesãos, estranhando o fato, fez-lho sentir, ao que êle respondeu: « Vejo, no professor primário, o primeiro funcionário da Nação e saúde, nas crianças das escolas, os futuros cidadãos franceses ».

Refere-nos, ainda, abalizado escritor que Thièrs, grande estadista francês, visitando, um dia, sua terra natal, encontrara, entre a multidão que delirantemente o aclamava, um velho que, pobrememente vestido, assistia a essas demonstrações de regozijo. Thièrs desce da carruagem, corre a êle, abraça-o, com muito afeto, dizendo que « lhe era devedor dos louros que recebia ». Era o seu mestre de primeiras letras!

No Japão, é tão considerado o professor primário que, o

QUÃO sublime, oh Senhor, Deus de minha alma, é a missão que a tua Providência me confiou neste mundo!

Faz que nenhuma outra coisa nesta vida apague do meu espírito a idéia da grandeza e santidade desta missão e que me esforce cada instante por adquirir mais subedoria, com o fim de cumprir, com maior fidelidade, a minha tarefa de cada dia.

Seja o amor ao próximo e à humanidade a grande inspiração da minha

vida nos momentos de cansaço e de abatimento, e tenha olhos para ver no aluno mais rebelde, um filho, um irmão menor, com qualidades superiores, ocultas nas profundezas da alma, dons que devem ser descobertos e cultivados com paciência e abnegação.

O RAÇÃO DO PROFESSOR

Prof. Luciano Lopes

Que eu fuja a todos os vícios e trabalhe constantemente com o teu auxílio, na correção das minhas faltas, no aperfeiçoamento do meu próprio ser, para que me mostre sempre um exemplo digno diante dos meus alunos e se torne ainda mais poderosa a minha personalidade, a ponto de influir, benéficamente nos seus destinos.

Que o meu espírito, Senhor, se conforte na idéia de um sacerdócio santo, em que o meu próprio ser é oferecido em sacrifício expiatório dos erros humanos, preparando, assim, um futuro melhor para a minha Pátria e para a humanidade.

soldado japonês, o saúda em primeiro lugar, e, em segundo, a autoridade militar. Alexandre o Grande, rei da Macedônia, dizia: "Devo tanto a meu pai quanto devo a meu mestre, porque se de um recebi a vida do corpo, do outro recebi a vida do espírito".

Como isto é belo, quanto é sublime, como dignifica um professor!

Eu desejara que todos aqueles que se dedicam à missão nobilíssima de professor primário pudessem repetir, mais ou menos, as palavras do grande Pestalozzi: "Quando eu morrer, quero que me enterrem sob a goteira da escola; quando a água consumir a pedra, até ao meio, então as gerações compreenderão o meu esforço".

Achei edificantes estas palavras e sempre as conservei, em mente, no meu tirocinio escolar.

Ah! São uns beneméritos os professores que o sabem ser!

CULTURA INTELECTUAL

ANTÔNIO E. DA SILVA

A instrução é sempre a causa eficiente da emancipação de cada um.

Os preparativos para as carreiras sociais — aos doze anos — resumem-se na consecução do hábito de leitura, em se tratando não só das disciplinas fundamentais como também das acessórias.

Em verdade, as desigualdades sociais põem à calva a deficiência de treinamento, visando o ingresso na vida prática. É mistér que haja um esforço predisponente do futuro da nossa geração.

Porisso, uma ilação ressalta: a necessidade absoluta de cultura intelectual, que não deve ser encarada como um privilégio.

Rompendo com o empirismo, a cultura torna insubsistente qualquer tendência de isolacionismo, o que constitui vida, dado que viver é cooperar.

Perlustrando as diretrizes da antropologia, detenhamo-nos sôbre o auto-didata. Para tanto, coloquemos o Homem no quadro zoológico, estabelecendo um verdadeiro paralelo entre Etnologia e Etnografia, aquêle, ramo da antropologia situando o Homem, no âmbito de cultura, e êste, classificando o chamado Rei da Criação.

Laços indissolúveis presidem a ligação do corpo e da alma.

A cultura, segundo o expressivo dizer dos autores, nada mais nem menos é do que o comportamento natural do Homem, modificado por influências processuais e técnicas.

O grupo das ciências sociais disputa o seu lugar ao sol com a sociologia.

Todo o homem possui a cultura, que lhe é característica, fruto das suas lucubrações. O ambiente natural recebe, destarte, o efeito das suas modificações.

Por ocasião do período das grandes descobertas, novas surpresas se revelaram com a existência de povos e culturas muito diferentes.

A ciência das culturas primitivas — Etnologia — tornou-se então a preocupação dominante, ao passo que a sociologia estudaria os grupos dos quais fazem parte em íntima correlação de analogia.

Vindos de selvagens e bárbaros, muito temos a aprender de povos de cultura superior.

A lição proveitosa de uma filosofia da vida ou a melhor

concepção do mundo, que nos cerca, tudo serve para estruturar e consolidar elementos de verdadeira expansão cultural. Os próprios impulsos, que transformam a personalidade, constituem fator intrínseco de alteração neste setor. Graças ao dinamismo cultural são estudadas as transformações incessantes, em espécie, e que veem das primitivas culturas da terra — pigmeus, australianos, boschimanos e hotentotes, ge-botocudos...

Deve, pois, a cultura se difundir, ensejando a possibilidade dos seus círculos.

Uma das condições mais vantajosas da cultura é a plasmagem das condições personalíssimas de cada um.

Os aspectos subjectivos da cultura — como quer Kurt Lewin — não seriam mais do que uma psicologia social comparada.

O Homem não se deve confinar na estreiteza da inatividade, de vez que ele é o produto do seu padrão cultural.

COOPERATIVAS ESCOLARES

RAIMUNDO GUERRA

(Diretor do G. E. "Barão do Rio Branco", de Parelhas)

Muito se tem escrito sobre Cooperativas Escolares. Grande foi a propaganda em nosso Estado pela disseminação de tão importantes escolas de cooperativismo.

Na capital do Estado, foi fácil a instalação de cinco cooperativas Escolares, a título de experiência. No interior, foi menor esse número, porque muitos diretores de estabelecimentos de ensino aguardavam o resultado das existentes; outros temiam a responsabilidade e o pesado encargo, aumentando-lhes os serviços, já não pequenos, decorrentes da direção do Grupo Escolar, a seu cargo, acrescidos, às vezes, da regência de escola, no mesmo estabelecimento.

A Cooperativa Escolar do Grupo «Barão do Rio Branco», da cidade de Parelhas, foi fundada e instalada em julho de 1942, quando ainda não estava bem firme, bem ambientada em nosso Estado esta modalidade de educar a criança.

Com o decorrer de apenas três anos de seu funcionamento, isto é, em fins de 1944 as Cooperativas Escolares estavam praticamente fechadas, encerrando o seu movimento, por falta de controle, principalmente na escrituração. E o ato do Departamento de Educação, daquele ano, veio por um termo, determinando mesmo o fechamento temporário das Coope-

rativas Escolares, até que se fizesse nova legislação adequada, sob nova orientação e de mais eficiência para o ensino

A Cooperativa Escolar de Parelhas, que desde o ano de sua atividade inicial não deixou de funcionar e satisfazer os compromissos de escrituração perante o Serviço de Economia Rural do Rio e Divisão de Cooperativas em Natal e fornecimento de material escolar aos seus associados, viu-se tolhida no seu funcionamento ao encerrar-se o referido ano de 1944, estando empenhado ainda grande parte de seu capital social empregado no estoque de artigos escolares existente.

O diretor do Grupo, que ora subscreve estas linhas, ficou naquela situação entre dois caminhos a seguir: acatar a Portaria do Diretor do Departamento de Educação, ou pleitear o funcionamento, mesmo com exceção, da Cooperativa do referido Grupo.

Compreendendo a grave responsabilidade e o trabalho que é sempre maior do que o decorrente da direção do Grupo, observando, porém, os incalculáveis benefícios desta organização escolar obtidos no primeiro triênio, isto foi o estímulo mais que suficiente para pleitear perante o Diretor do Departamento, que funcionasse, mesmo em caráter particular, a Cooperativa que, fiscalizada pela Divisão de Cooperativas, mantinha seu movimento em dia. E, assim, graças á benevolência do Diretor do Departamento de Educação, com a colaboração valiosa do Chefe da Divisão de Cooperativas, neste Estado, vem-se mantendo a pequena Cooperativa Escolar de Parelhas.

Quanto às vantagens desta associação econômica e social, de crianças, não se pode negar que, por pequeno que seja seu movimento, numa casa de ensino, as crianças aprendem melhor a comprar e vender, conhecendo melhor nossa moeda. Os pequenos diretores se compenetraram de seus papéis sociais, quer seja presidindo a sessão, lendo a ata previamente escrita, lendo a matéria da Ordem do Dia, preenchendo as propostas de sócios e pondo as mesmas em votação, exercendo o direito de voto nas assembléias e reuniões, praticando a economia, pois a Cooperativa tende a tornar mais baratos os artigos escolares, aprendendo a escriturar os livros de Matrícula de Associados, enchendo talões, o livro Caixa, fazendo balancete mensal, mapas de operações mensais ou semanais, quer redigindo os officios, telegramas, recibidos e tudo mais que o movimento da sociedade cooperativista exige. Aprende sobretudo o valor da união, da solidariedade, quando observa que com o pequeno capital subscrito e realizado constituiu êste a garantia para a aquisição do material preciso. Que cada um colabore para o engrandecimento da sociedade e bem estar de todos.

Não se pode negar que o presidente, o gerente, o secretário, o tesoureiro, o fiscal da Cooperativa Escolar, quando futuros cidadãos, possam exercer com maiores vantagens essas funções na sociedade que certamente os chamará.

Muito se poderia dizer das vantagens, da organização e funcionamento de uma Cooperativa Escolar, assuntos estes que constituiriam séries de artigos e não comportariam num ligeiro comentário como êste que escrevemos para o «PEDAGOGIUM», no sentido de estimular alguns colegas do Magistério, que, certamente, temem não só a responsabilidade como as dificuldades de encaminhar, controlar o funcionamento de uma Cooperativa Escolar, embora seja esta nas mais modestas condições de capital, de artigos escolares e associados.

Parelhas, abril de 1949.

COMO EXERCER O MAGISTÉRIO

MARIA JULIETA IGLÉSIAS

Quero também dirigir algumas palavras as minhas colegas de magistério. Quero assim, transmitir às colegas de magistério, o que sinto, o que penso, como professora que deseja, antes e acima de tudo, educar reconhecendo a missão espiritual do professor.

Ninguém pode ter a presunção de haver alcançado a perfeição no exercício do magistério, pois sabemos que a perfeição não existe, mas que se pode e se deve fazer um esforço constante para alcançá-la.

Pode cada uma professora, mediante um esforço persistente, de cada dia e de cada momento, realizar em si as qualidades do professor ideal, buscando alargar o campo dos seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, desenvolver a sua personalidade como indispensável fator de triunfo no trabalho.

É, em geral, silencioso e obscuro o trabalho do professor; é certo, porém, que o mais humilde e esquecido de todos, e que vive absorvido na sua tarefa sagrada, pode orgulhar-se de estar empenhado na obra mais delicada, na missão mais sublime de que se tem notícia, no mundo; porque, na verdade, todos os que governam, todos os que comandam, todos os que administram, todos os que ocupam lugar de responsabilidade ou posição de relêvo na sociedade, já passaram pelas suas mãos, já beberam das suas palavras, e é também certo que, debaixo dos seus cuidados e orientação, estão hoje to-

dos os que amanhã vão ter sôbre os ombros os encargos dos destinos dos povos.

O homem verdadeiramente desejoso de servir à coletividade encontra, no magistério, a melhor das ocasiões, e por isso mesmo, cumpre ao professor buscar cada dia a purificação de espírito, o aperfeiçoamento moral, sem o que não poderá desempenhar dignamente a sua missão.

Deve continuar estudando sempre, para não perder jamais de vista o progresso do espírito humano. Já dizia Michélet que também foi professor: "O mestre deve aperfeiçoar-se continuamente, sob pena de cair no tédio e entorpecer o espírito".

A escola passa hoje por uma grande renovação. A formação de professores especializados representa verdadeiramente uma necessidade vital para um país, especialmente quando se considera que, sem êles, se torna inócua qualquer reforma tendente a melhorar o ensino.

É certo, entretanto, que nem todos os atuais professores podem realizar estudos de aperfeiçoamentos; mas é o seu dever procurar sempre adquirir novos conhecimentos que os torne capazes de levar por diante a obra educativa em que se acham empenhados.

O magistério, longe de ser uma carreira franquizada a todos os que julgam encontrar nela fácil meio de subsistência, é missão que requer vocação especial. O professor precisa exercer a mais poderosa influência sôbre os alunos, em cujo convívio passa muitas horas por dia. O professor precisa, também, dispensar o tempo necessário ao descanso e à recreação do espírito, precisa frequentar a sociedade, participar das festividades cívico-sociais, para não perder a alegria e o entusiasmo.

O homem é, por natureza, animal social. Vivemos sempre em contacto uns com os outros. No nosso vai-vem de cada dia, vivemos sempre numa troca de cumprimentos, de palavras, de idéias e de afeições. Os professores devem ter o máximo interesse em cultivar a cortesia, a verdadeira cortesia, a que nasce da sinceridade. Êles vivem num comércio permanente com os alunos; é preciso conquistá-los com boas maneiras.

Não se deve, porém, levar a cortesia ao extremo de se tornar insincero. Embora muitas pessoas tenham prazer em ser lisongeadas, não é jamais aconselhavel dizer-lhes coisas agradáveis à custa do sacrifício da verdade.

O professor precisa ser otimista, porque o otimismo é uma atitude construtiva do espírito, em face da vida. Cumpre evitar o otimismo exagerado, pois não devemos nunca fechar os olhos à realidade. O verdadeiro otimismo vê o que há de males e de injustiças, de dores e misérias no mundo;

Retalhos Filológicos

... o amor à fala materna é uma das mais sublimes formas do amor à Pátria.

José de Sá Nunes

ETIMOLOGIA DA PALAVRA ASA

Os dicionários portugueses, em geral, dão-nos a palavra asa como derivada do latim gusa, não obstante inclinarem-se algumas opiniões para o latim mais antigo ala. Aliás, o erudito cónego Xavier Pedrosa parece estar bem no último caso. É o que se observa, nos seus excelentes livros de latim, adotados em quase todos os nossos colégios. Diz êle: aza, de ala, ae. Sinceramente, não podemos atinar com a razão de asa derivar de ala, principalmente quando vem com z. Também não queremos ir até à ousadia de duvidar da autoridade suma da-

porém, ao mesmo tempo, tem firme convicção de que podemos achar remédio para os males e melhorar a condição da humanidade.

Assim crê o professor otimista e se esforça por apresentar a sua contribuição na grande obra da regeneração da sociedade. O seu otimismo gera um entusiasmo espontâneo e natural que facilmente se comunica a todos os que o rodeiam.

O professor deve ter verdadeira simpatia para com os alunos, auxiliando-os, interessando-se vivamente por êles. O melhor auxilio que se pode dar é encorajar, despertar e orientar os seus esforços. O professor, como sacerdote da humanidade, deve purificar-se, santificar-se a si mesmo, empenhando-se cada dia na obra de aperfeiçoar o seu próprio ser, para cumprir dignamente a sua missão. Como sãbiamente acentuou Pestalozzi, grande educador, a prática de atos menos dignos destrói a força de nossos conhecimentos e enfraquece os nossos poderes espirituais.

Deve, pois, o professor amar a sua escola e cooperar de boa vontade em todas as suas atividades. Deve respeitar a escola como um templo e preparar cada dia a sua vida para melhor exercício da sua missão.

Façamos da escola o refúgio da justiça, e, inspirados por ela, executemos calmamente a nossa tarefa de cada dia, preparando um futuro melhor, de amor e de justiça para a humanidade.

quele sacerdote e mestre. Apenas achamos esquisita a sua preferência, no tocante à etimologia, em tela.

E não é somente o cônego Pedrosa quem aponta *ala* como origem de *asa*. Outros autores fazem a mesma coisa, ou melhor, advogam a mesma origem. Muito interessante é que uns dão *ala*, para *asa*, com *s*, e outros *ala*, para *aza*, com *z*, o que é sempre pior... Como apareceu o *z* intruso?

Qual a lei fonética que o justificou? Respondam os doutos!... É por quase todos sabido que o *l* intermédio das palavras latinas cai, normalmente, na passagem, para o português. Em *ala* se teria verificado tal fato, comprovando o emprêgo de *aa* (*asa*) e *aas* (*asas*) dos escritores arcaicos, como demonstra o filólogo Sousa da Silveira, nas suas preciosas «Lições de Português».

Se assim aconteceu, vai, por terra, ainda mais depressa, qualquer argumento que surja em favor de *aza*, grafia destituída de fundamentos etimológicos.

Por outro lado, supomos esteja a forma malfadada adstrita á prática mofina daqueles escribas a quem se refere Figueiredo, o quais, hesitantes, não sabiam bem onde "pintar o *z* ou pintar o *s*..." O Prof. Manoel Said Ali Ida, velho vernaculista dos mais abalizados que conhecemos, fala das diversas fases da Língua em que se operou essa hesitação, atenuada pelos quinhentistas, que primaram na distinção do emprêgo das duas letras, cuidado que não tiveram os escritores do século XVII e, muito menos, os do XVIII, quando a letra *z*, esclarece êle, "usurpou o lugar do *s* intervocálico, escrevendo-se, sem respeito ao passado, *caza*, *roza*, *preciozo* e, até, *Brazil*".

O mestre conclue dizendo que, "contra semelhante prática revolucionária se reagiu, no mesmo século XVIII, e, ainda mais, no século XIX, em que o exemplo de Herculano e outros fez restabelecer-se, tanto quanto possível, a ortografia tradicional" (*Lexiologia do Português Histórico*, págs. 22 e 23). O Dicionário Contemporâneo, do Dr. Antônio Lopes dos Santos Valente (conhecido como de Caldas Aulete), faz distinção de origens etimológicas, no assunto, afirmando vir *asa* de voar de *ala* e *asa* de vaso de *ansa*, muito embora traga, em ambos os casos, a palavra com o incrível *z*! Saraiva e Constâncio seguem, mais ou menos, a mesma trilha, indo êste último ao antigo egípcio *halai*, voar, e á forma arcaica *annexa*, feminino de *annecto*, *ere*, *erum*, anexar, pegar, contrariando a tese de Court de Gébelin, que entende formar-se *ansa* de *ante*.

O Prof. Sá Nunes, atualmente, príncipe dos filólogos brasileiros, no julgamento autorizado e sereno do sábio jesuíta

Luiz Gonzaga Jaeger, do Pe. Antônio da Cruz, do General Dr. Liberato Bittencourt e outros, traz argumentação mais razoável e, por assim dizer, mais científica. Ei-la: "A palavra asa deve ser escrita com s, porque o étimo é *ansa*. Nunca será possível tirar asa de *ala*; *ansa* é, no latim, asa de vaso, e *ala* é asa de voar. Houve confusão de *ala* e *ansa* e também de *acies*, que quer dizer ponta. O certo é que, segundo os melhores etimólogos, deverá escrever-se com s, porque o seu principal representante latino é *ansa*, cujo sentido se metaforizou em português". Nada mais claro e convincente do que o ponto de vista expandido pelo eminente professor baiano. E este é o que aceitam, hoje, todos os que timbram de escrever, com acerto, o maravilhoso idioma luso-brasileiro.

Escreva-se, pois, asa com s, "e deixemos aza para quem tem azar..."

ESMOLER

Já não são poucas as pessoas que, por engano, empregam a palavra esmoler, com a significação de mendigo ou pedinte, quando, pelo contrário, esmoler é aquêle que dá esmolas, o caritativo, filantropo, amigo dos pobres. E foi, precisamente, nesse sentido, que o famanaz Pe. Antônio Vieira, à justa, escreveu: "A misericórdia que os esmoleres exercitam com os pobres, muitas vêzes a premeia Deus, com acrescentar a fazenda que com êles se reparte" (Sermões, XIV, 112). Todos os dicionários da Língua assim registram a referida palavra, inclusive o próprio "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", onde encontramos inúmeras palavras com o sentido novo que lhes vão emprestando os escritores modernos e o povo. A palavra esmoler, apesar da tendência, algo acentuada, de sair da significação etimológica, para assumir outra significação, ainda não logrou alcançar, até ao presente, as honras de uma nova roupagem, no verbete dos Léxicos... Entretanto, não duvidamos de suas futuras conquistas, no terreno da Semântica...

ANÍBAL, ASDRÚBAL E AMÍLCAR

O Padre Augusto Magne escreve, na sua magnífica Antologia Latina, 3ª, pags. 47, 48, 49 e 50, Hanibal, Hasdrúbal e Hamilcar. Sacerdote muito culto, porque, ao mesmo tempo, latinista e helenista dos maiores do Brasil, ninguém mais autorizado do que êle, para preferir tais grafias.

Entretanto, ninguém, por igual, poderá negar a existência de uma dualidade gráfica, no caso, e dualidade cuja origem está na prática distante dos próprios escritores latinos,

que já ortografavam, com h ou sem êle, estes como outros nomes. *Annibal ad portas*, diz o padre Leopoldo Fernandes, foi o grito dos romanos, após a batalha de Canes! Como se vê, o *Annibal* latino do erudito sacerdote cearense diverge do *Hannibal* latino do seu insigne colega acima citado. O Prof. Santa Helena prefere escrever Aníbal, Asdrúbal e Amílcar, sem deixar, naturalmente, de reconhecer a legitimidade das outras formas. E como as incríveis reformas ortográficas, de todos os anos, estão, não se sabe por que milagre, respeitando, de certo modo, os nomes de pessoas, aconselhável e que o Haníbal, o Hasdrúbal e o Hamílcar, assim registrados, devem conservar o H, para evitar possíveis embaraços, o que não é lá muito agradável...

Aos pais de família, que quiserem homenagear os guerreiros excepcionais da velha Grécia, dando, aos filhos, os seus nomes gloriosos, cabe-lhes um pouco de reflexão, antes do registro, quando terão oportunidade de decidir-se, por uma ou outra maneira de escrever, isto é, Aníbal, Asdrúbal e Amílcar, ou Haníbal, Hasdrúbal e Hamílcar, não esquecendo, porém, de que as primeiras formas são, hoje, preferidas pela maioria.

ONIBUS

A palavra *omnibus*, ablativo do plural do latim *omnis*, e, está, hoje, incorporada ao português, com aspecto diferente, sob o ponto de vista ortográfico, mas com o mesmo sentido da língua de Vergílio: para todos. Há quem afirme ter sido ela "empregada, pela primeira vez, em 1819, pelos franceses, para um veículo de quatro rodas, puxado, a cavalo, com assentos dispostos longitudinalmente. Em 1827, o *omnibus* era introduzido em Londres". A forma ônibus caiu no uso popular e já recebeu a sanção da Reforma ortográfica. Vittorio Bergo discorda, inutilmente, da referida forma, e escreve: "Não se justifica a forma ônibus, em que se elimina o m etimológico e se mantém a vogal u, contra os preceitos e o inflexível uso da língua, que substitui êsse u pelo o.

Escreva-se, pois, ou á latina, "omnibus", ou á portugueza, ônibus, ônibo (Erros e Dúvidas de Linguagem, I, 197).

CINQUENTA

A forma antiga desta palavra era cinquenta, que evoluiu para cinquenta. Vem do latim *quingenta*. Há, por aí, umas reformas idiotas que mandam enfeitá-la com um trema, para se dizer: cinqüenta!... Nada mais imbecil! Não há razão, para o diacrítico alienígena, de vez que, sem êle, é até mais decente a pronúnciação...

Por influência de cinco, escreveu-se, muito tempo, cinquenta, prática, atualmente, de todo em todo, inadmissível. E antes de cinquenta, escreveu-se até cicoenta, como se vê do «Leal Conselheiro», de D. Duarte.

CHARQUE E NÃO XARQUE

Durante muito tempo, escreveu-se xarque, com x, sem a mais mínima justificação, para isso. A palavra vem do quichua *ccharqu*, que não dá lugar, absolutamente, a outra grafia que não seja charque, com ch. O lamentável é que até pessoas de boa ilustração e fama têm errado, no escrever esta palavra.

ARITMÉTICA OU ARIMÉTICA?

Podemos dizer, sem medo a contestações sérias, que 90% dos que falam português, pronunciam aritmética. A pequena minoria restante é que fica, porém, com a desenxabida arimética... Esta minoria tem, entretanto, um padrinho, que não é menos do que o Prof. Nascentes. O Prof. Silveira Bueno, melhor orientado, no assunto, dá-nos a respeito da maneira correta de pronunciar a palavra, esta lição interessante: "Prevalence, entre muitos, o êrro de não pronunciar o t, dizendo arimética. É necessario corrigir êste êrro, pronunciando o t: aritmética".

Já o afamado Prof. Pedro A. Pinto esclarece: "Não há porque digamos arimética. Provem de *arimetike*, forma feminina de *arimos*. Em grego tôdas as letras soam, e assim sendo, o t, modificação do teta, que alguns erroneamente representam por th, deve ser pronunciado, como o é em aritmo-logia, aritmomancia, aritmômetro...

Ninguém se lembraria de dizer logarimo, em vez de logaritmo. Forma-se êsse vocábulo de *logos*, conta, proporção, e *arimos*, número". Digamos, pois, aritmética, se quisermos ser mais coerentes e mais corretos!...

SERZIR, CERZIR, CIRZIR

O Prof. Francisco Fernandes, no seu «Dicionário de Verbos e Regimes», registra as três formas. A melhor delas, entretanto, deve ser serzir, com s, de *sarcire*. As duas outras, por sua vez, têm por si a autoridade de escritores de alto coturno.

Cerzir, com c, por exemplo, está na escrita de Herculano e de Rui Barbosa. Cirzir, na de Machado de Assis e na

do próprio Herculano, que tinha, também, suas variações ortográficas, coisa que, aliás, era muito comum, nos clássicos da Língua Portuguesa.

PANÚRGIO OU PANURGO

Qualquer das duas maneiras de dizer é correta. Panurgo se aproxima do francês *Panurge* e foi usada por Figueiredo, em «Estrangeirismos», vol. I, pag. 35. Rui deu preferência a Panúrgio, quando, neste lance dos «Discursos e Conferências», diz: «Daí, em suma, êste gabinete Panúrgio, sem o espirito do heroi pantagruelino, mas com o carrilhão de Rabelais a bimbalar-lhe na cabeça o sim abolicionista de Joaquim Nabuco e o não conservador do Sr. Andrade Filgueira».

Carneiro Ribeiro diz vir a palavra do grego, com a significação de «bom para fazer tudo». E acrescenta: «Uma das personagens do livro de Rabelais. Diz-se, figuradamente, de um agente hábil, delicado, falador insigne e que tudo faz jeitosamente. Rebanho ou carneiros de Panurgo designam-se aquêles que imitam o que vêem fazer, sem medir a grandeza do perigo a que se expõem». E êles são tantos!...

JARDIM DA INFÂNCIA OU JARDIM DE INFÂNCIA?

Jardim de infância - D. Jacin Nunes.

Ambas as formas são usadas por autoridades do melhor conceito. Jardim de infância, seria, ao que parece, a forma mais correta, pelo sentido de indeterminação que encerra dentro da finalidade da bela instituição criada pelo imortal Froebel. Deveria dizer-se, nesse caso, dessa maneira, como se diz abrigo de menores, casa de crianças... Entretanto, tem-se jardim da infância, no «Dicionário Universal» de Educação e Ensino, em A. M. Aguayo, Antônio d'Avila, Luciano Lopes, Silvio Rabêlo, Mário Ramos e Carneiro Ribeiro; e, jardim de infância, em Teobaldo Miranda Santos, Júlio Nogueira e outros. O certo, porém, é que a forma jardim da infância, que tem por si a preferência dêsse otimates da educação, já vai cedendo lugar à forma jardim de infância. Por enquanto, de uma ou de outra forma, pode-se utilizar, sem mêdo de ofender os manes de Rui Barbosa...

CAMÕES, UM CASTIGO

NILO PEREIRA

Leio na "Revista de Cultura" que Laurênio Lima se rebela contra a deturpação que se faz de Camões, impingindo-o aos alunos como um castigo; ou simplesmente dando o seu maravilhoso poema como uma espécie de charada, onde o espirito atormentado do estudante tem de achar a famosa oração principal.

Conheci um professor de Português cuja maior distração era justamente essa: deixar que o aluno se metesse pela floresta camoneana á procura da oração principal, que, não raro, nem ao menos estava na estrofe analisada. E lá se ia o neófito, através da espessura clássica, parecendo mais um pescador iniciante em pleno mar á cata de um peixe precioso, avaramente escondido no seu segredo e no seu mistério. A viagem era sempre infecunda. Quando muito beliscava o anzol inexperiente alguma coisa que devia ser o peixe encantado; mas, ainda não era a oração principal, e o professor sorria maliciosamente de ver uma inteligência perdida na imensidão oceânica do poeta. Então, como um velho e seguro escafandrista, o professor mostrava o segredo. Viamos que tudo estava mais ou menos á altura de nossas mãos e, no entanto, a dificuldade era atroz.

Camões, tratado assim tão rudemente, era um espantaflo. As estrofes maravilhosas formavam um enigma; e ninguém as achava senão insípidas e medonhas, porque ocultavam como um tesouro as coisas mais torturantes, mais desesperadoras, mais insondáveis.

Mas, há ainda u'a maneira requintadamente bárbara de tratar o grande poeta: é dar o seu livro a copiar aos estudantes displicentes ou mal comportados. Parece incrível que semelhante atrocidade seja praticada com um homem que elevou mais alto do que ninguém, na língua portuguesa, os sentimentos mais líricos, mais afetivos, mais humanos. Depois disso, é impossível amar o poeta que foi imposto como um castigo. Um poeta de quem o aluno, na sua humilhação e na sua revolta, teve de repetir, sob a opressão mais ignara, cantos inteiros. Muita gente — quanta gente! — passados os anos, fica sem saber se o poeta que servia de castigo era mesmo aquêlê que a cultura e a sensibilidade descobriram com o tempo. A floresta era densa e negra; mas, quanta beleza, quanta grandeza!

É nm crime o que se faz com o poema camoneano, anu-

Alguns aspectos da educação nos Estados Unidos

ALVAMAR FURTADO DE MENDONÇA

II

Ha dias, o cinema nos mostrou um fato curioso que serve para denotar o interesse comovente que os americanos dedicam as crianças. Um «jeep» cheio de americanos se depa-rou com uma criancinha chinesa abandonada, marchando a esmo numa estrada qualquer da China, fugindo, provavelmente, das hordas invasoras japonesas. Os americanos pararam o «jeep», desceram e persuadiram o garotinho desamparado a acompanhá-los, levaram-no para o quartel e adotaram-no como uma espécie de «mascote». As cenas eram reais, foram filmadas pelo Corpo de Sinais do Exército Americano.

Aliás, isso não se apresenta como novidade. Froebel já reconhecia nos meados do século passado, que os jardins de

lando no espírito em formação o que êle representa como alta e inconfundível expressão da sensibilidade humana. Ninguém explica o poema; ninguém o dá a conhecer; ninguém mostra o que êle realmente é como força emocional e criadora, como totalidade de sentimentos perenes que haverá sempre onde estiver o homem e onde o homem não houver resvalado no abismo de sua própria negação.

Não seria nada demais que, nos cursos científicos ou nas escolas Superiores, fôsse criada uma cadeira destinada á exegese de Camões, como se faz na Itália em relação a Dante. O mundo, que é a «Divina Comedia», não é menor do que êsse universo humano contido no poema camoneano. Tudo está n'«Os Lusíadas». Tudo. O tempo que decorre na obra magnífica toca a eternidade: é a poesia fixando a humanidade pelo milagre bíblico de sua renovação.

Ainda não se fez no Brasil uma reacção bastante enérgica contra a desfiguração do poeta por professores que o entregam ao aluno como um mestre do castigo, quando é um mestre da Beleza e da Vida. Êsse crime vem de longe. Já libertamos a Pedagogia da palmatória e das cafúas. Resta livrá-la dos pedagogos sinistros e obsoletos que fazem de Camões um instrumento de torturas, quando é um criador de emoções eternas, até onde o homem, na sua fragilidade, sente que é maior do que o tempo e menos efêmero do que a própria vida.

infância se desenvolveriam melhor na América. O prussianismo, por essa época, já começava a influir na Alemanha, e não concordava com essa instituição infantil que ensinava as crianças a terem personalidade. Tanto era assim, que logo após a morte de Froebel, fecharam os jardins de infância da Prússia. A sorte é que os refugiados da revolução alemã que fracassou, em 1848, emigraram para o Novo Mundo, trazendo consigo o jardim de infância que se adaptou perfeitamente aos ideais americanos. Apenas, as ideias primitivas de Froebel, que as grandes verdades deveriam ser reveladas as crianças por meio de jogos, foram modificadas por John Dewey, sugerindo que essas grandes verdades deviam surgir por experiências reais e pessoais. Nada de símbolos. As crianças americanas passaram então a ser encaminhadas aos jogos e brinquedos em que podiam desempenhar maior atividade, e de acôrdo com sua idade. Era uma maneira mais livre de encaminhar as crianças para as grandes verdades sem necessidade de símbolos. Brinquedos e jogos que despertassem nas crianças da América um sentido direto da vida.

Dessa forma, mais de 600.000 crianças, hoje em dia, nos primeiros anos de existência, começam a se preparar para viverem felizes dentro da comunidade americana.

• • •

Há nos Estados Unidos, como em toda parte, os três graus de ensino: primário, secundário e superior. O primário e secundário são o ensino comum a todos os americanos. Gratuito. Sem esquecer o ensino profissional que se desenvolveu extraordinariamente com a Lei Smith-Hughes, de 1917. Geralmente, o ensino comum tem a duração de 12 anos, compreendendo o primário e o secundário.

Foi ainda a influência do grande educador norte-americano John Dewey que salvou os estudantes primários americanos dos programas estúpidos e rígidos. A personalidade da criança antes de tudo: suas inclinações, meios de despertar nelas o sentimento de solidariedade humana e resolver com segurança os seus próprios problemas. Quando um trabalho escolar interessar o garoto, êle dedicará todo o seu esforço e entusiasmo, quando não, paciência! não adianta qualquer coação. A criança escolhe sua atividade orientada pelo professor e depois considera o significado e o valor do seu trabalho. É a preparação para vida real (real living). Além dos três elementos rudimentares da cultura — a leitura, a escrita e o cálculo, a escola primária prepara a criança para uma vida saudável, feliz no lar e a orienta cuidadosamente para a cidadania e para a sua própria segurança pessoal. Há o cuidado de

despertar na infância o sentimento de fraternidade. O professor Charles Stewart, do «Office of Education», quando de sua passagem por Natal, disse-me que a grande preocupação da escola americana é o recreio, onde as crianças possam brincar juntas, conversarem sôbre os pequenos problemas da infância, e sentirem a necessidade da cooperação mútua na vida social.

Há uma tendência predominante para adotar o plano 6-6, com a sua variante 6-3-3; isto é, seis anos de curso primário e seis de curso secundário. No secundário, três anos de «Junior High School» é três de «Senior High School». Sucede que em alguns Estados predomina a «Undivided High School», secundário único. Não ha no curso secundário um padrão rígido, invariável. Aí é onde está a grande diferença do ensino americano para os outros países.

Os programas se adaptam ao estudante e não o estudante aos programas. Há as matérias compulsórias e há outras eletivas. Essa flexibilidade se adapta às aspirações, tendências e propósitos de estudante. O ensino secundário não tem como finalidade empurrar de qualquer maneira o estudante para a Universidade. É antes uma fase de verificação de aptidões para o imenso e variado campo da atividade humana. Não é esquecido, também, o interêsse de adaptar o adolescente ao ambiente social e desenvolver uma boa formação ao caráter, para isso há os debates, representações teatrais, clubes literários, de atletismo, de jornalismo etc., etc. Essas atividades compreendem estudos extra-curriculares. Um dos propósitos principais é a orientação vocacional. Essa mentalidade paterna de ter filho «doutor» não existe. Se a escola descobre vocação no garoto para a mecânica não é possível fazê-lo médico. A saúde do povo americano é muito preciosa para entregá-la a profissionais desajustados e incapazes. A valorização do trabalho é um fato indiscutível, não há trabalho mais digno nem menos digno. Todos concorrem para o progresso da sociedade democrática.

Agora, chegou a vez da educação superior. «Colleges», cursos das escolas técnicas superiores e as Universidades. «Junior College» (dois anos) e em alguns casos o «Senior College». Preparação para os diversos cursos de medicina, direito, engenharia, agricultura, odontologia e outros cursos profissionais.

O que há de mais pitoresco é o ensino universitário americano. A Universidade é o maior desmentido a ideia superli-

cial de que a civilização americana é apegada às coisas materiais da vida. Quando o reverendo John Havard doou 240 volumes à sua Universidade, deu sem o querer um valor simbólico do que seria o futuro das universidades na formação da cultura americana. Os educadores pensam acertadamente que o coração de uma Universidade é a sua biblioteca. Geralmente, a feição que o cinema nos mostra da Universidade é o seu lado romântico e esportivo, o que não deixa de ser um dos aspectos que mais atraem nessas instituições de ensino superior dos Estados Unidos. A prática de esportes nas Universidades dá ao estudante o aspecto físico vigoroso e desenvolve nele qualidades excepcionais como as de lidar com toda sorte de pessoas, desenvolver o sentimento de cooperação, o que fica bem à mostra no «rugby», e ensina-o a saber controlar-se em situações difíceis. Mas, não esquecem, de maneira nenhuma, o lado cultural.

A Universidade tem o seu característico dominante no «campus», onde a mocidade americana se sente livre, nas suas indumentárias simples, coloridas. Há tradições, sem nenhum prejuízo para as concepções de progresso. Quasi que não ha nas Universidades um tradicionalismo reacionário. Nada pode competir com o sistema universitário americano na vanguarda da evolução educacional.

As Universidades de Havard, Yale, Princeton, Pennsylvânia, Columbia, Brown e Dartmout, são anteriores à Independência do País. Depois, com a doação de terras para os fundos escolares, desenvolveu-se muito o ensino Superior. Os patrimônios aumentaram consideravelmente com as doações de ex-alunos, sem esquecer as contribuições religiosas que também concorreram para formá-los. A frequência obrigatória e a convivência no «campus» criaram um espírito de solidariedade universitária que não morre nunca. O graduado não esquece mais as canções de sua Universidade, e, não raro, quando morrem, deixam para ela uma parte dos seus bens. Patrimônios enormes permitem uma independência completa dessas Universidades. Até mesmo as estaduais respeitam a liberdade de cátedra.

Dessas instituições superiores sai o desenvolvimento cultural dos Estados Unidos. Gilberto Freyre nos fala da notável transformação que o espírito americano sentiu, principalmente, a partir de 1920. A mocidade divergindo fortemente dos valores políticos e morais do tempo.

A Universidade de Stanford criticanco abertamente a política econômica do Presidente Hoover, embora fôsse este filho querido da Universidade, e o seu Ministro do Interior, seu presidente. As gerações mais novas tinham progredido demais,

MEMENTO

Harold G. Hoffman, reitor da Universidade de Wisconsin, pede a todos os seus alunos, no início de cada novo ano lectivo, que registem na primeira folha dos seus cadernos, os seguintes doze pontos:

- O valor do tempo
- O êxito da perseverança
- O prazer do trabalho
- A dignidade da simplicidade
- O prestígio do carácter
- O poder da gentileza

- A influência do exemplo
- O cumprimento do dever
- A virtude da economia
- A alegria de criar
- A riqueza da paciência
- O culto do talento

O Professor Hoffman considera estes 12 pontos como verdadeiros pilares duma juventude útil, pelo exemplo e pelo estudo, à comunidade a que pertence...

havia como diz o sociológico brasileiro, uma distância de filho para pai, como se fosse distancia de netos ou bisnetos. A evolução foi enorme e separou consideravelmente as gerações.

Outro grande movimento da cultura americana surgiu com a luta pela liberdade de critica. O professor Henry Mencken, anti-acadêmico desadorado, concorreu para isso livrando a mocidade e a cultura americana dos preconceitos estúpidos. Bernard Shaw disse certa vez que os povos anglo-saxões não vacilavam em se arriscar a quebrarem o pescoço numa corrida de cavalo ou num vôo sensacional de avião, entretanto, temiam perder a paz de espirito duvidando de uma verdade tradicional. Havia, por exemplo, uma maneira falsa de encarar os homens e os fatos da história americana. Se digo mal falsa, devo dizer forçada. Existia até então essa preocupação de transformar os heróis americanos em figuras empalhadas, quando não havia necessidade disso. Eles possuíram um conteúdo humano e moral na vida, que os evidenciam ainda hoje de tal forma que não se torna necessário deshumanizá-los para transformá-los em ídolos da nação.

É ainda Gilberto Freyre quem conta o fato de Paul Haffer que em 1916, por ter dito que George Washington gostava de vinho e olhava com simpatia para as empregadinhas da vizinhança, foi condenado a 4 meses de prisão.

O movimento pela liberdade da critica, da apreciação da história e dos seus personagens foi liderado por esse professor universitário ilustre, Henry Mencken. Nós sabemos muito bem que a reserva moral das figuras evidentes da História dessa Nação, permite um estudo sincero e objetivo, mesmo sem esquecer as suas simples condições humanas.

DISCURSO pronunciado pela Professora Maria do Nascimento Trigueiro Costa, no dia 3 de maio de 1949, por ocasião da festa de aposição do retrato do Prof. Severino Bezerra, no salão da diretoria do G. E. « José Rufino », da cidade de Angicos.

M. D. Sr. representante do Professor Severino Bezerra;
D. D. Autoridades;
Caríssimas professoras;
Prezados educandos;
Meus senhores;
Minhas senhoras e demais presentes:

Aproveitando a data festiva de hoje, 3 de maio, o corpo docente e discente dêste grupo Escolar, vem prestar, ao Professor Severino Bezerra de Melo, que, por motivo superior, não pôde estar aqui presente, sendo nesta hora representado pelo Juiz de Direito desta Comarca, Dr. Francisco Leite de Carvalho, esta justa e sincera homenagem, com a aposição do seu retrato, neste salão festivo.

É preciso, pois, que, neste momento, se proclamem bem alto as suas virtudes, os seus serviços, a sua obra de benevolência, inspirados pelo feitio de um caráter leal e boníssimo.

Com o possuir o seu retrato, nós nos orgulhamos muitíssimo, pois, ele ficará aqui como um exemplo imorredouro para todos nós. É bem certo que esta manifestação modesta como é, não corresponde á grandeza de tantos benefícios; mas, na sua significação, ela traduz a estima e a gratidão que, na alma de todos nós, vibra, principalmente a nós professoras que vivemos afastadas do convívio das grandes cidades, cumprindo o compromisso profissional de instruir e educar.

Com sinceridade, digo: Desde que deixei os bancos da E. Normal de Natal, empunhando um diploma, entrei para o interior do Estado, a-fim-de exercer o mandato que o Poder Público me confiou, posso dizer, de consciência tranquila, tenho cumprido, fielmente, aquêlê solene juramento, do qual procurarei ser sempre digna, jamais transgredindo-o. Nêste modesto e feliz município do R. G. do Norte, venho exercendo, ha 15 anos, as funções de professora e diretora dêste educandário, cabendo-me coordenar e colaborar com as colegas para o melhor desempenho da nossa árdua tarefa.

Não tem faltado a boa vontade e inteligência das colegas e assim vivemos em contacto com essa gente de tão grandes virtudes, sentindo o seu interêsse e admiração pela causa do ensino.

Afecções dentárias e sua repercussão no organismo

DR. ALOYSIO GOIS BARROS

(Cirurgião-Dentista da E. F. C. R. G. N., do Hospital de Aicnados e da "Associação de Professores").

O sistema dentário não pode ser considerado como independente do resto do organismo, pois sua fisiologia e patologia têm laços íntimos com os demais sistemas orgânicos.

Com uma matricula atualmente de 166 alunos e uma frequência de 140 a 150 alunos, vem êste estabelecimento escolar, disseminando a instrução, nesta cidade, creio que, de maneira satisfatória.

O Governo do Estado, entregue, nesta boa hora, ao eminente riograndense do Norte, o Exmo. Snr. Dr. José Augusto Varela, não tem poupado esforços no limite de suas possibilidades econômicas e financeiras, no sentido de ampliar e melhorar a situação da Instrução Pública.

Não nos tem faltado todo amparo e apóio moral e material do nosso Diretor de Educação.

A Instrução Pública do Estado está sendo conduzida dentro do conceito de que é digna, cada vez mais melhorados os seus métodos de ensino. Com satisfação constatamos que vivemos numa época em que a instrução passou a ser uma aspiração natural e instintiva de todos (governantes e governados) e marcha franca e desembaraçadamente como uma necessidade que realmente se impõe ao progresso civilizador de uma grande nação.

Sentem orgulho com isto os que neste querido torrão brasileiro exercem o sagrado magistério, trocando o melhor de suas energias pela grande obra da educação e, assim, com fé em Deus e confiança nos grandes homens de governo que nos dirigem e orientam, atualmente, continuaremos a trabalhar com o mesmo interêsse, certas de que, os nossos esforços e sacrificios de hoje, farão, amanhã, a glória dessa nova geração que aí está-se formando sob influxos mais sólidos dos mais modernos métodos de civilização e de cultura.

Portanto, esta simples homenagem de hoje é uma demonstração do nosso apreço, da nossa dedicação, do nosso espirito. E a justiça do mérito. É o penhor de nosso elevado reconhecimento a quem tanto se esforça pela grandeza educacional da nossa gloriosa terra que, no setor pedagógico, marcha na vanguarda dos grandes Estados do Brasil.

Disse.

Dai recomendar-se, hoje, uma estreita colaboração entre o clínico geral e o estomatologista, com o fim de assinalar e criar barreiras aos danos causados pelas doenças que frequentemente nos são reveladas por lesões precoces do sistema dentário.

Uma das teorias atualmente mais difundidas é a da « ORAL SEPSIS », particularmente defendida pelos autores americanos, que viram, no sistema dentário, um ponto de partida de numerosas afecções gerais, tais como nefrites, endocardites, miosites, reumatismo articular, cistite etc. que deviam sua origem a focos sépticos dentários e paridentários.

A êste propósito muito se exagerou, sobretudo, na América do Norte, onde as avulsões dentárias, para cura de afecções articulares ou processos mórbidos gerais, foram postos, na ordem do dia, embora, em muitos casos, sem uma indicação segura. Todavia é fora de dúvida que o sistema dentário pôde ser o ponto de partida de infecções gerais, ainda que em proporção muito menor do que qualquer outra parte da cavidade bucal, como por exemplo as amídalas; donde a oportunidade de uma acurada vigilância dos eventuais focos inflamatórios dentários. É mais comum os dentes sofrerem repercussões das doenças infectuosas gerais, tornando-se sede de localização da infecção. São casos frequentes descritos por vários autores, as afecções maxilares e dentárias, no evolver do tifo, paratifo, erisipela, variola e influenza. Nestas condições são comuns as necroses da polpa dentária.

Tais necroses podem ser devidas a lesões cardíacas, ou a doenças endócrinas, especialmente da tiroide e do ovário assim como as doenças da nutrição e as de carência, que são também, por sua vez, causas de desequilíbrios circulatórios do dente.

De um modo especial, as doenças dos dentes podem estar em relação com afecções auriculares. A otalgia nervosa dentaria é um exemplo típico, caracterizada pela aparição de dores, que não têm nenhuma causa orgânica, no aparelho auditivo, e é devida a alterações dos dentes, especialmente á pulpíte e ao aparecimento do dente de siso.

As afecções oculares de natureza inflamatória ou infecciosa e mesmo de origem reflexa estão todavia em relação com lesões dentárias. Assim temos: edema da pálpebra inferior, conjuntivite eczematosa, queratite, que são frequentemente originadas por elementos infecciosos, partidos de uma periodontite granulomatosa ou uma fistula dentária, periostite orbitária, irite, iridociclite e trombose da veia oftálmica. Não raro tais afecções curam-se com a simples extração do doente.

Também são comuns as doenças oculares de origem reflexa. Como exemplo citaremos: nevralgias, distúrbios da acomodação, blefarospasmo, fotofobia, lacrimejamento e finalmente o glaucoma que podem estar em relação com lesões dos dentes. O mesmo se dá com afecções nasais: catarro nasal, sinusites etc.

Têm-se observado, com frequência, dermatites que correm por conta de alterações dentárias, especialmente nas crianças durante a primeira dentição. Exemplificando, temos: herpes zoster, herpes comuns, eczemas etc.

Existem relações íntimas entre o sistema dentário e o sistema nervoso; a mais frequente das afecções nervosas consecutivas a alterações dentárias é a nevralgia do trigêmeo, localizada em um dos três ramos, oftálmico, maxilar e mandibular, ou difusa em todo o território trigêmico.

As perturbações do sistema dentário, no aparelho digestivo, podem dar origem ás gastrites agudas, hipercloridrias e á diabete.

O sistema dentário ainda pode ser a sede de doenças profissionais, a exemplo dos operários que trabalham com enxofre, arsênico, antimônio e chumbo.

Como exemplo das afecções de origem luética, temos: periostite, osteíte maxilar circunscrita ou difusa e nevralgia do trigêmeo.

Lembraremos a grande frequência de algias dentárias, durante a gravidez, e a facilidade com que, nesse período, se manifesta a cárie dentária. Tais lesões são hoje postas em conexão com o empobrecimento orgânico em vitaminas e relacionam-se com a importante questão da gênese da cárie dentária.

Entre as várias teorias propostas para explicar a gênese desta afecção, a mais adotada hoje é a trofo-microbiana, segundo a qual o fator que provoca a cárie dentária consiste em um defeito da estrutura do dente, devida a uma carência vitamínica sofrida durante o período do seu desenvolvimento. Perna e Fasolli obtiveram defeitos de estrutura dentária, fazendo uma dieta avitaminica em cobaias.

Está perfeitamente comprovado, hoje em dia, que a falta de vitamina antirraquítica determina um desequilíbrio que tanto atinge a calcificação dos dentes, como a do esqueleto.

Um dos mais fervorosos propugnadores da teoria avitaminica é Mellamby, que sustenta que o tratamento desta afecção é sobretudo profilático e consiste em uma administração em larga escala de vitaminas á nutriz e ao lactante, porque as falhas estruturais dos dentes reparam-se na vida intra-uterina e nos primeiros dias de vida.

A ESCOLA NORMAL DE MOSSORÓ

R. NONATO

Já não é de hoje, a campanha pela construção de um edifício para a Escola Normal de Mossoró.

Quando esse homem de governo, cheio de boa vontade e animado de grandes iniciativas, que foi Antônio José de Mélo e Sousa, empenhou-se no propósito de dotar o sertão com maiores possibilidades para o desenvolvimento da instrução e do ensino, criando em plena zona do interior, um estabelecimento com orientação técnica, para formação de professores primários, não foram poucos os obstáculos apontados, e contra as quais teve de lutar, para levar a térmo seu louvável intento.

Dêsses impecilhos, um dos mais sérios, então apontados, pelo que se tornaram opositores do projeto, era conforme se dizia, o da deficiência da preparação dos novos mestres, de vez que, no interior dificilmente se poderia conseguir a seleção de um corpo docente capaz de ministrar aos futuros preceptores, as bases do conhecimento indispensável para o desempenho de função da responsabilidade do magistério.

Esquecidos do problema das batatas, os eternos discípulos de Pangloss não se cansavam de incentivar um ingrato trabalho de derrotismo, afirmando, aqui e ali: essa Escola do Dr. Sousa (a quem as escondidas chamavam de teimoso e miope) vai ter caveira de burro, e os seus diplomas se por ventura aparecerem, não passarão de «fósforos».

O Governo Sousa não mudou de rumo, Teimou. Resistiu às insinuações. Fez pé atrás às opiniões que lhe pareciam ôcas, e criou a Escola do Oeste.

Hoje, tantos anos passados, com trinta (moça velha, portanto), a Escola Normal de Mossoró continua metendo «Os canudos» nas mãos dos seus «fósforos»... enquanto muitos «sóis» ficaram esquecidos de brilhar.



O Governo, porém, não teve oportunidade de lhe dar instalação própria.

Assim, aprestadas as reformas, as modificações de emergência, o velho e feio casarão da Praça do Moinho, ia servir de sede à Escola, Normal de Mossoró, ao que se pensava, então, de forma temporária.

Aquêle edifício, tem, contudo, a sua história. Ali, fôra construído, em plena mata, durante o período das grandes sêcas,

NOTAS & FATOS

O «Natalense» foi o primeiro jornal que circulou, no Rio G. do Norte. Fundado pelo Padre Francisco de Brito Guerra, senador do Império «e um dos filhos da Província que mais serviços prestaram-lhe na primeira fase de sua organização política», êsse jornal durou cinco anos, tendo sido os seus primeiros números impressos no Maranhão, no Ceará e em Pernambuco. No dia 2 de setembro de 1832 é que «pas-

para abrigo dos bexigosos de 77, que morriam á mingua caídos pelas ruas ou á sombra de alguma árvore que teimava em resistir á catástrofe.

Em 1900, o Colégio «7 de Setembro», do prof. Antonio Gomes de Arruda Barreto, de Brejo do. Cruz, viera emprestar-lhe nova vida. Mais tarde, em 1912, foi transformado em Grupo Escolar, e, seguidamente, em 1922, emprestado para a Escola Normal.

Em resumo, um bonito passado, uma vida, realmente, útil, talvez até brilhante, para uma casa de modestas pretensões.

Dai para cá, as coisas mudaram muito.

A população escolar foi aumentando, e com ela, as necessidades do ensino foram crescendo de ano para ano. As matriculas, em consequencia, foram se multiplicando e os cursos tiveram de ocupar todas as salas disponiveis, enquanto os «excedentes» ficam sempre esperando, entre a compressão dos horarios e os limites das carteiras, que venham um desdobramento, mais uma aula, uma nova classe.

Por outro lado, o velho pardieiro, com tantos anos de bons serviços, aguarda que se lhe assegure o direito do descanso, auferido, com aposentadoria que lhe deu o Interventor Georgino Avelino, naquela manhã cheia de sol, em que foi lançada a pedra fundamental do novo prédio.

Destarte, a construção do edificio da Escola Normal de Mossoró, ora nos planos do Governo do Estado, representa uma obra de elevada significação para o desenvolvimento do ensino, no Rio Grande do Norte, atendendo, não só, aos mais justos apêlos da coletividade, mas sobretudo, aos anseios da mocidade estudantina da Terra de Almeida Castro e dos sertões da Zona Oeste, especialmente, que ali, passará a encontrar um meio mais vasto para a formação da sua cultura, e um grande centro de estímulo e de entusiasmo para as possibilidades da sua inteligência e do seu talento.

sou êle a ser impresso na Tipografia Natalense, montada, nesta Capital, para tal fim». «O «Natalense» tinha por divisa, estas palavras de Erasmo: *Admonere volumus, non mordere; prodesse, non toedere; consulere moribus hominum, non officere.* Quisemos admoestar, não afligir; aproveitar, não ofender; vigiar os costumes dos homens, não prejudicá-los.

Em 1861, circulou, em Natal, «O Professor», jornal fundado por Francisco Otilio e «cujo *desideratum* era analisar os escritos de «O Beija-Flor» e castigar, com bolos, os autores dos que estivessem errados...»

Ó tempora! Ó mores! Ó tempos! Ó costumes!

Diversas eram as togas usadas pelos romanos e dentre elas avultam as seguintes: a *toga pura*, de uso diário; a *toga palmata*, de púrpura; *toga pexa*, de pano muito grosso, usada durante o inverno; a *toga atra*, empregada como vestimenta de luto; a *toga picta*, ostentada pelos generais, na celebração dos triunfos alcançados; a *toga forensis*, envergada pelos magistrados; a *toga cándida*, recebida pelos candidatos aos cargos públicos e a *toga virilis*, tomada pelos rapazes, quando atingiam 17 anos de idade. Tinham essas togas ainda, o nome de *vestes talaris*.

Pelo Despacho de 25-2-1948, do Ministro da Educação, é considerado feriado escolar o dia 15 de outubro, Dia do Professor.

A lei nº 222, de 11-6-1948, do Estado do Ceará, eleva, para Cr\$ 15.000,00, a subvenção concedida ao Patronato Maria Imaculada, da cidade de Sobral.

A Portaria, de 16-6-1948, do Secretário de Educação e Cultura do Estado do Espírito Santo, transcreve instruções à inscrição no Curso Intensivo das Missões Pedagógicas Itinerantes.

Esteve, no Rio de Janeiro, em viagem de intercâmbio cultural, a professora Júlia Elena Palacios, catedrática de Direito Civil, da Universidade de Buenos Aires.

Aristarco, preceptor dos filhos de Ptolomeu Filomêtor,

no século 2º, antes de Cristo, nascido, em Samotrácia, foi, na antiguidade grega, um grande crítico e gramático que prestou os melhores serviços ás letras de seu tempo, principalmente no tocante ao trabalho paciente de reconstituição e corrigenda de vários textos dos poemas de Homero, Píndaro, Êsquilo, Sófocles e Aristófanes. Os seus «Escólios» (observações, comentários gramaticais e literários) foram encontrados, em Veneza, e publicados, no ano de 1788.

Dizem que, na Suíça, a principal condição para o desempenho de uma função pública é ter o candidato conhecimentos de francês, italiano e alemão...

As mulheres portuguesas acabam de obter o direito de voto, com a condição, porém, de serem maiores e possuírem diploma de ensino secundário e superior.

O poema «Caramurú», de autoria do Frei José de Santa Rita Durão, é considerado, por Sílvio Romero, o mais brasileiro dos nossos poemas. E Durão que nasceu, em Cata Preta, hoje Santa Rita Durão, em Minas Gerais, formado em Teologia, pela Univesidade de Coimbra, foi um dos principais fundadores da Literatura Nacional.

O Deputado federal, Sr. Vivaldo Lima, representante do Estado do Amazonas, possui somente quatro titulos: Bacharel, Médico, Farmacêutico e Odontólogo, sendo que, antes de ser eleito Pai da Pátria, exercia, de forma efetiva, a advocacia e a medicina, ao mesmo tempo...

O Estado do Ceará libertou os seus cativos, no dia 25 de março de 1884, tendo sido uma cidade do interior, Acarape, hoje Redenção, quem deu o primeiro grito de liberdade, em todo o Brasil. José do Patrocínio, por êsse alto e nobre motivo, chamou o referido Estado de Terra da Luz.

O livro de maior efeito, no mundo depois da Biblia, foi a Enciclopédia de d'Alambert, geômetra e membro da Academia Francesa, que o fez com Voltaire e Diderot.

Kiss me not é uma expressão inglesa que significa: «não

«beijado, condizido por soldado me beije» e é usada, nos Estados Unidos, nos babadouros e golinhas das crianças.

arrado, um pau, sendo repellido na m.

No dia 21 de janeiro de 1857, faleceu em Natal, d. Ritinha Coelho «que passou à História pelo gesto de caridade que teve para com o cadáver de André de Albuquerque, envolvendo-o, numa esteira, quando passava, para a Fortaleza dos Reis Magos, amarrado a uns paus. — — — ?

Aristóteles, o maior filósofo da Humanidade, nasceu em Estagira, na Trácia, 384 anos antes de Cristo. Estudou com Platão, no célebre Jardim de Academus, chegando mesmo a tornar-se, mais tarde, rival de seu Mestre, fato semelhante ao que se verificou, no Brasil, entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro!

Foi seu discípulo, Alexandre da Macedônia, filho de Felipe II, quando aquêle conquistador notável de povos e de nações contava de 9 a 13 anos de idade. Perseguido pelos seus inimigos e acusado de ímpio, exilou-se, em Calcis, na ilha de Eubéia, onde faleceu, com 61 anos.

A bacia amazônica é a maior do globo, em extensão, ocupando cerca de sete milhões de Km² e abrange terras do Brasil, Perú, Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela. No Brasil, possuem rios da referida bacia os Estados do Amazonas, Pará, Mato-Grosso, Goiás, Maranhão e os Territórios de Guaporé, Acre, Rio Branco e Amapá.

O Padre Diogo Antônio Feijó, enjeitado, batizado como «filho de pais incógnitos», uma das mais fortes personalidades do Brasil, terminou os seus dias de vida, numa cadeira de todas, pobre e isolado...

No auge de suas atividades políticas, tornou-se, pelo seu temperamento de ferro, um homem terrível! E por isso Osvaldo Orico cognominou-o «Demônio da Regência».

Bateu-se contra o celibato clerical, sendo reprovado, pela igreja, que via, nele, uma «ovelha rebelde»...

A propósito desse sacerdote que, segundo Vitor de Azevedo, «em filosofia avançava até Kant, acompanhando as conquistas da sociologia e do direito público», escreve Otávio Tarquinio de Sousa: O Padre que buscava a perfeição espiritual nos exercícios do cenóbio do Patrocínio, foi tentado, e caiu em tentação. Não na da carne, não na cobiça dos bens mate-

(DISCURSO proferido pelo professor João de Deus Bessa, no dia 2 de Fevereiro, de 1949, por ocasião da inauguração do novo prédio do Grupo Escolar «Tte. Cel. José Correia», da cidade de Assú).

É com indisível satisfação que me encontro, neste Grupo Escolar, convivendo e partilhando da mesma felicidade que vai na alma dos seus professores e alunos, família muito querida, da qual fiz parte, durante seis anos, os melhores de minha carreira, no magistério. Recebi do meu ilustre colega, professor Lídio Freire, honroso convite para esta festa e aqui estou. Todavia, como disse ao digno Diretor do Grupo, para aqui estar, outro, e não eu, poderia esperar convite... Considerava um dever cívico e de amor á causa do ensino, assistir á festa de inauguração da nova sede do vosso Grupo Escolar, do meu Grupo Escolar! Desta nova casa, de cuja área assistí a demarcação pelos dois compadres Eduardos, numa tarde clara e linda, como claras e lindas são tôdas as tardes assuenses...

Meus senhores!—Desde épocas bem longínquas, o homem preparava-se para os embates da vida. Empregava, porém, os meios mais rudimentares e distantes do fim que se poderia desejar, isto é, a educação, o aprendizado. Ora o homem se preocupava tão somente com o seu próprio interêsse, educava-se para sí, aprendia um ofício, e estava educado. Depois, sabendo-se parte ativa da vida ambiente, o homem preparava-se para fazer o engrandecimento da terra, para a política. Na idade média, dominava a educação religiosa. Povos existiram que adotavam a educação física, exclusivamente. Outros se dedicavam ás artes, desprezando ciências e letras, tudo o

riais: na tentação da política». Foi Regente, Senador do Império, Ministro e Professor.

Até bem pouco tempo, era de 92 o número de Escolas Normais, no Estado de São Paulo. Dentre essas, Fernando Costa construiu 32; Júlio Prestes, 24; Macedo Soares, 10 e Aedmar de Barros, 11.

O jornalista Austregésilo de Ataíde, em um de seus luminosos artigos, diz que, nos Estados Unidos, «a Constituição, ou pelo menos, os seus artigos, mais importantes, são temas de leituras e explicações nas escolas primárias».

que não fôsse a formação de um artista, mesmo analfabeto...

Hoje, novos horizontes se descortinam, o homem se forma para ser bom e útil na terra, para ser feliz, para ser perfeito. Entretanto, nos séculos que já vão bem longe, grandes homens existiram que tinham, no estudo, a razão de ser de sua vida, sábios que atestaram o poder da instrução, o valor da educação metódica, bem dirigida. É que em alguns países já existia a escola primária. A escola das primeiras letras, a escolar que é a força que impulsiona, que leva o homem ao cimo da montanha dos deuses mitológicos, de onde voltará feito gênio, gênio de cujas frentes via o poeta «partirem feixes de raios de sol»...

Galileu, Gutemberg, Pestalozzi, Pasteur, Edson e centenas de outros grandes benfeitores da humanidade, iniciaram a sua marcha vitoriosa ao transpor as portas de uma escola primária. Rio Branco, Nabuco, Osvaldo Cruz, Rui Barbosa, orgulho e glória da pátria brasileira, começaram, nos bancos de uma escola primária, a desvendar o espaço infinito dos conhecimentos. Foi a escola que produziu gênios desse quilate. Foi a escola que deu ao homem, pelos que por ela passaram, a vida útil e melhor que êle vive. É numa escola que nos encontramos. Um templo da instrução, uma oficina onde arderá, sempre, o fogo misterioso que ilumina cérebros, que transforma a escuridão eterna da ignorância em dias sem crepúsculos, em dias de eternos meio-dias! É uma escola que, exército poderoso do bem e do amor, mobiliza suas forças em moderno e conveniente campo de lutas e batalhas. É muito justo, pois, o orgulho que faz pulsar mais forte o coração do assuense que quer a sua grande terra sempre na vanguarda dos grandes cometimentos. E em meio ás nossas alegrias, não nos esquecamos de agradecer a Deus por nos ter dado tantos vultos de escol, em cujos corações jamais faltou a maior boa vontade de serem úteis, os grandes batalhadores do alevantamento moral, intelectual e material do nosso querido Rio Grande do Norte, como, por exemplo, o benemérito e eminente Dr. José Augusto Varela, nosso Governador, que vem, dia a dia, conquistando não apenas as simpatias gerais do povo norte-riograndense, mas também merecendo a gratidão sincera dos seus governados, já pelos inestimáveis benefícios feitos á terra, já pelas virtudes cívicas que lhe ornaram o caráter. O ilustre professor Severino Bezerra de Melo, D. D. Diretor Geral do Departamento de Educação, que vem, há quasi 40 anos, dando o melhor de sua inteligência fecunda e rara capacidade de trabalho, sempre ao serviço da grandeza intelectual do Rio Grande do Norte. Dr. Pedro Soares de Araújo Amorim, o nosso Patriarca Dr. Amorum, «a carnaubeira mais alta e mais

Alfabetizar é educar

MÁRIO PINTO SERVA

Já o grande pensador americano Emerson dizia que o homem é uma planta endógena, que cresce de dentro para fora. Porquanto essa expressão, endógeno, se diz de um elemento anatómico que nasce no interior do órgão que o gera. É o próprio individuo que se educa a si mes.mo. O educador não faz senão oferecer elementos para que o próprio individuo,

frondosa do Assú», no dizer do jornalista, conselheiro amigo enérgico e bom, que há meio século engrandece, pelo seu trabalho físico e intelectual, o glorioso e feliz berço de Ulisses Caldas. E Sinhazinha Vanderlei, a professora que honra, sob todos os títulos, o magistério nacional, que há mais de meio século forma cidadãos, para a pátria, a maior credora da gratidão do assuense alfabetizado. Manuelzinho Montenegro, a figura simpática e sempre moça, o prefeito mais teimoso e por isso mesmo, o mais realizador!... Sob a sua competente orientação, iniciou-se a construção dèste majestoso e imponente edifício e sob a orientação não menos competente de Edgard Montenegro, prefeito constitucional, desta feliz parcela do Rio Grande do Norte, vem de se concluir, para ser de ora em diante, assim como uma nota promissória, concretiza na pedra dos seus alicerces, da gratidão do assuense.

Escolares de Assú! Recebei os meus calorosos parabens com votos de que sejais, sempre, bons alunos, dignos de vossos mestres, alegria de vossos pais.

Colegas! Um sábio, de cujo nome não me recordo, disse: « Se eu tivesse um filho que quisesse ser professor, dar-lhe-ia a minha melhor bênção, como se êle partisse para uma batalha. Pois, na verdade, é eterna a guerra contra os preconceitos, a cobiça e a ignorância, e aquêles que se dedicam a ela, dão suas próprias vidas, para ver vencida, pelos menos em parte, essa gloriosa campanha ». Sois, portanto, caríssimos colegas, portadores dessa extraordinária responsabilidade. Sois os capitães dèsse exército que, por todos os recantos da Pátria, nas fronteiras ou no centro, indômito e presto, tem de um dia dominar e esmagar êsse mor.stro-Analfabetismo, que nos coloca em segundo plano, no conceito universal. « A escola primária é responsável pela segurança e independência da pátria; a escola é o primeiro reduto da defesa nacional », dizia Olavo Bilac.

Disse.

dentro de si mesmo, os elabore e assimile. E essa elaboração e assimilação interna ou íntima é feita pelo indivíduo, pela ação de cada um.

E também o próprio vocábulo « educação » já envolve essa significação. Educação, no próprio sentido etimológico já provém de dois vocábulos, « e » e « ducere », que vem a significar conduzir para fora. Portanto, mais precisamente educação quer dizer o desenvolvimento ou expressão dos órgãos físicos e mentais que compõem o indivíduo.

Na Grécia antiga, que foi o berço da civilização ocidental ou moderna, se tinha precisamente essa concepção, isto é, se fazia consistir a educação no plano e harmonioso desenvolvimento mental e físico do indivíduo.

Ora, alfabetizar consiste em fazer o indivíduo aprender as vinte e seis letras do alfabeto, naturalmente pelo seu ajuntamento em vocábulos e em sentenças que por si mesmas vão levando outros tantos pensamentos ao espírito dos alunos. O indivíduo iletrado está aprendendo também permanentemente, mas está aprendendo apenas o que alcança o seu horizonte visual ou o círculo estreito das pessoas com as quais convive. Mas apenas alfabetizado o indivíduo, ele já se põe em contacto com tudo quanto lhe cai sob os olhos em forma escrita, e assim êle pode vir a aprender toda a cultura humana.

A grande escola na vida é a própria natureza inteira que o indivíduo aprende com os olhos, enquanto os tem aberto, isto é desde que nasce ele vai provocar, ou queira ou não queira, a elaboração do cérebro.

O órgão cerebral do homem está sempre em atividade. Mas o do analfabeto só tem como alimentação a visão do seu estreito ambiente pessoal, ao passo que o cérebro do alfabetizado, com a imprensa, as publicações nos jornais e tudo mais, terá a cultura inteira da humanidade em toda sua existência milenar.

Os grandes genios são absolutamente autonomos na sua elaboração mental e tudo subordinam ao próprio critério. E também todas as criaturas humanas, sejam quais forem, oferecem essa mesma reação do seu coeficiente individual ao que quer que se lhe queira impor.

O que importa soberanamente é provocar essa elaboração autónoma do indivíduo para que êle não seja um escravo mental e livremente elabore o que lhe ditar o critério. Nos regimes totalitarios é que precisamente se impõe a todos os cidadãos o molde exato de raciocínio. E daí que todos êsses regimes totalitarios emasculam os homens e vêm perecer fatalmente pela falta de critica o que acarreta a perpetuação de

«PEDAGOGIUM»

JOÃO INÁCIO

(Professor do Curso de alfabetização de adultos, de Comboeiro, Assú).

Nímia gentileza dos dedicados professores que, em Natal, fazem «Pedagogium», pôs em as nossas mãos mais um numero (o 4º) desta magnífica revista.

E com a sofreguidão de quem, longe dos centros intelectuais, sofre a falta do alimento renovador do espirito, pus-me a lê-la, artigo após artigo, até a ultima página.

A soma de benefícios que «Pedagogium» traz aos professores, mormente aos do interior e as suas Escolas, só é comparável ao efeito do sol aparecido, no horizonte, a expandir luz através dos campos, distribuindo o tonus da vida a todos os sêres.

Ler «Pedagogium» é ter junto sí os colegas experientes

erros e despautérios que se complicam e derrotam por fim as instituições que não sabem se renovar nem evoluir.

«Instruir é construir». Eis o que sempre esquecemos em toda a história nacional deixando o nosso povo privado quasi completamente de recursos para evoluir pela denegação do alfabeto que a todos leva, por via da imprensa e tudo mais, os conhecimentos que nos podem vir de toda parte.

A perpetuação dêsse grave erro que não basta alfabetizar mas é preciso educar, nos paralisará toda a história nacional, como já a paralisou até o momento presente. Como o espanhol, o português, e os latino-americanos, somos o povo brasileiro um povo retardatario e á margem da civilização exatamente porque carregamos êsse peso morto do preconceito em virtude do qual se pensa que não basta alfabetizar mas é preciso educar. Ora não há nenhuma espécie de educação que se possa promover sem alfabetização. Nenhuma escada se sobe a não ser começando pelo primeiro degrau e a ascendendo em seguida degrau por degrau. Nenhuma montanha também se escala a não ser começando pela base. E essa base indispensável na educação é a alfabetização.

Todos os genios do passado humano apenas tiveram alfabetização, mesmo porque as escola modernas datam de alguns decênios. E todos os mesmos grandes pedagogos da hu-

e ouvir seus conselhos autorizados; é formar o espírito na idéa feliz de que o magistério é um sacerdócio e aumentar assim, a capacidade de trabalho em favor do mesmo; é crescer na confiança pessoal e candidatar-se a estima pública; é desfrutar a ventura sublime do dever cumprido e propor-se o professor ao reconhecimento da Pátria.

Porque esta revista traz consigo uma força estimulante, nova, amiga, para o professor, na sua árdua luta, e lhe inspira o entusiasmo e a dedicação ao serviço.

É «Pedagogium» o instrumento ideal, sempre necessário — razão do seu reaparecimento — para alimentar o que há muito tempo o professorado desejava: um intercâmbio capaz de o manter á altura de seu grande mistér.

Há nesse intercâmbio um prazer e uma recompensa.

O prazer de mais a miude confabular com os colegas ilustres; estreitar relações e estima e externar, quanto possível, idéias nesse meio sadio, simples e bem formado, sem pretensão e sem azedúmes: a classe do magistério.

A recompensa: ficar em dia com o desenvolvimento da arte ou ciência de ensinar, habilitando-se a se firmar, no futuro.

E não se fale, aqui, naquele espírito de classe, egoista, interesseiro, — qual profano promotor de reclamações coletivas e queijandos, — porque os professores, regra geral, são idealistas impenitentes, altruistas, por vocação, e não buscam só os seus próprios interesses.

Nos seus corações fala alto a formação da Pátria querida!

Vivem e se mantem felizes, entre as crianças; depressa esquecem suas próprias necessidades.

• • •

Parabens, pois, à Direção e Redação de «Pedagogium», pelo esforço que, em tão boa hora, estão dispendendo, em prol das letras didáticas do Rio G. do Norte.

manidade inteira foram auto-didactas, aprenderam por si e se desenvolveram por si.

Eis porque apenas alfabetizado todo o povo brasileiro, ele tudo mais aprenderá por si mesmo, porque então se estabeleceu espontânea e naturalmente, a leitura por todos, dos jornais e o mais; um formidável intercambio de idéias e conhecimentos.

Os próprios professores não fazem senão aprender, todo dia, estudando, lendo, raciocinando seus processos, inovando em todos os assuntos estimulando-se uns aos outros, mesmo pretendem superar todos os mais pelo seu aperfeiçoamento pessoal dando um passo sempre para a frente.

Imaginemos apenas todos os brasileiros, sem exceção alfabetizados, lendo jornais, trocando impressões adquirindo conhecimentos, abrindo o seu espirito, colaborando na vida nacional, cooperando diariamente nêsse intercâmbio formidável de novas idéias e novos conhecimentos. Todos os jornais são enciclopédias diárias de todos os conhecimentos e constituem a maior escola do mundo moderno. Aliás, em todas as escolas americanas, as mais altas, os professores hoje não fazem senão guiar os alunos na sua tarefa de tudo aprenderem e elaborarem por si mesmas. Nas escolas americanas o que se quer é desenvolver o coeficiente pessoal de cada aluno na tarefa de ele mesmo desenvolver a própria curiosidade e a própria iniciativa.

ELIAS SOUTO

LUIS DA CÂMARA CASCU DO

Elias Antônio Ferreira Souto nasceu a 25 de Janeiro de 1848, no Assú e faleceu na cidade do Natal, em 17 de Maio de 1906. Foi um professor primário que se fez jornalista e os fundou com a naturalidade de um ato fisiológico.

Onde ia vivendo, nos azares das transferências, fazia nascer um jornal. Fundou cerca de oito. E todos êsses jornais eram autônomos, divulgando prosa e verso mas especialmente livres para explicar erros e sugerir soluções na administração pública, fôsse qual fôsse, liberal, conservadora ou republicana.

Elias Souto foi o criador da imprensa diária no Rio Grande do Norte.

Houve antes do seu DIARIO DO NATAL um outro DIÁRIO que durou apenas meses. Elias manteve o DIARIO DO NATAL enquanto viveu e mais ainda. Pela velocidade adquirida o jornal rodou até 1913, vivo e sacudido.

Elias teve outra prioridade. Foi o nosso primeiro jornalista profissional. Primeiro e único porque depois dele os nossos jornalistas vivem de muitas e muitas outras cousas.

Com a economia iniciante e primitiva, vivemos habitualmente á custa do Estado. Nessas regiões somos todos funcionários publicos, federais, estaduais, municipais. Os criticos, analistas, sociólogos de café ou roda-de-amigos, são em alta percentagem apenas candidatos ao emprêgo público, candidato preterido ou adiado. Daí a contrariedade expressa em comentário técnico, disfarçando a razão primacial e direta.

Elias Souto não era funcionário público. Viveu da sua

pena, real e metaforicamente porque naquele tempo não havia máquina de escrever. Escreveu sempre, dia a dia, até, morrer, quebraram-lhe as oficinas do jornal, espatifando maquinário e escritório. Elias refez tudo e continuou no mesmo caminho.

Combateu a situação administrativa no Rio Grande do Norte, sem solução de continuidade. Combateu Pedro Velho, combateu Ferreira Chaves, combateu Tavares de Lira, combateu Alberto Maranhão.

Pobre, desajudado, quasi sem livros, autodidata, não temeu, não recuou, não desfaleceu, não abdicou.

Nos últimos anos, movia-se numa cadeira de rodas. Não pôde haver melhor nem maior modelo para o jornalista profissional, sincero, honesto como a luz do sol, aguerrido, sem medo, sem mácula, sem rabo de palha, invencível na inteireza moral que o cobria como uma armadura de aço impenetrável.

PROFESSORAS RURAIS

Promovido pela Secretaria de Educação de Minas Gerais, em colaboração com a Sociedade Pestalozzi, foi realizado recentemente, na «Fazenda do Rosário», situada no município de Ibireté, um «Curso de Educação Rural» destinado às professoras designadas para assumir a direção de novas escolas rurais construídas no Estado, dentro do plano de aparelhamento escolar posto em prática pelo governo mineiro.

Esse curso organizado para ser cumprido no prazo de três meses, durante os quais as professoras alunas nele permaneceriam em regime de internato, foi cuidadosamente planejado pela professora Helena Antipoff, do Ministério da Educação e Saúde, que considerou, desde logo indispensável a colaboração do Ministério da Agricultura para a objetivação da iniciativa, já que entre outros assuntos ligados à mesma figuravam os de produção agrícola, criação de pequenos animais, indústrias rurais, vida social na fazenda, etc. Com essa colaboração concordou, desde logo, o titular da pasta, que autorizou ao Serviço de Informação Agrícola não só a enviar um grupo de técnicos para integrar a equipe de professores daquele curso como a fornecer publicações especializadas, ferramentas e material agrícola para as 40 professoras que constituiriam a turma de alunos e, ainda, ceder filmes educativos sobre assuntos agrícolas, confeccionados em seu Gabinete Cinematográfico.

Agora, terminado o referido Curso, que obteve completo

êxito, uma vez que alcançou todos os seus objetivos, a professora Helena Antipoff, de regresso ao Rio, em carta dirigida ao Diretor do SIA enaltece a contribuição prestada por êsse Serviço àquela iniciativa, «não só pelas excelentes aulas dadas pelos técnicos designados para êsse fim, como pelos auxílios fornecidos, que sempre foram da melhor qualidade e prestados sem a menor sombra de burocracia».

(De «Argumentos», 11/3/49)

Educação Física

V

PLANO SEMANAL DE AULA

CICLO ELEMENTAR

- 1º e 2º graus:—Lição de Educação Física—Nas 2ª e 5ª feiras.
Sessões de Pequenos jogos—na 3ª feira.
Sessões de Rodas—na 4ª feira.
Lição historiada e Sessão dramatizada—6ª feira.
Dedique o sábado à ginástica de campo.
- 3º grau: — Lição de Educação Física—Nas 2ª e 5ª feiras.
Sessão de pequenos jogos - Na 3ª feira.
Lição historiada—Na 4ª feira.
Sessão dramatizada—Na 6ª feira.
Dedique o sábado à ginástica de campo.
(Para meninos).
- 3º grau: — Lição de Educação Física—Nas 2ª e 5ª feiras.
Sessão de Pequenos jogos—Na 3ª feira.
Sessão de rodas—Na 4ª feira.
Lição historiada e Sessão dramatizada—6ª feira.
Dedique o sábado à ginástica de campo.
(Para meninas).
- 4º grau: — Lição de Educação Física—Nas 2ª e 5ª feiras.
Sessão de pequenos jogos—Na 3ª feira.
Noções elementares de canto—Na 4ª feira.
Sessão de grande jogo—Na 6ª feira.
Dedique o sábado à ginástica de campo.
(Para meninos).
- 4º grau: — Lição de Educação Física—Nas 2ª e 5ª feiras.

Sessão de Pequenos jogos—Na 3ª feira.
 Sessão de Rodas—Na 4ª feira.
 Noções elementares de canto e Sessão de grande jogo—Na 6ª feira.
 Dedique o sábado à ginástica de campo.
 (Para meninas).

CICLO SECUNDÁRIO

- 1º grau: — Lição de Educação Física—Nas 2ª e 5ª feiras.
 Sessão de grande jogo—Na 3ª feira.
 Sessão de iniciação esportiva—Na 4ª feira.
 Dedique o sábado à ginástica de campo.
 (Para moças e rapazes).
- 2º grau: — Lição de Educação Física—Nas 2ª e 5ª feiras.
 Sessão de grande jogo—Na 3ª feira.
 Sessão de iniciação esportiva - Na 4ª feira.
 Dedique o sábado à ginastica de campo.
- Superior: — Lição de Educação Física—Nas 2ª e 5ª feiras.
 Sessão de grande jogo—Na 3ª feira.
 Desportos—Na 4ª feira.
 Dedique o sábado à ginastica de campo.

NOTA:—ginastica de campo—passeio ao ar livre—excursões, natação na praia, etc.

Infelizmente, em todo o Brasil, ainda não foi possível aplicar este programa, senão mensalmente, dadas as circunstâncias de tempo, número de alunos, e deficiência de professores de Educação Física. Façamos, então, o possível, sem, no entanto, dispensarmos uma lição de Educação Física por semana.

Para as crianças de 4 a 9 anos de idade, nas quais desejamos desenvolver, normalmente as faculdades físicas segundo as condições fisiológicas do crescimento, e, particularmente, da função respiratória, contribui para assegurar a saúde, auxiliar o desenvolvimento pelo exercício atraente, explorando a sua faculdade de incitação, — ministremos licões, previamente organizadas, para que não sejam prejudicadas a continuidade, a alternância, a gradualidade, a atração e a disciplina, e compostas de:— *Lições de Educação Física, Sessões de Pequenos jogos, Sessões de Rodas, Lições históriadas, e, sessões dramatizadas*, além das visitas aos campos e praias.

GRÃOS DE SABEDORIA

Sem os clarões do ensino, isto que em nós existe chamado — consciência — é um ermo imenso e triste.

Carlos Ferreira

Só um povo bem instruído pode conservar-se livre.

Madison

Para ensinar há uma formalidade a cumprir — saber.

Eça de Queiroz

Um povo sem educação é um manjar sem sal.

Provérbio abissínio

Para ser rigorosamente bem educado, não basta que não nos metamos na vida dos outros; é preciso que deixemos os outros meterem-se na nossa.

Júlio Dantas

A honra parece-se com os olhos, que não podem suportar a menor impureza, sem se alterar.

Bossuet

O valor de um homem mede-se pelo seu querer, não pelo seu saber.

Herbart

Só há um meio de viver no passado e no futuro — é guardar lembranças e sonhos.

Coelho Neto

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não viveu;
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida, não viveu.

F. O. de Almeida Rosa

Sejamos bons primeiramente, depois seremos felizes. Não exijamos o prêmio antes da vitória, nem o salário antes do trabalho.

—————
J. J. Rousseau

A maior felicidade que um homem pode possuir é a de ver, sem inveja, a felicidade alheia.

—————
Marquês de Maricá

Tôdas as cousas são severas, desleais, rispidas, fatigantes, imensamente triste, quando há tédio em nossa vida.

—————
Avlis

Conselhos ao coração são pensamentos que se perdem como folhas mortas, cujo valor não vai além de sua sorte ingrata.

—————
Avlis

Deus me perdoe se em verdade é certo o meu pecado... porém, de todas as qualidades humanas eu só odeio a ignorância da alma.

—————
Avlis

Educar não é apenas ensinar. Educar é amar, é comparar, é ser pai. O educador cria almas novas, como o floricultor cria novas flôres.

Não é educador quem se limita a passar do seu espírito para o espírito do educando noções de ciências ou artes.

Isto é, por assim dizer, a parte mecânica do ensino que o trato dos bons livros o pode dar por si só.

O papel do educador é mais nobre: êle forma o espírito, afeiçoa o coração, transforma a alma e o corpo, equilibra os nervos, robustece os músculos, aperfeiçoa o cérebro, apura a inteligência, desenvolve a bondade, ensina a justiça, afervora a coragem, tira, em suma, da criança, o homem, como se tira do carvão negro o diamante e do petróleo asqueroso a luz radiante. Assim, o educador é o pai desvelado que não limita o amor à sua prole, mas estende, alarga-o, como êsses rios de águas profundas que fertilizam em tórno do seu leito, léguas e léguas de terra.

Olavo Bilac

Curiosa história de uma joia de 300 anos

Encontrada em poder dos ciganos e pertenceu a Felipe Camarão, dada por Felipe II — De mão em mão, durante três séculos — Um negociante que não quer ser identificado — Aparece em Minas e é doada ao Museu de Ouro Preto.

RIO (Meridional) — Após a batalha de Porto Calvo, contra os holandeses, o rei Felipe II, impressionado com a bravura, e lealdade e os trabalhos de guerra prestados pelo índio Potí, concedeu-lhe o título de comendador Professo da Ordem de Cristo.

Potí entrou para a história sob o nome cristão de Antônio Felipe Camarão: Antônio, o santo do dia do batismo; Felipe, o nome do seu novo rei; Camarão, o seu próprio nome em português, traduzido do nhengatú.

Felipe Camarão — como se tornou conhecido êsse autêntico herói brasileiro — é possivelmente o único índio condecorado com a Ordem de Cristo, símbolo da gratidão do trono e da aliança da civilização ibérica com os habitantes primitivos da terra.

UMA CRUZ MODELADA EM OURO

O rei Felipe II, ao condecorar o índio Felipe Camarão, agraciou-o também com um regio presente: uma cruz modelada em ouro, obra de ourivesaria exemplar, de século XVII, na fase inicial do rococó, ainda leve e cheia de graça, vinda dos estilos renascentistas.

A cruz devencional apresentada a Felipe Camarão apresenta um detalhe muito do gosto renascentista, época de perigos e aventuras, geradora das caixas de segredo das escrivinhas de fundos falsos dos móveis de pratas secretas. A curiosidade é a seguinte: a cruz modelada, em que se vê o Cristo, em relêvo, entre raios de luz e flores, é um estojo. Puxando-se uma haste afixada ao pé, por sistema de rosca, abre-se o estojo externo que se solta em duas bandas. E dentro se vê, na simplicidade mais jesuítica, uma cruz severamente talhada em ouro, tendo gravados os instrumentos da tortura; os três cravos ao alto; nos braços, o martelo e a torquês; ao pé, a escada. É como se dentro ou debaixo do luxo e dos prazeres exteriores, se escondessem a pureza e a simplicidade cristã.

ROUBADA POR CIGANOS

Por onde teria andado, durante estes trezentos anos, desde a batalha de Porto Calvo, essa joia do setecento?

A princípio, na mão de seu glorioso primeiro possuidor, Felipe Camarão. Mas, por sua morte—por onde teria passado a sua joia? É bem possível que Felipe a tivesse deixado para religiosos, pois eram os jesuitas que cuidavam dos índios mesmo e sobretudo os já catequizados, naquela época do Brasil colonial.

O certo é que terminou em mãos de ciganos. Andou de mão em mão, entre ciganos por herança. O cigano primeiro que a furtou do Convento — de onde a teria tirado? Em Recife? No Colegio da Ordem, na Bahia?

O certo é que, neste século, durante a geração presente, um grupo de ciganos, passando por Ouro Preto, precisando de dinheiro, vendeu a Cruz de Felipe Camarão a um comerciante local. O cigano vendeu-a por baixo preço, pensando no ouro, na joia, na cruz e na qualidade católica do comprador, mas, sem saber do valor das palavras escritas: Potí, Antônio Felipe Camarão — Comendador Professo da Ordem de Cristo.

DOADA POR UM ANONIMO

Há meio século, o comerciante mineiro possui a joia.

Há poucos anos, porém, procurou o sr. Vicente Racioppi, diretor do Instituto Histórico, um colecionador idealista, que com sua valiosa coleção, constituiu o patrimônio inicial do Museu de Ouro Preto que fundou, pessoalmente.

O comerciante, ao procurar o sr. Racioppi, declarou desejar fazer uma doação ao Museu de Ouro Preto sob a condição de se acobertar no anonimato. O aludido comerciante explicou a sua condição: é que atribuindo valor ao donativo, no entanto desejava realmente que o Museu viesse a possuir a joia, de valor histórico, entregue ao povo brasileiro como um patrimônio nacional. E queria proteger essa propriedade contra qualquer discussão da parte de seus herdeiros, a quem já deixava toda a sua fortuna.

O sr. Racioppi recebeu o donativo e com o restante da sua coleção, transferiu-a ao Museu de Ouro Preto.

Era a história da cruz modelada em ouro que hoje é vista em um escrínio de veludo no Museu de Ouro Preto, dada no ano de 1638, pelo rei Felipe II, ao índio Potí, Comendador Professo da Ordem de Cristo, Herói de Guararapes, Porto Calvo e outras batalhas e batizado sob o nome de Antônio Felipe Camarão.

ORIGEM DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

Perquirindo as origens da educação pública, vemos que é recente a sua disseminação entre os povos.

O desenvolvimento do ensino apresenta as chamadas fases da educação pública religiosa, educação pública estatal, educação pública nacional e educação pública democrática. Este último tipo constitui a educação de nossos dias.

A história da educação resume-se em tudo quanto se há feito, no setor, quer no plano geral de ideologia pedagógica, quer nas histórias parciais da educação de característica nitidamente nacional.

Todos, porém, são acordes em que nos ressentimos de um verdadeiro registro do referido serviço, nesta outra parte do hemisfério.

Noutras palavras: a história estabelece articulação com os diferentes sistemas. Logo as idéias e aspirações da época se acrisolaram. Os sistemas, que se ostentavam, resultaram na história da educação.

A seguir, « PEDAGOGIUM » algo publicará a respeito da primeira fase por que passou o ensino, isto é, da fase da educação pública religiosa.

FACULDADE DE DIREITO DE NATAL

Auspicia-se promissor o movimento em prol da fundação da Faculdade de Direito, por ocasião da passagem do 1º centenário do nascimento do grande jurisconsulto, que se chamou em vida — Amaro Cavalcanti, honra da cultura nacional e, particularmente, do Rio Grande do Norte, terra que lhe serviu de berço.

À frente dêste movimento, que conta com o concurso de lídimos representantes das letras jurídicas do país, tais como: des. Miguel Seabra, que será o Diretor, des. Floriano Cavalcanti, dr. Bruno Pereira e outros, se acha o prof. Luiz Soares, coordenador que foi por igual, dos esforços que colimaram com a instalação da Faculdade de Farmácia e Odontologia e que aí está funcionando com uma brilhante plêiade de estudantes em seus cursos.

Maiores, pois, são as perspectivas culturais a se abrirem, breve, nesta Capital, com a fundação de mais um templo que se erigirá a Themis.

O Sino da Liberdade

E uma reliquia sagrada da Independência Americana

(USIS) — O sino da Liberdade que, há 170 anos, repicou, anunciando a libertação de 13 colônias norte-americanas, em luta, é uma das mais venerandas reliquias dos Estados Unidos.

O seu toque de desalio á opressão ecoou, por todo o mundo, e, agora, com a passagem de mais um aniversário da Independência, êsse eco faz-se ouvir, ainda mais alto, de vez que milhões de pessoas escravizadas foram libertadas da tirania nazista, na Europa.

O Sino da Liberdade, que se fendeu, em 1835, enquanto repicava, em dobre, pelo funeral do juiz John Marshall, da Suprema Corte dos Estados Unidos, não é mais bimbalhado. Nas ocasiões históricas, porém, suas bordas são repicadas, levemente. O som profundo e vibrante do sino poderá ser transmitido pelo radio neste 4 de julho, para as frentes do Pacífico, onde os soldados norte-americanos e de outras Nações Unidas estão fazendo soar novo sino: o de seus possantes bombardeiros e pesados canhões.

A história dêste sino é repleta de aventuras. Vindo, da Inglaterra, em 1752, para ser colocado, na torre de um novo edificio, que estava sendo construido, para alojar o govêrno, o sino fendeu-se da primeira vez em que foi bimbalhado. Já se havia decidido enviá-lo de volta para a Inglaterra, para ser refundido, quando se verificou que o navio não podia levá-lo.

Os artifices de Filadélfia, por duas vèzes, tentaram reformá-lo, mas em vão. Finalmente, obteve-se um novo sino da Inglaterra, mas não sendo êste tambem satisfatório, foi instalado o antigo no campanário da sede do govêrno. Em julho de 1776, um velho sineiro se encarregava de vigilância do campanário, quando seu neto trouxe a nova de que fôra emitida a Declaração da Independência pelo Congresso Continental. Coube, então, ao sino bimbalar, anunciando o alviçareiro acontecimento.

Com o desenrolar da Guerra Revolucionária, os britânicos ocuparam Filadélfia. Antes da entrada do inimigo, na cidade, o povo salvou o sino, escondendo-o na carroça de um lavrador que estava de saída. O sino foi levado para Allentown, Pensilvânia, a uma distância de 80 milhas, onde durante um ano esteve enterrado sob as lajes de uma igreja. Quando os britânicos se viram forçados a abandonar Filadélfia, em virtude das manobras do general Washington, o sino foi, nova-

mente, colocado, na séde do govêrno, hoje conhecida como « Independence Hall ».

Em 1818, ano em que a capital da Pensilvânia foi transferida, de Filadélfia, para Harrisburg, o sino foi mudado para a nova séde do govêrno. A cidade de Filadélfia, porém o adquiriu, voltando a reliquia, para seu primitivo lugar. Dez anos mais tarde, propôs-se a eliminação do campanário. O sino foi vendido a uma Igreja, mas dificuldades de ordem legal e uma alteração nos planos impediram que fôsse retirado.

O Sino da Liberdade é, hoje, conservado, como uma reliquia, em um salão especial, no « Independence Hall ». Apenas uma vez, nos últimos anos, foi o sino removido. Isso, em 1915, ao ser enviado a São Francisco a fim de figurar na exposição comemorativa da abertura do Canal de Panamá.

Hoje, o Sino da Liberdade volta a cumprir a missão gravada em sua orda : « Proclama a Liberdade por todo o mundo ».

POBRE ADOLESCÊNCIA...

De ANAMARIA CÉLIA

Sim pobre adolescência, mas também pobres pais que são responsáveis pelo estado em que se encontra a maior parte dos adolescentes de hoje! Naturalmente são pais comodistas ou excessivamente liberais que julgam estar prestando um grande benefício à humanidade quando «soltam» inteiramente os seus filhos adolescentes. Se há beneficiados no caso, êstes só poderão ser os pais ou as mães que só assim podem dispor de mais tempo para cuidar da sua própria vida e... da dos vizinhos...

Não crêmos, no entanto, que qualquer pessoa de inteligência, sentimentos e juízos normais, troque pelo seu conforto a felicidade de um filho.

Então, quais as razões que levam os pais a deixar que seus filhos se atirem tão precocemente à vida? Deve haver um grande e tremendo êrro em tudo isso. Um êrro tão grande e tão tremendo que é preciso corrigir sem perda de tempo! É preciso que não presenciemos mais cenas desagradáveis e degradantes vividas por adolescentes; é preciso que a êles seja ensinado a ter caráter e dignidade; é preciso que se lhes ensinem a ter respeito aos outros e à si próprios. É preciso que se lhes ensinem tudo isso, ou estarão perdidos... Porque, de uma adolescência assim só podemos esperar criaturas de-

siludidas, infelizes e inúteis. Que encantos poderá ter a vida para quem tudo viu e tudo conheceu, cedo e pior ainda, sob o aspecto mais lamentavel? O adolescente que se habitua ao mal, difficilmente se livrará d'ele.

É realmente triste vermos, a cada passo, rapazes e moçinhas de pouca idade, sem contrôle algum, revelando em cada gesto e em cada palavra a sofreguidão com que procuram novas emoções. Como se deprimem e como se vulgarizam! Alguns são tão arcados que parecem pessoas muito vividas e de péssimos hábitos.

Muito poderia ser evitado se os pais aprendessem a educar os seus filhos dentro de uma norma adequada à cada fase que atravessarem na vida... Era preciso que os pais cuidassem melhor da educação dos seus filhos, que tudo fizessem a fim de que elles não chegassem nunca a pertencer a essa mocidade infeliz que é atirada à vida sem uma base solida, sem noção maior do que seja dignidade e decência... E, não esqueçam também os pais, que bons exemplos fazem bons filhos...

HISTÓRIA DE TRANCOSO

Em 1585, começou a circular, em Lisboa, a novela «Contos e Histórias de Proveito e Exemplo», da autoria de Gonçalo Fernandes Trancoso. Foi essa publicação a primeira, no género, e, ainda hoje, o povo quando se refere a uma narrativa de origem duvidosa, diz: *isso é uma história de Trancoso*.

Escrevendo as suas histórias de proveito e exemplo, o festejado novelista deu à publicidade páginas de verdadeiro sabor intelectual, requeimando, nelas uma espécie de hábito de consagração. As histórias de Trancoso foram, pois, na sua época, apreciável modalidade da literatura portuguesa.

Professora Zuleica de Moura Santos

Com muito pesar, registramos, neste número, o falecimento, no hospital da Policlínica do Alecrim, da professora Zuleica de Moura Santos, elemento dos mais destacados do nosso magistério pelas suas aprimoradas qualidades de espí-

rito e de cultura. Estudiosa, dedicada, inteligente, a ilustre morta tornou-se, entre nós, uma colega das que mais honravam sua classe.

E foi bem por isso que os que fazem « Pedagogium » quiseram convidá-la, para suas páginas, na certeza de que sua colaboração valiosa, como poetisa de sensibilidade e de méritos, viria trazer ao professorado potiguar motivo de satisfação espiritual e de justo orgulho.

Nomeada para o Grupo Escolar « Barão de Mipibú », da cidade de São José de Mipibú, ali prestou os seus bons serviços, por alguns tempos. Depois, por conveniência do ensino, foi mandada servir no Grupo Escolar « Capitão José da Penha », da cidade de Baixa-Verde, tendo, ultimamente, por igual ato, saído para o Grupo Escolar « Auta de Sousa », da cidade de Macaíba, onde a morte veio surpreendê-la, roubando-a, impiedosamente, ao convívio dos colegas e alunos, e privando a instrução pública do nosso Estado de uma de suas batalhadoras mais incansáveis e mais abnegadas.

A professora Zuleica de Moura Santos era baiana de nascimento e norte-riograndense de coração.

Fazia parte do quadro de sócios da « Associação de Professores », que, com o Departamento de Educação, tomou, improficuaamente, tôdas as providências, no sentido de suavizar as suas dôres e conseqüentemente, livrá-la de morrer assim ainda tão moça, tão cheia de vida e de ideais.

O sepultamento da professora Zuleica de Moura Santos verificou-se, no cemitério do Alecrim, tendo sido o seu corpo acompanhado, até ali, por seus colegas e alunos, falando, à beira do túmulo, o Professor Luiz Soares, diretor do Grupo Escolar « Frei Miguelinho ».

PARTE OFICIAL
GOVERNO DO ESTADO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Lei n. 49 de 11 de novembro de 1948

Regulamenta o artigo 12 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º — O tempo de serviço dos professores e servidores do extinto G. E. « Antonio de Souza », mantido pela Associação de Professores, será computado para todos os efeitos, como de serviço prestado ao Estado.

Art. 2.º — A habilitação aos favores da presente lei será feita mediante apresentação das seguintes provas:

a) — Título de nomeação, ou, na falta dêste, atestado passado pelo presidente da Associação de Professores;

b) — Certidão de tempo de serviço, fornecida pela secretaria do extinto G. E. « Antonio de Souza », ou pela secretaria da Associação de Professores.

Art. 3.º — Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação; revogadas as disposições em contrário.

Natal, 11 de novembro de 1948, 60º da República.

José Augusto Varela
Custodio Toscano

Lei n. 41, de 20 de outubro de 1948

Reconhece de utilidade pública a « Sociedade Brasileira de Folk-Lore ».

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE,

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º — É considerada de utilidade pública a Sociedade Brasileira de Folk-Lore com sede e fôro nesta cidade do Natal.

Art. 2.º — Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação; revogadas as disposições em contrário.

Natal, 20 de outubro de 1948, 60º da República.

José Augusto Varela
Custodio Toscano

*Comunicado da Inspeção de
Ensino — 11-4-1949.*

Sr. Diretor.

De ordem do Snr. Diretor Geral do Departamento de Educação, comunico-vos que, no período de 10 a 25 do corrente mês, os Professores dos Cursos de Alfabetização de Adultos serão submetidos a prova de seleção exigida e regulada pelo Plano Nacional de Educação de Adultos.

Para tal fim, torna-se necessário o vosso empenho de fazer com que referidos professores fiquem cientes disso e, ao mesmo tempo, convocados, para a prova, no dia em que essa Diretoria achar mais conveniente, dentro do período estabelecido, pelo Departamento.

Recomendo-vos, ainda, a remessa dos mapas de matrícula dos cursos de alfabetização, condição indispensável a autorização da reabertura das aulas dos mesmos, no próximo mês de maio, convindo salientar que, sem essa formalidade legal, estarão os professores impossibilitados de receber seus vencimentos, ficando os Diretores de Grupos Escolares com a responsabilidade do possível transtorno.

Importante é, também, que os Diretores dos Grupos Escolares procurem entender-se com a Comissão Municipal de Educação de Adultos, no sentido de ela continuar prestando sua espontânea e valiosa colaboração na propaganda e incentivo do ensino de adolescentes e adultos analfabetos, tarefa dignificante e nobre que diz bem dos que se dedicam, de boa vontade, ao bem coletivo.

*Circular aos Diretores de Grupos
Escolares — 29-4-1949.*

Snr. Diretor:

De ordem do Snr. Diretor Geral do Departamento de Educação, solicito-vos a remessa, com a possível urgência, da relação dos professores desse município que não compareceram ao Estágio realizado, nesse estabelecimento de ensino, durante o prazo determinado.

Aproveito o ensejo, para dizer-vos, mais uma vez, que a prova de habilitação dos professores provisórios continua marcada para a primeira quinzena de agosto do corrente ano.

LIVRARIA MODERNA

DE

Walter Duarte Pereira

PAPELARIA EM GERAL

Praça Gentil Ferreira, 1367

(EDIFÍCIO LEITE)

Telegrama — MODERNA

RIO GRANDE DO NORTE

Alecrim -- Natal -- Fone, 20.42

Grande sortimento de livros didáticos adotados pelo Departamento de Educação, para todos os cursos das escolas do Estado.

Cadernos, lapis e demais material de ensino.

Preços especiais para

REVENDEDORES

LIVRARIA MODERNA, uma casa que se recomenda

pela exatidão dos seus negócios.

ALECRIM — NATAL

DEPÓSITOS

POPULARES
ESCOLARES
COMERCIAIS
CAUCIONADOS
JUDICIAIS

AS MELHORES TAXAS DE JUROS

NA

CAIXA **E**CONÔMICA **F**EDERAL
DO R. G. NORTE

Garantida pelo Govêrno Federal

Opera com as carteiras de:

PENHORES

CONSIGNAÇÕES

HIPOTECAS-TITULOS

Avenida Duque de Caxias, 50

Telegrama — «CEFRINO»

TELEFONE — 19.94

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL

PEDAGOGIUM

SUMÁRIO



I — Dia do Professor.....	Redação
II — A redenção nacional.....	Mário Pinto Serva
III — Cooperativas escolares.....	Raimundo Guerra
IV — Subjetividade do pronome SE.....	Prof. Graça Leite
V — Alguns aspectos da educação nos EE. UU.	Alvamar F. Mendonça
VI — Fiscalização escolar.....	Heroizo Nascimento
VII — Três grandes centenários	R. Nonato
VIII — Supostos galicismos.....	Mário Melo
IX — Manhã de Primavera no pôrto de Natal..	Jussara
X — Vocação e trabalho	F. Rodrigues Alves
XI — Notas & Fatos	Redação
XII — A criança e o brinquedo	Gonçalves Fernandes
XIII — Da iniciação filosófica na Escola Primária	Antônio E. da Silva
XIV — Educação profissional.....	Brasiliano Santana
XV — Página literária	Roque Silva
XVI — Etiologia da cárie dentária.....	Dr. Aloísio Gois Barros
XVII — Estranhas Revelações de um concurso ...	Transcrição
XVIII — Teu filho.....	A. C.
XIX — Um mestre que morre.....	Jader Torquato
XX — Evolução do desenho infantil.....	Amanda Nascimento
XXI — Aspectos do ensino público.....	Severino Bezerra
XXII — Carta à Redação.....	Icleya Gomes Almeida
XXIII — Falta o mestre	Acrísio Freire

PEDAGOGIUM

ÓRGÃO OFICIAL DA "ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

Revista dedicada aos interesses do Magistério e
à divulgação da cultura pedagógica.

(3.^a. FASE)

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL.

EXPEDIENTE

DIRETOR: Luiz Soares de Araújo
REDATOR-SECRETÁRIO: F. Rodrigues Alves

COLABORAÇÃO

As colunas de PEDAGOGIUM estão franquiadas aos professores. Publicaremos, com muito prazer, todo e qualquer artigo que se relacione com a instrução e a educação.

CORRESPONDÊNCIA

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Prof. F. Rodrigues Alves — Departamento de Educação — Natal — Rio G. do Norte.

O dia

AS ESCOLAS brasileiras rendem, hoje, o seu tributo ao Dia do Professor. Este transcurso dá oportunidade para lembrar a justiça da homenagem que a inteligência e a cultura prestam a uma grande e laboriosa classe

de intelectuais, cujo trabalho — uma missão anônima e heroica — é todo votado à formação da mocidade e ao preparo dos bons cidadãos da República.

O magistério é, iniludivelmente, uma profissão de sacrifícios, de pesados encargos, de superiores responsabilidades morais, humanas e cívicas.

Num depoimento insuspeito e por todos os títulos digno de meditação, o conhecido educador Everardo Backheuser acentua: «Há quem tenha dito que para exercer a função de professor em nosso país é preciso fazer prévio voto de pobreza». E logo mais desdobra o raciocínio, asseverando: «Equiparados estiveram durante o império professores e desembargadores. Hoje, em remuneração e em distinção social, o nível do professor, mesmo o catedrático das universidades, é de cota muito abaixo, já não dos desembargadores, mas dos simples juizes, e até dos pretores».

Mesmo assim, vale destacar que, a-pesar dos pesares, as cátedras não ficaram desertas no Brasil, onde o ensino, iluminando tantas gerações, se vem montendo fiel às suas tradições e ao seu passado, por uma miraculosa continuidade de ação, de persistência e de espírito de abnegação dos seus devotados educadores.

Esta, a menção honrosa do Dia do Professor, cujo sentido patriótico é o da valorização do trabalho de quantos, espalhados pelos rincões distantes, nas metrópoles, nas universidades, nos pequenos centros ou mesmo nos simples cursos primários dos sertões, têm procurado, através da cartilha e das escolas, bem servir à Patria e elevar o seu nome e a sua cultura no julgamento dos povos, lares e no conceito da Civilização.

PEDAGOGIUM sauda, nesta data, os professores de todas as escolas do Brasil.

do Professor

A REDENÇÃO NACIONAL

MÁRIO PINTO SERVA

A vontade unânime de todos nós brasileiros, que somos 45 milhões de entes humanos, evidentemente, pode realizar cabalmente tudo quanto assim resolvermos solidariamente e para tanto imprimirmos um impulso decisivo. Assim fizemos a Independência Nacional, a Abolição e a República. E agora precisamos, com igual vontade unânime, realizar a alfabetização total e imediata de todos nossos patricios.

Por isso, em boa hora, o Ministério da Educação, sob a proficiente direção do dr. Clemente Mariani e com a competente colaboração do dr. Lourenço Filho, resolveu, sob a inspiração do Presidente Dutra, levar a efeito a Campanha da Educação de Adultos, talvez a campanha culminante da história nacional.

Os analfabetos são incapazes para todos os fins da vida individual e social. Vivem segregados na escuridão da ignorância total. Não sabem ler sequer o nome de uma rua, o número de uma casa, não podem assinar um recibo qualquer ou contrato, não conseguem compreender por carta com pais, mães, esposos, parentes ou seja quem for, é-lhes proibido serem leitores, não possuem os conhecimentos uteis essenciais para qualquer atividade na lavoura, comércio, ou outra qualquer atividade.

No entanto, podemos no Brasil realizar a extinção imediata e total do analfabetismo. sem o que nenhuma espécie de educação podemos conseguir.

Um simples brasileiro, Irineu Evangelista de Sousa, apenas e exclusivamente porque foi alfabetizado veio a ser o Visconde de Mauá e se tornou o homem mais dinâmico econômico e financeiramente, em toda a história nacional, tendo tido a iniciativa de conseguir a Estrada de Ferro Central do Brasil e também a Estrada de Santos a Jundiá, de que irradiaram todas as mais existentes no sul do país.

Assim, todos os mais brasileiros, atualmente analfabetos, podem vir a ser, apenas aprendendo a ler e escrever e contar, outros homens como o visconde de Mauá. E podia se realizar no Brasil, facilmente a alfabetização total e imediata de todos os brasileiros. Assim é que nos Estados Unidos todas as municipalidades do país inteiro gastam em conjunto e em média geral trinta e cinco por cento, de suas receitas orçamentárias anuais, com a alfabetização e educação do povo.

UMA REVISTA DE PEDAGOGIA

Está em circulação o n.º 5, ano XXIX, da excelente revista PEDAGOGIUM, que se edita em Natal, sob a direção do professor Luiz Soares de Araújo.

Traz colaborações assinadas por: Sinhazinha Vanderlei, Luciano Lopes, Antônio E. Silva, Raimundo Guerra, Maria Julieta Iglesias, Aristarco, Nilo Pereira, Alvamar Mendonça, professora Maria do Nascimento, Aloisio Góis Barros, Raimundo Nonato, João de Deus Bessa, Mário Pinto Serva, João Inácio, Luiz da Câmara Cascudo, Roque José da Silva e Anamaria Célia.

PEDAGOGIUM é uma revista de grande tradição, que vem prestando à cultura do Rio Grande do Norte os mais assinalados serviços.

(De "Folha da Manhã", do Recife)

Nós já temos no Brasil cerca de 1.700 Municipalidades e se tôdas em conjunto e em média geral despendessem, como as Municipalidades dos Estados Unidos, trinta e cinco por cento anualmente com a alfabetização e educação do povo brasileiro, estava realizada essa alfabetização total e imediata do país.

« Querer é poder ». E temos ainda no Brasil outro elemento que poderia perfeitamente realizar por igual esse objetivo da alfabetização total e imediata do nosso país. Assim é que nos Estados há uma população total de 140.000.000 de habitantes, dos quais são católicos 24.402.124. E esses 24.402.124 católicos americanos sustentam, mantêm e, custeiam escolas paroquiais elementares para todos os menores de seu credo, nas quais se acham matriculados 3.451.735 (três milhões quatrocentos e cinquenta e um mil setecentos e trinta e cinco) menores.

O próprio Cristo dizia aos seus apóstolos: « Ite et docete omnes gentes ». Ide e ensinai a todos os povos. E assim, em todos os Municípios do Brasil, sem exceção, tôdas as Prefeituras e Municipalidades, todos os Vigários e todos os sacerdotes podem proclamar a extinção do analfabetismo, criando tôdas as escolas necessárias para que todos os brasileiros se tornem homens cultos, sabendo cumprir seus deveres para consigo mesmo, para com suas famílias, para com seus filhos, para com as cidades e Estados em que vivem bem como para com a Pátria a que pertencem.

E o atual govêrno do país, proclamando a extinção imediata e total do analfabetismo no país inteiro, se tornará o mais glorioso em tôda a história nacional do nosso país. « Impossível, dizia Napoleão, é um vocábulo que só existe no dicionário dos imbecis ». Alcançando êsse objetivo, os atuais impulsionadores do Ministério da Educação terão um lugar glorioso na história pátria.

Cooperativas escolares

RAIMUNDO GUERRA

(Diretor do G. E. "Barão do Rio Branco", de Parelhas)

II

Para instalar os trabalhos de funcionamento da Cooperativa Escolar, em nosso Estado, é quasi indispensável a presença de um técnico da Divisão de Cooperativas. Entretanto já se encontram livrinhos adequados que orientam a qualquer pessoa a criação desta admirável instituição educativa, na escola primária dos tempos atuais. O Serviço de Economia Rural, no Rio de Janeiro, por exemplo, tem distribuído gratuitamente o livrinho: "Instruções para organização de Sociedades Cooperativas e Contabilidade", além de outras publicações de propaganda sôbre êsse mesmo assunto.

Por êsse motivo, não precisamos, aqui, traçar normas técnicas, dar modelos de atas, de requerimentos e outros documentos necessários, que o referido folheto explana. De outro modo e mais facilmente, a Divisão de Cooperativas tudo facilitará. Mesmo assim, esta Revista não comportaria assuntos tão desenvolvidos pois apenas sintetiza os diversos assuntos pedagógicos.

O que se observa, na prática, e tem provado a experiência, no funcionamento da Cooperativa Escolar, é esta espécie de "frieza" nos alunos diretores e associados, tendente a estacionar, se não tiver sempre o alento, o estímulo da parte do Diretor do Grupo, ou responsável direto pela Cooperativa. É esta falta de iniciativa tão comum aos jovens que pensam mais nos divertimentos, nos brinquedos que no cargo que ocupam e na responsabilidade assumida.

Bem orientados, realizam, quasi sós, as sessões mensais ou semanais, discutem e organizam índices, fazem a matrícula de sócios, registram material recebido e saída de artigos escolares, no livro de estoque, fazem officios, remetendo os documentos mensais ou pedindo novos artigos, escrituram as listas nominativas, lavram atas, mas não serão capazes de fazer o Balancete Mensal e muito menos o Balanço Geral, no fim de cada exercício, nem o Relatório que deverá ser apresentado á Assembléa Geral.

Mesmo assim, não será o caso de se abandonar porque elles não sabem nem poderão saber no curto período escola tão complexas noções de escrituração mercantil que exigem estudos especiais. Só os alunos do 4º ou 5º ano poderão entender melhor e são justamente os da última série primária (5º ano) que assimilam estas noções da escrituração commercia

a ponto de poderem fazer a escrita, mesmo assim, sob direta interferência do Diretor do estabelecimento de ensino.

Em compensação a estes esforços, temos a certeza de que eles ficam com esta prática, estes ensinamentos, em parte assimilados e, muitos dos quais, ao terminar o curso primário irão exercer, com grandes vantagens, no comércio local, nas Cooperativas Agro-Pecuárias, nas associações religiosas ou cívicas o que aprenderam dêsse estudo e organização. Mesmo aqueles que se entregarem aos trabalhos modestos da agricultura serão organizadores, cooperativistas ou pelo menos excelentes sócios da Cooperativa local, se houver.

E a Cooperativa Escolar, assim orientada, não será apenas uma «lojinha» no estabelecimento de ensino para vender artigos escolares aos alunos, a preços baratos, fazendo competência ao comércio local, porque não paga imposto, se considerarmos o efeito educativo como se tem demonstrado e a experiência comprovou, não precisando mais propaganda senão no sentido de incentivar, encorajar aqueles que ainda se mostram descrentes dessa finalidade educativa, por excelência, e indispensável nos dias de hoje, á escola primária.

Parelhas, agosto de 1949

DISCORRENDO sôbre os caracteres essenciais da natureza do educador, em seu livro — «A alma do educador» — e depois de citar Harold Holfding, fala-nos Georg Kerschensteiner do «bom humor como base espiritual» de sua atividade.

Que sentimento, além do religioso, — pergunta Kerschensteiner, — poderia ser mais conveniente que o bom humor, para o educador que tantos contratempos tem de arrostar?

Que sentimento de bom humor — perguntariamos nós, é possível esperar de uma professora, que consome mais de duas dezenas de anos de sua existência, «marcando passo», na letra inicial de seu quadro, e esperando inutilmente por uma promoção «por antiguidade», que nunca chega, ou «por merecimento», especialmente reservada a colegas bem mais modernas e bem mais afortunadas por influência de nepotismo político?

Não é, pois, fazer favores, á custa do erário público, dar às construtoras do Brasil de amanhã uma organização que lhes garanta periodicamente uma melhoria de situação, independente de favores dos poderosos do momento e trazendo-lhes novos estímulos para o exercício de sua nobilitante missão.

(Trecho de um discurso do Cel Hugo Silva, por ocasião da homenagem que lhe tributou o professorado fluminense).

Subjetividade do pronome SE

Prof. GRAÇA LEITE

(Lente de Português do Colégio "Guido Fontgalland", de Macció)

Modesto professor de português, sou dos que aceitam a subjetividade da partícula — SE. Há cento e treze anos passados, ou seja em 1835, o notável baiano, João da Veiga Murici, grande autoridade em assuntos de vernáculo, tratara do tão interessante quão disputado caso do pronome SE, apadrinhando-lhe a subjetividade.

Os que lhe não aceitam esta função apresentam como único argumento o fato de tal partícula não possuir o caso nominativo, vindo-lhe daí a dificuldade de ser sujeito. Este argumento é destituído de fundamento e até contraditório, pois sendo o acusativo um caso lexicogênico, dêle nos vieram numerosas palavras, as quais, estão, bem ao vivo, funcionando fartamente como sujeito dos nossos verbos. Tragamos à luz o acusativo MACULAM que nos liberalizou os vernáculos — mácula, mancha, malha, mágoa e mangra. Formando-se qualquer frase com um desses vocábulos, podemos empregá-los como sujeito. Exemplo: *Grande mágua feriu-lhe a alma*. Se há revolta contra a subjetividade do — SE — pelo simples fato de não possuir êle o nominativo, porque então tal revolta não se estende também a êsses nomes oriundos do acusativo? Há, portanto, aí uma flagrante incoerência filológica. Possuímos também muitas palavras que nos vieram do genitivo e do dativo; entretanto tôdas elas são empregadas como sujeito. Porque então negam subjetividade ao — SE? Só porque não tem nominativo? "A língua portuguesa já tem idade bastante para emancipar-se daquela que lhe deu origem". Não precisamos mais, diz um escritor, de pedir vênias a Vergílio ou Tito Lívio, Tácito ou Ovídio, para versar a língua em tôda a sua pureza.

Para formar a nossa voz passiva, arranjada com o verbo ser, bem como nosso infinito pessoal, não fomos buscar recursos na velha lingua do Lácio.

Se é fato indubitavel que — SE — pode ser objeto direto e indireto, exercendo o papel de nome, que motivo há, para se lhe negar a subjetividade, dando-lhe a equipolência de um subjetivo sintético, como a significação de -- homem — a gente — alguém? — Passemos em revista as várias funções desse reflexivo; 1.º) — pode ser objeto direto reflexivo, quando sôbre

D MAGISTÉRIO deve ser uma profissão vocacional; não há pior mestre do que o animado por simples fins lucrativos, nem pior pedagogia do que a praticada sem amor.

José INGENIEROS

êle recai a ação de um verbo transitivo. Exemplo: João enganou-se. 2.^o — pode ser objeto direto recíproco, quando a ação é praticada reciprocamente por mais de um sujeito. Exemplo: Pedro e João encontram-se na rua. 3.^o — pode ser objeto indireto, quando integraliza a significação de verbos transitivos indiretos. Exemplo: Ele arrogou-se o direito de posse. 4.^o — pode ser partícula apassivadora pessoal quando o sujeito for incapaz de ação. Exemplo. Consertam-se sapatos; neste jardim vendem-se flores. 5.^o — pode ser partícula explicativa ou de realce, quando não se altera o sentido, com a sua supressão. Exemplo. O avião foi-se embora. 6.^o — pode e deve ser sujeito, quando não há recurso para a voz passiva, de vez que se trata de verbos intransitivos e neutros, empregados em suas legítimas acepções. Exemplo. Não se pode viver tranquilo, no momento atual, isto é, o homem (substituído por — SE) não pode viver tranquilo no momento atual. Neste caso a partícula — SE — não representa o — SUI, SIBI, SE latinos, mais lembramos o vocábulo — *homem* que é um equívoco bem autêntico do ON francês. Afóra isto, diz um renomado filólogo, o mais são fantasias.

Os que combatem a subjetividade do SE arranjam-lhe, em alguns casos, a função de partícula apassivadora impessoal, atribuindo, assim, a verbos intransitivos ou neutros, a possibilidade de formarem voz passiva. O meu raciocínio, a minha compreensão, a minha lógica mandam-me analisar a proposição: "Em Maceió, vive-se bem", do seguinte modo: Sujeito: SE (Substituindo homem ou alguém); predicado lógico: Em Maceió vive bem; predicado gramatical: vive; adjunto adverbial de lugar onde: em Maceió; adjunto adverbial de modo: bem. Quem não vê que o sujeito de vive é um homem ou alguém que mora em Maceió?

É melhor e mais lógico assim, do que fazer o arranjo forçado e artificial de dar-se forma passiva a um verbo intransitivo. Nada representaria a minha opinião sobre o caso, em tela, se ao lado de meu "MODUS VIVENDI" não estivessem as autoridades pinaculares de Maximino Maciel, João Ribeiro, Gustavo de Andrade e outros autores que se batem pela subjetividade da partícula — SE.

Alguns aspectos da educação nos EE. UU.

III

ALVAMAR F. DE MENDONÇA

Quando Gilberto Freyre esteve estudando nos Estados Unidos, encontrou uma Colúmbia humanizada no saber e no estudo. Uma mocidade de vida simples e sem preconceitos, chamando os homens ilustres pelas iniciais, apenas, o que é muito comum hoje em dia na America à maneira desse O. K. que se internacionalizou. Ninguém diz George Bernard Shaw, e sim G. B. S., nem Henry L. Mencken, mas H. L. Por fim, até o proprio nome da nação é conhecida como U. S. A. Diz ainda o sociologo de "Casa Grande de Senzala", as ciências hieráticas e solenes são tiradas dos seus ninchos, e humanizadas na convivência dos estudantes. Nenhum respeito mistico ou distanciado. Perguntaram certa vez ao Mestre da Sociologia brasileira: *Are you going to Mat?* Ele botou para tudo esse *Mat*. Pensou até mesmo num apelido qualquer, possivelmente Mateus. Mas, qual nada! esse *Mat* se referia á pesadissima Matemática. Os professores confraternizando com os seus alunos, dando aula em manga de camisa, no verão. Entretanto, nas solenidades, ninguém respeita mais as cerimoniaes do que ês-ses professores e estudantes de vida tão simples e simpática.

Na Carolina do Norte, o sr. Décio de Almeida Prado teve a oportunidade de comparecer a um jantar na Universidade de Chapell Hill, onde compareceu o Governo do Estado, como um convidado comum, sem protocolo, conversando como um cidadão qualquer.

Numa festa escolar teve oportunidade de assistir a um "show" onde cantavam alguns estudantes, quando, inopinadamente, o reitor da Universidade apareceu fazendo um magnifico solo de gaita. Para nós, isso tudo é muito estranho, mas para os americanos nada tem de extraordinário.

O professor nos Estados Unidos está intimamente ligado aos estudantes por força da convivência universitária, nos bares, nas bibliotecas, nos clubes literarios, sempre orientando, aconselhando, ajudando os estudantes nos seus trabalhos de pesquisa, tornando possivel essa camaradagem sadia e proveitosa que sempre deve existir entre professores e alunos.

• • •

Não seria possivel eu encerrar esse assunto sem vos falar em Horace Mann. Ninguém teve maior influencia na escola americana. O fato dele ter renunciado o cargo de Gover-

nador do seu Estado natal para ser diretor de uma escola diz bem do seu papel de educador. Criou as primeiras escolas normais do país organizou um ambiente escolar em que os ricos e os pobres se sentassem nos mesmos bancos de estudo, tornou possível a co-educação, a ponto de hoje em dia 76% dos estudantes americanos frequentarem instituições de ensino que adotam a co-educação. Com a sua orientação o estudo ficou o menos livresco possível, e aconselhava ao professor aprender bem a sua lição ao invés do estudante. Emerson disse, certa vez, que "os Relatórios de Mann acharam éco, das florestas do Maine, às margens do São Lourenço, às praias do grandes lagos; de leste a oeste, a sudoeste... Viram-se num recanto de Ohio quarenta pessoas se reunirem para lerem juntas um unico exemplar do Relatorios que lhes caíra nas mãos; do Estado de Massachusetts ganharam os Estados Unidos".

Sem esquecer tambem o estadista republicano Thomas Jefferson que se orgulhava tanto de ser o pai da Universidade da Virginia. Todos esses homens souberam esclarecer o povo sobre a necessidade da instrução como base dos principios democraticos, e ninguem melhor do que esse povo compreende e colabora na manutenção desse padrão educacional que honra não só a América do Norte, mas tambem toda a humanidade.

...

Não sei bem se me fiz compreender como era o meu propósito nesse longo e bem intencionado passeio por caminhos que eu não conheci pessoalmente, mas que sentimos na distância e através de informações de ilustres educadores brasileiros que os conheceram "in loco", o que não deixa de ocupar um plano evidente, não obstante as provas que essa própria mocidade hoje dá em todos os *fronts* do mundo onde tem combatido pela vitória daqueles principios que aprenderam nas escolas da América.

Nenhuma experiência mais usada e de efeitos mais surpreendentes do que o povo de Tio Sam conseguiu no setor educacional.

Os primeiros colonos plantaram no solo generoso do Novo Mundo os principios igualitários da educação para todos os homens que constituem essa comunidade humana, livres das imposições estatais que a Velha Europa impunha as escolas que existiam em função da influência e do poder dos governantes.

A educação nos Estados Unidos surgiu livre para os homens serem livres dentro do regimen que escolheram para viver; e por ser assim é que apresenta essa riqueza de realizações humanas e êsse coeficiente moral admirável num mundo convulso e desorientado. Tudo isso por ser fruto de uma corrente contrária as imposições do tradicionalismo das normas educacionais.

Ouçam o que diz o grande educador brasileiro Anísio Telxeira com respeito as normas tradicionais de ensino: "tornou-se obra muito mais de jardinagem ornamental ou de domesticação de animais, de um ficus, uma coluna ornamental ou uma cúpula decorativa, de um animal livre e agil, um bicho manso e util. Constituiu afinal, em essência, em muitos casos, no desviar um organismo dos seus fins próprios para fins de outrem. Era o que se fazia com os homens. A educação escolar era um treino para objetivos, em rigor, alheios aos individuos mas uteis à sociedade na sua forma do momento. Muitas vezes uteis aos governantes, uteis à dinastia, uteis aos senhores, que esses se educavam para fins próprios a si mesmos".

Portanto, até então, era a educação com fins preconcebidos, e dessa experiência americana que deixou o ensino livre, espontâneo, flexível, tornando possíveis adaptações posteriores a uma nova situação que viesse a surgir, é, justamente, onde reside toda a pujança da educação experimental dos Estados Unidos.

O seu desenvolvimento se processou rápido, com possibilidades de se corrigir, de se expandir dentro das condições que as circunstâncias exigissem.

Outro fator que concorreu para tornar a educação americana livre, espontânea, obedecendo as imposições da evolução social, foi a "fronteira", que ajudou a derrotar as normas rígidas do tradicionalismo europeu. Foi na "fronteira" onde se expandiu a capacidade de iniciativa individual.

Nenhuma educação se preocupou mais em respeitar a personalidade humana do que a dos Estados Unidos. Todos os homens têm o mesmo início, as mesmas vantagens na escola e as mesmas possibilidades na luta pela existência.

Somente a partir de 1828 é que começou verdadeiramente a democracia prática, quando da eleição de Andrew Jackson para a presidência dos Estados Unidos. Era um simples homem do povo que veio do Oeste para ser o mais importante dos homens do seu tempo. Só a educação democrática tornou isso possível.

• • •

Ainda a propósito da educação americana, diz Anísio

Teixeira "A milenária aspiração humana de construir um objetivo comum em torno do qual os homens vivam felizes, numa comunidade de propósitos e numa solidariedade de ação, está mais próxima dos Estados Unidos, a meu ver, do que de qualquer outro país. Ha, na maquina democrática de muitos países, o remedio para os seus maus governos, e remedio para os seus males politicos. Ha na maquina democratica americana, pelo seu sistema de educação, o remedio para os seus proprios males sociais, para transformação do próprio homem e por ela, das instituições que se tornarem prejudiciais ou absoletas"

• • •

Sentimos nesse contáto diréto com esses rapazes que ora convivem conosco condições de vida que revelam uma segurança, uma confiança esportiva em si próprios que os tornam os rapazes mais alegres e sem recalques que conhecemos até hoje. Rapazes concientes, joviais, adaptaveis a qualquer condição que as circunstâncias da vida os obrigarem.

Conheci um rapaz americano estacionado em Parnamirim, que era do Partido Republicano, e quando das últimas eleições para presidência dos Estados Unidos, tive oportunidade de, conversando, pedir as suas impressões sobre o provavel candidato vitorioso, ao que ele me respondeu que o candidato do seu Partido, John Dewey, era um bom candidato para outra ocasião, o momento ainda continuava a exigir a presença do democrata Roosevelt à frente dos destinos do seu País.

Não pode haver um fato mais frisante do quanto a educação americana esclarece a mocidade do que êsse. Ele era um típico moço americano que aprendeu em qualquer escola publica dos Estados Unidos a criticar os governantes sob o aspecto de sua orientação politica, de seus propósitos administrativos, não usando jamais os impetos caudilhescos dos estudantes dos países da America Latina. E nós sabemos que esse caso não é, em absoluto, um caso isolado.

Finalmente, meus senhores, o que vemos nesse extraordinário País é a vitória do homem comum, a vitória do cidadão dentro de uma vida social em que todos são realmente iguais diante das oportunidades.

O grande exemplo está diante de nós todos, um exemplo que não pode em hipótese alguma ser sub-estimado. Ha qualquer coisa de estupendo nas conquistas que os Estados Unidos conseguiram em todos os setores da vida humana.

Todos os rapazes americanos provaram que a educação serviu para esclorecê-los nessa luta ideológica. A mocidade

América foi levada a guerra pelas próprias convicções, pela certeza de que tudo que havia construído na sua existência de povo livre estava realmente ameaçado. Esse país conseguiu de fato a vitória da "comunidade de vontade" sobre a "comunidade de obediência".

Tudo isso por que a Nação não esqueceu a advertência de George Washington: "pois desde que um país reconheça a opinião pública, deve oferecer meios para que essa opinião seja esclarecida".

BIBLIOGRAFIA

- ANIBAL M. MACHADO** — O Cinema e sua influência na vida moderna ("Diretrizes" números 41, 42 e 43 de Abril de 1941).
- GILBERTO FREYRE** — O Estudo das Ciências Sociais nas Universidades Americanas (Rumo), 3ª fasc, nº 1, vol. 1).
- LOURENÇO FILHO** — A Educação nos Estados Unidos ("Lanterna Verde" nº 7, agosto de 1943).
- ARTHUR J. JONES** — A Educação dos Líderes (Cia. Editora Nacional, vol. 3), série 3ª da "Biblioteca Pedagógica Brasileira").
- AFRÂNIO PEIXOTO** — Noções de História da Educação (Cia. Editora Nacional 3ª edição, 1942).
- ANISIO TEIXEIRA** — A Educação e a América do Norte ("Aspectos da Cultura Norte Americana", Cia. Editora Nacional, 1937).
- DÉCIO DE A. PRADO** — Estudo na Universidade. Programa e Sistema de Ensino ("Vida intelectual nos Estados Unidos", Vol. 1). Diversas publicações distribuídas pelo COMITÊ DE COORDENAÇÃO EM NATAL.

LÍNGUA PORTUGUESA

Com o novo método de ensino por correspondência do Prof. Brandão Machado, desapareceram tôdas as dificuldades do aprendizado da língua portuguesa. O novo método, que é o fruto de longos anos de experiência, veio resolver definitivamente o problema de milhares de estudiosos do nosso idioma. O curso, que é essencialmente orático, compõe-se de 52 lições escritas em linguagem simples, ao alcance de todos, até dos que cursaram apenas o grupo escolar. O curso é completo e abrange tôdas as questões da língua. Mensalidade: — Cr\$ 30,00. As lições são enviadas semanalmente.

Peça prospecto gratuito, ou matricule-se, enviando a primeira mensalidade, com o nome e endereço completo para: **PROF. BRANDÃO MACHADO** — CAIXA POSTAL 5048 — SÃO PAULO.

FISCALIZAÇÃO ESCOLAR

HEROIZO DO NASCIMENTO

(*Inspetor do Ensino da 13ª zona, Paraíba*)

Para o integral funcionamento do complexo organismo escolar, torna-se mistér perfeita harmonia entre os seus órgãos constitutivos, a-fim-de serem evitadas as perturbações entavadoras do progresso educacional.

Dentre os elementos primordiais da organização do ensino primário, destacamos a Fiscalização Escolar, entregue a um corpo de Inspetores, com raio de ação em todas as unidades do ensino primário e com a incumbência de verificar o bom ou o mau funcionamento das escolas, orientando professores, impulsionando o ensino e corrigindo os seus defeitos.

Dizem muitos que o cargo de Inspetor do Ensino é um dos mais cômodos do Magistério Primário, porém a experiência nos demonstra que, muito embora seja êle entremeado de facetas agradáveis, visto que o "peregrino do ensino" está fadado a descortinar, constantemente, novos horizontes e a estudar aspectos vários da vida popular, não deixa, porém, de ser espinhosa missão, mormente para aquêles que fazem do Magistério um sacerdócio, empregando o melhor das suas energias em prol do gradual desenvolvimento do Ensino.

Realmente, seria comodíssimo ao Inspetor do Ensino localizar-se em sua sede regional, atendendo, unicamente, aos rotineiros trabalhos burocráticos ou limitando-se, exclusivamente, a percorrer a sua zona, em meteóricas visitas de cordialidade às unidades sob sua responsabilidade, sem proveito prático, portanto, o que, a nosso ver, seria um crime praticado contra a sobrevivência do próprio organismo educacional.

Cabendo-lhe, com justiça, a liderança de uma zona escolar, não pode e nem deve o Inspetor do ensino ficar alheio às ocorrências do trabalho escolar, ocultando-se no anonimato de um funcionário nulo. Deve êle projetar-se no seio do professorado, empregando meios precisos para merecer dos seus colegas a confiança necessária para o cabal desempenho da sua missão, agindo dentro do elevado espirito de sinceridade, sem o que ruirá o seu conceito aos primeiros sopros dos vendavais destruidores do desconceito público.

Como elemento preponderante do quadro do Magistério, seria impatriótico ficar o Inspetor do Ensino isolado de qualquer movimento educacional. sob pena de ser moralmente devorado pelo seu próprio isolacionismo, tornando-se um pêso

morto, sem expressão, na balança da vida escolar. É necessário sentir a vida irrequieta da Escola, para que, em cada unidade do ensino encravada no colar das suas atribuições, se centralize a sua personalidade de Amigo e Mestre.

O Inspetor não deve ser o tirano indesejável, mas, principalmente, o companheiro hábil e maneiroso, capaz de insuflar, na escola, tonalidades vivificadoras, seja ela um bem aparelhado Grupo Escolar de cidade florescente ou a mais humilde escola rural localizada em rincão inculto, pois não é com demonstrações absurdas de superioridade irritante que êle consegue vencer as etapas difíceis da sua missão.

Ê, destacadamente, nas escolas humildemente dotadas de material escolar e onde o elemento humano não é tecnicamente perfeito, que a sua ação amparadora deve ser constantemente empregada, corrigindo os defeitos sem humilhar o professor que, isolado do convívio civilizado, sem meios, luta sozinho contra o analfabetismo.

A finalidade primordial da escola é preparar a população inculta, para que ela, na vida prática, encontre maiores possibilidades de triunfo. Ao Inspetor cabe o papel de fiscalizar o trabalho escolar, orientando e educando. Êle, mais do que todos os elementos do Magistério, deve ser um vivo exemplo em frente a qualquer grupo de alunos, empregando meios, para a correção das falhas existentes, na escola, sem que, nessa corrigenda, sejam afetados os melindres do seu colega regente de classe, procedendo de modo que a reputação funcional do seu colega não sofra descrédito no seio daqueles cuja educação lhe está entregue, sem o que o trabalho de inspeção escolar se tornará improficuo.

Uma aula prática, em presença do colega displicente, é muito mais útil para o Ensino do que uma advertência ou repreensão em presença da classe, isto porque o Inspetor estará corrigindo sem causar quebra de confiança entre alunos e mestre.

Em casos excepcionais, as advertências, repreensões ou outras penalidades impostas pelo Regulamento, deverão ser feitas em momento propício, longe do testemunho dos educandos, sem o que desaparecerá o ritmo impulsionador do equilíbrio escolar. Pode ser gritante a desorganização de uma escola, seja nos trabalhos de escrituração, na disposição das classes, na nulidade de rendimento escolar, mas não defende os interesses do Ensino o inspetor que demonstrar em classe a insuficiência pedagógica e administrativa do regente.

Ê, positivamente, muito mais produtivo e facil conseguir-

mos os nossos objetivos empregando a brandura de trato e a camaradagem do que adotando a rispidez e a intolerância, estas últimas verdadeiras fábricas de inimizades e as primeiras pontos luminosos que embelezam a tórre diáfana do edificio educacional, cuja estrutura altaneira, alicerçada pela Bondade, Justiça, Boa Vontade e Patriotismo, destaca-se como templo irradiador da Educação.

Cajazeiras, 1º de julho de 1949.

Três grandes centenários

R. NONATO

O calendário das festas cívicas nacionais está registrando, no decorrer desses dias de 1949, três grandes centenários.

Figuras brilhantes, decisivas, marcantes no curso de muitos dos mais importantes acontecimentos da nossa história política, social e representantes de uma aristocracia cultural, ao nível da qual se poderiam perfilar os mais insignes Varões de Plutarco, foram esses grandes brasileiros cujo centenário de nascimento, a Nação vai comemorar, prestando-lhes as mais justas homenagens.

Em um dos seus admiráveis ensaios sobre personalidades britânicas, de que é fiel retratista, André Maurois, referindo-se ao Duque de Wellington, afirmava que, o vencedor de Waterloo pertencera a uma geração de gigantes.

Entre nós, longe de estabelecer confrontos como os do genial discípulo de Alain e não menos famoso criador de "Os Silêncios do Coronel Bramble", Amaro Cavalcanti, Joaquim Nabuco e Rui Barbosa podem ser considerados entre os mais atilados espíritos da geração em que viveram, e em que se notabilizaram, pela independência do pensamento, da palavra e das idéias.

Seus nomes ilustres, que o Brasil venera e aponta como exemplo, atingiram a glória não pela vitória dos campos de batalha, mas pela ação extraordinária dos seus méritos, pelo entusiasmo com que preliaram na defesa do direito, e sobretudo, pelo universalismo dos seus espíritos, cujas idéias sempre estiveram a serviço da cultura, da justiça e da liberdade.

AMARO CAVALCANTI — Abre este ementário, o nome do ilustre norte-riograndense, nascido em Caicó, (1) a 15 de agosto de 1849. Vasta folha de serviços prestou o seridoense ao País e às suas instituições. Deputado. Senador. Ministro Plenipotenciário, Prefeito do Distrito Federal. Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Ministro do Supremo Tribunal Federal. Escritor.

A respeito de sua atividade, com justa razão escreve o desembargador Antônio Soares:

— “Homem de rara ilustração e grande amor ao trabalho, o dr. Amaro Cavalcanti enriqueceu o País e a literatura com a publicação de valiosas obras de direito, finanças, religião e política”.

* * *

JOAQUIM NABUCO foi a figura mais notável da política do Segundo Império ligado ao movimento abolicionista. De linhagem aristocrática, nasceu em Pernambuco, a 19 de agosto de 1849.

Sua ação poderosa ao lado dos que combatiam pela extinção do regime servil, definiu os rumos vitoriosos da campanha.

Com essa atitude, Nabuco veria escrever, na história dos movimentos sociais do Brasil, um dos seus capítulos mais brilhantes, sem falsas ilusões sobre o futuro da nacionalidade. Ele que tão profundamente se encontrava radicado com problemas do escravismo, acentuava:

— “A escravidão permanecerá por muito tempo, como a característica nacional do Brasil”.

Estudando-lhe, mais tarde, a formação e as idéias, Graça Aranha abria um parêntese para definição de sua atitude.

— “O heroísmo de Joaquim Nabuco foi o de separar-se da aristocracia para fazer o abolicionismo. O heroísmo de Machado de Assis foi uma marcha inversa, da plebe à aristocracia, pela ascensão espiritual. Ambos tiveram de romper com as suas classes e heroicamente afirmar as suas próprias personalidades”.

* * *

RUI BARBOSA (Bahia, 5-11-1849). Sem exagero, pode-se dizer que Rui foi o único brasileiro cujo nome merece uma definição tão vasta como o próprio Brasil. E deu-a Batista Pereira, um dos seus grandes intérpretes:

(1) Fazenda Logradouro, em Jardim de Piranhas, hoje município e, ao tempo, pertencente a Caicó.

— “Rui foi um mundo. Marmorizou o papel, eternizou o pensamento, fez da pena o cinzel da nacionalidade”.

Na defesa dos direitos e da liberdade, Rui foi mesmo a palavra que nunca transígiu, a coragem cívica que nunca recuou.

Isto não lhe negavam os mais ferrenhos adversários, como o próprio Pinheiro Machado, quando assegurava a Rafael Pinheiro:

— “Há uma coisa, meninos, que Rui tem mais do talento: é coragem. Vocês não conhecem o Rui e eu conheço”.

Assistindo, agora ás comemorações dêstes três grandes centenários, a mocidade brasileira se oferece o ensêjo de verificar que, as palavras de Renan, apesar das mudanças do curso da História, ainda não perderam seu sentido:

— “A gloria é a única coisa da vida que não é de todo ilusão e vaidade”.

“Supostos galicismos”

Apesar de combatido — dum lado a idade e do outro os achaques, o prof. Jerônimo Gueiros ainda trabalha.

O mais recente fruto dêsse labor é o folheto “Supostos galicismos”, com que dá uma série de lições.

Recordo-me de uma passagem da vida.

Fui intimo de Baltasar Pereira, um dos maiores jornalistas que Pernambuco tem produzido. Éramos vizinhos e de quando em quando estava na sua casa.

Por causa dêle, conheci seu sogro e tio, o desembargador Martins Pereira, varão austero, que dominava com apenas o olhar.

Os netos porém, não levavam em conta sua austeridade e o velho com êles se derretia.

Em minha presença, um dos filhos indagou como, tendo sido tão severo para com êle e seus irmãos, permitia tanta liberdade aos meninos da segunda geração.

E o velho Martins Pereira explicou que a idade produz modificações. Fica-se, sobretudo, mais tolerante. Admite-se muita coisa que outrora se censurava.

É assim que compreendo, em seu outono, o prof. Jerônimo Gueiros.

Ninguém possui presentemente mais autoridade, em Pernambuco, sôbre a língua vernácula, do que êle. Ninguém to-

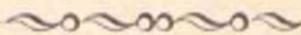
davia mais tolerante, para justificar formas inquinadas de suspeição, modalidades que êle próprio conscientemente não emprega mas por misericórdia, admite e abona.

O caso do sufixo *eria*, por exemplo.

Temos, formada diretamente do latim, sem o sufixo, *galeria*. A analogia foi deturpando certos derivados que deveriam aparecer com o sufixo *aria*. *Armaria*, por exemplo, corrompeu-se em *armeria*; *lotaria*, em *loteria*; *artilharia* em *artilheria*. Uma forma legítima e outra corrompida, ou talvez pela inversa, forma arcaica e forma erudita e legítima. Em vez de acentuá-lo e recomendar esta última, que é a de que êle usa, faz como o desembargador Martins Pereira com os netos: admite aquela, justifica-a, dá-lhe abono, para que não se possa tachá-la de erronia, visto que assim o povo a prefere.

Sob êsse aspecto, para apadrinhamento de vocábulos suspeitos, ou de construções não muito católicas, o folheto do prof. Gueiros que, repito, detém o bastão de marechal de assuntos filológicos entre nós, é magnífico.

Claro que não posso concordar com tôdas suas conclusões, o que me não impede de reconhecer-lhe o mérito e exaltar-lhe o valor. — MARIO MELO.



TUTÓIA, centro humano mais antigo do Brasil

Lê-se em Deodoro de Sicilia que os fenícios salvaram os troianos e que estes, por amor à pátria, costumavam dar aos sítios, onde permaneciam, o nome de Tróia. No Brasil, quasi à foz do Parnaíba, altura do litoral do Estado do Maranhão, existe a baía de Tutóia e que, conforme a tradição, é o centro humano mais antigo no país e onde melhor se fala o português.

Argumenta o prof. Schwenhagen, afirmando que o fonema «r» é de difícil pronúncia para os aborígenes e que, no caso, houve indiscutivelmente a deformação de «Tróia» e «Tutóia». Segundo o mesmo professor, a forma primitiva de «Tutóia» seria «Toor-tróia». «Toor» quer dizer na lingua fenícia «capital», «praça forte» e na realidade se vêem nas ruínas de Tutóia resquícios de meios de defesa. Em síntese, Tutóia foi fundada por troianos, segundo tudo indica.

MANHÃ DE PRIMAVERA NO PÔRTO DE NATAL

TRADUZIDO DO ESPANHOL POR JUSSARA

GASTÓN FIGUEIRAS

A manhã de luz e graça,
manhã de olhos de mulher,
deslumbra as ruas da cidade.
O silvio de um trem
corta o espaço.
Cheias de mel as mangabas
penduram-se nos ramos.
Pelo declive da rua arenosa,
passa um burrito
carregado de lenha.
Marginando o pôrto,
alonga-se o sorriso
da verdura luxuriante da floresta.
Festa de canoas,
na esmeralda das águas do rio Potengi...
Manhã de primavera, no pôrto de Natal,
meu coração embriagas com teu vinho sutil
e a alegria de viver me devolveste.
Meu coração semelhante a um pássaro
na jaula do tédio prisioneiro
havia encrespado suas asas
cansado de voar inutilmente.
Mas tu, manhã de primavera, em Natal,
manhã de olhos femininos,
te aproximaste de mim piedosamente
e a porta desta jaula abriste...
E na embriaguez da liberdade o coração voou
sôbre as palmeiras viçosas,
as águas de esmeralda,
as choupanas risonhas,
as dunas de prata...

VOCAÇÃO E TRABALHO

F. RODRIGUES ALVES

Os pais terão de convencer-se de que constitui um crime contra a criança que poderá tornar-se um hábil engenheiro forçá-lo a tornar-se um escriturário ou um agente de seguros; isso não só significa prejudicar a criança, mas empobrecer a sociedade que necessita de cérebros e mais cérebros em todas as ocupações, sejam "white collar" (1) ou práticas.

JOHN NEWSON

Merece atenção especial, pelo sentido delicado de que se reveste, dentro do complexo humano, todo assunto que diga respeito à vocação do educando. A vocação é uma disposição instintiva. E a ninguém é dado, assim, determiná-la. Quando muito, poderá ela receber as influências dos pais ou dos mestres, mediante conselhos, sugestões, esclarecimentos, longe, sempre, da imposição tirânica, da sujeição formal do *potestas patri* dos romanos.

As leis naturais da existência humana não se subordinam, em tudo, aos caprichos ou desejos dos outros. Elas respondem a uma determinação própria, definitiva, *sui-generis*, sabido que representam a soma de fatores biogenéticos e biopsicológicos alheios a vontades estranhas e dignos de apreciados e respeitados, para que haja perfeita harmonia no conjunto de todos os princípios que regem a conduta do homem, fazendo-o tranquilo, feliz e plenamente satisfeito de viver a sua vida.

O homem precisa de normas de vida, nunca, porém, a rigor, de certas normas, para escolher o modo de vida... Isto seria a própria violentação desse comum livre arbítrio, que lhe é peculiar, como um direito natural. Os mestres, responsáveis que são pelos destinos das gerações novas, precisam ver tudo isso, com os olhos da experiência e dessa tolerância que Lémaître classifica de «*caridade da inteligência*», a fim de que se capacitem de bem guiá-las, para a tranquilidade beneficente que o santo entusiasmo do Trabalho lhes possa proporcionar. Sem isto, a tarefa da educação e da instrução estará quase nula, porque crescerá, inevitavelmente, o número de inadaptados, de insatisfeitos, de descrentes, de pessimistas, de abúlicos, enfim, de incapazes moral e intelectualmente. Lemos, algures, esta opinião valiosa de um mestre clarividente: "É claro que, para influenciar, beneficentemente, alguém, numa certa direção, é preciso conhecer-se bem aquêle a quem se quer guiar. É preciso conhecer as possibilidades e os gostos do educando e levar em conta também sua posição social. Pois esta

também tem sua importância. É muito natural que o filho de um letrado, que tenha gozado de boa instrução e haja vivido num meio de certas comodidades e de uma relativa vida cultural, há de sentir-se mal se tiver de passar o resto da vida, por exemplo, como pedreiro ou maquinista de estrada de ferro. Talvez, como criança isto o entusiasme. Talvez mesmo por uma crise ou uma paixão, êle escolha uma vocação assim. Dificilmente se adaptará. Se bem que, muitas vêzes, seja mesmo bom durante a mocidade, experimentar-se, por algum tempo, uma profissão que discipline e dê método de trabalho. Depois de o educando haver-se declarado séria e refletidamente, por uma vocação, os pais e educadores podem argumentar contra a escolha feita, podem apresentar suas razões contra ela, mas de forma alguma podem colocar-se, simplesmente, numa posição contrária, procurando, sem argumentos, e sim apenas com pedidos ou proibições, refazer a escolha". Conseguindo isto, terão êsses pais e educadores conduzido ao fracasso irremediável muitos jovens que, no setor de suas aspirações, de suas tendências inatas, poderiam conquistar melhores vitórias, em benefício próprio, da Família, da Sociedade, da Pátria e da Humanidade! Quantas vêzes, nos lares, vemos desenrolar-se o conflito de vontades entre aquêles que se educam e os seus próprios pais! Quantas vêzes, contra os desejos do educando, vemos o pai querendo que êle siga uma determinada carreira e a mãe se batendo por outra!... Nada mais errado! Se a vocação do filho é para a Medicina, devem deixá-lo ser médico; se é para o direito devem fazê-lo bacharel; se êle aspira à Engenharia, não deve ser contrariado; se seus pendores se voltam para o Sacerdócio, jámais devem procurar dissuadi-lo do que tem em vista, porque êsse filho poderá ser um sacerdote de virtudes acrisoladas, um consciente pregador das verdades eternas. A vocação, no terreno educativo, não é, pois, como pensam os leigos, um problema de somenos importância, uma bizantinice qualquer!... Ela assume proporções sérias e reclama, por assim dizer, cuidados sérios, principalmente, nos dias desajustados e doentes, que vivemos, quando a onda tremenda do negativismo cruel ameaça invadir as almas, em formação, procurando atira-las à *Rocha Tarpeia* das desgraças dos tempos! Daí o perigo, nas escolas, (com especialidade as primárias), de educadores que, antes, são deseducadores, por desviarem, no mais das vêzes, do bom caminho, os que tiverem a desventura de receber-lhe as "lições", de ouvi-los, mais como individuos nocivos, porque envenenadores dos espiritos em desenvolvimento, do que como verdadeiros e dedicados mestres de cujos lábios e de cujos exemplos resultem ensinamentos

NOTAS & FATOS

Em várias regiões da Holanda, quando nasce uma criança, afixa-se à soleira exterior da porta uma almofadinha (de agulhas). Se a almofada é vermelha, sabe-se que nasceu um menino; se é branca, uma menina.



A quinta-feira é tida na Espanha como dia aziago.



Os chinêses não assobiam.



Na Índia são os homens e não as mulheres, que trazem pentes ao cabelo. Esses pentes são, quase sempre, enfeitados com pedras preciosas.



Na China é costume gravar na sepultura do defunto o nome do médico que o tratou. (Não é mal pensado!..)



Em tôda a Abissínia é rigorosamente proibido fumar. Até os estrangeiros devem ter cuidado para não se deixarem apanhar fumando.



A girafa é um animal completamente mudo... Mas não é surdo e tem apuradissimo o sentido do olfato. Um pequeno

elevados e sadios, capazes de formar a personalidade do discípulo, dentro dos moldes sagrados da Moral, da Verdade, da Justiça, do Direito e do Bem!

E aos pais de família que, de-fato, se interessem pela boa sorte de seus filhos, cabe vigiá-los e livrá-los, o mais que possível, da influência perniciosa dessas caixinhas de Pandora, que andam, por aí, por culpa, às vèzes, dos próprios governos, envergando a beca solene de guias das gerações, no exercício de uma missão sublime e delicada, para a qual também não têm a devida vocação, coroada com aquela virtude ensinante do pensamento apostolar do grande Pestalozzi!

(1) ocupações white collar são ocupações acadêmicas.

pássaro que costuma captar vermes nas orelhas das girafas é que se adverte de algum perigo que se aproxime.

Às vezes, o auxílio desse pássaro, parecido com o nosso "anum", chega a ponto de, quando se aproxima um leão, ir fazer cócegas nas orelhas da fera, para atrapalhar a emboscada e dar tempo à girafa de se salvar.



Velocidade. — A ave mais veloz parece ser a andorinha. Uma andorinha capturada em seu ninho e posta novamente em liberdade a 240 quilômetros de distância, voltou ao ponto de partida em 1 hora e 8 minutos, alcançando, assim, a velocidade média de 210 quilômetros à hora.



A águia é de todos os animais o que parece bater o recorde de rapidez no vôo; percorre um espaço de 1.875 metros por minuto, ou um pouco mais de 22 léguas por hora; quanto aos outros pássaros de primeira grandeza, a distância que podem franquear é de cerca de 230 em um dia. O rei de França, Henrique II, quando caçava, de uma feita, viu um de seus falcões fugir e, vinte e quatro horas depois, esse pássaro, era aprisionado, perto de Malta, a 270 léguas do ponto de partida.

A velocidade inacreditável dos peixes não admite comparação com a dos pássaros, nem mesmo com a dos quadrúpedes, incluindo o cavalo de corrida.

Quanto aos outros animais... O caracol percorre um espaço de 50 centímetros... em 5 minutos.

Em compensação, a formiga, muito menor, percorre o mesmo espaço, em 5 segundos.



DIVERSOS "PAIS":

O pai da aviação — Santos Dumont; da locomotiva — Stephenson; do telescópio — Roger Bacon; da imprensa — Gutenberg; do cinema — Edison; do escotismo — Baden-Powell; do futebol moderno — Walter Camp.



Dante — Suas últimas palavras.

Dante, o sublime Alighieri, só encontrou um nome para baluciar, antes do suspiro final: "Beatriz"... E não se pode saber se ele falava à virgem de véu, que lhe segurava a mão, ou se ele via já a redentora do Poema, para acolhê-lo na Eternidade.



A Criança e o Brinquedo

Gonçalves FERNANDES

RECIFE, julho — "... como resolver o problema dos brinquedos a dar ao meu filho. Sei, vagamente, a importância que tem o brinquedo na formação da personalidade..."

Realmente, brincar chega a constituir um dos instintos atuantes na criança e tão importante quanto os outros, como comer e beber, eliminar, dormir, etc. Constituído o brinquedo não só um jogo de socialização da criança como uma oportunidade de realizar numa projeção á margem da realidade da vida, numa como licença da ambiência, a satisfação dos seus anseios mais íntimos. Porisso mesmo a escolha dos brinquedos deve, no comêço, ser orientada de maneira a poder proporcionar á criança os elementos na verdade próprios a uma sadia expansão das suas necessidades psico-motoras (o brinquedo tem ainda uma função muito importante no que diz respeito ao desenvolvimento da destreza física e por isso mesmo deve ser levado em conta o desenvolvimento motor da criança ou seja o desenvolvimento da sua capacidade física de movimentos, o que está condicionado á sua idade, normalmente ao seu crescimento neuromuscular). O jôgo, sendo, assim, um "apetite" normal da criança" concorre para que o seu corpo e o seu espirito, instintivamente obtenham uma harmonia necessária ao seu perfeito equilíbrio.

Tal instinto anima a criança a realizar suas "experiências", experiências que por um mecanismo associativo formam, depois, a própria noção de conhecimento. Ainda se deve considerar que a criança é levada, naturalmente, a fazer coisas que "não lhe são permitidas": o brinquedo, constituindo um

CINCADAS

Por maior que seja o talento de certos escritores, às vêzes, na febre de escrever, escapam-lhes alguns despropósitos dignos de nota. Senão vejam:

No romance "Lourdes", de Emilio Zola, vem esta frase: — "Vamos, disse Pedro, procurando o chapéu para secar as lágrimas".



Auerbach, em uma novela, cometeu esta: — "Com um olho ela lia, com o outro, escrevia".

território neutro, lhe faculta a possibilidade de expandir-se, diminuindo a sua tensão nervosa e lhe dando o domínio sobre certas formas de reações violentas.

O primeiro jogo que você pode utilizar com esta finalidade educativa é simples e barato: um quadrado de madeira com areia, o que pode até ser feito em casa por v. mesmo, aproveitando as horas desocupadas dum domingo. Deverá ter as paredes laterais um pouco altas (não demasiado) para que a areia não caia no chão, sujando-o. Normalmente desde os dez meses até além da 2ª infância a criança sente prazer em brincar com areia. No verão, a praia oferece a oportunidade de constituir ela própria uma vasta superfície de areia onde a criança se poderá expandir. Quem já não observou a alegria da criança em sentir o contacto da areia nos seus peizinhos? Em fazer montes, pocinhas, castelos e torres? No começo a criança sentirá apenas a satisfação do contacto com a areia mas, com o decorrer do tempo, começará a riscá-la com o dedo, fazendo desenhos que, começando por simples traços de linhas, passarão a formar coisas e objetos simples. Este brinquedo, uma pequenina área de limpa areia dentro de casa, será como uma pequenina praia privada que ela apreciará mesmo depois de mais velha. Os pais ainda poderão utilizar o quadrado de areia para uma divertida forma de instrução pelo relêvo, quando a criança atingir a idade de quatro para cinco anos, ajudando-a a constituir nele um como pequeno mundo com o relevo terrestre.

Quando a criança já se movimenta livremente uma bola deve ser o seu brinquedo: uma bola macia (cuidado para que ela não a leve á boca) de tamanho proporcional aos seus membros. A bola ajuda-a a desenvolver-se fisicamente e lhe proporciona precisão de movimentos.

A êsse tempo dêem-lhe um jogo de construções, formado de pequenos blocos de madeira. Embora, de início, ela prefira atirar com os blocos para os diversos cantos da casa, depois, nas proximidades dos três anos, começará a sentir interesse em reuni-los, formando casas de configurações as mais diversas. Ela sentirá grande satisfação em armar casas e depois derrubá-las a um gesto ou com uma bolada, o que lhe dá uma como compensação ás crises de "aperriação" que certas crianças sem brinquedos frequentemente apresentam.

Uma menina receberá com grande alegria uma boneca — a natureza, a grande mestra, a inclinará a tratá-la como "sua" filha, uma boneca com a qual ela repetirá as suas experiências em face dos pais, servindo ainda de elemento de controle das suas impulsões genuínas. Um conjunto de bonecos diversos,

poderá, ainda, constituir para a criança um interessante jogo, no qual ela projetará os seus sentimentos, vivendo uma "família de brinquedo" (na verdade uma projeção da sua própria família, do que ela observa ao seu derredor, das qualidades e defeitos dos seus pais, tais como são por si "sentidos" e observados, dando ao educador um material de excepcional importância para possíveis correções... até em si mesmo!

Cachorrinhos e animais de brinquedo também são úteis para meninos e meninas, entrosando-os no conhecimento natural dos seres que o cercam e preparando-os, depois, a olhar sem temor os animais domésticos.

Eis aqui um bom começo, justamente o mínimo que v. precisa saber para atender á necessidade de brinquedos do seu filhinho que ainda não completou um ano, e que lhe dará margem o um programa dos jogos que êle deverá praticar até os quatro anos de idade. Depois virá então o "jardim da infância", um novo maravilhoso mundo cheio de jogos educativos orientados por professoras especializadas.

Da iniciação filosófica na Escola Primária

ANTONIO E. DA SILVA

Não se vá pensar que êste artigo pretenda ser um torneio com os seus lances mais ou menos sensacionais. Não! É apenas para exaltar a educação da mocidade assente em bases filosóficas. O ensino, então, melhormente preencherá suas finalidades pela eficiência, que o revestirá. É que a ética na didática afina sem dúvida a inteligência.

Fica entendido, pois, que a nossa intenção é evitar a "medição de forças" nem sempre rara...

Trabalhando o mestre-escola com um material humano sempre diverso na sua estruturação, claro é que para o maior rendimento do serviço necessita das noções de filosofia aplicada à escola de primeiras letras.

Crianças, o sabemos, hiper-emotivas, portadoras de distúrbios nervosos, de medos patológicos, os coreicos, os disglândulares, os que sofrem de mixedina infantil, de mitomania, os impulsivos que já hoje com a evolução da ciência têm por meio dos testes a sua catalogação não impõem a quantos se afazem ao "métier" os imperativos de conhecimentos, que só a Psicologia Experimental tinha o condão de elucidar.

Num "marche aux flambeaux" de predestinados susten-

temos o facho, que deverá passar de mãos a mãos, sempre vivificado pela pura essência de cada ser, que o Autor da Vida universal criou.

Nesta conformidade, vejamos algo do que vem a ser a educação pela filosofia ou, em outras palavras, em que consiste a filosofia na escola primária para cujo desiderato nos utilizamos de preciosos subsídios que nos foram legados pela emérita educadora, professora Alba Canizares Nascimento.

Ora, se as questões filosóficas resumem-se em interpretações, que não escapam ao grau de emotividade de cada um, a consciência individual, portanto, é o árbitro a dar julgamento nesta ou naquela dúvida suscitada. Assim, trata-se do aspecto elementar do problema quasi sempre subestimado na escola primária dos nossos dias.

A filosofia, ciência dos primeiros principios (Aristóteles, Descartes, Spinoza), dá-nos o conhecimento das verdades básicas.

Não existe apenas afinidade entre a ciência da educação e a filosofia, mas verdadeira dependência, do que se infere precisar o professor lançar mãos dos conhecimentos da ciência de Aristóteles para melhor servir à educação.

Somente o que é útil, dispendo de cunho moralista, constitui a filosofia da vida e, em última análise, o seu escopo é a felicidade social.

Derivando da filosofia o sentimento moral, desde que o individuo se afaste do bem cai no terreno da infelicidade e, segundo Leibnitz, o mal é tão necessário como a sombra o é às nuanças do bem.

Faz-se mister que às crianças seja dada orientação de modo a evitar os cétricos ou vencidos, porisso, a preocupação máxima do educador refletirá bom senso ao nível da compreensão infantil.

Sem emaranhar-se nas cogitações etiológicas, não só do ponto de vista físico como psíquico, o trabalho maior tende à formação do carater como o "poder de querer".

O mestre vai, assim, capacitando o menino a saber querer. É na tenra idade que o ser se disciplina para querer. Daí o conceito de que o homem é modalidade do espirito.

Observar a vida real, elevar-se na sua intuição, ter a compreensão do seu destino — são aspectos da educação, que não devem ser descuidados.

É precípua integrar o escolar na vida, desfazendo a perplexidade de problemas cuja solução é a chave para viver bem. E é a força de penetração do menino irrefutavel índice, ex-

CORRIGENDA

NO ARTIGO — O DIA DO PROFESSOR — ONDE SE
LÊ POVOS LARES, LEIA-SE POVOS LIVRES.

pondo convicções de toda relevância e que o professor aproveitará ao sabor da iniciação filosófica na escola primária.

O docente acompanha as dúvidas imperscrutáveis do aluno, contornando a situação e fazendo que a verdade se estabeleça de modo a provocar a indagação do próprio espírito infantil.

Como o motor da nossa atividade condensa-se em investigações, cogitações, há dúvidas do espírito a serem desfeitas de um modo certo ou errôneo. É a necessidade de uma concepção — guia que leva a criança ao caminho do futuro, dando-lhe o preceptor aso ao seu melhor encaminhamento na vida prática.

No dizer de Bergson, há outro meio de conhecimento além da inteligência: é a intuição. E diz mais — “A ciência deriva da inteligência, a filosofia, da intuição”.

Vêde, educadores, como o coração apresenta razões tão logo a razão sossobre. Por amor à verdade, numa cooperação de boa vontade, sacrifícios e esforços máximos, na vigilância do desdobramento da vida da infância, os professores são sentinelas indormidas, que se caracterizam por um estado de constante sobreaviso.

Sulcos luminosos promanam dos conhecimentos, que as noções de filosofia encerram e o ensino primário, assim escudado, falará alto e bom som de uma era, que deve ser, quanto antes, inaugurada. Assim, a indeclinável responsabilidade nessa orientação dará ao espírito infantil força bastante para interpretar as sérias questões da civilização, na época de franca transição que estamos vivendo.

“**D**S governos que desejam, realmente, contribuir para a felicidade do seu povo, devem ter, sempre, presentes as quatro liberdades rooseveltianas: liberdade de pensamento, liberdade de crença, liberdade de não passar fome; liberdade de não ter medo da polícia secreta”.

Educação profissional e remuneração do professor brasileiro e do norte-americano

BRASILIANO SANTANA

(Presidente do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro)

A educação profissional do professor, nos estados Unidos, é resultado de longo e, por vêzes, penoso processo de desenvolvimento. É problema encarado de longa data, pela sua importância.

Numa vista de conjunto, verifica-se que a educação do professor, nos Estados Unidos, se caracteriza pelo seu completo domínio das matérias que leciona, pelo reconhecimento da necessidade de segura e ampla educação liberal. O conhecimento dos fatos e princípios da psicologia educacional, assim como uma série de contáctos cuidadosos e graduais com os sistemas escolares primários e secundários, inclusive observação e participação nos métodos modernos de ensino, são elementos básicos na formação do professorado.

As escolas de formação são geralmente de grau superior. Um dos aspectos importantes da formação do professor é a atenção que lhe dispensam depois de formado e pôsto a funcionar numa escola, seja qual for o grau.

Em certos casos, para melhorar sua cultura, êle segue cursos de extensão universitária, e seu trabalho é frequentemente assistido por técnicos de educação, especializados em diferentes matérias. Para citar um exemplo, a formação de professores da Wayne University, em Detroit, consiste em quatro anos de ginásio, dois de colégio de artes liberais, um de exame de seleção. Há cursos que duram de dois a três anos, na escola de educação, respectivamente, para professor primário e secundário, e um período de substituição em que o professor obtem experiência nas diferentes escolas. Posteriormente, passa por um período de um a dois anos de experimentação, como professor interino, e, então, é contratado, para ocupar definitivamente, sua cadeira numa escola.

O grande desenvolvimento da educação norte-americana deve-se ao dos professores, não só para os cursos primários, mas também para o secundário, técnico, etc.

Só tardiamente, cuidou-se, entre nós, dessa educação. O professor primário e secundário atuais, subtendida sua formação primária, ingressa, o primeiro, após o primeiro ciclo se-

cundário, de quatro anos, no Curso de Formação de Professores e, o último, depois do segundo ciclo, na Faculdade de Filosofia, mediante exame vestibular.

Sob esse aspecto, presentemente, não estamos aquém dos norte-americanos. Entretanto, quando se considera a questão relativa à remuneração, somos obrigados a convir que o professor brasileiro, não importa o grau, é um idealista na acepção da palavra. O mais bem remunerado é o dos estabelecimentos mantidos pelos cofres públicos. Esse mesmo não tem uma remuneração muito satisfatória. Os professores primários públicos que melhores vencimentos percebem, atualmente, são os do Estado de São Paulo, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, etc. Os professores públicos de Minas Gerais também tiveram uma melhoria nos seus vencimentos, com a entrada do atual Governador. Há alguns Estados que remuneram os seus professores públicos pessimamente.

No Brasil, o professor mais atingido, geme sob o peso de injustiça inominável, trabalhando, às vezes, em mais de dois ou três ginásios ou colégios, a fim de poder prover à manutenção da família. Esse é, sem dúvida, o professor de estabelecimentos de ensinos particulares. Tempo jamais lhe sobrará para dedicar-se a outros mistêres e, nunca podendo dispor de verba para comprar as novidades referentes à matéria que ensina, a fim de acompanhar a evolução natural da mesma, cai, conseqüentemente, na rotina, tornando a sua aula coisa rígida, mecânica e mesmo desinteressante. Felizmente há algumas editoras de livro que, reconhecendo as dificuldades financeiras dos professores, fornecem-lhes gratuitamente obras por eles editadas. Mas, são poucas as que assim procedem... E ao fim do penoso eito intelectual, diuturno, está cansadíssimo, pois atingiu ponto distantes e diferentes da cidade, vencendo filas enormes, tomando bondes, ônibus, lotação etc., a fim de não chegar atrasado ao estabelecimento de ensino. Às vezes, não se alimenta direito, porque não há tempo. No entanto, no fim mês, não lhe sobra um centavo para prevenir-se contra os naturais imprevistos de família.

São essas as causas primordiais que contribuem constantemente para que nossas Faculdades de Filosofia continuem despovoadas Desde 1939 que esses institutos superiores de ensino estão funcionando. Apesar disso, as 16 Faculdades de Filosofia existentes no país só nos forneceram, até os princípios do corrente ano, 800 professores mais ou menos.

Enquanto os professores não ganharem um salário que lhes dê um conforto relativo à sua posição social, teremos as nossas Faculdades vazias de alunos.

Página literária

Dois sonetos do Prof. ROQUE SILVA

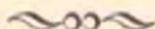
FÉ, ESPERANÇA e CARIDADE

Que é preciso para ter minh'alma
isenta do pecado e da tristeza?!
— Orai, criança, — orai e com certeza,
tereis na FÉ bonança e tereis calma.

Se a fé dá-me conforto, uma incerteza
enorme do futuro me desalma...
— Orai, criança, — e a fé que vos acalma,
dá-vos ESP'LANÇA... Orui com mais firmeza.

Tenho a esperança,... mas a fé conspira
um novo ideal que me afague e alente, —
e eu receio, é certo, a realidade...

Orai, criança, — e a vossa fé inspira
o tríplice ideal que faz um crente, —
a FÉ, a ESPERANÇA e a CARIDADE.



CHOVE NO SERTÃO

Chove no sertão. As noites chuvosas
são tristes como as horas de tormento.
E essas noites são cheias de lamento
e de saudades,... noites inditosas!

Aqui, tudo silente, o pensamento
voa pelos campos ceifando rosas...
Mas, no sertão, bem vejo que enxurrosas
são as horas que passam no momento.

Calma, talvez, agora se passasse
esta hora, sem saber que outro a chorasse
co'a mágua de viver só de ansiedade...

Chove no sertão... Aqui tudo é estio...
Num correm estrelas e no outro o rio,
no entanto, para os dois corre a saudade!

Etiologia da cárie dentária

Dr. ALOYSIO GOIS BARROS

(Cirurgião-Dentista da E. F. C. R. G. N., do Hospital de Alienados e da "Associação de Professores").

Muito se tem escrito a respeito da cárie dentária, afecção que atinge a toda humanidade.

A cárie não é uma afecção dos tempos modernos. Egípcios e Hebreus ocuparam-se dela conforme sabemos através dos livros de Hipócrates, Celso e Galeno, havendo já naqueles tempos medidas terapêuticas a respeito. No entanto coube a Fauchard, odontologista francês, a primazia de publicar um livro sobre Odontologia com o título de *Le chirurgien-dentiste ou traité des dents*. Dava Fauchard, nesse livro, uma definição de cárie dentária bastante lacônica: cárie dos dentes é uma moléstia que os destrói. É bem verdade que essa definição estava de acordo com a insuficiência dos conhecimentos científicos daquela época, onde a doutrina dominante era a do vitalismo de Paracelso. Não se tratando, aqui neste artigo, de uma exposição detalhada a respeito da etiologia da cárie dentária, desde os tempos de Hipócrates até aos nossos dias, vemos que várias teorias procuram definir a sua etiologia. A primeira foi a teoria Vitalista de Paracelso. Ele admitia ao lado da alma pensante a existência de um princípio vital, cujas afecções criavam moléstias. Logo a seguir, apareceu a teoria de Fox, que admitia que a cárie se derivaria da inflamação de uma membrana existente entre a dentina e a polpa; a inflamação desta membrana vindo interromper a circular, na dentina, dava-se a gangrena ou cárie do dente. Bell, em 1865, afirmava que a cárie provinha da própria inflamação da substância dentária, começando no esmalte e terminando na polpa. Em 1530, foi descoberta a teoria química, que dava como causa da cárie dentária o fator acidez. Em 1881, Underwood e Miles combatiam a ação química exclusiva como causa da cárie dentária admitindo também a teoria microbiana ou parasitária. Modernamente apareceram as teorias microbiana específica e bio-química ou química parasitária. Assim sendo, temos, hoje, uma definição exata de cárie dentária como uma alteração da estrutura dos tecidos do dente, de natureza químico-parasitaria, começando da periferia, para o centro, podendo, na sua marcha, desorganizar a polpa.

CAUSAS PREDISPONENTES: Dividem-se em gerais, locais e acidentais. Estas duas últimas interessam mais de perto

ao odontologista. As gerais, no entanto, pela sua grande importância, devem ser do conhecimento de todos aqueles que se interessam pela gênese desta afecção. São elas: a hereditariedade, influência de zona, idade, sexo, constituição, maternidade, alimentação, pobreza e ignorância.

QUANTO À HEREDITARIEDADE: Sabemos que os pais transmitem aos seus descendentes suas qualidades físicas e até morais. Logo os pais de má constituição dentária só poderão legar aos filhos mau aparelho dentário.

QUANTO À INFLUÊNCIA DE ZONA, seja pela espécie de alimentação, natureza climática ou ainda por cruzamento racial, tem papel preponderante no desenvolvimento da cárie dentária. Frei e Lemerle asseguram que, nestes últimos anos, a influência da hereditariedade tende a ser levada a um plano secundário, sendo a alimentação um fator de maior relevo. No Brasil podemos afirmar que 80% do seu povo têm esta afecção. Durante a guerra no período de 1942 a 1944, no Hospital Militar de Natal, fizemos exame dentário, para ingresso na nossa gloriosa F. E. B., em 7.200 homens e apenas 2 tinham dentaduras perfeitas (quando dizemos perfeita é no sentido de o paciente não ter sequer nenhuma obturação feita ou por fazer). O resto dos nossos pracinhas tinha em maior ou menor quantidade a cárie dentária, variando desde 60 a 90%. Observávamos o maior índice de cárie nas tropas que vieram do Sul do País, como também em todos aqueles que regressavam da Ilha de Fernando Noronha. Nos nossos nordestinos geralmente o índice de carie dentária variava entre 30 a 50%. Isto vem demonstrar a grande influência de zona e alimentação como fatores etiológicos. Como outras causas que concorrem ainda para o aumento da cárie dentária, citamos a **IGNORÂNCIA E A POBREZA.** Quanto à primeira, vamos relatar um caso interessante que se deu, no Hospital, àquela época. Apareceu-me um pracinha com várias obturações feitas com um material desconhecido; depois de feita a anamnese, encontramos papel de chocolate feito, em pequenas bolas, que o portador tinha ele mesmo colocado na cavidade cariada afim de obturá-la. Pobre ignorante!... não adivinhava ele que com aquele proceder ia apenas aumentando uma infecção de graves consequências para seu aparelho dentário como para a sua saúde. É muito comum aparecerem clientes cuja linguagem nos faz rir, pedindo-nos para distrair um dente ou então "matar a largata" que ha muito vem comendo o dente. ("largata" é a expressão usada, na jiría, para designar a polpa dentária).

QUANTO À POBREZA, todos nós sabemos a dificulda-

de que tem o pobre de frequentar os gabinetes dentários. Hoje em dia graças aos Serviços de Assistência Social, em parte foi resolvido este palpitante problema. Os sindicalizados têm assistência dentária gratuita para si e suas famílias.

QUANTO À IDADE, a cárie é mais frequente na adolescência. O seu maior índice manifesta-se na infância entre os 2 e 5 anos, justamente no período pré-escolar. Hoje, no Estado, graças à larga visão administrativa do nosso Diretor da Educação, já temos assistência dentária em vários grupos escolares da Capital, e até uma assistência dentária para o Jardim de Infância Modelo, cujos serviços estão a cargo de profissionais competentes.

SEXO — Pelo que respeita ao sexo, alguns autores afirmam que o feminino é o mais susceptível. No entanto, isto não podemos afirmar peremptoriamente. Se bem que o estado de gravidez contribua como fator favorável à cárie, sabemos que a maior frequência do belo sexo em nossos consultórios deve ser levado em conta aos cuidados que às senhoras merecem os dentes como um dos seus mais preciosos atributos, "pois êsse é um dom essencialmente feminino, quasi privativo do sexo, como a graça, a faceirice, o baton e a mentira".

QUANTO À CONSTITUIÇÃO — incluiremos tôdas as causas que venham modificar ou diminuir o coeficiente da nutrição do esqueleto em sais calcáreos. Citaremos, entre estas causas, a anemia, linfatismo e algumas diateses.

MATERNIDADE — Na maternidade, consideram-se 2 fases: gestação e aleitamento. No período de gestação tem a mulher muito mais necessidade de receber maior soma de alimentos a fim de suprir as suas necessidades como a do pequeno ser que traz nas entranhas. Se há miséria orgânica, falta de alimentação rica em vitaminas, um baixo teor de cálcio, o feto, em formação irá roubar estas substâncias particularmente ao esqueleto; em consequência há uma depressão da nutrição calcárea e os dentes sofrem logo deficiência bem acentuada. "Por isto as senhoras pagam á maternidade um pesado tributo, havendo até um adágio popular que diz: cada filho custa a mãe a perda de um dente". Recomendamos, no estado gravídico, uma alimentação rica e sadia. Se a gestante tem o organismo debilitado recomenda-se a aplicação de injeções de cálcio, vitaminas A, B, C e D. Alguns ginecologistas proíbem, durante a gravidez, a gestante tomar injeções de cálcio, alegando que a cabeça do feto torna-se muito calcificada havendo um trabalho mais árduo na ocasião do parto. (Dificuldade de expulsão).

Ainda estamos longe de os nossos governos levarem em conta a grande obra humanitária de assistência social da higiene pré-natal, razão pela qual vemos, diariamente, o nascimento de crianças sifiliticas, raquiticas, tuberculosas, afora um grande número de nati-mortos. Cumpre ao ginecologista e ás parteiras levarem á gestante, com seus conhecimentos científicos, a grande obra humana da eugenia. Somente assim teremos um povo mais sadio e forte. Neste período ainda temos a alegar os vômitos que acompanham o estado gravidico. A natureza dêsses vômitos é acida devido á modificação do quimismo salivar, nesse período, ligada á perturbação das funções digestivas, em virtude do desenvolvimento do útero

NO PERÍODO DE ALEITAMENTO — Nesse periodo, o filho subtrai á mãe grande soma de sais minerais. É por isso que durante esta fase, recomenda-se ás nutrizes uma alimentação sadia e abundante que venha equilibrar as grandes per-

**Floresça, fale, cante, ouça-se e
viva a portuguesa língua, e já
onde fôr Senhora vá de si so-
berba e altiva. ANTÔNIO FERREIRA**

das sofridas durante os períodos de gestação e aleitamento.

PROFILAXIA DA CÁRIE — Devemos iniciar uma campanha muito vasta como medida de profilaxia da cárie dentária. Citaremos: asseio rigoroso da cavidade bucal, inspeção periódica dos dentes feita por um especialista, alimentação rica em vitaminas e sais calcáreos etc.

Desde o ano de 1927 graças aos trabalhos de Bergara, Schulz e Churchil, foi relacionada a incidência da cárie dentária a um elemento mineral: o fluor. Trabalhos experimentais de Armstrong, Lieller e Rider, afirmam que o fluor é um dos mais importantes fatores, para a saúde dos dentes, razão pela qual recomendamos como terapêutica profilática aquêles medicamentos.

TRATAMENTO DA CÁRIE DENTÁRIA — De par com os seus conhecimentos científicos e tecnica empregada, somente o especialista está em condições de orientá-lo e fazê-lo.

Estranhas revelações

de um concurso

(Do «Diário de Natal»)

Acaba de ser encaminhado ao Congresso, pelo presidente da República, o projeto de lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O que vale dizer trata-se de uma nova lei regulando os principios do ensino no país.

Até aí, nada de mais, certamente. Vez por outra em tentativas de sempre melhorar-se o nosso sistema educacional, novas leis se organizam e se decretam. E como acontece frequentemente o projeto presidencial foi acompanhado de uma exposição de motivos do ministro da Educação. Mas aí nessa exposição de motivos é que se concentra o que o problema envolve de mais dramático.

Já muito sabíamos do baixo índice intelectual dos nossos estudantes, decorrente de circunstâncias que tanto dizem respeito aos programas como aos professores. Neste último caso, pelas más escolhas de lentes, através de criterios preferencialmente politicos e quase nunca educacionais.

Mas a exposição de motivos do titular da Educação traz-nos detalhes novos dessa tragédia da despreparação nacional, da incultura, do relaxamento que envolve até elementos diplomados por escolas superiores do país. Iriamos longe na análise da tese, do documento ministerial, que voltaremos a comentar noutro ensejo. Por hoje, vamos limitar-nos á apreciação de um fato ocorrido agora em São Salvador, e que está sendo comêntado com grande estardalhaço na imprensa do sul. O caso é o seguinte:

Na capital da boa terra, o Instituto dos Comerciários abriu, recentemente, um concurso para medicos das diversas especialidades, com o objetivo de preencher as suas vagas com elemento local, 106 doutores se inscreveram. Veiu uma banca examinadora do Rio. Realizaram-se as provas. Quais os resultados?

Dos 106 médicos que se submeteram ás provas 70⁰⁰ foram reprovados, não só porque de Medicina nada conheciam como tambem porque eram semi-analfabetos. Nas provas

escritas grafaram dezenas de doutores VOCE com dois S, ASSIM com Ç, RAPOSA com OU, etc...

É possível, porém, admitir-se que um médico não saiba escrever português mas é inadmissível que não saiba a sua profissão, a sua ciência. Entretanto, ai também verificaram-se os maiores dislates. Um concorrente, por exemplo, fazendo concurso da cadeira de ginecologia, depois de descrever determinada intervenção, ouviu do examinador o seguinte: "Estou muito satisfeito. Todavia, aconselharia ao senhor a não empregar esta "técnica", de vez que mataria todas as suas clientes". Aliás, entre os reprovados encontravam-se dois professores livres docentes da Faculdade de Farmácia da Bahia.

Teu filho

ELE já não mais balbucia. Passa a proferir algumas frases claras e inteligíveis, tais como «mamãe», «pai». Mas não tem ainda, a idade da obediência consciente e não distingue a entonação da voz que os mais crescidos escutam: a censura do mal feito.

Assim, a mamãe não se esquece de, nessa fase da vida do bebê, ensinar-lhe o dever de modo claro "isto não se faz", mas sem abandonar o tom de doçura, que o leva á compreensão do que revela a sua primeira consciência.

Mãe! Ninguém como tu pode penetrar com mais amorosa intimidade e autoridade na alma e na mente da tua criatura. Tu só tu, que és a luz maternal que o ilumina, tanto assim que as lições que escreves em seu coração são difíceis de apagar.

Isto disse Junqueiro:

"As almas infantis são puras como a neve.

São pérolas de leite em urnas virginais.

Tudo quanto ali se grava e quanto ali se escreve,

Cristaliza em seguida e não se apaga mais".

O mestre pode semear na alma das crianças os princípios da Virtude, porém somente a mãe lhes dará consistência e pe-

UM MESTRE QUE MORRE

(A propósito da morte do Prof. João Jacinto de Oliveira)

Escreve JADER TORQUATO

A todos que o conheceram, o seu desaparecimento trouxe profunda e sincera consternação. Era quase impossível dele aproximar-se alguém e não ficar preso á sua fidalguia, ao seu cavalheirismo e á largueza de seu grande espirito.

E não se pense que á morte lenta se deva a exaltação de suas qualidades. Não. A morte do mestre que choramos não apôs sua chancela a elogios de compensação de protocolar formalidade. O respeito, a admiração, a estima que todos votavamos ao professor João Jacinto de Oliveira, em vida, onde quer que o encontrássemos, na cátedra, no recesso de seu lar, na sociedade, eram testemunho permanente de que vivo ou morto êle fazia justiça a toda consagração que lhe quiséssemos tributar.

Em Assú, cidade onde êle morreu, não houve um favor ao morto, o grande número de amigos que assistiram ao seu entérro: fez-se justiça ao grande professor que, no ensino primário, foi fiel á sua missão de guia da mocidade, mostrando-lhe pela palavra e pelo exemplo, que as conquistas da inteligência antes que os ouropéis da fortuna devem enfeitçar a

renidade. Só ela pode preparar no filho o homem de amanhã. E são inúmeros os exemplos de que só a elas pertence o privilégio dessa nobre missão: a de plasmar o caráter e o moral de seus filhos.

Tácito escreveu: "Antigamente as mães virtuosas não mandavam seus filhos para longe de seus olhos, entregues a qualquer preceptora mercenária. Criavam elas próprias, seus filhos, nos braços e no seio. E delas a maior glória era a de presidir o governo de sua casa, dedicadas á educação dos filhos. Foi assim que Cornélia, mãe dos Gracos; Aurélia, de Cesar; ácia de Augusto, e tantas outras dirigiram a formação dos filhos e deles fizeram os maiores homens de seu século".

A. C.

EVOLUÇÃO DO DESENHO INFANTIL

AMANDA NASCIMENTO

Um dos fenômenos mais interessantes na vida da criança é, sem dúvida, o da expressão do pensamento.

Na criança, este processo mental constitui, desde sempre, assunto de discussão, de pesquisas e até agora tem ficado sem uma solução definitiva e razoável.

Representa, em verdade, um dos assuntos *mais complexos* no seu desenvolvimento psíquico, se é que se pode achar assuntos menos complexos em psicologia infantil.

É tudo uma rede tão intrincada que somente agora, quan-

alma dos moços, polarizando-lhes as reservas imensas de entusiasmo e de amor aos grandes ideais, infelizmente, vão mal compreendidos pelo materialismo absorvente dos interesses imediatistas dos dias que vivem, os, a função do mestre e consequentemente os deveres do discípulo

Ensinar com dignidade, com espírito de real apostolado cívico, exigir rendimento cultural dos estudantes, provocar colaboração com a cátedra, apelar para o trabalho silencioso, abnegado e constante da inteligência, parece violência à liberdade do estudante em não compreender que os tempos modernos não permitem tanto esforço.

Valem mais para os que assim pensam as concessões, as tolerâncias criminosas, "os mais ou menos", com que o mestre se apresenta aos moços irresponsáveis e àqueles que não querem ver no estudante o verdadeiro homem do futuro, bem ou mal preparado. Repugna, não há dúvida, o mestre-palmaria, medieval, anacrônico, que mantém intolerável distância entre si mesmo e o estudante. Urge descer até ele, de algum modo, "um deles", perquirindo-lhe as dificuldades, estimulando-lhe os bons propósitos, sendo mestre e amigo dos moços, que tanto precisam de mestres completos e amigos leais.

O elogio ao Professor João Jacinto, pode ser condensado nas palavras com que um mestre ilustre da Roma Imperial fixará o perfil do Professor digno desse nome: *VIR BONUS ET SAPIENS*, um homem bom e sábio.

Bom e sábio é ele o fora e como a bondade e a cultura ainda são meios de que dispõem os homens ilustres, para presença constante entre os vivos, cremos que a sua vida e a sua obra não serão esquecidas. Fica portanto, nesta crônica, a saudade de um seu ex-aluno que muito aprendeu com os seus ensinamentos.

(De "O Mossoroense", de 25-9-49)

do já se tem feito uma filosofia da educação e que se tem tomado a criança como ponto de partida para a solução dos problemas psicológicos e educacionais, é que se tem, em verdade, encontrado a chave de estudos há séculos discutidos, comentados, debatidos... Não se chegou ainda a conclusão perfeita, tanto pela complexidade do objeto como pelo pouco tempo em que vem sendo estudado cientificamente.

No entanto, já se conseguiu muito; já se pode sondar um pouco a alma da criança através das manifestações exteriores, tanto físicas como intelectuais.

A criança, deixando de ser considerada o "homúnculo" de eras passadas, ocupa, hoje, o lugar que lhe compete, de *sêr independente* que vive, que pensa, que se agita, como criança e não como homem, dentro de suas possibilidades, que tem suas tendências, suas aspirações, seus desejos, etc. Não é um homem pequeno, mas um *sêr* em desenvolvimento, com suas características especiais.

Partindo dêste ponto, os psicólogos modernos têm achado um mundo de cousas a serem estudadas, desde os primeiros anos da vida infantil, melhor, desde a fase primária do "grito", do "balbucio", até á "lingua organizada", até á "linguagem socializada" e pela vida afora, na expressão de sua personalidade.

E, assim como existe a linguagem falada, que representa, para a criança, a evasão de si mesma e o declínio do egocentrismo, existe uma outra linguagem: que é tão importante quanto a falada: e essa é *grafada* ou *gráfica*, ou ainda *grafismo*, que aparece no individuo a par das primeiras manifestações de independência e de ação. O grafismo é um *gênero de escrita*, como o desenho é uma espécie de escrita. A linguagem gráfica é um *comportamento natural*, como é o andar, o falar, que aparecem no individuo "naturalmente", sem necessidade de aprendizagem, e somente pelo habito e pela imitação.

A criança muito cedo *desenha* (claro que a seu modo) da mesma forma que fala e que anda...

O desenho é uma necessidade na sua vida e, quando vemos um guri, mesmo que êle seja pequeno de 2 e 3 anos, *rabiscando*, não vamos pensar que aquilo é um brinquedo ou antes uma distração. É o mesmo que pensar que o guri fala para se divertir. Não, êle fala para se pôr em relação com o mundo exterior, saindo de si mesmo. Por isso, também, êle desenha...

É um meio de expressão do pensamento. E, mesmo, nós vemos isso no início da vida de todos os povos: o grafismo

foi a primeira forma da expressão do pensamento dos povos antigos.

Do desenho nasceu a linguagem... E, como a linguagem falada, o desenho aparece na criança atravessando diferentes fases, como a da *rabiscção*, a *ideográfica*, a *fisiográfica*, a do *realismo*, etc. Vejamos essas fases: A primeira fase ou da *rabiscção* corresponde á fase da intelectualização, 3 e 4 anos, e consta de riscos e rabiscos mais ou menos curvos, ora elípticos, ora em semi-círculos que se cruzam em todos os sentidos. A criança empresta a êsses riscos formas que nós não vemos, mas que significam muita coisa... *Imaginam* sôbre o desenho, e a nosso pedido, uma longa história, apontando florestas, animais, indivíduos, onde só há linhas e riscos...

Ao mesmo tempo, a qualquer apreciação feita sôbre o "desenho", elas dizem: isso não é desenho. Como vemos, é o grafismo uma atividade instintiva.

Nessa fase, podemos verificar a falta de coordenação dos movimentos da mão, a pouca firmeza do lapis, etc...

Surge, então, naturalmente, a 2ª fase, que corresponde aos 6, 7 e 8 anos e em que vemos o decrescer da linguagem egocêntrica tanto falada como escrita.

Vemos, então, a criança, que até aí representava o mundo de um modo geral, interessada na representação da figura com luxo de detalhes. O homem, que até então era uma série de riscos e semi-círculos, tal como o cavalo e o automovel, passa a ser um círculo com dois pontos no lugar dos olhos e dois riscos no lugar dos braços. Mais tarde, alguns dias, o desenho ainda é êsse mesmo, mas já agora o homem tem pernas e as mãos são representadas por uma roda cheia de 4 ou 5 risquinhos. Detalhes, portanto.

Essa é a fase ideográfica.

O 3º período do desenvolvimento do desenho é já um grande passo na pesquisa das atitudes e futuras tendências... e corresponde á forma *fisiográfica*.

Então surgem as *criações*, os *requintes de detalhes* e, finalmente, o *movimento*.

As figuras (sempre as figuras humanas representam o "interêsse" principal no desenho) apresentam-se agora com *toilettes* distintivas de *sexo*, de *profissão*, etc... Vemos, então, as *transparências* e o *jôgo de perspectiva*...

A criança resolve todos êsses problemas com a maior das simplicidades. Questões de perspectiva, de movimento, são cousas facilmente resolvidas.

O "movimento", por exemplo, é uma das cousas que se-
duzem completamente o "desenhador". Os braços e as per-

ASPECTOS DO ENSINO PÚBLICO

O PROFESSOR PARA O INTERIOR

SEVERINO BEZERRA

Não há serviço público sem falhas, maiores ou menores, por culpa da administração, algumas, por insuficiência de meios para o seu melhor andamento, outras. O julgamento, quasi apressado dos interessados, pela sua regular execução, não perdoa as imperfeições existentes e logo a critica, nem sempre justa, aparece veemente.

É óbvio que todo aquêle que dirige qualquer setor administrativo só pode ter o maior empenho, não só pela satisfação íntima que experimenta, como pelo bem coletivo que disso resulta, em imprimir boa orientação aos serviços que superintende. Acontece, porém, que nem sempre é possível correr tudo como se deseja.

No ensino público, por circunstâncias insuperáveis, isso acontece todos os dias. O provimento de escolas, no interior, por exemplo, é problema de difícil solução, no momento, principalmente em lugares onde não existe a menor compreensão dessa necessidade ou a mais ligeira cooperação dos seus habi-

nas das figuras ficam muito naturalmente voltadas para o lugar onde deve haver o movimento. Surgem, então, com isso, as figuras de perfil. E é ver-se que sarabanda louca, dançavam homens, crianças, árvores, cavalos etc... subindo morros, atropelando companheiros.

Uma loucura! É o desenho, é o movimento, é a ação.

E quanta coisa interessante podemos colher em uma série de desenhos espontâneos!.. A criança é naturalmente dotada de uma grande imaginação e, nos primeiros anos, tem uma intensa vida fictícia, de modo que os desenhos representam uma fonte de estudos formidável, verdadeiros testes.

Hoje, psicólogos e professores consideram o desenho como o melhor dos testes de inteligência.

E Rouma, autoridade no assunto, assevera que "a inteligência das crianças está intimamente ligada ao desenho espontâneo "

tantes. Tudo se resume, em última análise, no seguinte: vencimentos insuficientes que o professor percebe e que mal chegam para o pagamento da pensão, isso se a professora vai sozinha, heroicamente, deixando o conforto do seu lar distante, para enfrentar as asperezas da vida a que se destina. A situação torna-se irremediável, então, se ela tenta levar pessoas da família e decide instalar residência. Nesses lugares assim, só podem servir professores radicados ao meio ou ali residentes. Mas pouca gente examina êsses justos motivos e surgem as reclamações dos que têm filhos que precisam de aprender e não aparece quem ensine.

O custo da vida elevou-se, nos últimos tempos, muitas vezes mais do que cinco anos atrás, e os vencimentos do magistério primário, porque o Estado não lhe pode pagar mais, continua quasi o mesmo. É essa a verdade de todos conhecida.

Em momentos assim, de inevitáveis desajustamentos sociais e econômicos, somente uma nitida e inteligente compreensão dos homens de boa vontade, pode atenuar suas consequências, tão perturbadoras do ritmo normal de todas as atividades humanas.

É para êsse ponto que devem olhar os habitantes dessas cidades, vilas e povoações para onde não podem ir professores estranhos ao meio, pelo simples motivo de ganharem menos do necessário para se manter, com a dignidade e decência exigidas pela profissão. Essa compreensão já existe, aliás, e felizmente, em muitos lugares. Sei de alguns, cuja população não consente que a professora pague o aluguel da casa; de vários que fornecem hospedagem gratuita e vantagens de outra natureza. Mas sei também de muitos onde tudo se lhe nega até "o pão e água" da frase popular.

E são justamente êsses que gritam contra as autoridades do ensino, porque não lhes enviam professores, em tempo, sem meios e recursos para atender, ao fim de cada mês, às inevitáveis despesas com a sua manutenção! Já é tempo de um melhor raciocínio sôbre certos aspectos humanos. O professor primário não há-de ser sempre o eterno pária social, vivendo apenas das palavras bonitas e retumbantes dos que lhe exaltam a missão.

OS DIREITOS da CRIANÇA

(Declaração de Genebra (17 de março de 1923))

Pela presente declaração dos DIREITOS DA CRIANÇA, chamada "DECLARAÇÃO DE GENEBRA", os homens e as mulheres de tôdas as nações, reconhecendo que a humanidade deve conceder à Criança quanto houver de melhor e de mais benéfico para ela, afirmam, como deveres seus, excluída tôda idéia de raça, nacionalidade ou crença religiosa, o seguinte:

I

A CRIANÇA deve ser colocada em condições de realizar normalmente o seu desenvolvimento físico e espiritual.

II

A CRIANÇA com fome deve ser alimentada; a criança enfêrma deve ser assistida, a criança atrasada em sua educação deve ser estimulada a prosegui-la; a criança desviada do bom caminho deve ser reconduzida a êle; o órfão e o abandonado devem ser recolhidos e socorridos.

III

A CRIANÇA deve ser a primeira a receber socorros, em tôda ocasião de calamidade pública.

IV

A CRIANÇA deve ser preparada para ganhar a sua substância e ser protegida contra tôda sorte de explorações.

V

A CRIANÇA deve ser educada, inculcando-se-lhe o sentimento do dever que lhe assiste de colocar as suas melhores qualidades ao serviço de seus irmãos.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

HOMENAGEM A UM EDUCADOR POTIGUAR

O professor José Saturnino de Paiva, diretor do grupo escolar «João Tibúrcio», sócio correspondente da Academia Brasileira de Filologia, e colaborador da «Revista de Filologia», que se publica na Capital Federal, acaba de receber, firmada pelos senhores Aloísio de Castro e Rodrigo Otávio Filho, a carta que abaixo transcrevemos e que constitui não só um estímulo ao educador potiguar, como também é uma das raras homenagens prestadas ao magistério primário do nosso Estado pelos mais altos expoentes da cultura nacional.

Eis a carta:

«Rio de Janeiro, 4 de julho de 1949.

Exmo. Sr. José Saturnino.

Como é do conhecimento de V. Excia., realizar-se-á nesta cidade, no período de 22 a 29 de outubro próximo, promovido pela Academia Brasileira de Letras, o *Congresso Brasileiro da Língua Vernácula em Comemoração ao Centenário de Rui Barbosa*, como demonstração da gratidão nacional àquele que tanto engrandeceu o idioma português.

Como homenagem a V. Excia., distinto cultor da língua, temos a honra de solicitar-lhe, para maior brilho do Congresso, que aceite tomar parte no mesmo, como convidado da comissão organizadora.

Junto encontrará V. Excia., um exemplar do Congresso, com o temário dos assuntos escolhidos.

Aguardando uma resposta de V. Excia., que poderá ser dirigida à Secretaria Geral do Congresso, na sede da Academia Brasileira (Av. Presidente Wilson, 2031, Rio de Janeiro), apresentamos a V. Excia. os nossos distintos cumprimentos.

(a) A. CASTRO,
Presidente

(a) Rodrigo Otávio Filho,
Secretario Geral".

(De "A República", de 17-7-49)

A Presidente da União dos Professores Primários do Estado do Rio de Janeiro escreve ao Prof. Rodrigues Alves

Niterói, 30 de julho de 1949.

Prezadíssimo Colega.
Sempre unidos!

Esta é a saudação que usamos entre os colegas e que procuramos tornar extensiva a todo o professorado do Brasil.
A alegria que senti ao receber uma revista vinda de tão

ASPECTOS DO ENSINO PÚBLICO

« Devo lealmente informar a V. Excia. que, não obstante todo o esforço do Governo, sempre atento em atender às solicitações desta Diretoria, no sentido de melhorar as condições materiais do ensino público, são elas ainda precaríssimas.

Para o ensino secundário não há um estabelecimento condigno.

O antigo Ateneu, hoje Colégio Estadual, ainda funciona no seu velho prédio, sem conforto, sem higiene, sem capacidade para comportar o grande número de alunos nele matriculados. As escolas normais de Natal e Mossoró continuam com o seu funcionamento, a primeira no edifício do Grupo Escolar "Augusto Severo" e a segunda em um antiquado prédio, impróprio, por todos os aspectos, para abrigá-la.

No ensino primário existem alguns prédios excelentes na capital e nas sedes de municípios.

Em geral, entretanto, as centenas de escolas localizadas em povoações, fazendas, sítios e praias, funcionam em prédios na sua maioria alugados, sem as necessárias condições para a sua finalidade, sem mobiliário, sem material pedagógico, sem nenhum conforto, afinal, para professores e alunos.

As verbas orçamentárias destinadas a essas despesas são sempre deficientes e com elas pouco se pode fazer.

Por sua vez, as Prefeituras Municipais, exceção de pequeno número, negam-se às mínimas solicitações dos professores locais, a um simples conserto de prédio ou de carteiras escolares, ao mais insignificante fornecimento de um quadro-negro ou de uma caixa de giz.

Constrange esta afirmação, mas deve ser aqui feita, a bem da verdade, para que fique evidente a estreita compreensão que possuem ainda alguns detedores do poder público».

FALTA O MESTRE

ACRISIO FREIRE

(Diretor do G. E. - Isabel Gondim -)

Não resta a menor dúvida e já se torna uma afirmação, a vitória do planejamento idealizado pelo Governo Federal, no intuito de fazer uma disseminação metódica de prédios que servirão de sedes a escolas rurais pelo vasto território nacional.

Penetrou a ação construtiva do governo em uma lacuna muito perigosa no maquinário educativo. E, se essa penetração não foi bem atenta, os defeitos não forem bem corrigidos, a máquina engrenará, a marcha lenta de agora será sustada diante sulcos profundos.

Praza aos céus que isso não aconteça, e os nossos patrios, nascidos em longinquas paragens dos centros civilizados, venham a receber os fluidos de uma educação, que os tornará

longe e principalmente de órgão oficial de uma Associação de Professores, envolveu-se numa doce saudade ao procurar, dentre os nomes que compõem a Diretoria, algum que justificasse a lembrança da minha existência para remeter-me a referida revista. Os dois nomes encontrados — o seu e o do prof. Raimundo Soares de Andrade — trouxeram-me a recordação saudosa e grata de SUD MENNUCCI, que ainda vive entre nós, na lembrança constante do seu entusiasmo e do seu idealismo, e que por certo, foi quem lhes falou sobre a minha pessoa. Estarei certa?

O mais curioso, porém, é que chegou no momento em que procuramos organizar o 1º Congresso de Professores Primários do Brasil, aqui no Estado do Rio, já contando com o apóio do Ministério de Educação.

Breve escreverei ao Presidente — professor Luiz C. Soares de Araújo enviando os esclarecimentos necessários.

Pelo material que ora lhe envio, poderão avaliar o nosso entusiasmo e disposição para concretizar o sonho de SUD MENNUCCI.

Quanto à colaboração pedida, terei o máximo prazer de enviá-la brevemente, sentindo-me honrada com a distinção que me concedem.

No momento, como vê, ando atarefadíssima.

Agradecendo a feliz lembrança, espero continuar recebendo os números de *PEDAGOGIUM*.

Aquí fico, inteiramente ao seu dispor.

Até sempre.

Icleja Gomes de Almeida

mais felizes e essa alegria de viver os fará agradecidos á Patria comum.

Foi muito bem objetivado o pensamento daqueles que se interessam pela educação do nosso povo, dos que recebem, voluntaria e patrioticamente, aos ombros, a responsabilidade de melhorar o destino e apontar novos rumos aos brasileiros das zonas rurais, segregados das cidades onde os atrativos e conforto da civilização lhes seriam agradaveis e úteis; mas, eles, ali, permanecem até se extinguir a ultima ilusão.

Cobrando vastissimas areas do terreno brasileiro, nas florestas do Amazonas ou na órla do Atlantico, nos seringais emaranhados do Guaporé ou nas coxilhas verdes dos Pampas, nos sertões do centro e do norte e até mesmo acompanhando o zigzaguar das linhas fronteiriças encontram-se prédios destinados ás escolas rurais, uns concluidos e outros em construção. Atualmente, varias centenas, breve alguns milhares.

Eis a ação desse gigantesco plano do Governo Central, procurando resolver uma parcela do sério problema nacional, — a fixação do homem pelo *hinterland* afóra, prendendo-o á terra que lhe serviu de berço, dando-lhe luz ao espirito, aguçando-lhe a inteligencia, para sua propria felicidade e grandeza da Patria querida.

A predileção pela vida das cidades constitui fato alarmante no país, não tem passado despercebido aos que acima dos interesses proprios, procuram ver os da coletividade.

O urbanismo é uma seria ameaça a politica economica brasileira. O Brasil tem nos produtos do sólo a sua principal fonte de receita, a sua industria é nascente, a industria estrangeira escravisa os nossos esforços e arrebanha grande parte do nosso potencial economico.

As provações continuadas que as populações rurais, experimentam, são fortes princípios ou abalisadas causas do exodo da terra que lhes implora assistencia.

Para ajuda conciente de tão agudo problema, existe um meio que também é um fim — o Ensino Rural, ou melhor a educação de milhões de individuos, fixados em zonas feitas e produtoras, celeiro inextinguível que se assenta na balança financeira po país.

A escola tem obrigação de preparar o homem para a vida social. Pois isso, é necessario socialisar-se a escola, integrando-a na associação de fatos que rodeiam o proprio educando, afirm de que ele mais tarde encontre suas tendencias disciplinadas, educando-se á sua sombra. Deste modo, abre-se oportunidade á organização de vastos programas incorporando-os ás influencias do meio, fazendo o educando conhecer

A justiça é o equilíbrio entre a moral e o Direito.

INGENIEROS

concretamente as razões daquilo que ele ignorava e supunha ser inútil á sua vida.

Esse deve ser o papel da educação rural — catequizar o homem ao seu proprio ambiente.

Mas, para chegarmos á coroação desse trabalho herculeo, está faltando o professor, o professor rural. Não afirmo isto para desmerecer esse plano magnifico, altamente patriótico e, acredito, sinceramente nacionalista. Mas, está faltando a pedra angular desse magestoso edificio, — o professor, o mestre, esse pioneiro das mais difíceis cruzadas nacionais.

Construíram-se os predios escolares, eles se destacam entre as bizarras construções do interior do país, o viandante cruza a cada instante com um desses predios estandardizados, que servirão de sédes ás Escolas Rurais, entretanto, esses edificios não tem dono, — o professor. Este ainda não abriu a porta da sua nova moradia.

Onde está esse professor? A resposta vem muito clara e voluntaria: nas Escolas Normais Rurais. Mas, si essas escolas não existem... Não seria mais aconselhavel ter-se em primeiro plano, construido predios destinados ás Escolas Normais Rurais?

Os Estados não possuem professores diplomados por essas escolas e si os possuísse, não estariam moldados aos programas do atual plano nacional.

Urge a instalação e provimento de predios para as escolas normais especializadas. Precisa-se do mestre rural preparado dentro de um programa marcadamente regional. E portanto da criação das referidas escolas.

O educador rural terá de ser um sertanista estudioso da gênese, da historia da sua localidade e da psicologia de sua gente; promovendo e ensinando a estética rural, fazendo da sua escola um centro de informações uteis para a população regional, visando prendê-la ao meio em que habita.

O mestre é o interprete do meio social a que pertence. Ensina Dewey — "tudo deve ser ensinado, tendo em vista o seu uso e função na vida"; o que equivale a dizer, o fim primordial da escola é a fixação do homem ao seu habitat.

O movimento educacional ruralista brasileiro, será uma realidade, quando diante ás escolas se alinharem os regimentos de professores rurais. Sem isso, nada se pode fazer. FALTA O MESTRE.

Do discurso de Pestalozzi

Crianças ternamente amadas, deveis, vós, também, nesta hora solene, elevar ao Pai Celeste vossos corações, prometer-lhe que sereis seus filhos, filhos reconhecidos e dedicados. Crianças é grande vossa felicidade. Numa época em que a quasi totalidade das crianças delisa na selvageria e no abandono, tendo apenas a miséria para iniciar-lhes a profissão e por guia paixão, em dias em que mesmo entre as crianças mais favorecidas e mais felizes tantas há que vítimas não só da crueldade como da violência e maus tratos de seus preceptores se desviam da sua natureza. Não sendo educados, se encaminham para qualquer coisa forçada que de ciência só tem a aparência e orientadas para habilidades unilaterais, ilusórias e passageiras e assim ficam sacrificadas para o mundo. Não estais, vós, sujeitas á selvageria e ao abandono. A miséria de modo algum é vossa má conselheira e tão pouco recorreremos na vossa cultura a meios desastrados e assomos das paixões. Entre nós, nem a vaidade nem temor, nem a honra nem o vexame, nem a recompensa nem o castigo, são como em geral algures, postas em prática artificial e intencionalmente para apontar o caminho da vida que deveis trilhar. A natureza de Deus que em vós existe é em vós tida como sagrada.

Representais para nós o desígnio de Deus e de acôrdo com seus decretos contra vossas disposições, vossas inclinações, não empregamos violência alguma; não as impedimos. não fazemos mais que desenvolvê-las; não incutimos em vós o que é nosso, não incutimos em vós aquilo que já caducou em nós; em vós desenvolvemos o que de intacto existe e em vós mesmos. Não tendes a infelicidade de ver o vosso ser e tudo que tendes de humano subordinado ao desenvolvimento de uma força única, de um único aspecto de vossa natureza e assim sacrificano a êste desenvolvimento exclusivo. Longe de nós fazer-vos homens tais como nós, longe de nós fazer-vos homens com a maioria de nossos contemporâneos.

É necessário que vos torneis homens como vossa natureza deseja, como velha reclama o que há de divino de sagrado em vós.

Considero todos os meus dotes de espirito e toda a intuição como sendo meios do coração de elevar-se ao amor. É apenas educando que me parece possível formar nossa própria raça para a humanidade. O amor é seu único, o eterno instrumento:

Prof. TEÓDULO CÂMARA

Faleceu, no Distrito Federal (Méier), no dia 12 de julho do corrente, com 82 anos de sua idade, o Prof. Teódulo Raposo Soares da Câmara, um dos mais antigos membros do magistério potiguar, pertencente a uma das mais ilustres famílias do Estado. O Prof. Teódulo Câmara nasceu em S. José de Mipibú, a 26 de julho de 1867, filho legítimo do Cel. Miguel Soares Raposo da Câmara e d. Urbana Leopoldina de Sales Câmara.

Fêz os estudos primários, naquela cidade, com o Prof. Manuel Onofre Pinheiro, e os secundários, em Natal, no Ginásio Riograndense, dirigido pelo Dr. Pedro Velho. Em 1890, ingressou no funcionalismo estadual, tendo nomeado, pelo governador Adolfo Gordo, oficial da Secretaria Geral.

Em seguida, passou para o quadro do Tesouro Estadual, servindo nas Mesas de Rendas de Macau e Areia Branca. Tempos depois, deixou o funcionalismo, para se dedicar, de corpo e alma, ao Magistério, ingressando no corpo docente do Colégio «7 de Setembro», fundado em Mossoró, em 1900, pelo Prof. Antônio Gomes de Arruda Barreto, paraibano de Catolé do Rocha que se notabilizou pelas suas atitudes de educador inteligente, culto e bom.

Com o desaparecimento do Colégio do Prof. Antônio Gomes, passou êle a fazer parte do corpo docente do Colégio Diocesano «Santa Luzia», então dirigido pelo Cônego Estêvão Dantas. Em 1907, transferiu-se para Natal, por haver sido nomeado para o Ateneu-nortcriograndense, aposentando-se depois de 30 anos de serviços prestados à instrução pública da Potiguarânia. Também prestou o emérito educador 20 anos de serviços ao nosso ensino normal.

Dirigiu por várias vêzes, o Ateneu-Nortcriograndense e a Escola Normal. Depois de aposentado, resolveu o Prof. Teódulo Câmara fixar residência, no Rio de Janeiro, onde já vinham residindo os seus filhos.

Deixa viuva a senhora d. Aurea Augusta Miranda Câmara, com os seguintes filhos: Dr. Adauto da Câmara, Diretor do Colégio Metropolitano, Dr. Alberto Miranda Raposo da Câmara, médico no Hospital Jesus, Dr. Clélio Miranda Raposo da Câmara, cirurgião dentista e as senhoritas Jaci e Iara Miranda Raposo da Câmara.

Era irmão das senhoras Candinha Backer, viuva do sr. Godofredo Backer, Amalia Backer, viuva de Alfredo Backer

e das senhoritas Eutália e Emília Câmara, residentes em S. José de Mipibú.

PEDAGOGIUM vem de se associar, destarte, ajnda que tardiamente, à grande dôr da frmília enlutada.

Prof. JOÃO JACINTO DE OLIVEIRA

Não resistindo aos padecimentos oriundos da pertinaz moléstia que lhe minava o organismo, faleceu, no dia 7 de Setembro p. passado, às 5 horas da manhã na cidade de Assú, o Prof. João Jacinto de Oliveira, elemento dos mais destacados do magistério primário estadual, pelas suas aprimoradas qualidades de inteligência e pela devoção ardorosa à causa da instrução e da educação.

Diplomado pela Escola Normal de Mossoró, no dia 5 de dezembro de 1931, foi nomeado, interinamente, professor da Escola Rudimentar de Adultos, anexa ao G. E. "Tte. Cel. José Correia", da cidade de Assú, por título de 7 de abril de 1932. Por ato de 8 de março de 1933, foi nomeado, interinamente, para as E. R. "Meira e Sá", da cidade de Santana do Matos, assumindo o exercício a 17 do mesmo mês. Por ato de 26 de janeiro de 1934, foi nomeado, efetivamente, para as E. R. "Cel. Fernandes", da cidade de Luiz Gomes, assumindo o exercício, a 1º de fevereiro do mesmo ano. Por ato de 15 de janeiro de 1936, foi designado, para reger, interinamente, uma das cadeiras das E. R. "Ferreira Pinto", da cidade de Apodi. Em 20 de maio de 1936, voltou à sua cadeira efetiva, reassumindo a 9 de julho.

Em 1938, submetendo se a concurso de título, para promoção à 2ª classe, teve classificação no 15º lugar, sendo promovido e removido, para as E. R. "João Godeiro", da cidade de Patú, dali saindo, pouco tempo depois, para o G. E. "Pedro II", da cidade de Itaretama. Por ato de 8 de fevereiro de 1936, foi removido, a pedido, para o G. E. "João Bernardino", da cidade de Alexandria, tendo sido pôsto, em seguida, à disposição do Departamento de Educação, passando a lecionar no G. E. "João Tibúrcio", desta Capital.

Exerceu, ainda, o Prof. João Jacinto de Oliveira as funções de dirigente das E. R. "Meira e Sá", "Cel. Fernandes", "Ferreira Pinto" e de diretor do G. E. "João Bernardino".

Não foram pequenos, assim, os serviços prestados ao ensino do Rio G. do Norte por esse dedicado mestre de meninos, cuja memória será sempre reverenciada pelos seus colegas, alunos e amigos sinceros.

Ora-lor, jornalista, poeta e advogado nas horas vagas o Prof. João Jacinto de Oliveira, mesmo tendo vivido uma vida de lutas terríveis e de amarguras tremendas, soube resistir, o quanto lhe foi possível, aos duros embates da adversidade, disso tudo resultando, porém, a auréola de simpatia e de admiração que lhe tributavam todos os que sabiam dos seus sentimentos elevados de bondade, de camaradagem e de vivo entusiasmo pela causa sagrada do ensino público. Em Mossoró, desenvolveu atividades, na imprensa, colaborando em diversos jornais e revistas, com inteligência e talento. Atualmente era um dos mais assíduos colaboradores de PEDAGOGIUM, numa prova evidente de sua capacidade intelectual e vibração sadia por tudo aquilo que constituiu tãta a alegria e sacrifício de João Henrique Pestalozzi. O Prof. João Jacinto de Oliveira era natural do município d. Santana do Matos.

Seu sepultamento se realizou, na cidade de Assú, com o acompanhamento de pessoas de sua família, amigos, colegas e admiradores.

Associação de Professores

TESOURARIA

BALANCETE do movimento financeiro de julho a setembro de 1949.

Aprovado em sessão de 8 de outubro de 1949

RECEITA

Saldo anterior.....	Cr.\$	5.960,00
Mensalidades c/ ao mês de Janeiro e Fevereiro		3.635,00
Mensalidades c/ ao mês de Março.....		1.640,00
Mensalidades c/ ao mês de Abril.....		1.615,00
Subvenção (c/ a um mês)....		1.833,00
Soma Cr.\$..		<u>14.683,00</u>

DESPESA

Pessoal administrativo.....	Cr.\$	750,00
Cirurgião dentista (Honorários).....		1.200,00
Biblioteca (a W. M. Jackson Incorp.)..		400,00
Repartição de Saneamento de Natal.....		186,00
Luz e Telefone.....		347,00
Funerais do Prof. João Jacinto de Oliveira..		1.076,00
Assistência a associados.....		1.500,00
Eventuais.....		83,00
Soma Cr.\$..		<u>5.931,00</u>
Saldo que passa ao mês de Outubro Cr.\$..		<u>8.752,00</u>
Soma Cr.\$..		<u>14.683,00</u>

Tesouraria da Associação de Professores, Natal, 1 de Outubro de 1949.

CONFERE

COMISSÃO FISCAL

Maria de Belem Camara

Maria Lidia Dias

Acrisio Freire

Tesoureiro

VISTO

Luiz C. Soares de Araújo

Presidente

LIVRARIA MODERNA

— DE —

Walter Duarte Pereira

PAPELARIA EM GERAL

PRAÇA GENTIL FERREIRA, 1367

(Edifício Leite)

Telegrama —

RIO GRANDE

ALECRIM — NATAL — FONE, 20.42

Grande sortimento de livros didáticos adotados pelo Departamento da Educação, para todos os cursos das escolas do Estado.

Cadernos, lapis e demais material de ensino.

PREÇOS ESPECIAIS PARA

REVENDEDORES

LIVRARIA MODERNA, uma casa que se recomenda pela exatidão dos seus negócios.

ALECRIM — NATAL

PEDAGOGIUM

SUMÁRIO

- | | | |
|---------|---|---------------------------|
| I — | Trechos da oração de parainfo | Prof. Severino Bexeria |
| II — | Escolas Rurais | Raimundo Guerra |
| III — | Nossa vida | Samuel Smiles |
| IV — | Retalhos Filológicos | Aristarco |
| V — | Confronto de mentalidades | R. Nonato |
| VI — | Os três momentos da vida de Rui | Guedes de Miranda |
| VII — | Nos primórdios da História brasileira.. | Antônio E. da Silva |
| VIII — | Aproveitamento escolar | Prof. Nicaules do Carmo |
| IX — | Frutas | Redação |
| X — | Ligeiras considerações sobre as estomatites | Dr. Aloysio Gais Barros |
| XI — | Educação Física | Roque José da Silva |
| XII — | Para que Açu e Moçoró? | F. Rodrigues Alves |
| XIII — | Antônio Severiano, um apóstolo da Inat. | Lidio Freire de Rocha |
| XIV — | A tragédia do mestre escola | Mário Cavalcanti |
| XV — | Sonetos | Prof. Roque José da Silva |
| XVI — | O preço do livro escolar | R. Nonato |
| XVII — | Infantidade | Elisa de Melo Godoy |
| XVIII — | Grãos de Sabedoria | Redação |
| XIX — | Cultura pedagógica | Prof. José Cajueiro |
| XX — | Itinerário de um menino pobre | Adautq da Câmara |
| XXI — | Notas & Fatos | Redação |
| XXII — | Socias | Redação |

PARTE OFICIAL

DESALENTO

(Ao Prof. Rodrigues Alves)

*Peço um retalho verde à natureza,
para adornar meus versos, quando escrevo.
Tudo o que penso e sinto, não descrevo,
Nem me posso exprimir, com bem clareza.*

*Duço as aves trinarem, na devesa,
porém a decantá-las não me atrevo.
Das flôres dalma nem sequer um trevo
Brota feliz! Por que tanta tristeza?*

*E tudo brinca e ri, canta à surdina.
E' verde a leve gaze da campina.
Há ideal em tudo quanto existe!*

*Mas eu não sei porque, mesmo sorrindo,
Os espinhos da dor vão-me ferindo
O coração deserto, e a alma triste!*

SINHAZINHA WANDERLEY

NOTA: — Últimos versos da saudosa poetisa e educadora assuense, feitos poucos dias antes de sua morte.

M

PROFESSORES"

Magistério e
pedagógica.

Paulo
Rodrigues Alves

COLABORAÇÃO.

As colunas de PEDAGOGIUM estão franquiadas aos professores. Publicaremos, com muito prazer, todo e qualquer artigo que se relacione com a instrução e a educação.

CORRESPONDÊNCIA

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Prof. F. Rodrigues Alves — Departamento de Educação — Natal — Rio G. do Norte.

TRECHOS da oração de paraninfo, pronunciada pelo Prof. Severino Bezerra de Melo, Diretor Geral da Instrução Pública, na colação de grau da turma de professoras da Escola Normal de Mossoró, em 17 de Novembro de 1949.

... Parece que a verdadeira função do paraninfo é aconselhar; é uma grave função, por sem dúvida, pois que, para tanto, não bastam as credenciais simbólicas da investidura; outras mais importantes lhe devem ser inerentes e eu não sei se dentro da fragilidade humana, de que ninguém se pode libertar, eu as possuo no alto grau de sua importância, para momentos como este.

Eu me valho, entretanto, como posso, da autoridade, não direi do mérito, mas da autoridade do tempo, da autoridade de velho professor, que ainda não perdeu o entusiasmo do ofício. E sou, assim, o representante de uma geração já no declínio da vida, que se defronta com outra geração, subindo agora firme os seus primeiros degraus.

De uma geração que assistiu ao fim de um século e está assistindo à marcha de outro século, frente a outra geração que ainda está nos alvéolos da existência.

Da geração, também, de uma sociedade exigente, de costumes sóbrios, de hábitos simples e humanos, olhando tristemente para outra geração que porfia em relegá-los na derrocada e no aniquilamento de uma falsa civilização.

E, particularizando o aspecto pedagógico, de uma geração que vem acompanhando há meio século, a marcha evolutiva do ensino público, como fenômeno social, nos seus acertos e nos seus erros, nas suas tendências, nas suas afirmações, nas suas reformas filosóficas e apressadas, poucas, na minha opinião, dentro das necessidades da nossa formação espiritual, quasi todas geradoras do estado caótico e anárquico em que se debate o espírito do estudante brasileiro.

As decisões da mocidade são sempre inspiradas pelos impulsos do coração e é bem a prova disso a minha presença aqui neste momento. E como assim o quisestes, haveis de permitir que vos faça algumas considerações a respeito de assuntos, de suma importância na vossa vida social e profissional, agora de responsabilidades bem serias e bem graves.

Tudo farei por fugir ao ridículo do acacionismo e às advertências dogmáticas, sempre solenes e jactanciosas, não mais levadas a sério em assembleias ilustres como estas.

Serão simples conceitos e conselhos amigos, da experi-

ência de uma vida humanamente vivida e intensamente sentida, dirigidos a quem vai começar agora a viver e a sentir, com a visão ainda imprecisa e fugidia do caminho a percorrer.

Perdoai-me, caras diplomadas, se eu vou dizer-vos coisas que tão bem já conheceis e tão bem aprendestes nas lições e nos exemplos dos vossos mestres e do vosso diretor.

Bem sei que a cultura das idéias gerais que vos ensinou nobremente a amar a vida, também vos forrou o caráter e o coração para enfrentar as suas vicissitudes.

Certo que ouvistes falar em vossas aulas de verdades científicas e de postulados filosóficos, de origem do homem e da imortalidade da alma, da inquietação humana e do desequilíbrio social.

Tudo isso passou pela vossa mente e foi pôsto em prova pela vossa razão. O difícil agora é acertar com segurança o bom caminho a assentar com firmeza os rumos do espírito.

O campo que ides lavrar é magnífico para conclusões psicológicas; todas as incompreensões humanas estarão todos os dias ao vosso lado. Não há mais lugar no mundo para tendências egoísticas e não podeis apenas pregar os meios de combatê-las; tendes o dever de mostrar na prática que não sois fariseus.

Não vale viver a falar da grandeza dos sentimentos humanos sem que esses sentimentos sejam postos em ação, assim como o patriota que deserta ao primeiro chamado da Pátria e o milionário que vive a pregar a caridade e amalha cupidamente o seu dinheiro.

Não haveis de ser assim e tende muito em vista que em tôrno de todos os problemas está sempre em primeiro plano o problema humano que deve correr parêlhas com toda profissão. Haveis de ser ilustres pelo saber, e grandes pelo coração, contribuindo para o advento de um mundo melhor, na prática constante do divino princípio «Amai-vos uns aos outros». Haveis de ser assim na vossa escola, no meio social para onde fôrdes, e sobretudo no vosso lar quando o constituirdes, abençoado por Cristo.

Não vos pareça desdouro ou humilhação quando tiverdes de perdoar ofensas ou injustiças recebidas. Muitas vezes será o vosso espírito conturbado por elas e subireis sempre mais alto exercitando o perdão.

Não faz mal que eu esteja dizendo estas coisas a jovens que acabam de percorrer uma incoerente e maravilhosa etapa da vida, a fase em que os sentidos recolhem do tumulto do mundo as mais desencontradas e misteriosas impressões, a fase

atordoante dos anseios e das indecisões, e de cuja boa compreensão depende em grande parte o êxito de outros importantes períodos da vida.

Dentro do espírito novo, que movimentava, na hora que passa, todas as forças ponderáveis da organização social, tendes que compreender o valor da vontade forte que realiza tudo quanto empreende.

Os setores por onde dilatastes vossa visão não se circunscreveram aos âmbitos estreitos de rígidas fórmulas de instrução, presas em compartimentos estanques. Suas fronteiras deram passagem à aguda penetração do vosso espírito, que se imbuíu também, nessa interdependência necessária do conhecimento de outras coisas da vida, desses segredos que o coração precisa de saber para se defender dos perigos do mundo.

Não vos limitastes a receber a lição fria dos compêndios; soubestes também animá-las com outras forças da inteligência e do coração, as maiores que Deus concedeu ao homem para enfrentar as contingências terrenas.

Estais assim armadas das melhores armas para o combate. Com elas, com a consciencia voltada para o bem e o espírito sempre volvido para Deus haveis de vencer. E quando muito sofrerdes, nas grandes horas amargas, tomai o conselho de Goethe: Fazei do vosso sofrimento um poema e com ele agradecei a Deus todos os dias o sacrifício que ides fazer pela felicidade alheia.

Recitai aquele trecho da «Oração da Mestra», de Afrânio Peixoto: Senhor, pois que o quizeste que o meu lar fosse a minha escola, que seja a Tua vontade; faze que toda manhã eu acorde de alma tranquila e coração puro para buscá-la e nela encontrar meus filhos de quem à noite fui privada.

Parti para a luta com a segura convicção de que tudo quanto se fizer em benefício da infância é reserva certa com que se pode contar, é capital que se está amealhando para o futuro da Pátria.

E quanto menos afortunada fôr a criança maior amparo e melhor assistência precisa da escola, afim-de que, na idade adulta, ainda pária social ou já basejada pela sorte, ela se lembre dos momentos felizes por que passou na escola e possa evocar, com essa gratidão e essa memória que só a alma da infância sabe conservar, a figura encantadora e cheia de bondade de sua mestra.

E a propósito de crianças desafortunadas, dessas que não têm alimento, nem roupa, nem casa, nem ensino e muitas delas haveis de ter como alunos, e as reconheceréis facilmente

pela triste fisionomia e pelos continuos desfalecimentos em meio dos trabalhos de classe, sabeis que elas têm os seus direitos humanos proclamados pelo Departamento Nacional da Criança.

Lêde esse Código profundamente altruistico, escrito com as tintas de todos os bons sentimentos e vereis como seriam felizes as crianças pobres brasileiras se fossem cumpridos os seus belos principios.

E concluireis também que não se pode ufanar de civilizado e de culto o povo que, em mais de quatro séculos, em vários regimes de Governo, ainda não encontrou meios para resolver o seu mais angustioso problema social.

Nas vossas lições, nas vossas palestras, nas vossas festas, em todos os ensejos de vossa benfazeja atividade social, fazei sempre desse magno assunto o ponto alto de vossas preferências, sem ferir melindres nem suscetibilidades, mas procurando despertar a consciência daqueles que, mais felizes na vida, Governo ou particulares, muito poderiam fazer para diminuir o número desses pequeninos seres em marcha de réprobos para o vicio e para o crime.

Nenhuma profissão, para ser bem exercida, pode dispensar o concurso da inteligência, subordinada aos imperativos do bom senso e dos nobres sentimentos humanos.

São múltiplas, como sabemos, as tendências do espirito, o que evidencia a perfeição da obra de Deus, dando aos homens o privilegio de construir a harmonia da vida, pelo conjunto de disposições espirituais existentes em cada um de nós. E a beleza e o equilibrio do mundo residem justamente nessa diversidade de inclinações, cada qual rumando atividades diferentes.

Não seria possível um mundo somente de agricultores ou de industriais, de músicos ou de artistas, de médicos ou de advogados, ou de professores ou de homens de ciência.

Uns estão a precisar do concurso dos outros. O conforto da religião tem que ser proporcionado pela palavra do padre; o sofrimento do corpo tem que ser aliviado pelo médico e as artes e as letras hão de constituir sempre grata e confortadora necessidade espiritual da humanidade. E o professor esse não é possível excluir da comunhão social, de tanta valia são os seus serviços, tão grande é a sua influência na preparação de sua estabilidade, em qualquer grau de sua hierarquia.

É bom que atenteis muito seriamente para as responsabilidades que assumistes com o vosso juramento.

Não espereis alegrias e compensações que não aquelas mesmas que sentirdes com o exercício da vossa missão. As outras, as do mundo exterior, os epinícios, os aplausos, esses se transformarão no primeiro momento em indiferença e em ingratidão.

E quando, depois das decepções encontradas, perderdes o amôr e o entusiasmo pelo vosso trabalho de todos os dias, quando não virdes mais na vossa escola e nos vossos alunos o melhor ponto de atração para o vosso espírito, não continueis mais na luta porque aí horas terríveis de tortura vos atribularão o espírito.

Nesse ponto, professores, alunos e escola serão elementos heterogêneos que não mais se compreendem, a se repeliem continuamente, com o mais grave prejuizo para o equilibrio social.

As ilusões e os devaneios do estudante incauto vão ficar na escola.

Amanhã, a realidade, o raciocínio, a meditação, as premissas, as conclusões.

Atentai bem nisto:

Entre os compêndios e o campo de ação, entre a teoria e a prática, entre a palavra do mestre e as incompreensões sociais, há um mundo de incoerências.

Procurai ser o divisor comum desses antagonismos, tudo fazendo pela felicidade de um mundo melhor do que este em que vivemos.

São os votos do vosso paraninfo que não teve palavras bonitas para dizer-vos, mas disse o que pensa com palavras sinceras.

A PAZ CONSTITUE O DEVER MORAL POR EXCELENCIA, PORQUE É O PONTO DO DOMINIO DOS POVOS SÔBRE SI MESMOS. A GUERRA, AO CONTRÁRIO, REPRESENTA A PREGUIÇA MORAL, A AVENTURA IGNÓBIL, A FUGA EM FACE DAS GRANDES QUESTÕES QUE A NOSSA ÉPOCA COLOCOU E QUE SÓ PODEM SER RESOLVIDAS EM PAZ.

VIRGÍLIO DE MELO FRANCO

ESCOLAS RURAIS

Raimundo Guerra

(Do Grupo Escolar «BARÃO DO RIO BRANCO», Parelhas)

São de um valor incalculavel para a alfabetização do povo, as Escolas Rurais disseminadas pelo interior do país, do litoral aos mais longinquos sertões, donde quer que exista um núcleo de população mais ou menos consideravel.

Ensinando ás crianças em idade escolar e, por exceção, aos que já ultrapassaram esta idade, vão ministrando conhecimentos indispensaveis de leitura, escrita, cálculos sobre as quatro operações e algumas noções gerais de Geografia, Historia, Ciências, promovendo festividades cívicas, de modo a preparar o futuro cidadão para a vida sempre melhor, mais conciente de seus deveres sociais.

Quero referir-me, de modo especial á Escola Rural, na zona do Seridó, para apresentar sugestões tendentes a melhorá-la, torná-la mais util dentro de seu programa que é o mesmo de suas congêneres, obtendo até agora os mesmos resultados.

Analisemos, de modo sucinto, a individualidade de nossa Escola Rural, localizada em povoado ou fazenda. Refiro-me á escola que funciona sempre em um sítio ou fazenda cuja população escolar é constituída dos filhos de moradores ou de pequenos proprietários circunvizinhos, cuja matricula é em média, de 30 a 50 alunos.

Não se póde estabelecer um limite maximo, de 14 anos, para matricula, porque são mui frequentes os jovens, de ambos os sexos, de mais de 14 anos que ainda não receberam instrução e seus pais se apressam em proporcionar-lhes ao menos essa rudimentar instrução que se lhes oferece na escola, sem prejuizo apreciavel nos trabalhos agricolas, de manhã e á tarde. Entretanto, o que se observa, por outro lado, é uns 30 ou 40% de crianças, em idade escolar, não matriculadas cujos pais, em geral, moradores pobres, que não puderam comprar os «pertences» para os filhos poderem frequentar as aulas. e outros ainda, não querendo dispensar o trabalho das crianças privam-nas da instrução de que tanto precisam, embora seja o material escolar muito reduzido e o uniforme, quando existe, uma adaptação do mesmo do Grupo Escolar da séde municipal, isto ao tempo em que cada um adotava seu uniforme carateristico.

De alguns anos para cá os escolares usavam quase o

mesmo padrão — azul e branco. Ultimamente o Departamento de Educação tem recomendado o uniforme branco, de mais fácil aquisição, asseio, confecção, variando o preço da fazenda, conforme a possibilidade de cada um. Para as meninas um simples e elegante vestido tendo um bolso na blusa para o monograma, distintivo da escola. Para os meninos, tem sido desprezado o fardamento branco, com botões dourados, na blusa, sendo mais adotado o da diaria; calça e camisa, figurando nesta o indispensável distintivo no bolso, à esquerda.

Estudemos em ligeiros traços, a personalidade da professora, uma vez que o elemento masculino é raríssimo nessas escolas, cuja gratificação é insuficiente a um professor principalmente se for casado ou tiver de manter família.

Assim, vemos à frente da Escola quase sempre uma ex-aluna do Grupo Escolar cujo valor intelectual, moral e pedagógico é ainda maior quando tem ela o curso complementar. Ainda inspira mais confiança aos pais dos alunos, ensina mais desembaraçadamente até o 3º ano primário, com autoridade e competência sempre maior que aquela cujo preparo não foi além do 4º ano primário.

Nomeada a mocinha, quase sempre por informação do Diretor do Grupo, tendo havido antes, certo empenho dos pais, os mais interessados pela colocação da filha nesse emprego de tanto valor social, além das vantagens materiais pois esta quase sempre os auxilia quando dispõem de poucos recursos ou pelo menos, os dispensará de comprar-lhe o vestuário, calçado e outros objetos indispensáveis.

Se o proprietário do sítio onde se localiza a Escola Rural é zeloso e suas possibilidades financeiras permitem, constrói sempre um armazém ou salão apropriado arranjando também, por conta própria, o indispensável mobiliário escolar: uma espaçosa mesa, rodeando-a de alguns bancos que comportarão os alunos que precisam fazer os trabalhos escritos, enquanto os outros vão ocupar os demais bancos sem encosto, colocados ao longo da sala, paralelamente à cabeceira da mesa onde se encontra a professora que, raramente pode sentar-se, e, se o faz, não dispõe muitas vezes senão de um simples tamborete. O proprietário, que nem sempre recebe aluguel do prédio, ainda fornece água e providencia o asseio do mesmo edifício.

Pelos serviços prestados e interesse pela instrução era, outrora, nomeado um delegado escolar, função esta, atualmente extinta, continuando porém a influencia decisiva na escolha daquela que irá residir em sua casa e, se não é filha, será considerada pessoa de sua família, companheira de suas filhas e

educadora, para a qual contribue com a hospedagem, incluindo alimentação, lavado e engomado além de outras bonificações. Sempre a professora, em reconhecimento, nas horas vagas, auxilia muito nos serviços domésticos.

O horario escolar é sempre das 10 às 14 horas, sendo o mais conveniente aos alunos que almoçam antes da aula, depois de terem auxiliado aos pais nos serviços da lavoura, para, depois da aula e após o jantar, se entregarem novamente à faina de todos os dias, representando o periodo da aula o de descanso.

Predomina a hora solar, mais facil de todos se regerem pelo sol, e assim o fazem calculando as horas tão bem como se tivessem relógio.

Quanto ao programa de ensino é o mesmo recomendado pelo Departamento de Educação e a professora quase sempre obtem do Diretor do Grupo a cópia dessas instruções, quando não era extraído um resumo dos programas de 1º, 2º e 3º ano do «Regimento Interno das Escolas Primarias».

Tendo sido, de modo geral, educada no Grupo Escolar, a professora vai aplicando os métodos e processos aprendidos, de modo a ensinar regularmente, não só a série que compreende a Escola Rural (1º, 2º e 3º ano) como até mesmo, em carater particular, sem outros proventos e no mesmo horário, a alunos que, em condições de terminar o periodo escolar não o fizeram, porque os pais desejam matriculá-los no Grupo da cidade e assim passam a estudar o 4º ano. Alguns conseguem passar nos exames de admissão ao curso complementar e passam apenas um ano de estudos, na sede do municipio, concluindo facilmente o curso primário. Vem isto demonstrar a eficiência da professora rural e sua dedicação ao magistério municipal.

Referi-me ao elemento feminino, leigo, ou não diplomado, no exercicio do magistério, no interior do Estado.

Disse que o elemento masculino, como sabemos, é muito raro e, de fato, não falando nos Cursos de Alfabetização de Adultos, onde se verificam algumas nomeações no sexo masculino, mui poucos são os homens que, não tendo vocação para o magistério, queiram aceitar a regência de Escola Isolada, no interior do municipio.

Acontece que os dois professores que trabalham neste municipio, em Escolas Rurais, são de real valor no magistério municipal. São agricultores ou pequenos proprietários nas localidades onde residem e estão localizadas as escolas, trabalhando na agricultura, nas horas disponiveis, não prejudicando o

horario escolar, têm demonstrado capacidade para o ensino, superiormente ao elemento feminino, se tivermos em conta o longo tirocinio de trabalho de cada um e julgarmos pelo aproveitamento de seus alunos que vêm continuar os estudos no Grupo Escolar desta cidade. Muitos desses alunos conquistam os primeiros lugares, quer no 4º ano ou mesmo no curso complementar após o devido exame de admissão e nas provas finais.

O elemento feminino não é menos eficiente, como ficou esclarecido, e melhor seria preparado se fosse restaurado o 6º ano primário, com todas as disciplinas, obrigatórias a notas diárias e exame como sejam, além das outras, Ciências, Geometria, Moral e Civismo, dispensadas a exame, nestes ultimos tempos, com a desculpa de que não precisam para admissão ao curso secundario, havendo, porem, de certo modo, prejuizo para aqueles que não podem fazer o curso ginasial e amanhã serão professores e terão de ensinar essas materias consideradas facultativas.

Até aqui, o resumo da atividade da Escola Rural, da qual saem os semiletrados que apreciam já as noticias dos jornais e do rádio, que assinam jornais católicos, lêem os folhetos vendidos nas feiras, compreendem melhor a religião e as vantagens da sociedade, associando-se às confrarias e demais instituições do municipio.

NOSSA VIDA

SAMUEL SMILES

A vida será sempre para nós tal como nós mesmos a fazemos. Cada um cria seu seu pequeno mundo, sua vida interior.

O pensamento: «Minha alma é para mim um reino» tanto pôde aplicar-se ao camponês como ao monarca; um pode ser rei em seu coração, como o outro pode ser escravo dentro do seu.

Na realidade, a vida não é em geral, mais do que o espelho das nossas próprias individualidades. É nosso estado de espirito que dá a todas as situações, a todas as fortunas, grandes e pequenas, seu verdadeiro caráter.

Para os bons, o mundo é bom; para os maus, é mau. Se nossa maneira de julgar a existência é elevada, se nós a consideramos uma esfera de esforços uteis, de nobre conduta e grandes pensamentos e nos esforçamos em fazer o bem aos demais como a nós mesmos, ela será alegre, cheia de esperanças e de suaves compensações.

Se, pelo contrário, nosso objetivo ao considerá-la, for unicamente o de satisfazer nosso próprio egoismo, nossos prazeres mesquinhos e nossa desmedida ambição, será forçosamente fatigada, angustiada, contrariada.

Retalhos Filológicos

ÂNSIA E NÃO ÂNCIA

Há pessoas que discutem a grafia da palavra *ânsia*, pela incerteza da fonte etimológica que venha aclarar o assunto. E daí a interrogação muito comum: *ânsia*, com *s*, ou *ância* com *c*? Não deve haver mais dúvida. *Ânsia*, com *s*, é a forma incontestavelmente correta, sendo *ância*, com *c*, como diz Mário Barreto, «êrro inveterado cometido até por lexicógrafos».

E tem muita razão o erudito filólogo em falar dessa maneira, porque outra forma não nos poderia dar o latim *anxia*, feminino de *anxius*, *a*, *um*. O *ância*, com *c*, está provado, é mero produto de uma falsa analogia «com o sufixo *ancia*, *antia* em latim, formado de *a*, vogal de ligação, *nt*, desinência de particípio presente, e *ia*, sufixo substantival: *vigilância*, *ignorância*, *tolerância*, etc». Quem, assim, poderá alimentar mais qualquer dúvida a respeito da grafia discutida, sabido que o *x* latino passa, normalmente, para *s*, e nunca para *c*, em português.

Portanto, escreva-se *ânsia* e seus derivados, com *s*, deixando-se o *ancia*, com *c*, para os que não quiserem prezar aquela nobre vernaculidade, da expressão elegante de Armand do Seabra.

ALDRAVA OU ALDRABA?

Estas palavras, escritas, indiferentemente, com *v* ou com *b*, recebem, também, pela duplicidade gráfica, que as envolve o nome de palavras sincréticas. Outras existem, nas mesmas condições, e, dentre elas, poderemos citar as seguintes: *taverna* ou *taberna*, *vodas* ou *bodas*, *assovio* ou *assobio*, *covarde* ou *cobarde*, *piava* ou *piaba*, *piaçava* ou *piaçaba*, *alvor* ou *albor*, *avantesma* ou *abantesma*, *bravo* ou *brabo*, *vasculho* ou *basculho*, *alvergue* ou *albergue*, *gavar* ou *gabar*, *zevra* ou *zebra*, *lavareda* ou *labareda*, *lavor* ou *labor*, *revoada* ou *reboda*, *dealvar* ou *dealbar*, *turvação* ou *turbação*, *esvelto* ou *esbelto*, *livra* ou *libra*, *revel* ou *rebelde*, *vagem* ou *bagem*, *jequitivá* ou *jequitibá*, *vibora* ou *bivora*, *avestruz* ou *abestruz*, *vêspa* ou *bêspa*, *varrão* ou *barrão*, *Caçapava* ou *Caçapaba*, *cavala* ou *cabala*, *avesseiro* ou *abesseiro*, *alavão* ou *alabão*, *cavide* ou *carbide*, *bereva* ou *bereba*, *Guadalquivir* ou *Guadalquibir*, *alvoro*to ou *alboroto*, *vossoroça* ou *bossoroça*, *Urumbeva* ou *Urumbaba*, *emboava* ou *emboaba*.

O curioso fenômeno gráfico, em apreciação, chama-se sincretismo. E Sá Nunes explica-o, muito bem, quando, à página 133, de «Língua Vernácula», 4ª série, escreve: «A razão de tal sincretismo é a de que o v latino deu b em português, e o b pode abrandar-se em v». Outros casos, porém, de sincretismo, são comuns, na língua portuguesa, embora que revestidos de outros característicos que não as letras v e b. Claro é que tôda e qualquer duplicidade de forma gráfica, com unidade de significação, constitue um caso típico de sincretismo vocabular.

Assim é que são, igualmente, consideradas sincréticas as palavras espuma e escuma, flauta e frauta, floco e froco, neblina e nebrina, clina e crina, flecha e frecha, aluguel e aluguer, fagulha e faulha, frotilha e flotilha, moringa e moringue, sagui e saguim, anú e anum, frenesi e frenesim, ampola e empola, assoalho e soalho, derrubar e derribar, hemorroidas e hemorroides, lagrimoso e lacrimoso, lájea, lajem, laja e laje, louro e loiro, maguar e magoar, órcades e órcadas, pinturesco, pintoresco e pitoresco, pitonisa e pitonissa, ramalhete e ramilhete, adôbe e adôbo, bogari e bogarim, boeiro e bueiro, calembur e calambur, corcunda e carcunda, cobiça e cubiça, convalescença e convalescência, emplastro e emplasto, eriçar e erriçar, espargir e esparzir, esfomeado, esfameado e esfaimado, farnel e fardel, gole e golo, holofoto e holofote, inquietude e inquietitude, entretenimento e entretenimento, lavandeira e lavadeira, lexicologia e lexicologia, miriápode e miriápodo, mônada e mônade, primaveril e primaveral, surgir e surdir, térmita e térmite, toscanejar e tosquenejar, triada e triade, Vergílio e Virgílio arapuca e urupuca, calefrio e calafrio, batráquio e batrácio, nômade e nômada, síndrome, sindroma e síndromo, sirene e sirena, cuspo e cuspe, cavalgada e cavalgata.

ALMÔÇO, ALMÔSSO E ALMÔRÇO

A origem ou formação de muitas palavras portuguesas apresenta-se, as mais das vêzes, aos investigadores das questões filológicas, dentro de um círculo vicioso de terríveis controvérsias, dificultando a pesquisa e embaraçando o estudo.

Nem sempre, assim, estão êles acordes, no caso, hesitando, aqui, e se dividindo ali...

A palavra almôço, verbigrácia, é uma das que, em nosso idioma, têm a etimologia mais complicada e, por assim dizer, mais duvidosa. Não houve, ainda, até hoje, mesmo entre os mais autorizados etimólogos, uma convicção sólida, uma certeza certa, para lhe firmar a formação.

Há quem sustente que a palavra deve ser escrita, com *s*, por vir do latim *admorsum*, pela assimilação do *r* ao *s*.

O Prof. Manuel Said Ali Ida, autoridade de muito crédito, no assunto, admite essa teoria, aceitando, porém, as duas grafias, com as suas notórias preferências pela mais generalizada, almôço. Carneiro Ribeiro não vê assimilação em *admorsum*, para dar almôso, e, sim, acomodação de letras ou de sons, para chegar a almôço... Cândido Jucá (filho) pensa diferente e diz que «a formação *ad-morsu* parece ter sofrido influxo do árabe, pois produziu o moderno almôço».

O Prof. Otoniel Mota, nas «Horas Filológicas», pág. 220, escreve: «*admorsum* teria dado, naturalmente, amôso, e menos naturalmente almôso; mas não almôço. E isto porque no grupo *r s* se dava a assimilação do *r* ao *s*, como em *ursu* ant. usso; persicu, pêssego (impropriamente grafado com *c*).

Além disso, a forma hespanhola *almuerzo* reforça a dúvida levantada pela portuguesa, o que levou Meyer Löbke, se não estou enganado, a propor o étimo *admordium*, que Hanssen perfilhou para o castelhano». Tudo indica que essa forma castelhana *almuerzo* deu a forma almôrço que Figueiredo acha ter dado almôço, com a queda do *r*. A teoria da assimilação do *r* ao *s*, fato muito natural nos domínios das leis fonéticas, não é coisa fora de propósito, estando, porém, o busilis da questão, talvez, na formação da sílaba inicial. Como poderá o prefixo latino *ad* transformar-se em *al*?

Também Antenor Nascentes já prestou o seu serviço, no complicado da tarefa, estribado nas autoridades de Meyer Lübke, Júlio Cornu, Adolfo Coelho, Frei Dr. Domingos Vieira, João Ribeiro e Mário Barreto.

Da forma almôrço, apontou êle dois exemplos: um de Bernardes e outro de Frei Luiz de Sousa.

Portanto, qualquer das formas estudadas, a rigor, é correta, sendo almôço a que todos aceitam, já por ser a mais simpática e natural, já por haver alcançado a consagração definitiva do uso comum. Que nos dirá o nosso Mestre Clementino Câmara, com aquêle almôso das suas «Décadas»?

ALPERCATA

Existem, em português, cinco maneiras diferentes de dizer: alpercata, alpergata, alpargata, alparcata e alparca. Séguier registra tôdas elas, reconhecendo, porém, estarem com a primeira as preferências de todos. O homem rústico, na sua linguagem característica, adota uma, por assim dizer, sexta forma, quando

diz apragata... Desta, êle forma o verbo apragatar, com o sentido de achatar, aplinar, acharar.

Nos clássicos são encontradiços exemplos de alparcata e de alpargata. Francisco Manuel de Melo e Felinto Elísio disseram alparcata. Alexandre Herculano empregou alpargata. Nos escritores modernos só se vê alpercata.

Constâncio esclarece que, em árabe, diz-se *albalga* ou *albalgat*. E, aí, deve de estar o étimo das palavras. Salvo melhor juízo...

ABÓIO E ABOIADO

Euclides da Cunha, um dos nossos grandes clássicos, disse aboiado em vez de abóio, ao referir-se ao toar merencóreo do nosso vaqueiro, «quando acompanha o gado através dos nossos campos e das estradas ermas». De abóio, substantivo, formou-se, parassinteticamente, o verbo aboiar. Parece que o eminente autor de «Os Sertões» foi o único a desviar-se da prática comum. Aboiado será, antes, o adjetivo participio do verbo formado.

Com o nome de «Abóio», escreveu o poeta Henrique Castriçiano a mais bela, a mais expressiva, a mais brasileira das nossas poesias sertanejas, em cento e cinquenta e oito versos, que são legítimas joias de Ofir!

E todos dizem o poeta do «Abóio», quando se referem ao notabilíssimo vate potiguar.

ATRAVÉS DE, ATRAVÉS

Laudelino Freire, nas suas «Regras Práticas para Bem Escrever», pág. 73, recomenda: «É de rigor o emprêgo da preposição de, depois de através, salvo o caso em que através é mero advérbio: Tome-se êste exemplo: Passou através do muro, para cortá-lo através. Há, aqui, a locução através de, na qual se não pode prescindir da partícula, e há o advérbio através, significando de lado a lado, transversalmente».

Muitos, inclusive rapazes estudiosos e inteligentes, são os que usam dizer através a, através as, através os, sem pensar estejam utilizando formas de todo em todo inconvenientes, não só por serem galicanas, mas, ainda, por antieustômicas, ao contrário das formas através da, através do, através das, através dos, bem melhores de pronunciar e, além de tudo, portuguesas de lei. Diga-se, portanto, através da História, através dos livros, através de leis justas e humanas.

Confronto de mentalidades

R. Nonato

Num dia destes, da conversa com Inspectores de Ensino do Estado, tivemos em revista um Boletim de Estatística, referente ao ano de 1942.

Na publicação mencionada, a Divisão de Ensino Superior do Departamento Nacional de Educação, reportando-se ao período de janeiro a junho daquele ano, acusava que, no mesmo órgão técnico se efetuara o registro de 28 diplomas de arquitetos, 596 de bachareis em direito, 129 de enfermeiros, 257 de engenheiros, 77 de licenciados em faculdades de filosofia, 89 de farmaceuticos, 780 de médicos, 41 de diplomados em musica, 213 de cirurgiões dentistas e 32 de quimicos industriais, num total de 2.242 diplomas.

Os números, ali apresentados, sugerem motivo para algumas observações. Primeiro, é de notar-se a ausência do registro de agrônomos, rumo de formação técnico-profissional tão de perto ligado ao desenvolvimento de país, como o Brasil, onde quase tôdas as fontes de economia e de riqueza repousam ou derivam do aproveitamento do solo e da maior exploração dos seus elementos.

Por outro lado, naqueles numeros revela-se o aumento dos diplomas médicos sôbre os de bacharel, titulo êste que sempre abriu as portas da vaidade, a quantos procuravam as honrabilidades das formaturas e dos seus graus.

No que toca, propriamente, aos técnicos de ensino, o numero de 77 é extremamente reduzido. Desconte-se, porém, a circunstancia de que áquela época, a prova de capacidade para exercicio do magistério, dependia de pouco mais do que satisfazer as exigências dos aventureiros registros provisórios.

* * *

No Brasil muito se tem falado e escrito contra as pretensões da doutorice. E, em boa fé, pode-se dizer que nunca houve conversa menos consistente, menos séria. Por que, na verdade, o número dos portadores de titulos de escolas do último grau, é reconhecidamente, pequeno, entre nós.

Ninguém ignora que, por todo êsse vasto interior da nossa terra, há falta de médicos; que também não existem, se não raros dentistas, servindo a muitas localidades e que são comuns os casos dos práticos de odontologia que correm entre lugarejos. «fazendo as feiras», para não falar dos curan-

deiros, dos milagreiros, do «homem da injeção de cuspo» e de outros.

* * *

Um rápido confronto mostra, neste particular, a distância que nos separa do mundo norte-americano.

Ali, onde funcionam perto de mil casas de ensino superior, todos os anos, milhares de jovens diplomados saem das suas classes, com uma orientação para o trabalho, com um senso prático das necessidades da vida.

No nosso caso, ao contrário, qualquer jovem sentir-se-ia acanhado de dizer que é portador de uma carta de formatura, em cujo currículo não tenham figurado várias linguas, filosofia e numerosas ciências, embora da maior parte dessas disciplinas guarde apagadas lembranças, quando não desconheça o próprio nome do autor do compêndio recomendado pelo professor.

Damos lustre a êste comentário, ouvindo Erico Verissimo: «uma vez conversando com uma jovem que se orgulhava de ter curso de famosa universidade. Essa moça ignorava geografia. Não conhecia um unico nome da literatura franceza. De história, pouco entendia. Quando lhe perguntei que diploma havia tirado, respondeu-me que fizera um curso de economia doméstica».

O *yankee* conta, porém, com outros elementos de cooperação. Não é só o govêrno que se obriga pela distribuição do ensino e divulgação da cultura. Poderosa, a fortuna particular não lhe nega amparo e concurso.

A parte de um diálogo, o escritor itinerante do pais dos dólares, regista esta cena:

— «O que aconteceu, perguntam a um jovem, que chega alegremente.

— Morreu um millionário, exclama êle!

— Mas... que tem isso?

— Podemos, agora, concluir um pavilho que nos faltava. O homem doou 800.000 dólares a nossa Universidade!»

Também do patrimônio da célebre Universidade de Chicago consta que «um quinto dos seus fundos vieram de doativos feitos por John D. Rockefeller».

* * *

Aqui, porém, a coisa é diferente.

O dinheiro sai, mas é dose homeopática. E ás vezes não sai mesmo, como neste caso:

— O diretor de um estabelecimento de ensino, do nosso interior, vendo-se em crise, tomou a deliberação de apelar para um rico que apelidavam de homem benemérito. Mandou-lhe uma longa carta, e ficou dormindo nos louros do generoso auxilio.

A resposta não tardou. Desnorteante embora, quase mercenária.

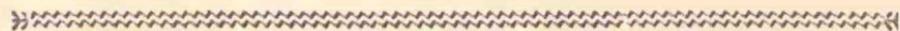
— « Nada posso fazer pelo ensino, dizia o remanescente do rei Midas, por que isso cabe ao governo. Dou-lhe, porém, um conselho nascido da minha experiencia: reduza as despesas para alcançar um equilibrio, ou então faça um empréstimo na Legião Brasileira ».

* * *

Este registro tenta estabelecer um confronto.

Deploravelmente, um triste confronto.

Mas, enfim, realidade.



Os três momentos da vida de Rui

Guedes de Miranda

(Catedrático de Introdução á Ciência do Direito da Faculdade de Direito de Maceió)

Devo, inicialmente, agradecer a honra que me concedeu o *Rôtery*, trazendo-me pela mão fraterna de José Lira, seu dinâmico e incansavel presidente, á tertúlia desta noite.

Determinou-me José Lira, (e ela dá ordens sorrindo como um ditador amavel) êsse demônio capaz de atrair os pássaros voando livres no ar e os peixes nadando lépidos nas águas, que eu me encarregasse de uma missão, que me desvanece, como uma glória, mas tambem me esmaga, com a certeza do impossivel.

Falar a respeito de Rui Barbosa, quinze minutos que me reservaram, é o mesmo que pretender aprisionar na concha das mãos o jorro portentoso da Paula Afonso. O génio é incomensuravel. Participa da natureza do infinito, da essência divina.

Não se enquadra o génio em conceitos e definições, da mesma maneira que não se limita a imensidão. Referindo-se ao « Espirito das Leis », de Montesquieu, Sainte Beuve diz:

que, á semelhança dos monumentos, não deveria ser olhado de perto.

A obra social, politica, jurídica e literária de Rui exige a colaboração do tempo para ser compreendida e amada.

Goethe nasceu ha três séculos, e ainda hoje é uma incógnita para os pesquisadores do espirito, psicólogos e psicoanalistas. Rui foi uma antecipação, num pais semi-barbaro, em que pensou e se exprimiu num idioma quasi desconhecido. Houvesse nascido na França ou na Inglaterra seria maior do que Taine ou Voltaire, Carlyle ou Dickens. Ao penetrar-se na floresta ruibarboseana, perde-se o senso da comparação e da medida. A floresta impede de ver-se a floresta.

Dai não se poder precisar a atividade em que mais excelliu o espirito de Rui.

Rui viveu três grandes instantes que o sagraram apóstolo da Liberdade.

O primeiro aconteceu no pretório do Supremo Tribunal Federal.

O país agitava-se nas convulsões da desordem.

Floriano Peixoto havia assumido o govêrno da República, a que generosamente renunciara Deodoro, ameaçado pelos navios da esquadra.

O Marechal de Ferro viu-se, em breve, a braços com a masorca. Os levantes irrompem, criando para a legalidade uma situação perigosa. A República ainda embalada no berço pelos hinos triunfaes do Quinze de Novembro, corria o risco de sosobiar no tremedal das masorcas.

No pampa a caudilhagem aprestava-se para os *entreréros*.

E nessa atmosfera eletrziada que surge o Manifesto dos Treze Generais.

Floriano responde á intimação com a reforma, e, em seguida, com a prisão dos signatários.

Agora o cenário se amplia, desdobra-se, agiganta-se.

Rui aparece no procênio como um Hércules, rugindo de cólera divina. Relampeja, trovejando os ribombos da sua eloquência.

Cicero em *Pró Orclia* e *Pró Niclone* no *Forum*, não lhe superou a majestade, nesse momento de defesa ao direito de locomoção ofendida pelo arbitrio do poder.

O instituto do *habeas-corpus* teve, nesse dia de legenda, a sua glorificação. O Supremo Tribunal, acovardado deante da prepotencia, fultou á sua jurisdicção constitucional, denegando a ordem, mas um juiz imperativo, varão de Plutarco, ou heroi carlyliano, resguardou a dignidade da toga, concedendo-a.

Rui, em lagrimas, be jou-lhe as mãos augustas. Encarna-

va no relâmpago daquele minuto histórico a alma angustiada e perdida das liberdades civis. A coragem inamolgável do paladino valeu-lhe o destêrro e quasi lhe custa a vida.

O segundo momento da vida Rui ocorreu em Haia, em 1907. Reuniram-se as nações civilizadas na Capital da Holanda, para discutirem e assentarem principios que asseguram a paz, com o arbitramento obrigatório.

Ocorreram á formosa e tranquila cidade os mais célebres juristas do mundo, os grandes técnicos de direito das gentes. Rui compareceu ao conclave, como representante do Brasil.

Aí Rui não é o advogado das liberdades civis, nem o campeador dos direitos inalienaveis da pessoa humana.

Agora é o politico, o estadista, o mestre de direito público.

A Alemanha amparada pelo maior exercicio da Europa, estimulada pelo prussianismo dos Junkeres, opõe-se á idéia do arbitramento obrigatório, considerado uma *capitis diminutio* para as grandes potências.

Rui pede a palavra. Ninguem lhe dá atenção. Rui insiste e começa a falar.

A eloquência fuzila no verbo do apóstolo.

Em dado momento, a assembléia eletriza-se e se comove

A palavra do representante do Brasil, pais sem exercito e sem esquadra, domina, empolga, convence.

A tese da igualdade juridica dos Estados, grandes e pequenos, poderosos e fracos, triunfa. O direito das gentes enriquece-se de novos postulados mais generosos. O Brasil volta da conferência nimbado de glória. Rui resplandece. É o super-homem nacional.

O terceiro momento sucedeu na Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires.

O Kaiser Guilherme II desencadeia a guerra na Europa.

Invadindo a Bélgica postergou a inviolabilidade dos paises neutros, principio manso e pacifico nas regras do direito das gentes.

Submarinos alemães torpedearam navios de passageiros, trazendo nos mastros os pavilhões de nações não beligerantes. O mundo vibrou de indignação. Rui é nomeado embaixador em missão de cordialidade na Argentina Não deixa escapar a ocasião. Pronuncia na Faculdade de Direito da capital portenha uma conferência que é uma obra prima de direito público.

Protesta perante o mundo civilizado contra a violação das leis internacionais, em nome da fé dos tratados. *Pacta sunt servanda*, brada o embaixador do alto da cátedra da Universidade, em defesa da força espiritual do direito postergado pelo direito brutal da fôrça.

Reviveu os grandes dias de Haia.

Era de novo o apóstolo, exigindo das nações cultas o castigo para o crime. A Alemanha assolava a Bélgica e afundava navios de passageiros, assassinando velhos, mulheres e crianças; a Alemanha calcava aos pés tratados e convenções. Que fosse punida a arrogância teuta.

Transigir com o mal é conluiar-se com êle.

Consentir no crime é também delinquir.

Quis tacet consentire videtur.

Não pode haver neutralidade deante da violação arrogante de direitos sagrados, de prerrogativas intangíveis asseguradas pela moral dos povos.

Desprovido de coação exterior, daquela garantia que Picard chamou de proteção constrangimento, o direito internacional arma-se da honra da palavra empenhada, da fé pública comprometida nos tratados e nos acordos firmados entre os Estados Soberanos.

Reduzir tratados a farrapos de papel é subverter a ordem jurídica que serve de fundamento à sociedade dos Estados.

Foi contra essa transgressão aos princípios morais do Direito das Gentes que se levantou irado o Embaixador Brasileiro, na Universidade de Buenos Aires ululando a sua cólera contra a brutalidade prussiana.

A prédica do Mestre alcançou ressonância na consciência continental e criou na alma americana um estado de repulsa, de incontinida indignação, que clamava desagravos pelas armas à majestade da justiça internacional espesinhada.

Eis senhores do Rotary, os três momentos culminantes da vida de Rui Barbosa. Pena é que a avareza da minha palavra não soubesse exaltar esses momentos que dignificaram e resplandeceram com clarões zodiacais a liberdade dos povos, e a justiça universal. Queixai-vos pelo êrro da escolha do vosso presidente, esse encapetado José Lira, a quem tanto admirais e quereis e eu ainda mais do que vós.

(Palestra lida no Rotary Club de Maceió).



A ESCOLA, hoje, mais do que nunca, tem sôbre seus ombros grandes responsabilidades, uma vez que agindo sôbre as mentes plásticas dos individuos, em formação, é que se poderá modelar a estrutura política de um povo.

Onofre A. Penteadó Júnior

NOS PRIMÓRDIOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA

ANTONIO E. DA SILVA

Quem lê Gilberto Freire em seu livro « Casa Grande & Senzala » formúla uma conclusão: a colonização portuguesa, no Brasil, teve por fundamentos lógicos adaptação e miscibilidade.

É incontestável que na época a expansão geográfica e, em tempos mais remotos, a invasão da península pelos mouros, com a sua consequente ocupação de 800 anos, muito contribuíram para que o elemento lusitano detivesse uma certa prioridade em relação a outra espécie de colonizador que por estas plagas atuasse.

Robustece o *slogan* da adaptação sabermos que ingleses, franceses, ou holandeses colonizaram a Índia, a Indochina, as Índias Holandesas e bem próximo a nós, as Guianas. Entretanto, por se tratarem de terras tropicais, com características naturalmente peculiares, as suas atividades resultaram pouco compensadoras.

A adaptação portuguesa ainda é consequência da situação geográfica da velha metrópole.

Ninguém ignora que aquêle país se acha quasi no continente Africano, sendo o seu clima bem assemelhado ao nosso.

Verdade seja que Portugal não dispunha do elemento humano para uma tarefa, que lhe seria quasi inexequível qual a de colonizar, a contento, tão vastas terras. Segundo Afrânio Peixoto, em seu « Viagem Sentimental », em 1500, o « Jardim da Europa à beira-mar plantado » teria um milhão e duzentos mil habitantes e mais a circunstância: metade seriam mulheres, metade de metade crianças e velhos e nos trezentos mil restantes lavradores, operários, pescadores, soldados, funcionários, fidalgos. Apenas cem mil estavam disponíveis para a grande obra de converter à civilização mais de cem tribus, que tantas eram as que povoavam a terra, isso só no Brasil sem termos em conta que com a gente referida Portugal se aprestava para a posse do mundo.

E os anglo-saxônios na América?

A resposta é fácil. Ouçamos ainda Afrânio: a pior mesquagem não é a do sangue, mas a do carater e, por mais trezentos anos, quer o grande médico e sociólogo ainda lhe sofreremos o estigma. A educação, só a educação é que igualha, nivela, põe no mesmo plano...

Há, em verdade, um argumento por assim dizer irretor-

quível: países que alcançaram notável civilização tiveram os seus alicerces firmados em núcleos de malfeitores (sic!)

A experiência demonstra que o homem nobre mem sempre sobrepuja aos de má indole, maximé si tivermos em vista que numa colonização mais se exige destemor e mesmo desprendimento pela vida.

Se lançarmos um olhar para a Grécia ou para a Itália, veremos que a tese se afirma como verdade irrespondível, porquanto sabe-se que a península helênica fôra ocupada pelas avalanches selvagens tal como a margem do Tibre constituiu a muralha inexpugnável contra a qual os etruscos se bateram debalde contra os italiotas.

Qual a razão do desenvolvimento promissor dos Estados Unidos em relação ao Brasil, que lhe foi antecedido apenas de oito anos?

Resposta: a terra ianque é privilegiada em sua formação física e geográfica. É que os oceanos Pacífico e Atlântico, o golfo do México, os grandes lagos, o caudaloso Mississipi tudo concorre para a maior facilidade de comunicação e consequente escoadouro de produção.

Voltemos ao Brasil, que possui o grande Amazonas, das terras encharcadas, paludosas, verdadeiros sorvedouros de vidas, a floresta tropical, considerada indevassável, a serra do Mar, barreira que, por muitos anos, impediu a expansão do litoral para o interior.

Donde se infere que a nossa colonização se revestiu de fatores em muitos pontos negativos de u'a maior eficiência de integração cultural, mas de cuja culpa se exime Portugal tanto mais se considerarmos á luz da Antropologia que as condições biológicas do nosso colono foram naturalmente indicadas á incrível tarefa de vez que o mesmo recebeu grande dose de miscibilidade, resultando daí o caldeamento de nossa raça e com eja essa forte resistência cabocla, que tanto distingue o brasileiro perante os outros povos.

Quem mais estuda, mais lauréis conquista

Mais se aproxima do país da Luz.

Segundo Vanderlei

APROVEITAMENTO ESCOLAR

Prof.^a NICAULIS DO CARMO E SILVA

(Do G. E. "Auta de Sousa", de Macaluba)

Um dos fatores da deficiência de aproveitamento nas escolas é o descaso da maioria dos pais. Uns por serem analfabetos não ligam muita importância à instrução; outros, embora instruídos, mimam muito os filhos, êles não lhes obedecer e muito menos aos professores. Se as crianças são repreendidas, nas escolas, os pais ficam mal humorados e falam contra os professores, dando todo apoio aos filhos indisciplinados. Outros, embora não apoiem os filhos, não sabem educar e os deixam agir da maneira que bem entendem. Eu falo conciente do que digo, porque tenho anos de serviço suficientes para conhecer que a falta de colaboração dos pais influe muito no pouco aproveitamento que vemos em nossas escolas.

Outro fator deveras preponderante é a falta de vocação que existe em muitos de nossos colegas, que abraçaram a nobre missão de instruir e educar. É verdade que a nossa missão é árdua, é espinhosa, porém, desde que jurámos cumprir o nosso dever de educadores, levemos a nossa tarefa até o fim, com dignidade, com amor, servindo a nossa querida terra, como ela merece, legando às gerações futuras um nome digno e elevado, que possa servir de exemplo aos nossos sucessores. Que a história lembre os nossos feitos ou não, que os nossos alunos sejam gratos ou ingratos, não nos importemos sigamos, de cabeça erguida, tendo em nossa mente a certeza de que nunca fomos relapsos, e sempre tivemos o prazer de espalhar o maior dos bens pela humanidade, porque o analfabeto é um cego que precisa sempre de um guia na vida.

Sinto muito, pois ultimamente a minha saúde tem sido melindrosa e eu não posso estar sempre em atividade; mas confio em Deus que há de me conceder ainda muitos anos de vida para trabalhar e cumprir a santa missão que êle me confiou.

Colegas, exultae com o trabalho e alegrae-vos de ter aberto a luz do entendimento a muitos seres que tropeçavam nas trevas do analfabetismo!

Meu ideal, era, nas horas vagas, ir de casa em casa, levar as luzes do alfabeto àqueles que não podem frequentar uma escola, crianças ou adultos. Mas, qual, não posso proceder como desejo, porque a saúde me falta, e muitas vêzes preciso licenciar-me e afastar-me da minha própria classe. Ponho-me a cismar e me entristeco, porém, ao mesmo tempo me conformo com a sorte, pois tudo é determinado por Deus.

FRUTAS

A LARANJA

Antes de tratar das frutas, em geral, façamos uma esplanção acerca do pomo de ouro, isto é, da laranja considerada o simbolo da generosidade.

Pertencente à familia das rosáceas, é a laranjeira um vegetal de raizes fibrosas e de haste lenhosa.

Fruta rico em vitamina C é, porisso mesmo, um preservativo contra o escórbutu (hemorragias subcutâneas, intestinais e musculares) e contribui para o bom funcionamento dos vasos sanguineos.

Nascida, segundo a Mitologia, no jardim das Hespérides, a laranja apresenta várias espécies.

Destas queremos destacar a chamada laranja da Bahia.

Em 1873 — informa o Dr. Afrânio Peixoto — William Saunders enviou da Bahia duas pequenas laranjeiras a Mrs. Elisa C. Tibbets em Riverside, na Califórnia, Estados Unidos.

Quer parecer que a erupção do Shasta, em 1906, favoreceu grandemente a formação geológica de tóda a região do São Francisco, resultando ficar o terreno propicio à cultura da preciosa cidra que, desde então, tem-se estadeado nas mais lindas florações e satisfatórias colheitas.

Eram de «umbigo» — diz ainda Afrânio — as laranjeiras de Mrs. Elisa.

Vingando uma delas, foi a mãe de todos os enxertos da Califórnia.

Hoje, nos Estados Unidos, é a laranjeira considerada o mais proveitoso imigrante. Dizem mesmo que os seus frutos são mais doces e desenvolvidos do que os dos ascendentes.

Desprovida de sementes, a laranja da Bahia aclimou-se, admiravelmente, na Califórnia, constituindo o seu comércio uma das grandes fontes de riqueza particular.

Os árabes plantaram a laranja amarga no Mediterrâneo, no século VIII.

A laranja doce, porém, trouxeram-na os portugueses, do Oriente. No século XVI, as caravelas que singravam as águas daquele hemisferio, enchiam-se de laranjas em Cabo Verde e Costa da Guiné, ficando evitada ou melhor atenuada a virulência do escórbutu, graças às suas vitaminas.

A laranja veio para o Brasil logo nos primeiros tempos.

Na Bahia, disse Afrânio Peixoto, deu-se a mutação: a laranja da China, a laranja de Portugal, naturalizou-se brasileira, laranja da Bahia.

LIGEIRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ESTOMATITES

Dr. ALOYSIO GOIS BARROS

(Cirurgião-Dentista da E. F. C. R. G. N., do Hospital de Alienados e da « Associação de Professores ».

Estomatites são processos inflamatórios de caráter agudo ou crônico, que atingem a mucosa oral, inteira ou parcialmente em alguns pontos.

O mais das vêzes, estende-se ás gengivas, ás faces e por fim à lingua. Conforme os diversos graus e o caráter anátomo-patológico da estomatite, distingue-se ela em: catarral aguda, estomatite ulcerosa, grangrenosa ou noma, estomatômico-se oídica e toxica.

ESTOMATITE CATARRAL AGUDA — apresenta os mesmos fatores etiológicos da gengivite, da qual representa um grau mais avançado, pois fere tóda a mucosa da cavidade oral. É frequente a manifestação local de processos infectuosos agudos ou de ação irritante térmica ou quimica (mercúrio, álcool, fumo) ou mecânica (dentes cariados com arestas agudas, trabalhos de prótese mal executados). Desta estomatite, pode ser atingida sómente a mucosa gengival, constituindo uma gengivite, ou somente a lingua, de modo a poder-se definir a alteração como uma glossite catarral; entretanto é frequentemente atingida toda a mucosa das faces, das gengivas e da lingua. A tumefação da mucosa pode ser grande, impedindo a alimentação, a mastigação e a palavra. A salivação geralmente diminue; a descamação epitelial da mucosa pode produzir dôres, por vêzes, e se não se intervem eficazmente, pode manifestar-se a febre. Com frequência, o hálito é fétido.

A estomatite catarral aguda pode-se transformar em crônica e dura, meses ou mesmo anos, do mesmo modo por q póde curar-se em uma ou duas semanas.

A cura é obtida, sobretudo, com a eliminação direta causa provocadora: seja a obturação dos dentes cariados a correção das próteses dentárias mal executadas, ou ain pela eliminação das causas irritantes quimicas ou térmicas (su pensão do fumo, álcool e dos alimentos picantes). Tratament higiene da cavidade bucal com gargarejos antisséuticos, ti como: ácido bórico a 4^o, permaganato a 1^o, e água oxig nada a 3^o.

ESTOMATITE ULCEROSA — É uma forma de estom

tite contagiosa, que pode atingir epidemicamente a coletividade. É sobretudo frequente na infância e provocada pelo mesmo agente infeccioso da angina de Vicent. A enfermidade apresenta frequentemente o quadro clínico de uma estomatite catarral das gengivas, extendendo-se, depois, por auto-inoculação, a todos os recantos da cavidade oral e sobre os pontos atingidos, pela queda do epitélio, formam-se úlceras de vários tamanhos, de bordos franjados com o fundo esverdinhado. Nas formas graves, o paciente tem febre alta acompanhado de mal estar geral, quasi sempre acompanha uma tumefação das glândulas linfáticas, sub-maxilares e sub-mentonianas. O tratamento consiste, ainda, neste caso, no afastamento das causas mecânicas irritantes (dentes cariados, tártaros) ou tóxicas e na higienização frequente da cavidade oral com antissépticos.

ESTOMATITE MACULOSA — É ainda conhecida por estomatite aftosa, denominação imprópria, que deveria ser reservada unicamente para as localizações específicas da afta epizoótica. A característica da estomatite maculosa é o acúmulo de exsudato fibrinoso na mucosa e sob a forma de pequenas placas, do tamanho de um grão de milho ou de uma lentilha, de cor branco-amarelada, algumas vêzes confluyente.

As aftas que se formam rapidamente regridem, em breve tempo, dos bordos para o centro, graças à formação de epitélio novo que, quando cai o exsudato, já se acha bem constituido. As aftas são bem dolorosas e podem perturbar a alimentação e a palavra. A doença atinge de preferência as crianças em estado precário de hygiene e as mulheres especialmente nas épocas de menstruação e durante a gravidez.

A cura é, na maioria dos casos, espontânea: favorecida pelo uso tópico do lapis de nitrato de prata e com gargarejos antissépticos.

ESTOMATITE GANGRENOSA OU NOMA— Afecção muito rara e própria da infância. Póde instalar-se sob a forma de uma estomatite ulcerosa; na maioria dos casos está ligada a graves doenças debilitantes (pulmonite, tifo etc...)

Do ponto de vista etiológico, faltam dados seguros. A doença, que se manifesta, de inicio, como uma simples estomatite, e caracterizada por uma tumefação mole das faces, que tem uma palidez típica, extendendo-se para o lábio e para a região orbirária, tornando-se gradualmente dura, enquanto as glândulas linfáticas sub-maxilares crescem e aparece o trismus. A mucosa da face atingida, a princípio inflamada, apresenta segundo alguns autores uma ou mais vesículas que se rompem, dando lugar a uma úlcera. A alteração aumenta em profundidade e em superficie, enquanto sobre a pele da face sur-

ge um ponto escuro, que aumenta, dando-se a perfuração do foco gangrenoso.

A perda da substância é cada vez maior, deixando ver o osso, que é, quasi sempre, sede de processos de necrose. A doença é de ordinário fatal, pois que a mortalidade se eleva a 80%. A cura pode ser favorecida pelo tratamento cirúrgico, deixando êste processo profundas deformações.

ESTOMATOMICOSE OIDICA — É denominada comumente « Sapinho » e é uma doença própria do lactante, embora se possa observar ainda no adulto atacado de moléstias de-pauperantes.

Trata-se de uma micose devida ao « *oidium albicans* », que ataca, na maioria dos casos, a ponta e as margens da língua, como também a face interna dos lábios e das faces, sob a forma de pequenas placas brancas constituídas pelos filamentos do parasita. A doença se desenvolve de ordinário à custa de uma estomatite catarral.

O tratamento deve ser específico, acompanhado de uma rigorosa limpeza da cavidade oral, especialmente nos lactantes, feita com uma solução de ácido bórico a 3%.

ESTOMATITE TÓXICA — Esta forma é devida ordinariamente ao mercúrio ou ao bismuto, em concomitância com os tratamentos antilúéticos.

A estomatite tóxica começa, frequentemente, pela gengiva, facilitada pela presença de dentes cariados ou de raízes apodrecidas e não raro pela região dos incisivos inferiores dos dentes de ciso. Uma abundante secreção salivar acompanha a doença, a qual antigamente era tida como um índice d ação curativa do mercúrio.

A vermelhidão e o edema das gengivas sangrentas se estendem às faces e a língua, podendo passar á fase ulcerosa e, após, se não fôr feito o tratamento oportuno, á gangrena de algumas zonas. Segundo alguns autores, o processo, por afinal extender-se ao perioste alveolar, tendo como consequência a queda dos dentes. A mastigação e a deglutição são muito difíceis como também a articulação da palavra.

No tratamento desta estomatite deve ser exigida a maior higiene bucal, a extração dos dentes lesados e a limpeza es-crúpulosa dos restantes. Quando a estomatite se manifesta deve ser suspenso o uso do mercúrio.

Educação Física

VI

As Lições de Educação Física adaptáveis aos 1º e 2º graus, do ciclo Elementar, devem-se compor de: —

Na *Sessão Preparatória* que é reduzida:

Evoluções e Rodas;

Flexionamentos simples de braços, pernas, tronco e jogos respiratorios.

Na *Lição propriamente dita*:

Um exercício de imitação por família e dois pequenos jogos.

Na *Volta à Calma* que é prolongada:

Marcha lenta com exercícios preparatórios;

Marcha com canto ou assobio e Exercícios de ordem adequados.

Nota: Diz-se que uma sessão é reduzida quando não se realizam todos os exercícios da referida sessão, pois, é sabido que uma sessão preparatória, completa, compõe-se de *Evoluções, Flexionamentos de braços, pernas, tronco, combinados, assimétricos e caixa torácica*. Convém saber que não há *sessão preparatória* prolongada.

Na *Volta à Calma* prolongada, os exercícios são os mesmos da *Volta à Calma* normal, porém, o tempo, como é claro, por ser racional, prolonga-se — em vez de $\frac{1}{10}$ do tempo total da Lição, passa a ser $\frac{2}{10}$, o que é o mesmo que dizer — o tempo da *sessão preparatória* passa a ser o tempo da *Volta à calma* e vice-versa; no entanto, a *lição propriamente dita* não varia nos seus $\frac{7}{10}$ do tempo total. Isto quer dizer que, numa Lição como a de que tratamos acima, a *sessão preparatória* deve durar apenas 2 minutos por ser reduzida; a *lição propriamente dita*, 14 minutos e a *volta à calma*, por ser prolongada, 4 minutos. Lembremo-nos de que as *Lições de Educação Física* para esses graus, nesse ciclo, devem durar de 20 a 25 minutos e a sua distribuição,

em qualquer dos tempos, será sempre a mesma — 1/10, 7/10, 2/10.

Para a organização de qualquer trabalho de Educação Física, faz-se necessário um bom Guia — relação completa de todos os exercícios. Por êste, o professor, conhecendo as disposições, tendências e morfo-fisiologia das crianças, vai-lhes preparando as lições adequadas, precisas.

Os jogos, na Lição Propriamente dita, só o professor pode saber a ocasião propicia para fazê-los aparecer, um a um, pois dêles, ou melhor, de sua colocação dependerá o êxito nos trabalhos da Lição de Educação Física. Aqui o jôgo é oxigênio para os pulmões cansados. Quero dizer — lá para às tantas no decorrer da lição, a classe, cansada, vai perdendo, em parte, o interêsse, e, com êle, toda lição em derrocada... O jôgo aí se aparece, e, a classe, revigora-se, reanima-se.. Continua-se a lição; novamente os primeiros indícios de fadiga, ou desinteresse, motivado pela aproximação da fadiga... Novamente tem o professor, o jôgo para equilibrar o trabalho árduo e difícil.

FICHA N.º 1

Hora—

Local—

Duração—30 minutos

Material

Uniforme—De educação física

Sessão Preparatoria—2 minutos

Evolução: De mãos dadas, marcha em circulo com mudança de frente, cantando.

Flexionamentos: Braços— Elevação vertical dos braços.
Pernas—Flexão e extensão das pernas.

Tronco -- Mãos nos quadris; inclinação do tronco, jôgo respiratório — Apagar a vela (Faz de conta).

Lição Propriamente dita — 14 minutos

Marcha — O pato (mímico)

Trepar — O sapo («)

Saltar — O rio (Faz de conta)

Levantar e transportar — O carneirinho (Faz de conta)

Para que Açu e Moçoró?

F. RODRIGUES ALVES

Quase que poderíamos dizer, parodiando Max Müller, que a nossa questão ortográfica é uma desgraça nacional. Ninguém se entende, nesse particular. Ninguém sabe mais como escrever, com a devida correção, por não saber a que sistema ortográfico possa obedecer.

No meio do caos, desaparece um ruim e aparece um pior!... «E a vida contínua, efêmera e vazia», sendo os professores, no caso, as maiores vítimas, pela pesada obrigação que lhes assiste de ensinar certo, por processos incertos, desde que aprenderam uma ortografia e se obrigam, de quando em vez, por dever de ofício, a dar lições de linguagem, por outra, dentro de normas que primam pela incoerência azucrinante e pelo absurdo deshumano!

Muita razão teve quem afirmou que, na França, já foi a ignorância ortográfica considerada uma das provas mais seguras da falta de educação. E é isto o que, infelizmente, sentimos no Brasil dos dias que correm... Temos vivido à mercê do vai-vem das reformas e contrarreformas, nestes tempos flóridos ou floridos... Tivemos as reformas de 1907, de 1912, de 1924, de 1929, de 1931, de 1943 e de 1945!

Há bem poucos dias, numa publicação feita em «Letras e Artes», aparece o nome de Rui, com um y estranho, que deu motivo a uma carta do Prof. Américo Jacobina Lacombe, Diretor da Casa de Rui Barbosa, ao Sr. Jorge Lacerda,

Correr — Quem chegar primeiro é campeão (mímico)

Lançar — Lançar pedra ao touro (mímico)

Atacar e defender — O boxeador (mímico)

Jogos — Bôca de forno e Os quatro cantos.

Volta à Calma — 4 minutos

Marcha lenta com exercícios respiratórios

Marcha com canto ou assobio

Exercícios de ordem adequados.

Roque José da Silva

com os comentários críticos indispensáveis à « novidade ». Mostra o sr. Lacombe, *ex-professo*, as determinações do formulário de 1943 e as do de 1945, aquêle ainda em vigor e este « pendente da aprovação do Legislativo », relativas aos nomes próprios personativos e aos locativos. Por aí, vemos, como, lamentavelmente, andamos às aranhas, nesse assunto ingrato. O indiscutível é que aos responsáveis pela balbúrdia estão faltando aquelas condições daquele *raciocínio certo*, de que nos falam Langlois e Seignobos. Sabemos que foi a reforma de 1931 a mais coerente, a mais razoável, a mais prática de tôdas, principalmente no que concerne aos nomes próprios de pessoas ou de lugares. Mas não era suficiente a coisa, em face das pretensões insopitáveis dos inquietos neógrafos!

Haveriam de aparecer outras reformas! Veio a de 1943 (pela qual foi redigida a Constituição de 1946), alterando quase substancialmente todos os pontos da anterior, para maiores complicações, claro é... E quando nós (ó engano dalma!) pensávamos estar vivendo naquele *dolce far niente* dos italianos, eis que surge, como uma fatalidade dessas que descem do além, o mostrengo de 1945!

E aí, meu Deus, tudo ficou estupidamente, horripelantemente, insuportavelmente, pior do que dantes, porque não foi pequena a pletora de feias incongruências ali observadas, como uma praga de gafanhotos dessa que têm assolado alguns Estados do Sul...

Assim é que se vêem espichadas, no malfadado Decreto 8.286, palavras como: xícara, desonra, facto, optimo, adopção, director, Açú e Moçoró, além de outros primores de inteligência e de bom gosto...

Pesa-nos dizer, aliás, que até pessoas enfronhadas de sensatez e de escrúpulos se iludiram e vibraram com as fantasias dos estafermos. Entre nós, pelo menos, aconteceu, à maravilha, o inesperado, porém de modo sesquipedalescamente desigual!

Da bellissima forma Moçoró, apenas fêz uso, que saibamos, num legítimo estado de graça extra-terrena, um chofer de caminhão, que aportou, certa vez, a estas bandas amenas da cidade « do » Natal.

Quanto a Assú, deu-se, precisamente, o contrário, desde que extraordinário é o número dos que abandonaram a forma antiga, simpática, tradicional e generalizada, para aferrar-se, de alma e corpo, à pitoresca, à encantadora, a, enfim, por todos os títulos, genial forma Açú, produto das nossas instâncias líricas, já agora entrelaçadas com as esquisitices ado-

Antônio Severiano, um apóstolo da Instrução

Lídio Freire da Rocha

(Diretor do G. E. «Tte. Cel. José Correia», de Assú)

Em companhia do prefeito Dr. Edgar Montenegro e do virtuoso pároco Mons. Júlio Alves Bezerra saí, de automovel, rumo às escolas rurais de Banguê e Vila dos Carnaubais, recentemente construídas pelo Governo Federal, em cooperação com o Governo do Estado.

É com vivo interêsse que se observa a mutação de cenário do terreno: ora a vegetação se apresenta bem farta e variada, ora surge despido de qualquer arbusto, onde apenas o sol causticante e o vento revôlto da tarde imperam como a fazer um grande campo bem limpo e macio, que oferecem às noites enluaradas.

Banguê é a nossa primeira etapa e bem paga a pena de ser visitada. A distância, surge, imponente e garbosa, a Escola Rural, cuja construção obedece, rigorosamente, às leis da moderna pedagogia e da saúde pública.

Terminada a visita de Banguê, partimos para a Vila dos Carnaubais, ponto terminal de nossa excursão. A várzea as-suense é coberta de habitações, que se aglomeram, formando vilas, povoados, fazendas e sítios.

A estrada é bem acidentada, possuindo, no entanto, uma

ráveis dos linguistas da Lusitânia. Açú, com ç, sem acento (que perigo!), ó deuses imortais!...

Quem poderia atinar com as razões do fascínio? Nenhum mortal, por certo. É mesmo admirável que se já estejam distribuindo os frutos pécios da árvore semi-oficializada! E como estarão vivendo êsses dias bonançosos os professores do Grupo Escolar «Tte. Cel. José Correia», da Atenas Potiguar, sem que se possam decidir por Sancho ou por Paulo! Para concluir, enfim, aconselhamos aos menos prevenidos a preferirem, com Teodoro Sampaio, tupinólogo consciente, as formas Mos-soró e Assú, deixando as duas outras do impropério, para os que se não aperceberam do curioso truque. É só assim evitarão de cair em situações desagradáveis e semelhantes àquela em que se viu, há pouco dias, uma santa criatura, pelo esquecimento do ç, ou mesmo, no dislate gritante daqueles rapazes de certo jornal, que escreveram Açú a par de Ipanguassú!

É bastante, meus senhores!...

paisagem pitoresca que a torna suportável. Agora, o trecho que passamos é péssimo e as casas estão bem distantes quando, de súbito, aparece um homem de traje modesto, de meia idade, que se dirige, satisfeito, para nós.

É Antônio Severiano, o professor anônimo, que espera o prefeito, com os seus companheiros de jornada.

Trata-se de um cidadão simples e rude que, ali chegando, encetou a nobilíssima tarefa de ensinar a ler e a escrever, em trôco, apenas, de um « Deus lhe pague ».

Aquêle povo, vivendo à margem da obscuridade, encontrou, no professor Severiano, o seu mais fiel amigo e mestre.

Ali, um belo quadro de civismo está preparado.

Um pátio bem limpo, tendo forma de L, está coberto de bandeirinhas multi-côres e abriga duas filas de alunos de ambos os sexos.

À frente, dois tambores improvisados, de couro, pau e flandree, servem de guia a 180 alunos conduzidos pelo nosso Pavilhão.

A um sinal do professor, uma salva de palmas saúda os visitantes. É entoado o Hino Nacional por todos os alunos que, em seguida, desfilam garbosamente.

Findo êsse ato, foram colocados, com tôda disciplina, em uma pequena sala baixa e escura que lhes serve de escola, onde um programa muito interessante foi executado.

O espetáculo foi tão comovente que ao terminar ninguém ousou quebrar o silêncio.

O prefeito Edgar Montenegro pronunciou um substancial discurso em agradecimento àquela homenagem, hipotecando todo seu apôio à escola que acabava de conhecer.

Na qualidade de professor, não consegui esconder a emoção e o prazer de poder felicitar aquêle grande e esforçado educador que acabava de apresentar um espetáculo inédito na minha vida de ensinar.

Falei concitando-o a proseguir na sua missão sublime e humana, jamais esquecendo que fazendo aos seus alunos, fazia ao Assú, ao Rio Grande do Norte, ao Brasil, à Humanidade!

Por fim, foi ouvida a palavra autorizada do Mons. Júlio Alves Bezerra que deixou patente o quanto significava, para nós, aquela festa, salientando que a brilhante vitória que a caracterizava devíamos à santa causa da religião, pois aquêle homem cumpria uma promessa pelo seu restabelecimento.

Em todos os atos de nossa visita ao professor Antônio

A tragédia do mestre-escola

— MÁRIO CAVALCANTI —

A triste vida do professor primário é uma tragédia constante, contínua e ignorada. Percebendo um salário miseroso que mal lhe chega para não morrer de fome, pois «*ganha menos do que um lixeiro*», êle é obrigado a trajar decentemente e, ainda, a frequentar a sociedade em que vive.

Sub-alimentado, tem que apertar o cinturão e mostrar-se contente, embora o seu coração esteja sangrando e o estômago vazio.

Em nosso longo tirocínio no magistério, conhecemos uma grande quantidade de professores, cujas vidas preciosas foram devoradas pela tuberculose.

Enquanto todo vivente tem direito a um lugar ao sol, nega-se-lhe êsse direito, pois êle morre de miséria. Esta, a verdadeira causa da precariedade do ensino no Brasil. Não adiantam bonitos programas, reformas e mais reformas, se não se cuida de resolver o problema do analfabetismo, atacando-o em suas profundas raízes onde se encontram as verdadeiras causas do grande mal: a vida miserável e cheia de penúrias do pobre professor primário, incompreendido pária social.

Aqui em nosso Estado, por exemplo, quando chega ao ápice da carreira, depois de 15 ou 20 anos de serviço, percebe cr\$ 750,00 mensais! Qualquer continuo de Repartição Federal ganha duas, três vezes mais do que êle!

Não desejamos pingues proventos, pois bem sabemos que valem tanto quanto zero no conceito da sociedade. Queremos apenas que nos dêem o direito de viver, concedido por Deus a todas as criaturas.

Como impulsionar as nossas formidáveis reservas econômicas fazendo, assim, um Brasil forte, pujante e respeitado, se o mestre-escola, que é, queiram ou não queiram, o verda-

Severiano, notamos a mais perfeita linha de conduta de todos seus alunos.

Aquêlê homem soube conduzir, com maestria, tôda uma população escolar no raio de seis quilômetros. E como uma espécie de imã, sabe atrair, para o caminho de Deus e do Saber, uma geração de meninos da qual muito espera o Brasil de amanhã.

deiro construtor dos alicerces da nacionalidade, morre de fome?

Os Estados Unidos, em pouco mais de um século se tornaram uma nação portentosa, de uma civilização admirável, graças ao carinho com que se cuida da instrução, desde os primórdios da nacionalidade. Este exemplo de tão espantoso e rápido progresso, único na história da humanidade, é devido, principalmente á ação patriótica e eficientíssima dos seus educadores.

A Suécia, com uma população inferior à de S. Paulo, tem muito mais indústria do que o Brasil inteiro; a Dinamarca, que tem uma população igual à do Rio de Janeiro, e um território minúsculo, produz ovos e galinhas mais do que todo o Brasil! Isto porque não existe um sueco nem um dinamarquês analfabeto.

A vida encarece assustadoramente; o Governo Federal aumenta os vencimentos dos servidores públicos federais; o comércio, as indústrias, as autarquias elevam os salários dos seus empregados. Só o pobre professor primário permanece com os seus irrisórios vencimentos inalterados!

Enquanto os governos olharem com indiferença para a sorte do mestre-escola; enquanto êle passar toda sorte de privações materiais, o analfabetismo não será extinto em nossa Pátria, e o Brasil não ocupará o lugar a que tem incontestável direito no concerto das nações civilizadas.

O DIREITO do garoto do curso primário e do secundário é mais sagrado, perante a cultura linguística e ante o brio cívico, do que o poder de acadêmicos de impingir acentos a quem venceu e principalmente a quem está vencendo as barreiras do analfabetismo. Devemos esmerarnos em ensinar o idioma e não quinquilharias de acadêmicos desocupados. Preservai, professores, vossos alunos desses baixos e abomináveis acordos que confundem ortografia com «ortografia», outros tantos sofismas, formulados hoje para desmentidos amanhã, engodos para a aquisição de vocabulários, que ontem se chamavam «pequenos», hoje se chamam «resumidos», e amanhã serão atirados ao lugar devido por um verdadeiro decreto, partidos de câmaras legitimamente constituídas, e não de decretos-leis forjados nos interesses pecuniários de uma sociedade que deveria ser literária.

(Trecho de uma entrevista do Prof. Napoleão Mendes de Almeida).

PÁGINA LITERÁRIA

Dois sonetos do Prof. ROQUE SILVA

CISMANDO

À margem do Potengi, ao por do sol de 6 de Abril de 1940

*Como vão longe as águas evadidas
na correnteza insana do seu fado!...
Como deixam lembranças do passado,
dos longos vendavais dos nossos dias!*

*— Como vão longe!... Amigo, não serias
capaz de calcular este maguado
murmurinho que faz o rio irado,
Tangido por intensas ventanias!*

*E essas águas que passam, dia a dia,
quanta saudade encerram tristemente,
quanta tristeza delas se irradia!..*

*Assim os nossos ais diariamente
passam, deixando a eterna nostalgia
de um bem distante, u'a amizade ausente!*

EU PREFIRO O SILÊNCIO

A Laurilo Accioli

*Eu prefiro o silêncio... ah! tudo é tão incerto
para expressar, em frase, o que minh'alma sente!
Quero o prazer ou a dor de ver, em mim, somente,
a causa porque tenho o coração deserto.*

*Eu prefiro o silêncio a ouvir o que se a gente
esforça por dizer, sem nunca dar, ao certo,
uma expressão exata, cu ter a alma aberto
às purezas reais do mundo fartamente.*

*Eu prefiro o silêncio à irrealidade
de ter dito o que ninguém nunca dissera,
de ter falado o que na vida não tem falas!*

*Ah! quantas vezes, só o pensamento invade
o mundo do meu sêr ansioso... quem me dera
que sempre fosse assim... silêncio tu me embalas!*

O preço do livro escolar

R. NONATO

Enfim, no desajustamento destes dias atribulados, o câmbio negro do pão acaba de encontrar um vantajoso competidor. Trata-se do livro escolar.

Este, até mais exigente. Muito mais gransino. E, sem pertencer àquela tremenda classe das filas do estômago, o livro do menino do grupo já deixou de constituir assunto das cogitações da bolsa, quase sempre desprevenida de recursos, do modesto assalariado.

Realmente, mesmo o simples livro de leituras da classe primária não está mais ao alcance dos menos remediados, das apertadas possibilidades financeiras do chefe de família pobre.

E isto, para não falar nos compêndios do curso seriado, de qualquer ciclo, pois estes são vendidos por preços astronômicos. Não será difícil apresentar exemplos: um volume de Geografia Geral, de Aroldo de Azevedo, para o primeiro ano Ginásial, com trezentas e tantas páginas, custa só a bagatela de 28 cruzeiros!..

Agora, porém, surge mais uma modalidade de exploração: vários livros aparecem remarcados, majorados nos preços, nos exemplares da mesma edição.

E ainda há casos mais interessantes. É que existem editores que exercem pressão sobre os livreiros, obrigando-os a só venderem suas edições. Isso foi verificado em Natal, no começo do ano letivo em curso, onde um comerciante do artigo não teve seus pedidos despachados, porque homem de de boa fé, cometeu o crime de distribuir entre professores de alguns educandários, um pequeno livro de língua, que saíra das oficinas de outra empresa.

Como se vê, se isso continua assim, não tardará o tempo em que o menino pobre encontrar-se-á irremediavelmente impossibilitado de frequentar escolas.

Mas, com referência ao preço exorbitante do livro didático que falem os mais prejudicados, a lavandeira, o condutor de bonde, o operário humilde, o soldado de polícia, o peque-

no funcionário, enfim, o homem do povo, vítima maior dessa especulação criminosa.

Entre as coisas excêntricas desse nosso vasto país, há mais esta a registrar: o liberalismo ganancioso das casas editoras do livro escolar está cooperando decisivamente para incentivar o analfabetismo no meio dos nossos moços.

Mas, aqui é assim mesmo...

Desgraçadamente o dicionário das coisas brasileiras, dos humoristas do rádio, continua a aglomerar ouvintes em torno das bonitas eletrolas, onde os discos repetem:

— Livro, objeto de luxo no Brasil..

Para recitar

INFANTILIDADE

Elisa de Melo Godoy Moreira

*Estava a mestra a explicar
A diferença existente
Entre o "concreto" que a gente
Pode ver e até pegar.*

*E o "abstrato", singular
Criação de nossa mente.
Pergunta, então, sorridente:
— Quem sabe um exemplo dar?*

*— Eu sei, minha mestra, eu sei!
Brada o mais jovem da grei
Levantando a mão no ar:*

*O beija-flor é abstrato,
Pois se éle existe de fato
Eu nunca o pude pegar!*

Grãos de sabedoria

A morte, para um crente, é o mesmo que o despontar festivo de um dia de sol após noite de borrasca.

Avilis

As grandes paixões são como os grandes pensamentos—introduzíveis, irrealizáveis.

Avilis

O bem é uma semente que se lança á terra: germina, cresce, e dá frutos que só se deixam colher na eternidade.

Avilis

Sem liberdade individual não pode haver civilização nem sólida riqueza; não pode haver moralidade e justiça; e sem estas filhas do céu não há e nem pode haver brio, força e poder entre as nações.

José Bonifácio

A mulher representa grande energia, pois ela é o lar, quer dizer o caráter, a escola, o espírito, de tóda a humanidade.

A. Austregésilo

O cérebro, o coração e os sentidos devem ser educados juntos.

Pestalozzi

Dos animais ferozes, o mais temível é o tirano e dos domésticos, o lisonjeador.

Bias

O tempo é o maior dos inovadores.

Bacon

No banquete da vida a amizade é o pão e o amor é o vinho

Paulo Mantegazza

Educar não é apenas proporcionar uma carreira para ga-

nhar a vida, senão também preparar a alma para as durezas da existência.

—
G. Caballero

É ainda por amor às crianças que devemos cuidar da educação dos adultos.

—
Lourenço Filho

O principal dever da virtude é reprimir as paixões.

—
Bossuet

Varias? Logo não és a verdade!

—
Bossuet

O que decide o destino dos povos, na guerra como na paz, é sempre a concepção educativa. Só os espíritos superficiais podem ver, no guerreiro e no diplomata, o árbitro da vida dos povos.

—
Oscar Tompson

O Professor é, abaixo de Deus, o árbitro do Porvir.

Rui Barbosa

— — — — —

É das matérias o latim a mais importante para o desenvolvimento intelectual, para a concentração, para a liberdade, para desenvolver a atenção e o poder de análise do aluno; a um tempo, é o latim a matéria mais agradável de lecionar; eu, pelo menos, prefiro dar três aulas de latim, a garotinhos de 11 anos, a dar uma de português. O que há contra o latim é a precipitação, quando não a deficiência de recursos didáticos. O latim é lingua sintética, e na compreensão e explicação do que venha a ser isso está o segredo do bom professor.

Prof. Napoleão Mendes de Almeida

Importância da divulgação da cultura pedagógica

Prof. JOSÉ CAJUEIRO

(Assistente Técnico de Educação)

O magistério é um apostolado. O mister de ensinar vem sendo dia a dia aperfeiçoado, sob as luzes de conquistas psico-pedagógicas.

Divulgando o resultado dessas conquistas concorreremos para a valorização do ensino.

Todos os ramos do saber sentem a influência benfazeja da renovação dos métodos educativos; todavia, tal influência cresce de importância pela contribuição dada ao progresso da educação elementar.

Apesar do esforço com que, outrora, procurei manter, semanalmente, num dos órgãos da imprensa local, uma secção destinada á aludida divulgação, foi frustrado o meu intento.

Porém, ao receber o n.º 6 do «PEDAGOGIUM», revista trimestral, publicada pela «ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES» do Rio Grande do Norte, com o fim de defender os interesses do magistério e fazer a divulgação da cultura pedagógica, sob a direcção esclarecida de LUIS SOARES DE ARAUJO, senti reavivar-se em mim o idealismo dessa iniciativa justa e necessária.

Justa e necessária sim, para que se mostre ao povo e aos seus dirigentes o valor da actividade dos que militam no magistério, fazendo dele um sacerdócio na verdadeira compreensão vocacional dos seus fins.

Não se diga que há no bojo desses fins a idéia de lucros materiais, pois aspiramos, apenas, a uma situação de vida condigna, para que possamos fazer face as exigências da posição que devemos manter no plano social e no plano intelectual. O professor deve ser exemplo de decência, na acção simples de correção de hábitos e apresentação compatível com as normas sociais em uso e, ainda, precisa comprar livros para aperfeiçoar sua cultura, seguindo o ritmo de progresso que a ciência e a literatura desenvolvem, em concordância com a evolução dos seus métodos e das suas formas.

Dentre a matéria constante do número da revista que

me veiu ás mãos, há uma saudação aos professores patricios, inspirada pela comemoração do «DIA DO PROFESSOR».

Da referida saudação, pareceu-me justo destacar o seguinte, pelo valor da tese defendida:

«O magistério é, iniludivelmente, uma profissão de sacrificios, de pesados encargos, de superiores responsabilidades morais, humanas e cívicas. Num depoimento insuspeito e por todos os títulos digno de meditação, o conhecido educador EVERARDO BACKHEUSER acentua:— Há quem tenha dito que para exercer a função de professor em nosso país é preciso fazer prévio voto de pobreza. E logo mais desdobra o raciocínio, asseverando: Equiparados estiveram durante o império professores e desembargadores. Hoje, em remuneração e em distinção social, o nível do professor, mesmo o catedrático das universidades, é de cota muito abaixo, já não dos desembargadores, mas dos simples juizes, e até dos pretores».

Em Alagoas, o padrão de vencimentos dos professores dos estabelecimentos oficiais melhorou consideravelmente, de alguns anos para cá; comparando as nossas tabelas atuais com as do passado, teremos comprovado isto.

Entretanto, os salários atuais pagos ao professorado, ainda não condizem com o nosso padrão de vida.

Sei que o Governo tem a melhor boa vontade, mas as rendas públicas não aconselham, no momento, a criação de tabelas especiais para os professores, com a majoração que se faria necessária, como era justo adotar

Em todo caso, a esclarecida compreensão cívica dos nossos homens públicos mantém acesa a nossa esperança de novas melhorias futuras.

(De «Gazeta de Alagoas», de 15/12/49)

Os maiores serviços do país estão vinculados ao cuidado supremo da saúde de seus habitantes; não há problema social que se não apresente imbricado numa questão de higiene. A instrução e a higiene plantarão as colunas mestras da educação nacional: farão o homem sã de corpo e de espirito. E a vida humana, valorizada no índice latente da educação e da saúde, virá representar, em maior parcela, uma realidade econômica, produtiva e útil. Nem em outras bases se poderão apoiar as virtudes da raça, que a energia entrevê nos seus altos desígnios de perfeição humana.

Itinerario de um menino pobre

ADAUCTO DA CÂMARA

APRECIANDO-SE a vida de Amaro Cavalcanti, releva-se notar que ela não tem episódios banais, de que não se possam extrair contribuições para a sua formação. Sua infância e adolescência transcorreram no interior, no sertão seridoense, onde eram enormes as dificuldades para que realizasse suas aspirações. Amaro Cavalcanti nasceu em uma terra que tinha vocação para dar filhos valorosos à província e ao país. Era o berço de aves de grande porte, que tanta fama grangearam em nossa pátria. Mas quantos estorvos encontraram, para galgar as alturas a que se destinavam! Quase que não houve notabilidades saídas do Caicó, naqueles tempos, que não tivessem conhecido uma rude pobreza. Não sei se algum dos nossos sociólogos já tentou um ensaio sobre o privilégio que acompanha os meninos pobres para triunfarem na vida. Escreveu Joaquim Nabuco que ninguém como os órfãos para saberem vencer. Poderia ter acrescentado os *meninos-pobres*, que, conquanto tenham a ventura de se ver abençoados pelos genitores, não dispõem de recursos materiais para enfrentar o período crucial e da formação, que é a adolescência. Ficamos pasmados com o número avultado de meninos pobres na história do Brasil. Pasmados e edificadas. Que estímulo indefinível para os jovens sem haveres, jovens para os que sofrem uma infância de miséria e uma juventude sem conforto! Mas essas almas fortes têm reservas inesgotáveis de esperança e de energia, e abrem o seu caminho com o aplauso de seus contemporâneos. Desafiam o infortúnio e o levam de vencida.

Amaro Cavalcanti foi um *menino pobre*. Não dêsse pobres desdenhados, porque sempre o acompanhou uma libra, um temperamento de lutador vigoroso, desde os mais verdes anos. Para ascender às alturas a que atingiu, arrostou, com ânimo alegre, sem complexos, as mais diversas situações: desde empregado de baicão a tangerino e vendedor ambulante de fazendas nas feiras e festas de igreja, pelas vilas do interior.

Grande influência teve nos seus destinos o aprendizado do latim e francês, que conseguiu no Caicó, nas aulas mantidas pela província, com os mestres-escolas do tempo, — tão malsinados e ridicularizados em nossos dias. Com este lastro, que constituía por assim dizer, as humanidades de então, com um pouco de aritmética e geometria, os rapazes faziam a sua

jornada, quando emigravam para as capitais, e se largavam para a grande aventura em outros ambientes. Amaro Cavalcanti, adolescente de 17 anos, cãsou do sertão, sonhando com outros horizontes, porque o meio o esmagava na sua incontida vontade de ser alguém. O pai, professor primário, não lhe podia proporcionar ajuda para frequentar um curso superior fora da provincia. Amaro emigrou, levando em sua bagagem uma rija fôrça de vontade, uma intelligêncja clara e aguda, ousadia e fé em Deus. Peregrinou pela Paraíba, Pernambuco, Maranhão e parou no Ceará. Quando chegou a esta última, que lhe daria tantas oportunidades felizes, já era um competente professor de Latim, tanto que disputou em concurso e obteve a cadeira de Baturité. Transfere-se para Fortaleza, dedica-se à advocacia, como rabula, impõe-se à consideração geral, e, em particular, do presidente Pedro Leão Veloso, que governou sete provincias, entre as quais a do Rio Grande do Norte. A simpatia que Amaro mereceu daquela autoridade é um atestado da percuciente visão do politico baiano, que antecipou o julgamento da capacidade do jovem caboclo nordestino. Comissionou-o, para ir aos Estados Unidos estudar os problemas do ensino e aplicar suas observações no Ceará. Foi o clássico momento para o moço afoito, que seguiu com poucos recursos. Demorou-se ali por mais de um ano. Adquiriu o dominio da lingua inglesa, graduou-se em Direito pela escola de Albany, havendo defendido tese com brilhantismo. Quando regressou ao Brasil, estavam-lhe abertas as portas para todos os triunfos. Havia galhardamente dado mostras de singular valor. O menino pobre do Seridó era uma reserva da patria. As decadentes instituições monárquicas ainda tiveram sua colaboração politica, no Partido Conservador. Vindo à Corte, em 1883, para tomar parte em um Congresso de Instrução, ainda por influência do senador Leão Veloso, ministro do Império, resolve ficar definitivamente aqui, dedicando-se ao fóro. Eleito deputado geral pelo Ceará para a Câmara em 1885, não logrou o reconhecimento. A decepção que isto lhe causou, o dirigiu para outros rumos. Em 1889, com a queda do seu partido, incorporou-se definitivamente nas hostes republicanas, fazendo, a tal respeito, declaração pela imprensa, quando a propaganda ainda não tinha o apoio da nação, e os seus agentes se expunham a perigos e represálias.

A República o encontrou em condições magnificas de a bem servir: caudico de renome, humanista, com livros publicados sobre os problemas brasileiros, e com experiência variada acerca das necessidades nacionais.

O Rio Grande do Norte o enviou como senador à Cons-

tituinte, juntamente com José Bernardo de Medeiros, outro seridoense que abriu o seu capinho, e José Pedro de Oliveira Galvão. Terminado o mandato em 1893, não foi renovado, porque Amaro andava desavindo com o chefe republicano local, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. Aliás, não retornaria ao Parlamento, pois, tendo se reconciliado com aquele eminente norte-riograndense, foi eleito deputado federal, em 1896, não chegando, porém, a exercer o mandato, por ter sido nomeado ministro da Justiça, na interinidade presidencial de Manuel Vitorino, e continuando no posto quando Prudente de Moraes reassumiu suas funções. Quando deixou o Senado, Floriano Peixoto, que lhe sofrera a oposição, o nomeou ministro plenipotenciário em Assunção, onde se demorou até 1894, tendo recusado permanecer na diplomacia, não obstante as seduções com que esta lhe acenava. O ministro no Paraguai percebia, então, cinco mil cruzeiros mensais, e a dotação para representação era de vinte mil cruzeiros. Sua missão naquele país continua secreta. Não sei por que impenetráveis mistérios as atividades do ministro brasileiro em Assunção, no período de Floriano, devem ser sonegadas ao conhecimento das gerações, transcorrido mais de meio século. Ou será que a tais segredos só os historiógrafos do Itamarati têm acesso?

O papel de Amaro Cavalcanti foi de primeira grandeza na Constituinte, tendo feito parte da Comissão dos 21, incumbida de dar parecer sobre o ante-projeto do Governo Provisório, que estava vigorando como Constituição de emergência. Quando o marechal Deodoro deu o golpe de Estado, dissolvendo o Congresso, Amaro se declarou ferrenho adversário da desastrada medida. Restabelecido o Parlamento, com a renúncia de Deodoro, o senador potiguar novamente surgiu na oposição, quando verificou que Floriano usava processos que ele classificava de ditatoriais, subindo constantemente à tribuna para defender a Constituição que o vice-presidente violava. Suas atitudes corajosas, desassombradas, em face do militarismo, lhe valeram a admiração dos verdadeiros republicanos, e o apoio dos que não compreendem o regime democrático sem a supremacia do poder civil.

Deixando o Ministério da Justiça, em 1898, retornou ao Direito. Foi advogado do Banco do Brasil e Consultor Jurídico do Itamarati, quando chanceler o Barão do Rio Branco. Ao mesmo tempo, escrevia livros magistrais, compondo uma extensa bibliografia que faz a reputação de escritor erudito. No supremo Tribunal Federal, foi um luzeiro de nossa cultura. Fundador da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, desenvolveu trabalho infatigável nesse cenáculo, de que faziam

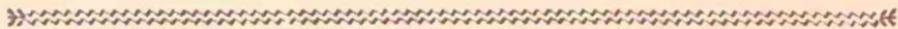
outros notáveis brasileiros. Consetutivamente dava mostras de energia construtiva, quando caminhava para a velhice. Sua passagem pela Prefeitura do Distrito Federal, no governo Veneslau Braz, é uma demonstração de sua onimoda capacidade de governo. Pelos cuidados com que acudia às necessidades da capital do país, pela maneira dinâmica que imprimia aos métodos de trabalho, Amaro Cavalcanti é um cidadão carioca, *Prefeito dos subúrbios*, como ficou conhecido e lembrado no agradecimento da população desta grande cidade, que habita a vasta área dos seus arredores, geralmente esquecida, até então, dos detedores do poder. Foi ainda ministro da Fazenda, durante poucos meses, no segundo quadriênio de Rodrigues Alves, falecido sem ter tomado posse.

Amaro deixou a terra natal aos 17 anos, e nunca mais voltaria. É pena que não tivesse encontrado oportunidade para visitar o torrão distante, rever os comprovincianos que tanto se envidesciam d'ele. Para demonstrar, porém, que não os esquecera, ocupou, várias vezes, a tribuna do antigo Grémio Rio-grandense, tratando de interesses do Estado, ventilando seus problemas e aspirações. O fato é que tão dilatada ausência se devia a circunstâncias alheias à sua vontade. Nenhum confrãco jamais apelou para ele em vão. Numerosos são ainda hoje os que devem sua estabilidade na vida pública ao seu patrocínio, a um cartão, a uma telefonema oportuno e benévolo de Amaro Cavalcanti, que nem os conhecia, mas não sabia negar proteção a um coestaduano angustiado. Aproveitando sua passagem pela Prefeitura e pelos ministérios, sabendo de sua disposição simpática para com os *papa-gerimus*, iam bater à sua porta, solicitando emprêgos, e os obtinham e nêles se encurrciravam, sem esquecer a mão dadivosa que os amparou sob a invocação da terrinha comum. Manoel Victorino Pereira, que foi seu colega na Constituinte, já lhe notara esta fraqueza de distribuir empregos...

Ministro de Estado duas vezes, prefeito da capital da Republica, senador, deputado, ministro do Supremo Tribunal, diplomata — só lhe faltou chegar a Presidência da República. Sem êste coroamento, entretanto, ninguém teve maior projeção na vida nacional. Não se pode negar que seus titulos são verdadeiramente excepcionais, dadas as condições, as circunstâncias, as vicissitudes que teve de afrontar no seu prodigioso itinerário, antes que se assegurasse o seu lugar sob o sol. Sair de uma fazendola no interior do Rio Grande do Norte, — (o que já sucedera a Nisia Floresta) oriundo de uma familia hon-

rada, distinta, mas sem prestígio social, sem influência política, desprovido de riqueza, sem parentes poderosos de espécie alguma, e galgar os cumes da administração, da política e da cultura, é, realmente, algo de causar espanto, apesar de outros e numerosos casos se terem registrado em nosso país. Não é a mesma coisa que pertencer a uma «gens» histórica, de militares e barões, magistrados e parlamentares. Não é a mesma coisa que chegar ao mundo e já encontrar facilidades graças ao pai alcaide, — como sucedeu a Rui e Nabuco. Estas reflexões não visam, nem remotamente, diminuir os imortais patricios cujos centenários também agora se celebram. Mas se comparo a vária fortuna do nascimento de tão insignes brasileiros é para assinalar a posição singular do potiguar, que se nivelou aos egrégios contemporâneos, a quem acabaria tutelando, — tanto pode o talento, o querer, e, sobretudo, o clima de inigualável democracia que esta nação conheceu, no Império de D. Pedro II. País de escravidão, havia oportunidade para todos os valores. É verdade que, na República, aconteceria o mesmo e ainda acontece com maior frequência, mas já hoje seria inconcebível que assim não fosse, no mundo todo, nestes tempos de irremediável derrocada de preconceitos e privilégios.

Aquele *menino pobre*, que se alçou sózinho das condições mais ingratas aos Conselhos da Pátria e aos pináculos da cultura nacional, bem merece o respeito e a admiração dos pósteros.



O jardim de infância é, atualmente, uma instituição cujo valor pedagógico e social não se discute mais. Daí sua expansão crescente em todos os países adiantados, em alguns dos quais representa o fundamento de todo o sistema educacional. Embora varie de denominação nos diversos países, os jardins de infância têm por objetivo básico o desenvolvimento físico, intelectual, social e moral da criança pre-escolar, não pela aprendizagem sistemática e formal das técnicas da cultura, mas pela aquisição espontânea de conhecimentos concretos e pelo exercício de atividades livres, visando a educação dos sentidos e a formação de hábitos.

Prof. Teobaldo Miranda Santos

NOTAS & FATOS

A TERRA MAIS QUENTE.—O ponto mais quente do globo, segundo os sábios turcos, fica no golfo Pérsico, na entrada da península de Musendane. Não é raro o dia em que o termômetro sobe a 70 graus centígrados, chegando a tornar-se impossível, quando o sol está a pino, tocar nem que seja ao de leve, nas rochas, porque escaldam.

Houve tempo em que ali se montou um posto de vigilância dos cabos submarinos. Pouco mais dum mês funcionou, porque os funcionários caíam entontecidos, sufocados pelo calor.

Que aconteceria se ali viessem parar os habitantes da Sibéria, sobretudo os de Verkoinsk, ou Mormunsk, onde o termômetro não tem escrúpulo de marcar 75 graus negativos?

A GROENLÂNDIA — Green land — terra verde — foi descoberta e colonizada no século 10^o por Erico, o Vermelho, e povoada pelo seu bando expedicionário. O filho dêsse mesmo Erico, de nome Creif, descobriu a América, no século 11^o, e ainda naquele século um mercador irlandês, Thorpin Karlscon, homem prático, tentou estabelecer, no Canadá, negócios comerciais com os peles-vermelhas. Estes fatos estão devidamente estabelecidos e são históricos, apesar de não figurarem em nossos compêndios de História, onde, invariavelmente, figura Colombo como o primeiro descobridor da América.

O Jordão é o rio mais sinuoso que se conhece: tem um percurso de 213 milhas, numa extensão de 60 milhas, em linha reta.

O maior dos animais vivos é a baleia azul, que mede cêrca de 31 metros de comprimento.

A águia pode viver vinte e cinco dias sem alimento algum. O condor, entretanto, é mais forte ainda; resiste até 48 dias.

Entre os persas cada dia do mês é conhecido por um nome diferente.

A água do Oceano Antártico é mais fina do que a do Oceano Ártico.

O sol dá oitenta mil vêzes mais luz que a lua.

Sociais

Aniversários

Mês de Novembro

5—Maria Fernandes da Mota e Silva, professora do G. E. «Cap. J. da Penha», de Baixa Verde.

6—Almira de Carvalho Andrade, professora do G. E. «Barão de Mipibú, de S. José de Mipilú.

7—Helena Ferreira Bezerra, professora do G. E. «João Tiburcio».

8—Astrogilda Meira de Azevedo, professora e Diretora do G. E. «Caetano Dantas», de Carnaúba, Acari.

12—Palmira Barbosa, professora do G. E. «Frei Miguelinho» e Maria do Carmo Fernandes, professora do G. E. «Cel. Antônio do Lago», de Touros.

13—Maria Zulma de Carvalho Lopes, professora da Escola de Piau, Goianinha.

A LÍNGUA MAIS FALADA. — Dois terços das cartas que passam pelas estações do mundo são escritas por pessoas que falam o inglês.

Há, realmente, 500.000.000 de pessoas que falam alguma das 10 ou 12 línguas modernas principais e destas, perto de 25⁰, ou 125.000.000 falam inglês; perto de 90.000.000, russo; 76.000.000, alemão; 55.000.000, francês; 23.000.000, espanhol; 5.000.000, italiano e 12.000.000, português. Calcula-se que um homem faz, na média, 3 horas de conversação, por dia. Nesse espaço de tempo, pronuncia 100 palavras por minuto, o que perfaz 6.000 palavras por hora.

O CANAL DE PANAMÁ. — Iniciada sua abertura, em 1904, pelo Governo dos Estados Unidos da América do Norte, foi concluído em Outubro de 1914. Sua largura varia de 99 a 310 metros, sendo a maior no lago Gatún, aproveitado na abertura do canal; tem cerca de 80 quilômetros de comprimento e 12 metros de profundidade. Os navios levados pelos canais denominados Atlântico e Pacífico, passam pelo lago Gatún, cujas águas estão normalmente 25 mts. 90 acima do nível do mar. A travessia é feita em 10 horas, gastando 3 horas nas represas, que têm 305, mts. cada uma. As represas enchem-se, ou esvaziam-se em 15 minutos com o emprego de grandes máquinas hidráulicas.

Foram gastos cerca de 320 milhões de Dólares na abertura do canal.

15 — Antônia Soares Pessoa, professora do G. E. «Dr. Manoel Dantas», de	
16 — Emil	«Moreira Bran-
dão», de Goiânia	
18 — Alcino	Escola Isolada
de Barra, Areião,	go, professora
do G. E. «Frei	
21 — Maria	Escolas Reuni-
das de Jardim	
22 — Beatriz	tora do G. E.
«Tomaz de Ar	rigues Alves,
Inspetor de En	
23 — Ester	Escola Isolada
de S. Bento de	
24 — Helci	G. E. «30 de
Satembro», de	ssora do G.
G. «João Tibu	
27 — Marg	ssora e Di-
retora do G. E.	
28 — Irace	ssora do G.
E. «Tomaz de	ês Gomes,
professora e I	», de Ser-
tãozinho, Cang	a, Diretor
do G. E. «João	
29 — Maria	Del. Mau-
ricio Freire», d	
30 — Odila	do G. E.
«Joaquim Nubu	

Mês

1 - Gilbert	do da 3ª
região, e Franc.	da Escola Iso-
lada de As Mar	
6 — Leícia	do E. R. «Oscar
Vanderlei»,	
7 — Maria	ária do Depar-
tamento de Edi	

9 - Antônio Gomes da Rocha Fagundes, Diretor do Ginásio «7 de Setembro», desta Capital, e Lente de Português do Colegio Estadual do Rio G. do Norte, e Rosa de Sousa, professora da Escola Isolada de Igapó.

16 — Abigail Fernandes de Oliveira, Diretora do G. E. «Almino Afonso», da cidade de Martins.

19 — Clotilde de Moura Lima, professora do G. E. «João Tibúrcio».

Sociais

Aniversários

Mês de Novembro

5—Maria Fernandes da Mota e Silva, professora do G. E. «Cap. J. da Penha», de Baixa Verde.

6—Almira de Carvalho Andrade, professora do G. E. «Barão de Mipibú, de S. José de Mipibú.

7—Helena Ferreira Bezerra, professora do G. E. «João Tiburcio».

8—Astrogilda Meira de Azevedo, professora e Diretora do G. E. «Cactano Dantas», de Carnúbe, Acari.

12—Palmira Barbosa, professora do G. E. «Fret Miguelinho» e Maria do Carmo Fernandes, professora do G. E. «Cel. Antônio do Lago», de Teuros.

13—Maria Zulma de Carvalho Lopes, professora da Escola de Piau, Goianinha.

A LÍNGUA MAIS FALADA. — Dois terços das cartas que passam pelas estações do mundo são escritas por pessoas que falam o inglês.

Há, realmente, 500.000.000 de pessoas que falam alguma das 10 ou 12 línguas modernas principais e destas, perto de 25% ou 125.000.000 falam inglês; perto de 90.000.000, russo; 76.000.000, alemão; 55.000.000, francês; 23.000.000, espanhol; 5.000.000, italiano e 12.000.000, português. Calcula-se que um homem faz, na média, 3 horas de conversação, por dia. Nesse espaço de tempo, pronuncia 100 palavras por minuto, o que perfaz 6.000 palavras por hora.

O CANAL DE PANAMÁ. — Iniciada sua abertura, em 1904, pelo Governo dos Estados Unidos da América do Norte, foi concluído em Outubro de 1914. Sua largura varia de 99 a 310 metros, sendo a maior no lago Gatún, aproveitado na abertura do canal; tem cerca de 80 quilómetros de comprimento e 12 metros de profundidade. Os navios levados pelos canais denominados Atlântico e Pacífico, passam pelo lago Gatún, cujas águas estão normalmente 25 mts. 99 acima do nível do mar. A travessia é feita em 10 horas, gastando 3 horas nas represas, que têm 305, mts. cada uma. As represas enchem-se, ou esvaziam-se em 15 minutos com o emprego de grandes máquinas hidráulicas.

Foram gastos cerca de 350 milhões de Dólares na abertura do canal.

15—Antônia Soares Pessoa, professora do G. E. «Dr. Manoel Dantas», de Santo Antônio.

16—Emília Fernandes, professora do G. E. «Moreira Brandão», de Goianinha.

18—Alcinda Pinheiro Costa, professora da Escola Isolada de Barra, Areia Branca, e Sêfora Ramos Santiago, professora do G. E. «Frei Miguelinho».

21—Maria do Carmo Silva, professora das Escolas Reunidas de Jardim de Piranhas.

22—Beatriz Mirtes de Araújo Bezerra, Diretora do G. E. «Tomaz de Araújo», de Acari, e Francisco Rodrigues Alves, Inspetor de Ensino da 1.^a região.

23—Ester Alves da Silva, professora da Escola Isolada de S. Bento do Norte, Baixa-Verde.

24—Helcisa Leão de Moura, professora do G. E. «30 de Setembro», de Mossoró, e Lindalva Taveira, professora do G. E. «João Tibúrcio».

27—Margarida Saboia de Lima e Silva, professora e Diretora do G. E. «Aurea Barros».

28—Iracema Lopes Brandão de Asaujo, professora do G. E. «Tomaz de Araújo», de Acari, Iolanda Freire Cortês Gomes, professora e Dirigente das E. R. «Manuel Miranda», de Seritãozinho, Canguaretama, e José Saturnino de Paiva, Diretor do G. E. «João Tibúrcio».

29—Maria Julieta Iglêsias, professora do G. E. «Cel. Maurício Freire», de S. Paulo do Potengi.

30—Odila da Silva Barros, professora e Diretora do G. E. «Joaquim Nabuco, de Taipú.

Mês de dezembro

1—Gilberto da Cunha Pinheiro, Inspetor de Ensino da 3.^a região, e Francisco Aracati Caldas, professora da Escola Isolada de As Marias (Macaíba).

6—Leícia Gomes Dourado, professora das E. R. «Oscar Vanderlei».

7—Maria da Conceição Câmara, Escriurária do Departamento de Educação.

9—Antônio Gomes da Rocha Fagundes, Diretor do Ginásio «7 de Setembro», desta Capital, e Lente de Português do Colégio Estadual do Rio G. do Norte, e Rosa de Sousa, professora da Escola Isolada de Igapó.

16—Abigail Fernandes de Oliveira, Diretora do G. E. «Almino Afonso», da cidade de Martins.

19—Clotilde de Moura Lima, professora do G. E. «João Tibúrcio».

20—Ester Fernandes da Silva, professora do G. E. «30 de Setembro», de Mossoró.

23—Antônio Estêvão da Silva, Inspetor de Ensino da 2ª região.

25—Sofia de Lima Farias, professora do G. E. «Frei Miguelinho».

26—Maria do Nascimento Trigueiro da Costa, Diretor do G. E. «José Rufino», de Angicos.

27—Diair Gomes de Sousa, professora do G. E. «Duque de Caxias», de Macau.

28—Clidenor Augusto de Freitas, Chefe da Secretaria do Departamento de Educação, Eunice Bandeira de Melo, professora do G. E. «Isabel Gondim», e Maria Adelita do Nascimento, professora do G. E. «José Rufino», de Angicos.

29—Francisca Amélia do Carmo, professora do G. E. «Conselheiro Brito Guerra», de Areia Branca, e Leonor Maciel do Amaral, professora do G. E. «João Tibúrcio».

Mês de janeiro

5—Noêmia de Almeida M. Chaves, professora do G. E. «30 de Setembro», de Mossoró.

11—Raulina Ataíde de Oliveira, professora do G. E. «Alberto Torres» e Laura Tavares Trigueiro, professora do G. E. «Quintino Bocaiuva», de Santa Cruz.

12—Inalda Batista, professora das E. R. «Prof. Joaquim Apolinário», de S. Fernando (Caicó).

13—Diva Augusta de Albuquerque, professora do G. E. «Otávio Lamartine», de Cruzeta.

14—Maria Aracati Caldas, professora das E. R. de Estreito (Macau).

15—Dalila Cavalcanti Rocha, professora do G. E. «Frei Miguelinho».

17—Clementino Câmara, Diretor da Escola Normal e Lente de História Geral do Colégio Estadual do Rio G. do Norte.

18—Luiz C. Soares de Araújo, Diretor do G. E. «Frei Miguelinho» e Presidente da «Associação de Professores».

23—Sebastiana Danasceno, professora do G. E. «João Tibúrcio».

24—Sebastiana de Paula, professora do G. E. «Amaro Cavalcanti», de S. Tomé, e Estelita Fernandes de Brito, professora da Escola Isolada de Melão (Santa Cruz).

27—Ozelita Cascudo Rodrigues, professora do G. E. «30 de Setembro», de Mossoró.

30—Maria Carolina Vanderlei Caldas (Sinhazinha Vanderlei), professora do G. E. «Tte. Cel. José Correia», de Assú, e Francisca Maciel, professora do G. E. «Isabel Gondim».

SUPLEMENTO

PARTE OFICIAL

LEI N.º 270, DE 21 DE DEZEMBRO DE 1949

Estatutos do Magistério Público

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE:

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º — Este Estatuto, elaborado de acordo com o art. 134 da Constituição do Estado, regula o provimento e a vacância dos cargos do Magistério Público Estadual, direitos, deveres, vantagens e responsabilidades dos professores públicos do Estado.

Art. 2.º — O Professor Público é a pessoa legalmente investida em cargos do Magistério Público.

Art. 3.º — São órgãos do Magistério Público:

a) a Diretoria Geral do Departamento de Educação;

b) a inspetoria de Ensino;

c) as diretorias dos estabelecimentos de ensino.

Parágrafo único — São órgãos auxiliares o Conselho Estadual de Educação e Cultura e outros que venham a ser criados.

Art. 4.º — Os cargos do Magisterio Publico são de carreira e isolados.

§ 1.º — Vetado.

§ 2.º — Vetado.

Art. 5.º — Os cargos do Magistério Público são acessíveis a todos os brasileiros observadas as exigências legais.

Art. 6.º — Os cargos da carreira são de provimento efetivo, os isolados são de provimento efetivo ou em comissão; segundo a lei que os criou.

TITULO I

CAPITULO I

Do provimento e vacancia dos cargos

Art. 7.º — O Magisterio Publico se constituirá em dois quadros denominados Quadro Permanente e Quadro Auxiliar assim organizados:

a) Quadro Permanente:

1 — Professor catedrático ou docente de Faculdade.

2 — Professor catedrático do Colegio Estadual e Ginasios.

3 — Professor catedrático do Escola Normal.

4 — Professores normalistas.

5 — Professores e mestres do Ensino Profissional.

b) Quadro Auxiliar:

1 — Assistente e preparador de Faculdade.

2 — Professor Auxiliar de estabelecimento de ensino superior, secundário, normal, primário e profissional.

3 — Regentes de Ensino Primário.

4 — Professores primário não diplomados.

Art. 8.º — Compete ao Chefe do Poder Executivo prover por decreto os cargos do Magisterio Público Estadual

Art. 9.º — Os cargos serão providor por:

I — Nomeação.

II — Promoção.

III — Remoção.

IV — Reintegração.

V — Readmissão.

VI — Reversão.

VII — Aproveitamento.

Art. 10 — São requisitos para o provimento em cargos para o magistério público:

I — Ser brasileiro.

II — ser maior de dezoito anos e menor de 50 anos.

III — ser reservista das forças armadas;

IV — estar no gozo dos direitos políticos;

V — ter boa conduta;

VI — ter boa saúde;

VII — satisfazer as condições especiais exigidas para o provimento.

Parágrafo único — A prova do item VI será feita mediante a apresentação de laudo da junta de Inspeção de Saúde do Estado.

CAPITULO II

Das nomeações

Art. 11 — As nomeações serão feitas:

I — em comissão, quando se tratar de cargo que, em virtude de lei, assim deva ser provido;

II — para estagio probatório, quando se tratar de professor normalista em primeira nomeação;

III — em carater efetivo quando se tratar de cargo de provimento efetivo ou quando o candidato fôr professor normalista com estágio probatório de dois anos ou se já tiver exercido o Magistério e o tiver deixado espontaneamente, podendo reingressar com as mesmas vantagens e situação do tempo em que deixou o exercicio ou seja na mesma categoria obtida em virtude de concurso, desde que não prejudique direitos de terceiros;

IV — interinamente, para cargo vago, isolado ou de carreira, quando não houver candidatos que satisfaçam as condições para a nomeação efetiva ou estágio probatório;

V — em substituição, para cargo de carreira ou isolado a professor legal e temporariamente afastado.

Art. 12 — Para as nomeações em caráter efetivo, além dos requisitos enumerados no artigo 10, é exigida a prescrição do concurso para os professores secundários e dos cursos normais e a prova de habilitação em cursos oficiais, equiparados ou reconhecidos para os professores do ensino profissional e primário.

§ 1.º — Os concursos para o ensino superior e secun-

dório serão realizados de conformidade com a legislação federal.

§ 2.º — Os concursos para os cursos normal, profissional e primário serão realizados de acôrdo com a legislação estadual.

Art. 13 — Estágio probatório é o período de setecentos e trinta dias de exercício, durante o qual é apurada a conveniência da permanência do estagiário no serviço, mediante apuração dos seguintes requisitos:

- I — idoneidade moral;
- II — aptidão;
- III — disciplina;
- IV — assiduidade;
- V — dedicação ao serviço;
- VI — eficiência.

§ 1.º — O Chefe imediato do estagiário informará, três meses antes de expirar o prazo do estágio, ao Diretor do Departamento de Educação, sobre a conveniência da efetivação.

§ 2.º — O Departamento de Educação em face das informações enviará ao Governador do Estado, por intermédio da Secretaria Geral, a proposta de nomeação efetiva ou dispensa.

§ 3.º — Ao estagiário que se julgue prejudicado cabe recurso dentro de 60 dias da decisão do Diretor Geral do Departamento de Educação para o Governador do Estado nessa hipótese, o processo será encaminhado ao Conselho Estadual de Educação e Cultura que emitirá parecer ao remetê-lo para o Governador.

Art. 14 — O exercício de cargo cujo provimento efetivo dependa de concurso não isenta dessa exigência do respectivo ocupante interino qualquer que seja seu tempo de serviço e idade.

§ 1.º — Todo aquele que ocupar interinamente um cargo de provimento por concurso, será inscrito, ex-officio, no primeiro que se realizar.

§ 2.º — Homologado o resultado do concurso serão exonerados os interinos inabilitados, respeitada a estabilidade assegurada pela Constituição Federal.

Art. 15 — Vetado.

CAPITULO III

Dos concursos

Art. 16 — A admissão em cargo do Magistério Público, em caráter efetivo, dependerá de concurso de provas ou de títulos, obedecido o seguinte critério:

a) concurso de títulos para o ensino primário e profissional;

b) concurso provas e títulos, de acôrdo com a legislação Federal, para ensino superior, secundário e normal será de acôrdo com a legislação que regularisa o assunto.

Parágrafo único — Para os fins de que trata a alínea a d'êste artigo, considera-se título o diploma expedido por escola normal ou profissional, oficial ou reconhecida pelo Estado e outras que se relacionam com o ensino.

IV

Art. 17 — A admissão de professores ou auxiliares dos estabelecimentos de ensino secundário e normal do Estado far-se-á mediante prova de habilitação, de acôrdo com o programa a ser elaborado pelo Conselho Estadual de Educação e Cultura.

Art. 18 — A admissão dos auxiliares do ensino primário e profissional dependerá de prova de habilitação, organizada de acôrdo com instruções baixadas pelo Departamento de Educação.

CAPITULO IV

Da posse

Art. 19 — Vetado.

I — Vetado.

II — Vetado.

Art. 20 — A posse verificar-se-á mediante assinatura de um termo em que o professor prometa cumprir fielmente deveres do cargo.

Parágrafo único — O termo será lavrado em livro especial e assinado também pela autoridade que der posse, extraindo-se cópia do mesmo para remessa à repartição cu serviço encarregado da anotação em folha de pagamento.

Art. 21 — A posse será tomada dentro de trinta dias prorrogáveis por mais trinta, a requerimento do interessado; contadas da data em que fôr publicado o decreto ou portaria de nomeação ou admissão.

CAPITULO V

Do exercicio

Art. 22 — O inicio, a interrupção e o reinicio do exercicio serão registrados no assentamento individual do professor.

Art. 23 — O Chefe da repartição ou estabelecimento de ensino para o qual fôr designado o professor é a autoridade competente para dar-lhe exercicio, podendo ser prorrogado a critério do Governo.

Parágrafo único — O professor, depois da posse terá o prazo de trinta dias, improrrogáveis, para assumir o exercicio.

Art. 24 — No caso de remoção, o prazo para reassumir o exercicio será de trinta dias contados da data da publicação do ato.

Parágrafo único — Esse prazo será considerado como de efetivo para todos os efeitos.

CAPITULO VI

Da promoção

Art. 25 — As promoções obedecerão a critério de antiguidade de classe e de merecimento, alternadamente, de acôrdo com o regulamento que fôr expedido.

Parágrafo único — Vetado.

Art. 26 — Na classificação por antiguidade, quando

ocorrer empate ao tempo de classe terá preferência sucessivamente:

- a) o professor casado ou viuvo que tiver maior número de filhos;
- b) o casado;
- c) o solteiro que tiver, filhos reconhecidos;
- d) o que tiver maior tempo de serviço público;
- e) o mais idoso.

§ 1.º — Em igualdade de condições de merecimentos o desempate será feito de acôrdo com o critério estabelecido neste artigo.

§ 2.º — Não serão considerados, para efeito deste artigo, os filhos maiores e os que exerçam qualquer atividade remunerada.

§ 3.º — Também não será considerado para o mesmo efeito o estado de casado, desde que ambos os cônjuges sejam funcionários públicos.

Art. 27 — Não poderá ser promovido o professor que esteja suspenso disciplinar ou preventivamente.

Parágrafo único — Se fôr apurada a improcedência de suspensão disciplinar ou preventiva ficará assegurada ao professor a promoção à primeira vaga que ocorrer além do direito a percepção em vencimentos de cargos a partir da data em que se fizerem as promoções.

Art. 28 — Vetado.

Art. 29 — Vetado.

Parágrafo único — Quando a solução do caso seja favorável ao reclamante ou recorrene, já tendo sido feita as promoções reclamadas ou recorridas, ficam asseguradas a este, além da promoção na primeira vaga que ocorrer a diferença de vencimentos e a contagem de antiguidade de classe.

CAPITULO VII

Art. 30 — A remoção se processará a pedido do professor ou ex-officio ouvido o Conselho de Educação e Cultura e poderá ser feita para qualquer dos estabelecimentos de ensino, quando fôr conveniente ao serviço.

Parágrafo único — Vetado.

Art. 31 — A remoção por permuta será processada a pedido escrito dos interessados.

CAPITULO VIII

Da reintegração

Art. 32 — A reintegração decorrerá de decisão administrativa ou judiciária passada em julgado e determinará o ressarcimento de prejuizos decorrentes ao afastamento.

§ 1.º — A reintegração será feita no cargo anteriormente ocupado; se este houver sido transformado, no cargo resultante da transformação; e, se extinto em cargo de vencimentos equivalentes, respeitada a habilitação profissional.

§ 2.º — Não sendo possível fazer a reintegração pela da forma prescrita no parágrafo anterior, será o ex-professor posto em disponibilidade no cargo que exercia, com

VI

provento igual a vencimento que percebia na data do afastamento.

§ 3.º — O professor reintegrado será submetido a inspeção médica. Verificada a sua incapacidade para os exercicios da função será aposentado no cargo em que houver sido reintegrado.

CAPITULO IX

Das substituições

Art. 33 — A substituição dar-se-á quando houver afastamento legal e temporário do ocupante do cargo do Magistério.

Art. 34 — A substituição será remunerada, de acordo com a regulamentação especial.

Art. 35 — O substituto, professor ou não, exercerá o cargo enquanto durar o impedimento do respectivo ocupante, perdendo-o automaticamente, sem que nenhum direito lhe assista, quando cessarem os motivos que determinaram a sua substituição.

Art. 36 — Vetado.

TITULO II

Do vencimento

CAPITULO I

Das gratificações

Art. 37 — O vencimento do Magistério obedecerá as mesmas normas adotadas no Estatuto dos Funcionários Públicos Civís.

Art. 38 — Poderá ser concedida gratificação ao professor:

I — pelo exercicio em determinadas zonas;

II — pela prestação de serviços extraordinários;

III — pela execução ou elaboração de trabalho técnico, mediante parecer do Conselho Estadual de Educação e Cultura;

IV — a titulo de representação quando designado pelo Chefe do Executivo para serviço ou estudo fóra do Estado;

V — por tempo de serviço;

Art. 39 — A gratificação por exercicio em determinadas zonas será concedida aos professores do interior, em tabela organizada pelo Departamento de Educação.

CAPITULO II

Das diárias

Art. 40 — Aos inspetores de Ensino que se deslocarem de suas sédes respectivas, em objeto de serviço, será concedida uma diária arbitrada em regulamento expedido pelo Chefe do Executivo e não podendo exceder um terço do vencimento diário do inspetor.

CAPITULO III

Das ajudas de custo

VII

Art. 41 — Vetado.

Parágrafo único — Vetado.

Art. 42 — Vetado.

Art. 43 — As ajudas de custo a membros do magistério, designado para estudo ou comissões de relevo fóra do Estado serão arbitradas pelo Chefe do Executivo e não estão sujeitas ao limite fixado neste Estatuto.

Art. 44 — Vetado.

Art. 45 — Quando a remoção se der a pedido ou por permuta o Estado não concederá ajuda de custo nem custeará o transporte.

CAPITULO IV

Das férias

Art. 46 — As férias do Magistério Público do Estado serão reguladas de acôrdo com a legislação sobre o assunto.

CAPITULO V

Das licenças

Art. 47 — O membro do Magistério poderá ser licenciado:

I — para tratamento de saúde;

II — quando acidentado no exercicio de suas funções;

III — quando acometido de tuberculose, lepra, cegueira, neoplasia maligna ou parillisia;

IV — por motivo de doença em pessoa de sua familia;

V — por motivo de gravidez;

VI — quando convocado para o serviço militar;

VII — quando se tratar de professora casada com funcionário civil ou militar que tenha sido mandado servir em outro ponto do Estado, do país, ou no exterior.

Parágrafo único — As licenças serão concedidas na forma do Estatuto dos Funcionários Públicos Cívís do Estado.

CAPITULO VI

Das concessões

Art. 48 — Vetado.

Parágrafo único — Vetado.

Art. 49 — Os professores que apresentarem trabalhos pedagógicos cuja publicação seja aprovada pelo Conselho Estadual de Educação e Cultura, terão direito a um premio equivalente às despesas da publicação.

Art. 50 — Vetado.

Art. 51 — Vetado.

§ 1.º — Vetado.

§ 2.º — Vetado.

CAPITULO VII

Da aposentadoria

Art. 52 — O professor efetivo ou vitalicio, ou o que tenha adquirido estabilidade, na forma da Constituição Federal, será aposentado:

VIII

a) Compulsoriamente:

- I — quando atingir a idade de 70 anos;
- II — quando acometido de uma das doenças especificadas no item III. do art. 47;
- III — Vetado.

b) A pedido:

- I — com qualquer tempo de serviço, se julgado inválido em inspeção por junta médica oficial;
- II — com trinta anos de efetivo exercício, independente de inspeção de saúde.

Os proventos

§ 1.º — Da aposentadoria concedida na forma da alínea a itens I e III e alínea b itens I e II, será calculado na base de um trinta ávos do vencimento do cargo por ano de serviço.

§ 2.º — Os proventos da aposentadoria concedida nos termos da alínea a, item II serão iguais aos vencimentos dos cargos, qualquer que seja o tempo de serviço.

§ 3.º — O professor primário que se invalidar aos vinte e cinco anos de efetivo exercício será aposentado com os vencimentos integrais do cargo.

TITULO III

CAPITULO UNICO

Disposições Gerais e Transitorias

Art. 53 — Ficam mantidas todas as vantagens concedidas ao Magistério Público em lei anterior.

Art. 54 — Fica o Poder Executivo autorizado a promover dentro de 60 dias a partir da publicação desta lei a reestruturação dos Quadros do Magistério.

Parágrafo único — Os atuais integrantes dos cargos de Professor A, A-2, e extranumerário passarão a figurar no Quadro auxiliar.

Art. 55 — Os deveres e penalidades bem como os casos omissos neste Estatuto serão regulados pelo Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado.

Art. 56 — Vetado.

Art. 57 — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Natal, 21 de dezembro de 1949, 61.º da República.

JOSÉ AUGUSTO VARELA

Custodio Toscano

TIPOGRAFIA

«GALHARDO»

M. F. GALHARDO

A Casa dos melhores preços

Executa com pontualidade e perfeição todo e qualquer serviço concernente à arte gráfica

MATERIAL DE PRIMEIRA QUALIDADE

Verifique e verá a realidade e não faça suas encomendas, sem primeiro consultar os nossos preços.

Faça uma visita sem compromisso à

Tipografia GALHARDO

RUA CHILE, 161

TRAVESSA VENEZUELA, 34

NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

LIVRARIA MODERNA

Completo sortimento de livros adotados pelo
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO;
para os Grupos Escolares, Escolas Reunidas e
Isoladas do Estado.

Livros para os cursos ginasiais e colegiais e Art. «91»
Mapas geográficos, material para desenho,
Canetas Parker e Sheaffers, livros para escrita co-
mercial e fiscais, cadernos escolares, tudo pelos
MENORES PREÇOS DA PRAÇA

DESCONTOS ESPECIAIS PARA OS REVENDEDORES
NÃO ESQUEÇA ESTA VERDADE:

A LIVRARIA MODERNA é a casa que dispõe
de melhores condi-
ções para fornecer material escolar aos esta-
dantes de tôdas as escolas do Estado.

Praça Gentil Ferreira, 1367

EDIFÍCIO LEITE (ALECRIM)

FONE 20.42

NATAL — Rio Grande do Norte

PEDAGOGIUM

SUMARIO

30 200

I — Idade Escolar	Prof. Lourenço Filho
II — Da iniciação filosófica na E. Primária	Antônio E. da Silva
III — Escolas Rurais	Raimundo Guerra
IV — Notas & Fatos	F. R. A.
V — Rio Branco e a vida int. no Itamarati	R. Nonato
VI — Alguns minutos de recreio	Osvágrio Rodrigues
VII — Ligeiras considerações sobre as gengivites	Dr. Aloisio de G. Barros
VIII — Eles não entendem... ..	F. Rodrigues Alves
IX — Educação Física	Roque José da Silva
X — A lição do Calvário	Ana Anita de Melo
XI — Árvore da minha escola	M. do Carmo Fernandes
XII — A necessidade da instrução religiosa... ..	M. Bartolomeu Peixoto
XIII — A origem dos nomes dos Estados	Transcrição
XIV — Aspectos do Sertão	Antônio de Sousa
XV — A Chave de ouro	Moacir de Lucena
XVI — Antologia Pedagógica	Redação
XVII — Página Literária (Sonetos)	Roque José da Silva
XVIII — O Velho Grupo	Sinházinha Vanderlei
XIX — Retalhos dos Jornais e das Revistas ..	Redação
XX — Graus de sabedoria	Redação
XXI — Uma verdadeira Mestre	Mário Cavalcante
XXII — Sociais	Redação

PEDAGOGIUM

ÓRGÃO OFICIAL DA "ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

Revista dedicada aos Interesses do Magistério e
à divulgação da cultura pedagógica.

(3^a. FASE)

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

EXPEDIENTE

DIRETOR: Luiz Soares de Araújo

REDATOR-SECRETÁRIO: F. Rodrigues Alves

COLABORAÇÃO

As colunas de PEDAGOGIUM estão franquiasdas aos professores. Publicaremos, com muito prazer, todo e qualquer artigo que se relacione com a instrução e a educação.

CORRESPONDÊNCIA

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Prof. F. Rodrigues Alves — Departamento de Educação — Natal — Rio G. do Norte.

O JULGAMENTO EMPÍRICO DA IDADE ESCOLAR INICIAL: — Vejamos como se comportam em geral nossas escolas, em relação ao material humano que recebem, ou seja, em relação à matéria-prima que vão trabalhar. De modo perfeitamente empírico. Decretou-se que a idade de sete anos é a da *maioridade escolar*, como a de vinte e um, a da *maioridade civil*. Por força de uma disposição de lei, as crianças de sete anos devem estar aptas ao trabalho da escola primária e, pois, ao da leitura e escrita. Só o empirismo e necessidades da vida prática, estranhos à intimidade do labor didático, levaram a lei a fixar “uma” idade. De modo geral, claro que acertadamente. Em elevada percentagem, as crianças de sete



anos estão aptas para a vida escolar. São capazes de ir à escola e retornarem a casa, sózinhas. Possuem desenvolvimento de linguagem, variável com o meio social, que as torna capazes de manifestar interesse pela cultura simbólica. Reproduzem, com facilidade, as palavras que se lhes dizem. Têm travado relações com o lapis, carvão ou giz, o que lhes assegurou desembaraço de coordenação visual-motora. Desenham a seu modo. São capazes de recortar uma gravura. É nessa idade, também, que o coeficiente de egocentrismo, natural na criança, começa a decrescer. Tudo isso, em média, não de maneira absoluta. E, particularmente, para as coordenações visual-motora e auditivo-motora da palavra, capitais no aprendizado da leitura e da escrita, como para a capacidade de atenção e fatigabilidade, as variações individuais são enormes. A escola não as tem respeitado. Tanto quanto, empiricamente, não aceita crianças de menos de sete anos, embora perfeitamente desenvolvidas, do ponto de vista bio-psicológico, para o aprendizado inicial, abre lugar para as que não apresentam

PEDAGOGIUM

ÓRGÃO OFICIAL DA "ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

Revista dedicada aos Interesses do Magistério e
à divulgação da cultura pedagógica.

(3.^a FASE)

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

EXPEDIENTE

DIRETOR: Luiz Soares de Araújo

REDATOR-SECRETÁRIO: F. Rodrigues Alves

COLABORAÇÃO

As colunas de PEDAGOGIUM estão franquizadas aos professores. Publicaremos, com muito prazer, todo e qualquer artigo que se relacione com a instrução e a educação.

CORRESPONDÊNCIA

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Prof. F. Rodrigues Alves — Departamento de Educação — Natal — Rio G. do Norte.

O JULGAMENTO EMPÍRICO DA IDADE ESCOLAR INICIAL: — Vejamos como se comportam em geral nossas escolas, em relação ao material humano que recebem, ou seja, em relação à matéria-prima que vão trabalhar. De modo perfeitamente empírico. Decretou-se que a idade de sete anos é a da *maioridade escolar*, como a de vinte e um, a da *maioridade civil*. Por força de uma disposição de lei, as crianças de sete anos devem estar aptas ao trabalho da escola primária e, pois, ao da leitura e escrita. Só o empirismo e necessidades da vida prática, estranhos à intimidade do labor didático, levaram a lei a fixar "uma" idade. De modo geral, claro que acertadamente. Em elevada percentagem, as crianças de sete

IDADE | ESCOLAR

Prof. LOURENÇO FILHO

anos estão aptas para a vida escolar. São capazes de ir à escola e retornarem a casa, sôzinhas. Possuem desenvolvimento de linguagem, variável com o meio social, que as torna capazes de manifestar interesse pela cultura simbólica. Reproduzem, com facilidade, as palavras que se lhes dizem. Têm travado relações com o lapis, carvão ou giz, o que lhes assegurou desembaraço de coordenação visual-motora. Desenham a seu modo. São capazes de recortar uma gravura. É nessa idade, também, que o coeficiente de egocentrismo, natural na criança, começa a decrescer. Tudo isso, em média, não de maneira absoluta. E, particularmente, para as coordenações visual-motora e auditivo-motora da palavra, capitais no aprendizado da leitura e da escrita, como para a capacidade de atenção e fatigabilidade, as variações individuais são enormes. A escola não as tem respeitado. Tanto quanto, empiricamente, não aceita crianças de menos de sete anos, embora perfeitamente desenvolvidas, do ponto de vista bio-psicológico, para o aprendizado inicial, abre lugar para as que não apresentam

ainda maturidade suficiente, pela simples razão de terem elas atingido a idade cronológica prefixada. E faz mais. Junta a esmo, nas mesmas classes, *maduros* e *imatuross*, os capazes de aprender a ler em três meses e os que nem em três anos, sob tal regime, poderão aprender. Será preciso substituir esse critério empírico por outro de maior garantia científica, que venha permitir, de um lado, apreciação rápida, simples e eficiente da capacidade de aprender o simbolismo da leitura e escrita; de outro, a organização das classes seletivas, para desigual velocidade no ensino, com o que tenderão a maior economia de tempo e energia dos mestres, e consequente aumento da produção útil do aparelho escolar.

Corretivo ao empirismo: A noção da idade mental. — Surgem em 1905 os testes para avaliação da idade mental, na primitiva "escala métrica da inteligência" de BINET e SIMON depois trabalhada e aperfeiçoada por eles próprios e por muitos outros pesquisadores, que a foram adotando a cada meio social diverso. A genial concepção viria fornecer à psicologia experimental um instrumento muito mais delicado e preciso para suas indagações, capaz de eliminar múltiplas causas do erro, e com esta vantagem — a de *diagnóstico*, de avaliação precoce, coisa que a noção de *idade escolar* não poderia, por definição, estabelecer. Por outras palavras: a idade escolar só pode ser determinada depois que a criança tenha cursado a escola, dois anos pelo menos. A idade mental pode ser avaliada a qualquer momento. Os testes permitem classificar, desde cedo, para *diagnóstico* e *prognóstico*. Experimentador perito poderá afirmar se a criança está acompanhando a grande média das crianças de sua idade, se está abaixo ou a cima dela, isto é, se pode ser considerada normal, infranormal ou supernormal. Esse desvio, para baixo ou para cima, permite uma gradação quantitativa, com tolerável erro experimental. Dividida a idade mental, obtida nos testes, pela idade real ou cronológica, ambas expressas em meses, obtém-se o chamado *quociente de inteligência* (Q. I). Esse quociente, imaginado primeiramente por STERN, e vulgarizado especialmente por TERMAN e outros autores americanos, permite classificação de grande alcance prático, embora possa ser arguida de artificiosa. De fato, ela permite *diagnóstico* precoce e *prognóstico* mais ou menos seguro. Admite não só a classificação, para fins escolares, mas o *diagnóstico* para tratamento médico, tais sejam as causas da debilidade mental, umas primariamente neuropsíquicas, outras indiretas, como no caso dos dis glandulares, adenóides e depauperados.

BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO

organizada pelo

Prof. Lourenço Filho

- Os Centros de Interêsse na Escola* — Abner de Moura.
Como ensinar Linguagem — Firmino Costa.
Côro Orfeão — Ceição de Barros Barreto.
Cinema e Educação — F. Venâncio Filho e Jônatas Serrano.
Educação Moral e Educação Econômica — A. de Sampaio Dória.
A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais — Corinto da Fonseca.
A Escola Única — Lorenzo Luzuriaga.
O Ensino Primário no Brasil — M. A. Teixeira de Freitas.
A Escola e a Formação da Mentalidade Popular no Brasil —
Estêvão Pinto.
O Idioma Nacional — Antenor Nascentes.
A Lei Biogênética e a Escola Ativa — Noemi Silveira.
Noções de Psicologia — Iago Pimentel.
Psicologia Experimental — Henri Piéron.
O Problema da Educação dos Bem Dotados — Estêvão Pinto.
O Que Dizem os Números Sobre o Ensino Primário — M. A.
Teixeira de Freitas.
Rádio e Educação — Ariosto Espinheira.
Situação Atual dos Problemas Filosóficos — André Cresson.
Temperamento e Caráter sob o Ponto de Vista Educativo —
Henrique Geenen.
Tendências da Educação Brasileira — Lourenço Filho.
Teoria e Pesquisa em Sociologia — Donald Pierson.
Testes ABC para Verificação da Maturidade — Lourenço Filho.

* *

M Æ E

Feliz o bom filho, que pode contente
Na casa paterna, de noite e de dia,
Sentir as carícias do anjo de amores,
Da estrêla brilhante que a vida nos guia: uma mãe!

Casimiro de Abreu

Da iniciação filosófica na Escola Primária

II

ANTÔNIO E. DA SILVA

Reatando o fio do artigo subordinado ao título acima, salientemos que as noções de filosofia com as primeiras letras constituem indiscutível necessidade.

Indeclinável é a responsabilidade nessa orientação de todos quantos empregam suas atividades no setor da educação. É que o destino moral do homem precisa firmar convicção no espirito infantil, sendo assim a criança conduzida ao plano onde o problema da educação interpreta o homem — força viva e o homem no período da exibição, ali palmilhando caminhos felizes e aqui o mero instinto de animalidade.

Acordo a vida um dever e cumprindo-nos uma tarefa de justiça, a posse de si mesmo deve preocupar os desejos de perfeição.

Na cidade de Koenigsberg, capital da provincia da Prússia, Alemanha, veio à luz quem se chamou Kant. Este que passou pela vida com a auréola de gênio formulou um chamado catecismo moral.

Longe de ser teórica, a moral é o maior fator na prática da educação. Os exemplos como a fê transportam os obstáculos. E o sábio de Koenigsberg demonstra à sociedade que guardar silêncio é em todas as oportunidades um grande ideal de vida. Que a felicidade — pontifica o mestre — é uma vida de satisfação.

Dado o desejo insaciável do homem de possuir tudo se êle tivesse entre as mãos toda a felicidade (susceptível de existir no mundo) a quereria toda com exclusão dos seus semelhantes.

Quem perguntará a si mesmo se é digno da felicidade, se poderá atingir o almejado porto?

Entretanto, é a inclinação o «pivot» dessa condição.

Argumentava ainda o sábio prussiano — se te achas no caso de proporcionar a ti ou a outro qualquer de teus amigos uma grande vantagem à custa de u'a mentira ardilosa, sem contudo causar dano a ninguem, o que diz tua razão a tal respeito?

Não se deve mentir porquanto é vil e faz o homem indigno da felicidade.

O freio da liberdade é a razão, faculdade que subjuga a própria tendência.

A necessidade de agir em harmonia com a razão tem o nome de dever, pelo que cumprido êste estamos na felicidade.

Ser digno de felicidade e cumprir seu dever — Kant, Doutrinas da virtude, parte II § 51 — é a mesma cousa.

* * * *

Escolas Rurais

II

RAIMUNDO GUERRA

Medidas prováveis e fáceis de introduzir na Escola Rural

Como todos conhecem, por informações várias, a zona do Seridó, como dos sertões do Nordeste, é sujeita a sêcas temporárias dificultando a vida e estabilidade da população, advindo escassez de gêneros alimentícios proveniente da falta d'água e de chuvas para criar a lavoura.

A pequenina Escola Rural, como fator educativo por excelência, poderia, devidamente autorizada, tomar a iniciativa da propaganda dos meios tendentes a diminuir ou atenuar os efeitos do flagelo das sêcas. Isto depende apenas de um pouco de dedicação, interêsse da professora, quando devidamente orientada e ambientada no meio, onde leciona, no sentido de incutir nos seus alunos o gôsto pela agricultura, horticultura e criação.

Os clubes agrícolas e campos de experimentação previstos e recomendados pelo Departamento de Educação e de experiência comprovada pelo seu funcionamento em vários Estados, principalmente do Sul, não podemos negar que seja o meio mais eficaz no ensino da agricultura, nesta parte mais rudimentar do curso primário. Entretanto, apesar de boa vontade do professor não se concretizou esta avantajada idéia porque, além da falta de preparo técnico dos professores, falta o campo apropriado, a água, em abundância, para garantir a cultura e a ferramenta para a turma encarregada do trabalho. E, nesta zona, como ficou provado, sempre falta o principal, o elemento indispensável que é a água. Obtê-la em

abundância, e conservá-la por vários meses, isto não se consegue senão pelos meios artificiais. E, mesmo assim, a água do sub-solo, aqui, é sempre salobra, contendo maior percentagem de sal que a do rio Seridó e seus afluentes.

Resta-nos, por enquanto, um único recurso e êste não falha, embora pareça superficial e abstrato, pois se baseia na teoria. Consistirá em lições previamente organizadas e sistematicamente ministradas aos alunos para que os mesmos, praticando, vejam, na agricultura, uma fonte de riqueza apesar da irregularidade das chuvas.

Salientar o valor do nosso principal produto — o algodão, garantindo êste a permanência do morador e seu patrão nas pequenas propriedades rurais. Êste vegetal merecerá toda a atenção, tendo-se em vista seu constante melhoramento, desde o plantio e procurando-se sementes selecionadas e devidamente desinfetadas; época de plantio, processos de brocar o mato, cultivar as terras, plantar em xadrez para facilitar a limpa com o cultivador; arrancar o algodão que se tornou muito velho e já produz pouco, miúdo, «encueirado», substituindo-o por novas plantas. Economizar o terreno, conhecido o mais próprio a essa cultura, distanciando ou diminuindo o espaço entre as covas, conforme seja na várzea ou no tabuleiro, aproveitando, igualmente, a umidade das poucas chuvas, nos anos escassos, limpando logo, não deixando o mato «chupar» o «molhado»; destruir o mato dos aceiros e suprimir as moitas do roçado.

Não se limitar porém à monocultura e, nos terrenos melhores, plantar o milho, o feijão, a melancia, a rama de batata, a mandioca, produtos estes tão necessários; escolher os lugares baixos e arenosos, bancos de areia, nos rios, após as enchentes no inverno e nas suas margens, durante o mesmo, em todo o tempo, enfim que a terra esteja bem molhada, embora algumas vêzes a água destrua, em inundações inesperadas, é sempre melhor do que vir a perder tão férteis terrenos. E mesmo a água não dá prejuízo dizem os sertanejos. É melhor perder com água.

Tambem é aconselhável abrir valados no leito do rio, nos anos de pouco inverno. Êste processo é muito trabalhoso, porém de resultados certos. Aconselhar a construção de barragens simples ou submersas, de «pedras secas» nos riachos, quando não pequenos açudes ou barreiros, tudo enfim que possa reter a água, este liquido tão precioso.

Notas & fatos

Pelo decreto n.º 2.289, de 21 de fevereiro de 1947, o govêrno do Rio Grande do Sul concede subvenção de Cr\$ 5.000,00 a professor particular que exerça o magistério a mais de 30 anos.

* * *

Segundo um comentário do Prof. Renato de Alencar, não é exata a afirmativa de que Tiradentes tenha sido enforcado, no Campo da Lampadosa, onde hoje se ergue a igreja dêsse nome, na avenida Passos. Acha aquêle escritor e filólogo eminente que o sacrificio do «martir de Vila Rica» se verificou no Largo de S. Domingos, local absorvido atualmente pela Avenida Presidente Vargas. E, para remate de seus argumentos, diz: a forca foi erguida, no Largo de S. Domingos, conforme está na ata lavrada e existente no Museu da Inconfidência, de Ouro Preto.

* * *

O *Flamboyant* é árvore existente, hoje, em quase todo o Brasil, sendo notável pelas suas flôres vermelhas. É originária da ilha de Madagáscar. O caipira chama a essa árvore *fulô-boião*...

* * *

Alberto Santos Dumont, cognominado o «Pai da Aviação», nasceu em Cabangú, municipio de Palmira (hoje Santos Dumont), no Estado de Minas Gerais, em 20 de julho de 1873. Morreu, em Santos, a 23 de julho de 1932.

* * *

Chama-se *culpa aquiliana*, nos Tribunais, a responsabilidade de alguém, por culpa de seu preposto, como, por exemplo, nos acidentes de trabalho.

* * *

Mais de três milhões de crianças das escolas americanas têm direito a transporte gratuito de ônibus, nos dias de aula, sendo o referido transporte custeado pelo govêrno. Além do transporte, essas crianças ainda dispõem de merenda escolar completa.

* * *

O Japão é um país formado de ilhas vulcânicas e por isso é frequentemente convulsionado por abalos sísmicos. Nes-

170
1898
842

0

sas ilhas há lagos de águas ferventes, onde não existe vida animal nem vegetal.

* * *

Muitos dos grandes homens foram também grandes supersticiosos. Goethe, por exemplo, em suas memórias, — «Verdade e Fantasia», — confessou que os acontecimentos de sua vida foram consequências de seus pressentimentos. Bismarck foi muito supersticioso. E Lesseps empreendeu a construção do Canal de Suez, porque uma cartomante lhe garantiu que êle teria êxito.

* * *

A maior biblioteca do mundo é a Biblioteca Nacional de Paris. A Biblioteca do Congresso, de Washington, vem em 2º lugar. A que possui, porém, coleção mais valiosa de livros é a do Museu Britânico, de Londres.

* * *

Ronald de Carvalho escreve: O descobrimento do Brasil, como o do continente americano, não foi obra do acaso. Desde a célebre profecia de Sêneca, e antes até, desde os diálogos de Platão, no «Timeo», onde se reproduzem velhas tradições egípcias, não era novidade para os homens cultos a existência de terras situadas a oeste da Europa.

* * *

O jornalista Austregésilo de Ataíde é pernambucano de Caruarú, tendo nascido, naquela cidade, a 25 de setembro de 1898. São seus pais o Desembargador José Feliciano Augusto de Ataíde e d. Constância Adelaide Austregésilo de Ataíde. Com menos de 1 ano de idade, saiu para o Ceará. Daí haver feito o curso primário, na cidade de Cascavel, sob a orientação competente e segura de seu illustre pai. O curso secundário, fê-lo no Seminário da Prainha, em Fortaleza, chegando até ao 3º ano de Teologia. Deixando o Seminário, matriculou-se, no Liceu do Ceará, onde obteve os Preparatórios. De Fortaleza saiu para o Rio de Janeiro. Aí, bacharelou-se, em Direito, em 1922. Dedicou-se ao jornalismo e é, hoje, uma das penas mais brilhantes e mais seguras do Brasil, isto porque os seus artigos se revestem de uma objetividade extraordinária, de uma correção primorosa e de uma síntese admirável.

* * *

O quadro atual de professores diplomados, efetivos, do Estado, compõe-se de 60 professores de 1ª classe, 101 de 2ª,

84 de 3ª, 110 de 4ª e 74 da chamada classe D (inicial).

* * *

Os Círculos de Pais e Mestres são associações que se fazem, nos estabelecimentos de ensino, e cujos destinos são presididos pelos professores e pais de alunos. Esses Círculos foram iniciados, aqui no Brasil, pelo «Colégio Benett», no Rio de Janeiro. Têm finalidade muito elevada, dentro do complexo mecanismo do ensino, principalmente no que concerne ao bom êxito das aulas, em face da boa marcha dos trabalhos escolares. Por essas tão úteis e tão necessárias associações, é que pais e professores se aproximam e se entendem numa comunhão de idéias e de planos que bem traduzem os legítimos objetivos da instrução e da educação, para benefício da Família, da Sociedade e da Pátria.

* * *

Constâncio C. Vigil, o festejado autor das melhores obras talvez da literatura infantil, em tôda a América, nasceu na localidade de Rocha, no Uruguai, mas é considerado argentino pelos fortes laços espirituais que o prendem à grande pátria de Sarmiento. Constâncio C. Vigil é, hoje, aplaudido por todos os que têm, em seus livros, verdadeiras fontes de humanismo, de compreensão sadia, de amor ao próximo, de justiça, de tolerância, de paz e de esperança. Por tudo isso êle foi cognominado «El Sembrador», — o semeador. E seus livros não são somente destinados às crianças. Êle escreve, também, para os adultos, principalmente para aquêles «que desejam um mundo melhor, mais pacífico, mais harmonioso, e, sobretudo, mais humano». Apreciando o sentido altamente moralizador e profundamente educativo de sua imensa obra infantil escreve Francisco Sosanas Lemos: «Nada tão contraproducente, quando se trata de crianças, como pretender inculcar-lhe preceitos morais por meio de ensinamentos diretos, prédicas ou imposições, pois o pequeno ser se rebela e, por natural impulso, tende a não se submeter. Vigil sabe disso e evita-o. Êle possui outro caminho, cuja eficácia é incontestável: seus lindos contos. O menino passa, em sua leitura, por tôdas as fases da vida, em suas múltiplas manifestações espirituais e físicas, ao mesmo tempo, em que se forma nele um estado de consciência mais eficaz, poderoso e profundo do que o mais repetido ensinamento. O exemplo indireto da leitura romanceada, o acontecimento que impressionou, marcarão pegadas indeléveis em

sua alma, as quais, segundo se sabe, incidirão mais diretamente em sua existência de homem».

• • •

A lei nº 316, de 30 de novembro de 1943, do Estado de Pernambuco, concede prêmios aos autores de livros científicos, didáticos e literários.

F. R. A.

Rio Branco e a vida intelectual no Itamarati

R. NONATO

A atividade literária no Brasil, salvo raras e preciosas exceções, ainda continua sendo um tema para diletantes, um motivo de satisfação íntima realizado mais como necessidade de uma aplicação do esforço mental, do que, propriamente, como idéia de compensação, ao menos de justo reconhecimento de parte de quantos, mesmo de longe, julgam o trabalho do homem de letras e sua função cultural.

De fato, na agitação do cotidiano, na corrida para as especulações de ordem material de todos os dias, no plano da indiferença em que se limitam os protegidos de Manon e os artifices da inteligência, os poucos que, nessas plagas, vivem dos labores do livro, não tardam em reconhecer o sentido negativo da influência da sua obra, tão raramente compreendida e desajudada de estímulo e de entusiasmo.

Nação nova, onde pouco se lê, sem preparação de caráter universitário e sem padrão de formação cultural, ao menos de nível médio, é desolador acentuar-se, que, em condições tais, o trabalho da divulgação do pensamento restrinja-se à ação de reduzido número de bibliófilos, verdadeiros espíritos de resistência, nos quais o idealismo ainda não arrefeceu o poder da sua chama criadora.

Não há pois exagero em afirmar-se que, com exemplos semelhantes, o país é uma doce ilha do esquecimento para os que se deixam envenenar pelos agradáveis enleios da aventura literária.

• • •

Na verdade, as coisas, porém, nem sempre foram assim,

de vez que o registro da historia aponta outros fatos. No passado, Alexandre da Macedônia enaltecia em Aristóteles a ação poderosa do seu mestre, sobre sua formação. Carlos Magno, sem ser um letrado, discutia com os sábios da sua côrte. Francisco I, de França, tinha em Rebelais, um conviva da sua mesa e um confidente dos seus segredos. Frederico da Prússia lisonjeava-se da amizade de Voltaire, a quem cobria de honras e de considerações. E a Rainha Vitória sentia-se influenciada pelo fascínio intelectual de Disraeli, seu grande ministro.

No Brasil, o Barão do Rio Branco, o chanceler cuja atuação escreve o ciclo mais brilhante da História do Itamarati, foi o nome que mais de perto vinculou o governo aos homens de letras do seu tempo. Sua passagem pela pasta do Exterior marca êsse traço do bom entendimento entre os representantes da cultura nacional e a posição do Ministro de Estado, que se envaidecia mais da presença dos intelectuais do que dos próprios políticos a quem por obrigações tinha de atender.

A sua «côrte» constituia-se de nomes ilustres, de escritores, artistas, poetas e jornalistas, entre os quais se destacavam: Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Oliveira Lima, Martins Júnior, João Ribeiro, Silvio Romero, José Verissimo, Clovis Beviláqua, Domicio da Gama, Graça Aranha, Aluisio de Azevedo, Olavo Bilac, Pedro Américo, Alcindo Guanabara, Tobias Monteiro, e Medeiros de Albuquerque, todos como acentua Alvaro Lins, ligados ao Itamarati pela amizade de Rio Branco e pelos trabalhos diplomáticos. Conta-se ainda, a afirma o mesmo biógrafo, «que uma vez em que, Capistrano de Abreu se retirou de madrugada, veio a se saber que êle e o Barão tinham discutido durante toda a noite a respeito da introdução da jaca no Brasil». Por outro lado, informa a mesma fonte «outra forma com que Rio Branco valorizava os intelectuais, consistia na consulta que lhes fazia constantemente, em casos da sua especialidade. A Rui e a Lafayette consultava sobre assuntos de Direito; a José Verissimo, de literatura; a Heráclito Graça, de linguagem e estilo».

E simplesmente curioso o teor dêsse bilhete, fazendo uma consulta, para redigir uma nota diplomática:

«Heráclito

Como dizer:

Começariamos por nos não entender» ou «por não nos entendermos»?

Exemplos de uma e outra redação.

Seu amigo Rio Branco».

mando uma côr roxo-vinhosa, sangrando facilmente e descolável. Frequentemente, na vesiculite gengival, encontra-se pus, o que caracteriza a gengivite supurativa, devida à presença de corpos estranhos ou ao acúmulo de tártaro dentário, neste caso chamada gengivite tartárica. Estas mesmas condições, agravadas com a dieta, notadamente láctea, encontram-se frequentemente durante a gravidez e daí a forma de gengivite própria das mulheres grávidas, na qual, porém, faltam, as mais das vêzes, os fenômenos supurativos.

GENGIVITES TÓXICAS — São aquelas que correm por conta do mercúrio, do bismuto e do chumbo, precoces as duas primeiras por constituírem um dos primitivos e dos mais evidentes sintomas do envenenamento, mais tardia e menos visível a terceira, mas igualmente característica e típica, como elemento constitutivo fundamental para o diagnóstico do saturnismo.

Consiste ela em uma tumefacção da gengiva com tendência para a hemorragia, e com a orla gengival típica, constituída por sulfato de chumbo, faixa cinzento-azulada, situada em correspondência com o colo dentário e seus interstícios. Segundo alguns autores, o tratamento dessas várias formas de gengivite consiste, antes de tudo, em eliminar a causa da doença, com uma apropriada limpeza dos dentes, com a remoção dos depósitos mucosos ou tartáricos e com a lavagem da cavidade bucal, com qualquer antisséptico brando (água oxigenada a 3^o 0, clorato de potássio a 2^o 0, e leves aplicações tóxicas de tintura de iodo).

GENGIVITE HIPERTRÓFICA — Essa é uma forma especial de gengivite caracterizada pela neo-formação de tecido granuloso. A gengiva fica tumefata e sangrenta, aderindo aos dentes, com superfície irregular e consistência endurecida.

A terapêutica consiste, sobretudo, na cauterização elétrica da massa neo-formada. Histologicamente, segundo Stazzi Pietro, Vila Luigi, Fragomele e outros, essa massa é bem semelhante aos pólipos gengivais, que surgem, as mais das vêzes, em tórno de dentes profundamente cariados e como sempre na vizinhança dos incisivos e pre-molares. Esses têm forma pedunculada e desenvolvimento muito limitado, com tendência hemorrágica e cuja cura consiste na sua exerece.

QUANDO os alunos do prof. Silva Ramos lhe pediam normas, para escrever correto, êle, de pronto, lhes ditava esta:

«Leiam os bons autores e escrevam!»! Mas, os bons autores do conselho do mestre eminentissimo não são como poderão pensar, à primeira vista, os ignorantões, de que nos fala Garrete, os gramáticos, isto é, os Carlos Pereira, os Maximino Maciel, os Portocarreiro...

Não! São os que sabem escrever, porque têm cultura, porque têm imaginação, dentro dos limites daquele *sentimento do estilo*, do pensamento de Tobias Barreto.

E esses, em verdade, são os Rui Barbosa, os Machado de Assiz, os Euclides da Cunha, os Eça de Queiroz, os Afrânio Peixoto, os Humberto de Campos, os Camilo Castelo Branco, os Taunay, os Alencar, os Flaubert. Todos esses vultos notáveis, das literaturas brasileira, portuguesa e francesa, representam os modelos do bom escrever, em todos os tempos, sem que, para isso, jamais tivessem experimentado a «terrível» necessidade de ler gramáticas,

**ÊLES NÃO
ENTENDEM...**

F. RODRIGUES ALVES

de decorar regras de gramáticas, de só pensar em gramáticas, de almoçar e jantar gramáticas... E mesmo quem assim fizesse estaria arriscado a morrer de gramática, como aquêle personagem de Monteiro Lobato!...

O erudito Padre Pedro Adrião, professor de Português e de Literatura, no Seminário de Olinda, nas suas «Tradições Clássicas da Língua Portuguesa», p. 25, escreve: «Mas ainda não achamos tôda a solução para o problema do critério de certeza, com o admitirmos o uso por norma diretriz nos estudos linguísticos. No meio do uso, introduz-se o abuso. Há o uso dos que escrevem a primor e o dos que manejam desastrosamente o idioma. O uso que vale como lei, em gramática, é o dos escritores que, levados por amor acendrado ao idioma, o dignificaram, nas suas lucubrações, elevando-o a um alto grau de perfeição; é o uso daqueles que melhor, mais elegantemente e com maior fidelidade à índole da língua, dela souberam utilizar-se, para exprimir as suas idéias; em suma, é o uso daqueles que se podem apresentar como modelos se-

guros à juventude das escolas, sendo-lhes postos à mão, como guias exemplares, na exteriorização dos pensamentos, e a que, por isto, nos chamamos os autores clássicos da língua». E Figueiredo diz: «Nada há melhor de que o exemplo e a leitura dos mestres, que tal nome mereçam. E não será mister lê-los todos; quem, dos antigos, conhecer bem Tomé de Jesus, Luiz de Sousa, Bernardes e Vieira, e dos modernos, Herculano, Latino e Castilho; quem na expressão falada e escrita, se não afastar da prática deles, pode estar tranquilo, porque falará e escreverá português às direitas, sem perigo dos fáceis e vulgares extravios de quem fala e escreve, mais do que lê, onde deve ler». Entretanto, aquêles que falam e escrevem êsse português enxacoco, que anda, por aí, pelos jornais (até nos decretos, despachos, officios...), pelas tribunas, pelas páginas de alguns livros, assim não entendem, e ainda se mostram molestados quando os acicates da crítica lhes mimoseiam, as respeitáveis cernelhas!... Cícero admitia que um romano, em última análise, fôsse, moralmente, mau, sem que deixasse de escrever, corretamente, a língua pátria, o latim. Que dirão êsses apedeutas, negligentes e abúlicos, a quem Olivio Montenegro emprestaria «pês de chumbo e ouvidos de pedra»? Ora, pois!... Escrever bem não é ser gramático, exclusivamente. Escrever bém é conhecer a ortografia das palavras, é ser adestrado no mencião da frase, é ser exímio movimentador das idéias, é ser conhecedor da arte de dizer, enfim, nos moldes do que compreende e traduz Antônio Albalat, em conceitos admiráveis e eternos. Quem, por ventura, já alcançou os altos domínios da Estilística, através tão somente da Gramática?

Ninguém, por certo, porque a segurança dessa conquista suprema está, antes, em monumentos, como o «Eurico», a «Inocência», os «Sertões», as «Memórias Póstumas de Brás Cubas», os «Discursos e Conferências», «Salambô» e tantos outros.

É preciso que se saiba que as «regrinhas» da Gramática ficaram na saudade intinda do Grupo Escolar, muitas vèzes distante, e representam, apenas, o alicerce de uma cultura que poderá ser consolidada à custa de estudo continuado e sério, ou de leituras seleccionadas e sadias, frutos opímos e sagrados da excelente orientação que os bons mestres sabem dar. E quem sair da escola Primária, sem tudo isso, não será, jamais, um homem de conhecimentos básicos, para a Vida, uma intellectual de méritos, para as lutas da Inteligência.

E as provas evidentiíssimas aí estão em certos moços bonitos, elegantes, jactanciosos, quase sempre fasciados pelas banalidades do mundo e esquecidos dos «mestres mudos», da

frase de Vieira, leais portadores das l ureas do Triunfo dignificador e honroso, que constitui a aspiração primeira e única dos predestinados e dos fortes.

Eles não entendem!... Mas não nos esquivemos de lhes dar tão úteis explicações, para que não continuem, pompeantes e «divertidos», sem uma reação, nêsse afã ingrato de misturar alhos com bugalhos, comprometendo os lustres do nosso sistema de letras e as expressões palpitantes e vivas dos nossos sentimentos culturais.



Educação Física

VII

Pequenos Jogos

Sôbre jogos ou amos o que diz o professor Dora Correia de Azevedo:

«Relativamente ao desenvolvimento físico, a criança, nos jogos, corre livremente, atira bola, salta, exerce força, puxa, empurra, controla movimentos, várias funções são diferentemente exercidas, conforme as necessidades que sente para bem praticar o jôgo, para conseguir a vitória. Trabalha visando um fim que é o do jôgo, enquanto um outro se consegue — a ação completa do organismo: são os grandes musculos que se desenvolvem, é a capacidade pulmonar que se aumenta,   a circulação do sangue que se ativa, é a função digestiva que se mant m regular —   o equilíbrio orgânico resultante do bom trabalho físico.

Intellectualmente, a criança também se desenvolve pelo jôgo, pois situações há que requerem raciocínio, atenção, iniciativa, juízo (julgamento), controle, memória, etc.

Por mais importantes que sejam os jogos sob o ponto de vista de exercício e saude, não   s mente neste sentido que têm valor. Os jogos para a educação social, isto  , disciplina das emoções, treino da personalidade, desenvolvimento do caráter e das qualidades que fazem o valor social do individuo, são tão importantes como para o desenvolvimento do corpo.

É nos jogos que a criança aprende as lições de cooperação sem a qual a vida em comum torna-se impossível; começa a compreender o respeito pelos direitos alheios; sente que se deve ajustar ao grupo de que é membro; desenvolve

um senso de responsabilidade para com este grupo; aprende a sacrificar-se pelo beneficio comum. Assim a criança se torna um ente social, não por meio de preceitos, mas, pela experiência na coletividade.

Nos jogos há também a considerar um outro aspecto: a criança, agindo livre e espontaneamente, revela a sua verdadeira indole; diz e faz cousas que, ao refletir ou em circunstâncias mais restritas e convencionais, não diria nem faria.

O professor, conhecendo assim as diferentes indoles, aproveita a oportunidade para que cada criança receba o tratamento de que precisa para o seu desenvolvimento.

Assim, os jogos, sob uma direção sadia, irão também concorrer para a resolução dos problemas de comportamento — corrigir defeitos, inculcar bons hábitos — tudo sem que a criança perceba, sob uma atmosfera de muita confiança e alegria. Não podemos, contudo, dizer que num determinado jogo, tais resultados estão sendo conseguidos, isto é, estão apenas se desenvolvendo pulmões, ou que, em determinado momento, a criança está adquirindo tais beneficios morais, pois tudo ela trabalha fisica, mental, moral e socialmente numa situação que envolve todo o ser».

Dos trabalhos infantis, o jogo e os brinquedos cantados são os que mais interessam na formação do corpo e do espirito ainda em moldagem. E assim, porque, neles, as crianças se exercitam e se melhoram pelo dominio de sua própria vontade, e, não pela influencia de um desejo estranho que elas mal entendem, e, raramente, despõem-se apreciá-lo.

Numa *lição de educação física*, a criança vê através de uma companheira ja treinada, os seus resultados; mas, ela não pode ser no futuro, porque o futuro, para ela, ainda não existe. Num jogo, ou numa sessão de rodas ela sente-se feliz e não precisa pensar que há-de ser forte e bela, um dia, porém, considera-se, no momento em que se torna o centro de interesse da classe, a mais feliz, a mais forte, a mais perfeita, a mais bela, — e se exercita, e se treina, e se melhora, e se desenvolve despreocupada.

Está provado, cientificamente provado que, o brinquedo metódico, científico, moralizado é o meio mais certo de auxilio ao desenvolvimento integral do educando.

AS SESSÕES DE PEQUENOS JOGOS tem uma *sessão preparatória reduzida*, e composta de: Evoluções e rodas, flexionamentos simples de braços, pernas, tronco e jogos respiratórios (nos 1º e 2º graus); uma *sessão propriamente dita*

com 4 ou 5 jogos de diferentes famílias (jogos, aqui, de pequena intensidade) uma *volta à calma* prolongada com: — marcha lenta com exercícios respiratórios, marcha com canto ou assobio e exercícios de ordem adequados. Sua duração deve ser de 20 a 25 minutos. Vejamos a ficha nº 1 anexa.

SESSÃO DE PEQUENOS JOGOS

Hora — de preferência pela manhã.

Local — bem iluminado e de boa ventilação.

Duração — 20 a 25 minutos

Uniforme — de educação física

Material — nenhum

SESSÃO PREPARATÓRIA (1/10 do tempo total)

Evolução: — De mãos dadas, marchar em círculo com mudança de frente, cantando «Lá na Ponte da Aliança»

Flexionamentos: — Braços — circundação dos braços frente para traz e de traz para a frente.

Pernas — mãos dos quadris — elevação alternada dos joelhos.

Tronco — Mãos nos quadris — inclinação do tronco

Jôgo resp. — Apagar a vela

SESSÃO PROPRIAMENTE DITA (7/10 do tempo total)

Corrida de centopêa (saltar)

O chicote queimado (correr)

O lobo e o cordeiro (atacar e defender)

Está pronto seu lobo (correr)

Volta à calma (2/10 do tempo total)

Marcha lenta com exercícios respiratórios.

Marcha com canto ou assobio.

Exercícios de ordem adequados.

A MAJESTADE divina do Mártir ergue-se nesse momento, crucificada entre os insultos da plebe, a traição de um discípulo e o abandono de todos, no alto do Calvário.

Uma coroa de espinhos fere-lhe a cabeça donde resplenderam, outrora, as idéias da redenção humana. O próprio sol, quase envergonhado, dardejava raios melancólicos sôbre a cidade Autônia e a cilíndrica torre de David. O mundo é um cenário triste, em que a inocência é a vítima, e o pecado aviltante é o algoz.

Na boca de cada homem ainda existe a mesma nódoa de blasfêmia dos réprobos, que injuriaram o Mestre. No mundo ainda se renova a mesma cena do Calvário, com tôda a sua hediondez. O Cordeiro Imaculado escorraçado por muitos, esquecido pelos mais íntimos, levanta os olhos ao ceu e exclama: «Perdoai-lhes Pae, por que não sabem o que fazem».

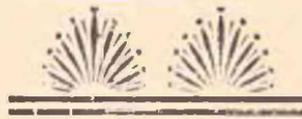
Porque havemos nós, pobres e infi-

e o vício, lado a lado, esmagando o fraco em detrimento da justiça. «Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?!»

O fuzilar de um relâmpago deu ao próprio sol a fisionomia de um cadáver; e os muros da cidade e as cumeadas dos montes, até o fundo dos precipícios, tudo se tingiu dum resplendor estranho que gelava, naquele momento, o espirito dos assistentes, fazendo nascer o vago dêsse misterioso fantasma, que se chama, remorso, e que rondará a terra até o fim dos séculos.

A sêde do supliciado ofereceram o azedume do vinagre, e, mais, do que isso, o escárneo e o abandono...

Jesus, que tudo comprehendera, levantou a voz acima



A lição do

Calvário

Ana Anita de Melo



mos pecadores, de nos queixar dos reveses, se não tivémos coragem de esgotar o cálice de amarguras que a Providência nos confiou?

Maria, a mãe dolorosa, está genuflexa, sob a cruz do filho estremecido e, ao seu lado, a bela peçadora arrependida, enquanto suspenso a corda atada a um galho de sicômoro balouça o cadáver do traidor! Jesus mesmo ia morrer entre Dimas, o bom, e Gestas, o mau. Sempre a virtude

dos trovões que rugiam e disse num tom profético:

«Tudo está consumado».

E, ainda, houve estrêlas que iluminaram o céu enegrecido por aquêlê medonho sacrificio...

Ó Deus de misericórdia infinita, continúa a perdoar-nos, pois, ainda não sabemos o que estamos fazendo.

Canguaretama, sexta-feira da Paixão, 15 de abril, 1949.

Árvore de minha Escola A necessidade da instrução religiosa na escola

(LAGOA SÊCA)

Maria do Carmo Fernandes

Prof. Manuel Bartolomeu Peixôto

Salve árvore

De minha escola,

Sublime e encantadora

Criação da natureza,

Cheia de beleza.

Eu te saúdo

Como criancinha

Do amor.

Quero ver-te cheia de flor

Por dar sombra

À nossa gente,

Amenizando o sol ardente.

Guarda no meu sentido

O frescor da árvre antiga,

Para amenizar

A mocidade.

Quando eu fôr grande

Lembrar a infância

E a dôr da saudade!

Salve árvore de minha escola.

Natal, 6 de Janeiro de 1918.

Depois da magna dignidade sacerdotal, somente ao professor convicto de sua sublime missão, devem ser dirigidas estas bellissimas palavras pronunciadas pelo Mestre dos mestres aos seus opóstolos: «*Vos estis lux mundi*», isto é, «Vós sois a luz do mundo». Realmente, só ao professor culto e virtuoso, baseado na moral e na religião, poderão o elas ser applicadas, tornando-o o guia de um povo, a mais completa felicidade de sua terra. Um povo sem formação religiosa é sempre como foi em todos os tempós, um povo devasso, selvagem e pèrfido. No Brasil, particularmente, no Rio Grande do Norte, o catecismo deveria ser ensinado com mais interêsse, mesmo àquelas crianças nascidas em credos contrários ao da religião officializada no País, Estado ou Municipio. Como sabemos, em

vários países civilizados do mundo, inclusive o nosso, há plena liberdade de culto. É claro que assim sendo, não pode haver nenhum obstáculo da parte dos professores e também dos pais das crianças. Particulares ou públicos, mediante uma singular educação, todos os educandários devem ser comuns neste sentido. Façamos como os norte-americanos e outros povos civilizados que se educam em conjunto, mesmo aquêles que se preparam para defesa da causa religiosa. Por exemplo: Na América do Norte, onde são educados os seminaristas católicos, apóstólicos, romanos, são-no, também, os futuros pastores protestantes. Que modelo êste de educação para nós brasileiros! Sômente a verdadeira catequese poderia transformar certos tipos rebeldes que em grande número presenciamos nas nossas escolas. Sem o temor de Deus, perturbam estes o regulamento e naturalmente transformarão a escola num ambiente de indisciplina. Dentre as muitas questões que têm resolvido os círculos pedagógicos, releva uma de real valor e interêsse: O ensino religioso, que tem sido o pesadelo de muitos professores modernos, por acharem tal elemento dispensável à escola. Contudo, as observações proveitosas que a nova pedagogia, bem orientada, vem fazendo a êste respeito, á revelia mesmo dos endeusadores do ensino sem Deus, prova e demonstra que a religião é o mais forte sustentáculo do espírito, na formação do homem. Não devemos temer as grandes dificuldades que de certo encontraremos em nosso povo inculto, principalmente sem educação religiosa. Olhemos com os olhos da nossa fé e da nossa caridade, a ignorância daqueles, muitas vezes conhecidos como católicos, não sabendo pelo menos persignar-se. Sublime missão a nossa, na qual, temos, não raras vêzes, ocasião de exercer as funções sacerdotais. Eduquemos também religiosamente as crianças para a vida em tôda a sua realidade, pois a religião é de valor infinito, enquanto a ciência paira na matéria. Sabemos que tôda formação que descure o elemento religioso é essencialmente anti-pedagógica. Na sã pedagogia não tratamos sômente de preparar técnicos, mas sim de formar os homens do futuro. Só assim nos podemos orgulhar de ser a nossa sublime missão a maior que o homem exerce sôbre a terra. Deixemos cair aos nossos pés o respeito humano de que muitos são vítimas. Tenhamos a coragem do verdadeiro Mestre, semelhantes a apóstolos do bem, para que possamos exclamar com a consciência tranquila: *Æternitati docui aliquem litteras*. Que neste latinório significa: *Instrui alguém para a eternidade*.

A ORIGEM DOS NOMES DOS ESTADOS

Com uma superfície total de cerca de 8.524.776 quilômetros quadrados, o Brasil cobre um território mais vasto que os Estados Unidos, excluindo o Alasca e sensivelmente igual a nove décimas partes da Europa.

A extensão de sua costa atlântica é de 7.920 quilômetros (4.060) milhas. Mede na sua maior extensão de Norte a Sul, 4.390 quilômetros e de Leste a Oeste, 4.353 quilômetros. Alguns dos seus Estados correspondem à área de grandes nações.

Mato Grosso com o dôbro da França, em extensão; o Amazonas mede cinco vezes a área da Grã Bretanha; Goiás é maior que a Espanha; Minas Gerais é maior que a Alemanha; Pernambuco e Santa Catarina têm o triplo da superfície da Belgica.

ACRE. — O nome Acre aplicado ao território durante longos anos contestado pela Bolívia e cuja posse o Brasil deve à diplomacia de Rio Branco, é corruptela de Aquiry, que quer dizer Rio Verde.

Superfície: — 129.047 quilômetros quadrados. População 129.180. Produção: — Frutos, borracha, etc.

AMAZONAS. — O aventureiro espanhol Francisco Orlana, penetrando as selvas amazônicas, acreditou ter visto uma tribo de mulheres guerreiras que montavam a cavalo como os amazonas das fábulas.

Dai o nome Amazonas (mulheres sem seio) que passou ao grande rio e à região por ele banhada. Capital: Manaus, com porto flutuante. Superfície: 1.825.997 quilômetros quadrados. População: 483.256. Produção: borracha, cacau, guaraná, gado, etc. Primeiro Governador: — Cel. Joaquim de Melo Póvoas.

PARÁ. — Pará, literalmente mbará ou mará, significa o mar. Segundo Batista Caetano o nome correto é Y-pa-rá, que quer dizer coletor de águas. Capital: — Belém. Superfície: — 1.362.966 quilômetros quadrados. População: — 1.812.767. Produção: — borracha, castanha, cacau, algodão, tabaco, gado, etc. Primeiro Governador: — Inácio do Rêgo Barreto.

MARANHÃO. — Corruptela a portuguesa do termo tupi-guarani mba-rá-nhã, que significa o mar corrente, água que limita um mar que corre. Capital: — S. Luiz, construída numa ilha. Superfície: 346.217 quilômetros quadrados. População: —

1.344.878. Produção: — algodão, açúcar, babassú, gado, etc. Primeiro Governador: — Alexandre de Moura.

PIAUI. — Py-yau-y — literalmente o rio dos pias (peixe de agua doce). Cap. Teresina. Sup. 245.582 quilômetros quadrados. População: 966.022. Produção: babassú, algodão, borracha, gado, etc. 1º Governador: — Amaro Joaquim Raposo de Albuquerque.

CEARÁ. — Cê-ará, canto do papagaio, segundo Teodoro Sampaio, ou canto da Jandaia, como livremente traduziu José de Alencar. Cap. Fortaleza. — Sup. 148.591 quilômetros quadrados. População: 1.848.462. Produção: — babassú, carnaúba, gado, etc. 1º Governador — Martim Soares Moreno.

RIO G. DO NORTE. — Rio Grande é o nome porque é chamado o rio Potengy, na parte inferior do seu curso. Rio Grande do Norte para distinguir-se do Rio G. do Sul. Cap. Natal. Sup. 52.411 quilômetros quads. População: — 901.404. — Produção: — açúcar, algodão, mandioca, carnaúba, sal, gado, etc. 1º Governador: — Inácio Borges.

PARAÍBA. — Pará-ayba — rio pequeno, marzinho, ou mar pequeno, segundo Teodoro Sampaio. Cap. João Pessoa. Sup. 55.920. Pop. 1.612.912. Produção: — café, côco, mandioca, algodão, gado.

PERNAMBUCO. — Literalmente paraná-mbuco — furo ou entrada de lagamar. Esse nome foi aplicado a vários pontos da costa do Brasil onde existem recifes à entrada dos Portos. O nome de Pernambuco passou à Capitania de Duarte Coelho Pereira, devido aos recifes que defrontam o porto da atual capital, Recife, por isso mesmo. Sup. — 99.254 quilômetros quadrados. Pop. 3.428.927. Produção: — açúcar, álcool, café, algodão, gado, etc. 1º Governador: — Duarte Coelho Pereira, seu fundador.

ALAGOAS. — Provém este nome do grande número de lagoas que possui o Estado. Denominação dada principalmente à antiga capital, edificada à margem da lagou Mangaba. Cap. Maceió. Sup. 28.551 quilômetros quadrados. Pop. 1.339.510. Produção: — açúcar, algodão, fumo, arroz, gado, etc.

SERGIPE. — Cirigype ou ciri-gy-pe, rio Sergipe ou Serigype foi também nome de um chefe indígena que morreu combatendo contra os invasores, brancos. Cap. Aracajú. Sup. 21.252. Pop. 595.312. Produção: — açúcar, café, côco, fumo, gado, etc.

BAHIA. — Bahia de Todos os Santos foi o nome dado ao seio do mar em cujas margens se edificou a cidade do Salvador. Com os tempos passou simplesmente para Bahia, nome que se estendeu à cidade e ao atual Estado. Cap. São Salvador, que foi capital do Brasil. Sup. 529.379 quilômetros quadrados. População: — 4.720.756. Produção: — cacau, cereais, café, fumo, etc.

ESPIRITO SANTO: — Vasco Fernandes Coutinho denominou Espírito Santo o povoado que fundou na Capitania que recebeu a mesma denominação que passou à Província e ao Estado, mais tarde. Cap. Vitória, também construída numa ilha. Sup. 44.684 quilômetros quadrados. População: — 833.276. Produção: — madeira, cacau, café, cereais, arroz, gado, etc. 1º Governador: — Vasco Fernandes Coutinho, seu fundador.

RIO DE JANEIRO. — Os portugueses, ao descobrirem a Guanabara, tomaram-na pela foz de um grande a que denominaram Rio de Janeiro, por ser descoberta no primeiro mês do ano. O nome passou à cidade de São Sebastião e mais tarde, à província do Estado do Rio. Cap. Niterói. Sup. 42.404 quilômetros quadrados. População: — 2.326.549. Produção: — açúcar, café, frutas, arroz, gado, etc. 1º Governador: — José Joaquim Rodrigues Tôrres, Visconde de Itaboraí.

DISTRITO FEDERAL. — Antiga cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, vulgarmente Sebastianópolis (Ver Rio de Janeiro) Município Neutro. Cap. Rio de Janeiro. Sup. 1.167 quilômetros quadrados. Produção: — frutas e cereais. 1º Governador: — Salvador Correia de Sá.

SÃO PAULO. — Os jesuitas edificaram na planície de Piratininga um colégio sob a invocação de S. Paulo. Daí o nome e à vila e depois à Província e ao Estado. Cap. S. Paulo. Sup. 247.239 quilômetros quadrados. População: — 7.871.750. Produção: — café, algodão, açúcar, gado, etc. 1º Governador: — D. Luiz Antônio de Sousa Botelho.

PARANÁ. — Pará-nã — semelhante ao mar. Nome dado, em geral, aos grandes rios. Cap. Curitiba. Sup. 189.897 quilômetros quadrados. População: — 1.213.520. Produção: — café, mate, vinho, frutas, gado, etc. 1º Governador: — Zacarias de Góis Vasconcelos.

SANTA CATARINA. — Nome que foi dado ao primeiro povoado e à ilha no local em que se levantou a Vila de Nossa Senhora do Destêrro, hoje cidade de Florianópolis e que se

estendeu, depois, a todo o território. Cap. Florianópolis, que constitui, com S. Luiz e Vitória, as três capitais brasileiras construídas em ilhas. Sup. 94.998 quilômetros quadrados. População: — 1.179.886. Produção:— mate, café, cereais, vinho, trigo, etc. 1º Governador:—Dr. José da Silva paes.

RIO G. DO SUL.—Rio G. do Sul foi o nome dado impropriamente ao canal que comunica á lagoa de Patos com o oceano. Rio Grande de São Pedro do Sul foi o primeiro nome ou nucleo de população branca fundado no atual Estado. Dai, por simplificação, Rio Grande do Sul. Cap. Porto Alegre. Sup. 285.289 quilômetros quadrados. População: — 3.577.302. Produção:—vinho, trigo, fumo, cereais, mate, bastante gado, etc.

MINAS GERAIS.—O território do Estado montanhês, quando erigido em Capitania independente, recebeu a denominação de Minas Gerais de Cataguaz, devido à abundância de minas auríferas. Cap. Belo Horizonte, cidade construída modernamente. Superfície:— 592.810 quilômetros quadrados. População: 8.598.140. É o Estado mais populoso do país. Produção:— café, açúcar, algodão, fumo, gado e grande produção aurífera. 1º Governador:— Capitão General D. Lourenço de Almeida.

GOIÁS.— Tira o nome das tribus dos guayás ou guayanases, que habitavam o seu território à época das bandeiras. Goiás é corruptela de gua-yá, que quer dizer homem parecido, ou gente da mesma raça. Cap. Goiânia, nova cidade especialmente construída para capital. Sup. 660.193. População: —875.196. Produção:— babassú, café, fumo, arroz, gado, etc. 1º Governador:—D. Marcos de Noronha.

MATO GROSSO.— Anteriormente Capitania de Minas de Cuiabá e Mato Grosso, passou depois a ser simplesmente Mato Grosso, devido às suas imensas florestas. Cap. Cuiabá. Superfície:— 1.477.041 quilômetros quadrados. População:— 435.346. Produção:— borracha, café, ipecacuanha, mate, gado, etc. 1º Goveenador: — Capitão-General D. António de Moura Tavares.

(Transcrito do Anuário «Brasil-Portugal», 1950)

A MANHECERA um domingo luminoso e calmo, como são as manhãs do sertão após uma noite de boa chuva.

Estava-se em Abril, e o inverno, começado embora um pouco tarde, parecia «criador». Já os produtos da lavoura nova apareciam na feira.

A povoação de Santa Maria do Potengi, num alto e a pouco mais de cem metros da margem do rio, com sua capelinha caiada e as casas tôdas de tijolo, parecida lavada e brunida, para o dia de descanso. O chão

de argila dura, no qual aqui e ali a pedra aflorava, cobria-se entre os numerosos trilhos que se cruzavam, de trechos de relva, onde brilhavam gotas de orvalho e pequeninas flôres azues duma planta rasteira.

Uma grande oiticica, ao lado da capela, parecia ter

as folhas lustradas pelo banho da chuva, que lhe lavara a poeira, e o marmeleiro, começando pouco além das últimas casas, ostentava a côr verde intensa, que tão pouco tempo se conserva.

Naquela região êsse asbusto é bem o característico do campo sertanejo. Passando grande parte do ano despido das folhas, que amarelecem, murcham e caem, antes de começado o rigor do verão, às vêzes desde julho ou agôsto, e com o aspecto desolado da planta morta em pé, logo à primeira chuva cobre-se de renovos avermelhados ou róscos que, se não demora a seguinte, dentro duma semana são folhas verdes, asperas, mas de perfume particular, que basta o atrito da passagem entre elas para desprender.

Desde porém, que o inverno começa a declinar, e quando ainda as outras plantas estão verdes, e as árvores, como o pereiro e o joazeiro, que resistem às longas estiadas, estão viçosas, o marmeleiro amarelece, as folhas se enrolam e vão caindo,

Assim o sertanejo. Com a primeira chuva êle renasce, é todo alegre, embora não tenha em casa mais que um pouco de farinha e um resto de feijão sêco. Quando colhe as pri-

| Páginas escolhidas |

ASPECTOS DO SERTÃO

| Antônio de Sousa |

mícias da lavoura, não as poupa, consome, vende por qualquer preço, dá aos que ainda não têm; mas se o inverno acaba cedo, ou foi fraco, êle entristece, «ajunta os grãos» e retira-se, porque nunca sabe se o ano seguinte terá outro.

O aspecto de Santa Maria é o de quase tôdas as povoações do sertão. Algumas casas têm platibandas cujos ornatos, pela ingenuidade do desenho, lembram os das cavernas da idade da pedra lascada; a maioria, porém, de duas águas, com biqueiras sôbre a rua, apenas se distinguem por terem umas a cumieira na direção do eixo da rua, e outras, as mais novas, apresentam o divisor perpendicular aquele eixo, que é o bastante para lhes darem a denominação de *chalet*.

As primeiras lançam as águas sôbre as calçadas, as outras, quase tôdas, são providas de calhas suspensas, que colhem as chuvas para as cisternas.

* * * * *

A CHAVE DE OURO

MOACIR DE LUCENA

Li, não sei onde nem quando, um conto oriental cujo nome e enredo, servem de base para estas considerações.

Fazendo desvendar mistérios surpreendentes, apresentando uma sucessão de quadros maravilhosos, a história, que meus olhos tiveram a sorte de ler, abalou de um certo modo meu espírito, não de todo realista, mas imune ao sentimentalismo exagerado.

Romance de autor ignorado, a pequena novela fazia realçar o esforço inaudito da população de uma cidade que, caminhando dia e noite através dos areiais do deserto, buscava encontrar o talismã perdido, a chave de ouro, que, segundo a tradição religiosa da terra das tamarceiras, constituia o símbolo da felicidade.

. . .

Nos dias que vivemos, dias de inquietação e incerteza: a humanidade, à semelhança daquela gente que procurava a chave de ouro, busca e tateia, errante e sem norte, uma jóia perdida, não menos preciosa e para a qual convergem todos os pensamentos.

Elemento vital para existência da civilização e conservação do património moral dos povos, é a paz sabiamente considerada como a essência do sublime ideal que o mundo procura conquistar.

No entanto, até hoje todos os esforços têm sido baldados, parecendo que a amizade entre os povos continuará, por muito tempo, uma aspiração inatingível.

É que as nações não tomaram ainda a verdadeira diretriz que deve ser seguida.

Está fóra de dúvida que o alicerce do pacifismo reside na escola primária, sendo a palavra do mestre a força que garantirá no futuro a construção de um mundo melhor e uma geração mais feliz.

Somente o professor primário, quando a missão de ensinar for considerada como a primeira entre as demais possuirá habilidade para fazer com que a paz tenha existência real.

O educador e ninguém mais conseguirá que a sentença do Divino Mestre — «Amai-vos uns aos outros», seja aceita, pelos habitantes do globo como o mais santo dos evangelhos.

Antologia Pedagógica

Normas para a organização das Caixas Escolares do Estado de São Paulo.

(Teobaldo Miranda Santos, Manual do Professor Primário)

1º — Em cada grupo escolar ou escola de aplicação, obrigatoriamente, e, quanto possível, nas escolas isoladas do Estado, haverá uma Caixa Escolar, destinada a socorrer as crianças reconhecidamente pobres, com o que for materialmente necessário para sua regular frequência às aulas e seu melhor aproveitamento.

2º — A Caixa Escolar será administrada por uma diretoria composta de presidente, tesoureiro, secretário e diretor e terá um conselho fiscal e protetor de 3 a 10 membros.

3 — O diretor do grupo escolar ou regente da escola será, obrigatoriamente, diretor da Caixa Escolar, não podendo nesta exercer outro cargo.

4º — O tesoureiro e o secretário serão, nos grupos escolares, eleitos dentre os professores do estabelecimento.

5º — Nos grupos escolares e escolas de aplicação de cidade em que haja mais de um grupo escolar, o conselho fiscal e protetor será constituído de 3 ou mais professores do estabelecimento.

6º — Nas localidades onde haja um só grupo escolar, para esse conselho serão eleitos dois ou mais professores e convidadas as autoridades locais — Juiz de Direito, Prefeito Muni-

pal, Promotor Público, Delegado de Policia, a maior autoridade eclesiástica, o Juiz de Paz, etc.

7º — Nas escolas isoladas o professor poderá exercer todas as funções administrativas.

8º — A eleição para a escolha da diretoria da Caixa Escolar será realizada, anualmente, de 1 a 28 de fevereiro.

9º — Os membros da diretoria da Caixa Escolar têm mandato por um ano, podendo ser reeleitos. O diretor é membro da diretoria, por força do cargo.

10º — Todo o numerário da Caixa Escolar deverá ser depositado na Caixa Econômica local; na falta desta, na Coletoria Federal local ou estabelecimento de crédito.

11º — As caixas escolares podem prestar aos alunos os seguintes auxílios:—roupas e uniformes, calçado, lanche, sopa escolar, copo de leite, cadernos, livros, óculos devidamente receitados ou indicados, material para o gabinete dentário (medicamentos e material de obturações).

12º — Os auxiliares para médicos e dentistas exigem autorização especial das autoridades superiores.

13º — A Caixa Escolar poderá atender, em casos excepcionais mesmo, crianças que não estejam matriculadas no estabelecimento.

14º — Medicamentos para escolares só serão fornecidos mediante receita médica.

15º — As funções da Caixa só devem ser exercidas por outras organizações. As Caixas podem, entretanto, desempenhar finalidades de ordem financeira das cooperativas escolares, onde estas não existem. Podem, também, auxiliar as demais organizações auxiliares da escola e concorrer com a sua colaboração pecuniária para as colônias de férias de escolares pobres, com a devida autorização superior.

16º — As contribuições dos alunos devem ser arrecadadas nas respectivas salas de aula pelos professores. As contribuições dos sócios não escolares serão arrecadadas mediante recibo.

Das medidas aconselháveis para a regular contribuição às Caixas Escolares.

Embora obrigatória a Caixa Escolar, há no assunto, um ponto que não deve ficar esquecido: o pedagógico. Trata-se de um benefício que os menos necessitados prestam aos mais necessitados.

A escola deve realizar junto às crianças e por elas jun-

Dr. Rômulo Vanderlei

Acaba de tomar posse do cargo de Diretor Geral do Departamento de Educação, no dia 2 de março último, em substituição ao prof. Severino Bezerra de Melo, que vinha exercendo essas funções há mais de seis anos, o ilustre dr. Rômulo Vanderlei.

Lente do nosso conceituado Colégio Estadual, onde exerce a cátedra de História Geral, o nosso Diretor da Educação assume o referido cargo com as melhores credenciais e animado do espirito de servir, sem medir sacrificios, a um dos mais importantes sectores da administração pública estadual.

Estamos cônscios de que o dr. Rômulo Chaves Vanderlei, dados os conhecidos predicados que o enaltecem e imbuído, como está, do espirito público, muito fará nas novas funções com que vem de ser distinguido pelo exmo. sr. Governador do Estado.

Bacharel em Direito e jornalista de bom nome, figura de escol, afeito às coisas públicas, o dr. Rômulo Vanderlei é um desses homens inteligentes e práticos de quem muito tem a esperar a instrução pública do Rio Grande do Norte.

«Pedagogium», interpretando a grande satisfação da classe, que representa, leva ao recem-nomeado as expressões mais cordiais dos seus votos de felicidades.

to às famílias um trabalho educativo, pelo qual se desperte, na consciéncia de cada um, o sentimento de solidariedade humana, indispensável à vida coletiva.

Por meio de palestras, histórias, leituras e comentários o professor irá aos poucos formando, no aluno, êsse sentido social.

Um impresso para registro das contribuições.

CAIXA ESCOLAR DO

GRUPO ESCOLAR

Fevereiro	cr\$	Julho	cr\$
Março	cr\$	Agosto	cr\$
Abril	cr\$	Setembro	cr\$
Maió	cr\$	Outubro	cr\$
Junho	<u>cr\$</u>	Novembro ...	<u>cr\$</u>
Total	Cr\$	Total	Cr\$

Página literária

Sonetos

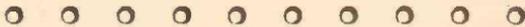
do Prof. Roque José da Silva

Ah! quanta vez, sonhando assim, converso,
me demoro a ouvir música infinita
modular para mim a mais bonita
melodia que existe no Universo!

Ah! me demoro a ouvir com a alma aflita,
assim parado, assim,—assim perplexo...
E em cada nota a mais, há mais um verso
que arrebatava e domina, e acalma e agita.

A vida a cada passo tem contraste!...
A esperança ao desengano vem unida
como as sombras à luz se unem no poente.

Ah! quanta vez assim!... Nada me afaste
de pensar, de pensar que seja a vida
sonhar como eu agora erroneamente.



PRIMEIRO DE ABRIL

Batem palmas. Talvez seja recado
p'ra mim... eu mesmo quero recebê-lo.
— « Senhô pra vosmincê. Foi mandado
por seu Germano. Deve conhecê-lo ».

— « Não deixe que um palerma possa vê-lo
confessando mentiras. Seja dado
ensino aos que envelhecem no cabelo
e deixam, criança, o espírito atrofiado ».

Mas êste homem, talvez, seja inocente,
ou, talvez, pague a culpa de um descrente
com que o destino em a vida lhe feriu!...

Senhor,— não é p'ra mim êste recado...
« Seu Germano » é o destino malvado...
Repare que hoje é Primeiro de Abril!

PROFESSOR SEVERINO BEZERRA

Deixou a direção do Departamento de Educação o professor Severino Bezerra de Melo que, com muita competência e dedicação, vinha exercendo essas funções durante várias administrações. Com o seu pedido de dimissão ao governador José Varela, o professor Severino Bezerra voltou ao exercício de sua cadeira no Colégio Estadual, onde é catedrático e depois entrou no gozo de uma licença-premio a que tinha direito. Serviu nos governos do Comandante Bertino Dutra, Generais Antônio Fernandes Dantas e Orestes Silva, Ubaldo Bezerra, Georgino Avelino, Miguel Seabra Fagundes e, ultimamente, vinha auxiliando o governo do Dr. José Varela, procurando sempre desenvolver os vários serviços do Departamento de Educação e criar outros entre os quais a Escola Profissional Feminina, os Jardins de Infância, os Cursos Orfeônicos e os Cursos de Cultura Física, revelando, em todos êsses empreendimentos, a coragem decidida de ser cada vez mais útil no exercício de suas elevada funções.

Na direção do Departamento de Educação, procurou sempre prestigiar os professores, aplaudindo as iniciativas e junto ao governo nunca deixou de falar em proveito do magistério. É de justiça dizer-se que o Departamento de Educação, sob a direção do professor Severino Bezerra, efetuou grandes realizações e com o prestígio que lhe dispensava o governo êle conseguiu animar o movimento educativo promovendo festas cívicas com as escolas públicas, deixando em todos a mais viva impressão.

Quando deixou o Departamento de Educação, o professor Severino Bezerra recebeu do magistério secundário e primário uma grande manifestação de apreço que valeu por uma verdadeira consagração ao velho servidor da causa pública em nosso Estado.

A «Associação de Professores» nunca deixou de receber do professor Severino Bezerra as maiores provas de consideração e foi muitas vezes ouvida em questão do ensino público, sendo o seu parecer acatado pelo ilustre titular do Departamento de Educação.

Na organização dos Estatutos do Magistério do Estado o professor Severino Bezerra colaborou com eficiência e quando aprovado pela Assembléia Legislativa do Estado o governo vetou alguns dos seus artigos o professor Severino Bezerra, ainda na direção do Departamento de Educação, mandou á «Associação de Professores» um longo officio comentando, com respeito, porém com energia, o ato do governo que vinha assim prejudicar as mais justas aspirações do Magistério.

O Velho Grupo

SINHÁZINHA VANDERLEI

Visitei-o!

Com o coração oprimido e os olhos enevoados, fitei a sua fachada majestosa e triste, onde se lia o nome do seu augusto Patrono!

Parecia-me que o seu todo exprimia a saudade, o abandono!..

A direita do pátio de recreio, o jazeiro re florida de pequenos *bouquets* amarelos, onde borboletas multicores auriavam o néctar das flôres douradas.

Na área, a continuar, uma trepadeira ramalheta de florinhas róseas, guirlandava-se sobre as hastes ainda verdes das pinheiras.

A brisa trazia-me da várzea, o perfume das quixabeiras então floridas e a orquestração magnífica dos pássaros!..

Sobre o telhado andorinhas saltitavam, como a dizer coisas blandiciosas áquêle prédio arruinado, em cujos beirais encontraram sempre um morno abrigo.

E eu subi vagarosamente os batentes da pequenina escada de cimento, penetrei nos salões e veio-me á mente o verso da estrofe sentimental de Luiz Guimarães: «Chorava em cada canto uma saudade».

O espírito transportou-me então a quadras mais risonhas e lembrei-me de todos os Directores que passaram pelo Grupo: Luiz Soares, João Celso, Antônio Fagundes, Alfredo Simoneti, Raimundo Nonato, Mário Cavalcante, Rita Sampaio, Madalena Lima, Antônio Guerra e João de Deus Bessa. Todos estes seres queridos e respeitadas, desfilarão na tela das minhas recordações!..

Parecia-me ver crianças e professores a leccionar e... chorei as minhas perdidas ilusões, as flôres das minhas esperanças ressequidas no roseiral da minha alma!

Emocionada, desci ao pátio, colhi um braçado de flôres campesinas e deixei-as cair sobre os degraus, como testemunho do meu afeto e da minha saudade.

Parece-me que ornei com elas, o túmulo das minhas aspirações.

Oh! meu velho Grupo! Trago-te fotografado no Album do coração e quando a saudade alancear-me o peito, eu virei ofertar-te o meu Colar de Pranto.

RETALHOS DOS JORNAIS E DAS REVISTAS

Faleceu Haroldo Laski

LONDRES — (AFP) — Faleceu o teórico e antigo líder do Partido Trabalhista, professor Haroldo Laski.

TRAÇOS DE LASKI — Haroldo J. Laski nasceu em 30 de junho de 1893 em Manchester. Educação na Manchester Grammar School e New College de Oxford. Doutor em Direito pela Universidade de Atenas em 1937. Casou-se com Frida Kerry de quem teve uma filha. Professor de História da Universidade McGill de 1914-1916 e da Universidade de Harvard de 1916-1920. Lecionou ainda em outras Universidades como Yale e Londres. Eleito vice-presidente do Comitê Executivo do Partido Trabalhista em 1944, presidente em 1945. Membro do Comitê Executivo da Sociedade Fabiana de 1922-1936.

Livros publicados: O problema da soberania, 1917; A Autoridade do Estado Moderno, 1919; Pensamento político de Locke a Bentham 1920; Fundamento da Soberania 1921; Uma gramática política, 1925; Comunismo, 1927; A liberdade no Estado Moderno, 1930; Os perigos da obediência, 1930; Introdução à política, 1931; Estudos de direito e política, 1932; A crise e a constituição, 1932; Democracia em crise, 1933; O Estado em Teoria e Prática, 1935; O Advento em Liberalismo Europeu, 1936; O Governo Parlamentar na Inglaterra, 1938; O Presidencialismo americano, 1940; Os direitos do Homem, 1940; Para onde vamos, 1941; Reflexões sobre a revolução do nosso tempo, 1943; Fé, Razão e Civilização, 1944.

A Mulher e a Política

Com o correr do tempo, a mulher desempenha papel cada vez mais importante nos governos municipais dos Estados Unidos. Portland, cidade do Oregon, com mais de 400.000 almas, elegeu para o cargo de prefeita uma mulher. Em muitas outras cidades os cargos eletivos estão ocupados por senhoras. As mulheres eleitas jamais haviam ocupado cargos públicos. A Sra. Minnie Miller, prefeita, é viúva e mãe de cinco filhos. Nunca trabalhara fora do lar. Em Gras Lake, no Michigan, foram eleitas nove mulheres para cargos municipais.

Rui e a língua portuguesa

Rui disse, falando à beira do túmulo de Machado de Assis, que êste cantava com Camões e prosava com Frei Luiz de Souza. Foi a primeira e única vez que êle orou junto a uma sepultura. Parecia indicar que ninguém manejava com mais perfeição a língua portuguesa do que o poeta das «Crisálidas» e memorialista de «Braz Cubas». Mas parece que aí Rui se espueceu de si mesmo. Referindo-se à «Réplica» João Ribeiro, filólogo e gramático dos maiores aqui e em Portugal, escreveu em 1904, na décima edição de sua «Gramática», que aquela era «monumento de saber filosófico, onde, com a ciência do erudito, se ajustam as qualidades de grande escritor». E Candido de Figueiredo, tradicionalmente prevenido contra o estilo e os estilistas do Brasil, a propósito dessa mesma «Réplica», proclamou em Lisboa, em 1919, que ela era «de fato um monumento de linguística e de dialética, e basta folheá-la para se convencer de que ainda não se publicou obra mais profunda e mais prestadia em assuntos de língua portuguesa». Mais adiante, reafirma ser Rui «um escritor modelar».

Rui foi o campeador máximo e glorioso na luta para mostrar que não havia «dialeto brasileiro», mas língua portuguesa. A «Réplica», entre outros serviços à cultura do país, prestou mais êste: o de provar a inanidade de dois idiomas, um em Portugal e outro no Brasil. Quem leu a «Réplica» e a tréplica de Carneiro Ribeiro, o grande contendor de Rui a propósito da redação do projeto do Código Civil, não pode deixar de sorrir com essa história que anda por aí, de língua portuguesa e língua brasileira...

Conta-se que, nos primeiros tempos de Vieira, era a sua memória toldada de espessa nuvem. Devoto da Virgem, um dia ajoelhado ante a sua imagem, em fervorosa oração, pediu que ela o ajudasse. De repente, sentiu como um estalido de dor aguda na cabeça: era a Virgem que o escutára e lhe deferia a súplica ardente. O véu espesso se rasgára e Vieira sentiu-se tão outro que logo se tornou dos mais distintos alunos. Assim, o referem as crônicas do tempo...

Aos 18 anos já Vieira ensinava retórica no colégio de Olinda.

Decálogo da educação da criança organizado pelo prof. norte-americano D. Thom

- 1.º — Evitar a solicitude demasiada para com as crianças, pois que isto é causa mais comum do complexo ego-cêntrico que comprometerá tôda a sua futura adaptação social e pode levar à paranoia e outras doenças mentais contíguas.
- 2.º — Não tratar as crianças com muito mimo. Isso só pode efeminá-las, desprevenindo-as, assim, da luta pela vida.
- 3.º — Não satisfazer todos os desejos e caprichos das crianças; alguns apenas, os mais legítimos e razoáveis e mesmo assim só como recompensa por ato meritório qualquer, praticado pela criança.
- 4.º — Não comprar o bom comportamento das crianças com promessas de gorjetas ou guloseimas.
- 5.º — Não comprometer a sua autoridade para com as crianças, mentindo-lhes ou falsificando os fatos ou motivos; mais cedo ou mais tarde a criança virá a descobrir isso e perderá o respeito e a fé no que se lhe disser.
- 6.º — Não fazer ameaças inúteis que nunca se realizam, pois a criança não lhes ligará importância e desprezará a autoridade de quem as fizer.
- 7.º — Não ser frio e indiferente e muito menos repelente para com as crianças.
- 8.º — Não ser descortez e brutal; problemas que preocupam as crianças deviam ser considerados com simpatia e apreço, mesmo quando suas ambições não podem ou não devem ser satisfeitas.
- 9.º — Não elogiar as qualidades ou criticar os defeitos da criança, na sua presença, maximé, se são defeitos físicos ou de outra espécie que não podem ser corrigidos.
- 10.º — Não discutir ou discordar sobre questões de disciplina, na presença da criança.

FRUTAS

A BANANA

Pertence a bananeira à família das musáceas. Suas úteis fibras são chamadas canhamo de Manilha.

Estudos feitos no museu de Harlem provam que a banana é o alimento mais rico e de mais fácil digestão, até hoje conhecida, em igual peso.

A banana contém mais açúcar ou hidratos de carbono que qualquer outra fruta; albuminas que podem substituir em parte as da carne e dos ovos; gordura facilmente assimilável; celulose para limpar os intestinos; cálcio que evita o raquitismo; ferro que regenera o sangue; fósforo que vivifica o cérebro; vitaminas as mais úteis e necessárias ao homem.

Incrementar o consumo da banana é obra do nosso Governo pelo grande teor de alimentação que o fruto encerra, prestando-nos admiravelmente, à merenda.

Do ponto de vista profilático é grande a vantagem da banana em relação a outras frutas: acha-se protegida pela casca, que a envolve, como um estojo, não a deixando entrar em contato com as poeiras do ar, com os musgos que atacam outras frutas, os micróbios, as moscos, as mãos sujas...

* * * * *

Que exemplo de Mestre!

Falando a respeito de Afrânio Peixoto, educador, diz o Prof. Lourenço Filho que, convivendo com êle, mais de um lustro, no mesmo estabelecimento de ensino, nunca o viu dar uma falta às aulas, nem chegar um minuto atrasado, nem despedir os alunos antes da hora regulamentar. E os alunos, após as aulas, o seguiam, pelo corredor, em animadas perguntas sôbre a matéria explicada, ou em comentários sôbre os problemas propostos. Afrânio Peixoto revelava-se, assim, o tipo daquele professor exato e completo, de que nos fala Câmara Cascudo, à altura, portanto, da cátedra, que ocupava, e onde fulguravam as centelhas divinas de seu cérebro privilegiado, dignificando e enaltecendo a instrução e a educação da Pátria estremeçada.

Grãos de sabedoria

Sem uma forte vontade não se pode fazer nada de bom.

M. D'azeglio

Uma sólida vontade habilita o homem a fazer, ou a ser aquilo que êle se propôs de fazer ou ser.

Smiles

No meio é que a virtude tem firme o seu lugar; quem vai pelos extremos não a deseja achar.

Silva Alvarenga

A tristeza é o avesso
de tudo que nos sorri...

Maria Eugênio Celso

O mundo está cheio de gente de talento que não sabe como deve pensar.

Voltaire

Um talento forma-se na tranquillidade; um caráter na tormenta do mundo.

Goethe

As traduções parecem-se com as mulheres: se são fiéis não são belas e se são belas não são fiéis.

Karl Bertrand

O grande ídolo das mulheres é a moda.

Oreustiern

Quase sempre os grandes crimes têm sido cometido por célebres ignorantes.

Voltaire

A ignorância para nada é boa e a tudo prejudica. É impossível que das trevas possa sair luz, e quem caminha em trevas está muito sujeito a perder-se. Os séculos mais igno-

rantes e mais grosseiros, sempre foram os mais viciosos e corrompidos.

De La Chalotais

* * *

Quando se atiram honrarias a mancheias, indigentes as apanham, e o mérito retira-se.

Napoleão

* * *

Não acredito no horóscopo. A 15 de agosto de 1796 nasceram no mundo 86.400; mas só houve um Napoleão.

Pitigrili

* * *

A linha horizontal é uma vertical que pisou numa cascata de banana.

Toddi

* * *

Desgraçado é aquele que não sabe sacrificar um dia de prazer aos deveres da humanidade.

J. J. Rousseau

* * *

A futura conduta, boa ou má, de uma criança, depende unicamente da mãe.

Napoleão

* * *

Há no coração de uma criança o mesmo sentimento de justiça que na alma de uma grande nação.

O. Feuillet

* * *

Os homens experientes tiram proveito de tudo e de todos; dos seus amigos e dos seus inimigos.

Xenofonte

* * *

Os tigres não se domesticam na escola dos homens; mas os homens, algumas vezes, tornam-se ferozes na escola dos tigres.

Chateaubriand

* * *

Hipócrita: um menino que vai à escola com um sorriso nos lábios.

J. Garland Pollard

* * *

O sofrimento, quando feito da resignação, é o harpejo

UMA VERDADEIRA MESTRA

Mário CAVALCANTE

Chamava-se Emilia Rodrigues. Morreu há três meses, em Macaíba, com 84 anos. Passou 63 ensinando. Nunca teve férias, nem licença. Ferida por uma terrível paralisia que lhe matou as pernas, mesmo assim, pregada a uma velha cadeira, ensinava das 7 da manhã às 9,10 da noite.

Nunca ouvi falar numa tão grande vocação e amor ao ensino. A única remuneração que tinha era uma mísera subvenção de Cr.\$ 100,00 mensais. Nada cobrava dos seus alunos. O seu bom humor era contagiante. Quem quisesse vê-la zangada, lhe falasse em aposentadoria. Dizia que não poderia viver sem a sua escola. Esta era como que um complemento da sua própria vida laboriosa e útil.

Nas vascas da agonia, nos seus últimos momentos, repetia estas palavras: «Ainda não mandei os papéis da minha escola para o Departamento». Era o alto senso da responsabilidade.

Ó doce e bondosa velhinha! Que o teu exemplo, belo e magnífico, sem igual na história da Educação em nossa terra, frutifique para o bem do R. G. N. e do Brasil! Que Deus abençoe a tua alma e lhe dê a sua Santa Paz, como recompensa pelos imensos benefícios que fizeste neste mundo!

de uma dôr, dentro dos supiros mais sentidos da alma; porém, quando gerado no seio da revolta, é o túmulo terrível de todos os suplicios conjugados num só princípio de monstruosas atrocidades... O 1º é a dôr enredada de bálsamos suavíssimos, de sutis visões que falam de uma vida mais bela e imperecível, — a Eternidade; o 2º é a lascinação do corpo e o tormento da alma no cadinho dessas alucinações que se manifestam nesses proscritos do Bem. Quando às portas da morte porque eles temem o perecer uma vez que sentem na inconsciência que se devem suceder novos perigos, novos martírios, então mais duradores, porque maiores foram os seus delitos que não podem passar impunes, que devem ser resgatados.

Avlis

* * *

O pranto é a aspensão espiatória que se faz à alma com o cristal puríssimo das lágrimas.

Avlis

* * *

O Céu é o espaço infinito onde existe a verdade.

Avlis

SOCIAIS

ANIVERSÁRIOS

Mês de fevereiro:

1—Maria Jorge Moreira, professora do G. E. «Alberto Maranhão», de Nova Cruz, e Maria Belém Câmara, professora da Escola Normal de Natal.

3—Isabel Maria do Nascimento, professora do G. E. Pedro Velho», de Pedro Velho.

4—Maria Barreto Ramalho, professora do G. E. «Augusto Severo», desta Capital.

5—Ernestina Leão Rodrigues, professora e diretora do G. E. «Tito Jácome», de Augusto Severo, e Ana Nogueira Freire, professora do G. E. «30 de Setembro», de Mossoró.

6—Zilda Barbosa Lima, professora das E. R. «Júlia Barbosa», de S. Miguel (Angicos).

8—Maria do Céu Ferreira, professora do G. E. «Moreira Brandão», de Goianinha.

14—Francisca Freire de Carvalho, professora de Educação Física da Escola Normal de Mossoró.

24—Osvágrio Rodrigues de Carvalho, professor do G. E. «Meira e Sá», de Santana do Matos.

25—Odete de Miranda Fonseca, professora do G. E. «Augusto Severo», desta Capital.

26—Alzira Cavalcanti de Carvalho Nunes, professora das E. R. «Demétrio Lemos», de Demétrio Lemos, e Alzilina Gomes de Sena, professora das E. R. «Prof. Manuel Garcia», de Fernando Pedrosa.

27—Olindina Alves de Araújo, professora do G. E. «Moreira Brandão», de Goianinha, e Neusa Aguiar, professora e diretora do G. E. «Cel. Antônio do Lago», de Touros.

28—Maria de Lourdes Leite Firmo, professora do G. E. «Frei Miguelinho», desta Capital.

Mês de março:

2—Mário Tavares de Oliveira Cavalcanti, diretor do G. E. «Augusto Severo», desta Capital.

5—Elita Elina da Costa, professora da E. I. de Morrinhos (Nisia Floresta).

6—Maria Sílvia de Vasconcelos Câmara, professora e diretora do G. E. «Antônio Carlos, de Caraúbas.

8—João de Deus Bessa, Inspetor de Ensino da 5ª região.

9—José Fabricio de Oliveira, professor do G. E. «Frei Miguelinho», desta Capital.

13—Maria de Lourdes Silva, professora do G. E. «Pe. João Maria», de Jardim de Piranhas.

14—Irene Soares de Carvalho, professora da E. I. de Laranjeiras (S. José de Mipibú).

17—Helena Silva, professora das E. R. «Mascarenhas Homem», desta Capital.

23—Maria Leonor Cavalcanti, professora do G. E. «Senador Guerra», de Caicó.

24—Dr. José Ivo Cavalcanti, professor da Escola Normal de Natal.

25—Maria da Cunha Ferrandes, professora do G. E. «Frei Miguelinho», desta Capital.

27—Maria Lídia Pereira Dias, professora do G. E. «Isabel Gondim».

28—Giselda de Oliveira, auxiliar de Estatística do Departamento de Educação.

29—Maria Arací Menescal, professora do G. E. «Moreira Dias», de Mossoró.

Mês de abril:

6—Maria da Conceição Costa, professora do G. E. «Alberto Tórres», desta Capital.

8—Gerson Dumaresq, professor da Escola Normal de Natal.

9—Maria Orione de Carvalho, professora do G. E. «João Tiburcio», desta Capital.

10—Hilda Correia da Costa, professora das E. R. de Jundiá (Macaíba).

11—Iolanda Fernandes de Medeiros, professora da E. I. de Fontes (S. José de Mipibú).

11—Raimunda Dias Aoem, professora das E. R. «Jerônimo Rosado», de Sebastianópolis (Mossoró).

16—Josefa Botelho, professora aposentada.

18—Olindina Cortês dos Santos Lima, professora do Colégio Estadual, secção feminina.

22—Sotera Arruda Fialho, professora e ex-diretora do G. E. «Joaquim Correia», de Pau dos Ferros.

RELATÓRIO apresentado pela presidente da Cooperativa Escolar do Grupo Escolar "Barão do Rio Branco", de Parelhas

Caros Associados desta Cooperativa:

Em cumprimento ao que determinam nossos Estatutos e a lei das Cooperativas em geral, aqui estamos reunidos em Assembléia Geral dos Associados para a tomada de contas e decidir sôbre os destinos da Cooperativa Escolar, isto é, apresentação do Relatório das atividades financeiras e sociais e, bem assim, tratarmos da eleição e posse da nova diretoria que, desta mesma data, passará a reger esta Sociedade.

É com satisfação que venho relatar-vos êsse movimento porque felizmente a Cooperativa Escolar de Parelhas, se bem que não tenha desenvolvido muito em relação ao capital dos sócios e à venda de artigos escolares, entretanto tem-se mantido satisfatoriamente, cumprido fielmente o programa de bem servir aos associados, fornecendo-lhes os artigos escolares, pelo preço inferior ao do comércio, enquanto faz também sua economia social, ampliando o Fundo de Reserva que é a garantia de sua existência, não deixando de satisfazer os seus compromissos. Por outro lado, tem educado e ensinado, pelo menos aos que dirigem, a escrituração o que mais tarde lhes servirá.

Solicito, portanto, a atenção desta seleta assembléia para a leitura deste Relatório e, bem assim, do Parecer do Conselho Fiscal, da Situação atual ou Balanço Geral em 30/12/1949, com a Demonstração da Conta de Lucros & Perdas ou Conta de Resultados, documentos estes que deixo anexos para melhor apreciação dos sócios.

PARTE SOCIAL

Foi realizada no dia 10 de fevereiro do ano passado a Assembléia Geral dos Associados, na qual, além da leitura do Relatório, pela então presidente, Ioneide Pereira de Macedo, seguiu-se a eleição e posse da Diretoria cujo exercício ora termina.

A Assembléia elegeu-me para o cargo de Presidente que tive de aceitar, na certeza de não haver desempenhado como

devia, o fiz quanto me foi possível, apelando sempre para a generosidade dos bons colegas a desculpa das falhas que foram muitas porém involuntariamente cometidas.

Realizaram-se as demais reuniões mensais, sempre assistidas pelos professores Raimundo Guerra, Diretor do Grupo e Alzira Fernandes Câmara, escolhida para orientar os trabalhos da Cooperativa. A ambos os nossos agradecimentos sinceros pelo que nos orientaram afim de que pudéssemos chegar ao término de mais um ano de lutas e de vitórias da única instituição cooperativista escolar, neste Estado, dentro desta modalidade.

Tivemos durante o ano a honrosa visita do Sr. Juvino dos Anjos, Chefe da Divisão de Cooperativas, neste Estado, e que muito se tem interessado pelo progresso de nossa Cooperativa Escolar.

Quanto ao número de sócios:

Existiam	261
Entraram no correr do ano	48
Eliminados no 1º mês	23
Existência atual	226

PARTE ECONÔMICA

O Capital Social é atualmente de Cr\$ 688,00, o que ainda representa pequena proporção em relação ao número de sócios, pois equivale a menos de duas quotas partes de capital para cada um.

Em nome do Sr. Diretor do Grupo, que muito se interessa pela Cooperativa, faço um apelo aos associados que possuem menos de cinco quotas partes, que aumentem seu capital durante este ano de 1950, subscrevendo mais quatro quotas partes.

Em relação à venda de Artigos Escolares:

	Cr\$
Saldo do ano de 1948	373,30
Adquirido durante o ano de 1949	2.967,19
Vendido durante o ano	2.391,58
Existente em estoque (p/1950)	948,91

Para maior clareza, transcrevo aqui o resultado do Balanço Geral, realizado em 30 de dezembro de 1949.

ATIVO

Dinheiro em Caixa	275,90	
Depósitos em Cooperativas	1.200,00	
Artigos Escolares	948,91	
Material de Expediente	<u>377,20</u>	2.802,01

PASSIVO

Capital	688,00	
Fundo de Reserva	2.112,19	
Divisão de Cooperativas	<u>1,82</u>	2.802,01

CONCLUSÃO:

Feita esta sumária exposição, completada com os documentos que vão anexos, como sejam a Demonstração da Conta de Lucros & Perdas, o Parecer do Conselho Fiscal e Balancetes de Verificação e de lançamentos para o Balanço, dou por terminada a missão que me foi confiada. E, tendo também concluído o curso dêste estabelecimento de ensino, agora me despeço desta cooperativa Escolar, fazendo ainda um apêlo aos companheiros que ficam, no sentido de trabalharem todos unidos, em cooperação, para que triunfe sempre esta admirável escola de Cooperativismo.

Cooperativa Escolar do Grupo Escolas «Barão do Rio Branco», em Parelhas, 18 de fevereiro de 1950.

Edite Pereira da Costa — Presidente

Visto

Raimundo Guerra — Diretor do Grupo

Demonstração da Conta de LUCROS & PERDAS, anexo ao Balanço Geral em 30 de dezembro de 1949.

DÉBITO

DESPESAS GERAIS

Valor dos gastos neste exercício	Cr\$ 99,90	Cr\$
--	------------	------

MATERIAL DE EXPEDIENTE

Pelo material consumido durante o ano	110,80
---------------------------------------	--------

FUNDO DE RESERVA

Valor creditado a essa conta conforme o art. 41 dos Estatutos.	<u>436,29</u>	646,99
---	---------------	--------

CRÉDITO

ARTIGOS ESCOLARES

Lucros verificados neste exercício conforme Balancete de Verificação... 562,49

JUROS DE DEPÓSITOS

Valor dos juros de nossos depósitos na Coop. Agro Pec. de Parelhas, Ltda.... 60,50

JOIAS

Valor das joias de admissão recebidas dos sócios durante o ano..... 24,00 646,99

Parelhas, 30 de dezembro de 1949

Edite Pereira da Costa—Presidente
 Maria Lindalva de Araujo—Gerente
 Alzira Fernandes Câmara—Prof^a. Encarregada

Visto

Raimundo Guerra—Diretor do Grupo

BALANÇO GERAL, em 30 de dezembro de 1949

ATIVO

Dinheiro em Caixa	Cr\$ 275,90	
Depósitos em Cooperativas	1.200,00	
Artigos Escolares	948,91	
Material de Expediente	<u>377,20</u>	2.802,01

PASSIVO

Capital	688,00	
Fundo de Reseva	2.112,19	
Divisão de Cooperativas	<u>1,82</u>	2.802,01

Parelhas, 30 de dezembro de 1949

Edite Pereira da Costa—Presidente
 Maria Lindalva de Araújo—Gerente
 Alzira Fernandes Câmara—Prof.^a Encarregada

Visto

Raimundo Guerra—Diretor do Grupo

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Nós, abaixo assinados, membros efetivos do Conselho Fiscal da Cooperativa Escolar do Grupo Escolar «Barão do Rio Branco», desta cidade de Parelhas, reunidos, de conformidade com os Estatutos e a lei de Cooperativas, com a presença do Diretor de Estabelecimento de ensino, em um dos compartimentos onde funciona a Cooperativa Escolar; examinamos minuciosamente os livros e documentos comprovantes do movimento dêste exercício de 1949.

Todos os livros e documentos examinados estão na melhor ordem, escriturados e devidamente arquivados, colecionados os papéis no «Registrador velox», por ordem alfabética conforme os assuntos.

Por isso, sem favor, aplaudimos a boa orientação desta Sociedade, escola de Cooperativismo, e recomendamos à Assembléia que aprove o Balanço Geral, também confeccionado nesta data, inclusive a demonstração da conta de Lucros & Perdas.

Êste parecer deverá ser apresentado e lido na Assembléia Geral dos Associados a se reunir no mês de fevereiro próximo vindouro.

Parelhas, 30 de dezembro de 1949.

Severino Pereira de Araújo — Fiscal efetivo

Maria José Guerra « «

Margarida Florentina da Silva « «

Visto

Em 30/12/1949

Raimundo Guerra
Diretor do Grupo

LIVRARIA MODERNA

Completo sortimento de livros adotados pelo
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO,
para os Grupos Escolares, Escolas Reunidas e
Isoladas do Estado.

Livros para os cursos ginasiais e colegiais e Art. «91»

Mapas geográficos, material para desenho,
Canetas Parker e Sheaffers, livros para escrita co-
mercial e fiscal, cadernos escolares, tudo pelos
MENORES PREÇOS DA PRAÇA.

DESCONTOS ESPECIAIS PARA OS REVENDEDORES
NÃO ESQUEÇA ESTA VERDADE:

A Livraria Moderna

é a casa que dispõe de melhores condições para
fornecer material escolar aos estudantes de tôdas
as escolas do Estado.

PRAÇA GENTIL FERREIRA, 1367

EDIFÍCIO LEITE - Alacrim

FONE 20.42

Natal - Rio Grande do Norte

PEDAGOGIUM

SUMÁRIO

(36)

I — Tita — Minha Mestre	Assis Silva
II — Mandamentos do Educador	Transcrição
III — Métodos de educação familiar	Otto Guerra
IV — Uma história ignorada	Mário Cavalcanti
V — Os Jesuítas, nossos primeiros mestres	F. Rodrigues Alves
VI — O pre-escolar e o jardim da infância	Dr. Abelardo Melo
VII — Rodolfo Garcia	R. Nonato
VIII — João de Barros, senhor do Rio O do Norte	Câmara Cascudo
IX — Vacinação na infância	Dr. Lucio de Souza Carvalho
X — El estudio del español	Prof. Braulio Sánchez Sáez
XI — Escolas Rurais	Raimundo Guerra
XII — Pulpitante exemplo de idealismo	José Cajuniro
XIII — Factário poético	Roque Silva
XIV — Notas & Fatos	Redação
XV — Charadas	Oswaldo Rodrigues
XVI — Recordando a figura de um educador	Palmerio Filho
XVII — Educando para a vida	Emilia Soares de Carvalho
XVIII — Mãe preta	Cláudio Figueira
XIX — Como se é bom mestre	Transcrição
XX — Fatos e curiosidades do vernáculo	Prof. Sebastião Valença
XXI — Problemas da educação infantil	Antônio E. da Silva
XXII — Frutas	Redação
XXIII — Estatutos do Magistério Público	
XXIV — Relatório da Associação de Professores	

P E D A G O G I U M

ÓRGÃO OFICIAL DA "ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

Revista dedicada aos interesses do Magistério e à
divulgação da cultura pedagógica.

(3 . º F A S E)

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

E X P E D I E N T E

DIRETOR — *Prof. Luis Soares*
SECRETÁRIO — *Prof. F. Rodrigues Alves*

Redatores:

Professores: *R. Nonato — Acrisio Freire — Antonio Estevão*

Colaboradores — Diversos

As colunas de PEDAGOGIUM estão franquizadas aos professores.
Publicaremos, com muito prazer, todo e qualquer artigo que se
relacione com a instrução e a educação.

CORRESPONDENCIA

Toda correspondência deve ser dirigida ao **Prof. F. Rodrigues Alves**
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — NATAL — RIO G. DO NORTE

TITA — MINHA MESTRA

Assis SILVA

FRANCISCA ALVES DE OLIVEIRA, a quem Mossoró deve inestimável serviço prestado como educadora, padece as agruras de uma velhice desamparada. Se fôsse funcionária pública estaria, provavelmente, aposentada pelo trabalho espinhoso, ininterrupto e inglório, que abraçara.

Dedico de coração esta crônica àquela que me ensinou as primeiras letras na carta tricolor de Laudelino Freire.

Tita, ex-discípula do velho professor Miguel Rocha, cuja escola minha mãe também frequentou, naquela cidade, é filha de José Alves de Oliveira (ver Bn-3 da "Família Alves de Oliveira", pg. 32 do BOLETIM BIBLIOGRÁFICO, n. 7, de 3-12-48—Mossoró, num estudo de Francisco Fausto), e de Maria Alves de Oliveira. Solteira, nasceu a 18 de setembro de 1872, em Mossoró, onde reside na companhia de suas irmãs, à rua Idalino Oliveira, 44. O homenageado pela placa indicadora desta rua era seu tio

Professora particular, lecionou durante trinta anos à juventude de minha terra que foi buscar, naquele templo, as primícias do saber.

Cega da vista direita, o defeito físico não lhe privara o exercício da árdua atividade espiritual, da ingrata missão de ensinar.

Figuras de destaque no mundo intelectual, político e social de Mossoró "alisaram" por algum tempo os duros bancos da antiga escola, algumas das quais foram contemporâneas nas lições e nas diabruras da meninice.

Foram seus alunos, dentre outros, Dr. Mário Negócio, jornalista Joel Carvalho, Euclides, André e Joãozinho Leite, Pedro Leite Filho, Joel e Jorge Ricarte, Alfredo Pinto (Moreno) Pericles Mota, José Negócio, Nacés Costa, Amarinho Duarte Francisco Morais, Astolfo Costa, professora Bessinha, Josefina Gurgel Filgueira, dr. Thiers Rocha e seus manos Elso e Sebastião, o beletrista e cantor Chico Reis, drs. Hilário, Zacarias e Raimundo Gurgel Cunha, dr. Vicente Luz, dr. Antônio Mota, Francisco Mota, d. Nail Soares de Medeiros, Padre José Gregório, Francisco Filgueira Filho (velho Filgueira), Artur Paraguai, Pedro Paraguai, Raimundo, Décio e Francisca Barbosa,

Alaíde Figueira, meus irmãos Antônio e Maria Ponciana, d. Maria Fernandes (Corôca), d. Geísa Couto, d. Maria Nazaré, dr. Carlos Borges, Mirabeau e Pedro Borges, d. Maria Madalena Borges.

Guardo, ainda, nítidos, na memória, interessantes aspectos da vida escolar na casa da rua arborizada pelos frondosos tamarindeiros. Recordo-me, vivamente, das figuras gravadas nas páginas do 1.º livro de Felisberto de Carvalho: a pá, o pé, a vela, o javali. Depois, meu livro de leituras difíceis: "Ciências Físicas e Naturais", de F.T.P. Da obra didática, permaneceu por muito tempo no pensamento, a figura do esqueleto humano, a povoar de imagens pavorosas os meus sonhos de criança.

Gostávamos mais dos alfinins do que das lições, feitos naquela casa e vendidos ao preço de vintém. Aquilo constituía a "tentação" da garotada, à hora dos exercícios escritos ou da tarefa escolar. *Enchiamos a boca d'água*, mal sentíamos o cheiro do mel fervido, vindo do interior. "Inventávamos", então, de ir lá fora, conduzindo a "licença oficial", sempre à mesa, a-fim-de assistirmos um pouco a faina do *puxa-puxa* e *matar o tempo* rotineiro. Até aqui tudo muito bem. Desagradável, porém, era levar um *ôlo* pela mão canhota de "minha mestra". Aplicado o castigo, à careta da "vítima", sucedia-se um "ai!" de fazer dó. Aos sábados havia argumento, com "bolos" revesados entre os mais "sabidos". Aulas mistas, a gente tinha acanhamento das meninas, principalmente, quando se cantava o "B-a-bá". Na mesa central, no momento da lição soletrada e cantada, corávamos ao pronunciar a sílaba da "carreira" do *c-a-cá*... A vergonha, subindo ao rosto, era dissimulada pela Carta aberta à altura dos olhos. Estudava-se a tabuada também cantada, ao ritmo do balanço das pernas, sentados no banco. Havia o rascunho, a lousa com "crayon", a leitura manuscrita. A cousa era séria. No fim do ano letivo, fazia-se a festa da palmatória. A mensalidade cobrada pela eficiente e rigorosa instrução do menino era apenas de dois mil réis.

.. Ali vive, portanto, quase esquecida, merecedora de uma palavra de conforto e de amizade, digna de receber, na decrepitude, dos seus velhos e bons discípulos, o preito da consideração e da estima, o óbulo da gratidão material e moral — TITA, nossa Mestra.

Portalegre, 24-6-50.

Mandamentos do Educador

1 — Educa tu próprio os teus filhos. A casa paterna, se fôr o que deve ser, é preferível ao melhor internato; em troca do teu dinheiro, um estranho fará do teu filho um estranho; e ainda resta provar se o teu dinheiro educará melhor que o amor.

2 — Disciplina e corrige desde o berço para não ter de convencerte muito cedo de que é tarde demais para o fazeres com êxito. A pontualidade, a ordem e o método, são frutos de uma planta que não vingam, se não a regarem com o primeiro leite. E o rapaz de oito anos, que não arruma por prazer os seus brinquedos e o seu quarto, está arriscado a ser tôda a sua vida um trapalhão incorrigível.

3 — Nunca elogies nem repreendas os teus filhos na presença de estranhos. O indiscreto louvor torna-lo-á vaidoso; e a censura sem recato ofende-lhes o ânimo, enquanto o não embotar irreparavelmente.

4 — Exige deles obediência completa; mas facilita-lhes o encargo de obedecer e dá o máximo prestígio aos teus mandos, por meio de uma sensata parcimônia em proibir e ordenar. Sê escrupulosamente justo, verdadeiro e lógico; aconselha e adverte com paciência, antes de punir; respeita, como um contrato sagrado, a promessa fei-

ta, seja de prêmio ou de castigo. E, entre pai e mãe, haja sempre absoluta concordância de procedimento perante o filho, para que a autoridade dos dois se não desmoralize mutuamente.

5 — Subtrai quanto possível as crianças às conversas de adultos, se as quiseses conservar moralmente saudáveis e puras. O hábito de as deitar cedo é mais indispensável à higie da alma que à do corpo, porque é à noite que, em geral, se faz em casa crônica das torpezas da vida. E os pequenos cérebros trabalham sem cessar e adivinham facilmente a mela linguagem das reticências e dos olhares.

6 — Não faças dos teus filhos brinquedos, expondo-os, como prodígios, à admiração amável dos estranhos, ou amolecendo-os com carícias excessivas, filhas mais do egoísmo que do amor. Sê tão sóbrio de beijos como de castigos, para não deprecares nem uns nem outros. Lembra-te sempre de que o bebé nasceu para ser homem, e vai preparando-o para lá chegar sem abalo.

7 — Evita a ociosidade das crianças para que elas se não tornem preguiçosas, irritantes, ou precocemente contemplativas. Desde pequeninas, confia-lhes a execução de minúsculos serviços, que desenvolvam nelas sentimentos de res-

Métodos de educação familiar

Otto GUERRA

COMO é que educamos os nossos filhos? Onde aprendemos? Comumente, não fazemos nenhum estudo neste sentido. Entregamo-nos a uma sucessão de experimentações.

Edwin H. Sutherland, em seus "Princípios de Criminologia" (p. vgr da edição brasileira — Liv. Martins, S. Paulo), escreve a êsse propósito, uma coisa muito verdadeira:

"Mesmo nos lares que são considerados como os mais eficientes, o método usual para o treino da criança é o de ensaio e erro. Não há nenhuma ciência de criar crianças e êsse conhecimento, tal como se desenvolve, não é acessível a muitas famílias, ou não é por elas utilizado".

Metamos a mão na consciência, para verificar se não é isto o que, via de regra, estamos a fazer. Não nos preparamos de-

responsabilidade e de energia, encaminhando as meninas para a ordem doméstica e os rapazes para as iniciativas fecundas. Estimular nos pequenos o interêsse pelas coisas materiais e pelas ocupações mecânicas, seja qual fór a carreira a que mais tarde os destinem, é dever de quem quer produzir homens equilibrados e perfeitos.

8 — **Cultiva na alma dos teus filhos a tenacidade**, tallamã da vitória, arma invencível dos triunfadores e dos felizes. Anima-lhes extremosamente as ingênuas tentativas, consola-os no desastre dos seus esforços e aconselha-os a persistir, — a persistir sempre! — explicando-lhes a causa do insucesso.

9 — **Não sufoques o instinto infantil de perguntar**, que é o mais precioso auxiliar da educação. Satisfaz em tôdas as ocasiões, e o

melhor que possas, essa fecunda curiosidade; sê verdadeiro, sério e paciente nas tuas respostas, para que a criança, ao mesmo tempo que aprender, se acostume a respeitar-se e a amar-te, como a um gaula leal e bom. Não festejes os seus erros, reproduzindo-os embevecido em vez de os corrigir, porque perderás assim uma excelente ocasião de ensinar; mas também a não ofendas, recebendo esses erros com gargalhadas de troca, porque a inocência de uma criança deve ser para nós tão venerável como os cabelos brancos de um velho.

10 — **Expulsa a mentira do teu lar, como virus terrível**. Habitua a criança a confessar sem medo o seu delicto; castiga severamente a dissimulação; sê leal com requinte, para teres o direito de exigir uma lealdade igual, semente e flôr do carater.

UMA HEROINA IGNORADA

Mario CAVALCANTI

CHAMA-SE Zilma Coelho Pinto, essa heroína dos Contos de Fadas. Reside em Cachoeira do Itapemerim, Estado do Espírito Santo. Simples e obscura professora primária. Espôsa de um pobre alfaiate, sem o menor recurso. Entendeu de acabar com o analfabetismo em

vidamente para uma função importantíssima, digamos mesmo, essencial para o futuro, bom ou mau, da humanidade, a missão de educadores natos dos nossos filhos.

Sustentamos que a família tem o direito muito legítimo de educar os filhos. Afirmamos, com Sto. Tomaz de Aquino, que assim como o pai é o princípio de geração, tem que ser, também, o princípio educativo. Mas educação supõe normas, princípios, finalidades. Uns, não têm sequer os princípios, não sabem nem para que rumo levar a educação dos filhos. Uma coisa assim ao Deus dará, atôa, como uma tábua qualquer, solta no meio das vagas, ou ao sabor das correntes...

Outros, inegavelmente, possuem rumo certo. Querem uma educação cristã dos filhos. Mas fracassam nos métodos, porque nunca estudaram para isso, nem jámais se preocuparam em saber como educar.

Sutherland, que acima citavamos, observa que, noutros tempos, foi mais fácil a tarefa educativa, pois os pais eram criados na mesma cultura, simples e harmoniosa, como o tinham sido os avós, os outros parentes e vizinhos. Disso resultava "uma pressão continua e harmoniosa sôbre a criança, a qual formava o seu carater, sem dificuldades e sem conflitos" (p. VRJ).

Mas na sociedade moderna, observa o autor, isso não é mais possível. (Certamente êle fala da vida nas grandes cidades, ou mesmo nas zonas urbanas, pois na vida rural ainda se observa muito dêsse contrôle ou pressão tradicional).

E não é possível, porque muitas vezes os pais andam em conflito, foram criados em ambientes diversos, aprenderam teorias diferentes, ou estão em conflito com os seus próprios pais, os avós dos filhos, que são "do tempo antigo", como nós dizemos, orgulhosamente. De forma que não há coerência nem harmonia no próprio organismo educador. Aliás (a observação é do mesmo autor), a própria personalidade de cada um dos pais nem sempre é coerente, com as fadigas da vida moderna, as preocupações, a chuva de fitas de cinema contraditórias, de livros, de revistas, a cuja impressão muitos não resistem.

seu município. Traçou um plano e pôs mãos à obra. Sem desfalecimento. Sem canseira. Pedindo esmolas. Batendo em tôdas as portas. Desde os mais abastados aos mais humildes. Uns a recebem prazerosamente. Outros, com cara de poucos amigos. Chamam-na de louca. Chegam a desconfiar da honestidade de seus altíssimos propósitos. Ela, porém, faz-se surda e muda. Não ouve nada e nem diz nada. Bate 4, 6, 10 vezes as mesmas portas, e êles findam lhe dando alguma coisa. Já tem 32 escolas em pleno funcionamento. Percorre constantemente os quatro cantos do município. De automóvel, caminhão, a cavalo ou a pé. De dia e de noite. Numa fiscalização constante e eficiente. "Sou a maior caronista de Cachoeiro", diz ela. E segue, estolicamente, o seu caminho cheio de espinhos. Com os olhos fitos no futuro da Pátria. Desprezada de todo e qualquer provento material. Campeã da alfabetização. Heroína de verdade. Quer que Cachoeiro do Itapemirim seja o primeiro município do Brasil a libertar-se do analfabetismo. E vai desbravando o terreno bravo e agreste. Como todos os verdadeiros apóstolos, enfrenta, sorrindo, as urzes do caminho. Sacerdotisa da grande cruzada de redenção nacional, D. Zilma merece o apelo moral e material de todos os brasileiros. Seu plano, arrojado e grandioso, consta de cinco pontos:

- a) incentivar a frequência dos alunos;
- b) vigiar o seu aproveitamento;
- c) auxiliar materialmente os necessitados;
- d) prestar assistência médica e dentária a todos;
- e) seleccionar o professorado.

Como vêem, ela "veste os nus e dá de comer a quem tem fome". Dá-lhes o pão material e o espiritual. E, para sustentar a sua campanha benemérita, precisa de donativos de todo mundo. Uma peça de fazenda. Um sapato velho. Uma cartilha. Uma escova de dentes. Tudo serve. Valem mil vezes mais os heróis que constroem, do que aqueles que destroem. A figura moral de Pasteur é incomparavelmente maior que a de Napoleão. E a dessa humilde e obscura professora de uma pequena cidade do interior espiritosantense é bem mais expressiva e digna de louvores que a de muitos figurões que têm seus nomes ligados a feitos heroicos da história-pátria.

Patriota e Idealista, ela deseja ardentemente que o seu exemplo encontre imitadores pelo Brasil afóra.

Todos os brasileiros de boa vontade têm a obrigação moral de auxiliar essa criatura singular. Ajudando-a de qualquer maneira. Dando-lhe dinheiro ou objetos, mesmo usados, estamos prestando um serviço ao Brasil, pois, cooperamos para a sua libertação económica.

Enquanto tivermos essa vergonhosa e nefanda percentagem de analfabetos, que tantos males nos causam, e que nos envergonham e rebaixam no concerto das nações civilizadas, não alcançaremos a pie-

OS JESUITAS, NOSSOS PRIMEIROS MESTRES

F. RODRIGUES ALVES

Foram êles/ que ensinaram a índios e colonos, com paciência de Jô e bondade de Jesus, os primeiros rudimentos de leitura, de gramática, de aritmética, de religião e das artes elementares, mecânicas e especialmente liberais. — GENERAL LIBERATO BITTENCOURT.

Descoberto o Brasil, cuidou o rei d. Manuel 1.º de enviar, para estas bandas do Atlântico, os seus representantes, com a missão de tratarem da terra e iniciarem os primeiros trabalhos de construção, agricultura, pecuária e outros mais. A colonização era indispensável, então, ao progresso do imenso território que o almirante Cabral havia mostrado ao mundo, para gáudio e regalo dos portugueses que, dêle, haveriam de tirar, logo mais, o ouro, os diamantes, as pedras preciosas, as especiárias, os cereais, as frutas e tudo o mais, que viesse concorrer, para a maior riqueza do Reino... Natural, portanto, era que ao desenvolvimento dêesses trabalhos estivesse allada a idéia de instrução e de educação, para os filhos dos índios, dos colonos, dos escravos, as três "gentes" de cuja miscigenação haveriam de resultar os brasileiros de hoje. Surge, nesse tempo, a primeira escola, na terra **chamada e muy fermosa**, da expressão pitoresca do originalíssimo escrivão Pero Vaz de Caminha. O lugar de funcionamento dessa escola é São Vicente, núcleo onde estava imperando a autoridade do luso João Ramalho, que merecera a mão da formosa Bartira, filha dileta do velho cacique Tibiriçá

O professor que lecionou, em o núcleo referido, foi, segundo uma informação do padre Manuel da Nóbrega, "**um mancebo gramático de Coimbra, que para cá veio desterrado**".... O padre Serafim Leite escreve: "Na Bahia, o primeiro mestre-escola foi Vicente Rodrigues (1549), o primeiro professor de Latim, Antônio Blasques (1553), o primeiro leitor de Casos de Consciência, Quirício Caixa (1565), o primeiro professor de Artes ou Filosofia, Gonçalo Leite (1572), o primeiro professor de Teologia Especulativa, Inácio Tolosa (1572) Em São Vicente,

Conclue na pag. 10

nitude de nossa emancipação política e econômica. Aqui está o endereço da nossa heróica :

Rua 25 de Março, 83 — Cachoeiro do Itapemirim — Estado do Espírito Santo.

Vamos ajudá-la ?

("Diário de Natal", de 4-6-50).

O Pré-Escolar e os Jardins da Infância

Dr. Abelardo MELO

(Médico pediatra da L. B. A.)

A segunda infância, também chamada pré-escolar, compreendendo a idade de 3 a 6 anos, é, sem dúvida, a fase mais importante da vida da criança pois é nesta idade que ela vai plasmando a sua personalidade. Alguém a chamou de FASE DE CERA pelo seu poder de impregnação e adaptação. A tudo se habitua e se acostuma, tudo ficará indelevelmente marcado no seu pequenino cérebro em desenvolvimento tal e qual as imagens de uma película fotográfica. Nos primeiros 4 ou 6 anos de vida, devem os pais e professores proporcionar-lhes bons hábitos, os quais uma vez passados ao sub-consciente não serão jamais esquecidos. Do ponto de vista psicoanalista é antes dos 6 anos que intervêm os choques ou traumas psicológicos decisivos, e, portanto, quando menos deve o menino ser abandonado às influências ambientais não selecionadas; é esta a idade em que se vão resolvendo os "complexos" sobretudo o de Edipo, e convem evitar sua prolongação ou desvios. Os Jardins da Infância são, sem dúvida, as Instituições que abrigam, educativamente, a criança pré-escolar e que devem encarregar-se da realização da campanha de sua higiene mental. FREDERICO FROEBEL, seu criador, concebeu uma filosofia genial da educação, resumida e consagrada em sua conhecida frase: "a criança que brinca é sagrada". Esta frase indica que o brinquedo é a base da educação e a idéia fundamental da pedagogia froebeliana.

Nesta fase da vida, a recreação assume importância capital; o brinquedo faz parte da vida da criança preparando o adulto para a atividade, para o trabalho. Alfredo Adler, que se dedicou ao estudo da psicanálise infantil, aconselha que se deve usar de preferência aquêles que estimulam o espirito de cooperação e construtividade. O brinquedo concorre para a formação dos hábitos sadios. Sob qualquer ponto de vista que se queira encarar a questão, no brinquedo, a criança tem sempre a oportunidade de dar expansão aos seus impulsos e tendências. Alexandre Lasousky, estudando o comportamento das crianças nos seus jogos, organizou um quadro pelo qual podemos, observando a conduta de cada uma delas, conhecer a sua personalidade, seu caráter e sua vontade. Desde sua criação até hoje, têm os Jardins da Infância sofrido transformações e modificações no que se refere às técnicas, mas sem que a essência dos mesmos, o BRINQUEDO, tenha sido abandonada. Es-

tas técnicas do brinquedo, utilizadas como fator principal para educação moral, mental, física e social da criança, são unicamente realizadas pelo seu pessoal especializado — as professoras. Os Jardins da Infância não são estabelecimentos de instrução. Existe uma concepção errônea nesse sentido. Muitos pais se queixam de que seus filhos, com dois ou três anos de frequência, nos Jardins, estão atrasadíssimos, nos estudos. Eles não têm a missão de instruir e sim, de educar, formar bons hábitos, desenvolver o senso de sociabilidade. Não devemos confundir instrução com educação. A instrução pertence a escola.

Os Jardins da Infância não são escolas. São, como já disse instituições que abrigam, educativamente, as crianças pré-escolares. Eles não se preocupam de modo algum em iniciar o ensino, que propriamente começa na escola primária, senão da educação das faculdades mentais das crianças, prévio conhecimento da personalidade e da formação do caráter normal. O Jardim da Infância deve ser um prolongamento do lar. E' indispensável uma grande e amistosa cooperação e compreensão entre os pais e professores. A importância desta harmonia, dêste entendimento é tão manifesta, que os modernos pedagogos criaram os chamados "círculos de pais", cuja finalidade não é senão um mais amplo e amistoso conhecimento recíproco. Despidos de tons festivos serão recepções íntimas, cordiais, de pessoas amigas para tratarem de assuntos de interesse mútuo. Ambos têm a grande missão de educar a criança, isto é, identificá-la para a vida. A ambos, como escultores da alma, cabe a sublime tarefa de modelar o caráter, de edificar o coração da criança. Se é no lar que se regulam os primeiros hábitos, é nos Jardins da Infância que se iniciam os primeiros laços com a vida social. Como cooperador, nesta árdua missão, deve figurar o Médico. "Uma mentalidade sadia num corpo sadio".

Fora do lar, em convivência com outras crianças, está o pré-escolar exposto aos grandes contágios, às doenças específicas. Sendo parte mais numerosa a população infantil, torna-se mister uma maior vigilância médico-higiênica. Esta seria feita, nos Jardins, como também se possível, nas próprias residências das crianças.

Chegou-se à evidência que a densidade da mortalidade nesta idade, está em relação direta com as condições sociais do meio. A má situação econômica, a ilegitimidade dos filhos, o número elevado de crianças numa família de escassos recursos, a habitação mal ventilada de precárias condições higiênicas, aumenta a mortalidade. Os fatores sociais e os constitucionais intervêm, portanto, na evolução normal da criança. Entre nós, como em todo Brasil, existem dois flagelos sociais: A MISÉRIA

e a IGNORÂNCIA. A ignorância pode ser combatida pelas visitas domiciliares. Cabe ao médico, graças ao seu prestígio social e autoridade profissional, o papel primordial na luta contra essa calamidade. Difundindo noções de higiene e medidas profiláticas, corrigindo erros e destruindo credences, orientando regimes alimentares mais adequados, pode, mediante exames precoces e imunizações preventivas, evitar a disseminação de doenças próprias dessa idade e notável redução da mortalidade causada por distúrbios do intercâmbio nutritivo. Os jardins da Infância devem ser, portanto, o centro onde a ciência médica e da educação se irmanem para lutar em prol da felicidade da criança e do melhoramento moral e espiritual da Nação.

Conclusão da pag. 7

daria as primeiras aulas de Latim o próprio padre Leonardo Nunes, no Colégio dos Meninos de Jesus, que, ali, fundara, pouco depois de chegar”.

Em 1554, o colégio é transferido, para o Campo de Piratininga, assumindo a direção geral das aulas o padre José de Anchieta. “Nesse mesmo colégio, é ainda o padre Serafim quem fala, “leu os primeiros Casos de Consciência (teologia moral) o padre Luiz da Grã, em 1555. Em Piratininga, as atividades dos padres Jesuitas se multiplicaram, de maneira admirável, tendo-se em vista as possibilidades de rápida e crescente expansão de tudo, inclusive dos trabalhos da lavoura, bem como das condições demo-geográficas locais, que se auspiciavam, dia a dia, melhores. E o padre Anchieta, que havia lançado os primeiros fundamentos da Piratininga legendária que, hoje, é o São Paulo monumental, era a alma de tudo, a cabeça que tudo dirigia no melhor sentido possível. Era, enfim, o conselheiro, o pai espiritual, o mestre, o apóstolo, quando ensinava o catecismo da religião do Cristo e transmitia as luzes do alfabeto aos pequeninos bugres. E é por isso que se pode dizer, muito bem, que os jesuitas foram os nossos primeiros mestres, porque foram eles que construíram as primeiras igrejas e abriram as portas das primeiras escolas, no país de Santa Cruz. A eles, pois, devemos muito, desde que, pela formação intelectual, espiritual, moral e cívica dos nossos remotos “parentes”, dentro do plano extraordinário de desenvolvimento da terra comum, expuseram-se a todos os sacrifícios, até mesmo ao da própria vida. E é conveniente notar, todavia, que os abnegados filhos de Santo Inácio de Lolola foram verdadeiramente incansáveis no “tormentoso trabalho” da nossa colonização e da nossa civilização, principalmente o padre José de Anchieta que foi o *primus inter pares* da Grande Missão. E o Bispo Sardinha soube reconhecer isso, tendo, com muita justiça, considerado o notável canarim a pedra preciosa do anel de ouro da Companhia religiosa que o destinou a presidir o alvorecer da nossa Pátria. A ele e aos seus fiéis e devotados companheiros “cobriremos de bênçãos e veneração”, se quisermos ser brasileiros com gratidão e dignidade.

Um nome presente na História

R. NONATO

COM O DESAPARECIMENTO de Rodolfo Garcia, nor-te-riograndense dos mais ilustres e mestre esclarecido dos roteiros da história pátria, perdeu o Brasil uma das suas inestimáveis reservas morais, das suas personalidades mais destacadas, cujo nome, por si só, firmava, no patrimônio da cultura e das instituições nacionais, atestado da mentalidade de uma geração de intelectuais, da qual, foi êle, inegavelmente, um dos seus valores exponenciais, senão o mais atilado dentre os seus pesquisadores, o melhor informado nas fontes, na crônica e nos documentários do passado.

Homem superior pelo feitio moral, pela formação e pelo conjunto dos atributos e das qualidades de carater, portador de vasta erudição no domínio da ciência e da cultura, o filho glorioso de Ceará-Mirim — êsse vale ameno cujas manhãs enevoadas dão idéia das primeiras horas da criação, como o observou e descreveu Nilo Pereira, num milagre de concepção, de poder da arte e de visualidade — merecia por todos os títulos, a nobreza daquele julgamento de Oliveira Lima, digno de figurar numa fachada grega, quando com a força da concisão e da dialética, asseverou que, Rodolfo Garcia “nos ensinou o Brasil”.

Evidentemente, nenhum conceito seria mais ajustado à útil existência desse companheiro solitário dos arquivos, que viveu em meio às bibliotecas, na amizade dos livros, no contacto dos papeis, dos registos, dos documentos e das notas, que êle decifrou, investigando, interceptando os sentidos, interpretando os segredos e descobrindo os caminhos, estudando as raízes da nossa formação histórica, os vestígios dos primeiros exploradores, a estrutura do regime, a organização, os costumes, as curvas etnográficas e econômicas, os mapas, os alfarrábios da colonização, enfim, a vida do Brasil, o sentimento da gente e da terra que cresciam juntas para a realidade de um futuro aberto ao trabalho, e à expansão do seu progresso, da sua grandeza e do seu civismo.

Dêle, também afirmaria o escritor conterrâneo Peregrino Junior: “ensinou-o na sua história e nas suas tradições, na sua fala primitiva e na evolução da sua cultura, o que equivalia mostrá-lo em toda a grandeza do seu resolutivo esforço, que foi

o da preservação da descoberta, a defesa da conquista, a penetração e o domínio da terra, a construção paciente e atrevida da civilização, o milagre da unidade a definição, em suma, de uma consciência nacional".

Nesse messianismo persistente, incansável e longo, que lhe consumiu os dias e os anos, de quantos com ele conviveram, e de quantos tiveram a felicidade de privar da sua presença e da sua modestia, ressoa a voz da consagração, que ressalta a superioridade do seu espírito, o senso e o equilíbrio do homem, e sobretudo, o seu fascínio e o seu estímulo, a fidelidade das suas ações e a firmeza das atitudes, que não fariam sombra se figurassem ao lado das lendas de um cidadão plutarquiano, em quem o sentido da discreção se juntava a virtude "daquele divino horror à vulgaridade e ao lugar comum".

Joeiradas, pois, no consenso dessa primazia do valor e do genio, foram as palavras do romancista Josué Montello, quando no instante da despedida final a Rodolfo Garcia, acordando da sombra das suas grandes amizades o carinho das suas memórias afeiçoadas, lembrou, numa comovida revelação sentimental: "com este homem desaparece o derradeiro discípulo de Capistrano de Abreu..."

E' que, em verdade, Rodolfo Garcia e Capistrano de Abreu foram, entre os homens de letras do seu tempo, na sua encantadora "academia", nas rodas e nas tertúlias literárias, os dois grandes espíritos, que no seu polimorfismo, nas suas tendências e nas suas afinidades, melhor se ajustaram no estudo e na investigação do nosso passado, nas suas relações sociais, linguísticas e etnográficas, na tentativa e nos ensaios históricos, cujas fontes se fragmentavam pela era da Colônia, da formação e da autonomia do País. O assunto absorveu-os tanto, e nêle, os dois se embrenharam de tal modo, que de então, ninguém mais chegou a suplantar-lhes a autoridades incontestável de verdadeiros mestres, de historiôgrafos eminentes. Nesse particular, seus trabalhos consensam e elucidam aspectos importantes da vida e da civilização brasileiras, que outros não tinham observado.

Daí, o imenso círculo das suas amizades, daqueles que se tornaram seus companheiros, cooperadores ou auxiliares de consultas, de iniciativas e investigações, quer no Instituto Histórico e Geográfico, na Biblioteca Nacional ou na Academia de Letras, pontos onde gravitavam as representações mais ilustres da nossa vida literária, e científica, sendo de destacar-se pelos seus vultos, Capistrano de Abreu, Oliveira Lima, Afrânio Peixoto, Tasso Fragoso, Alberto Rangel, Rocha Pombo, Rodri-

ARQUIVO

João de Barros, Senhor do Rio Grande do Norte

Luís da Câmara CASCUDO

POUCOS DIAS DEPOIS de chegado à Lisboa fui com Orlando Vitorino visitar na praça Camões o senhor João de Barros, donatário do Rio Grande do Norte, primeiro e último senhor de juro e herdade das terras que constituem o Estado nordestino.

A estátua de Luis de Camões em bronze, alta e nobre, a mão sôbre o coração, é circundada no socalco pelos cronistas da época incomparável do Descobrimento. Entre Quevedo e Fernão Lopes está João de Barros, em mármore, calvo, barbado, todo branco, solene como convinha a um Feitor e Tesoureiro das Casas da Índia e Minas, familiar del-rei dom João III que lhe concedeu honras de desembargador do Paço.

Casado com dona Maria d'Almeida o ilustre Feitor deixou filhos, João, Jerónimo, Lopo, e filhas, Ana e Isabel. Esta se casou com Lopo de Barros, filho de Diogo de Barros, capitão-mór da cidade de Braga em 1927. António de Barros d'Almeida, filho dêsse casal, era o único herdeiro do historiador donatário.

Conclue na pag. 15

go Otavio, Souza Doca, Primitivo Moacir, Afonso Taunay Luis Edmundo, Peregrino Junior, Pedro Galmon, Viriato Correia, e tantos outros que, com êle conviveram, colaboraram e trabalharam no desenvolvimento de um plano de intensidade, intelectual de patriotismo e de amor ao Brasil.

Na realização da sua obra de cultura e de pensamento, Rodolfo Garcia representa uma extraordinária vitória do talento e das inesgotáveis energias da província esquecida.

E, a essa altura, não é fora de tempo uma lembrança :

Entre as homenagens que a Nação prestou ao insigne brasileiro desaparecido, ainda há lugar para a do Rio Grande do Norte, sua terra natal, que bem lhe poderia ligar a memória a uma das suas instituições culturais, a uma casa de ensino, mesmo que fôsse uma simples escola primária em Ceará-Mirim, a cidade do vale ameno e verde, onde seus olhos se abriram às primeiras claridades, descortinando as estradas que teria de percorrer, para fixar-se, definitivamente, no futuro, como um nome presente na História.

VACINAÇÕES NA INFÂNCIA

Dr. Lycio de Souza CARVALHO

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Podiatria
— Ex-chefe do Serviço Médico da Assistência Nossa
Senhora das Graças.

As vacinas têm por fim conceder ao organismo imunidade contra as infecções.

Infelizmente, entre nós, por falta de orientação ou instrução dos pais, a única vacinação praticada sistemática e obrigatoriamente é a anti-variólica, o que representa grave erro pois a criança está sujeita a grande número de outras infecções suscetíveis de serem evitadas ou atenuadas pela vacinação sistemática.

Outro fator ainda bastante confuso entre nós é a questão da idade em que devem ser praticadas as diferentes vacinações.

De acordo com os modernos conhecimentos da Medicina preventiva, toda criança deve sofrer as seguintes vacinações:

a) Vacinação anti-tuberculosa: Deve ser praticada logo após o nascimento (de preferência na primeira semana) quer pela ingestão quer pela injeção de determinada dose de vacina BCG, assim denominada em homenagem aos cientistas franceses Calmete e Guérin que prepararam as primeiras vacinas com bacilos atenuados em sua virulência e que foram denominados: bacilos de Calmete-Guérin.

Todos os pais devem vacinar os seus filhos com BCG, pois as estatísticas demonstram claramente a diminuição da tuberculose e entre os povos que sistematicamente praticam esta vacinação.

Nos postos de Saúde Pública as crianças são vacinadas gratuitamente, sendo a BCG uma vacina absolutamente inócua, não produzindo reações nem representando perigo para a saúde das crianças, mas protegendo-as contra a tuberculose. Só com vacinações em massa das nossas crianças conseguiremos diminuir entre nós a incidência cada vez maior da "peste branca".

b) Vacinação anti-variólica:

Póde ser praticada ao completar a criança o 3.º mês de vida, porém na prática só é realizado entre o 5.º e o 12.º mês, parecendo mesmo, ser este o período ideal, com reações menos intensas.

Vacinação obrigatória por lei, provoca ainda entre pessoas incultas um sentimento de recelo, o que as leva a burlar a lei, criando mais tarde embarços à criança, por ocasião da matrícula da mesma em Escolas ou de atividade em qualquer setor, onde o certificado de vacinação anti-variólica seja exigido.

Deve ser escolhida época adequada para esta vacinação, devendo a criança achar-se em perfeitas condições físicas.

Deve ser praticada logo após o nascimento (de evitando-se vaciná-la quando resfriada ou com perturbações gástricas. Também nos dias de grande calor deve-se evitar a vacinação de crianças de baixa idade, uma vez que pode provocar reações com febre, vômitos ou diarréias. Estas reações desagradáveis não apresentam entretanto gravidade, não devendo os pais evitar vacinar seus filhos receosos das suas consequências.

A inoculação deve ser feita na face externa do braço ou na face posterior da coxa (nas meninas) devendo ser sempre única.

Esta vacinação deve ser praticada de preferência nos postos de Saúde Pública, que possuem sempre linfa fresca. Depois de formada a pústula vacínica, esta deve ser tratada, ao contrário do que se pensava antigamente, devendo serem usadas as compressas de água borçada morna ou então vaselina borçada ou simplesmente esterilizada aplicada diretamente sobre a pústula, podendo ser recoberta com gaze e fixada com esparadrapo a-fim-de evitar-se o coçamento.

c) Vacinação anti-diftérica:

Este processo de imunização que é obrigatório em vários países, não o é infelizmente entre nós.

Sendo a diftéria uma infecção grave e bastante frequente entre nós, principalmente dos 2 aos 8 anos de idade, devem os pais vacinar seus filhinhos a-fim-de preveni-los contra tão grave infecção.

Esta vacinação deve ser praticada a partir do 6.º mês de vida, por meio da Anatoxina diftérica de Ramon. A tendência moderna é recorrer-se ao toxóide precipitado pela alumen, existindo no

mercado toxóides triplices, isto é, que conferem imunidade contra a diftéria, a coqueluche e o tétano, ao mesmo tempo. Parece haver vantagem no uso destas vacinas combinadas pois as estatísticas efetuadas na América do Norte falam em favor deste método.

São usadas 3 doses de toxóide anti-diftérico, tetá e coqueluche de 0,5 c.c., num total de 1,5 c.c. de toxóide. As injeções são feitas no músculo, de preferência na região glútea e com o intervalo de 3 a 4 semanas entre uma dose e outra. Salvo casos de exagerada sensibilidade, não se observam reações gerais ou locais.

São essas as vacinações que obrigatoriamente os pais devem mandar praticar nos seus filhos na 1.^a infância, repetindo-as de acordo com a necessidade e indicação do médico.

Para encerrar queremos falar ainda sô-

bre a vacinação anti-tifóica, que deve ser efetuada anualmente não só nos adultos como nas crianças de mais de 2 anos, a fim de preveni-las contra a febre tifóide, infecção cuja gravidade todos conhecem e que infelizmente existe endemicamente no Rio de Janeiro.

A via de introdução das vacinas nas crianças é preferencialmente a oral, fornecendo a Saúde Pública excelente vacina preparada pelo Instituto de Mangulhos devendo ser administrada às crianças na dose de uma colher das de café da vacina em um cálice com água, pela manhã em jejum e durante 3 dias consecutivos.

Se praticarmos sistematicamente essas vacinações em tôdas as crianças, conseguiremos diminuir o elevado coeficiente de mortalidade infantil provocado por moléstias infecciosas, entre nós, nivelando o nosso país sanitariamente às grandes nações civilizadas do mundo.

João de Barros

Conclusão da pag 13

Faleceu entrevado, sem poder falar, de "ar de apoplexia", na sua quinta de São Lourenço, perto de Pombal, em Leiria, a 20 de outubro de 1570.

As duas expedições que mandara às suas terras exgotaram-lhe os recursos financeiros e mais a despesa louca para rehaver os filhos, feitos prisioneiros na ilha de São Domingos onde arribara o caravelão português, vindo do Maranhão. João de Barros estava pobre apesar das benesses do Rei que lhe perdoou 600\$ de alcance pela artilheria, armas e munições fornecidos pelo Régio Arsenal, além de credores particulares, pagos na medida do possível.

Em março de 1569, um ano antes de falecer, João de Barros assina uma procuração para o seu filho João, contrair uma dívida de 369.275 reais com o mercador Simão Rodrigues, de Évora, hipotecando-lhe todos os bens.

A situação econômica do Donatario do Rio Grande do Norte era a pior possível. Quando faleceu, seus filhos e genro declararam em cartório que renunciavam tôda e qualquer parte da herança "pelas muitas dívidas que deixou".

Economicamente, o fato de ser proprietário do Rio Grande do Norte, com foral del-rei, não deu a João de Barros benefício algum. MUITÍSSIMO ao contrário. O historiador admirável das DÉCADAS, excelentes de vigor, opulência vocabular, pureza e elegância, tirante as casas da Índia e Minas, só ganhou dinheiro sendo escritor.

Vejam só que anomalia...

Foi esse João de Barros que visitei, numa tarde quente de agosto, descendo o Chiado...

EL ESTUDIO DEL ESPAÑOL EN LAS ESCUELAS DEL BRAZIL

(ESPECIAL PARA PEDAGOGIUM)

Prof. Braulio Sánchez-SAEZ

(Catedrático de la "Facultad de Filosofía,
Ciencias y Letras" de CAMPINAS)

EN EL AÑO 1938, se oficializan los cursos de Lengua y Literatura Española e Hispano Americana, en las Facultades de Filosofía, Ciencias y Letras, del territorio nacional, en virtud de compromisos de carácter internacional, de reciprocidad con los países del Continente Americano, en forma idéntica se estudia el portugués y la literatura portuguesa y brasileña, en las universidades hispanoamericanas, con mas o menos antecedencia. No todas las Facultades de Filosofía del Brasil, les fué posible encontrar profesores idóneos para dictar las citadas cátedras, salvo la de Rio de Janeiro (1939), la de São Paulo (1940), la de Curitiba (1941), la de Porto Alegre (1941), la de Campinas (1942) y la de Belo Horizonte (1943); todas ellas se aprestaron con máximo interés a difundir una lengua y una cultura, que no se explica como tardó tanto tiempo en ser padronizada en la cultura superior del Brasil. Los tres primeros años fueron de tanteos, se carecía de textos y las librerías no tenían existencia de obras especializadas, para que los interesados pudiesen adquirir sus elementos indispensables, ni tampoco era mucha la voluntad de los alumnos en aprender una lengua "casi idéntica a la portuguesa" y una literatura tan complicada como la española, amen de meterse en el magín la cultura de tanto pueblo del Nuevo Mundo. Fueron años de luchas, de infinita paciencia hasta crear un lazo de convivencia, de cierto interés, para que los alumnos pudiesen tener un concepto elevado y entrase en ellos el afecto a una materia de imprescindible necesidad. Yo mismo tuve que escribir centenares de artículos en la prensa del país, dar muchas conferencias y hablar por los codos con pesimistas o simplemente curiosos, para convencerles de la necesidad histórica de conocer lengua y cultura española, em virtud de pertenecer el Brasil a comunidad americana y ser tambien — salvo raras excepciones — del mismo tronco ibérico. Como resultado a todo esto, lentamente se fué creando una conciencia y el gusto fué entrando, las librerías adquiriendo libros escritos en espa-

ñol que nos llegaron de Buenos Aires y Mexico, hasta que el Ministerio de Instrucción Pública, determinó que la enseñanza del español, fuese también incorporada a los colegios secundarios, a razón de dos aulas por semana, en los cursos de primer año, de clásico y científico. Esto fué en el 1943.

Naturalmente que esa disposición trajo muchas inconveniencias, la primera y principal la carencia de profesores con el conocimientos necesarios para dictar esas aulas, en vista de que las Facultades de Filosofía, apenas habían dado un grupo de profesores, reducido y vacilante en materias de administrar una lengua, en la cual aún no adquirieron consistencia. También que, los profesores formados por las universidades, eran en su mayoría mujeres y estas no se avenían muy bien con clases de alumnos varones, adultos, por supuesto, que resultaba muy incómoda la posición de una profesora, apenas salida de la adolescencia, como era muy común... Por tal motivo la enseñanza del español, durante estos ocho años de su implantación en Brasil, viene luchando con bastante dificultad, en virtud de la carencia de profesores, y luego de lo exiguo de dos aulas por semana, en dicha material, lo cual es insuficiente, tanto para aprender el español, como así mismo las nociones más elementales, tanto de literatura española e hispanoamericana, siendo preciso a los profesores movilizarse en una infinidad de colegios de enseñanza particular, para tener un modesto presupuesto, con una vida agitada de un lado para el otro, en distancias difíciles, máxima locomoción, no siempre agradable, por cuya razón, prefieren esos profesores universitarios, especializarse en francés, portugués o latín, que se presenta más orgánicamente retribuido, y en un par de colegios pueden lograr un presupuesto mucho más renumerado, sin tanta inquietud.

Se presenta también un grave problema para los alumnos de los cursos clásicos y científicos, la enseñanza del español, en tanta disciplina como tienen que estudiar, particularmente el curso científico, como francés, inglés, portugués, geografía, matemáticas, física, dibujo, historia, química y español, resultando esta última disciplina, como un adorno, con dos aulas semanales, que muy difícilmente estudian porque en un año es completamente imposible dar el programa que exige el Ministerio de Educación, incluso literatura española e hispanoamericana, de cuyo resultado, salen los alumnos sin saber ni gramática, ni fonética y mucho menos literatura.

Sería de mucha utilidad si las disciplinas de español fuesen también incorporadas a los cursos escolares, durante el

tercero y cuarto año, con no mínimo de trez aulas por semana, durante los dos últimos años (3.º y 4.º), así para incorporarse después en el 1.º clásico o científico, de Colegio, ya tendrían conocimientos generales y les sería mucho mas facil, pués por lo menos conocerían gramática y la nociones de fonética, como reglas ortográficas, siendo entonces factible pasar a las disciplinas superiores como literatura española e hispanoamericana, en los cursos de colegio, con dos aulas por semana, tal como hoy estan determinadas. Exige el programa de español, tal cantidad de materia, como lectura de los buenos escritores, ejercicios de escritura ortográfica, mostrar los orígenes románicos de dicha lengua, las modalidades idiomáticas del hablar americano, conocimientos de historia para la localización de los grandes ciclós culturales, las epopeyas, los valores literarios, las escuelas, los grupos culturales de hispanoamerica y una enormidad de cosas más, que es a todas luces imposible de hacerlo durante el periodo de un año, con dos aulas por semana, en clases que estan ya atiborradas de materias, mucho mejor distribuidas y que estudian desde el periodo escolar, como el francés por ejemplo.

Existe además el problema de los textos. Desde el año 1944 se editaron muy diversos textos en Brasil, para los cursos de español, pero muy pocos son adaptables por ser, la mayoría improvisados, algunos efectuados sin la menor docencia y con un desconocimiento general, tanto de lengua como de cultura literaria. Algunos interesantes como los del profesor Antenor Nascentes, particularmente su gramática, que puede considerarse veterana, pués fué escrita con mucha anterioridad a la imposición de la enseñanza oficial del español, y por tal razon, talvez tuviese algunos defectos, como explicar cuestiones en portugués, haciéndola bilingue, cosa contraproducente, porque los alumnos guardan mejor la explicación portuguesa que la determinada española, creándoles ciertas confusiones, pero apesar de esto, sigue siendo actualmente la mejor en el género, irapresa en Brasil. Otros textos existen, mas o menos interesantes, como los de V. Eolana y B. Bueno de Morais ("Gramática Castellana"), muy bien documentada, pero confusa en lo concerniente a los periodos culturales, particularmente de literatura hispanoamericana. Tambien es digna de recomendación las "Lecciones de Español" del profesor Julio do Amaral, ésta mejor en su parte literaria, pero deficiente en el orden gramatical, por lo tanto, no llena las necesidades esencialmente de acuerdo, para los cursos determinados, lo cual es una lástima, por que se texto ese en cierto punto, bastante interessante.

ESCOLAS RURAIS

| III |

Raimundo GUERRA

A O **ESCREVER**, em continuação, a 2.^a série ou artigo, com o título acima, tive conhecimento, por intermédio do Sr. Inspetor de Ensino, desta zona, Prof. Francisco Rodrigues Alves, de visita a esta cidade, que o Departamento de Educação aconselhava fôsseem dadas noções de Agricultura nos Cursos Complementares.

O programa recebido vem, de certo modo, colaborar com as idéias expianadas nesses comentários dos quais este, certamente encerrará, em traços gerais, os pontos determinados na primeira série, ficando margem para outras apreciações dentro do programa mandado distribuir pelo Sr. Diretor Geral do Departamento, naquele tempo, Sr. Prof. Severino Bezerra de Melo.

Para melhor esclarecimento, ao entregar o original do 2.^o artigo, já havia delineado as bases deste que é o complemento dos dois primeiros, sem conhecimento dos pontos que devem ser ministrados nas escolas.

São estas considerações como que um parêntese para melhor clareza, continuando-se, depois, em explicar as medidas tendentes a diminuir, minorar os efeitos das sêcas ou grandes estiadas nos anos escassos ou de pouco inverno, medidas estas para melhoria dos habitantes rurais, despertar nos alunos o gôsto pela vida do campo.

Independentes de estudos agrícolas que não podem ter aquêles que se diplomaram, há multos anos, quando na Escola Normal, apenas as noções de Higiene e História Natural eram suficientes, temos a longa prática e convivência nestes sertões senão mesmo a prática na agricultura, para falar, dando plenos direitos aos colegas para melhores esclarecimentos.

A criação, mesino em reduzido número, de gado *vacum*, suíno e lanígero, ao lado do indispensável para os trabalhos agrícolas, conseguindo-se, para tanto, recursos nos cercados e roçados, nos lugares úmidos, barreiras de rio, revencia de barreiro ou açúde.

Para as meninas não menos útil seria aprenderem que uma horta de verduras variadas, a criação de galinhas fornecem vários produtos que, vendidos, a bom preço, na cidade ou povoado, representam di-

nheiro para mantê-las, na escola, auxiliando na compra de livros, roupa, calçado e até mesmo servindo aos outros membros da família. Nos sítios há muitos lugares apropriados a hortas e ao plantio de fruteiras porém quase sempre a ignorância ou inexperiência do sertanejo faz desprezar esse meio auxiliar, alegando a falta de tempo que o emprega em serviços outros que julga mais vantajosos, quando na realidade vemos tudo valorizado.

Se todos tivessem melhor conhecimento destas cousas não haveria talvez tanta penúria, tanta miséria no lar do pequeno proprietário ou de seus moradores.

Os alunos, educados assim, sob o ponto de vista rural ou agrícola, tendo durante o curso, ensaiado alguns processos preconizados, vendo a realidade dos fatos, naturalmente, saindo da escola e tendo possibilidades, irão desenvolver estes conhecimentos adquiridos, os quais tendem a melhorar com a prática e experiência no decurso de sua existência.

Adotados estes recursos e outros, não mencionados, de combate às secas, efetivamente não vencerão porém certamente hão de minorar seus efeitos calamitosos, não precisando emigrar no primeiro ano de seca.

Para isto é preciso ainda completar a instrução com o ensino mesmo rudimentar, de economia em geral, ensinando a não desperdiçar logo dos produtos da lavoura obtidos nos meses de fartura, pois muitos vendem-nos sem maior precisão e a preços baixos em vez de guardá-los, para quando não houver produção, ou enquanto esperam nova safra, a fim de que não venham a adquiri-los com sacrifícios e a preços muito mais elevados.

Há vários processos de conservar o milho e o feijão, em sítios de ferro galvanizado, em latas de querosene ou gasolina e até mesmo na areia, em palóias, depósitos construídos de tijolo e barro ou cimento, em uma sala ou outro compartimento, na própria habitação. Também usam conservar o feijão, lubrificando-o ligeiramente com óleo de mamona. A batata doce, também empilhada, formando grandes palóias, forradas de areia limpa, do rio, ou pulverizada de cinza do fogão, para evitar o pulgão, se conserva por vários meses. A forragem para os animais, colhida em tempo, ainda verde e armazenada mantém as propriedades nutritivas e sustenta o gado até haver novo inverno.

E, assim, a Escola Rural trará melhores resultados ao ensino não só nesta zona seca do Seridó como também a outras regiões onde os professores certamente já compreenderam a necessidade inadiável de inculcir aos futuros trabalhadores do campo o maior desenvolvimento agrícola para melhorar a situação econômica de nosso Estado e de todo o Brasil.

Palpitante Exemplo de Idealismo

José CAJUEIRO

(Catedrático de Metodologia do Ensino Primário, no Instituto de Educação, de Maceló)

O

PANORAMA HISTÓRICO do mundo apresenta fatos que, à semelhança das pirâmides egípcias, são exemplos indelévels para a conduta dos homens em tôdas as épocas.

Pesquisando as vantagens e inconveniências dos processos didáticos mais em voga, logo me convencia da excelência dos resultados decorrentes dos planos de trabalho por equipe.

O mestre-escola deixou de ser o magister dixit, cuja opinião era ouvida com temor e não podia ser discutida, para tomar a simpática e justa posição de guia e colaborador dos seus discípulos.

Felizmente, passou o tempo em que o saber era ministrado à força de castigos físicos e sob a forma dogmática.

A aurora da nova educação brilhou, na França, com Rousseau, e sua luz benfazeja veio às Américas através dos filósofos norte-americanos.

Experimentando e vivendo os processos da renovação pedagógica, face às melhorias das condições de aperfeiçoamento da personalidade humana, êsses filósofos elevaram seu idealismo ao zênite do firmamento da cultura universal.

Dai Fernando Tude de Sousa, Técnico do Ministério da Educação e Saúde, e atual Diretor do Serviço de Radiofusão Educativa, daquele Ministério, afirmar: "quem acompanha a história dos grandes líderes americanos da edu-

lismo da história.

Essa atitude tem como substrato um complexo de sentimentos humanos da mais alta valla.

Eleito governador do Estado de

cação, desde Horace Mann e John Dewey, sabe perfeitamente a influência que estes homens exerceram sobre o mundo inteiro. Do primeiro a que nos referimos, Horace Mann, encontramos bem nítidos os traços da sua influência na obra maravilhosa de Sarmiento, na Argentina, de Varela, no Uruguai, e na inspiração do célebre parecer de Rui Barbosa, no Brasil, em 1862.

Atôra os casos mórbidos, de sacrificados com manifestações inconfundíveis de volúpia sádica, vejo, na atitude de Horace Mann, o mais palpitante exemplo de idea-

Massachussets, o vitorioso filósofo e político norte-americano, Horace Mann, renunciou a tão elevado cargo, preferindo ser diretor de um colégio situado em zona inculta e deshabitada do seu solo pátrio.

Desprendimento, grandeza de coração e vivo amor ao próximo fermentaram, na afetividade e intelectualidade do grande apóstolo da educação americana, a sublime idéia geradora da decisão que constituiu, sem dúvida, o mais palpitante exemplo para os homens públicos de todas as nações civilizadas do Universo.



El Estudio del...

Conclusão da pag. 18

Otros dos mas se hicieron, me refiero al texto de lecturas de la profesora B. Magalhaes de Chacel "El Español del colegio", que ha sido uno de los textos mas utilizados, pero presta muy poca atención a la parte gramatical, si bien en lo que concierne a las lecturas, sea inmejorable. Otro, me refiero al libro del Sr. J. R. Calleja Alvarez "Español Básico", aparecido en 1946, muy bien en la parte gramatical, nulo en la parte literaria, como tambien defectuoso en las lecturas, escritas por el autor para que lean los alumnos, por ser demasiado infantiles, no adecuadas para los cursos clasico y científico, que son ya adultos y precisan otro género de lenguaje y de selecciones de motivos, de índole superior y no inferior, como ese citado texto muestra.

Como podemos comprobar, los problemas para la enseñanza del español en los colegios del Brasil, es muy difícil actualmente por los siguientes motivos: 1.º carencia de profesores con máxima capacidad; 2.º textos adecuados y oficializados, para poner coto a tanto texto inutil como se está publicando; 3.º implantación de dicha enseñanza en los cursos escolares de 3.º y 4.º año, para luego tener su utilidad, en los cursos de colegio, durante el primer año, de clásico y científico; de lo contrario, todo será inutil y ganas de perder el tiempo.

ESCRÍNIO POÉTICO**O RATO**

Sonetos de Roque SILVA

*TODAS as noites êle me acordava
com seu cra-crak próprio de roedor ;
e eu nem supunha que êle me deitava
nuvem de pó por sobre o cobertor.*

*UMA noite, acordei, sem nem supor
que o rato roendo no teto estava...
... é que a poeira do meu cobertor
meteu-se no ar que eu respirava.*

*ENTAO, notei que o bicho, num instante,
lá entre os caibros, roendo, roendo,
devia-me lição, naquele dia...*

*... e zaz... caiu no chão, agonizante.
Mas, que tristeza!... bem que compreendo
que nem um rato se matar devia.*

8-11-45.

“SINHAZINHA”

Para Sinhazinha Vanderlei,
depois de haver lido o seu
trabalho sobre o grupo velho
de Açu.

CHORASTES... ah! chorastes!... vejo, agora,
entre essas rosas, quanta dôr vizinha!
É quanta dôr que vence e que espezinha...
Ah! coração despedaçado... chora!

CHORASTES, ah! chorastes, à tardinha,
nesta tristeza do viver de outrora!
Mas, quanta vez chorando a gente adora
a lágrim caída, “SINHAZINHA”!

DEITASTES flores sôbre o chão da vida
de quantos, quantos, co'as lições mais puras,
Levadas pela glória à eternidade...

DA LUZ que morre a sombra é despedida...
Esta é tristeza e pranto... São torturas
esp'ranças que morreram de saudade!

20-6-50.

PROFESSOR FRANCISCO GONZAGA GALVÃO

Para o cargo de Diretor Geral do Departamento de Educação, vem de ser nomeado, por Decreto do Sr. Governador do Estado, Dix-Sept Rosado, o prof. Francisco Gonzaga Galvão, deputado à Assembléa Constituinte, em 1935, e ex-Diretor do Departamento de Assistência às Municipalidades.

O prof. Gonzaga Galvão assume esse alto pôsto na Administração do Estado, suficientemente credenciado por sua folha de serviço, ao ensino de nossa terra, pois, além de antigo professor primário diplomado pela Escola Normal do Estado, S.S. desempenhou, por igual, durante vários anos, funções na Inspeção de Ensino, órgão técnico do Departamento de Educação do Estado.



FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Em 1851, o governo da Prússia, portador, como ainda hoje muita gente, de "Incorrigível mioopia de espírito", mandou fechar os jardins de infância de seu país, por considerá-los focos de socialismo e ateísmo!... As suspeitas sobre os inofensivos jardins nasceram da confusão que se fazia entre o fundador das instituições pre-escolares, Frederico Froebel, e um seu sobrinho de nome Karl Froebel, tido como socialista. Debalde se procurou provar o erro da proibição, porque o governo nada cedia, alegando, autoritário e funesto, que havia refletido maduramente, antes de expedir as suas ordens...

O' tempora! O' mores!



João Henrique Pestalozzi, uma das maiores glórias da Educação, em todos os tempos, certa vez procurou conversar com Napoleão Bonaparte a respeito de seus métodos de ensino. Anunciada a presença do humilde mestre-escola, no Palácio Real, respondeu, arrogante, o Supremo Chefe dos franceses: "Não tenho tempo de tratar de ABC para crianças!"

O professor Pestalozzi salu decepcionado, e naturalmente sentiu-se arrependido de haver procurado incomodar aquêle que se julgava Senhor absoluto do mundo!

Tempos depois, vencido e humilhado, terrivelmente, Napoleão é atirado ao "desterro fatal de Santa Helena", onde veio a morrer doente e desgraçado! Esse, o fim de todos os déspotas!...

UMA LIÇÃO DE COMENIUS

DURANTE os seis primeiros anos, deve-se assentar no espírito da criança a base de todos os conhecimentos necessários na vida. Na natureza, mostrem-se à criança pedras, plantas, animais; ensine-se-lhe a usar de seus membros, a distinguir as cores e os sons, a contemplar o céu; que ela observe seu berço, o quarto em que dorme, a casa, as vizinhanças, as estradas, os arrabaldes; que atenda à sucessão de dias e noites, às estações, às divisões do tempo, às horas, às semanas, aos meses, aos dias festivos; que conheça a administração da casa; que se familiarize com as primeiras noções do cálculo, com as compras e vendas, com as dimensões dos corpos, com as linhas, as superfícies, os sólidos; que ela ouça cantar, e sua voz habituar-se-á a reproduzir sons e frases musicais; culde-se em formar-lhe e desenvolver-lhe a linguagem, em tornar-lhe expressivo o pensamento, o sentimento, mediante gestos, inflexões de voz. Por este modo, a escola materna desenvolverá os germes de tôdas as ciências e artes.



CONSELHO ALIMENTAR DO SAPS

AS PESSOAS ANEMICAS, cujo quadro sanguíneo reclame a constância de alimentos ricos em ferro e proteínas, devem procurar alimentar-se adequadamente, de modo a suprir a carência desses elementos no organismo. No ovo, nos feijões, no fígado de vaca e de vitela, no rim, na carne, encontram-se esses elementos. O que se impõe é saber utilizá-lo.

ASSIM FALAVA ZARATRUSTA...

AQUELE que não quiser morrer de sede, entre os homens, deve aprender a beber em todos os vasos, e o que quiser permanecer puro, entre os homens, deve aprender a lavar-se em água suja.

—:—

O trabalho do mestre precisa ser um sacerdócio e no desempenho de suas funções ele deve não medir esforços e ser capaz de ir até onde permitam as suas forças. — INGENIEROS.

NOTAS & FATOS

O que nem todos sabem.

Que com uma só palavra os alemães classificam uma companhia de navegação. Vejamos, por exemplo, o título desta companhia de barcas, que se lê à entrada de uma povoação, na Suíça: "Vierwaldstae-terseedampfschiffahrtsgesellschaft".

O que quer dizer apenas: Sociedade de Navegação a vapor no Lago dos Quatro Cantões.

Que os chineses e japoneses, que sempre primam pela extravagância de suas indústrias, são hábeis em utilizar um peixe asiático como saco de conduzir compras. O peixe citado, que tem o complicado nome de "Teotodon-fahaka", conserva ainda a sua forma característica.

Que ir para a praia e tomar banhos de mar entrou em voga no tempo de Luis XIV, isto é, há pouco mais de 100 anos.

Até então, só uma ou outra pessoa tomava esses banhos na França e isso em último recurso contra certas enfermidades, como a hidrofobia.

Que o menor homem que já houve foi o Inglês Jeffrey Hudson. Nasceu ele em Rutlandshire, na Inglaterra. Quando tinha 8 anos o duque de Buckingham apresentou-o dentro de uma torta à rainha Harriet. Depois disso, ficou muito conhecido na corte do rei Carlos I. Aos 21 anos media apenas 18 polegadas de altura, menos de meio metro. Um dos maiores divertimentos do rei Carlos I era ver esse pequenino homem, de espada em punho, lutar contra um peru e, nem sempre era Jeffrey Hudson o vencedor.

Os olhos das cobras são privados de pálpebra móvel de que são dotados os lagartos, por exemplo. Seu olhos acham-se protegidos, simplesmente, por uma membrana translúcida semelhante à córnea, que forma corpo com a epiderme do animal e cal durante a muda. É isso o que contribue para dar aos ofídios esse olhar frio e duro, que é uma das causas da repulsa causada pelo aspecto da serpente.

Uma das práticas supersticiosas mais antigas para se ter sorte, consiste em calçar, primeiramente, o pé direito e entrar em uma casa com o mesmo pé. Na antiga Roma alguns senhores colocavam um escravo à porta, para avisar os visitantes do modo por que deviam penetrar nas suas casas.

Numerosas são as distrações dos grandes homens, que se tornaram célebres. Entre os que gozam desse privilégio figura Ampère, que sempre estava abstrato com seus grandes cálculos.

Certo dia regressava ele de seu laboratório e subia a escada de sua casa. Chegou de frente da porta e tocou maquinalmente a campainha. Mas, acontecera que naquele dia começara a trabalhar, ali, uma nova empregada, que não conhecia Ampère. Abriu-lhe a porta e, ao vê-lo com tão carrancuda fisionomia, não lhe passou pela mente que aquele sujeito pudesse ser o "patrão", e impedindo-lhe a passagem, disse:— Desculpe, mas o patrão não está em casa. E Ampère, completamente distraído, deteve-se e, sem notar o que fazia, cumprimentou levemente e começou a descer novamente as escadas.

O pinguim não põe mais de um ovo e só o abandona para ir em busca de alimento. Mas, apesar de ser somente um ovo, é tal a quantidade de pinguins, em alguns lugares, que o Capitão Mood pôde recolher mais de cem mil de uma só vez.

Os chineses acreditam que quando nascem três crianças de uma só vez, devem ser decapitadas, porque uma profecia muito antiga anuncia que uma criança nascida nessas condições será o destruidor do seu país.

O "BLUFF"

Emílio de Menezes, o grande humorista, vivia suas últimas horas. Emagrecera terrivelmente. Mas, nem a presença da morte lhe fez perder a veia do humorismo, que nele constituía uma segunda natureza.

Arquejando, mas pleno de lucidez, entorrou as palavras derradeiras, que deve-

riam servir-lhe do epitáfio :

— Que bluff vou pregar aos vermes...
Roubel-lhes dezessete quilos...

AGONIZANTEZINHO

Sob a aparência despreocupada e rissonha de Lauro Muller, ocultava-se uma vontade tenaz, servida por lúcida inteligência.

Pouco antes de morrer, o antigo "chanceler" provou uma vez ainda a enorme fortaleza de espirito de que era dotado. A um amigo, que à beira do seu leito de moribundo, lhe perguntava qual o seu estado, Lauro Muller, naquele momento supremo, respondeu gracejando: "Agonizantezinho... agonizantezinho"... E não falou mais.

O peso dos objetos não é igual em todo o mundo. Uma coisa que pesa 480 quilos em Londres, pesará um quillo a mais no Groelândia, cerca de um quillo a menos no Equador.

Os relógios de alibeira foram inventados na cidade de Nuremberg, na Alemanha, e os primeiros tinham a forma oval.

....Atualmente os países que fabricam mais relógios de alibeira são a Suíça e os Estados Unidos.

E' curioso que se chame album a todo livro em branco destinado a recolher colzas escritas, pintadas ou pregadas.

Os anals dos Pontífices, que consignavam, dia por dia, os principais acontecimentos do ano, escreviam-se sobre folhas de madeira esbranquiçada com alvalade

e que, por isso, se chamavam album (branco). Tal é a origem desse nome.

NOMES DO DINHEIRO

Para os soberanos — lista civil; para os médicos — honorários; para os empregados — ordenado; para os militares — soldo; para os prestamistas — juro; para os jornalheiros — salário; para os queixosos — indenização; para os beneméritos — legado; para as noivas — dote; para os magistrados — emolumentos; para os acionistas — dividendo; para os intermediários — comissão; para os segurados — prêmio; para os autores — direito; para os pensionistas — pensão; para os operários — féria; para os herdeiros — herança; para os criados — gorjeta; para os comerciantes — lucros; para o Estado — imposto; para os proprietários — renda; para os parlamentares — subsídios; para os capellães — cóngrua; para as obras pias — óbulo; para os mendigos — esmola.

FERAS NA INDIA

Num só ano perecem na India — esse vasto e misterioso país da Asia — cerca de 25.000 pessoas vitimadas pelas feras.

PASSARO-MOSCA

O beija-flor é o pássaro menor que se conhece. Pode voar em todas as direcções, menos para trás.

Uma variedade d'elles emigra do Alasca para o Brasil, atravessando o golfo do México, fazendo, às vezes, vôos de 800 quilômetros sem descanso. Dizem que a menor espécie do beija-flor se encontra em Cuba, com apenas 3 centímetros de comprimento.

O. R. C.

CARACTERES DA AGUA POTAVEL

- 1.º Deve ser fresca, clara, sem cheiro e imputrescível.
- 2.º Deve ser arejada para que contenha ar em solução; do contrário, é indigesta.
- 3.º Deve ter sabor fraco, nem insípido, nem salgado, nem adoçado.
- 4.º Deve dissolver o sabor sem

formar grumos e cozer bem os legumes.

- 5.º Não deve conter germes patogênicos.
- 6.º Seu grau hidrotimétrico não deve passar muito de 22.

Agua potável, em suma, é a água própria para beber, tendo-se em vista que a palavra potável é derivada do verbo latino potare que significa beber.

Charadas

Novissimas.—

- 2-1 — Quem nos livra do pecado e do sofrimento é Jesus, nosso protetor.
- 1-1 — Quem zomba do sofrimento do pobre é escarnekedor.
- 2-2 — E' costume do indiano cobrir o queixo com o vestuário.
- 3-1 — A imperfeição torna um homem depravado.
- 2-3 — Quem tem falha de memória não resolve problema difícil.
- 3-1 — Neste mundo de ilusão há somente o que é falso e falaz.

Casais.—

- 2 — A Banda de Música tocou por ocasião da manifestação ao Inspector Escolar, Antônio Estevão.
- 2 — Fiz o cálculo e esqueci-me de incluir o último número da parcela
- 3 — O criminoso, acossado pela Polícia, provocou correria pela cidade.
- 2 — Na margem do riacho foi feita a excavação de uma mina de chelita.
- 2 — Quem desvia o alheio comete uma ação clandestina.
- 3 — Gosto muito de chá de canela mórno.
- 2 — A casa paterna é o nosso melhor abrigo.

Sincopadas.—

- 3 — Olavo Bilac era um poeta espirituoso e tinha grande ardor patriótico. 2
- 3 — Não é qualquer médico que possui engenho de açúcar. 2
- 3 — Tôda moça elegante procura enfeitar-se. 2
- 3 — A baía de Guanabara é uma maravilha e pode oferecer abrigo, em seu ancoradouro, a tôdas as esquadras do mundo. 2
- 3 — Espírito culto o do pedagogo. 2
- 4 — O homem estúpido tem sempre um gesto desagradável. 2

S. Ana do Matos, janeiro de 1951.

Osvágrio Rodrigues.

RECORDANDO A FIGURA DE UM EDUCADOR

Palmério FILHO

SOB O TÍTULO acima, Raimundo Nonato, intelectual de escol, nos meios literários norte-riograndense e colaborador assíduo das revistas e jornais circulantes, em nosso Estado, publicou belo e judicioso artigo, em "Folha da Manhã", de Recife, enaltecendo as qualidades morais e cívicas do Professor Alfredo Simonetti e a sua atuação, nos meios educativos de Assú e Mossoró, onde, por alguns anos, exerceu as funções de Diretor do Grupo Escolar "Tente. Cel. José Correia" e Diretor e regente da cadeira de Pedagogia da Escola Normal daquela cidade.

De pleno acôrdo com os conceitos emitidos, quer sôbre as suas qualidades de coração, quer sôbre a sua inteligência e cultura, o Professor Alfredo Simonetti foi de fato, na arte de instruir e educar, um pedagogo dedicado e amigo e, sobretudo, compenetrado dos altos e severos deveres de seu cargo.

Grande educador e grande idealista, foi justamente no trabalho assíduo e constante de todos os dias, não perdendo horário nem arrefecendo o seu gosto e vibração pelo ensino, que êle sacrificou a sua saúde e chegou mesmo a perder a vida, no cumprimento fiel dos seus deveres de "Preceptor ilustre e devotado dos que melhor souberam honrar a função, o título e a predição vocacional, mestre naquele superior e real conceito do termo".

Conhece-mo-lo de perto e com êle convivemos intimamente, na mais leal e sincera camaradagem, podendo, portanto, testemunhar-lhe o conceito, a admiração e a amizade de que se fez merecedor.

O Grupo Escolar "Tente. Cel. José Correia", desta cidade, teve sua época mais florescente, justamente ao tempo em que o Professor Alfredo Simonetti lhe dirigiu os destinos fundando o Grêmio Complementarista e a Revista "Paládio", num momento difícil, para a vida do jornal, onde tudo era dificuldade e empecilho, mas, que êle soube vencer com a tenacidade dos fortes e o despreendimento dos abnegados.

Ainda hoje, nos anais do nosso velho Educandário, onde, muitas vezes, a sua palavra atuou no exercício de suas funções pedagógicas e sua memória é relemburada como tradição de perseverança, de amor ao ensino e de dedicação as crianças.

Esta, a razão que nos faz endossar os conceitos emitidos pelo Prof. Raimundo Nonato, e que definem o caráter educativo e individual do nosso inesquecível e prezado amigo — Professor Alfredo Simonetti, de saudosa memória.

Sentimos, não poder, pela exiguidade de espaço, transcrever, na íntegra, o artigo a que aludimos.

EDUCANDO PARA A VIDA

Emília Soares de CARVALHO



MIMO EXCESSIVO com que certos pais tratam os filhos, constitui um dos maiores inimigos da boa educação. A Higiene Mental previne-nos que filhos excessivamente mimados estão quasi sempre fadados a insucessos na vida adulta (e não raro a infelicidade).

Há crianças que se habituam de tal forma a que se lhes façam as vontades, que chegam a impor condições para executar os atos mais rotineiros.

Para só citar um exemplo, narro o caso de uma menina de três anos, que chegou ao ponto de somente consentir em deitar-se, para dormir, se sua mãe ou "Babá" a acompanhasse à cama, contando histórias. Por último, suas exigências foram aumentando, não permitindo mais que as histórias fossem repetidas. Esse estado de coisas foi se agravando de tal modo que, certa vez, como a "Babá" se negasse a satisfazer seu capricho, teve uma crise nervosa, ficando arroxeadada, perdendo a fala, tendo sido necessária a presença de um médico que, sem conhecer os antecedentes do caso, chegou a formular o diagnóstico de epilepsia.

Somente depois de se inteirar das condições sob as quais essa menina era educada, foi que pôde ajulzar verdadeiramente do que se tratava e aconselhar a família uma atitude psicológica, a seguir, segundo as normas da Higiene Mental. Muitas vezes, é verdade, as coisas não chegam a esse ponto, mas nem por isso o excesso do mimo deixa de ter más consequências.

"A criança, para quem tudo se facilita, sem nada se exigir em troca, vai se habituando a receber sem retribuir", diz Danilo Perestrello. Torna-se egoísta e tirana, não sabe apreciar a dedicação dos pais.

Nem tão pouco será feliz, porque nem bem os seus caprichos são atendidos, inventa outros. E quando acontece não serem exequíveis, seguem-se as cenas e os ataques. Tal criança será o tormento dos pais e de todos os que com ela convivam. Mais tarde, quando não tiver quem lhe contente as mil e uma vontades, será uma infeliz e talvez uma revoltada, incapaz de suportar os embates da vida. Com isto, também, muitos sofrerão os pobres professores, que encontram gran-

MÃE PRETA

Gastón FIGUEIRA

(Traduzido do espanhol por Jussara)

Velhinha negra
 Que na tarde estival
 Rezas diante do altar
 Da catedral
 No chão as chinelas deixaste ficar
 E a tua pobreza
 Contrastata com a riqueza
 Dourada do altar
 Tu sabes porém
 Que Jesus ama os humildes
 E fervorosamente
 Oras, sem suspeitar
 Que um poeta enternecido
 Está te vendo orar;
 Foste a mãe preta
 Aquela
 Forçada a abandonar o próprio filho
 Para amamentar
 Os filhos das mães brancas.
 Foste a mãe preta
 Encheste as cabecinhas infantis
 Das sugestivas lendas brasileiras
 E acalentaste muito berço, muito berço
 Com carinhosos ritornelos
 Das doces canções de outrora.
 Tu foste a mãe preta

Ativa, dolorosa, sempre resignada,
 Sempre com um sorriso nos lábios
 Sempre com o trabalho nas mãos.
 Tu foste a mãe preta
 E tens a culpa (doce culpa)
 De que haja no Brasil tanto poeta
 Pois nas almas infantis desabrochaste
 O rosal do sonho
 Cheio de mel
 E de espinhos cheio.
 Hoje estás sozinha
 E tão velhinha, tão velhinha
 Que te resta somente
 O refúgio do altar,
 Onde diariamente
 A tua voz sutil, cheia de lágrima
 Em trêmulo balbucio vem orar
 Ao Senhor do Bonfim.
 E ali, a alma aliviada
 Em êxtase profundo te entregas
 Até alguém te advertir
 Que o templo vai fechar.
 No instante em que te vi
 Contrita no altar
 Mãe preta me pareceste
 Uma santa a rezar.

de barreira para batalhar pelo futuro destas crianças mal educadas.

Além o professor terá que lutar com dura corrente, que, além de instruir, tem que formar primeiro que tudo a educação. E, vindo a mesma mal orientada do lar, é portanto o "martir" o mísero professor". Pais, saibam por conseguinte, amar seus filhos. Não é fazendo vontades e satisfazendo todos os seus intentos que mostrarão amor por eles, mas educando-os para a vida, amenizando mais um pouco a missão do professor. Assim, então, a escola e o lar trabalharão pelo futuro da criança, pois "a escola é o prolongamento do lar".

DOENÇAS DA BÔCA

Dr. Aloysio Gois BARROS

Cirurgião-Dentista da Estrada de Ferro "Sampalo Correia", do Hospital de Alienados e da "Associação de Professores".

A

BÔCA CONSTITUE uma cavidade da face, situada abaixo das fossas nasais e acima do músculo miloióideo, limitada, na frente, pelos lábios, lateralmente pelas faces, ao alto pela abóbada palatina e em baixo pelo pavimento da bôca.

A cavidade oral propriamente dita, tem por tecto a abóbada palatina, dividida em duas porções: uma anterior, dura, e uma posterior, mole, à terminar-se com o véu palatino e limitando o istmo das faces.

No revestimento mucoso da cavidade oral, munida de um epitélio chato estratificado, rico em elementos elásticos, com glândulas, capilares sanguíneos e linfáticos, desembocam os condutos excretores das grandes glândulas salivares: a glândula parótida, sub-maxilar e sub-lingual.

A mastigação, destinada à fragmentação e à trituração dos alimentos, é o principal ato fisiológico, que se processa, na cavidade oral, para isso concorrem os lábios, as faces e a língua, mandando os alimentos para a arcada dentária. Para a desagregação das substâncias alimentares, reduzindo-as à massa pastosa e facilitando, assim, a deglutição, contribue a saliva que é o produto como todos sabem das glândulas citadas (parótida sub-lingual e sub-maxilar).

Graves repercussões tem a mastigação deficiente sôbre a função gastroentérica, de modo a constituir frequentemente o elemento causal não só de desordens funcionais, mas ainda, várias doenças orgânicas intestinais graves, que são devidas mais do que a falta de uma primeira fase digestiva, à insuficiente trituração e dissolução dos alimentos.

A cavidade oral serve, também em parte, para a respiração e é essencial para a formação da linguagem articulada.

Como porta de entrada do canal digestivo e do aparelho respiratório tem, pois, a máxima importância em relação às funções gerais do organismo.

Quanto à patologia da cavidade oral, ela pode ser a sede de doenças primitivas e o ponto de partida da difusão das mesmas, no organismo, como também pode ser a sede de manifestações patológicas secundárias de doenças gerais do organismo. Entre as condições fisiológicas que têm repercussão sôbre a

COMO SE É BOM MESTRE

LEMOS COM MUITO interêsse o opúsculo n. 2 de 1945 da Repartição de Educação dos Estados Unidos, intitulado "More Flrepower for Health Education". Arthur H. Steinhaus o seu autor, Chefe da Secção de Educação Física e Higiene da Repartição de Educação, discute o tema da educação para a saúde na "High School" ou Escola Secundária dos Estados Unidos. Entre as numerosas discussões sôbre métodos e recursos de ensino mais adequados para estimular o interêsse pela higiene e saúde, o Sr. Steinhaus inclui o importante tópicó da personalidade do mestre. A propósito, analisa os resultados de um estudo de opiniões de 972 estudantes norte-americanos de escolas secundárias, representativos dos dois ciclos, sôbre o que constitui, em seu conceito, o bom mestre da Escola Secundária. O estudo foi feito pelo registro estatístico das respostas dos alunos, dadas em têrmos de qualidades. O estudo corrobora os resultados de uma investigação parecida, mais extensa e completa, realizada por Frank W. Hart, em 1934, segundo aparece em sua obra "Teachers and Teaching", publicada pela Casa Mac Millan de Nova Iorque.

Transcrevemos a seguir a lista de qualidades do estudo analisado por Steinhaus, em ordem de importância deduzida de seu registro estatístico. Além de ser idôneo sob o ponto de vista profissional, o bom mestre :

E' paciente e compreensivo.
 Tem o sentido do humor.
 Gosta de ajudar e cooperar.
 E' amistosó e sociável.
 E' razoável ao marcar as tarefas.
 Tem uma boa disposição.
 Mantém a disciplina.
 Não demonstra favoritismos.
 Explica tudo o que ensina.
 Tem habilidade para ensinar.
 Não grita nem perde seu auto-domínio.
 Tem uma personalidade atraente.
 E' serviçal e ajuda a resolver os problemas pessoais dos alunos.
 E' cortês e bondoso.
 Não se sente superior nem distante.
 E' jovial.
 Torna interessante o trabalho.
 Não ridiculariza nem humilha o aluno.
 E' indulgente ao dar as notas.
 Veste-se bem.
 Estimula a discussão.
 E' um "bom camarada", franco e cavalheiresco.
 Sabe o que ensina.
 Castiga com benignidade.
 Estimula a iniciativa dos alunos.
 E' uma fato reconhecido que a personalidade do professor, da escola primária, secundária ou vocacional, influi poderosamente na qualidade do ensino que ministra. E' lógico, portanto, que o mestre se interesse em conhecer as reações que causa em seus alunos, e a forma pela qual aquêles apreciam suas qualidades docentes. Sondagens de opinião como a que

mencionados, são dignas de consideração e emulação, podendo auxiliar o professor a examinar-se sob o ponto de vista dos alunos e obrigá-lo a conformar mais seus hábitos e idiosincrasias pessoais às necessidades de seu ministério. Na lista das qualidades enumeradas anteriormente, poderá notar-se que quase tôdas se referem mais a atitudes e disposições que a capacidades e habilidades propriamente ditas, e que tocam, de um modo ou de outro, as exigências fundamentais do individuo — tais como o respeito à responsabilidade, o sentido do reconhecimento e a tendência ao intercâmbio social.

Temos que convir em que os estudantes norte-americanos, ao da-

rem sua opinião sobre as qualidades de um bom professor, responderam dentro do seu padrão social, tendo em vista valores e princípios que são parte de sua vida corrente. Possivelmente, os estudantes latino-americanos não responderiam em termos exatamente idênticos nem dariam a mesma importância a cada qualidade. Porém, a lista a que nos referimos parece, tomada em termos gerais, um índice apreciável e sugestivo das qualidades básicas do bom mestre. Valeria a pena podê-la comparar com estudos parecidos dentro do meio escolar latino-americano.

(Da revista americana "Leitura para Educadores", set. 1946, 11).

Conclusão da pag. 33

cavidade bucal, está em primeiro lugar a gravidez, durante a qual surgem, com frequência, a cárie dentária e as afecções da gengiva.

No campo patológico, a bôca é a sede de fenômenos mórbitos secundários, sobretudo nas doenças febris: Herpes labial, meningite cérebro-espinhal e pneumonia.

São típicas as inflamações da cavidade oral que acompanham as intoxicações crônicas de origem medicamentosa ou profissional: estomatite mercurial, bismútica e saturnica.

Finalmente, por fôrça das manifestações na bôca, são determinadas, ainda, frequentemente, as doenças do sangue: a anemia perniciosa, a clorose, a leucemia e a diátese hemorrágica, entre as quais a mais importante é o escórbutico.

Em tôdas estas afecções que ferem a mucosa ou o esqueleto da cavidade oral, manifestam-se dôres, alterações da voz, da mastigação, do paladar e do hálito, êste em qualquer caso adquire um fétido característico; algumas vezes estas afecções são acompanhadas de febre e de alterações, no estado geral do paciente. Este complexo sintomático subjetivo não é inteiramente característico, porque se apresenta, em quase tôdas as afecções da cavidade oral, sem nenhuma relação com a natureza ou entidade do processo. Cumpre ao médico esclarecer a origem da lesão orgânica que pode ser diretamente observada e avaliada.

RIO GRANDE DO NORTE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

"NORMAS PARA CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS PRIMARIAS RURAIS"

(Tipo para os Estados)

AS ESCOLAS deverão ser construídas em zona saneada, em terreno limpo porém arborizado, em ponto de fácil acesso; o local deverá ser aprazível, com boa ventilação, com ausência de ruídos, de poeiras, de fumaças, de gases fétidos ou nocivos, de insetos, mas com fácil acesso a pedestres e não ter servido de depósito de sobras ou resíduos domésticos, adubos vegetais ou animais.

I — Condições para a escolha do terreno :

a) O terreno deverá ficar a uma distância mínima de 200 metros de cocheiras ou currais, de máquinas de beneficiamento, de rios ou terrenos pantanosos; deverá ainda ficar afastado de casas comerciais, de mercados, de feiras livres, de hospitais, postos de saúde, cadelas ou delegacias, cemitérios e das margens das estações ou linhas ferroviárias ;

b) O terreno deverá ter no mínimo 10,000 metros quadrados, com o lado de fácil acesso voltado para o quadrante SE—SO;

c) O terreno sempre que possível, deverá apresentar condições de facilidade de abastecimento de água pela rede geral de água potável, ou por nascentes, poços, rios ;

d) Preferencialmente, deverá ser escolhido aquele que mais próximo ficar da rede de esgotos desde que possa utilizá-la para tal fim; em caso contrário, será admissível a construção dos tipos de fossas recomendadas pelo D.N.S. (poço absorvente e fossas sépticas) situadas ao lado do prédio escolar, com capacidade para 50 pessoas.

Se não for ainda possível atender a essas exigências permite-se a construção das instalações sanitárias a uma distância mínima de 10 metros do prédio e de 20 metros a qualquer poço ou manancial d'água de serviço desde que a fossa fique a sua jusante, em relação ao movimento do lençol freático.

II — Memorial descritivo das obras.

1 — Serviços Preliminares —

Deverão ser executados todos os serviços necessários a implantação da obra, como preparo do terreno, nivelamento, limpeza, etc.

Conclui na pag.48

FATOS E CURIOSIDADES DO VERNÁCULO

O FILÓLOGO SEBASTIÃO VALENÇA RESPONDE A UMA CONSULTA DO PROF. MANUEL JÁCOME DE LIMA

68 — MANUEL JÁCOME DE LIMA — Pau dos Ferros — Rio Grande do Norte. — Distinguiu-nos este distinto membro do magistério potiguar com uma carta em que nos dirige três perguntas :-

a) — qual a grafia em vigor: a do "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", de 1943, ou a resultante do acôrdo interacadêmico, assinado em 10 de Agosto de 1945, em Lisboa ?

b) — se admitimos a subjetividade de "se" e, em caso afirmativo, em que nos baseamos ?

c) — qual a pronúncia: Bâlcans, ou Balcans ?

I — Para melhor entendimento, diremos preliminarmente, o seguinte, a respeito do sistema ortográfico legalmente em vigor :

Pelo Decreto-lei número 8.286, de 5 de Dezembro de 1945, publicado no "Diário Oficial" da União, de 12 do mesmo mês, o Governo da República aprovou o Acôrdo ortográfico resultante dos trabalhos da Conferência Interacadêmica de Lisboa.

Conforme se vê do artigo 2.º do referido diploma legal, a Academia Brasileira de Letras ficou incumbida de adaptar às normas do Acôrdo referido as instruções para a publicação do Vocabulário da Língua Portuguesa.

O artigo 3.º do citado Decreto-lei encarregou a Academia Brasileira de Letras de elaborar um **Vocabulário Ortográfico Resumido**, exemplificativo das normas estabelecidas no Acôrdo. Ai mesmo incumbiu a Academia de refundir e publicar outra vez seu "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", (o de 1943, impresso na Imprensa Nacional).

Cumprindo a sua missão, a Academia Brasileira de Letras organizou, tendo sido já publicado pela Imprensa Nacional, em 1947, o **Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa**, com 497 páginas, em que se encontra o inventário apenas das palavras básicas da Língua.

Uma vez publicado o "Vocabulário Ortográfico Resumido", impunha-se, de logo, "independentemente de nova aprovação do Governo", a observância do seu conteúdo, como "padrão para a escrita vernácula, assim para o ensino no país, como para as repartições públicas", tudo de acôrdo com o disposto no artigo 4.º do Decreto-lei número 8.286, citado.

Mas, em nosso país, nem sempre importa muito dar cumprimento a mandamentos legais; e, talvez por isso, a autoridade ministerial que, pelo artigo 5.º do sobredito Decreto-lei, baixaria, por mandamento imperativo, portaria "que consignasse a obrigatoriedade, nas escolas, da ortografia regulada pelo Acôrdo Interacadêmico, tendo em vista as conveniências do ensino, a suficiente difusão dos Vocabulários acadêmicos e os prazos que fôsem razoáveis para a adaptação dos livros didáticos, sem prejuizo de autores e editores", entendeu, por amor de convicções pessoais do seu titular, que seria oportuno, despidando a ordenação legal, entregar o caso a debates parlamentares, inteiramente descabidos, estando encerrada a questão nos termos da própria lei: "independentemente de nova aprovação do Governo" (Decreto-Lei

8.286, art. 4.º).

E, assim, temos uma lei, que entrou em vigor na data de sua publicação, em 12 de Dezembro de 1945, indefinidamente iludida nos seus objetivos, por caprichos ministeriais ou de quem maior interferência se haja arrogado o direito de usar, no caso, com desdolo para a pátria do Brasil, empenhada numa conferência internacional, e desprezo para com os consideráveis dispêndios feitos pela nossa Academia de Letras, ou pelo Tesouro Nacional.

Para concluir, neste ponto, temos que a ortografia legalmente em vigor é a do Acôrdo de 1945, aprovado pelo Govêrno ha mais de quatro anos e regulamentado pelo "Vocabulario Ortográfico Resumido" da Academia Brasileira de Letras, (Imprensa Nacional, 1947). O fato de que o Ministro da Educação e Saúde descumpriu o art. 3.º do Decreto-lei n. 8.286, não importa revogação dêsse diploma, e apenas significa um momento administrativo, que passará, e que deixará às gerações vindouras uma prova nada lisonjeira de que em nossa terra uma lei de fundo altamente intelectualista, mesmo que consagre acôrdos internacionais, vale muito menos do que qualquer decretinho executivo, ou qualquer officio burocrático de uma autoridade executiva.

E' triste ?

Não há dúvida; mas é verdade, que não precisamos comprovar com documentação mais alta do que o próprio "Diário Oficial" todo escrito, ainda, pelo pretense sistema de 1943.

• • •

II — Não admitimos a subjectividade do "se". Pertencemos à escola de Carneiro Ribeiro, de Eduardo Carlos Pereira, de Cândido de Figueiredo, etc., que, não tendo ouvido jamais que os latinos chamassem ao morfema — *ur* particula subjectiva, por êste motivo rejeitam a queira apellidar sujeito ao "se". Não obstante, a passiva impessoal é facto indestrutível.

Quem, com effeito, diz ser o "se" sujeito, em boa linguagem portuguesa, será capaz de dizer, igualmente, que o morfema — *ur* o é também, no latim, visto que na expressão *sic itur ad astra* (assim se vai, ou vamos, ao céu) o verbo é inapassivável no dizer de quantos advo-gam a subjectividade do "se", em Português.

• • •

III — A respeito de *Balkans*, que, etimologicamente, palavra turca, significa montanhas, o "The Century Dictionary and Cycloped-ia" regista, para os que falam Inglês, as pronúncias *balkans* e *balkans*. Entre nos, temos isto :

Othelo de Sousa Reis, no seu ótimo "Três Palavrinhas", informa que a pronúncia do nome geográfico *Balkans* é *Balkans*, com a tónica na primeira sílaba, e sugere a escrita vernácula *Balcans*.

O "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", organizado por Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso, edição 1946, no verbo *balcânico* regista a palavra *Balcás* assim mesmo, com a última sílaba por tónica.

Era o que estava consignado no "Grande e Novíssimo Dicionário" de Laudelino Freire e J. L. de Campos, na ficha concernente ao adjetivo *balcânico*.

Também Antenor Nascentes, no seu utilíssimo "Dicionário de Dúvidas e Dificuldades do Idioma Nacional", edição de 1941, manda pronunciar *Balcás*, carregando na última sílaba.

Problemas da Educação Infantil

Antonio E. da SILVA



EMERITO DR. EMILIO MIRA Y LOPEZ, professor de psicologia na Universidade de Barcelona, Espanha, acaba de publicar excelente trabalho cuja divulgação deve ser feita, mormente para conhecimento de quantos se entregam às atividades de preceptores em nosso país.

Condensadas em cinco princípios, as suas observações vêm pôr à mostra aspectos verdadeiramente transcendentales neste setor do serviço público.

Opostos em seus pontos de vista, Rousseau e Freud ventillam a questão, afirmando aquele que o homem nasce integralmente bom e que a sociedade é que o degrada. O autor da Psicanálise considera a criança como o germen de tôdas as perversões.

Anima-nos nesta tarefa de propagar os conceitos do dr. Mira saber que recrudesce, de modo surpreendente, o número de famílias, que enfrentam conflitos oriundos da falta de acôrdo a respeito dos fins e meios de formação de seus membros: filhos e filhas queixam-se de "não serem compreendidos", ao passo que pais e mães argumentam que "não são respeitados". Representa-se um verdadeiro drama: má conduta das crianças, sofrimento das mães e desgosto do pai.

Sem pretensões de dogmatismo e muito menos de sobrepujar os postulados da psicopedagogia, abordemos o chamado "conflito das gerações" fonte de inquietude, neurose, delinquência e desajuste em crianças e jovens.

De uma variedade de casos, segundo o psicologista citado, infinita, resulta que os critérios são gerais. E como a tarefa é longa e a vida breve na máxima de Hipocrates pesquiseemos os elementos no âmago dos temas.

Reponta o primeiro princípio: "Ninguém pode dar o que não tem nem tampouco mais do que tem". Evidente por si mesmo, este princípio, conquanto conhecido, é ignorado por progenitores. Noutras palavras esta verdade significa que os pais desejosos de educar bem, deverão começar por fazer-se a si mesmos educados. A célebre frase "faz o que te digo e não faças o que faço" não produz efeito algum no campo da educação; crianças e jovens aprendem pelo exemplo e não pelo ditado; fazem o que desejam de acôrdo com o que observam e não de acôrdo com o que se lhes indica. Ou cito de outro modo: todos os filhos elaboram sua conduta de um modo espontâneo e não imposto. Quando aprendem a reformá-la fazem-no de dentro para fóra e não vice-versa.

Corolários: De nada serve aconselhar calma quando quem a

préga está nervoso. Nem pedir obediência se quem a pede é rebelde. Nem exigir ordem se no lar há desordem (ou uma ordem original e sul-generis que sòmente satisfaz aos adultos). Menos servirá ainda pedir sinceridade quando não a oferece prévia e constantemente esta virtude; quão poucos são os pais que podem afirmar que nunca mentiram a seus filhos! Exatamente êsses poucos são os que têm direito a esperar que seus filhos não lhes mintam.

Moedeiros falsos da palavra — como sentença Jules Payat — os mentirosos são execráveis e a criança, ainda um sêr em formação, sem as mazelas do adulto, com uma pureza da alma a ser preservada, não pode tolerar o embuste, que se lhe atrai, bem que parta daqueles que têm o dever inludível de amalgamar os seus sentimentos, gravando-os no exemplo de uma vida pautada nos sãos princípios da moral cristã.

Si a criança tem o germen de tôdas as perversões não há como ser ela objeto da mais rigorosa observação dos progenitores, sem que essa observação lhe cause estorvo ou impeça as suas atividades lúdicas.

Departamento de Educação

Conclusão da pag. 36

2 — Movimento de terra —

Conforme a natureza do terreno e tipo de construção a ser adotado, deverão ser feitas as cavas das fundações até encontrar terreno firme, que ofereça condições de segurança e estabilidade da edificação.

Serão feitos os necessários aterros e desaterros na área compreendida pelas paredes perimetrais da Escola e pelo passeio.

Filólogo Sebastião Valença....

Conclusão da pag. 38

Finalmente, para fechar com chave de ouro esta resposta, saiba o Professor Manuel Jácome de Lima, se é que realmente ignora o fato, pois se trata de um dos mais distintos mestres da Língua, em o Norte brasileiro, segundo nos informa um dos seus discípulos residentes em Salvador, saiba êle, dizíamos, que o grande Rebelo Gonçalves, no seu estupendo Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa, (Coimbra, 1947), exemplifica seus ensinamentos com a palavra *Balcãs*, duas vezes, a página 128 e 194, como oxitona.

Queda da Bastilha

(Para PEDAGOGIUM)

Raquel de Paiva NEVES

A TÊ A AUSPICIOSA DATA de 14 de Julho de 1789, em que os bravos franceses destruíram a ignóbil fortaleza conhecida pelo nome de Bastilha, o homem não era senão uma propriedade dos reis, na mesma linha de conduta que os viracionais.

Depois daquela data, porém, a humanidade foi elevada à dignidade atual, mediante a Declaração dos Direitos do Homem, outorgada pela colenda assembléa que precedeu à Revolução Francesa.

Ao começar o reinado de Luís XVI, em 1774, tristíssimo quadro oferecia a França e com ela a humanidade, expostos como se achavam à vilania e à corrupção dos escravocratas cujo remanescente infeliz ainda se destaca desgraçadamente em pontos diversos do mundo.

As guerras inúteis, o luxo desordenado, enfim os esbanjamentos vergonhosos dos poderosos arruinaram as finanças públicas, e, em consequência os impostos tiveram de ser aumentados progressivamente até deixarem o povo imerso na mais clamorosa miséria.

A nobreza e o clero isentos de pagar impostos, ficavam alheios às desgraças públicas, ensaiadas no feudalismo.

Este estado de coisas levou o povo a desejar uma reforma, instruído que foi pelos influxos das idéias dos filósofos e economistas, daí a agitação que culminou com a Revolução Salvadora da Humanidade.

E' certo que, excessos foram praticados para que triunfasse a Revolução, e, dela gozassemos os benefícios aurefulgentes. Mas, os benefícios resultantes são tão apreciáveis que chegam a empanecer por completo os referidos excessos, como nuvens bonançosas obscurecem a luz fulgurante do Sol.

Festejando esta data gloriosa, é um prazer e um dever de humanidade saudarmos os que tombaram gloriosamente na defesa de tão belos ideais, cujo sangue reflete-se na gloriosa bandeira da França Imortal.

Ça ira! ça ira!

A' la lanterne les aristos.

Frutas

O CAJUEIRO pertence à família das Quacardiáceas, assim como a mangueira, a cajazeira, o umbuzeiro e outras fruteiras.

Diz-se que o seu fruto é a maior fonte conhecida de vitamina C, possuindo mais do dôbro de ácido ascórbico que qualquer outro inclusive o limão e a laranja.

O cajueiro é originário da America tropical, acreditando-se, porém, o tenham os portugueses transplantado para a India, visto como é dêsse país que os norte-americanos recebem o seu fruto.

Foi a partir da primeira Grande Guerra que a exportação da castanha veio a ser uma indústria importante. Tão popular se tornou nos Estados Unidos que cerca de 84 por cento de todo o caju que se põe à venda no mundo é consumido pelo referido país.

O *anacardium occidental*, que é assim chamado cientificamente, desenvolve-se em qualquer estado em que se acham os campos nas zonas tropicais.

O cajueiro é de vida longa e frutuosa. Além do caju — expansão da folha — proporciona êste vegetal uma castanha deliciosa como também lenha para o fogo, material para encaixotar.

A casca, que cobre a castanha, contém um líquido escuro: inflamável. A castanha é de sabor agradável, comestível, com 40 a 50 por cento de óleo. Este não é o único produto aproveitável, pois, como parte integral da colheita se obtém uma fruta suculenta de que se forma a castanha, a qual fornece agradável bebida. Posto que 65 por cento consiste em suco, êste pode converter-se em xarope ou ser fermentado em vinho ou vinagre. Existem duas classes principais de frutas: vermelhas e amarelas, sendo aquelas mais pesadas que estas.

O óleo da casca da castanha sobrepuja o valor da própria fruta, considerada como tal a expansão das folhas. Ele é um produto valiosíssimo da exportação, pois, constitue um dos melhores lubrificantes para armadura de magneto na aviação, devido à sua qualidade de grande resistência ao calor. Quimicamente é composto de ácidos anacárdico e agálico e cardo. Êste usado como preservativo para barcos e rédes de pescar na India e nos frelos dos veiculos. Em excelente gráu de refinamento sua principal aplicação é a de engraxar magnetos de aviões de combate.

LEI N.º 7

ESTATUTO DO MAGISTÉRIO PÚBLICO

O Presidente da Assembléa Legislativa :

Faz saber que o Poder Legislativo decreta e promulga a seguinte lei :

Art. 1.º — Este Estatuto, elaborado de acôrdo com o art. 134, da Constituição do Estado, regula o provimento e a vacância dos cargos do Magistério Público Estadual, direitos, deveres, vantagens e responsabilidades dos professores públicos do Estado.

Art. 2.º — O professor público é a pessoa legalmente investida em cargos do Magistério Público.

Art. 3.º — São órgãos do Magistério Público :

- a) a Diretoria Geral do Departamento de Educação
- b) a Inspeção de Ensino
- c) as diretorias dos estabelecimentos de ensino.

Parágrafo único — São órgãos auxiliares o Conselho Estadual de Educação e Cultura e outros que venham a ser criados.

Art. 4.º — Os cargos do Magistério Público são de carreira e isolados.

§ 1.º — São cargos isolados os de professores do ensino profissional, normal, secundário e superior e os do quadro auxiliar.

Art. 5.º — Os cargos do Magistério Público são acessíveis a todos os brasileiros, observadas as exigências legais.

Art. 6.º — Os cargos de carreira são de provimento efetivo, os isolados são de provimento efetivo ou em comissão, segundo a lei que os criou.

TITULO I

CAPITULO I

Do provimento e vacância dos cargos

Art. 7.º — O Magistério Público se constituirá em dois quadros denominados Quadro Permanente e Quadro Auxiliar, assim organizados :

a) Quadro Permanente :

- 1 — Professores catedráticos ou docentes de Faculdade

- 2 — Professor catedrático do Colégio Estadual e Ginásios
- 3 — Professor catedrático de Escola Normal
- 4 — Professores normalistas
- 5 — Professores e mestres do Ensino Profissional.

b) Quadro Auxiliar :

- 1 — Assistente e preparador de Faculdade ;
- 2 — Professor auxiliar de estabelecimento de ensino superior secundário, normal, primário e profissional
- 3 — Regentes de Ensino Primário
- 4 — Professores primários não diplomados

Art. 8.º — Compete ao chefe do Poder Executivo prover por decreto os cargos do Magistério Público Estadual.

Art. 9.º — Os cargos serão providos por :

- I — Nomeação
- II — Promoção
- III — Remoção
- IV — Reintegração
- V — Readmissão
- VI — Reversão
- VII — Aproveitamento

Art 10 — São requisitos para o provimento em cargos para o Magistério Público :

- I — ser brasileiro ;
- II — ser maior de 18 anos e menor de 50 anos ;
- III — ser reservista das forças armadas ;
- IV — estar no gozo dos direitos políticos ;
- V — ter boa conduta ;
- VI — ter boa saúde ;
- VII — satisfazer as condições especiais exigidas para o provimento.

Parágrafo único — A prova do item VI será feita mediante a apresentação de laudo da junta de inspeção de Saúde do Estado.

CAPÍTULO II

Das nomeações

Art. 11 — As nomeações serão feitas :

- I — em comissão, quando se tratar de cargo que, em virtude de lei, assim deva ser provido ;
- II — para estágio probatório, quando se tratar de professor normalista em primeira nomeação ;
- III — em caráter efetivo, quando se trata de cargo de provimento

to efetivo ou quando o candidato for professor normalista com estágio probatório de dois anos ou se já tiver exercido o Magistério e o tiver deixado espontaneamente, podendo reingressar com as mesmas vantagens e situação do tempo em que deixou o exercício ou seja na mesma categoria obtida em virtude de concurso, desde que não prejudique direitos de terceiros.

IV — Interinamente, para cargo vago, isolado ou de carreira, quando não houver candidatos que satisfaçam as condições para a nomeação efetiva ou estágio probatório ;

V — em substituição, para cargo de carreira ou isolado a professor legal e temporariamente afastado.

Art. 12 — Para as nomeações em caráter efetivo, além dos requisitos enumerados no art. 10, é exigida a prestação do concurso para os professores secundários e dos cursos normais e a prova de habilitação em cursos oficiais equiparados ou reconhecidos para os professores do ensino profissional e primário.

§ 1.º — Os concursos para o ensino superior e secundário serão realizados de conformidade com a legislação federal.

§ 2.º — Os concursos para os cursos normal, profissional e primário serão realizados de acordo com a legislação estadual.

Art. 13 — Estágio probatório é o período de setecentos e trinta dias de exercício, durante o qual é apurada a conveniência da permanência do estagiário, no serviço, mediante apuração dos seguintes requisitos :

- I — idoneidade moral ;
- II — aptidão ;
- III — disciplina ;
- IV — assiduidade ;
- V — dedicação ao serviço ;
- VI — eficiência.

§ 1.º — O Chefe imediato do estagiário informará, três meses antes de expirar o prazo do estágio, ao Diretor do Departamento de Educação, sobre a conveniência da efetivação.

§ 2.º — O Departamento de Educação, em face das informações, enviará ao Governador do Estado, por intermédio da Secretaria Geral, a proposta da nomeação efetiva ou dispensa.

§ 3.º — Ao estagiário que se julgue prejudicado cabe recurso dentro de 60 dias da decisão do Diretor Geral do Departamento de Educação para o Governador do Estado; nessa hipótese, o processo será encaminhado ao Conselho Estadual de Educação e Cultura, que emitirá parecer ao remetê-lo para o Governador.

Art. 14 — O exercício de cargos cujo provimento efetivo dependa de concurso não isenta dessa exigência o respectivo ocupante interino, qualquer que seja seu tempo de serviço e idade.

§ 1.º — Todo aquele que ocupar interinamente um cargo de provimento, por concurso, será inscrito, ex-officio, no primeiro que se realizar.

§ 2.º — Homologado o resultado do concurso, serão exonerados os interinos inhabilitados, respeitada a estabilidade assegurada pela Constituição Federal.

Art. 15 — A admissão de professores do Quadro Auxiliar será feita mediante portaria do Diretor Geral do Departamento de Educação.

CAPÍTULO III

Dos concursos

Art. 16 — A admissão em cargo do Magistério Público, em caráter efetivo, dependerá de concurso de provas ou de títulos, obedecido o seguinte critério :

- a) concurso de títulos para o ensino primário e profissional ;
- b) concurso de provas e títulos, de acordo com a legislação federal, para o ensino superior, secundário e normal, de acordo com a legislação que regulariza o assunto.

Parágrafo único — Para os fins de que trata a alínea a deste artigo, considera-se título o diploma expedido por Escola Normal ou Profissional, oficial ou reconhecida pelo Estado e outras que se relacionem com o assunto.

Art. 17 — A admissão de professores ou auxiliares dos estabelecimentos de ensino secundário e normal do Estado far-se-á mediante prova de habilitação, de acordo com o programa a ser elaborado pelo Conselho Estadual de Educação e Cultura.

Art. 18 — A admissão de auxiliares do ensino primário e profissional dependerá de prova de habilitação, organizada de acordo com instruções baixadas pelo Departamento de Educação.

CAPÍTULO IV

Da posse

Art. 19 — A posse do membro do magistério público se dará :

I — perante a Secretaria Geral do Estado, quando se tratar de professor estagiário, superior, secundário, normal, profissional e primário, em caráter efetivo, ou para o estágio probatório ;

II — perante o Diretor Geral do Departamento de Educação, quando se tratar de professor do quadro auxiliar.

Art. 20 — A posse verificar-se-á mediante assinatura de um

térmo em que o professor prometa cumprir fielmente os deveres do cargo.

Parágrafo único — O térmo será lavrado em livro especial e assinado também pela autoridade que der posse, extraíndo-se do mesmo cópia para remessa à repartição ou serviço encarregado da anotação em folha de pagamento.

Art. 21 — A posse será tomada dentro de trinta dias, prorrogáveis por mais trinta, a requerimento do interessado, contados da data em que fôr publicado o decreto ou portaria de nomeação ou admissão.

CAPITULO V

Do exercício

Art. 22 — O início, a interrupção e o reinício do exercício serão registrados no assentamento individual do professor.

Art. 23 — O chefe de repartição ou estabelecimento de ensino, para o qual fôr designado o professor, é a autoridade competente para dar-lhe exercício, podendo ser prorrogado a critério do Govêrno.

Parágrafo único — O professor, depois da posse, terá o prazo de trinta dias, improrrogáveis, para assumir o exercício.

Art. 24 — No caso de remoção, o prazo para reassumir o exercício será de trinta dias, contados da data da publicação do ato.

Parágrafo único — Esse prazo será considerado como de efetivo exercício para todos os efeitos.

CAPITULO VI

Da promoção

Art. 25 — As promoções obedecerão a critério de antiguidade, de classe e de merecimento, alternadamente, de acôrdo com o regulamento que fôr expedido.

Art. 26 — Na classificação, por antiguidade, quando ocorrer empate de classe, terá preferência sucessivamente :

- a) o professor casado ou viuvo que tiver maior número de filhos;
- b) o casado ;
- c) o solteiro que tiver filhos reconhecidos ;
- d) o que tiver mais tempo de serviço público ;
- e) o mais idoso.

§ 1.º — Em igualdade de condições de merecimento, o desempate será feito de acôrdo com o critério estabelecido neste artigo.

§ 2.º — Não serão considerados para os efeitos deste artigo os filhos maiores e os que exerçam qualquer atividade remunerada.

§ 3.º — Também não será considerado para o mesmo efeito o estado de casado, desde que ambos os cônjuges sejam funcionários públicos.

Art. 27 — Não poderá ser promovido o professor que esteja suspenso disciplinar ou preventivamente.

Parágrafo único — Se fôr apurada a improcedência de suspensão disciplinar ou preventiva, ficará assegurada ao professor a promoção à primeira vaga que ocorrer, além do direito à percepção dos vencimentos do cargo, a partir da data em que se fizerem as promoções.

Art. 28 — As listas de promoções, por antiguidade ou merecimento, serão organizadas pelo Departamento de Educação e remetidas à Secretaria Geral, depois de publicadas no Diário Oficial, para conhecimento dos interessados.

Art. 29 — O professor que se julgar prejudicado com a lista de promoções poderá apresentar reclamações ao Diretor do Departamento de Educação e, caso não seja atendido, recorrerá para o Chefe do Executivo, a quem compete decidir em última instância.

Parágrafo único — Quando a solução do caso seja favorável ao reclamante ou recorrente, já tendo sido feitas as promoções reclamadas ou recorridas, ficam asseguradas a este, além da promoção na primeira vaga que ocorrer, a diferença de vencimentos e a contagem de antiguidade de classe.

CAPÍTULO VII

Da remoção

Art. 30 — A remoção se processará a pedido do professor ou "ex-officio", ouvido o Conselho Estadual de Educação e Cultura e poderá ser feita por qualquer dos estabelecimentos de ensino, quando fôr conveniente ao serviço.

Parágrafo único — A remoção de professores do Quadro Permanente será feita em decreto do Chefe do Executivo, e, a de professores do quadro auxiliar, mediante portaria baixada pelo Diretor Geral de Educação.

Art. 31 — A remoção por permuta será processada a pedido escrito dos interessados.

CAPÍTULO VIII

Da reintegração

Art. 32 — A reintegração decorrerá da decisão administrativa ou judiciária, passada em julgado, e determinará o ressarcimento de

prejuízos decorrentes do afastamento.

§ 1.º — A reintegração será feita no cargo anteriormente ocupado, se este houver sido transformado no cargo resultante da transformação, e, se extinto, em cargo de vencimento equivalente, respeitada a habilitação profissional.

§ 2.º — Não sendo possível fazer a reintegração pela forma prescrita no parágrafo anterior, será o ex-professor posto em disponibilidade no cargo que exercia, com provento igual ao vencimento que percebia na data do afastamento.

§ 3.º — O professor reintegrado será submetido a inspeção médica e, verificada a sua incapacidade para os exercícios da função, será aposentado no cargo em que houver sido reintegrado.

CAPÍTULO IX

Das substituições

Art. 33 — A substituição dar-se-á quando houver afastamento legal e temporário do ocupante do cargo do magistério.

Art. 34 — A substituição será remunerada, de acôrdo com a regulamentação especial.

Art. 35 — O substituto, professor ou não, exercerá o cargo enquanto durar o impedimento do respectivo ocupante, perdendo-o automaticamente, sem que nenhum direito lhe assista quando cessarem os motivos que determinaram a sua substituição.

Art. 36 — A substituição dos professores do Quadro Permanente será feita por decreto do Executivo e dos professores do Quadro auxiliar, mediante portaria do Departamento de Educação.

TÍTULO II

Do vencimento

CAPÍTULO I

Das gratificações

Art. 37 — O vencimento do Magistério obedecerá às mesmas normas adotadas no Estatuto dos Funcionários Públicos Civis.

Art. 38 — Poderá ser concedida gratificação ao professor :

I — pelo exercício em determinadas zonas ;

II — pela prestação de serviços extraordinários ;

III — pela execução ou elaboração de trabalho técnico mediante parecer do Conselho Estadual de Educação e Cultura ;

IV — A título de representação, quando designado pelo Chefe do Executivo para serviço ou estudo fóra do Estado ;

V — por tempo de serviço.

Art. 39 — A gratificação por exercício em determinadas zonas será concedida aos professores do interior, em tabela organizada pelo Departamento de Educação.

CAPÍTULO II

Das diárias

Art. 40 — Aos Inspectores de Ensino, que se deslocarem de suas sedes respectivas, em objeto de serviço, será concedida uma diária arbitrada em regulamento expedido pelo Chefe do Executivo e não podendo exceder de um terço do vencimento diário do Inspector.

CAPÍTULO III

Das ajudas de custo

Art. 41 — A ajuda de custo, destinada a indenizar despesas de viagem e nova instalação de professores e inspectores removidos, será arbitrada pelo Departamento de Educação, tendo em vista, em cada caso, a distância a ser percorrida, as condições de vida da nova sede e os recursos orçamentários.

Parágrafo único — Uma metade da ajuda de custo será paga no ato do desligamento e a outra, quando o professor ou Inspector assumir o exercício do novo cargo.

Art. 42 — Os benefícios do artigo anterior se estendem aos membros do Magistério mandados servir em municípios diversos daqueles onde exerçam suas funções.

Art. 43 — As ajudas de custo a membros do Magistério, designados para estudos ou comissões de relevo fora do Estado, serão arbitradas pelo Chefe do Executivo e não estão sujeitas ao limite fixado neste Estatuto.

Art. 44 — Além da ajuda de custo, o Estado se obriga a indenizar as despesas de transporte do professor ou Inspector e sua família, bem como da bagagem respectiva, não podendo a despesa d'este exceder de um terço do vencimento mensal.

Art. 45 — Quando a remoção se der a pedido ou por permuta, o Estado não concederá ajuda de custo nem custeará o transporte.

CAPÍTULO IV

Das férias

Art. 46 — As férias do Magistério Público do Estado serão reguladas de acôrdo com a legislação sôbre o assunto.

CAPÍTULO V

Das licenças

Art. 47 — O membro do Magistério poderá ser licenciado :

I — para tratamento de saúde ;

II — quando acidentado no exercicio de suas funções ;

III — quando acometido de tuberculose, lepra, cegueira, neoplasia maligna ou paralisia ;

IV — por motivo de doença em pessoa de sua família ;

V — por motivo de gravidez ;

VI — quando convocado para o serviço militar ;

VII — quando se tratar de professora casada com funcionário civil ou militar, que tenha sido mandado servir em outro ponto do Estado, do país ou do exterior.

Parágrafo único — As licenças serão concedidas na forma do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado.

CAPÍTULO VI

Das concessões

Art. 48 — O Estado concederá, ao cônjuge ou aos filhos do professor falecido, um auxílio para as despesas de funeral em importância correspondente a dois meses de vencimentos.

Parágrafo único — O pagamento será feito à vista do atestado de óbito e pela dotação própria do cargo, dentro de 24 horas.

Art. 49 — Os professores que apresentarem trabalhos pedagógicos, cuja publicação seja aprovada pelo Conselho Estadual de Educação e Cultura, terão direito a um prêmio equivalente às despesas da publicação.

Art. 50 — Os professores que conseguirem estabilidade, na forma da Constituição Federal, passarão a ter as vantagens da gratificação adicional por tempo de serviço, na forma da lei que vigorar para os efetivos e vitalícios.

Art. 51 — E' concedida aos professores que tiverem vinte e cinco anos de serviço ininterrupto, como prêmio pela sua dedicação ao Magistério, a importância correspondente a seis meses de seus vencimen-

tos, calculados à base do percebido no último mês.

§ 1.º — Terá direito ao referido prêmio o professor que, ao completar vinte e cinco anos no exercício do Magistério, provar não ter estado em gozo de qualquer licença, inclusive licença-prêmio.

§ 2.º — Fica igualmente com direito ao prêmio constante do art. 51 o professor que, ao ser promulgada esta lei, tiver completado o tempo de serviço exigido para o prêmio.

CAPÍTULO VII

Da aposentadoria

Art. 52 — O professor efetivo ou vitalício, ou o que tenha adquirido estabilidade, na forma da Constituição Federal, será aposentado:

a) compulsoriamente:

I — quando atingir a idade de 70 anos;

II — quando acometido de uma das doenças especificadas no item III, do art. 47;

III — quando o seu afastamento se impuser, no interesse do serviço público, mediante inquérito administrativo.

b) a pedido:

I — com qualquer tempo de serviço, se julgado inválido em inspeção por junta médica oficial;

II — com trinta anos de efetivo exercício, independente de inspeção de saúde.

§ 1.º — Da aposentadoria concedida, na forma da alínea "a", itens I e III e alínea "b", itens I e II, os proventos serão calculados na base de um trinta avos do vencimento do cargo por ano de serviço.

§ 2.º — Os proventos da aposentadoria concedida nos termos da alínea "a", item II, serão iguais aos vencimentos do cargo, qualquer que seja o tempo de serviço.

§ 3.º — O professor primário que se invalidar aos vinte e cinco anos de efetivo exercício será aposentado com os vencimentos integrais do cargo.

TÍTULO III

CAPÍTULO ÚNICO

Disposições Gerais e Transitórias

Art. 53 — Ficam mantidas tôdas as vantagens concedidas ao Magistério Público em lei anterior.

Art. 54 — Fica o Poder Executivo autorizado a promover, dentro

de sessenta dias, a partir da publicação desta lei, a reestruturação dos Quadros do Magistério.

Parágrafo único — Os atuais integrantes dos cargos de Professor A, A-2 e extranumerário passarão a figurar no quadro auxiliar.

Art. 55 — Os deveres e penalidades, bem como os casos omissos neste Estatuto, serão regulados pelo Estatuto dos Funcionários Públicos Cíveis do Estado.

Art. 56 — Os professores do Quadro Auxiliar serão nomeados em caráter provisório.

Art. 57 — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Natal, 30 de dezembro de 1950, 62.º da República.

Pedro Soares de Araujo Amorim
Primeiro vice-Presidente em exercício

<p>ANTERIORMENTE ao período do nazismo, na Alemanha, o número de horas de classe já não excedia de quatro, duas pela manhã e duas à tarde porque se considerava que todo excesso intelectual é nocivo a que ficara provado que, após certo limite, os esforços tornam-se nulos. Depois de quatro horas de estudos, o aproveitamento é inferior de 30 a 40% não correspondendo portanto às energias dispendidas. A atenção é o fiel da balança. Aos poucos vai se deslocando até impedir a continuação</p>	<p>do trabalho intelectual. Chadwick estabeleceu que o tempo máximo em que uma criança presta atenção ao mestre é restrito e variável, conforme a idade. Tendo em conta as variações individuais, pode-se aceitar como exata esta tabela: criança de 6 a 7 anos, 15 minutos; de 7 a 10, 20 minutos; de 10 a 12, 25 minutos e de 12 a 16, 30 minutos. Conclusão: o motor arruinado precisa, pois, ser regulado quanto aos esforços que despense, tendo em consideração a sua capacidade; do contrário são certas as avarias.</p>
--	---

RELATÓRIO DO MOVIMENTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DO RIO GRANDE DO NORTE, CORRESPONDENTE AO ANO DE 1950

A Associação de Professores do Rio Grande do Norte, que congrega, em seu quadro social, a grande maioria dos professores públicos do Estado, continua a realizar a sua grande obra social em provelto do ensino e, principalmente, da classe cujas necessidades de ordem moral e material estão, cada vez mais, exigindo medidas que possam ao menos melhorar a situação daqueles que se esforçam, com dignidade, pela formação da juventude.

Com a aprovaçãp do Estatuto do Magistério, pela Assembléia Legislativa Estadual, surgiram as esperanças de uma nova fase para os professores que viam assegurados os seus direitos, o que constituía, na verdade, uma grande vitória para a laboriosa classe. E esta Associação teve a honra de ser convidada para, perante a Comissão de Constituição e Justiça da Assembléia, colaborar na organização do ante-projeto e ali esteve representada pelo seu presidente efetivo.

Paran ós, porém, que nos dedicamos a uma nobre causa não rezelamos de encontrar, pelo caminho difícil da nossa grande missão, os espinhos que amarguram a vida daqueles que se empenham na realização dos seus ideais. A missão do professor há de ser um dia compreendida pelos govêrnos dando, a êsses beneméritos da Pátria, aquilo que êles de fato merecem e a nós cumpre sofrer as consequências peculiares aos precursores de uma nova vida para o Magistério.

NOSSO PATRIMONIO — Os prédios de propriedade desta Associação continuam ocupados pelo govêrno do Estado com o Colégio Estadual (secção feminina), o Grupo Escolar "Aurea Barros" e o Jardim de Infância Modelo, precisando, porém, que o Conselho Diretor discuta e aprove um meio de legalizar essa situação insustentável e que tanto prejuizo tem trazido à Associação. E' verdade que tudo isso realizado, em condições provisórias, desde o govêrno Rafael Fernandes veio até agora sem que o Conselho Diretor indicasse ao seu Presidente um meio de solucionar o caso. Esta presidência vai promover a realização de uma reunião geral dos professores associados para expôr a situação e pedir sugestões para pôr têrmo a essa ilegalidade que todos nós vamos consentindo com enorme desequilíbrio para as condições financeiras desta Associação.

De acôrdo com o nosso registro de inventário o atual patrimônio desta Associação é de Cr\$ 1.650 000,00 (Um milhão e seiscentos e cinquenta mil cruzeiros) achando-se tudo legalizado.

SESSÕES — Durante o ano social de 1950 realizamos 8 sessões or-

dinárias onde foram discutidos assuntos de elevada importância para esta Associação.

BIBLIOTECA — A Biblioteca da Associação de Professores continua à disposição dos associados e esta presidência tem feito aquisição de livros que possam servir para melhorar a cultura do professor. As obras completas de Machado de Assis, de Humberto de Campos, de Afrânio Peixoto e muitas outras foram adquiridas para o enriquecimento da Biblioteca e servir aos professores que costumam visitá-la consultando obras que possam satisfazer às necessidades dos seus conhecimentos.

AUXÍLIO AOS PROFESSORES — Apesar de não termos ainda organizado a Caixa de Beneficência nem por isso temos deixado de, dentro das nossas possibilidades econômicas, auxiliar aos associados em casos de doenças. É certo que, para prestar um serviço de assistência, como era nosso desejo, esta Associação ainda não se acha aparelhada, uma vez que as próprias contribuições mensais dos professores, descontadas dos seus vencimentos no Departamento da Fazenda, não são regularmente recolhidas aos cofres desta Associação que às vezes não conta com recursos para atender a pedidos de auxílios.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA DENTÁRIA — Esta Associação continua a prestar serviços de assistência dentária aos professores associados e membros de sua família e o dr. Aluísio de Góis Barros, encarregado do serviço, vem desempenhando as suas funções a contento de todos.

Conforme o livro de registro do Serviço de Assistência Dentária desta Associação foram, durante o ano de 1950, atendidos 726 clientes, com os seguintes trabalhos:

412	extrações
518	obturações
125	trabalhos de limpeza dentária.

PEDAGOGIUM — Graças à dedicação do seu corpo redacional o Pedagogium, órgão oficial desta Associação, continua circulando regularmente, sendo publicado os 4 números do ano social de 1950.

BALANCETE GERAL — Acompanha este relatório o balancete geral e os respectivos comprovantes apresentados pelo Professor Acrísio Freire, tesoureiro desta Associação, e cuja dedicação, no exercício de suas funções, vem merecendo, do Conselho Diretor, os mais justos aplausos. Posso dizer, sem nenhum favor, que ao professor Acrísio Freire devemos uma soma inestimável de serviços a esta Associação e que a honestidade com que vem exercendo o cargo de tesoureiro o torna merecedor de nossa inteira confiança.

Pelo balancete geral verifica-se, desde logo, a situação financiel-

ra desta Associação que nunca esteve em tão boas condições, pois não obstante as dificuldades que encontramos nos recebimentos das importâncias a que temos direito no Departamento da Fazenda, mesmo assim procuramos sanar tôdas as dificuldades, contanto que a Associação de Professores mantenha as conquistas do seu passado e as esperanças do seu futuro.

Sala da presidência da Associação de Professores em Natal, 20 de dezembro de 1950.

(a) Luiz Soares de Araújo — Presidente.

BALANCETE DO MOVIMENTO FINANCEIRO CORRESPONDENTE AO SEMESTRE JULHO-DEZEMBRO DE 1950

R E C E I T A

SALDO ANTERIOR	Cr\$	328,40
Mensalidades de Março a Julho de 1950		7.540,00
Subvenção c/ de Janeiro a Março de 1950		5.500,00
Produto de venda de um piano (imprestável)		2.000,00
	Soma Cr\$	15.368,40

D E S P E S A

Ao Porteiro — zelador	Cr\$	2.100,00
Cirurgião dentista (honorários)		2.800,00
Repartição de Saneamento de Natal		634,80
Luz e Telefone		789,40
Publicações na "República"		167,00
Eventuais		300,00
Expediente		281,00
Material para o Gabinete — Dentário		137,00
Operação de crédito		3.000,00
Favores a Associados		1.500,00
	Soma Cr\$	11.709,20

Saldo que passa para Janeiro de 1951	Cr\$	3.659,20
--	------	----------

	Soma Cr\$	15.368,40
--	-----------	-----------

Tesouraria da Associação de Professores, Natal, 2 de Janeiro de 1951.

C O N F E R E

Comissão Fiscal

J. Saturnino de Paiva.

Rita Sampalo de Souza

Maria Lídia Dias.

Acrísio Freire — Tesoureiro

VISTO

Luiz Soares de Araújo — Presidente

LIVRARIA LIMA

—:DE:—

JOÃO NICODEMOS DE LIMA

AVENIDA TAVARES DE LIRA, 70 — NATAL — R.G.N.

Sortimento completo de livros didáticos para todos os
cursos

Literatura História, Filosofia, Religião e Técnicos em geral.

ARTIGOS DE PAPELARIA EM GERAL E PARA ESCRITORIO

DEPÓSITO :

AV. TAVARES DE LIRA, 68 a 74 - 1.º ANDAR

 VENDAS EM GROSSO E A RETALHO

SECCOES A VAREJO :

CASA ROYAL E DOMBONIERE STA. TEREZINHA
na Cidade Alta

LIVRARIA COLEGIAL
no Alecrim.

WALTER DUARTE PEREIRA

A maior organização no gênero de Livrarias e Papeleria
no Estado.

Grande sortimento dos livros adotados em todos os
estabelecimentos de ensino da Capital e do Interior.

Artigos de Papeleria em geral, pelos menores preços.

DESCONTOS ESPECIAIS, PARA OS REVENDEDORES

MATRIZ

LIVRARIA ISMAEL PEREIRA

Rua Dr. Barata, 165 — Fone 1208

FILIAL

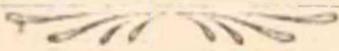
LIVRARIA MODERNA

Praça Gentil Ferreira, 1367 — Fone 2042

IND. Teleg. WALDUFF

PEDAGOGIUM

SUMARIO



- I — O Dia do Professor — Redação
- II — O engrandecimento da Escola Primária — Austregélio de Ataíde
- III — Os mártires de Cunhaú — Raquel de Paiva Neves
- IV — Na Beira do Pensamento — Redação
- V — Os movimentos revolucionários de 1817 e 1824 no Rio Grande do Norte — Prof. Clementino Câmara
- VI — Educação da vida pela vida — Bolon Andrade
- VII — A derrota do livreiro da Província — R. Nonato
- VIII — Um educador — Raimundo Guerra
- IX — Alguns minutos de recreio — Osvaldo Rodrigues
- X — Escribo Poético — Roque José da Silva
- XI — A tragédia do mestre-escola — Con. J. Adelino
- XII — Problemas da Educação Infantil — Antônio E. da Silva
- XIII — Denominações e Estruturas — José Cajueiro
- XIV — Palavras ao Professor Celestino Pimentel — João Batista Pinto
- XV — Professor Alfredo Simonetti — Mário Cavalcanti
- XVI — Notas & Pátes — O It.
- XVII — A Missão do mestre-escola — Mário Cavalcanti
- XVIII — Pestalozzi e o desejo de D. Pedro II. — F. Rodrigues Alves
- XIX — O Romantismo — Tristão de Ataíde
- XX — Proliferação de Jardins de Infância — Cândido Cerne de Carvalho
- XXI — A Renovação do Pensamento Católico — Geruldo Vargas
- XXII — Vitaminoses em Odontologia — Dr. Alcysio Gola Barros.

WALTER DUARTE PEREIRA

A maior organização no gênero de Livrarias e Papelaria
no Estado.

Grande sortimento dos livros adotados em todos os
estabelecimentos de ensino da Capital e do Interior.

Artigos de Papelaria em geral, pelos menores preços.

DESCONTOS ESPECIAIS, PARA OS REVENDADORES

MATRIZ

LIVRARIA ISMAEL PEREIRA

Rua Dr. Barata, 165 — Fone 1208

FILIAL

LIVRARIA MODERNA

Praça Gentil Ferreira, 1367 — Fone 2042

END. Teleg. WALDUPT

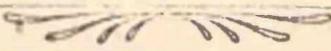
NATAL

—)C(—

RIO GRANDE DO NORTE

PEDAGOGIUM

SUMARIO



- I — O Dia do Professor — Redação
- II — O engrandecimento da Escola Primária — Austregésio de Ataíde
- III — Os mártires de Cunhaú — Raquel de Paiva Neves
- IV — Na Seara do Pensamento — Redação
- V — Os movimentos revolucionários de 1817 e 1824 no Rio Grande do Norte — Prof Clementino Câmara
- VI — Educação da vida pela vida — Bolon Andrade
- VII — A derrota do livreiro da Província — R. Nonato
- VIII — Um educador — Raimundo Guerra
- IX — Alguns minutos de recreio — Ovígrio Rodrigues
- X — Escrito Poético — Roque José da Silva
- XI — A tragédia do mestre-escola — Con. J. Adelino.
- XII — Problemas da Educação Infantil — Antônio E. da Silva
- XIII — Denominações e Estruturas — José Cajueiro
- XIV — Palavras ao Professor Celestino Pimentel — João Batista Pinto
- XV — Professor Alfredo Simonetti — Mário Cavalcanti
- XVI — Notas & Fatos — O R.
- XVII — A Missão do mestre-escola — Mário Cavalcanti
- XVIII — Pestalozzi e o desejo de D. Pedro II — F. Rodrigues Alves
- XIX — O Romantismo — Tristão de Ataíde
- XX — Proliferação de Jardins de Infância — Cândido Cerne de Carvalho
- XXI — A Renovação do Pensamento Católico — Getúlio Vargas
- XXII — Vitivinícolas em Odontologia — Dr. Aloysio Gols Barros.

P E D A G O G I U M

ÓRGÃO OFICIAL DA "ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES"

Revista dedicada aos interesses do Magistério e à
divulgação da cultura pedagógica.

(3.^a F A S E)

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

E X P E D I E N T E

DIRETOR — *Prof. Luis Soares*

SECRETARIO — *Prof. F. Rodrigues Alves*

REDADORES:

Professores: *R. Nonato — Acrisio Freire — Antônio
Estevão*

Colaboradores — Diversos

—)::(—

As colunas de PEDAGOGIUM estão franquiadas aos pro-
fessores. Publicaremos, com muito prazer, todo e qualquer
artigo que se relacione com a instrução e a educação.

CORRESPONDENCIA

Tôda correspondência deve ser dirigida ao **Professor F.
Rodrigues Alves**

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — NATAL — RIO G. DO NORTE

15 DE OUTUBRO

O DIA DO PROFESSOR

O dia de hoje é consagrado ao professor. E' por isso uma efeméride escolar, uma data do afeto e da amizade.

O seu sentido cívico e humano retrata, assim, a consciência do reconhecimento e do respeito.

Para tantos que vivem da missão edificante do ensino, a memória faz recordar, hoje num período distante, a convivência das classes e discípulos, o tempo moço, a idade feliz dos primeiros dias que se foram.

E dêsse tempo e dessa idade, nem tudo pereceu no esquecimento porque ficou ainda a lembrança do mestre, o exemplo da sua palavra e das lições, do seu despreendimento, do seu entusiasmo e do seu amor pela profissão.

Hoje é o teu dia, professor do Brasil!

Que nesta data, já que outras honras não te lembram, ao menos se reconheça e se diga a abnegação do teu trabalho anônimo, heroico e persistente pela educação da mocidade brasileira, único prêmio ao teu esforço patriótico, pela formação dos homens do futuro, dos dirigentes da Nação, dos verdadeiros servidores da Pátria, dos que honram o seu nome, velam pelo seu passado e pela sua cultura, defendem as suas liberdades públicas, a integridade do regime e a segurança das suas instituições democráticas.

O ENGRANDECIMENTO DA ESCOLA PRIMARIA

Austregésilo de ATAHYDE

O deputado gaúcho, sr. Coelho de Souza, um dos apóstolos da causa do ensino no Brasil fez um discurso na Câmara, mostrando a transcendência do papel do professor primário e a necessidade de que os seus títulos sejam validados em todo o país.

Uma nação é o que valem os seus mestres e todos sabem daquela famosa palavra de Bismarck, que atribuiu a vitória de 70 e a consequente unificação do Reich à influência dos professores de primeiras letras. Porque é a eles que cabe a missão de formar o caráter da juventude.

x x x

São unânimes os psicólogos em reconhecer as idéias e influências da meninice capital importância no desenvolvimento intelectual e moral do homem. Seremos apenas o fruto das sementes que lançarem em nosso espírito à família e a escola.

No entanto, não demos jamais ao professor primário o relêvo que tem e merece na vida nacional. Vive desprezado e quase miserável. Contra essa iníqua situação reage agora aquele deputado do Rio Grande do Sul.

x x x

Sempre pensei que seria muito melhor para o Brasil que a União se ocupasse do ensino do 1.º grau, do que do superior. Precisamos unificar a escola primária, assegurar aos seus professores condições dignas do alto mister que exercem. Só poderemos fazê-lo, tirando-os da servidão em que se acham.

Nada seria mais promissor para o futuro do Brasil do que engrandecer a escola primária, dando aos mestres e alunos a consciência do que verdadeiramente representam para a nacionalidade.

Os mártires de Cunhaú

Para PEDAGOGIUM

Raquel de Paiva NEVES

DEZESSEIS de Julho lembra o sacrifício dos heróicos mártires de Cunhaú, trucidados por uma horda de homens sem Deus, sob o comando do famigerado Jacó Rabi, judeu alemão vindo para o Brasil em Janeiro de 1637, na comitiva do Conde João Maurício de Nassau.

Em 1630, a Companhia das Índias Ocidentais, estendendo seu domínio sobre Olinda e Recife, constituiu golpe político decisivo para fixação do poder holandês em nosso país.

Havendo fracassado a primeira invasão, em 1624, os flamengos procuravam, nessa segunda investida, conquistar maior área territorial.

Assim, em 1631, arriscaram a conquista da Paraíba, perdendo gente e material em abundância.

Restava atacar o Rio Grande do Norte, cujo objetivo estratégico era a captura do Forte dos Reis Magos, sempre invicto em todos os períodos marciais, bem como a conquista das terras afamadas pela abundância dos rebanhos.

O Conselho Político da Companhia deliberou enviar uma expedição para ocupar a Capitania potiguar, a qual partiu de Recife a 21 de Dezembro de 1631.

Em caminho, os dirigentes da expedição, discutindo qual o ponto de desembarque a preferir, resolveram que seria Ponta Negra, hoje Ponta Negra, ou então, Ponta Mourisco, que é a Praia do Morcego, hoje Praia do Melo.

Não chegando a um acordo, resolveram continuar a viagem, passando à vista do Forte dos Reis Magos, donde partiram tiros de canhão.

Desembarcaram, por fim, em Genipabú, onde permaneceram de 27 de Dezembro a 4 de Janeiro de 1632. Nesse interim, Matias de Albuquerque veio da Paraíba comandando três companhias e duzentos indígenas, e auxiliado pelo capitão João Vasques, e sua tropa, preparou o Forte para a defesa, em virtude do que a esquadra flamenga calu em desânimo e nada fez.

Mais tarde, em 1633, partiu de Recife outra expedição,

que chegando a destino, atacou o Forte, enquanto a tropa que havia desembarcado na enseada entre Alvilana e Barreira d'Água promovia o cêrco do Forte, após renhido combate que durou quatro dias, quando, então, este foi forçado a render-se.

Dominado o Forte, os Flamengos iniciaram a marcha para o interior, em breve dominando, de combate em combate, todo o Estado, a começar pelas fontes de abastecimento, destacando-se o Engenho Ferreiro Torto, Engenho Cunhaú e outros.

ENGENHO CUNHAÚ

O Engenho Cunhaú foi construído na sesmaria dada por Jerônimo de Albuquerque, em 2 de Maio de 1604, aos seus filhos Antônio e Matias. Constava de 5.000 braças quadradas, na várzea do rio Cunhaú e mais duas léguas em Canguaretama.

Já em 1614 iniciava-se a safra, tornando-se, durante o domínio holandês, o único centro de industria da Capitania, com seus sessenta a setenta colonos radicados com suas famílias em suas terras.

Foi assaltado por mais de uma vez pelos flamengos, auxiliados pelos indígenas Cariris sob as ordens de Jacó Rabi, o famigerado "inspirador da morte", que se apoderava sempre dos produtos do engenho: — gado, farinha e açúcar.

Em 15 de Julho de 1645, Jacó Rabi, com numerosos índios da tribo Janduis, chefiada por Jererera, irrompe na povoação de Cunhaú e anuncia trazer ordens especiais do Conselho Supremo do Recife para garantir a tranquillidade e segurança dos colonos, em face da insurreição pernambucana para expulsão dos invasores.

Convocou os moradores para uma missa dominical a celebrar-se na manhã seguinte, a qual foi assistida por grande número de pessoas, confiadas como ficaram nas palavras de paz e de garantias do terrível Rabi.

Assim, naquele fatídico Domingo, 16 de Julho de 1645, na hora da elevação, enquanto os pacíficos colonos estavam de joelhos e contritos, Jacó Rabi deu sinal e a indrada bestial entrou louca e desenfreada na Capela, precipitando-se sobre os indefesos cristãos, matando a todos, a golpes de tacapes, ponta de espadas, flechas e punhais.

Coube ao chefe Jererera, filho de Janduí, apunhalar o padre André de Soveral, que veio a morrer nos umbrais

Na seara do Pensamento

Quando estiveres só, vigia teus pensamentos; em família, o teu gênio; na sociedade, a tua língua.

Mme. de Stael

X X X

A justiça sem a força é impotente; a força sem a justiça é tirânica; portanto, é preciso reunir a justiça e a força e, para isso, tornar justo o que é forte e forte o que é justo

Pascal

X X X

O orgulho é o complemento da ignorância.

Fontenell

Os invejosos degradam-se instintivamente na manifestação capciosa ou na explosão pública dos seus ódios e clumes, e sofrem

mais pelos bens alheios do que pelos próprios males.

A. Austregésilo

X X X

A felicidade é como a água que ferve no fundo de um vasilhame de barro: vem somente à superfície para transformar-se em vapores e mais nada.

Avlis

X X X

Privar alguém da liberdade, roubar-lhe esta feliz impressão—ser livre— é apagar a luz da existência no momento em que tudo se torna necessário á vida.

Avlis

X X X

Ponho-me diante do espelho e vejo com certeza real a minha própria vida.

Avlis

da porta, apoiando a mão ensanguentada no portal, onde ficou impressa durante mais de um século.

Evocando o triste e histórico acontecimento, rendemos preito de justa homenagem aos mártires de Cunhaú, vítimas da boa fé, cujos gemidos ecoam ainda nas ruínas do velho templo e no coração das gerações que passam, mais tementes a Deus e mais orgulhosas da pátria que lhes serviu de berço.

Os movimentos revolucionários de 1817 e 1824 no Rio Grande do Norte

Prof. Clementino CÂMARA

(Lente de História do Brasil do Colégio Estadual do R. O. do Norte)

GOVERNAVA o Rio Grande do Norte no começo do século passado o sargento-mór Caetano da Silva Sanches, que morreu a 14 de março de 1810. Voltava a Capitania ao regime das Juntas Governativas.

A vida em Natal devia ser de uma insipidez enervante. Henry Koster que a visitou, assim a descreveu: "As construções foram feitas numa elevação a pequena distância do rio, formando a cidade propriamente dita, porque contém a Igreja Matriz. Consiste numa praça cercada de residências, tendo apenas o pavimento térreo, as Igrejas são trez, o palacio, a Câmara e prisão. Trez ruas desembocam nesta quadra, mas elas não possuem senão algumas casas de cada lado. A cidade não é calçada em parte alguma e anda-se sobre uma areia solta, o que obrigou alguns habitantes a fazerem calçadas de tijolos ante suas moradas. Esse lugar contará seiscentos ou setecentos habitantes".

Não foi, pois, sem justa razão que se admirasse ter ela o predicamento de cidade. Continua o mesmo autor afirmando que até a chegada do Governador José Francisco Cavalcanti de Albuquerque, em 1806, "raras eram as pessoas que vestiam bem", pois um ano antes, uma senhora preparava-se para ir à Igreja, "de salote de algodão, feito em Lisboa, pano de tecido grosseiro na cabeça, sem meias e calçando chinelos".

Não havia vida social nem cultural, e nem tão pouco segurança publica, donde a necessidade de os homens andarem armados.

Descendentes dos primeiros povoadores formavam uma espécie de patriciado de aldeia, enfatuado, tendo em alto valimento titulos e honrarias, e faziam questão de sua prosápia, bem como de sua côr. Não podia, em boa logica, medrar nesse campo sáfaro a semente de um movimento

Este é o texto de 1817, no Rio Grande do Norte, após a rebelião chonardim

emancipacionista. A minguada população, por inculta e bissonha, tudo ignorava. Entre a gente de responsabilidade não existia determinação nem mesmo sinceridade. Não se aponta um nome capaz de infundir confiança. Além da falta de coesão entre as classes, os homens bons, enfatuados relegavam a plano inferior os do povo, principalmente se eram artifices. Ter um officio, uma arte, enfim, saber trabalhar deprimia o homem, cerceava-lhe o direito de ser votado para o cargo de vereador.

E' de crer que mais interessavam a essa gente as extorsões de governadores verdadeiramente desabusados, como Lopo Joaquim de Almeida Henriques, os abusos do fisco e a humilhante subordinação desta à Capitania de Pernambuco. A chama de entusiasmo que empolgava os idealistas, no Recife, pouco oxigênio encontrara aqui para arder.

Bem melhor fôra não tivéssemos de falar a respeito de um acontecimento, como a revolução republicana de 1817, na qual apenas ressaltava-se a incapacidade de André de Albuquerque, a perfidia de Antônio Germano, a vilania de Francisco da Fonseca e a sovínice da genitora de André de Albuquerque, que se recusara a pagar a tropa de José Peregrino. — garantia única com que seu filho contava.

A incompreensão da causa ou o desinteresse por ela, mas sobretudo a ignorância popular ressaltava dos gritos sediciosos que, ao sinistro bater das nove baladas do sino da matriz, naquele fatídico 25 de abril, saíram em correria louca em demanda do palácio, para depôr e prender o infeliz André de Albuquerque; aos gritos poucas vezes ouvidos no mundo, de — *Morra a Liberdade!* Mas não foi só isso. Quando, no dia seguinte, fôra retirado do calabouço da fortaleza, semi-nu, o cadaver do desventurado André de Albuquerque, amarrado de cordas e pendurado de uma vara, conduzido como um porco, para a cidade entre as chufas da gentilha, esta, infrene, gritava em torno do original cortejo:

Morreu pal André
Ali no Jereré;
Ali no Jereré
Morreu pal André.

No outro dia reunia-se a Câmara para um solene protesto de fidelidade, que não era senão humilhante vassalagem ao seu amabilíssimo soberano por quem, dizia, daria a

vida sem a menor saudade dela. A pusillanidade entrou a língua de todos. Não se falou mais no caso.

Voltando José Inácio Borges a governar o Rio Grande do Norte, após a refrega, revelou-se homem superior, de vez que não perseguiu a ninguém e de ninguém se vingou, o que contribuiu para que em breve toda a Capitania se acalmasse. Mas elle deixou o governo a 3 de dezembro de 1821.

Da aclamação de D. Pedro I como Imperador só chegou a noticia a Natal em 2 de dezembro de 1822. Celebrou-se o ato com u'a missa e fez-se luminária por três dias.

O período que decorre de então até ao da Confederação do Equador é todo de discórdias e desmandos, ambições e traições em que só se fazia aquilo que não se prometia fazer. Será hoje ainda assim? Em tudo avultava uma figura sinistra, tristemente celebrizada, e que "era a causa de todas as complicações", pela astúcia e pela solércia: — António Germano, comandante da fôrça.

Felta a eleição para presidente da Provincia sob o novo regime, recalou ella em Tomaz de Araújo Pereira, "homem de letras poucas mas chefe de familia prestigiosa", conforme afirma Câmara Cascudo, mas, no conceito do mesmo illustre historiador, "o menos indicado para dirigir a Provincia naqueles tempos tempestuosos". Os poucos meses de sua administração, além do ambiente que se respirava, assinalaram-se pela perseguição feroz que moveu contra as rameiras, a quem distribuia tarefa de fiação e castigava-as a bolos de palmatória, se não entregavam, á tardinha, os novelos exigidos. Também não deixou em paz os índios de Estremoz, de quem exigia trabalhos de pescaria, pelo que projetaram estes um ataque contra a Capital.

Quase cego e já idoso, "uma sombra de governo", mas simpático á Confederação do Equador, com cujo chefe assinara uma concordata, em meio a intrigalhada dominante, só uma porta se lhe abria: — entregar o governo á Câmara Municipal.

Receioso de uma cilada de Mata-quiri (Francisco R. de Paiva), chefe de um grupo de celerados nas proximidades de São José de Mipibú, e de uma sortida dos índios, abandonou Natal dentro de um barril, que "um seu escravo, apelidado Benguela, robusto e agigantado", conduziu até aonde se pôde julgar seguro, indo para o meio dos seus.

Educação da vida pela vida

Solon ANDRADE

A instituição da Festa da Natureza que, desde algum tempo, vem sendo promovida, nas escolas primárias do Brasil, como processo de educação, é porventura, uma das mais oportunas realizações dos modernos métodos pedagógicos, porisso que procura incutir no espírito da criança o amor à flora nacional, no que ela tem de útil, encantador e benéfico, interessando-a na defesa da sua vitalidade para que se possa perpetuar a outra maravilha com que o criador dotou, o nosso país—a fauna alada. Os aplausos vêm ao encontro dessa prática escolar como se a minha consciência visse nela um motivo interessante para preparar civicamente o espírito do neo-estudante e aprimorar os seus costumes.

A pedagogia vale-se, neste caso, de uma das modalidades mais eficientes da **Escola Ativa**. Procura colher ensinamentos naquilo que cerca a infância do pequeno discente e que mais de perto fala á sua alma. Ao mesmo tempo trabalha para que êle possa descobrir, pela intuição, o que pode resultar da sua ação protetora e o que de apreciável transparece da vida instintiva dos pequenos animais. Outras virtudes poderão daí nascer, tais como a de promover naturalmente o exercício muscular como fator de desenvolvimento cerebral e a de despertar o interesse pelo resguardo do patrimônio natural da terra berço, o que póde concorrer, para alicerçar, nos cérebros em formação, a idéia de pátria. E a melhor forma de educar a infância é justamente esta: estabelecer a imediata identidade entre a escola e o trabalho, tornando êste atrativo, de modo que o educando a êle se habitue por prazer. Para que isto se consiga basta ministrar lições em tórno dos fatos educativos que se repetem com próximos resultados de efeitos civico-econômicos. Aí está uma pedagogia moral bem traçada, á qual o magistério deve dedicar toda a sua atenção.

Felizmente já se vai, pouco a pouco, avolumando, na mentalidade dos nossos educadores, a convicção de que a instrução é o melhor se não o principal processo de defesa social. "E defender as crianças, alguém já disse, é trabalhar pela Pátria".

A literatura antiga e a moderna, embora se tenham desenvolvido em tórno daqueles dois elementos vivos — as árvores e as aves — no terreno da ficção, encontram neles uma realidade das mais palpáveis, onde a moral se reflete em seus proveitosos ensinamentos.

Quem poderá negar as virtudes que se revelam em uma árvore, a que o homem está intimamente ligado, pelas grandes utilidades de que se serve? Por outro lado, como poderemos escurecer a benéfica influência que as aves exercem sobre nossa vida? Entre os muitos serviços que nos prestam descobrimos-lhes o de espalhar, pela terra, a sementeira universal, "Como dizem que se deu a propagação das plantas nas longínquas terras da Oceania".

Foi nessa admirável fonte de benefícios que eles oferecem, que os escritores encontram motivos para as fábulas e apólogos que enchem os livros didáticos de hoje.

Um programa escolar para a celebração da FESTA DA NATUREZA se completaria muito bem com a leitura desses apólogos, ou com a demonstração de uma fábula sob forma dramática, em que a importância vital dos nossos elementos naturais fôsse associada às idéias de desenvolvimento material de nossa terra com a exaltação da riqueza que já possuímos.

Este ano, em um dos grupos escolares desta capital, assisti, com entusiasmo, a uma dessas festividades, cujo êxito foi uma prova cabal da dedicação que lhe dispensaram os seus professores. Trazendo este assunto, deveras palpitante para estas páginas, presto uma homenagem ao magistério de minha terra, de quem o Brasil muito espera.

TONICOS DE VERDADE

Para combater a anemia nada como a vida ao ar livre, o exercício, os alimentos ricos em cobre. Espinafre, alface, figado, rim e gema de ovo são dos melhores neste particular. Valem muito mais do que xaropes

fortificantes e outros preparados.

Faça uso constante de alimentação capaz de fortalecer o sangue e não tome conhecimento de medicamentos apregoados como tônicos e fortificantes. — SNES.

A DERROTA DO LIVREIRO DA PROVINCIA

R. NONATO

Depois de cinco ou seis meses de aulas na Escola Noturna Paulo de Albuquerque, estava terminado o meu curso primário, que não contara com outro qualquer elemento de aprendizado.

Ali, a convivência com os soldados do destacamento, com padeiros, carregadores da estrada de ferro, engraxates e margarefes, tivera uma duradora influência sobre os dias do meu futuro.

Naquela escola, entrei a-nalfabeto. Conhecia mal a forma do A B C, que aprendi com os meninos de dona Umbelina, numa casa da Rua da Frente, vizinha de Luis Torquato, um maleiro alto e descorado, que tinha a mania de arrancar ouro num buraco que abrira pelas imediações do muro da cadeia. Os meninos de Umbelina eram, porém, adiantados, pois uns estudavam no Colégio dos Padres, e outros frequentavam a escola de dona Perpetinha, que funcionava na casa encarnada da Maçonaria, num salão contíguo ao quarto do bode preto, que os alunos podiam vigiar, em certos dias, através do furo da fechadura.

Na Escola Paulo de Albuquerque fiz um grande progresso. Terminei o ano letivo, tendo lido o livro da Pá, até aquele ponto onde diz: "Chiquinho tinha um cachorro", e o Segundo, de Hilário Ribeiro, cuja primeira lição começava por estas palavras: Mimi era um gatinho...

De posse desse cabedal de conhecimentos, na verdade bem escasso, entrei em contacto dos livros, rasgando caminhos para uma nova vida. E, então, a minha grande impressão dessa iniciação literária, teria de se descobrir numa casa de que, ainda hoje, conservo as mais doces memórias: A LIVRARIA CRUZ & IRMAOS, de Sebastião Cruz, de "seu Tião", como a gente o chamava, situada em Mossoró, na antiga Rua do Comércio, bem em frente da Farmácia Rosado, pegada ao antigo sobrado da Intendência.

Em seu interior, no meio das enormes prateleiras, das estantes envidraçadas, dos balcões e dos depósitos de impressos, vi decorrerem, sem pressa, os melhores dias daquele passado distante e disperso.

Na verdade, nessa primeira fase não me preocupavam grandes livros, de que não possuía menor idéia, nem as bonitas coleções, ricamente encadernadas, com nomes dourados nas costaneiras. O que me prendia, sobretudo, na livraria de Tião Cruz, eram os pequenos impressos populares, as brochuras sem menor valia, os folhetos de cantadores, custando duzentos ou trezentos reis o exemplar, mas todos repletos de encantadoras aventuras e belas descrições.

Desses livrinhos esquecidos, o nome de muitos não me saíria mais da cabeça. O primeiro que li, foi Cancão de Fogo, o célebre entre todos. Depois, era uma série interminável: Pedro Cem, Furundango, Pedro Malasartes, Antonio Silvino, Roberto do Diabo, os romances de Zezinho e Mariquinha e de Alonzo e Marina, a peleja de Inácio da Catingueira com Romano, a luta de Serra Azul com Azulão, o desáfio de Preto Limão com Nogueira, além de tantos outros como: A Imperatriz Porcina, a Princesa Maganona, A Donzela Teodora. Foi no correr das folhas desses livreiros baratos, que realmente, aprendi a ler.

Noutro período mais distante, eu teria oportunidade de analisar o trabalho do ho-

mem de iniciativa que era Sebastião Cruz, o livreiro da minha provincia litterária. Ele me emprestava os livros para a leitura noturna, á luz fumarenta de uma lamparina, no bairro pobre da Baixinha, depois de um dia de lutas, numa bodega do mercado público.

E que grandes livros possuía, então, a livraria do Cruz!

O proprietário não se preocupava muito na escolha dos pedidos. Metia uma ordem no correio e dizia para o Chico Alves no Rio, que lhe mandasse um conto de reis de literatura boa. E daí, uns 40 ou 60 dias começavam a chegar os caixotes, atufados de preciosidades: Os sermões, de Vieira; A Nova Floresta, de Bernardes; Os Luziadas, A velhice do Padre Eterno; O Lunário Perpétuo; as coleções de Alexandre Dumas; Herculano, com Eurico; Romeu e Julieta, Quo Vadis; A Ressurreição, de Tolstoi; As Mentiras Convencionais, de Nordau; Cervantes, com D. Quixote, em edição de luxo; O amor de Perdição, de Camillo; os romances de Victor Hugo; Eça, com as Cidades e as Serras; livros de Zola, Balzac, com Tio Goriot e Eugenia Grandet; tudo enfim que era traduzido; e entre os nossos, Macedo, Machado de Assis, Alencar, o mais lido talvez, Raul Pom-

péia e o Ateneu, Aluisio de Azevedo com o Cortiço e o Mulato, Castro Alves, Gonçalves Dias, Bilac, em belos livros que saíam de Garnier, de Briguiet e da Quaresma, a livraria onde Rui Barbosa la alterar o preço dos livros estrangeiros.

Essa, a livraria de Mossoró.

Esse, o grande Sebastião Cruz, o visionário, o pródigo, o idealista, um perdulário da cultura no sertão.

Depois, viraram os tempos. Apareceram as crises.

O negócio decresceu, arruinou-se, desmoronou-se. O livreiro tentou salvar-se, e recorreu a tudo. Misturou as mercadorias, e de par com os livros passou a vender bugangas de toda espécie: velas, quadros, terços, fechaduras, martelos, plão e parece que até chocalho.

Mas o inevitável estava traçado.

Um dia, tudo aquillo que fôra o seu grande sonho, caiu de água abaixo, aniquilou-se, e lá se foi o Cruz, abanando os mãos, sempre sorrindo, millionário de esperanças e pobre de vintens.

Hoje êsse homem admirável, esse extraordinário Sebastião Cruz, deve andar mofando, aí, pelos fundos de alguma secção dos Correios, contando cartas, amarrando jornais, tentando decifrar a

letra miserável dos endereços, suando, fazendo fôrça, amassando o diabo do pão do desencanto e da derrota.

Ufa, seu Tião...

Para os homens de espírito, como você, essa vida é um buraco.

N. R.: — A propósito deste artigo do nosso colaborador R. Nonato, divulgado em "Bando", "Diário de Natal", e depois na "Folha da Manhã", do Recife, o nosso illustre conterrâneo Umberto Peregrino, escreveu e publicou num jornal do Rio, a seguinte crônica que PEDAGOGIUM acolhe e transcreve.

CERTAS EXPERIÊNCIAS

Umberto Peregrino

Raimundo Nonato, o vitorioso romancista de "Quarteirão da Fome", escreve em "Bando" sôbre certa livraria de Mossoró, a livraria de Sebastião Cruz. Este era um livreiro original, pois sortia as suas prateleiras com absoluto desprezo pelas conveniências comerciais. Só admitia para o seu público a boa literatura de Vieira, Bernardes, Herculano, Tolstoi, Nordau, Cervantes, Camillo, Eça, Balzac, Zola, Machado de Assis, Raul Pompéia, Castro Alves, Aluisio de Azevedo, Rui, Bilac.

Assim fez muito pelo bom nível da cultura de toda zo-

O nome de Deus em diversas linguas

Deus (português)	Gud (sueco)
Dieu (francês)	Alla (malalo)
God (inglês)	Magatal (tártaro)
Dios (hespanhol).	Allah (siríaco ou turco)
Dio — Iddio (italiano)	Bel (fenício)
Deus — Deo (latim)	Deu (cínrico e córnico)
God (holandês)	Gutha (teutónio)
Gud (noroegues)	Ho (egípcio)
Goot — Gott (alemão)	Theo (grego)
Kami, Sin, Sarn (japonês)	Diet (alemão antigo)
Istu (panolano)	Allah (árabe)
Isten (húngaro)	Dya (céltico irlandês)
Zanhar (madagascarês)	Eohim (caldaico)
Choda (persa)	Shang-ti (chinês)
Puchocamae (peruviano)	Brahma (caromandálico)
Bog (polaco)	Gud (dinamarquês)
Buch (russo)	Thoth (egípcio ant.)
Deva (sânscrito)	Iumala (finlandês)
As (búnico)	Khuda (hindustanês)
God (saxónico)	Adonai e Elokin (hebralco)

na da influência de Mossoró. Depois, infelizmente, como refere Raimundo Nonato, viraram os tempos, os negócios emperraram, minguaram, e a casa de Sebastião Cruz entrou em crise aguda. "O livreiro tentou salvá-la e recorreu a tudo. Misturou as mercadorias e, de par com os livros passou a vender bugigangas de toda a espécie, velas, quadros, terços, fechaduras, martelos, plão, e parece que até chocalho". Mas não houve jeito, perdeu tudo, na informação de Raimundo Nonato, andaré aí, no fundo

de alguma secção dos Correios separando cartas, amontoando pacotes de jornais, conferindo registrados... Mas se eu bem compreendi o espirito do fracassado livreiro de Mossoró, avalio que, em meio daquela exaustiva e mediocre rotina postal quantas vezes há de deter-se com algum impresso, entre as mãos, a querer adivinhar se ali viajará algum daqueles bons livros que tanto amou, que fizeram a sua ruína, mas que afinal, chegaram a tantos moços, que bem precisavam conhecê-los...

UM EDUCADOR

Raimundo GUERRA

A margem do rio da Cobra, municipio de Paré-lhas, existe um florescente núcleo de seridoenses destemerosos e trabalhadores como os demais, dessa região que se denomina — sitio Joazeiro.

Em 1926, conheci, pela primeira vez, aquela localidade cujos habitantes, em sua maioria, descendem de Bernardino de Sena, um dos primeiros proprietários daquela, hoje, tão populosa região.

Tornou-se Bernardino de Sena, desde os primeiros anos, o guia, o educador daquela gente, pois fôra designado professor da 1.^a escola que existia no sitio Boa Vista, vizinho a êste, tendo exercido a nobre missão de Professor Primário por mais de 22 anos, quando entregou a regência da escola a seu filho Luís Gonzaga de Sena, que anos depois foi substituído por Francisco Pereira e êste a entregou a João Manuel dos Santos, neto de Bernardino Sena, tendo assumido o exercicio, em 1925, continuando ainda até esta data.

Naquele ano de 1926, fiz, com os meus alunos do então Curso Elementar Masculino, uma excursão escolar muito proveitosa ao referido sitio. Lá estavam reunidos os alunos do Professor João Manuel. Deu-se, assim, o primeiro intercâmbio ou reunião de alunos do Grupo Escolar "Barão do Rio Branco", recentemente instalado, com os seus colegas da Escola Rudimentar daquela localidade.

Seguiram-se horas de recreio, de divertimentos e competição entre alunos de uma e outra escola, pois declamaram, fizeram marchas, calistênica, entoaram hinos patrióticos e apropriados á marcha. Um lauto almoço foi servido ás crianças que compareceram a êsse festival.

Desde essa época verifiquei como eram numerosos os alunos que frequentavam a escola e sempre tem sido aumentado esse número de modo que, atualmente, já não se podem matricular todas as crian-

ças por falta de acomodação na sala de aula precisando ser desdobrada.

A demonstração que acabo de expôr foi necessária para melhor esclarecer que a semente plantada pelo Prof. Bernardino Sena caiu em terreno fértil, germinou, cresceu, prosperou sempre sem interrupção e hoje seus frutos são numerosos. Ele foi o educador por excelência.

Enquanto ensinava os princípios rudimentares da leitura, escrita e cálculos, completava a educação de seus alunos com os ensinamentos da doutrina cristã e os sãos princípios da moral e dos deveres cívicos dos cidadãos.

Ocupou ainda o elevado cargo de Presidente da Intendência de Jardim do Seridó, funções que exerceu com critério, honestidade e dedicação peculiares aos antigos chefes do Sertão, naquele tempo.

Como sempre acontecia, apareciam os "casos" para resolver, questões essas que muitas vêzes dependiam do juiz ou do delegado ou estavam afetas ao advogado, porém êle acumulava, gratuitamente, todas essas funções desde que a parte interessada não confiava em outrem.

Foi assim um conselheiro, um patriarca de seu povo.

Tive ainda a fortuna de conhecê-lo, nos seus últimos anos de vida, já velhinho, cercado da estima e veneração de seus numerosos descendentes e amigos. Lembro-me dos concorridísimos terços que se realizavam anualmente no Joazeiro, em honra de São Luís Gonzaga. Quase todos que iam entrando na sala onde se realizava o ato religioso, a êle pertenciam pelos laços de consanguinidade ou de afinidade: filhos, nêtos, bisnetos, sobrinhos, irmãos, afilhados, compadres, etc. Como se compreende, destes, era grande o número dos que iam pedir-lhe os abençoasse enquanto os outros o cumprimentavam com alegria.

Futuramente a Escola Isolada de Joazeiro terá o nome desse que tudo fez pelo seu progresso material e educativo.

Alguns minutos de recreio

Ao edipista de escol, Tenente Potiguar

LOGOGRIFO EM PROSA

QUADRA MATINAL

A aurora vai pouco a pouco despontando. Surge o astro-rei num mar de luz brilhante. A criação inteira modula um hino imenso ao Arquiteto do Universo.

Meus olhos se espalham ao longe, muito além (4-3) pela vasta extensão das campinas, enchendo-me de gôzo, ao ver a esmeraldina côr de que se (4) arreja a relva profunda desses pitorescos prados. O Sol (1-2) levanta-se no horizonte, arde e brilha no prado verdejante, na mata e na fonte. O mundo e a natureza de puro amor se enchem. "Os montes destoucaram-se de neblina, que meiga e adelgada, pende da celeste morada, como um véu de fina gaze". O mundo é todo luz, o céu de puro anil se tinge.

Deleitam-me os lindos passarinhos com sua elegância de formas, com a beleza de sua plumagem, com a graça (2-1) de seus movimentos e com o seu mavioso canto. O' sol radioso! Clareais pouco a pouco os sombrios recantos dos arvoredos, recamando de pérolas as arelas e os rios.

NOVISSIMAS

- 2-3 — O bom pedagogo, zeloso de seus deveres, é sempre um individuo sagaz.
- 2-1 — Sinto muito prazer em ver um amigo alegre.
- 1-2 — Com jeito descobri deste tubo o segredo.
- 2-1 — Vivo com pesar neste deserto, desgostoso e triste.
- 2-1 — Rui Barbosa era versado em direito e o único brasileiro que se tornou notavel em seu tempo.
- 1-1 — Bebida de criminoso é óleo de peixe.
- 1-2 — Desde que perdi o juizo fiquei sem direção.
- 1-2 — A criminosa fez declaração pública do seu horrendo crime.

CASAIS —

- 2 — Diante do majestoso monumento a Cristo Redentor, no Corcovado o homem dobra o joelho reverente.

- 2 — Ao fazer o **circuito** da Gavea, o volante caiu num grande **valado**.
- 3 — O **magistrado** subiu ao **palanque** e fez um lindo discurso.
- 2 — Ofertemos à Mãe do **Criador** o nosso **Coração**, como tributo de nossa veneração, confiança e amôr.
- 2 — **Receio** que a **tradução** do trecho literário não saia bem feita.
- 3 — Não sei por que **meio** hei de sair dessa **embrulhada**.
- 2 — Quando sopra o **vento sul** é **sinal** de bom inverno.

SINCOPADAS —

- 3 — Tomou parte na corrida do **circuito** da Gávea um **negro** da Abissínia — 2
- 3 — Ao começar a **batalha**, caiu uma **chuva** torrencial — 2
- 3 — Guardel meu **bracelete** de ouro na **cabana** — 2.
- 3 — Muitas vezes o homem fica com o seu caráter **manchado** pela **bebida** — 2
- 3 — Dê seu **parecer** sobre essa charada com toda a **atenção** — 2.
- 3 — Na **época** atual tudo tem o seu **cunho** de originalidade — 2.
- 3 — Só se mete em **briga** quem tem o **desejo** de fazer mal — 2.

S. Ana do Matos, Maio de 1951.

Osvágrio Rodrigues

Logogrifo — Solução: — Rala

Charadas novíssimas Malicioso, gozoso, arcano, nojoso,
soluções : vistoso charéu, destino, reato.

Charadas casais

Soluções: Curvo-curva, cerco-cerca, tribuno-tribuna, almo-alma, temo-tema, meado-meada, noto-nota.

Charadas sincopadas Precinto-preto, refrega-rega, manli-

Soluções lha-malha poluto-poto, consulta-conta, seculo-selo galana-gana.

LIVROS ESCOLARES PARA AS CRIANÇAS POBRES

O vereador Antônio Felix, da bancada do PSP, acaba de apresentar um projeto de lei à Câmara Municipal, instituindo este importante beneficio, cujo texto transcrevemos:

PROJETO DE LEI N. 75/51

Abre o crédito de Cr\$ 20.000,00, para compra de material escolar, no exercício de 1952, destinado à distribuição gratuita com diversos estabelecimentos de ensino primário de Natal.

O Prefeito do Município de Natal. Faça saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a presente lei:

Art. 1.º — Fica incluído no orçamento para o exercício de 1952, o crédito de Cr\$ 20.000,00, para compra de livros escolares destinados à distribuição gratuita a alunos do curso primário, comprovadamente pobres.

Art. 2.º — A doação do material escolar de que trata o art. 1.º, será feita equitativamente pelos seguintes estabelecimentos de ensino primário, situados no Município:

- 1—Grupo Escolar "Augusto Severo".
- 2—Grupo Escolar "Isabel Gondim".
- 3—Grupo Escolar "Frei Miguelinho".
- 4—Grupo Escolar "João Tibúrcio".
- 5—Grupo Escolar "Alberto Torres".
- 6—Grupo Escolar "Aurea Barros".
- 7—Grupo Escolar "Presidente Roosevelt" (Parnamirim).
- 8—Escola Rural "Raquel Figner".
- 9—Escola Reunidas "Mascarenhas Homem".
- 10—Escolas Reunidas "Getúlio Vargas".
- 11—Escola Rural "Manoel Dantas".
- 12—Escola "Des. Seabra Fagundes".
- 13—Escola "Professor Teódulo Câmara".
- 14—Escola Ambulatório "São José" — Rocas.
- 15—Escola do Sindicato dos trabalhadores na Construção Civil.
- 16—Escolas Reunidas "Oscar Vanderlei".
- 17—Escola "1.º de Maio".
- 18—Escola do Sindicato dos Trabalhadores, em Carris Urbanos.

(Conclue na pagina 24)

Escrínio poético

S O N E T O

O sertanejo amanhecera triste.
De pé, no vão da porta, êle fitava
o Céu. Talvez, talvez êle pensava !...
Neste pensar do sertanejo triste.

a cruz do seu destino. E êle sondava
aquele Céu parado que persiste
em ocultar que sente e que resiste
a dôr de quantas dôres que causava.

Mais tarde, quasi exausto, ao sol ardente,
o sertanejo pede a Deus somente,
somente a chuva — esperança e alegria.

Oh! êste tempo... Oh! vida ingrata!...
o sertanejo olhando o Céu retrata
tôda saudade que há de vir um dia.

S O N E T O

Porque me pedes impressões, pequena?...
Teu livro é tão mimoso!... olha, escuta!...
ele reclama se eu o toco. E luta
p'ra que eu não faça alguma cousa... é pena !

Mas, tu me pedes e escrevo. Exulta
a pagina a obedecer serena
Pensas que falo da ilusão serena
Falarei da dôr que nos enluta.

Eu te direi do pranto, da tristeza
que enlutam corações desludidos
do futuro de toda mocidade.

Olha este mundo... escuta... que incerteza !...
Nada é mais triste que ideais perdidos
de ver sem mais remedio a humanidade.

ROQUE JOSE' DA SILVA

COMENTANDO

A tragédia do mestre-escola

Côn. J. ADELINO

ESSE é o título duma série de artigos, que o prof. Mário Cavalcanti vem publicando no "Diário de Natal" e através dos quais analisa criteriosamente a situação algo trágica em que se contorcem os dedicados professores primários de nosso Estado.

Esses artigos devem ser lidos e meditados por todos, principalmente por aqueles a quem toca de perto o assunto.

Herdamos dos velhos romanos o costume de dizer que a obra denuncia o artífice. Os trabalhos do prof. Mário Cavalcanti, porém, parecem fugir a esse ditado. O jornalista em nada se parece com o homem humilde, que todos nós conhecemos, recatado, retraído, sobrio de palavras e de conversas. Quando escreve, entretanto, a coisa muda de tom. Estilo simples, mas franco e desenvolto, dizendo tudo em poucas palavras, em voz alta.

O assunto que ele vem ferindo, é da maior importância. Uma larga experiência de quase trinta anos de magistério, deu-lhe essa autoridade e fê-lo sair de sua modéstia para expôr á plena luz a tragicidade de nossos abnegados mestres-escolas, vivos e mortos.

Na verdade, tudo o que se disser, de bem e de heroico, acerca do professor primário, de ontem ou de hoje, será pouco. A dívida de gratidão que todos contraímos para com eles, será sempre insolvível.

Creemos na missão do mestre, como cremos na missão do padre. Dizendo-se **missão**, repele-se a palavra **função**. O professor não é um funcionário. E' uma blasfêmia chamá-lo assim. Com efeito, a missão magistral se altela a tal ponto, que uma apenas se lhe sobrepõe: a da paternidade. Mas, estabelecem-se entre uma e outra tamanhas relações, que ambas se encontram, se completam e se compreendem, na realidade da vida.

Magistério é missão das mais altas. Para ela, como para qualquer outra, requer-se uma vocação. Um horizonte das mais largas considerações se abre aqui, em se tangenciando tão importante assunto. O que mais se deve exigir dum professor, é se ele detem, de fato, aquelas imprescindíveis

(Conclue na pagina 22)

A tragedia do Mestre-Escola

(Conclusão de e página 21)

veis e singulares aptidões para o magistério, se lhe sobram predicados morais, espirituais e intelectuais para transmitir aos outros. Numa palavra, se tem verdadeira vocação para a cátedra.

Um mestre não é uma coisa que se improvise. Não se improvisa um padre ou um médico. Na cátedra da Sabedoria não se sentam os improvisados, os oportunistas e os mercenários. A Escola é a continuidade do lar. Como no lar, nela se irradiam as centelhas paternas do Amor da bondade, da energia, da paciência e do carinho.

Sobre o humilde professor primário, sobre o mestre escola, recai a parte maior da honra e da glória, dessa vocação e dessa missão. A Escola é um templo, e é nesse templo que os pais fazem a primeira apresentação de seus filhos. Dalguma maneira, a cena bíblica de Jerusalém se repete. Nas mãos do professor se depõe então o potencial todo de energias virgens, cristalizadas no espírito de quem dá o primeiro passo além do solar paterno.

É nesse primeiro passo que o Tempo e a Eternidade se fixam na alma da criança. Não é no mármore ou na tala que se vai trabalhar, mas no espírito dum futuro cidadão de Deus e da Pátria.

E' aquí que a missão do mestre escola cresce aos olhos humanos esses olhos que, às vezes, enxergam tão pouco, e, tão pouco reconhecem.

Diante de tanta grandeza, pouco importam as vicissitudes. Elas não matam a glória, porque a glória será sempre de quem lança a primeira semente. Ela pertence ao mestre-escola.

**Quem mais estuda, mais lauréis conquista,
mais se aproxima-do país da luz!**

Segundo Vanderlei

Problemas da Educação Infantil

Antônio E. da SILVA

— II —

Prosseguindo nos comentários em tórno do momentoso assunto, magistralmente esplanado pelo Dr. Emilio Mira Y Lopez, passemos ao segundo princípio: "Não basta querer é preciso poder educar bem". Tendo êste princípio, pontos de contacto com o primeiro que constituiu matéria para o artigo anterior lembremo-nos de u'a máxima castelhana que reza: O inferno está cheio de boas intenções. Não basta o áto de volição, isto é, o desejo. Já os antigos diziam: Querer é poder. Quem pôde tem meios de realizar. Mas, para que os meios sejam suficientes de forma a garantir êxito, mister se faz que derivem de uma yontade inabalável e que não estejam, pois, ao sabor de causas extrinsecas, mas se afirme em todos o esplendor da sua realização.

E' logico, assim, que as ações propícias conduzam ao fim idealizado com disposições previamente afastadas, numa expressão de técnica insofismável como corolário da boa aplicação dos métodos. Dêsses caminhos a perlustrar depende o aproveitamento do esforço de cada um na seara de tão grande campo, qual seja o poder da vontade.

Entretanto êste segundo princípio do magnífico estudo do dr. Lopez encerra uma pergunta: Serão lícitos todos os esforços? Serão propícias ou produtivas todas as tentativas, visando u'a maior coordenação de ações? Opinamos pela negativa visto como, preliminarmente, precisamos saber para que se vai educar, isto antes mesmo das cogitações de "como" educar.

Convenhamos que se não possa atingir a meta ou os fins colimados e os meio não serão exequíveis, falharão na sua utilização, deixando-nos a amarga decepção de um plano frustado. Não será inoperância de nossa parte. Proclamamos não termos, as mais das vêzes, nas crianças o elemento adaptável ou moldável á pratica de um ensino intensivo e do maior rendimento, coroando, deste modo, os esforços empre-

LIVROS ESCOLARES PARA AS CRIANÇAS POBRES

(Conclusão da página 19)

19—Escola Isolada "Jeronimo de Albuquerque" (Ponta Negra).

20—Escola Ambulatorio "Padre João Maria".

21—Escola Isolada "Apolinário Barbosa" (Pirangi do Norte).

Art. 3.º — Os estabelecimentos de ensino a que se refere o art. anterior, ao requererem os beneficios da presente lei, deverão juntar uma relação nominal dos alunos mais necessitados, onde conste:

a) — número não superior a 30 alunos;

b) — filiação, residência e a série a que pertence o aluno beneficiado;

c) — número de matrícula e frequência de alunos, correspondente ao ano de que trata o art. 1.º ;

d) — o visto do Diretor do Departamento Estadual de Educação.

Art. 4.º — As despesas com a execução desta lei, correrão pela dotação orçamentaria destinada à Educação Pública.

Art. 5.º — Esta lei entrará em vigor a partir de Janeiro de 1952, revogadas as disposições em contrário.

Sala Rui Barbosa, 8 de Agosto de 1951.

ANTÔNIO FELIX

gados e rebentando a sementeira em frutos opimos.

Quando o objetivo é inatingível não justifica adotar essa ou aquela norma.

Terceiro principio: Educar de *e-ducare*, isto e, extrair, "conduzir para cima" entende propiciar a formação do individuo quanto possivel condicionando tudo a influencias de substancia e de ambiente.

Dai a conclusão: Cada um é o produto do "meio". Sócrates dizia: Diz-se onde estás, dir-te-ei quem és. Educar não vem a ser como alguém entende forçar o *modus-vivendi* da criança, atentando mesmo contra a doutrina de D. Bosco — A criança tem uma consciência que deve ser respeitada, acatada nas minimas manifestações do seu ser. Nada de encaixala, de confiná-la pelas ameaças, adulações, vindictas ou compensações nos estreitos limites em que se pretende colocar o menino para ser aquilo que a presunção dos pais pensa conseguir...

SERVIÇO DO PESSOAL

Em 2 de agosto de 1951.

PARECER N. 577

Exmo. Sr. Secretário Geral do Estado:

No presente processo, GILBERTO DA CUNHA PINHEIRO, ocupante do cargo da classe I, da carreira de Professor Primário, Tabela 3 — Parte Permanente do Quadro Único do Estado, atualmente exercendo em comissão o cargo de Inspetor de Ensino, padrão K, Tabela 2 — Parte Permanente, do mesmo Quadro, solicita os favores a que se refere o art. 51, Parágrafo 2.º, da Lei n. 7, de 30 de dezembro de 1950.

II — Prescreve o supra citado dispositivo:

Art. 51 — E' concedida aos professores que tiverem vinte e cinco anos de serviço ininterruptos, como prêmio pela sua dedicação seis meses de seus vencimentos, calculados à base do percebido do último mês.

§ 1.º — Terá direito ao referido prêmio o professor que, ao completar vinte e cinco anos no exercício do Magistério prove não ter estado em gozo de qualquer licença, inclusive licença prêmio.

§ 2.º — Fica igualmente com direito ao prêmio constante do art. 51, o professor que ao ser promulgada esta lei, tiver completado o tempo de serviço exigido para o prêmio.

II — Frente ao que se transcreveu, juntou o interessado, para o efeito pretendido, a certidão de fls. 3, fornecida pelo Departamento da Fazenda, em a qual se verifica contar, até 31 de dezembro de 1950, com 12.108 dias líquidos do exercício, ou sejam 33 anos e 63 dias de efetivo exercício. Verifica-se ainda da mesma certidão haver gozado o requerente 537 dias de licença para tratamento de saúde, inclusive 349 dias de licença sem vencimentos, e 1.485 dias em disponibilidade.

IV — Em face do exposto o pedido do requerente não pôde ser atendido, em virtude de contar no período de

Carta do filólogo Napoleão Mendes de Almeida

Prezado prof. F. Rodrigues Alves: proveio do latim *magisterium*.

Saudações.

Em resposta à sua carta de 27 de setembro, mandolhe algumas sugestões que talvez o ajudem.

O grego *pedagogós* (remotamente, o escravo que conduzia os meninos à escola; depois, o mestre, o professor, o educador), é formado pelo radical *paid* (pais, *paidós*) e o verbo *agein* (conduzir). Daí, através do latim, o nosso pedagogo. Pedagogia tem a mesma origem, com o sufixo vernáculo *ia*. *Magistério* pode significar o ofício do professor, o professorado, e ainda, em química, uma solução ou precipitado: *magistério de enxofre*, de *ris-muto*; em ambos os casos

Seminário vem do substantivo neutro latino *seminarium*, e significa viveiro de plantas, casa de formação eclesiástica. É bom não esquecer o adjetivo latino *seminarius*, relativo a *seminarium*.

Quanto ao caso lexicogênico V. Gr. *Metódica*, § 456, n. 3. Já em relação aos vocábulos gregos, o caso é ora o acusativo, ora o nominativo, ou somente o radical do genitivo, acrescido de um sufixo nosso. Sem mais, creia-me ao seu dispor e sempre agradecido,

Napoleão Mendes de Almeida

São Paulo, 24 de outubro de 1950.

9-2-928 a 31-12-950, 8.362 dias, ou sejam apenas 22 anos e 332 dias, depois do período de afastamento por motivo de disponibilidade e licença. Cumpre esclarecer que o período de disponibilidade "é considerado como de exercício **unicamente** para efeito de aposentadoria". Parágrafo único do art. 189, do Estatuto.

Nestas condições, encaminho a V. Excia. o presente processo para ser submetido à elevada consideração do Exmo. Sr. Governador do Estado.

(a) JOSE' BEZERRA MARINHO
Diretor.

Denominações e estruturas

José CAJUEIRO

(Catedrático de Metodologia
do Ensino Primário, no Ins-
tituto de Educação, em
Maceió)

Em relação á estrutura recebe a nossa escola primária denominações variadas.

A questão é controvertida. Já tive oportunidade de assistir a polémicas em tórno dela.

De modo geral, temos dois tipos de escolas: *a isolada e a agrupada*. A primeira é sempre instalada nas zonas rurais; nela uma só professora ministra o currículo primário, em três anos, pelo modo simultâneo. A segunda possui estrutura baseada num plano mais complexo. Aparece nas zonas urbanas, sob a denominação de *Grupo Escolar*, com 8 classes, ou mais, um administrador e funcionários subalternos, para os serviços de asseio e outros mencionados nos regulamentos. Além desses dois tipos, com denominações justificadas pelas suas próprias estruturas, fui informado de que, em certas regiões, se cogita da criação de novo tipo, sob a denominação de *escolas reunidas*, para as zonas rurais onde haja maior densidade de população. O novo tipo, segundo seus idealizadores, deve ter apenas 4 salas de aula. A organização das escolas desse tipo comporta 4 professores, sendo um para classe pré-primária, e os demais para 1.º, 2.º e 3.º anos, visto como a duração do currículo é de 3 anos, ficando a professora do 2.º ano com a incumbência de regente, sem nenhuma compensação material pelo aumento de responsabilidade, e havendo, ainda, uma servente, para o serviço de asseio, paga pela municipalidade da circunscrição territorial a que pertença a escola. Sou contra as *escolas reunidas*. Não quero alongar-me muito no trato do assun-

Departamento de Educação

DR. FRANCISCO PINTO DE ABREU

O Departamento de Educação e a Associação de Professores, comemorando o 30.º dia do falecimento do saudoso dr. Francisco Pinto de Abreu, mandaram celebrar u'a missa, ontem, na Catedral, que teve o comparecimento do Exmo. Sr. General Fernando Távora, Comandante da Guarnição Federal, do professor Severino Bezerra de Mélo, Diretor Geral do Departamento de Educação, do professor Luiz C. Soares de Araújo, Presidente da Associação de Professores, dos Professores Francisco Rodrigues Alves e Raimundo Soares e vários membros do magistério secundário e primário.

O dr. Francisco Pinto de Abreu, que no governo Alberto Maranhão ocupou a direção da Instrução Pública, foi o reformador de nosso ensino Normal e Primário, sendo

também o primeiro diretor da Escola Normal orientando a primeira turma de professores diplomados que constituiu o início da reforma do nosso ensino primário e normal, em cuja organização ainda hoje permanecem traços, os mais evidentes de sua inteligência e capacidade pedagógica. Foi um grande servidor do Estado e mereceu sempre dos governos a maior confiança como auxiliar dedicado e operoso.

O Rio Grande do Norte deve ao dr. Pinto de Abreu uma grande soma de serviços não só no setor da educação da juventude como também na sua vida social e política. Era sócio do Instituto Histórico em cuja solenidade sentiu-se muitas vezes, o brilho de sua cultura e a eloquência de sua voz.

(Do "Diário Oficial", de 14 - 8 - 51).

to, pois, há uma porção de motivos que demonstram a sua inconveniência. Em lugar de tais escolas prefiro o *Grupo Escolar*, com a sua estrutura já definida na base do regime da divisão do trabalho.

O ideal seria fazer do *grupo escolar* o padrão único da nossa escola primária. Nele os mestres não precisam mais reger três graus ao mesmo tempo, como acontece nas escolas isoladas. Cada um trabalha com classe de adiantamento uniforme ou, quando menos, subordinada a um programa para um ano só.

Evidentemente, essa estrutura de organização do trabalho escolar, dividido e coordenado, é mais racional e mais compensadora.

Palavras ao Prof. Celestino Pimentel

(Discurso proferido pelo pré-universitário João Batista Pinto, por ocasião do aniversário do Prof. Celestino Pimentel).

Parece-vos estranho que ao saudar o professor Celestino Pimentel, eu tenha de me deter ante o passado e a memória.

Mas, isto é explicativo. Nenhum homem poderá ser medido em sua dimensão particular. Voltamo-nos para a paisagem, o meio, e seguimos através da análise da obra, para encontrarmos o homem tal que é anjo ou demônio, simbolizando um período social, uma vida íntima, uma pequena peça da máquina humana que se move, ora limitado e morto em sua própria roupa, ora voando como os santos, os gênios, os líderes.

Se é na paisagem que buscamos o homem, eu me enteneço ao contacto das paredes, das telhas, do chão, vendo em cada coisa motivos de um passado, onde a memória é o homem que se agitou, as sombras dos sonhos que pereceram, o espetáculo triunfal de gerações superadas.

Há poucos dias, sentado em uma das bancas de aula, num processo íntimo de fuga para as cousas, eu ia lendo os nomes gravados a canivete sobre as tábuas. Parece-me haver assistido ao milagre dos que passaram pelo velho Ateneu e deixaram marcados episódios de suas vidas, dramas de suas almas. Eram, sem dúvida, criaturas de outras mocidades, de outras agitações, no tumulto da vida, no viver por vencer, para não paralisar nos seus tempos, nos que se foram. Era o desfile das épicas lutas que eu sentia em cada canto desta velha casa, nas portas, nas janelas marrons. E' que aqui, o marco da cultura potiguar de todos os tempos se testemunha na forma do prédio, nas molduras simples hoje prendidas nas paredes como uma evocação, como uma glorificação.

Hoje não é mais necessário ir além. A minha presença, a minha paisagem, que é a exterior, que são os fatos, os homens, mostra perfeitamente e de maneira profunda a personalidade dos que contribui-

ram e do bravo continuador desta epopéia. Do simples homem que se vem dedicando com carinho ao cultivo de preparar mentes para as vitórias — o professor Celestino Pimentel.

E' certo que a vida não consente na super-produção de inteligências, mas como uma mestra amiga sabe sublimar os destinados á impotência, e isto de maneira satisfatória para quasi todos. Distribuindo tarefas comuns para os homens comuns, lutas compatíveis com as mentes evoluídas, mortas para o sentido humano e estético da vida, levando-os a uma extensão anônima. E isto porque, para sempre, a não ser nos que despertam tarde, vivem **mortos** para a realidade metafísica a que transcende o vulgar e penetra na profundeza dos sentimentos.

Sinto-me feliz neste momento porque não há culto maior do que éste: glorificar pessoas que merecem. Cada ser humano sente a necessidade moral de admirar alguém e sobre êle tecer palavras generosas. Quantos milhares de criaturas não se mataram por Jesus Cristo. E quando um homem não tem mais por quem morrer, morre por si mesmo, fenece por sua própria idéia. Aqueles são os heróis, os santos, estes são os genios. Porque somente o que não concebe uma idéia feita sentimento, o que não se afirma numa obra, margina-se, vulgariza-se, mergulha-se no pântano de sua própria miséria moral.

Foi muito feliz o poeta que, falando de sua arte, exclamou:

“A terra quieta diz: eu passo,
E a água, que se move: eu permaneço”

Assim, para o conceito generalizado, para todos que se empenharam em uma grande obra, no desejo de ser como personalidade, o tempo esclarece e faz justiça. Em particular, a éste que eu saúdo agora, bem deixa transparecer esta presença em obra fecunda, e como afirmação moral da integridade humana.

O professor Antônio Pinto de Medeiros pediu-me um pouco de alegria para éste momento. Infelizmente, traindo o seu pedido e a minha própria vontade, escondo-me sob palavras que nada dizem, sobre gestos que não molha.

O Centro Estudantal Potiguar, por quem falo

Autores e Livros

"ROTEIROS DA ZONA OESTE"

A zona oeste do Estado teve agora, a sua história condensada em 250 páginas interessantísimas e utilíssimas.

O escritor Raimundo Nonato da Silva, euclideano terrível, que maneja a pena hoje, com a mesma habilidade com que, ontem, engraxava um par de sapatos, para ganhar um tostão, é o autor destas páginas que constituem "Roteiros da zona Oeste", livro fadado a prestar um serviço inestimável ás letras potiguares, no terreno dos fatos sociais e históricos daquela vasta região sempre castigada pelas sêcas e quase sempre esquecida pelos homens.

"Roteiros da zona Oeste" é assim, um livro de muita responsabilidade, no seu objetivo. Existe, nele, muito que observar e aprender tendo-se em conta, principalmente, a exposição cri-

teriosa e segura do autor num estilo que nada fica a dever a Camilo ou a Latino Coelho.

É mesmo admirável a maneira como foi focalizada pelo escritor Raimundo Nonato da Silva a história de cada um dos 12 municípios da zona gloriosa, nos tempos agitados da política. Essa história é enriquecida de um conjunto de leis e curiosas notas explicativas que a completam, á maravilha.

Em "Roteiros da zona Oeste" encontrarão todos os que se interessam pelos assuntos do Rio Grande do Norte uma fonte de informações perfeitamente satisfatórias sôbre a vida e as atividades dos homens que ali nasceram e morreram sob o signo da Religião, da Justiça e do trabalho. Prefeitos, vereadores, deputados, professores, sacerdotes, jornalistas, escritores e estudantes, terão a feliz

(Conclue na pag. 48)

neste momento, incumbiu-me de prestar esta simples homenagem, fazendo do digno mestre a quem saúdo, Presidente de Honra perpétuo daquela entidade. Cabe-me, agora, do autor destas palavras vazias para o homem simples, o meu abraço amigo e a minha compreensão da grandeza desta alma abnegada e boa.

Prof. Severino Bezerra de Melo

Acaba de assumir as altas funções de Diretor Geral do Departamento de Educação o Prof. Severino Bezerra de Melo, mestre de varias gerações e de cuja larga experiencia no trato da coisa pública muito ainda haverá de lucrar o nosso ensino.

Homem de ação e de atitudes claras, cheio de bons propósitos de servir, amigo de sua classe e com ela solidário nas suas aspirações e necessidades, é natural que todos dêle esperem, na nova oportunidade que lhe surgiu, os melhores planos e

realizações em beneficio do magistério do Estado.

Está, assim, o velho e estimado educador à altura do cargo que lhe vem de confiar o governador Sílvio Pedrosa, nesta hora de sérias dificuldades que atravessamos e em que os problemas da instrução pública reclamam Despreendimento e Fé Moralidade e Trabalho.

Ao Prof. Severino Bezerra de Melo, as saudações de PEDAGOGIUM que são as saudações dos professores do Rio Grande do Norte.

Você sabia . . .

que a Lei Aurea foi promulgada às 15.30 da tarde de 13 de maio de 1888?

que Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Cabral, começou a escrever ao Rei de Portugal a importante carta em que relata o descobrimento do Brasil, no dia 29 de abril de 1500?

que, em 1854 foi inaugurada a primeira estrada de ferro do Brasil, de Mauá a Petrópolis?

que o sábio francês Pedro

Curie foi quem descobriu o rádio em colaboração com Mme. Curie, em 1898?

que Buffon é o verdadeiro fundador da geologia e da paleontologia?

que a Princesa Isabel assumiu a Regência do Império três vezes, sendo a primeira de 25 de maio de . . . 1871 a 30 de março de 1872; a segunda de 26 de março de 1876 a 25 de setembro de 1877 e a terceira de 30 de junho de 1887 a 21 de agosto de 1888?

Prof. ALFREDO SIMONETTI

Mário CAVALCANTI

**"O trabalho afasta de nós três grandes males:
o aborrecimento, o vício e a necessidade".**

VOLTAIRE

Alfredo Simonetti foi um professor cem por cento. Desaparecido prematuramente do rol dos vivos, deixou um exemplo maravilhoso de amor inexcedível ao trabalho fecundo. Conhecedor profundo do *metier*. Trabalhador incansável. Escravo do dever. Organizador. Disciplinador. Fazia da missão um sacerdócio. Por ela sacrificou a própria vida.

Nasceu em Natal, a 24 de outubro de 1900, Avenida Rio Branco, Casa número 577. Foram seus pais: Américo Vespúcio Simonetti e Dora Amália Simonett.

Concluído o curso primário, matriculou-se na Escola Normal. Diplomou-se a 27 de janeiro de 1920. No dia 4 de fevereiro do mesmo ano foi nomeado para reger efetivamente a cadeira elementar masculina do Grupo Escolar "Moreira Brandão", da então vila de Goianinha, tendo assumido o exercício a 9 do referido mês. A 5 de janeiro de 1922 foi transferido para o Grupo Escolar "Meira e Sá", de Santana do Matos, e a 13 de janeiro de 1923, promovido para o Grupo "Tte. Cel. José Correia", da cidade de Açu, assumindo no mesmo dia a direção daquele educandário.

Tendo sido classificado em 3.º lugar no concurso de provas realizado em Natal, foi promovido, para o curso complementar mixto do mesmo estabelecimento, assumindo o exercício a 1.º de fevereiro. Consorciou-se com D. Maria Augusta de Sá Leitão, um dos ornamentos da sociedade açuense.

Integrado de corpo e alma á sua profissão, estudioso e competente, Alfredo Simonetti, melhorou enormemente o ensino na velha cidade do Açu.

Foi Inspetor de Ensino por três vezes (23-7-1925 a 1-2-1926 e 23-2-1928 a 14-12-1930 e 1-1-1933 a 19-1-1934).

Foi, por duas vezes, diretor da Escola Normal de Mos-

soró e do Grupo Escolar "30 de Setembro" (14-10-1930 a 1-1-1932 e de 19-1-1934 até a sua morte, a 23-1-1939).

Sua capacidade de trabalho era simplesmente assombrosa. Professor de primeira ordem. Meticuloso. Escrupuloso no cumprimento dos seus deveres. Lente de Pedagogia e Pedologia, e ainda do Curso Complementar. Nunca entrou em classe sem o prévio preparo das lições. Conhecia a fundo todos os segredos da Metodologia. Suas lições eram magistrais. Consciência das responsabilidades que lhe pesavam sobre os ombros. Engolfava-se completamente no trabalho estafante. 14, 15 horas de labor diário. Compleição franzina, o organismo não resistiu e baqueou. Com a sua morte, perdeu o Rio Grande do Norte um dos seus maiores professores.

Não só tinha amor ao ensino mas sabia ensinar como bem poucos.

Todos os que se dedicam ao magistério sabem quão difícil é a tarefa de transmitir conhecimentos. O professor que se preza tem de estudar um pouco de Psicologia. Viver mais ou menos em dia com as obras dos grandes mestres. Lourenço Filho, Antonio Dávilla, Fernando Azevedo, Teobaldo Miranda Santos, Aguayo e outros. Precisa amar os seus alunos e a sua profissão como a si próprio. Dar-lhes o melhor de suas energias. Concentrar na Escola todos os cuidados. Considerar os alunos como seus próprios filhos, e tratá-los com carinho. Complacientemente. Fazer-se amar e respeitar. Aproveitar todas as oportunidades para dar-lhe lições de moral. De civismo. De boas maneiras. De cavalheirismo. De decência. De respeito mútuo. Ensinar-lhes a "amar a Deus sobre todas as causas e ao próximo como a si mesmo". Preparar-lhes o espírito para serem bons cidadãos úteis à Pátria, à família e à sociedade. Tudo isso fazia, e muito bem, Alfredo Simonetti, uma das mais completas figuras de preceptor que tenho conhecido.

Martir do cumprimento do dever. Como tantos e tantos outros, os seus parcos vencimentos não lhe chegavam para tratar-se convenientemente. E a tuberculose tragou mais uma vítima. E o gigante tombou na arena, ferido de morte, em plena atividade criadora.

**"Foi tua vida um horto do sofrer,
Imolado na arena do Dever".**

NOTAS & FATOS

- O p \hat{o} ço mais profundo que se conhece está na Boêmia, na mina Pezibraum, com mais de mil metros de profundidade.
- O vulcão mais alto da terra está nos Andes do Chile. Chama-se Aconcágua e tem 6.970 metros.
- O animal maior até agora conhecido é o atlontossauro, cujos restos fósseis se encontram no jurásico superior do Colorado. Era um réptil dinossauro de 40 metros de comprimento.
- O rio mais comprido é o Nilo, com 5.950 quilômetros. Vem depois o Amazonas com 5.500 quilômetros. O Ienisei com 5.210 quilômetros.
- O ouro não é sempre dourado. O ouro puro, em diferentes formas pode ser verde, pardo, azul ou roxo. Algumas particulas podem ser, até, c \hat{o} r de rosa, roxo-escuro ou negras.
- Dentre as muitas honrarias que Marconi recebeu, a que mais lhe causou maior orgulho foi a medalha de ouro com que o presentearam os sobreviventes do "Titanic" pelo S. O. S. emitido.
- o alfabeto chinês contém 210 letras.
- A cidade de Veneza, na Itália, é construída sobre 118 ilhotas, ligadas entre si por 378 pontes.
- Na Ilha de Java, na meia obscuridade da mata, cresce exuberante, um feto cujas folhas excedem tudo o que se possa imaginar como dimensões de folhas de uma planta herbácea, pois alcançam até 12 metros de comprimento.
- O globo terrestre percorre o espaço numa velocidade de 10.692 quilômetros a hora.
- O palácio do rei de Tailândia, em Bangkok, possui uma porta de ouro maciço, que foi avaliada em dois milhões de dólares.
- A força elétrica dispendida por um relâmpago é suficiente para acender cerca de 30.000 lâmpadas, durante um minuto.
- A estrela mais próxima da terra está tão longe que sua luz viajando 300.000 quilômetros por segundo, leva cerca de 4 anos para chegar até nós.
- Precocidades. Dante tinha 9 anos quando compôs o pri-

meiro soneto; Tasso já versejava aos 10 anos; Byron aos 12 e Calderon aos 13; Victor Hugo foi premiado pela Academia aos 14 anos; Rafael começou a pintar aos 7; Pascal aos 13 já resolvia as 32 proposições de Euclides; Mozart aos 6 anos já compunha e dava concertos públicos; Haendel compôs aos 7 anos a sua primeira Missa; Heinechen só com um ano já conhecia a Bíblia e aos dois discursava em latim.

- O costume de apertar a mão, quando nos cumprimentamos, é o mais generalizado. A sua origem remonta aos tempos bárbaros, quando dois homens davam a mão com que seguravam as armas para se prevenirem contra uma traição ou ataque.
- Em França e Itália, os homens, quando são parentes ou amigos, costumam beijar-se após uma longa ausência.
- Na Alemanha é cortesia beijar a mão às senhoras.
- Na China, um inferior que vá a cavalo, apela-se, até que passe o superior.
- No Japão, o inferior tira, ou tirava os sapatos, ao encontrar o superior e cruzando as mãos, exclamava: Angh! Angh! (Não me causes dano).
- No Sião, o inferior arroja-se ao chão.
- Nalgumas tribus do Pacífico a saudação consiste em esfregar os narizes.

Letra gótica — A letra manuscrita ou imprensa, de forma retilínea e angulosa, que se usa especialmente na Alemanha, tem o nome de "Gótica", porque o bispo de Gota foi quem inventou esses caracteres no século V. Serviu-se deles para traduzir a Bíblia no idioma de seu povo.

- O albatroz é, sem dúvida, o maior navegador. Todos os anos, no mês de Dezembro, essas aves deixam seu "habitat", nas Ilhas do Pacífico e vêm para o Arquipelago de Midwau, cobrindo uma distância de centenas de quilômetros, sem fazerem parada.
Nunca erram sua rota.

O Pássaro alfaiate — Esse pássaro vive na Índia; é de uma beleza rara; sua plumagem é muito bonita e apresenta tons azulados, purpurinos e dourados.

O pássaro alfaiate, quando quer fazer o seu ninho escolhe uma árvore de folhas grandes. Junta três ou quatro dessas folhas e perfura-lhes as margens com o bico.

Depois de uni-las com fios por ele mesmo fabricados e, servindo-se do bico como agulha, costura todas as folhas. Depois disso, fôrta todo o ninho com algodão.

— Na América do Sul existem seis mil e quinhentas espécies de borboletas.

Afirmam os naturalistas que o escorpião que hoje mede vinte e cinco centímetros de comprimento, há milhares de anos media 3 metros.

MENTIRAS CORRENTES

Da secretária:— O sr. diretor não pôde atendê-lo: está muito ocupado.

Do barbeiro: — Não demora; cinco minutos.

Do dentista: — Não val doer absolutamente, nada.

Do cambista: — O último pedacinho.

Do vendedor de automoveis: — Com cinco litros de gasolina o sr. percorre cem quilômetros numa hora.

Da modista: — E' um preço especial para a senhora; não diga ás suas colegas.

Das amigas: — Bem sabes que nunca conto o que me confiam, a ninguém.

Do editor: — Lemos com grande interesse o seu manuscrito e lamentamos que no presente momento...

Do velhote: — No meu tempo não se viam tais coisas.

Da freguêsa : — Voltarei com meu marido.

Do alfalate: — Só trabalhamos com material estrangeiro.

Do orador: — Agora, uma última palavra.

Do advogado: — Estaria eu aqui, se não estivesse convencido da inocência do meu constituinte?

COLEÇÃO CÉLEBRE

No Palácio de Buckingham há uma sala com 250 álbuns, contendo todas as estampilhas usadas no Império Britânico.

BERNARD SHAW JULGADOR

Bernard Shaw fazia uma conferência pública sobre certo paísinho, onde ele estacionara apenas alguns dias, mas que descrevia como se o tivesse percorrido minuciosamente, quando um assistente o interpelou:—como pode o senhor ter

A missão do mestre - escola

Mário CAVALCANTI

Não há missão mais útil á humanidade do que a do professor primário.

E' êle o principal construtor da grandeza das nações o artifice máximo do progresso o incompreendido pária social que impulsiona a marcha evolutiva das sociedades humanas. Entretanto, apesar de exercer u'a missão nobilissima é pessimamente remunerado. E' obrigado a viver decentemente, embora percebendo um salario miseravel que mal lhe chega para morrer de fome. Seu viver é uma tragédia continua e silenciosa. Tem de trabalhar das 7 da manhã ás 10 da noite, se não quiser transformar-se em caloteiro, enganando a Deus e ao mundo. Esta é a triste e negra realidade. Qualquer continuo de repartição Federal, qualquer carroceiro, estivador ou cabeceiro, ganha mais do que dois

ou três professores primários.

Não queremos, com isto menosprezar o valor do trabalho desses nossos irmãos. E' que todos têm direito de viver. Deus dá a todos um lugar ao sol. O professor porém só tem o direito de vegetar. Eternamente sub-alimentado e trabalhando como um animal, e, via de regra, doente e sua prole raquítica e pre-disposta a toda sorte de doenças. A tuberculose campeia no seio da classe, fazendo victimas todos os annos.

Os preços das mercadorias sobem constante e assombrosamente; aumentam os salarios; só uma coisa permanece inalteravel: são os seus parcos e mínguados vencimentos.

São muito bonitos os conselhos de saude que êle dá aos seus alunos quasi (Conclue na pagina 42)

a audácia de julgar um país, no qual não se demorou nem uma semana ? !...

Meu caro senhor, respondeu Bernard Shaw, sem se perturbar, nada há que admirar nisso, pois que em quatro dias escrevo peças de teatro, nas quais julgo a humanidade inteira.

Pestalozzi e o desejo de D. Pedro II

F. Rodrigues ALVES



exercício do magistério implica dedicação a uma missão espinhosa e difícil, porem sublime e grandiosa: **educar e instruir.**

Não pode haver, em verdade, missão maior sôbre a terra! Nem existe maior sentimento do que o que a santifica, anima e conserva! E João Henrique Pestalozzi foi, mais do que ninguém, possuído desse sentimento! Êle se transformou, mesmo, num perfeito simbolo da Educação e da Instrução, em todos os tempos. Sentia-se feliz da convivência de seus amados discipulos, principalmente dos que traziam, na expressão fisionômica, o estigma da fome, da pobreza, da desgraça. Daí o sentido profundamente humano de suas palavras: **"Tornei-me mendigo para ensinar aos mendigos a viverem como homens."** Extraordinário, o apóstolo de Neuhof, o "apaixonado" de Stanz, o "Pai Pestalozzi", de Iverdon! O Magistério é, de feito, um grande sacerdocío! E, assim, reclama sacrificio, pede devotamento e transpira amor e carinho. Os que a êle se dedicam não devem visar somente o fruto peco dos interêsses materiais imediatos, mas, também, e muito especialmente, o fruto opimo que êsse sacrificio, êsse devotamento, êsse amor e êsse carinho possam proporcionar, em beneficio dos que precisam ser conduzidos, áquele **Pais da Luz**, de que nos fala o imenso Segundo Vanderlei.

Já Munhoz da Rocha disse, certa vez, no Paraná, que "o professor primário não deve fazer do exercício do seu cargo um mero ofício para viver; precisa por acima das funções que exerce um pouco de alma patriótica e de sentimentos altruisticos, em favor de seus irmãos; como ofício, o exercício do magistério, todos sabem, não dá para fazer fortuna..." Ser professor, portanto, é ser despendido, é ser crente fervoroso do "Evangelho Novo da educação", da expressão felicíssima de Mário Pinto Serva! O professor confia e persevera, sofre e sonha, estuda e realiza, no desempenho elevado e limpo do papel que lhe cabe, no cenário da Sociedade e da Vida, para que possa desta maneira, crescer pe-

O problema da educação de adultos na mensagem do Governo

Entre outros importantes assuntos focalizados na mensagem lida pelo governador Silvio Pedrosa, no dia 1.º do corrente, na Assembléia Legislativa Estadual, destacamos o problema da educação de Adultos, assunto que vem merecendo a mais carinhosa atenção dos poderes públicos.

(Continua na pagina 43.º)

rante o conceito dos que ainda alimentam a consciência de seu alto mister, não descrendo, um só instante, da consagração de suas virtudes! Isto, enfim, quando a vocação confirma a devoção, e a dedicação apostolar assegura a capacidade profissional. E tudo, nesse terreno privilegiado, o professor pode alcançar, com altivez, com dignidade e brio, sem que esteja obrigado a subordinações humilhantes, que não condigam de sua posição e de seus meritos, e que apenas concorram para enxovalhar o diploma conquistado, tantas vezes, á luz mortíca e quente de um cadeeiro, debaixo do péso tremendo de tremendas dificuldades! . . .

O professor é grande, porque sua missão é grande ! E' nobre, porque sua missão é nobre! E foi empolgado pela grandeza e nobreza da virtude magisterial que D. Pedro II desejou ser professor primario, com estas expressivas palavras: "Se eu não fôsse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre do que a de dirigir as inteligências juvenis e preparar os homens do futuro!". Até nisso revelava superioridade de sentimentos o neto de Marco Aurélio. Até nisso éle mostrava interesse pelo bem da Humanidade que sofre e que tanto se desilude dos homens ! . . . Aliás, alguém vê, no caso, apenas uma gostosa fantasia do velho Bragança. E', entretanto, difficil de crer, num coração tão grande, houvesse lugar para veleidades fúteis e inconsequentes ! . . . O certo, enfim, é que o Idealismo daquele que foi cognominado "o apostolo do ensino primário", allado ao desejo daquele que tanto amou o Brasil e o seu povo, deve servir de inspiração a todos os que se destinarem á "formação" dessa juventude sadia e promissora, orgulho de seus pais, consolação dos mestres e esperança da Patria".

Páginas escolhidas

O ROMANTISMO

Tristão de ATAÍDE

O romantismo foi um sonho de brasileiro. E um sonho que não podemos deplorar porque dêle safu o primeiro grande impulso coletivo para a nossa literatura.

A figura central de todo êle, como valor estético, foi Castro Alves. A figura central, porém, como valor social e simbólico, foi José de Alencar.

Finara-se já, ou pelo menos finalizara a sua fase criadora, a primeira geração romântica. Mas a nova geração recebia ainda o legado de nacionalismo. Alencar representa então a figura nacional por excelência.

Não é um puro homem de letras como seria Castro Alves, um artista em que tudo tendesse à ficção.

Tomou parte ardente na vida pública. Foi ministro. Foi político. Foi publicista. E deixou-se morrer de desgostos políticos. Ligou as duas faces da formação nacional — a vida real e a vida ideal da raça brasileira.

Procurou a verdade e a ficção. Nunca as dissociou. E, nesta, sentiu como ninguém tôda a complexidade pátria, toda a variedade de aspectos que procurou refletir em sua obra de romancista. Fez uma obra menos de inspiração que de vontade.

Ao contrário de Castro Alves. Não havia, neste, como havia em Alencar, a intenção literária. Foi um grande inconciente no elemento vital de sua arte. E, por isso, tanto mais profunda a sua repercussão. Pode-se dizer que até hoje nenhum artista brasileiro foi tão naturalmente brasileiro como este.

O que não importa dizer que sua poesia não esteja impregnada de hugolatria. O romantismo, porém, correspondia realmente ao gosto da época, entre nós, e sobretudo ao papel que Castro Alves representou na solução do problema capital do Império.

Muitos outros cantaram a abolição, mas só êle foi realmente o poeta da abolição. E a ação invisível dos seus versos valeu por campanhas políticas. Outros trabalhavam a razão ou a consciência. Ele conquistou o sentimento, pela imagem.

Antes dêle, porém, já perdera em parte o romantis-

A missão do Mestre-escola

Conclusão da página 38 Cr\$ 750,00 mensais), tem todos os dias. Um desses porém, é dado com verdadeira amargura: alimentar-se bem, para ter bôa saúde, fortaleza e resistência física. Enquanto aconselha aos filhos alheos uma alimentação adequada, sadia e abundante, rica em vitaminas, ele, com o cinturão cada vez mais apertado vê os seus crescerem desnutridos, pela absoluta falta das utilidades mais comeseinhas. Desprovido de todo conforto material (depois de 20, 30 anos de serviço chega ao término da sua carreira com... Cr\$ 750,00 mensais), tem somente a satisfação do dever cumprido e de ter contribuído para o engrandecimento da sua Patria. Lamenta-se o descabeço do ensino, apresentando-se-lhes as mais variadas causas. A nossa, porém, a causa primordial é o estado do mais completo abandono a que é relegado o pobre mestre-escola. Dê-se-lhe vencimentos compensadores, que lhe permitam viver menos sacrificado, e ter-se-á dado um passo agigantado para o melhoramento do ensino em nossa terra.

mo sua feição puramente nacionalista. Os **bironianos** pouco se importavam com os problemas públicos. Seu pesadelo eram as paixões. Era o coração que os atormentava. Era o subjetivismo delirante por vezes genial como nos lampejos de Alvares de Azevedo, que lhes guiava a chama literaria. O homem brasileiro já se sentia tranquilo nos limites de sua patria, e voltava-se então para si mesmo. A serenidade imperial já permitia uma literatura livre do tormento social.

Gonzaga cantara o amor blandicioso de rendilhados e ovelhinas, mas escrevia ao mesmo tempo as "Cartas Chilenas", e conspirava. Gonçalves Dias soubera modular com lirismo o remorso do coração, mas o que fez realmente, com todo o seu lusismo, foi impregnar-se quanto possível de natureza tropical e completar a independencia politica de sua terra. E, como êle, seus contemporaneos.

Só a geração seguinte começou a sentir, em parte, que já havia uma patria livre. E que as letras já podiam ser apenas uma voz do coração.

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS NA MENSAGEM DO GOVERNO

(Continuação da pag. 40.º)

Assim abordou a matéria o Chefe do Executivo: "As Comissões Municipais de educação de Adultos são órgãos indispensáveis á vida a organização dos Cursos de Ensino Supletivo. Elas dão á Campanha, quando ciosas de suas obrigações, um sentido real de interesse e de desenvolvimento admiravel, jamais consentido no seu esmorecimento ou fracasso. Daí a necessidade de serem constituídas de homens de responsabilidades definidas, na sociedade, pelo espirito público elevado e pelo cargo elevado que ocupam. O Prefeito Municipal, o Juiz de Direito, o Vigário, o Promotor e o Diretor do Grupo Escolar são pessoas de primeira linha no assunto. A séde da Comissão Municipal de Educação de Adultos poderá ser a propria Prefeitura ou o Grupo Escolar. No Estado já foram criadas essas Comissões, em quasi todos os Municipios, restando, agora, reanima-las dos novos e superiores propósitos de trabalharem pelo êxito desta campanha extraordinária

pela alta significação intelectual, moral, e civica que encerra.

PROPAGANDA DA CAMPANHA

Não estando, ainda, a Campanha de Educação de Adultos bem amadurecida na consciência nacional torna-se indispensavel continuar, na propaganda que se tem feito desde 1947 como um meio de incentivo á matricula e á frequencia. Essa propaganda poderá ser feita através da imprensa e do rádio, dos serviços de alto-falantes, de cartases e de carros equipados de alto-falantes. E é preciso, é imperioso mesmo que a imprensa e o rádio dois dos nossos principais meios de propaganda, cooperem com o governo do Estado e com as autoridades educacionais nesse sentido. Em Pernambuco, por exemplo, três Estações de Rádio da Capital, as difusoras do interior os cinemas, e os jornais da capital e do interior, vêm prestando com patriotismo e fé os seus excelentes serviços á Campanha.

Assim vem acontecendo
(Conclue na pagina 44)

Aspectos da Educação

PEDAGOGIUM, revista de classe, portavoz da Associação de Professores, não querendo se furtar do ensejo de levar ao conhecimento dos seus leitores, os conceitos do dr. A. Almeida Junior, da Universidade de São Paulo, respondendo ao parecer Capanema, fixando as diretrizes e bases da educação nacional, fá-lo sem parti-pris, é verdade, mas na convicção de estar prestando algum serviço às nossas letras didaticas.

Entende aquêle professor universitario que o Dr. Gustavo Capanema, antigo Ministro da Educação e Saúde, cargo em que penetrou assinalados serviços á expansão cultural de nossa pátria, é um centralizador, ampliando em superficie e profundidade o efeito das diretrizes e que só o
(Conclue na 48.º pagina)

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS NA MENSAGEM DO GOVERNO

em quasi todos os Estados e nos Territorios Federais. No Rio Grande do Norte esperamos façam os nossos jornais e estações de rádio o mesmo, ajudando-nos nessa batalha da intelligencia e do civismo pela Grandeza do Brasil".

Embora na mensagem do sr. Governador Silvio Pedrosa não seja feita referência á imprensa e ao rádio da terra, ninguem pode negar o apoio dispensado pelos Diarios e Rádios Associados potiguares á campanha de alfabetização de Adultos e mesmo outras atividades educacionais. As colunas do Diario

de Natal e o microfone da Rádio Poti sempre estiveram a serviço dessa causa transcrevendo artigos e instruções e facultando horarios para a transmissão de palestras e informes expedidos e elaborados pelos órgãos competentes.

Aliás a colaboração dos Diarios e Rádios Associados tem sido sempre espontanea desinteressada e igualmente patriotica.

Sempre colaboramos e continuaremos colaborando com o Governo e com as instituições particulares na difusão de matéria de tão alta relevância para os destinos da nacionalidade.

(Do Diario de Natal)

Lição de Democracia

Eterno castigado da política, o professor ainda não teve assegurada a sua garantia pelo recente Estatuto do Magistério. Por dolorosa incompreensão, a política partidária ainda é no professorado que exerce a forma mais assídua de vingança, demitindo ou transferindo humildes professoras com responsabilidades de família, às vèzes pelo fato de serem aparentados com políticos adversários ou elas próprias não comungarem com as idéias dos situacionistas. Essa prática, além de atentetória aos sentimentos de humanidade, o é igualmente ao regime de uma Constituição que consagra um capítulo inteiro às garantias individuais, como a assistência à família, sem ser preciso aludir aos prejuizos que tais mutações causam ao próprio ensino.

Impõe-se, assim, dar maior consistência ao Estatuto do Magistério, para que êsses servidores públicos sintam-se garantidos nas funções que exercem e nos locais onde servem, até que sejam removidos por promoção aceita ou outra razão legal, subtraíndo-se assim aos capríchos pessoais ou injustos um funcionalismo credor do maior apreço, dado o papel que exerce na educação da infância. Aumentar o vencimento dessa classe é justo, mas respeitar-lhe os direitos não tem menor significação e constitui igualmente o maior respeito à nobreza de sua função e á sua própria dignidade.

(Do Discurso-Plataforma do saudoso Governador Dix-sept Rosado, pronunciado na Convenção de 12 de agosto de 1950, no cine "Rex" quando da homologação, pela Aliança Democrática, da sua candidatura ao Governo do Estado).

N. B. O artigo 30 do Estatuto Especial do Magistério constitue, no momento, melo caminho andado no sentido de livrar o professor primário da cólera dos deuses... Resta, entretanto, seja o Conselho de Educação e Cultura regulamentado e instalado, para que o referido artigo se revista dos seus verdadeiros efeitos legais.

Proliferação de jardins de infância

Muitos deles são improvisados e não preenchem a sua verdadeira finalidade — Não basta o nome de "Historia da Carochinha" e a atração dos brinquedos e móveis
—— laqueados ——

Reportagem de **Cândido Cerne de CARVALHO**
Técnico de Educação

ESSA difusão surpreendente de jardins de infância, esse despontar, cada dia, pelos bairros mais ricos, de dezenas de instituições no gênero, leva o observador inexperiente a admirar o alto nível pedagógico do nosso país, onde se dá tanto valor ao ensino pré-primário.

Mas, se por um lado avultam os cursos infantís, bem remunerados e muito anunciados, de outro leva o educador a fazer sérias restrições aos improvisados jardins de infância, dissociados dos principais objetivos que norteiam este ramo especializado da educação.

A aceitação, em geral, é tão boa que nos leva a compará-los às vendedoras de doces para meninas citadas por Humberto de Campos: "o freguês é pouco exigente e o vendedor pouco escrupuloso".

Os pais, na sua ânsia de aprimorar a educação dos filhos, aceitam, confiantes, as novidades que aparecem.

As crianças, naturalmente, preferem os ambientes infantís coletivos com áreas espaçosas, parques, etc., aos acanhados e escuros apartamentos, que constituem a maioria dos lares de classe média no Distrito Federal.

Em tese tudo bem.

NÃO BASTA TER NOME DE "HISTORIA DE CAROCHINHA"

Considerando, porém, as finalidades dos Jardins de Infância, os seus princípios fundamentais, os métodos e

processos que devem ser empregados, a natureza delicada da aprendizagem nessa fase de vida, vemos quão longe se encontra de preenche-las a maioria dos Jardins de Infância espalhada pela zona sul da nossa Capital.

Não basta ter nome de "História da Carochinha". Não basta uma casa boa e um bom jardim. Não bastam os enfeites e o laqueado colorido nos móveis. Não bastam, também, a quantidade e a variedade de brinquedos em exposição nos armários envidraçados.

O Jardim de Infância é um centro vivo, de atividades vivas e orientadas de acôrdo com a psicologia infantil.

Exige um professorado competente e especializado, com aptidão marcada para êsse gênero de trabalho.

E', talvez, uma das especializações mais difíceis na carreira do magistério.

Além disso, a parte de pesquisa é imensa, pois a Psicologia Infantil, ciência ainda nova, necessita das observações sérias e metódicas dos professores de Jardins de Infância.

Como, perguntamos, poderão orientar as atividades dos Jardins de Infância, desenvolver os meios de expressão da criança, a linguagem, o grafismo, a modelagem, os trabalhos manuais, etc., pessoas completamente alheias ao assunto, sem nenhuma formação pedagógica?

Como desenvolver socialmente a criança — finalidade maior do Jardim—se não se penetra no psiquismo infantil, não se conhecem as suas reações, não se acompanham os seus interesses?

Há, pois, uma mistificação. Não há, propriamente, Jardins de Infância. Não são instituições evoluídas dos "Kindergarten" de Froebel nem das "Casa dei Bambini" de Montessori. São estabelecimentos de ensino pré-primário, onde até se alfabetizam crianças de 4 e 5 anos.

Em todo caso pode ser que errem com a intenção de acertar...

Aspectos da Educação

(Conclusão da 44.º pagina)

contrôle administrativo exercerá ação decisiva neste particular.

Faz-se mistér restringir o "desmedido arbitrio" concedido ás escolas superiores e a competência aos Estados, que se tem tornado ampla.

A seguir, o referido catedrático da Universidade de São Paulo faz sentir que as bases da Reforma são "milagrosas"...

Em 1931 inleiu-se a politica nacional de educação com raizes na Constituição de Weimar de 1919.

Ora, segundo conceitua o Dr. Almeida Junior, calcado em fatos positivos, e divulgando a opinião de Kondel, aquêl sistema de ensino visa unificar fins em detrimento de curriculos, de unidade estrutural, em suma.

A Carta Política de 1934 delinea os planos da educação nacional, determinando não exceder das generalidades para abranger os seus desdobramentos práticos.

Reabrem-se as discussões em 1945, ficando assentado, dentre outros pontos, a diversidade estrutural de acôrdo com as condições específicas e regionais.

No projeto inicial de 1934, tempo em que a tão falada Reforma mais se estadeou, foi consignada a expressão — diretrizes gerais. Fernando de Magalhães, então, propunha a supressão do adjetivo "gerais" nas diretrizes enquanto que o Deputado Gabriel Passos ponderou que, sob o ponto de vista de ensino, quando se trata de diretrizes, subtende-se que são diretrizes gerais e não específicas de vez que, da própria significação etimológica do vocabulo — diretriz — vem a ser direção em toda a plenitude do termo.

AUTORES ELIVROS

(Conclusão da pag. 31)

oportunidade de alimentar suas pesquisas e enri-
cer os seus conhecimentos com a leitura de um livro que é uma joia preciosa

oferecida, em tão boa hora aos amantes da cultura.

Dentro de poucos dias, "Rotellos da zona Oeste" estará á venda em todas as livrarias do Estado. A.

A RENOVAÇÃO DO pensamento Católico

Discurso pronunciado pelo Presidente Getúlio Vargas, respondendo à saudação do Cardeal D. Jaime de Barros, no encerramento do IV Congresso Interamericano de Educação Católica:

Convidado para presidir à cerimônia de encerramento do IV

Congresso Interamericano de Educação Católica quero, nesta oportunidade em que saúdo os ilustres congressistas na pessoa de seu eminente chefe espiritual o Cardeal D. Jayme de Barros Câmara, dizer-vos que o Governo e o Povo Brasileiros acompanharam com satisfação os debates e os resultados desta magnífica reunião de pedagogos.

Fundamenta-se esse sentimento na certeza de que aqui vos encontrastes para oferecer valiosa contribuição no campo educacional, através de normas diretivas e resoluções a serem fixadas pelo método democrático da discussão livre e construtiva.

Conforta o espírito, outrossim, o espetáculo desse trabalho ininterrupto da civilização e da cultura que edifica nas universidades e escolas, em países tão distantes e diversos, e mau grado as atribuições da hora pre-

sente a estrutura permanente da sociedade cristã universal.

A continuidade da nossa civilização será obra de seus educadores, pois em suas mãos está sendo moldado o material humano das gerações que hão de guardar e desenvolver o patrimônio secular que lhe empresta uma fisionomia inconfundível.

Filhos de uma era, técnica, caracterizada principalmente pelo domínio dos valores eternos do espírito sobre a matéria, necessário se torna afastar as influências contagiantes de um agnosticismo falsamente científico e desenvolver particular esforço na formação dos jovens, visando a preservação dos bens espirituais e morais, indispensáveis à vida do homem em sociedade.

Eis por que assume excepcional importância, em nossa época, a renovação do pensamento católico, que foi uma das cogitações deste Congresso.

A tradição cristã do nosso

país, onde todos os eventos marcantes da história estão entrelaçados as significativas manifestações de fé católica, justiça o notável paralelismo entre nossa vida intelectual e a expansão da obra evangelizadora nos três primeiros séculos de nossa existência.

A milsão dos Jesuítas — aqui chegados com o primeiro Governador Geral — não se limitou ao aldeamento dos índios e á preservação da sua liberdade. Ao lado do templo, por mais modesto que fôsse, surgiram a escola e o colégio, células fecundas de onde brotariam as universidades.

O educador católico, tão ligado assim às nossas tradições, não tem hoje tarefa menos árdua do que a dos pioneiros do século XVI.

As hostilidades do meio físico e das populações primitivas não superam em dificuldades o ambiente espiritual da hora presente. A terra e os elementos naturais foram dominados pelo grandioso progresso material de nossa época, ao passo que o homem, liberto dos temores metafísicos que o assaltavam, vem-se tornando cada vez mais insubmisso à disciplina do espirito.

Se o educador católico teve nos primeiros tempos de pôr à prova o ardor de sua fé,

tem agora um dos mais decisivos momentos da humanidade a lhe exigir têmpera de luta e força de convicção.

O temário deste Congresso versou precisamente sobre a formação do homem na fase mais importante de seu desenvolvimento, na idade em que se cristallizam e definem os traços estáveis de sua personalidade. Do êxito, na harmoniosa conclusão desse período, depende a qualidade dos indivíduos que a escola val fornecer ao meio social.

A boa pedagogia do adolescente apresentará ao grupo social personalidades equilibradas, capazes de assumir, nos diversos setores da atividade, as responsabilidades humanas e profissionais que lhes vão caber.

Ao mesmo tempo reduzirá o campo dos Inadaptados, dos marginaes, dos elementos impróprios ao convívio de seus semelhantes, prevenindo desvios, compensando deficiências, desenvolvendo as aptidões naturais.

Para êsse importante trabalho convergem os resultados das pesquisas e experiências que procuram dotar os meios educacionais de maior eficácia, no enfrentar as dificuldades próprias às condições da vida moderna, e conseguir, assim, o encaminhamento da adolescência, em todas as camadas sociais,

As vitaminoses em Odontologia

Dr. Aloysio Gois BARROS

Cirurgião-Dentista da E. F. "Sampalo Correia", Hospital de Alienados e da "Associação de Professores"

Falar a respeito de vitaminas em Odontologia, é tratar de assun-

para os deveres e direitos do homem adulto.

Os educadores católicos têm uma contribuição ponderável a oferecer, porque sua experiência educacional se inspira nas fontes de uma doutrina eminentemente civilizadora.

Permito-me, finalmente, lembrar-vos o quanto reputo necessário fazer compreender às camadas populares o valor da educação, como instrumento para corrigir os desníveis econômicos, melhorando-lhes as condições de vida.

Estou certo de que apreciáveis serão os resultados deste conclave. Dele se beneficiarão educadores e educandos de toda a América, pois trabalhai com a consciência de que educar não é apenas instruir mas, principalmente, forjar o caráter na disciplina das virtudes cristãs, para maior felicidade de cada um, o bem da Pátria, e a glória de Deus".

to vastíssimo e complexo. Apenas pretendo nestas linhas relembrar algumas considerações que fizeram a respeito três grandes e modernos professores: Chlavoro, Terroin e Bletrami.

Claude Bernard, o genio da filosofia experimental, revendo o mecanismo intimo da absorção dos alimentos, pensou ter atingido a solução final dos grandes problemas concernentes á alimentação humana. Pensou até em simplificar, a questão reduzindo-a a valores matematicos. Albuminoides, hidratos de carbono, gorduras, sais, minerais e agua, tiveram suas proporções definidas, a vida foi encarada como se reduzido ao fenomeno fisico das calorías. Depois com o decorrer do tempo, foi-se observando que a questão não estava ainda solucionada. Faltava como um élo de uma corrente, existiam certos fatores até então despercebidos, ainda não descobertos. Funck, descobrindo as vitaminas, provou ao mundo científico que na realidade não basta que os alimentos sejam ricos em albuminas, hidratos de carbono, gorduras, sais, etc. para o organismo possuir condições de equilibrio. A falta desta "qualquer cousa", imprescindível Funck chamou de Vitamina. Ficou assim positivada a existencia desta alguma cousa sem a qual as desordens do metabolismo se manifestariam evidentes.

No terreno odontologico, com

excepção do beri-beri, as demais doenças de carencia tais como: escorbuto, pelagra e raquitismo comprometem, cedo ou tarde, a boca, ou mais especialmente as gengivas e os dentes.

No portador de escorbuto, o hálito é fétido, intolerável, as gengivas esquamadas sangram facilmente, se infectam sem demora, de onde supurações que vão estendendo, vindo a comprometer os ligamentos alveolo-dentários e o dente perde a solidéz, e muitas vezes amolece e cai.

A PELAGRA, é das avitaminoses a mais grave e a que mais seriamente compromete a cavidade bucal, começando por manifestações cutâneas intermitentes, acaba por atingir, seriamente o sistema nervoso, (psicoses pelagrosas), e alcança ao mesmo tempo as mucosas do aparelho digestivo. A língua, o soalho da boca, o véo do paladar, as gengivas dos pelagrosos apresentam tumefações acentuadas, ulcerações e supurações. Os dentes desapolados de seus ligamentos, tendem a cair. E se uma terapêutica oportuna e eficiente não comparece, teremos a morte como um desfecho certo e inexorável.

O RAQUITISMO — é uma avitaminose interessando muito de perto ao odonto-pediatra. Ao mesmo tempo que os ossos aparecem frágeis, porosos e descalcificados, os dentes padecem quanto a forma, implantação, ordem cronológica de aparecimento e retração dos maxilares superiores, abaulamento da abobada palatina. Beltrami afirma que a falta de ergosterina e irradiações ultra-violetas na criança, está exposta a essa doença de carencia, diz ele ainda que os dentes sofrem no raquitismo em razão da ausência desses dois fatores como também por falta do fixador local de cálcio.

O cálcio não se fixa no dente por

um fenómeno de excreção, congenero ao da formação dos tartaros. É um fenómeno vital.

Chivro diz que a importância das vitaminas em odontologia é imensa, a excepção da vitamina "E", vitamina essencialmente da reprodução, todas as outras dizem de perto com a odontologia.

Segundo Terroin e Beltrami, temos a seguinte classificação :

VITAMINA "A" — Preside o crescimento, o desenvolvimento do organismo geral, evita infecções, etc. e a sua falta, ao mesmo tempo que acarreta a xerofthalmia, predispõe, grandemente, ás desordens das glandulas salivares, aos disturbios da glandula lacrimal etc. Além disso trata-se hoje, o raquitismo e o pelagroso, adicionando vitamina "A" ao regime alimentar.

VITAMINA "B" — a primitiva vitamina "B", está dividida em B1 e B2, esta ultima também conhecida por "G" e ligada a etiologia da pelagra.

Diz Chivro que a criança deficitaria de B1 não pôde ter bons dentes. Não é raquitica, nem escorbútica ou pelagrosa, mas mostra-se susceptível ás caries. A vitamina "B1", é anti-neurotica, e a sua carencia acarreta as polinevrites, de que o beri-beri é o exemplo.

VITAMINA "C" — Preside ou como diz Terroin, é a promotora da formação dos dentes. Mesmo sem que o escorbuto esteja instado, um deficit de vitamina "C", compromete gravemente a erupção dentária retardando-a, acarretando micro-odontoias etc.

Esta, além disso tem estreita conexão com as 9 glandulas mais de perto ligadas ao metabolismo do cálcio.

VITAMINA "D" — Vitamina anti-raquitica, por igual se mostra, em relação com o metabolismo do fosforo e dos minerais que entram

Capítulo VI do Estatuto Especial do Magistério

Art. 48 — O estado concederá, ao cônjuge ou aos filhos do professor falecido, um auxílio para as despesas de funeral em importância correspondente a dois meses de vencimentos.

(§) único — O pagamento será feito à vista do atestado de óbito e pela dotação própria do cargo, dentro de 24 horas.

Art. 51 — É concedida aos professores que tiverem vinte e cinco anos de serviço ininterrupto, como prêmio pela sua dedicação ao Magistério, a importância correspondente a seis meses de seus vencimentos, calculados à base do percebido no último mês.

(§) 1.º — Terá direito ao referido prêmio o professor que, ao completar vinte e cinco anos no exercício do Magistério, provar não ter estado em gozo de qualquer licença, inclusive licença-prêmio.

(§) 2.º — Fica igualmente com direito ao prêmio constante do art. 51 o professor que, ao ser promulgada esta lei, tiver completado o tempo de serviço exigido para o prêmio.

na composição dos dentes e dos ossos.

Aos clínicos e cirurgiões dentistas, compete prescreve-las quan-

do em face aos casos múltiplos das más gengivas.

As vitaminas estão fadadas, a um futuro brilhante no arsenal da terapêutica odontológica.

LIVRARIA LIMA

—:DE:—

JOÃO NICODEMOS DE LIMA

AVENIDA TAVARES DE LIRA, 70—NATAL—R.G.N.

Sortimento completo de livros didáticos para

todos os cursos

Literatura, História, Filosofia, Religião e

Técnicos em geral

Artigos de Papelaria em geral e para Escritório

DEPÓSITO:

AV. TAVARES DE LIRA, 68 a 74-1.º ANDAR

VENDAS EM GROSSO E A RETALHO

SECÇÕES A VAREJO:

CASA ROYAL E BOMBONIERE STA. TERESINHA

na Cidade Alta

— e —

LIVRARIA COLEGIAL

no Alecrim

Walter Duarte Pereira

A maior organização no gênero de Livraria e
Papellaria no Estado.

Grande sortimento dos livros adotados em todos
os estabelecimentos de ensino da Capital e do
Interior. Artigos de Papellaria em geral, pelos
menores preços.

DESCONTOS ESPECIAIS, PARA OS REVENDADORES

M A T R I Z

LIVRARIA ISMAEL PEREIRA

Rua Dr. Barata, 165 — Fone 1208

F I L I A L

LIVRARIA MODERNA

Praça Gentil Ferreira, 1367 — Fone 2042

END. Teleg. WALDUPE

N A T A L

—)::(—

RIO GRANDE DO NORTE

